

**“A Luz Completa”**

*O GRANDE EVANGELHO  
de JOÃO*

**VOLUME III**

**Revelado pelo Senhor ao  
profeta Jakob Lorber**

Obras da Nova Revelação Viva

---

**O GRANDE  
EVANGELHO DE JOÃO**

**- Volume III -**

*“A Luz Completa”*



Obra revelada pelo Senhor ao profeta  
Jakob Lorber (1840-1864)

---

*Traduzido por YOLANDA LINAU*  
*Revisado por PAULO G. JUERGENSEN*

Publicado na Internet, por:  
UNIÃO NEO-TEOSÓFICA  
[www.neoteosofia.org.br](http://www.neoteosofia.org.br)

# O GRANDE EVANGELHO DE JOÃO

## Volume III

### JESUS NA ZONA DE CESARÉIA PHILIPPI

#### 1. O ORÁCULO DE DELFOS (*Evangelho de Mateus – cap.16*)

1. Prossegue Julius: “Sempre houve pessoas entre os gregos e romanos que, embora não fossem de origem judaica nem tivessem sido educadas nas suas escolas de profetas, possuíam inspiração divina.

2. Quando Creso, Rei dos Lídios, tencionava fazer guerra contra os persas, desejava saber de antemão se iria ser vitorioso. Muito embora soubesse da existência de vários oráculos, duvidava da sua integridade e quis experimentá-los.

3. Tomou uma ovelha e uma tartaruga, picou-as em pedacinhos, deitou tudo numa panela de barro, usando uma tampa de cobre. Em seguida levou a vasilha a ferver. Antes, porém, havia mandado investigadores a Delfos, à procura de Dodona, Amphiaraus e Trophonios (adivinhos da antiguidade), a fim de indagarem dos oráculos, no centésimo dia após a partida de Sardis, qual a sua ocupação momentânea, pois àquela hora cozinhava a mistura acima.

4. As respostas foram na maioria completamente confusas; apenas, o oráculo de Delfos se pronunciou em hexâmetro: “Conto a areia, conheço as extensões dos mares, ouço tanto o mudo como o calado! Neste momento sinto o odor de carne de carneiro misturada à de tartaruga; existe aço por baixo e aço por cima.”

5. Com esta prova Creso indagou se devia guerrear os persas e recebeu a seguinte resposta: “Caso atravessares o rio Halys será destruído um grande reino!”

6. À terceira pergunta, quanto à duração de seu reinado, Pythia respondeu: “Se algum dia uma mula mandar no Rei, fuge lídio, lépido, para junto da coluna hermética; não hesites nem temas a vergonha da fuga!” De acordo com a interpretação do oráculo, devia-se entender por mula, Cyrus, vencedor de Creso, porquanto havia sido gerado por uma filha de Astyages e um súbdito persa.

7. Indagando Creso se não haveria cura para o seu filho mudo, Pythia respondeu: “Embora poderoso, príncipe, o teu coração

é tolo! Não almejes ouvir em teu palácio a voz do teu filho, pois falará no dia da maior desgraça!” Realmente, quando Sardis estava sendo conquistada, um persa, enfurecido, tentou assassinar o Rei. Eis que o pavor se apoderou do filho, curando-lhe a mudez, pois protestou com veemência: “Não mates Cresus!” Tal foi a primeira e última vez que falou em sua vida!

8. Por estes exemplos poderás deduzir que o oráculo não se baseava na escola de profetas, entretanto não é possível negar-se-lhe alguma inspiração do Alto.

## **2. A APARIÇÃO DE ESPÍRITOS PUROS.**

1. (Julius): “Além disso está historicamente comprovado que Sócrates, Platão, Aristides e outros eram acompanhados de um génio, que os orientava dentro da sua capacidade receptiva; e quem não seguisse tais conselhos podia aguardar consequências desagradáveis.

2. Associando a estes factos as próprias experiências, a aparição desse anjo nada apresenta de excepcional, tão pouco ele possuir forças inconcebíveis efectuando, não raro, milagres extraordinários.

3. Há tempos tive oportunidade de falar com criaturas do Egipto setentrional, por intermédio de um intérprete. Andavam completamente nuas e nos classificavam de seres celestes, admirando-se dos edifícios deslumbrantes, das vestimentas e do luxo em Roma. Confundiam-nos com deuses, julgando estar a direcção dos astros a nosso cargo.

4. Dentro em pouco haviam aprendido tudo que se relacionava à confecção de tecidos, construção de casas, e outras coisas. Passados alguns anos, voltaram à pátria e, por certo, construíram escolas profissionais, levando a cultura àquelas zonas selvagens.

5. Não resta dúvida - estranharmos as acções de um espírito perfeito; quando o nosso, porém, tiver alcançado a sua perfeição, faremos coisas mais grandiosas e não mais nos admiraremos se algum dissolver uma pedra em átomos. Existem milhares de exemplos comprovantes da evolução infinita do espírito, e nesta mesa se acham pessoas não mui distantes da perfeição angelical.

6. Por isso dedicai-vos ao desenvolvimento espiritual que sereis capazes de dissolver, não só uma pedra, mas uma montanha

inteira!” E dirigindo-se a Raphael: “Meu amigo, atesta se proferi uma palavra falsa, sequer!”

### 3. O DESTINO E A EVOLUÇÃO DO HOMEM.

1. Diz o anjo: “Em absoluto, – e eis porque concordo em que estes trinta irmãos imitem os outros, a fim de os igualar. Deus dá, tanto aos anjos como aos homens – de certo modo um anjo em iniciação – uma vida perfeita e a capacidade evolutiva para a formação da semelhança divina. Se eles, cientes dos caminhos para tal meta não desejem segui-los, devem culpar-se a si próprios do fatal e completo afastamento de Deus.

2. O espírito, por mais perfeito que seja, nunca alcançará Deus em Sua Plenitude; também não importa, porquanto é possível fazer-se tudo dentro da Ordem Divina. Adquire poder para a criação de novos seres – como se fora Deus – podendo-lhes dar vida livre, o que resulta numa grande alegria, igual à de um pai terreno, em companhia dos seus bons filhos.

3. **Eu mesmo já criei vários mundos e sóis, povoando-os de própria iniciativa.** Todos eles são muitas vezes providos de modo mais perfeito que a Terra; **a procriação se processa de modo idêntico e os espíritos são capazes de uma grande perfeição, pois, afinal, todos provêm de Deus, assim como os germes de futuras plantas são anteriormente reproduzidos vários milhões de vezes.**

4. Se vós, descendentes de Satanás, ainda sois portadores do Espírito Divino, quanto mais aqueles seres criados com poder idêntico ao do Criador! Isto tudo conseguireis, se permanecerdes nos caminhos indicados. **Eis porque ninguém deve dar preferência ao mundo e à carne, mas tratar antes de tudo do que é do espírito, atingindo deste modo a semelhança de Deus!**

5. Toda a vida evolui constantemente, quando empenhada em progredir na trilha da Ordem Divina. Estagnando, mormente no início da grande carreira espiritual, atrofiar-se-á qual haste no inverno, após se ter libertado do fruto. Por isto, sede activos em benefício do espírito, pois cada passo ou acção é acompanhado da Bênção Divina.

6. Não julgueis que eu, por ser anjo, já me encontre tão perfeito que me dedique à inactividade completa! Lucro muito com esta actual permanência entre vós, que me facultará uma acção mais perfeita nas minhas criações. Se tal acontece comigo, espírito puro,

quanto mais não sucederá convosco, considerando quão distantes estais da perfeição!

7. Assim, agradecei ao Senhor por vos ter proporcionado esta oportunidade bendita, pela qual podeis numa hora, lucrar espiritualmente muito mais que em milénios de estudos mundanos. Tais oportunidades são, mui raras vezes, facultadas por Deus; por este motivo deviam todos aproveitá-las da melhor maneira possível, em benefício de sua alma.

8. **Caso Deus envie um dos Seus profetas, as criaturas deveriam tudo fazer para ouvir a Palavra Divina, pois são apenas enviados de século em século**, surgindo da imensa profundidade da Justa Sabedoria dos Céus. **Porém, os grandes transmissores de Verdades Grandiosas, surgem talvez em cada milénio**, a fim de demonstrarem às criaturas, em moldes extensos, os caminhos progressivos de Deus e além disso afastá-las dos múltiplos atalhos que procuraram por conta própria, conduzindo-as à justa trilha.

9. **Tudo na Criação Divina marcha para a frente, igual ao tempo que nunca pára!** E como o progresso no Reino dos Espíritos é permanente, os mortais não devem estacionar, a fim de impedir que se distanciem em demasia daquele Reino.

10. O surgir de grandes profetas anima a acção isolada dos homens. **Nem bem se apresenta um progresso espiritual no Além, a luz do último profeta já não mais é suficiente, não levando tempo para se apresentar um outro, portador de novos conhecimentos aos homens, facultando-lhes a oportunidade de acompanharem o surto espiritual.**

11. Eis que a Humanidade inventa coisas com as quais as antigas gerações jamais sonharam. Se tivesse o homem alcançado, em doze ou quinze séculos, um ponto culminante, estacionaria automaticamente. **Por tal razão Deus permite os mais variados estados educativos que demonstrem às pessoas um tanto elucidadas a necessidade de uma nova Revelação, pois de contrário deixariam de evoluir durante milénios**, conforme ainda hoje sucede na Índia setentrional. Tais povos serão por vós educados, porque nunca Deus lhes mandaria profetas, facto para o qual terá Ele justos motivos.

12. Porém, criaturas que se achem no mais próximo degrau de Deus devem reconhecer e aceitar com gratidão tal incumbência e pô-la em prática, de contrário os seus descendentes degenerarão abaixo

do nível do homem primitivo. Dizei-me, se tendes compreendido tudo.”

#### 4. AS DETERMINAÇÕES DO SENHOR QUANTO AOS SALTEADORES.

1. Diz um jovem fariseu: “Elevado e poderoso espírito, alguma coisa entendemos; ainda assim, ficamos-te agradecidos pelos esclarecimentos tão profundos e faremos tudo para prosseguir no caminho justo. Por hoje basta, pois necessitamos meditar. Apenas desejaríamos ouvir algumas palavras daquele homem de aspecto tão sábio e que ora palestra com o Vice-rei; embora não seja anjo, parece ultrapassar-vos.”

2. Diz Julius: “Tens razão, mas não é tão fácil levá-Lo a falar. Quando quer, cada palavra é uma criação de Sabedoria. Fazei uma tentativa, que não ficareis sem resposta!”

3. Obsta o fariseu: “Não tenho coragem, pois poderia responder-nos de tal forma que nos causasse arrependimento.”

4. Julius concorda: “Muito bem; hoje ou amanhã tereis oportunidade de ouvi-Lo; prestai-Lhe a máxima atenção.” Os judeus calam-se, na expectativa de que Eu Me venha a pronunciar. Nisto aproxima-se o vigia dos criminosos e diz a Julius: “Nobre senhor! A situação dos cinco assaltantes é insustentável! Praguejam tanto que os soldados mal se contêm!”

5. Indaga-Me Julius: “Senhor, que fazer?” – Respondo: “Em cinco horas romperá o dia e até lá é preciso deixá-los nesta situação. Se os vigias não suportarem as imprecações, poderão afastar-se, pois não há perigo de que soltem as cordas. **Pelo sofrimento a alma será pouco a pouco libertada da carne satânica e dos seus demónios, único meio possível de cura.** Os sete implicados em crimes políticos mantêm-se calmos; por isso poderão ficar mais próximos daqui.” Esta Minha Ordem é prontamente executada.

#### 5. JULIUS ADMOESTA OS FARISEUS.

1. Ao ouvir algo a respeito da cura dos criminosos, o jovem fariseu dirige-se, encabulado, ao comandante Julius: “Nobre senhor! Será este o célebre benfeitor de Nazaré ou um seu enviado? Ouvimos dizer que aceita e envia adeptos a todas as zonas para

conseguir prosélitos para a sua doutrina. Estaremos em maus lençóis se se tratar realmente dele!”

2. Diz Julius, com expressão severa: “Como assim? Como a Presença do Célebre Salvador de Nazaré vos poderia perturbar? Dá-me explicação satisfatória!”

3. A atitude de Julius confunde de tal sorte o fariseu que fica sem saber responder. O comandante então prossegue: “Se for tua intenção dizer a verdade não necessitas pensar sobre a maneira de fazê-lo. Porém, se quiseres ludibriar-me com bonitas frases passarás mal, porquanto conheço as vossas artimanhas. Assim, aconselho-te a falares a verdade!”

4. A este convite de Julius os trinta judeus empalidecem, pois não obstante o seu desejo de abandonarem o sinédrio, pretendiam salvar as aparências perante os seus membros. Com grande perícia sabiam acusar o Templo quando este os fechava num aperto; em lá voltando, apresentavam as razões mais acertadas para tal atitude.

5. Por este motivo havia Eu falado no início não ser possível confiar neles, que se assemelham aos animais selvagens domesticados e cuja ferocidade tende sempre a manifestar-se. Como Julius insistisse em sua exigência, Eu lhe digo: “Amigo, deixa que se refaçam para então poderem falar. Nem que o quisessem não poderiam mentir. Eu e Raphael não podemos ser enganados, possuidores que somos de todo o poder e força!”

6. Replica Julius: “Vejo, como sempre, que tens razão, Senhor! Apenas desejo orientação sobre que atitude tomar!”

7. Neste momento o jovem fariseu se faz ouvir: “Considerando a tua severidade, é compreensível o nosso receio quanto àquele benfeitor. Porém, como encontramos defesa em sua simpática pessoa – pois tínhamos ser ele o referido – já não mais temos medo, podendo falar com sinceridade. A Nossa atitude suspeita baseia-se no facto de sermos seus perseguidores por ordem do Templo, tanto que fomos obrigados a tomar certas medidas que, em absoluto, poder-lhe-iam ser agradáveis, conquanto não lhe tivessem causado dano directo. As provas que tivemos não são animadoras para um perseguidor do nazareno. Caso se trate dele, só nos resta pedir-lhe perdão por aquilo que o Templo nos exigiu. Eis a verdade!”

8. Diz Julius: “Pois bem, ficai sabendo ser Ele o Célebre Salvador, a Quem todos os elementos celestes obedecem! Que pretendeis fazer?”



## 6. DISCUSSÃO ENTRE OS FARISEUS E JULIUS.

1. Diz um jovem templário: “Louvado seja Deus por ter dado tal poder a um mortal! Consta que Ele dará um Messias ao povo de Israel; que tal se o considerássemos como o Escolhido? Ignoramos a razão pela qual não deveria surgir na Galileia; quanto a nós, nada nos obsta de aceitá-lo como Messias.

2. Contudo, são extraordinárias, as suas faculdades divinas, como filho de um carpinteiro, inculto e pacato. Fala-se ter sido ele admoestado várias vezes pelos pais, por não apreciar a frequência em sinagogas, tão pouco que se lhe fizesse a leitura das profecias. Apreciava, sim, a Natureza e a contemplação do céu estelar.

3. A pescaria era a sua ocupação predilecta e o bom resultado atraía para junto de si os pescadores. De repente teria ele despertado para uma sabedoria inédita! Isto tudo nos estonteia bastante - e ninguém se pode aborrecer se indagamos pela razão!”

4. Diz Julius: “Quem seria conhecedor da medida e meta do Espírito Divino, quando deseja unir-Se à centelha divina do homem? Não poderia o Espírito Onnipotente fundir-Se em toda a plenitude ao do homem, levando-o a agir de modo tal, incomum a uma criatura vulgar?”

5. Se Deus Mesmo fala e age através do espírito fortalecido de uma criatura apta, forçosamente esta apresentará milagres e mais milagres. Nele, palavra e acção são idênticas, - mas não podemos imitá-las, por sermos criaturas de capacidades restritas. Fisicamente Ele é igual a nós; o Seu Espírito é Deus em Essência e rege o Infinito!

6. Dentro da nossa compreensão teosófica adoramos toda a manifestação divina; portanto, é admissível a nossa atitude diversa para com Ele. Daí podereis deduzir porque nós, dignitários romanos, Lhe prestamos a maior veneração, considerando-O Senhor dos mundos. Compreendeis isto?”

7. Diz o fariseu: “Por certo; adapta-se ao momento. Dentro da Doutrina de Moisés tal não seria possível, pois consta: “Eu sou o Senhor; não deves ter outros deuses junto a Mim!”

8. Responde Julius: “Claro; mas é preciso saber interpretar espiritualmente as palavras do profeta, chegando-se à conclusão de que em nada se chocam contra o axioma acima explanado.

9. Se a Humanidade supersticiosa se desvirtua na veneração do divino - ao que geralmente é levada em virtude da fome e da crescente tendência dominadora do sacerdócio que tenta apaziguar

os deuses rancorosos com sacrifícios humanos, - não se lhe pode fazer acusação justa. Julgo ser preferível adoptar o homem uma seita qualquer, pois de contrário seria idêntico ao animal.

10. A pessoa que não quer ou não pode aceitar uma crença, jamais conseguirá o desenvolvimento do seu intelecto, pois quem quiser construir uma casa terá de buscar o material necessário. Por isso reafirmo ser mais útil ao homem a superstição a crença nenhuma, pois palha é melhor que nada. Eis o motivo que leva os romanos a permitir as vossas credences nefastas.

11. Os templários, porém, são para nós um horror. Sabemos que em nada acreditam mas, obrigam o povo a ter os seus absurdos como de origem divina, castigando até aqueles que se opõem ao conceito de ser a beleza um horror, o Sol, trevoso, e haver sangue no riacho Cedrom! Considero isto uma maldade, mas não critico nem condeno a superstição! Toda a capacidade e ocasião para que se possa iluminar os cegos são de valor inestimável. Não sendo isso possível, é aconselhável deixar o povo conforme está!"

## **7. A CRENÇA OBRIGATÓRIA NO TEMPLO.**

1. Diz o judeu: "Senhor, tudo que acabas de explicar é justo e verdadeiro; afirmamos que em teu convívio se aproveita, em uma hora, mais que em cem anos com a doutrina do Templo.

2. Ali, muito se fala e ora; no entanto, seria o mesmo que dizeres: "Amigo, lava-me pés e mãos; porém, cuidado para não os molhares!" O sistema doutrinário do Templo exige que se ouça e pratique as orientações. Entretanto, pessoa alguma poderá indagar do motivo, - pois trata-se de segredos divinos, cujo conhecimento é permitido apenas ao Sumo-sacerdote, sob o mais rigoroso sigilo.

3. Que valor teria tal religião, da qual não se deve depreender uma sílaba? Considerando este assunto objectivamente, descobrem-se factores capazes de revoltar o estômago! Acontece que os homens manifestam certa inteligência através das acções; quanto à religião são tão ignorantes como os nativos da África.

4. Não podes imaginar o que passei quando tinha de pregar uma doutrina como sendo verdadeira, estando, no íntimo, convencido da mentira. Sempre me perguntava quem seria mais burro: eu, o pregador, ou o ouvinte? E não podia esquivar-me da ideia de merecer eu tal título com maior justiça, pois o outro poderia, se quisesse, rir-se de mim, o que não me seria possível

pregando no Templo e em virtude da água maldita! Assim digo: Fora com tudo que seja imprestável! Queremos tornar-nos inteligentes, pois é degradante ser servo da estultícia humana!

5. Porventura sabes o que este homem excepcional possa exigir para nos aceitar como discípulos, ainda que apenas por alguns dias? Acreditas ser possível que o indaguemos directamente?"

6. Responde Julius: "Como não? Sei, positivamente, não aceitar. Ele recompensa material; nunca traz dinheiro consigo, no entanto, não tem dívidas. Quem Lhe prestar um serviço é recompensado mil vezes; pois a Sua Palavra e Vontade valem mais que os tesouros do mundo. Eis o que necessitais saber; fazei o que vos convier!"

7. Diz o fariseu: "Agradeço-te por esta orientação, pois já sei qual a atitude a tomar. Dirigir-nos-emos a ele com a intenção de seguir seu conselho!"

## **8. CONDIÇÕES A SEREM OBSERVADAS PELOS ADEPTOS DO SENHOR.**

1. Aproximando-se de Mim o jovem fariseu diz: "Senhor, Mestre e Curador sem par! Não necessitamos de apresentação social após as explicações de Julius. Desejamos apenas tornar-nos teus discípulos!"

2. Digo Eu: "Está bem; acontece, no entanto, que os pássaros possuem ninhos e as raposas, os seus covis. Eu, porém, não tenho onde pousar a Minha Cabeça!"

**3. Aquele que quiser tornar-se Meu adepto terá que carregar um grande peso e seguir-Me! Não desfrutará de vantagens terrenas, mas sim, terá de abandonar para sempre os seus bens materiais por amor a Mim, não podendo a sua família ser-lhe um impedimento.**

**4. Não lhe será permitido possuir fortuna, mais do que um manto, calçado, sacola ou bordão para a defesa contra um suposto inimigo.**

**5. O seu único tesouro sobre a Terra é o segredo oculto do Reino de Deus. Sendo-vos possível aceitar estas condições, sereis Meus adeptos!**

**6. De modo idêntico cada discípulo terá de aplicar o amor, meiguice e paciência para com todos; abençoará o seu pior inimigo como se fora o seu melhor amigo e fará o bem àquele que o prejudicar, orando por seus adversários.**

7. **Nos corações dos Meus seguidores não poderá haver ira e vingança, tão pouco terão direito a queixumes e críticas quanto aos acontecimentos aflitivos sobre a Terra.**

8. **A satisfação dos desejos deverá ser evitada como a peste; em compensação todas as energias devem ser aplicadas em criar um novo espírito pela aceitação do Meu Verbo, a fim de poder continuar eternamente na plenitude deste espírito.** Por isto, reflecti sobre tais condições e dissei-Me se concordais em aceitá-las integralmente!”

9. Indecisos com a Minha exposição os jovens fariseus não sabem o que responder. Finalmente, o primeiro orador diz-Me, em parte gracejando: “Querido e bom Mestre! Não resta dúvida, serem as tuas condições apropriadas à conquista de virtudes excepcionais e semidivinas; porém, serão poucos, aqueles que se submeterão. Generalizar tal exigência não seria admissível, pois se todas as criaturas aderissem à tua doutrina, a Terra em breve teria o aspecto do segundo, ou terceiro dia da Criação de Moisés, isto é: deserta e vazia!

10. Eis porque os ensinamentos daquele profeta são mais úteis para a esfera física e moral da criatura. Tenta estabelecer condições idênticas para todas e verás as consequências! É justo que algumas estejam de posse dos Segredos Divinos; as multidões não poderão fazer o mesmo uso salutar.

11. Por mim, tornar-me-ei com prazer teu adepto, mesmo se tivesses estabelecido condições mais pesadas; no entanto, duvido que os meus companheiros se sujeitem! O Templo exige muita coisa; tu, – exiges tudo!”

## **9. O BENEFÍCIO DA RENÚNCIA.**

1. Digo Eu: “Não importa, porquanto não obrigo a quem quer que seja! Quem quiser, que Me siga! Quem não o quiser ou puder, fique em casa! Nestes dias o Reino de Deus tem de ser conquistado com violência!

2. Quanto às Minhas condições um tanto pesadas, digo: Se o teu manto for velho e puído, o que impossibilita o seu uso, e alguém te oferecer um novo e bom, dizendo: “Amigo, despe essa roupa velha e a destrói, pois não tem utilidade para o futuro, que te darei uma nova, prestável para todos os tempos, porquanto é feita de um

tecido indestrutível”, – acaso serás tão tolo em querer conservar a velha?

3. Além disso sabes, como também os teus companheiros, ser esta vida terrena de provação apenas em curto lapso de tempo, seguindo-se a Eternidade. Acaso és ciente da maneira pela qual se processa a continuidade do teu ser, após a morte? – Unicamente Eu, estou em condições de dar-vos, com toda a segurança, a vida eterna e perfeita de um anjo, em troca desta passagem curta e miserável! Ainda conjecturas se deves aceitar as Minhas condições? **Realmente Exijo muito pouco, dando-vos tudo!**

4. Julgas a Terra se tornar deserta e vazia se com o tempo – e isso está certo – se todas as criaturas seguissem as exigências da Minha Doutrina? Quão curta é a tua visão!

5. Vê este Meu anjo! Possui tanto poder e força de Mim, que poderia – se tal fosse a Minha Vontade – destruir a Terra, o Sol, a Lua e as estrelas, cujo tamanho é tão imenso que a Terra se lhes poderia ser comparada a um grão de areia.

6. **Enganas-te crendo que a cultura do solo terráqueo dependa unicamente dos homens! Se te der um campo por Mim amaldiçoado, poderás cultivá-lo à vontade que não produzirá nem cardos nem abrolhos para alimentar os vermes! Se bem que o semeador lance o trigo, é preciso que os Meus anjos colaborem, abençoando deste modo o solo que, de contrário, não daria frutos! Compreendes?**

7. **Sendo os Meus anjos os constantes trabalhadores no cultivo da terra, poderiam também tomar a si o encargo da sementeira, o que realmente fazem em zonas ainda não pisadas pelo homem.** Porém, sofrendo através da antiga maldição e querendo por força ele próprio trabalhar pelo sustento físico, – os Meus colaboradores não têm nada a fazer!

## 10. O PREJUÍZO PROVINDO DAS NECESSIDADES.

1. (O Senhor): “Não ouviste falar do antigo Paraíso, no qual foi criado o primeiro homem? Esse Éden, era igual a um imenso jardim provido dos melhores frutos da terra; no entanto, nunca fora cultivado por mãos humanas! As primeiras criaturas não possuíam casas e cidades; as suas exigências eram escassas, e muito fáceis de satisfazer. Por isso gozavam saúde, alcançavam longevidade,

dispondo de tempo bastante para dedicar-se ao desenvolvimento espiritual e ao intercâmbio visível com as forças celestes.

2. **Por intuição satânica construiu Caim para o seu filho Hanoch uma cidade com o mesmo nome, deitando assim a base para todos os males terrenos.**

3. **Afirmo-vos, serem poucas as necessidades humanas;** vaidade, ócio, orgulho, egoísmo e domínio exigem uma constante satisfação, jamais alcançada.

4. Por esse motivo é alimentada a preocupação humana – e as pessoas não têm mais tempo para se dedicar àquilo por cujo motivo Deus lhes facultou a vida.

5. **De Adão a Noé os filhos das montanhas não travaram guerras, pois as suas exigências eram diminutas e ninguém se queria elevar sobre o próximo.** Os pais se mantinham em respeito, porquanto permaneciam os sábios guias, mestres e conselheiros dos filhos.

6. Nas planícies, entretanto, onde os homens de sentimento e intelecto rudes, começaram a enfeitar os seus guias e mestres, ungindo e coroando as suas cabeças, outorgando-lhes, em virtude da sua consideração pessoal, toda a sorte de poder e força, a vida fácil e de exigências escassas, teve término.

7. A pompa é dificilmente saciada! Como o solo não produzisse o necessário num terreno restrito, os homens, amantes do luxo, começaram a estender-se dando o nome de “posse” à terra por eles ocupada, tratando logo da pompa externa. Com tal atitude despertaram inveja, ciúme, discussão, luta e guerra, sendo o mais forte vencedor, o soberano sobre os mais fracos, obrigando-os a trabalhar para ele. Os insubordinados eram punidos com castigos quase mortais, a fim de levá-los à obediência.

8. Vede, tais eram as consequências da cultura terráquea, do amor ao luxo e do orgulho. **Se Eu vos procuro em Espírito, vindo dos Céus, querendo-vos reconduzir ao primitivo estado feliz das primeiras criaturas, mostrando os caminhos abandonados que conduzem ao Reino de Deus – como podeis afirmar serem as Minhas condições para o apostolado demasiado duras e impraticáveis para a Humanidade em geral?** Digo-vos: o jugo que vos imponho é suave e o peso, leve, comparados aos que suportais diariamente.

9. Até onde se estendem as vossas preocupações! Não tendes sossego dia e noite, unicamente por causa do mundo, para que não

tenhais prejuízo no vosso bem-estar e luxúria, conquistados com o suor sangrento dos vossos irmãos mais fracos! Onde deveria a alma achar tempo nesta constante preocupação, para desenvolver o Espírito Divino dentro de si?

10. As vossas almas e as de milhões de criaturas, até mesmo ignoram serem portadoras da Centelha de Deus, e que muito poderiam fazer para se libertar da aflição contínua pelas coisas mundanas. Os fracos e pobres, são por vós fustigados num servilismo sangrento, a fim de satisfazer o vosso amor ao luxo; portanto, eles também nada podem fazer para a sua emancipação espiritual. Deste modo, todos sois condenados a verdadeiros filhos de Satanás, não podendo ouvir o Meu Verbo que vos levaria seguros à Vida, pois defendeis as vossas razões, pelas quais enfrentareis a morte eterna!

## 11. A CAUSA DO DILÚVIO.

1. (O Senhor): “Ainda se acusa a Deus, dizendo: Como podia Ele ter permitido o dilúvio que tudo aniquilou sobre a Terra e até consentiu na destruição dos sodomitas e gomorritas? – Isto facilmente se explica: por que motivo havia de deixar que carnes enfeitadas rastejassem no solo, enquanto as almas tanto se afastaram da antiga Ordem de Deus que o último vislumbre da consciência própria se evaporava pela constante preocupação do físico? Poderia haver uma “encarnação” mais compacta do que aquela, onde a alma não só se despojou do espírito divino, mas também se perdeu a si própria, de sorte a negar a sua existência?”

2. **Quando a Humanidade tiver alcançado este estado, o homem deixará de ser homem: será apenas um animal, racional, incapaz para o desenvolvimento de alma e espírito. Por este motivo é necessário que tal carne seja morta e apodreça junto à alma nela encarnada, a fim de que, talvez em milénios, possa reiniciar o trajecto da formação e independência própria, neste ou em outro planeta qualquer.**

3. O facto de que, não raro, existem criaturas inscientes da sua própria alma, em virtude das grandes preocupações mundanas e carnis, podeis observar em parte convosco mesmos, nos saduceus e na maioria das pessoas, pois ninguém saberá precisar o que seja a alma! Neste caso só resta a Deus fazer uma nova manobra de

aniquilamento humano sobre a Terra, em maior ou menor proporção, na medida das necessidades prementes.

4. Estas criaturas puramente mundanas e carnis possuem forma e beleza sensuais, mormente o sexo feminino; o motivo compreensível baseia-se na grande integração da alma com o corpo, o que a torna fraca e sujeita a influências nocivas. O físico adoece facilmente e a brisa mais subtil da peste lhe traz a morte certa; enquanto outras, de alma e espírito livres, poderão tomar todos os venenos sem que os prejudiquem. **Quando a alma e o espírito são livres, dispõem de meios e forças suficientes para enfrentar qualquer inimigo; ao passo que os aprisionados pela carne maldita, se assemelham a um gigante acorrentado, incapaz de se defender da mosca impertinente.**

## 12. ENSINAMENTOS MISSIONÁRIOS.

1. (O Senhor): **“Gravai bem o seguinte: Não permaneçais em lugares onde existam criaturas de físico sedutor e enfeitado, pois não podereis fazer conquistas para o Céu onde o estado é quase idêntico ao de Sodoma e Gomorra!** O castigo divino não dista muito dali, porquanto todas essas almas se acham aprisionadas pelo sepultamento da própria consciência. Sendo a carne tocada, apenas de leve, pelos elementos maus e brutos da Natureza, a alma não terá forças para reagir e ambas sucumbirão.

2. Experimentai agarrar uma jovem da cidade pelo braço; ela soltará um grito; no entanto, não ouvireis nenhuma queixa se o fizerdes com uma camponesa. Julgais que tal insensibilidade deriva do trabalho físico habitual? Oh, não; apenas é consequência da libertação da alma através da renúncia, pela qual se produz um justo fortalecimento da carne.

3. Onde se dedica toda atenção à delicadeza física a ponto de existirem institutos que conservam o corpo elegante pela ginástica, havendo também o recurso de pomadas e óleos, – as almas de há muito deixaram de ser livres e fortes. Basta uma leve brisa para que adoeçam.

4. Eis então que surgem as queixas e os choros – e os meiores alegam ignorar o prazer que Deus possa sentir castigando as suas criaturas! Por certo não existe Deus; se existe é tão elevado que não mais Se perturba com os vermes da Terra, ou Se tornou ávido por sacrifícios. Neste caso, necessário se torna apaziguá-Lo por



oferendas vultosas, cerimónias mágicas e incenso! Talvez Jehovah houvesse sido ofendido e estaria usando de vingança; era preciso, portanto, fazer penitência com saco e cinza e arremessar, no mínimo, doze bodes expiatórios no Jordão!

**5. Ninguém se lembra que todo o sofrimento, todas as moléstias, guerras, carestias, fome e peste derivam unicamente das criaturas fazerem tudo pelo corpo, ao invés de se dedicarem apenas à alma e ao espírito, dentro da Ordem Divina!**

6. Fala-se às almas ignorantes acerca do temor de Deus, no qual o próprio sacerdote de há muito não acredita, pois só crê naquilo que receberá pela prédica, e nas honrarias e postos que poderá alcançar pelo bom uso do seu talento. Deste modo um cego guia outro – e um morto pretende vivificar um semelhante. Um, prega em benefício do seu corpo, o outro ouve pela mesma razão. Que vantagem se poderá aguardar para uma alma extremamente enferma?

7. Sou um Salvador – e as criaturas mortas e, portanto, ignorantes indagam como isto Me seja possível! **Digo-vos que não curo a carne; liberto a alma não muito nela integrada, despertando, se possível, o espírito encoberto. Este fortifica a psique, tornando-a livre, o que lhes facilitará normalizar, num momento, todos os distúrbios físicos.**

8. Tal processo classifica-se de cura milagrosa, enquanto é o mais natural do mundo. Só se poderá dar aquilo que se possui. **Quem tiver uma alma viva pela Ordem Divina e um espírito livre dentro dela, também conseguirá libertar a do próximo, caso não esteja por demais enraizada na carne, o que lhe possibilitará socorrer facilmente o físico enfermo.** Se um psiquiatra também estiver com a alma doente, mais morta do que viva, – como poderá transmitir à outra o que carece inteiramente?

9. Reflecti bem! Demonstrei-vos as condições para o discipulado e os males mundanos, desde a base verdadeira e profunda. Fazei, portanto, o que vos agradar – não vos obrigarei! Todavia, se quiserdes tornar-vos Meus adeptos tereis de fortificar as vossas almas, de contrário não obtereis benefício algum.”

### **13. NOÉ E A ARCA.**

1. Após este discurso todos arregalam os olhos dizendo: “*Mea culpa!*” O jovem fariseu não sabe o que dizer, e até Cirénus, Julius e

Ebahl externam expressões pensativas. Yarah, por sua vez, começa a recear quanto ao seu físico atraente!

2. Depois de longa meditação, Cirénius diz: “Senhor e Mestre, passei vários dias e noites Contigo e tive oportunidade de assistir aos Teus Feitos Milagrosos; porém, nunca ouvi algo tão desconcertante como este Teu discurso. A julgar pelas Tuas expressões, a nossa situação não difere muito da dos habitantes de Sodoma e Gomorra, pois tudo o que fazemos é satânico. Amigo, que Doutrina severa! Infelizmente não é possível negar-se que tenhas falado a pura verdade! Qual seria o meio pelo qual se poderia renunciar totalmente ao mundo, dedicando-se sempre à cultura psíquica e espiritual?”

3. Digo Eu: “Nada mais fácil! Continua o que és, desempenhando o teu cargo; apenas não o farás por consideração à tua pessoa, mas em benefício dos outros!

4. Quando, na época de Noé, o dilúvio inundou aquela zona habitada pela escória humana, todos, com excepção de Noé, a sua família e os animais, se afogaram. Como lhe foi possível manter-lhes a vida? Achavam-se dentro da arca arrastada pelas águas tempestuosas, mas protegida contra uma perigosa penetração.

5. **O dilúvio mortal de Noé perdura espiritualmente, não sendo menos perigoso à vida humana que o daquela época.** Como seria possível alguém salvar-se do dilúvio espiritual? Afirmo-te: **aquilo que Noé fez fisicamente deve ser feito espiritualmente, conseguindo-se deste modo a protecção eterna!** Em outras palavras: dar-se-á a Deus o que Lhe pertence e ao mundo o que é do mundo, dentro da justa medida.

6. Pois a **“Arca de Noé” representa a verdadeira humildade, amor ao próximo e a Deus! Quem for verdadeiramente humilde e cheio de amor puro e desinteressado a Deus, o Pai, e a todas as criaturas num zelo activo de servir ao semelhante dentro da Ordem Divina, - navegará incólume sobre as vagas mortíferas dos pecados humanos; quando, no fim da sua vida, as águas baixarem e se sumirem nas profundezas trevosas, a sua arca encontrará um pouso seguro no Ararate do Reino de Deus, tornando-se a morada eterna para o seu construtor.**

## 14. COMO CONSIDERAR E USAR OS BENS MATERIAIS.

1. (O Senhor): “Observa a Minha Pessoa! Não sou obrigado a lidar com o mundo? Alimento-Me, e o mundo Me serve da mesma forma que o dilúvio outrora serviu à arca de Noé, quer dizer: bem que se agita violentamente debaixo dos costados da Minha Arca, sem poder jamais tragá-la!

2. Não és responsável por ter surgido um Império Romano; ele existe e não o poderás desfazer. Entretanto, instituiu boas leis, úteis à ordem e à humildade dos homens. Se te julgas senhor sobre as leis com direitos externos ao uso de uma coroa, estás no caminho errado, – não perante as criaturas que, de qualquer maneira, terão de suportar as leis sancionadas com todas as suas vantagens ou prejuízos. Sujeitando-te à lei, considerando seres apenas um orientador designado pelo Governo, achar-te-ás num princípio justo e construirás uma arca da matéria espiritual da lei que, infalivelmente, conduzir-te-á acima de todos os pecados do mundo.

3. Seguindo, além disto, os princípios fáceis da Minha Doutrina, adaptáveis sem dificuldade às vossas leis, farás tudo que te é possível tanto à alma quanto ao espírito. Se tal conduta é, aos Meus Olhos, o bastante, aponta-Me alguém que não concorde!”

4. Diz Cirénio: “Mas, Senhor, considera a opulência e o luxo que sou obrigado a ostentar...!”

5. Digo Eu: “Acaso prezas tais coisas em teu coração?”

6. Responde ele: “Oh, nem de longe! São-me um horror!”

7. Digo Eu: “Mas então, por que te afliges? **O luxo e a opulência não se poderão tornar prejudiciais à alma e ao espírito, se o teu coração não se prender a tais adornos que te são impostos pela posição.** Se te agarrares a algo material, por mais ínfimo que seja, prejudicar-te-ás como se usasses uma coroa de ouro e pedras preciosas.

8. Tudo depende do estado da alma; de contrário, dever-se-ia considerar um meio de perdição para a criatura o fulgor do Sol, da Lua e das estrelas, porquanto é para a alma factor de regozijo. Por aí vês, Cirénio, que podes alegrar-te com justiça do brilho que a tua posição social te impõe, nunca, porém, te envaideças por tal motivo, pois te prejudicarias, matando a tua alma.

9. Até Salomão teve de trajar-se com pompa jamais vista, nem antes nem depois. Enquanto não lhe dedicou alegria tola e vã, mas uma justa, baseada na sabedoria, – tal prazer elevou a sua alma e o seu espírito. Desviando-se pela futilidade e entregando-se ao orgulho, a sua queda diante de Deus e dos homens foi completa.

Deixou-se atrair pelos pecados do mundo sensual, tornando as suas obras e acções ridículas perante o próximo e um horror para Deus.

10. Digo-vos ser até útil e bom imitar o homem, na Terra, as maravilhas celestes com alma e espírito amadurecidos e regozijar-se com a justiça, pois é preferível edificar a destruir. Apenas, como disse, as pessoas renascidas deverão fazê-lo como exemplo para o semelhante.

11. Aquele que constrói um palácio em honra, benefício e amor próprios, comete grande pecado contra a alma e a centelha divina, prejudicando-se e aos seus, que desde o nascimento se julgam melhores que os outros. Se pela opulência dos palácios os corações dos seus moradores se enchem de orgulho e desprezo pelo próximo, preferível é que tais edifícios sejam arrasados.

12. Não é contra a Ordem Divina a construção de uma cidade, cujos habitantes sejam pacíficos e bondosos e vivam qual uma só e grande família. Nada de mal praticam, pois poderão trabalhar e socorrer-se reciprocamente de modo muito mais eficaz do que se vivessem a grande distância. Se nela se introduzirem orgulho, luxo, opulência, inveja, ódio, perseguição, assassínios, devassidão, impudícia e ócio, – tal metrópole deverá ser transformada num montão de escombros e cinzas, para evitar que se torne um viveiro dos piores vícios. Estes, em breve, a empestariam como a terra de Hanoch, anti-diluviana, e Babilónia e Nínive, cidades pós-diluvianas. Quão grandiosas foram naquela época, – hoje lá apenas se encontram algumas cabanas abandonadas. No local da cidade de Hanoch tudo hoje é mar, assim como no de Sodoma e Gomorra e nas dez pequenas cidades que as circundavam, cada qual maior que a Jerusalém actual, isto é, sem a mesma extensão que a da época de David.

**13. Aquilo que se deu com aquelas cidades repetir-se-á com Jerusalém, – e aqui se encontram alguns que presenciarão tal horror de devastação!** Mais vale destruir tais antros, do que permitir o aniquilamento por toda a Eternidade das almas que neles vivem.

14. Tu, Cirénio, podes possuir tudo que a Terra tem de maravilhoso e agradável, louvando a Deus por tal Graça; mas nunca prendas a tua alma aos tesouros temporários que deixarás ao trocasses esta vida passageira com a eterna. Já sabes o que vem a ser a matéria. – Agora, diz-Me, se estás satisfeito com esta explicação, única e justa?”

## 15. O CAMINHO CERTO PARA A EVOLUÇÃO HUMANA.

1. Diz Cirénius: “Sim, estou inteiramente a par de tudo. Assim como para cada erva existe uma lei pela qual se pode desenvolver, há também para o homem apenas um caminho a seguir e marcado por um mandamento psico-moral que lhe faculta a independência absoluta. A franquia de um liberalismo sem restrições, a não ser na base desta lei não lhe possibilita alcançar a meta destinada por Deus.

2. Compreendo que seja este o caminho por Ti indicado, Senhor. Este é o único e verdadeiro caminho, aceitável para todos os de boa vontade. Contudo, ninguém seria capaz de encontrá-lo por si próprio. Era preciso que o Espírito Divino revelasse as condições imprescindíveis a tal fim.

3. Julgo apenas ser este caminho raramente encetado pelas criaturas, pois as condições mundanas opõem uma forte barreira contra a qual muitas se ferirão. Assim, darão meia volta, mormente se não observarem em breve um êxito maravilhoso a coroar os seus esforços. Com a Tua especial Graça espero atingir a meta final; sou, porém, apenas um, no grande Estado Romano de muitos milhões. Quando será que esses concluirão tal tarefa?”

4. Interrompe o jovem fariseu: “Nobre senhor, pensei precisamente o mesmo. Nós já podemos trilhar com fé e coragem o caminho da salvação; mas que será dos outros, se não tiverem a oportunidade de beber na fonte viva, onde se esclarecerão com o próprio Mestre da Vida?”

5. Digo Eu: “Já tratei disso, pois **com a Minha Chegada a porta do Céu permanecerá aberta e aquilo que ora tratamos será ouvido e anotado, palavra por palavra, para desenrolar-se diante dos olhos daqueles que, daqui a quase dois mil anos, habitarão a Terra! Todas as dúvidas futuras poderão ser esclarecidas directamente pelos Céus. Daqui por diante cada criatura terá de ser instruída por Deus; se não o conseguir, também não ingressará no Reino luminoso da Verdade!**”

## 16. A ELEVAÇÃO DE JESUS.

1. (O Senhor): “**Todavia afirmo-vos ser difícil permanecer a pessoa na pura verdade, pois o intelecto humano, alcançando grande perspicácia, não assimilará ser Eu em Espírito, o Mesmo**

que transmitiu as Leis a Moisés no Monte Sinai e também lhe ditou os Cinco Livros; e, portanto, o Dirigente do Infinito com a Sua Sabedoria, Poder e Força! Se mesmo alguns de entre vós não podeis compreendê-lo, embora testemunhas dos Meus Actos que provam a Minha União com o Pai Celeste, - que dirão os grandes sábios do mundo ao ouvirem tal afirmativa pela milésima boca?

2. Eis por que será isto apenas revelado aos pequeninos, pois a grandeza terrena é um horror para Deus! A criatura simples, singela e de coração puro, ainda possui uma alma um tanto livre, que lhe permite compreender, com mais facilidade, o que vem do espírito. Um intelectual, cuja alma se ache abarrotada de princípios materialistas e nem mais pressinta o seu espírito, dificilmente o entenderá. Por ora até convosco isto sucede, portanto deveis aguardar a Minha Elevação!"

3. Indaga Cirénius: "De que elevação se trata? Acaso serás coroado Rei de todos os reis?"

4. Respondo: "Sim, mas não um rei igual aos do mundo com coroa de ouro! Não teria Eu Poder para Me apossar de um reino que ultrapassasse os limites da Terra? Quem Me impediria?"

5. Acaso a razão de todas as coisas e a vida das criaturas não estão nas Mãos de Meu Pai, que está em Mim, como Eu estou Nele? Quantos movimentos respiratórios poderão fazer sem a Vontade do Meu Espírito que tudo vivifica?

6. De que adiantaram o poder e a arte bélica dos homens durante a época de Noé? O Meu Espírito fez com que o Dilúvio os afogasse!

7. Que benefício obteve o poderoso faraó com o seu grande exército? O Meu Espírito conduziu os israelitas, incólumes, pelo Mar Vermelho, afogando os soldados egípcios!

8. Portanto, se Eu Me quisesse tornar rei do mundo, qual seria o poder capaz de Me obstar? Longe, porém, tal pensamento de Mim e dos Meus seguidores; espera-Me uma elevação e coroação diversas, e disto terás ciência depois de tudo consumado. Eu já te forneci alguns pormenores no início desta reunião; se te lembrares deles deduzirás o resto!"

9. Diz Cirénius: "Senhor, sei Quem és e o que podes, - por isso mesmo não compreendo a Tua atitude esquiva diante das perseguições de Herodes e do Templo."

10. Digo Eu: "Amigo, podias ter evitado tal observação. Primeiro, por ter-te esclarecido suficientemente em Nazaré;

segundo, devias ter deduzido das Minhas Palavras que o motivo da Minha Vinda não se prende “a matar os mortos”, mas vivificá-los de novo. Eis porque ninguém por Mim será julgado. **Vim para tomar sobre os Meus Ombros o julgamento que fora determinado sobre este planeta, salvando as criaturas da morte eterna.**

**11. Desejo curar as feridas da Humanidade abatida, nunca porém aplicar-lhe outras, mais profundas.** Por acaso julgas que o medo Me obrigue a esquivar-Me dos Meus adversários? Nunca! Observa estes criminosos! De acordo com a vossa lei e a de Moisés merecem cem vezes a morte; no entanto, não Deixo que tal aconteça, pois também deverão desfrutar da Graça Celeste. Aproveitando esta oportunidade tomarão parte no Meu Reino; retornando ao vício anterior, serão culpados se a lei os aniquilar! **Vê, a lei perdura, a Graça, porém, socorre apenas de vez em quando os aflitos; desrespeitando a Graça, sofrer-se-á pela lei.**

## **17. A OMNIPOTÊNCIA DIVINA E A LIBERDADE DA ALMA.**

1. (O Senhor): “Vê, és representante das leis e do poder de Roma sobre toda a Ásia e uma parte da África; entretanto, depende da Minha Vontade julgar ou libertar os criminosos, sem que te seja possível reagir. Deste modo também poderia forçar as criaturas a boas acções; tal, porém, seria um julgamento que as transformaria em máquinas.

2. Contigo tal não se dá por aceites as Minhas Palavras e agires dentro da Ordem Divina. Num caso de dúvida perguntas-Me e adaptas a tua acção ao ensinamento que, de certo modo surge numa revelação mais profunda, portanto justa, e não por influência externa.

3. Subjugado pela Minha Vontade serás escravo; induzido livremente pela tua própria vontade, ela apenas deseja o que o teu raciocínio – como visão da alma – reconhece ser bom e justo. Caso diverso seria se o mundo fosse obrigado a agir dentro da Minha Omnipotência: não reconhecendo o bem e a verdade, a sua acção seria idêntica a dos animais, ou talvez pior. O irracional não sente prejuízo moral quando se lhe impõe uma obrigação, porquanto tal alma não está sujeita a uma livre lei moral; a do homem, porém, sofreria por uma sujeição, em virtude do choque contra a sua liberdade.

4. Daí deduzirás, Cirénius, o motivo que Me leva a fugir dos que Me perseguem, não para Me proteger contra a sua ira descabida, mas para guardar os Meus filhos, tolos e cegos, contra a eterna perdição.

5. Quando observo haver entre eles alguns de melhor índole, os quais podem reconhecer a verdade e o bem por uma justa iluminação, não Me esquivo deles, mas procuro atraí-los para compreenderem o seu estado ignorante, facilitando-lhes a reforma íntima. Tens um exemplo vivo em Meus trinta perseguidores. De modo algum os teria conduzido ao nosso meio, se não soubesse serem os seus corações acessíveis à Minha Palavra.

6. As forças da Natureza foram influenciadas pela Minha Vontade a trazê-los aqui; isto não foi um jugo para as suas almas. Agora serão instruídos, e o seu raciocínio se desanuviará, dando-lhes liberdade de escolha.

7. Vê, dentro em breve o Sol dirigirá os seus raios sobre o horizonte; entretanto, nenhum de vós se lembrou do repouso nocturno. Por quê? Porque Eu assim o quis! Contudo não se trata de uma coacção sobre a alma, mas unicamente, sobre a matéria que terá de ser útil àquela, além do habitual. Fiz isto em benefício dos trinta fariseus que foram salvos, física e espiritualmente. A nossa vigília foi premiada e sê-lo-á mais ainda; portanto, não houve prejuízo psíquico. Se tivesse conduzido as almas à justa luz através da Minha Omnipotência, tornar-se-iam simples máquinas - e nenhuma das suas acções teria valor.

8. Que vantagem obtém o serrote e a enxada pelo seu bom corte? Só têm utilidade para o homem de livre consciência, sabedor do que seja útil. Que benefício terá o cego com a luz, o coxo com o prado verde? Servem apenas àqueles que se encontram na consciência de si próprios, da necessidade do uso e aproveitamento deles.

9. O mesmo acontece com a luz espiritual. Não pode e não deve ser levada ao homem com violência, em virtude da sua livre vontade; esta luz deve ser posta num local onde seja vista por todos. Quem dela se quiser beneficiar, não encontrará empecilhos na execução de qualquer tarefa. Aquele que pretenda ficar inactivo com a luz radiante do Sol, fá-lo sem prejuízo de alguém, mas de si próprio, pois ela não obriga a qualquer acção uma alma dotada do livre-arbítrio.



10. Tenho poder de sobra para transformar o vosso conhecimento e modificar a vossa vontade livre num animal de carga, completamente aprisionado, - e ele se movimentaria com humildade, de acordo com a direcção da Minha Omnipotência. O seu íntimo, porém, não teria vida. Ensinando-vos e espargindo o justo conhecimento, sereis livres e o podereis aceitar ou rejeitá-lo. Compreendes, Cirénius?"

11. Responde este: "Sim, compreendo-o e creio também saber deduzir o motivo que Te levou a escolher a simplicidade: é que Te facilita ensinar às criaturas a finalidade da sua vida e como atingi-la. A fim de que possam positivar a sua fé e a convicção, realizas toda a sorte de milagres, portadores de poder e luz que ainda mais ressaltam o Teu Verbo. Deste modo fazes tudo para a salvação do homem, dando a impressão que tal foi por Ti previsto desde toda a Eternidade. Talvez me engane neste ponto..."

12. Digo Eu: "Não, não; em absoluto, pois a Ordem Divina é eterna! De contrário não seria Ordem nem Verdade. Agora, mudemos de assunto.

## 18. ANOTAÇÃO DOS DISCURSOS DO SENHOR.

1. (O Senhor): "Marcus, já que a alvorada está colorindo o cume das montanhas trata de nos arranjar qualquer coisa para comer; não é possível aproximarmo-nos em jejum dos cinco criminosos. Dar-nos-ão muito que fazer antes de se curarem. Reserva-lhes também algum pão, sal e vinho para fortificá-los." - De pronto Marcus e os seus se dirigem à cozinha, onde alguns discípulos os ajudam no preparo de peixes.

2. Matheus e João, relendo as anotações feitas durante a noite, verificam uma série de falhas. Eis que João Me pede auxílio que Raphael lhe presta, preenchendo rapidamente as lacunas. Pedro confirma até a anotação do salvamento dos trinta condenados e Cirénius externa o desejo de uma cópia contra remuneração extra. Incontinentemente Judas se oferece para tal serviço.

3. Percebendo a ganância costumeira deste discípulo, digo a Cirénius: "Faz com que Raphael receba o material necessário, pois será mais ligeiro." O Vice-rei chama um servente e ordena-lhe o porte de alguns rolos de papiro de que faz entrega ao anjo. Mal este os toca, diz a Cirénius: "Pronto! O teu desejo foi cumprido; podes comparar os papiros e verificar se existe alguma falha."

4. Cirénius admira-se não pouco da rapidez incompreensível de Raphael. Os trinta fariseus e levitas submetem à análise os rolos e o dito orador, chamado Hebram, diz: “São idênticos aos dos discípulos. O facto em si não nos diz respeito e não convém sobre o mesmo perder palavra, pois os mortais apenas compreenderão os anjos quando tiverem alcançado o mesmo grau de evolução; enquanto forem humanos não lhes será possível assimilá-lo.

5. Existem coisas e aparições no mundo da Natureza que jamais serão inteiramente entendidas pelas criaturas. Gosto de ver milagres; mas não me preocupo quanto ao “porquê”. Ainda que entenda a pessoa qualquer coisa, não lhe seria possível imitá-los.”

6. Diz Cirénius: “Do ponto de vista material tens razão; não me interessa a imitação, mas sim que eu possa – como espírito imortal – observar os seus efeitos mesmo de olhos vendados; assim, desejaria saber por um sábio algo a respeito desta rapidez de escrita.”

7. Diz Hebram, gracejando: “Bem, duvido entretanto que possamos compreender as explicações de tal sábio, porquanto o intelecto não o poderá assimilar em sua profundidade. O Cântico dos Cânticos de Salomão, aliás, ainda é mais aceitável pelo intelectual; meditando, porém, mais profundamente, chega-se à conclusão de que nada se entendeu. Dar-vos-ei uma pequena prova.

## 19. O CÂNTICO DE SALOMÃO.

1. (Hebram): “No quarto capítulo diz aquele sábio: “Eis que és formosa, amiga minha. Os teus olhos são como os das pombas, entre as tuas tranças. O teu cabelo como o rebanho de cabras que pastam no monte Gileade e os teus dentes como o das ovelhas tosquiadas que sobem do lavadouro, sempre produzindo gémeos, pois não há uma estéril sequer. Os teus lábios são qual fio escarlata e doce é a tua voz. As tuas faces como o talho da romã, entre as tuas tranças. O teu pescoço é como a torre de David, edificada como parapeito, no qual pendem mil escudos e armas poderosas. Os teus seios quais gémeos da corça, que se apascentam entre rosas até que desponte o dia, afugentando a sombra. Irei ao monte de mirra e ao outeiro do incenso. És linda e não existe mácula em ti. Vem, minha noiva, vem do Líbano! Entra, desce do cume de Amana, do cume de Senir e de Hérmon, das morados dos leões, dos montes dos leopardos. Tiraste-me o coração, minha irmã, querida noiva; tiraste-me o coração com

um dos teus olhos, com um dos teus colares. Quão belos são os teus amores, minha irmã, querida noiva! A fragrância dos teus unguentos sobrepuja todas as especiarias. O favo de mel jorra dos teus lábios, ó minha noiva! Mel e leite estão debaixo da tua língua e o perfume dos teus vestidos é idêntico ao do Líbano. És um jardim fechado, fonte e manancial selados. Os teus rebentos são um pomar de romãs com frutos celestes, cipreste e nardo, nardo e açafraão; o cálamo e a canela e toda sorte de árvores de incenso, mirra, aloés com as melhores especiarias. És qual fonte dos jardins, manancial de água viva jorrando do Líbano. Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul, sopra pelo meu jardim para que emanem os seus aromas!”

2. Vê, nobre Cirénio, tal o teor do capítulo de compreensão aparentemente fácil; dou-te todos os tesouros do mundo se conseguires interpretar uma frase, apenas.

3. Quem seria tal irmã constantemente citada, qual a noiva querida que, pela descrição de Salomão, deveria igualar-se à Medusa? Em suma, para o intelecto humano é a maior brincadeira; o sentido espiritual só é dado ao sábio. Cheguei até a decorar todo o Cântico dos Cânticos para alcançar uma possível compreensão. Nada! Pouco a pouco verifiquei saber tanto, quanto o gado diante da cancela.

4. Por isso aconselho apelares antes para o raciocínio do que para a sapiência dos nossos colegas, pois se explicarem a agilidade da escrita do anjo, compreenderás tanto quanto o quarto capítulo de Salomão. Uma explicação intelectual não te satisfará, porquanto não é possível conseguir interpretar materialmente um acontecimento espiritual.”

5. Diz Cirénio: “Já vi que não és inculto, pois sabes de cor tal estultícia salomónica. Contudo, começa a impressionar-me mais que a velocidade de escrita do anjo. Teria Salomão realmente tentado declarar o seu amor a uma suposta judia, de aparência um tanto esquisita? Ou ter-se-ia referido a coisa diversa? Mas porquê? Haveria uma chave para tanto? Neste caso o nosso Senhor e Mestre é o Único Competente!”

6. Diz Hebram: “Também concordo. Tal me desperta maior interesse que a minha vida de além-túmulo.”

7. Dirigindo-se a Mim, Cirénio diz: “Senhor, ouviste o dito capítulo de Salomão? Terá algum sentido?”

8. Respondo: “Meu amigo, encerra um bem profundo. Salomão o escreveu conforme lhe foi ditado; no entanto, a sua compreensão em nada era melhor que a tua. Recebeu o Verbo, mas não o entendimento – e tudo se aplica à época actual.

9. A solução e a chave estão diante de ti; a palavra, porém, o Verbo do Eterno Amor, isto é, o Amor Puríssimo de Deus às criaturas é a noiva formosa, a verdadeira irmã e amiga do homem. Lê o Cântico fazendo uso desta chave, e entenderás o seu sentido. Compreendes?”

10. Diz Cirénus, fitando Hebram: “Sentes de onde sopra o vento? Isto soa bem diferente daquilo que se canta no Templo de Jerusalém! Possuindo a chave, aprofundar-me-ei na leitura do sábio Salomão.”

11. Responde Hebram: “Sim, a interpretação parece verdadeira e certa; todavia, duvido que se preste para decifrar tudo. Vemos o mundo estelar, o Mestre e o anjo nos deram alguns esclarecimentos; eis tudo! Explica-me o que vem a ser a estrela da alva que neste momento irradia um brilho fulgurante! Tão pouco isto te seja possível com a chave do anjo, também não poderás descobrir com a do Mestre a sabedoria integral de Salomão. Contém muitos quadros apenas decifráveis ao espírito. Não duvido, porém, que a Chave do Mestre seja, em geral, a única, e procurarei usá-la por conta própria.”

12. Indaga Cirénus: “Senhor, que deduzirei das palavras de Hebram?”

13. Digo Eu: “Fala bem e certo, portanto, saberás como interpretá-lo. Deixemos isto por ora; o jejum se aproxima. Necessitamos de alimento para podermos enfrentar os criminosos.”  
- Em poucos instantes as mesas são arrumadas.

## **20. O DESJEJUM DOS HÓSPEDES.**

1. Quando os fariseus e levitas observam a fartura de alimentos, diz Hebram: “Nem por isso os discípulos do Mestre de Nazaré passam necessidades! Não há, portanto, motivo que nos impeça de nos tornarmos, primeiro, soldados romanos e depois, seus adeptos de corpo e alma. Quantas vezes jejuamos no Templo, em honra de Jehovah – e aqui nem se pensa nisto, embora seja ante sábado. No entanto, não me parece que constitua uma desonra a Deus, de contrário teríamos sido advertidos pelo Salvador. Em

suma, faremos o que ele disser, seja doce ou amargo, pois o espírito que faz surgir o Sol tanto no sábado quanto nos dias comuns e não permite que os ventos descansam; por certo é mais elevado que o do Templo que, para a justa consagração daquele dia ordena três feriados antes e três depois. Contendo a semana tem apenas sete dias; perguntou-se quando, nestas circunstâncias, dever-se-ia trabalhar - e o tolo legislador templário, reconhecendo o seu absurdo, aceitou outras sugestões! Que repouse em paz!

2. Para encurtar: o nosso Mestre manifesta o Espírito Divino, o que nos entusiasma a servi-Lo incondicionalmente. Já encontramos o Messias Prometido - e o Templo tão cedo não O avistará; mesmo que o faça não poderá reconhecê-Lo. Nós, O temos e o honramos, por isso: Hosana Àquele, Merecedor do nosso respeito e dedicação!"

3. Diz Julius: "Ótimo! Acrescento mais: abençoados os de boa vontade!"

4. Acrescenta Cirénius: "A salvação e a Graça Celeste vieram ao mundo; por tal razão louvemos o Nome do Salvador, Jesus! Perante Ele todos os povos, anjos e espíritos deverão curvar-se!"

5. Finalizam o anjo, Yarah, Josué, Ebahl e todos os discípulos: "Amém!"

6. Digo Eu: "Pois bem; agora vamos ao desjejum." Em pouco tempo todos se dispõem a saborear os alimentos, inclusive Yarah e Raphael, - e a atitude deste, como sempre, desperta espanto entre aqueles que não o conheciam de perto, tanto que o grupo de judeus indaga entre si da possibilidade de um anjo manifestar tamanho apetite.

7. Diz Hebram aos seus colegas: "Por que vos admirais? Se ele foi capaz de lançar uma pedra de trinta libras, com maior facilidade absorverá uma quantidade de peixes, pão e vinho. O facto de a sua aluna quase lhe fazer concorrência, prende-se à idade de crescimento; aparenta ela uns quinze anos, - no entanto, é tão forte quanto uma jovem de vinte. Até o nosso Mestre demonstra bom apetite - o que aliás não me surpreende, - pois já privei com espíritos elevados, entre os quais sempre deparei com o mesmo factor. Apenas desejava saber de que maneira um anjo puro assimila o alimento material; terá ele a mesma função biológica que nós?"

8. Intervém Julius, que ouvira tais palavras: "Como podeis conjecturar tais disparates? Raphael é espírito, e impossível é falar-lhe ou o ver em seu estado primitivo. A fim de que, pela permissão excepcional do Senhor, ele se pudesse apresentar qual criatura,

necessário foi que se cobrisse de matéria subtil, que a sua natureza absorveu. Não é, portanto, admissível supor-se uma função biológica num espírito puro!

9. Quanto ao bom apetite de Yarah, filha do hospedeiro Ebahl em Genezareth, obedece ela, apenas, a uma ordem secreta do Senhor; isto em virtude da cura dos cinco criminosos principais, que promete ser extraordinária, porquanto Ele, tendo por diversas vezes ressuscitado vários mortos, também, Se prepara para tal empresa através de alimento mais farto. Compreendeis?"

10. Responde Hebram: "Que Deus te abençoe por este esclarecimento, senhor! Basta que um facto maravilhoso seja iluminado para se tornar natural. Apenas o tolo se admira de algo que não entende, e o nosso grupo, por certo, terá muita coisa ainda que o fará pasmar na Presença do Grande Mestre, Salvador e Messias!"

11. Então Eu me Levanto, e digo: "Vamos até lá, onde se acham os criminosos!" - Todos se erguem para acompanhar-Me.

## **21. A CURA DOS CINCO POSSESSOS.**

1. Mal nos aproximamos dos prisioneiros começam a insultar-nos, a praguejar e a amaldiçoar-nos. Aconselho, então, que Julius e Cirénius recuem e dou ordem aos soldados para soltarem os algemados. Porém, eles receiam fazê-lo, em virtude da reacção violenta que poderia despertar. Digo Eu: "Obedecei e rápidos! De contrário vos espera a pior desgraça!"

2. Nem bem os cinco são libertos, lançam-se aos Meus Pés, exclamando: "Ó poderoso Filho de David, salva-nos da perdição eterna! Não tememos a morte, pois além de termos sofrido horrores durante a noite, fomos castigados pelas visões do sofrimento dos espíritos condenados ao inferno. Pedimos-Te castigo por cem anos pelos crimes cometidos, - protege-nos, porém, contra as penas e os horríveis tormentos infernais!"

3. Eis a linguagem das almas individuais no momento libertas dos seus algozes satânicos, que agora, entretanto, ganhavam supremacia sobre elas, gritando: "Que queres, miserável domador de insectos? Acaso tencionas entrar em luta connosco, deuses poderosos? Faz uma tentativa, que será a última! Afasta-te, miserável, de contrário serás reduzido a átomos e entregue aos ventos!"

4. Replico: “Com que direito atormentais há tantos anos estas criaturas? Sabei que soou a vossa hora derradeira! O “domador de insectos” vos ordena abandonardes, neste instante, estes infelizes, encaminhando-vos depois, ao mais profundo inferno!”

5. Uivam os demónios, desesperadamente: “Se tens poder para tanto, deixa que nos apossemos das formigas-brancas da África; preferimos permanecer lá do que em nosso reino!”

6. “Não”, digo Eu: “Não Me compadeço de vós por não terdes tido, tão pouco, compaixão daqueles que aniquilastes, não obstante os seus rogos fervorosos! Por isso, retirai-vos sem perdão!” A esta ordem potente os demónios abandonam as suas vítimas, lançando-as por terra.

7. Eu, porém, prossigo: “Ide, miseráveis! Descei aos infernos onde vos espera a recompensa!” Eles, no entanto, ali permanecem, implorando misericórdia e perdão, alegando ser a sua índole culpada de serem maus. Retruco: “Tendes de igual modo a capacidade para o bem, pelo conhecimento da verdade. O vosso orgulho, contudo, leva-vos a serdes maus e incontidos, por isso não mereceis perdão! É a vossa vontade sofrer, portanto, não intervenho em tal desejo! A Minha Ordem é eterna e imutável, – e sabeis o que vos cabe para aproveitá-la em benefício próprio. Sofreis, porque a desvirtuastes, – por isso desapareci da Minha Presença!”

8. Ouve-se um estrondo fortíssimo – e do solo surgem fogo e fumo, tragando estes vermes miseráveis, pois os espíritos exorcizados são quais serpentes negras, que desaparecem no interior da Terra. Todos os presentes tremem como varas ao vento.

9. Dirigindo-Me a Marcus, digo: “Dá aos enfraquecidos um pouco de vinho e depois, pão e sal.” Os filhos de Marcus debruçam-se sobre os cinco homens que, após sorverem alguns goles voltam a si, sem saber o que havia sucedido.

10. Digo-lhes Eu: “Servi-vos de pão, sal e mais algum vinho; isto vos fortalecerá plenamente.” Em poucos instantes eles recuperam as suas energias, levantando-se, embora pálidos e magros.

11. Algo impressionado, Cirénus indaga o que fazer com eles. Digo Eu: “Por hoje não te preocupes; necessitam primeiro de tratamento. Marcus manda trazer um pouco de óleo para as feridas, provocadas pelas correntes e cordas.”

12. A fricção com o óleo alivia os atordoados que, pouco a pouco, conseguem movimentar-se. Passado algum tempo indagam

o que lhes sucedera e Marcus responde: “Estivestes muito enfermos e fostes trazidos para cá, onde o Salvador de Nazaré vos socorreu. Mais tarde ides conhecê-Lo.”

## **22. DISSERTAÇÃO DESESPERADA DOS EX-POSSESSOS.**

1. Diz um dos cinco: “Sim, – começo a lembrar-me! Tenho a impressão de ter tido um pesadelo, no qual fui preso com mais quatro. Fomos conduzidos a uma gruta e entregues a demónios, que tudo fizeram para nos ensinarem o seu ofício de salteadores. Como reagíssemos, eles apossaram-se dos nossos corpos. Ignoramos completamente o que praticamos naquele estado; lembro-me apenas, que há bem pouco fomos aprisionados por soldados romanos. Devemos ter sido massacrados, a julgar pelas feridas e luxações. Meu Deus, que nos aconteceu?”

2. Diz o outro: “Queres saber o que fomos antes disto? Pertencíamos ao Templo e, como missionários, enviaram-nos aos samaritanos, a fim de convertê-los. Lá, porém, fomos informados de algo melhor e voltamos à Judeia para angariar prosélitos contra o sinédrio; eis que nos prenderam na fronteira e aqueles demónios nos enfeitiçaram, de sorte a não mais sabermos quem éramos. Devemos isto ao Templo, que somente aos maiores dá privilégios; os outros são uns vermes infelizes.”

3. Diz um terceiro: “Também me recordo como fomos torturados pela brutalidade dos templários. Devemos a nossa desgraça unicamente aos nossos pais, que pagaram somas consideráveis para que fôssemos aceites como fariseus! Após a experiência dolorosa no convívio daqueles malfeitores, de cuja influência agora fomos libertados, – resta saber qual o nosso futuro! Devemos retornar ao Templo? Por mim, preferia morrer!”

4. Concordam os outros dois: “Tens razão: uma morte rápida, que apagasse o nosso passado e a nossa própria consciência. Com que finalidade existimos, se nunca externamos desejo de viver? Acaso existiria um Criador que sentisse prazer em assistir ao sofrimento das Suas criaturas?”

5. Qualquer animal é mais feliz que o homem, pretendo senhor de tudo que existe! Vós, romanos, podeis enfrentar os animais ferozes de armas em riste; porém, qual seria a vossa defesa contra os demónios invisíveis? Fomos por eles escolhidos para que nos



tornássemos idênticos, – e nesse estado inconsciente usaram-nos para os seus crimes. Se ao menos nos fosse possível morrer para nunca mais termos consciência de uma vida...!”

6. Diz o primeiro: “É verdade, seria o nosso maior benfeitor quem nos pudesse dar a morte certa. Que nos adianta viver num mundo tão miserável, no qual os demónios, com facilidade, descobrem as suas vítimas? Seguindo-lhes as ordens o homem torna-se diabo; não lhes obedecendo é castigado da pior maneira possível!

7. Como Deus não compartilha das nossas dores, pode até sentir-Se feliz, enquanto nós sofremos, choramos, praguejamos e nos desesperamos! Onde está o Salvador que nos restituiu esta vida desprezível? Jamais deverá contar com a nossa gratidão, a não ser temporária, pois seremos gratos apenas pela morte eterna!

8. Quem sois, romanos importantes? A vossa aparência indica que servis a Satanás, por isso a vossa opulência não vos perturba. Quem não quiser ser molestado pelo demónio deve tratar em se lhe tornar idêntico. Consta que se deve servir a Deus e amá-Lo, – que absurdo ridículo! Fizemos isto desde pequeninos, – e vede o resultado!”

### 23. O ESTRANHO ESTADO PSÍQUICO DOS CURADOS.

1. Diz Cirénio: “Senhor, nunca ouvi semelhante discurso; o pior é que contém muita coisa verdadeira. Todos sentem o mesmo: a própria Yarah parece não saber o que pensar e o anjo, por diversas vezes, enxugou as lágrimas! Que devemos fazer?”

2. Digo Eu: “Preveni-te, anteriormente, que estes homens nos dariam muito que fazer. Tal não importa; **os maus espíritos, expulsos, deixaram alguns fluidos em seus corações**, mas a extinção dessa influência possibilitará uma cura completa. Além disso necessitam de algum repouso – e o dia radiante trará uma nota harmoniosa às suas almas. Ainda dirão outras coisas, sem prejuízo para vós. As suas almas provêm de mundos evoluídos, por isso devemos ter muita paciência. Oferece-lhes mais pão e vinho, que a sua fome e sede estão aumentando.”

3. Marcus, prestimoso, serve-os com gentileza, dizendo: “Saciai-vos, irmãos. De agora em diante não mais padecereis sobre a Terra, embora não seja um paraíso.”

4. Dizem os outros: “Pareces ser um bom diabo e talvez possamos trocar ideias! Se todos fossem iguais a ti, a vida não seria tão má. Acontece que até os bons são dominados pelos maus, que os impedem até de uma livre respiração.

5. Vê, o demónio completo está em mãos do príncipe dos demónios; a sua residência consiste de sangue humano, – e se chama o reinado de Deus! Sim, um Reino de Deus de ira e não de Amor! A razão disto, só Ele sabe. Existem alguns animais que vivem como criaturas felizes, enquanto o homem apenas é burro de carga! Nasce frágil e nu – e a Natureza nem o proveu de armas diminutas, tal como as formigas e abelhas, a fim de se defender contra um inimigo. Tanto numa caterva de tigres como numa de leões verás todos de índole semelhante; somente numa comunidade humana encontrarás uma parte diabólica. Por isso se desafiam e guerreiam.

6. Para encurtar, por que motivo consta na Escritura sermos “filhos de Deus”? Se Ele realmente Se interessa pelo bem-estar deles como fez connosco, sendo o destino dos pobres filhos de Deus servir aos demónios na maior degradação, – agradecemos por tal filiação divina!”

7. Reage Marcus: “É verdade que passamos por muitos dissabores; em compensação, espera-nos uma imensidade de crescentes bênçãos no além-túmulo. Se o filho de Deus O considerar, suportará esta curta vida de provação.”

8. Diz o primeiro orador: “Quem te afiança tal troca? A Escritura? Não te tornes ridículo! Observa aqueles que a divulgam, deixando-se homenagear como servos do Altíssimo! São os piores diabos! Que Deus venha Pessoalmente para lhes demonstrar as suas perversidades e adverti-los à penitência; de contrário, acontecer-lhe-á o que sucedeu aos dois anjos, incumbidos de avisar Lot e a sua família, no sentido de abandonarem aquela zona prestes a ser julgada.

9. Se o transmissor das Bênçãos Divinas é um demónio, explica-me qual deve ser a expectativa dos filhos de Deus a respeito daquelas promessas! A questão é a seguinte: ou Deus não existe e tudo que vemos, apenas, é obra da Natureza animal, – ou haverá um Ser Supremo que tudo rege, sendo, entretanto, demasiado Sublime para Se poder preocupar com os vermes terráqueos. A Escritura é simples obra humana e pouco de bom contém.

10. Consta ali: “Não matarás!” Todavia o Mesmo Deus ordenou a David desafiar e destruir filisteus e amonitas, inclusive

mulheres e crianças. Consequência maravilhosa! Acaso Deus não teria outros meios para exterminar os povos odientos que não fossem obrigar um homem a desobedecer uma lei dada por Moisés? Bem poderia evitar, que esse homem, com a ajuda dos seus soldados, matasse centenas de milhares somente porque, de acordo com o pronunciamento de um visionário, não eram decentes.

11. Sou de opinião que um Deus de Amor jamais deveria lançar os homens, qual cães raivosos, contra o seu semelhante, possuindo meios e poder de fazê-lo como bem o entendesse. Que Deus estranho, – por um lado ordena o amor, a paciência e a humildade; por outro, o ódio, a perseguição, a guerra e o aniquilamento. Realmente, quem entender esta desordem, por certo será uma criatura fora do comum.”

## 24. ALMAS DE VISÃO DIVERSA.

1. Retruca Marcus, prestes a perder a paciência: “Positivamente, não sei o que fazer convosco: não posso concordar com tudo, tão pouco vos contestar. As vossas queixas não deixam de ser razoáveis; contudo parecem-me um tanto exageradas. Já que me tomais por um bom diabo, digei-me: a nossa assembleia é toda diabólica?”

2. Responde o orador: “Em absoluto. Vê, este homem ao teu lado (apontando para Mim): é um homem perfeito, um real filho de Deus! Porém, dentro em breve, os demónios o aniquilarão. Lá atrás estão dois jovens e uma mocinha, também do Alto, que igualmente terão de lutar, caso não queiram tornar-se demónios. Os outros são pobres pescadores; tu e a tua família são uns bons diabos, na expectativa de vos tornardes criaturas verdadeiras, o que muita luta vos trará.”

3. Diz Marcus: “Como te é possível sabê-lo? Vejo apenas pessoas de perfeição gradativa, mas nunca diabos. No que se baseia a tua afirmação?”

4. Diz o outro: “Naquilo que vejo: os físicos são iguais, as almas mui diversas. Esta diferenciação consiste na cor e na forma. As almas por mim classificadas de puras são idênticas à nuvem no cume das montanhas, e o seu formato é muito mais formoso que o do corpo; as vossas almas são de tonalidade mais escura do que o físico e menos humanas, porquanto nelas se destacam claros vestígios animais.

5. Todavia descubro em vossas almas uma pequena e perfeita forma humana, toda de luz. Quando esta ali se integrar, estender-se-á também sobre o corpo. Não posso precisar este processo; para tanto, deves consultar criaturas perfeitas.”

6. Insiste Marcus: “Como é possível que vejas tudo isto?”

7. Responde o inquirido: “Durante o imenso sofrimento abriu-se a visão da minha alma, de sorte que posso diferenciar outras almas, criaturas, filhos de Deus e filhos do mundo, ou sejam, anjos ou demónios.

8. As criaturas diabólicas podem tornar-se anjos através de uma renúncia total; do mesmo modo, anjos se poderão transformar em demónios. Contudo, tal transformação é bem difícil, pela força independente das almas angelicais. Nós cinco fomos tentados pelo inferno; até então, porém, sem êxito. O nosso futuro está nas Mãos de Deus, que nos criou, sem preocupar-Se em demasia com o nosso destino. Por tal razão supomos que Ele não exista.

## **25. A FILOSOFIA NATURALISTA DE MATHAEL.**

1. Prossegue o vidente: “Tudo na Terra obedece a uma certa ordem e equilíbrio, o que leva a crer na Existência Divina; por outro lado, pode observar-se, não raro, uma desordem infinita, um despotismo incalculável, que força a criatura a duvidar de Deus.

2. Consideremos a inconstância atmosférica. Acaso apresenta ordem e harmonia? Observa a variabilidade de árvores e flores, a medida irregular das montanhas, dos lagos, riachos, cascatas e fontes. Nunca se manifestam harmoniosas, ao menos diante da nossa compreensão. O mar forma as suas margens irregulares, de acordo com a maré - e cabe ao homem impor-lhe uma barragem, pois por parte de Deus nada é feito.

3. Do mesmo modo, a criatura cultiva jardins, campos e vinhas, seleccionando os frutos de qualidade. Não consta existir um jardim cultivado por Deus, ou que Ele tivesse regulado o leito de um rio. As camadas geológicas se confundem tão caoticamente que fazem transparecer apenas a força cega do acaso.

4. Analisando, de per si, as coisas revelam traços fortes de uma sabedoria e poder divinos; em seu todo, porém, destaca-se o seguinte: ou Deus Se cansou de organizar e manter em equilíbrio aquilo que criou, ou então, Ele não existe; e as coisas se criaram

independentemente, dentro da lei natural, para mundo, sóis e luas, de acordo com o seu peso e proporções.

5. Quanto mais variados os corpos cósmicos em evolução tanto maior variabilidade apresentam em sua superfície. Daí surgiram os primeiros vestígios de vida, devidos à causa e ao efeito. A manifestação da primeira fagulha vital era seguida por outras, as quais criaram novas leis, destinadas ao desenvolvimento de uma vida perfeita. Deste modo ela se desenvolveu à máxima potência, de acordo com as suas próprias leis vitais, até que a mais apurada e consciente força vital começou a organizar, de modo retroactivo, a precedente natureza muda.

6. Se isto tudo surgiu naturalmente, logo se chega à conclusão de que existem apenas potências vitais da máxima variedade, desde o piolho vegetal à perfeição divina, – o homem! Assim, tornou-se possível a criação de uma Divindade positiva e negativa a um só tempo, desde eras remotas. Nesta qualidade as forças contrárias se desafiarão, até que a negativa, ou má, seja assimilada pela boa e mais poderosa, num contraste equilibrado. Desta fusão, tudo que por ora ainda é mudo, inconsciente e inerte, transformar-se-á após longos períodos, numa vida plena de vontade própria e conhecimento independente.

7. O facto de existir ainda hoje um verdadeiro caos, consiste em que a máxima potência vital denominada Deus, está longe da ordem desejada com a força negativa, Satanás, até que a esta sobrepuja e surja vitoriosa. O pólo oposto não estaria em constante luta contra a Divindade se não houvesse motivo para Dela se apossar.

8. Satanás deve, pois, sentir um grande agrado inconsciente pelo bem, razão por que procura subjugar a potência positiva; mas precisamente neste zelo constante, ele assimila as forças do Bem, melhorando a sua índole sem o querer. Desta forma se equilibra a sua força vital, que o faz adquirir ordem, conhecimento e compreensão cada vez maiores e, por fim, não poderá impedir a sua completa rendição, devido à impossibilidade dele evitar um total domínio da sua natureza e tendência.

9. Mesmo após a sua completa rendição, permanecerá ele um contraste com o puro Bem; será apenas equilibrado, como o sal também se contrabalança com o açúcar. Se a oliveira não tivesse sal na justa medida em raízes, tronco, galhos e folhas, jamais produziria o azeite doce.

10. Estou-me excedendo na dissertação que, por certo, não é por ti assimilada como deveria. Também não importa, pois não te quis apresentar uma doutrina da verdade, mas sim, apenas demonstrar a que conclusões a alma poderá chegar por sofrimentos quase insuportáveis, sem que seja atendida por Deus em tal aflição.

11. A alma, ou a verdadeira primitiva força inteligente, torna-se mais lúcida pelo sofrimento; vê e ouve tudo, ainda que distante dos olhos humanos. Portanto, não te debes admirar se fiz menção de vários corpos cósmicos, pois a minha alma os viu de modo mais perfeito que tu, até então pudeste observar esta Terra. Porém basta, será melhor se nos disseres o que devemos fazer, pois não podemos ficar aqui."

12. Diz Marcus: "Esperai mais um pouco até que o Salvador, ao Qual devem a vossa cura, assim o mande."

## 26. A LUTA NA NATUREZA.

1. Diz o orador: "A quem, entre vós, compete que agradeçamos?"

2. Responde Marcus: "Foi-nos proibido denunciá-Lo antes do tempo; em breve o sabereis, podendo então receber com alegria os elevados esclarecimentos a respeito das vossas falhas!"

3. Diz o outro: "Amigo, para nós não mais haverá alegria sobre a Terra; talvez, numa outra vida."

4. Diz Cirénius que se achava próximo: "Vede, sou Vice-rei da Ásia, de uma parte da África e da Grécia. Agora conheço-vos melhor e me proponho a zelar pelo vosso futuro, proporcionando-vos, outrossim, uma ocupação de acordo com a vossa capacidade intelectual.

5. Apenas deveis concordar que nós, romanos, em absoluto somos uns pobres diabos! Somos tão bem criaturas quanto vós. O facto de terdes sido triturados psiquicamente - por motivo que apenas Deus conhece - o que, contudo muito contribuiu para a purificação das vossas almas, não pode ser culpa nossa. Pelo contrário, fostes por nós curados, isto é, por Um do nosso grupo, Verdadeiro Salvador. Por isso, mudai de opinião que, em breve, podereis voltar à antiga alegria."

6. Diz o orador: "Amigo, observando o solo, verás apenas coisas que te alegram; o campo repleto de flores agrada aos teus olhos e o suave vaivém do mar enche de júbilo a tua alma; isto

porque não percebes como, debaixo destas maravilhas, uma infinidade de futuros diabos fazem surgir as suas cabeças, portadores de morte e desgraça. Para a tua compreensão, tudo que vês é a manifestação de vida, enquanto nós nos certificamos da morte e sua constante perseguição. Consideras as tuas amizades, e os poucos inimigos, enfrentarás com o teu poder; nós, porém, vislumbramos apenas inimigos invencíveis.

7. Como esta visão inconfundível e difícil se pode tornar uma alegria sincera. Afasta de nós este dom ou dá-nos explicação justa daquilo que vemos, - e os nossos corações hão-de alegrar-se. Possivelmente haverá, em épocas incalculáveis, um destino melhor para a alma que, pela luta, alcance a sua evolução espiritual; porém, onde buscar esta certeza? Será ela positiva?

8. A nossa visão permite-nos descobrir as condições vitais que nunca pudeste sonhar; todavia, nada vemos quanto à confirmação de uma vida feliz após a morte, - mas uma constante vigília, preocupação e luta. Toda a expressão de vida é luta contínua com a morte, como também toda a actividade é guerra constante contra a inércia. A calma desafia o movimento, por nela estar presente a tendência da movimentação. Quem será vencedor: a calma que procura o movimento, ou vice-versa? Desde a tua origem primitiva até hoje apenas lutaste - e enquanto assim permaneceres terás vida, mas uma vida de luta, com poucos momentos de alegria. Quando, porém, chegará a final bem-aventurança? É fácil dizer à criatura: sê feliz! A alma, no entanto, perguntará: por quê, como e quando? Compreendeste?"

## **27. MATHAEL FALA ACERCA DA ALMA DE CIRÉNIUS.**

1. Cirénius, arregalando os olhos e agarrando o orador pela mão, vira-se para Mim: "Senhor, que filosofia estranha! E no fundo, não há o que contrapor! Que dizes?"

2. Digo Eu: "Por que te surpreendes? Não te havia prevenido não ser fácil enfrentá-los? Prestai-lhes atenção que isto vos facilitará a compreensão das Minhas Próprias Palavras."

3. Novamente Cirénius se volta para Mathael: "Acaso poderias provar-me haver existido Deus antes dos corpos cósmicos que acabas de mencionar e dos quais não posso fazer ideia? As tuas palavras enchem o meu coração de dúvidas!"

4. Diz Mathael: “Fraco habitante terrestre que és! Embora já tenhas ouvido palavras sábias, cheias de força, vida e verdade, e teres presenciado o que pode o Verbo Divino, – não te é possível assimilar a sua profundidade. Permaneces algemado ao amor pela vida e partindo deste ponto, impossível se torna encontrar a verdadeira!

5. Enchendo um pote de água, não descobrirás os elementos nela contida, mesmo que a movimentes. Levando o mesmo pote ao fogo, em breve aparecerão os elementos de vapor, fazendo surgir pequenas bolhas na superfície – e os espíritos ainda contidos na água se reconhecerão, pois que no líquido frio não manifestavam vida, julgando-se unidos ao mesmo. A água, por sua vez, ao ferver, percebe que mantinha elementos de poder e força, os quais nunca teria descoberto em sua calma fria.

6. A tua vida por ora também é ainda pura, contudo fria e calma dentro do teu corpo. Poderás movimentá-lo à vontade sem que por isso reconheças a tua força espiritual; pelo contrário, quanto mais for agitado, facto comum entre as criaturas mundanas, tanto menor a possibilidade da água vital se reconhecer a si e ao seu próximo, pois pela agitação da superfície só se vislumbrarão caricaturas.

7. Se a tua vasilha com tal água for colocada sobre o fogo do amor, da maior humildade, dor e sofrimento, logo começará a ferver, com que as tendências libertas se reconhecerão, como também o seu estado primitivo de frieza e inércia, – isto é, a alma sensual dentro do corpo frágil – produzindo neste estado milhares de bolhas, qual olhinhos espertos que observam e assimilam os elementos surgidos, não mais como portadores da inércia. O pote, meu amigo, não será considerado pelos elementos de luz, mas aceite apenas como invólucro externo que merece ser lançado no monturo. Compreendes o que quero dizer?”

8. Responde Cirénius: “Penso que sim, isto é, no que se refere à aplicação da nossa vida psíquica. Foge ao meu entendimento, no entanto, o sentido mais profundo. Quererias apontar com isto a Existência Divina antes da Criação?” Diz Mathael: “Certamente; por ora, todavia, não o assimilas!”



## 28. MATHAEL FALA SOBRE DEUS.

1. (Mathael): “Vê, aquilo que defines como Deus, eu chamo de Água Viva, mas que não reconhece a sua própria vida. Quando for levada a ferver pela chama poderosa do Amor, – em si o Centro da Divindade – o Espírito Vital Se elevará acima da Água que O aprisionava anteriormente, – e nisto verás o Espírito Divino pairar sobre as águas, conforme fala Moisés. O conhecimento próprio e da água, faz com que o Espírito reconheça que fora desde eternidades, identificado com a Água. Tal conhecimento eterno é semelhante ao “Que se faça Luz!”

2. Tão logo o teu próprio espírito paire acima da tua água vital em ebulição, – começarás a conhecer a tua e a Vida de Deus dentro de ti.

3. Todo o ser teve um início, de contrário não teria surgido. Se uma existência conhecedora de si, e da sua força consciente e de tudo que a rodeia não tivesse tido um começo peculiar, também não se poderia manifestar. O mesmo se dá connosco: vivemos por nossa existência ter tido princípio.

4. Contudo já existíamos antes desta vida, como os vapores não surgidos dentro da água fria e calma. Do mesmo modo, a máxima potência da Vida de Deus continha uma dupla existência: primeiro, muda e apenas de consciência própria; segundo, derivada do início interno de actividade, livre e perfeitamente consciente.

5. A expressão de Moisés: “No princípio criou Deus Céu e Terra, e a Terra era vazia, deserta e havia trevas em suas profundezas”, aponta veladamente como a Eterna Potência Vital de Deus começou a descobrir e analisar o Seu Ser. O Céu representa a Sabedoria consciente do Seu Eu; no centro chamejante do Seu Amor, no que se entende a Terra, ainda permanecia a treva e o vácuo, portanto sem noção mais profunda do Próprio Ser.

6. Tal centro foi-se aquecendo mais e mais, à medida da pressão produzida pelas massas do externo conhecimento próprio. Em sua máxima incandescência o centro fez surgir o vapor (o espírito) da Água Vital, que pairava livremente sobre as águas da sua preexistência muda e serena, compenetrando-Se da Sua Própria Individualidade. Esta noção é a Luz criada por Deus para a extinção das trevas. Só então Deus Se manifestou como Verbo e o pronunciamento do “Que assim seja!” externa uma vontade plenamente consciente, – um Ser no Ser, uma Palavra no Verbo,

tudo no Todo! Eis o início da Fonte Primária da Vida consciente, surgida pela Vontade libérrima. – Estás depreendendo algo do que te digo?”

## 29. CIRÉNIUS E MATHAEL DISCUTEM.

1. Diz Cirénius: “Oh, sim; e isto em consequência de uma elucidação semelhante recebida durante esta noite a respeito da Génesis. Não duvido da veracidade de tudo isso; no entanto, não quero e não posso aprofundar-me num tema quando se torna por demais difícil. Em todo o caso, mantenho a minha proposta no sentido de zelar pelo vosso futuro. Não vos faltará oportunidade para penetrardes na verdadeira Sabedoria, – embora confesse que tal empreendimento seja mais prejudicial que salutar.

2. Observai-vos e dizei-me se tudo que sabeis vos trouxe felicidade! Penso que o homem mais feliz seja aquele que se dedica ao amor a Deus, cumprindo os Seus Mandamentos. Se Deus lhe der Sabedoria, como a Salomão, deverá aceitá-la e dela dispor com alegria. Se há-de trazer-lhe a infelicidade, é preferível toda e qualquer tolice, pela qual o coração se alegre.

3. Já me apoderei do conhecimento da vida eterna e do caminho para consegui-la; que mais haveria de querer? Aceitai o meu ponto de vista que sereis felizes na Terra, pois com as vossas lucubrações científicas jamais sentireis o valor e a ventura de serdes homens. Não é a sabedoria que nos proporciona a vida, e sim o amor; permaneçamos no amor, que não nos faltará sensação de vida. Eis a minha ciência e afirmo ser mais útil à existência humana que a vossa sabedoria tão profunda.”

4. Diz Mathael: “Por certo. Enquanto a água no pote não chega ao fogo, o seu estado perdura calmo e sereno. Tudo se modifica no momento da aproximação do fogo, o que terá de acontecer algum dia.

5. Não te devem faltar os meios para o teu ideal, sejas marechal de campo ou salvador. Pretendes alcançar a vida eterna sem, contudo, desejares analisá-la e reconhecê-la. Que farás? Se me quisesse casar e fugisse a todo contacto com o sexo oposto, não sei como realizaria o meu projecto.

6. O teu programa vital concretiza-se na vida eterna, e receias um pequeno esforço em estudar até mesmo a tua vida terrena e indagar as suas bases primitivas! Caro amigo, se a vida eterna

apenas dependesse de um gesto de Deus, como se tu me desses um pedaço de pão, o teu princípio seria mais vantajoso; acontece, porém, ela depender unicamente do nosso esforço!

7. Temos de agir e passar com a nossa água vital pela do espírito, e pelo fogo, através da nossa vida de dedicação ao próximo; só então começará a ferver a água no fogo do profundo amor para com Deus, com o semelhante e, finalmente, para conosco mesmos, quando percebermos que, dentro de nós, existe uma força inquebrantável, surgida apenas em tal momento - usaremos de todos os meios para conservá-la eternamente.

8. Para este fim não é possível levar-se uma vida cómoda, semelhante ao *"dolce far niente"*, mas sim, trabalhar, lutar e pesquisar sem trégua. Somente quando se tenha conseguido uma plena vitória sobre a vida de inércia e inconsciência, poder-se-á dizer uma palavrinha de felicidade.

9. Assemelhas-te a uma criatura ainda adormecida ao amanhecer, que os amigos de há muito tentam despertar, mas que os recebe um tanto aborrecida; quando tiveres despertado completamente, após algum esforço, compenetrar-te-ás do benefício e da alegria, alcançados por uma vida iluminada e livre. Só assim compreenderás que a nossa sabedoria é justa!"

### 30. JESUS ADVERTE CIRÊNIO.

1. Diz Cirênio: "Senhor e Mestre, que me dizes? Baseiam-se os conhecimentos de Mathael na verdade?"

2. Digo Eu: "Não te falei há pouco que deverias ouvi-lo? Se não falasse a verdade não o teria recomendado. Continua prestando-lhe atenção; usa uma linguagem forte, mas sincera e vos dará outras provas mais, pois até agora falou apenas em entrelinhas."

3. Diz Cirênio: "Agradeço de antemão! Por ora nos classifica de "pobres diabos"; entretanto, afirmas que se expressou veladamente! Acaso não é louvável querer eu cuidar do seu futuro? Nem mais tenho vontade de ouvi-lo; a sua opinião referente à vida pode estar certa, mas não é aplicável à nossa, terrena.

4. Os patriarcas e profetas bem se poderiam ter dedicado às coisas espirituais, pois tinham quem tratasse das suas necessidades físicas e deixasse de lado a imortalidade da alma. Recebiam apenas

leis que deviam ser consideradas, sem jamais descobrir a razão daquilo tudo.

5. Se tal noção serve para tantos, com ou sem expectativa de uma vida espiritual, não sei porque não se presta para nós? Neste caso deveria surgir a seguinte pergunta nos corações com verdadeiro amor ao próximo: Quem indemnizará aos muitos milhões de pobres diabos que, não obstante cumprirem as leis morais, serão condenados à morte eterna? Se forem obra do acaso, tal ensino terá boa base; porém, se todas as pessoas são criaturas de um Deus sábio e justo, deve haver um caminho mais prático para alcançar a vida eterna. Não existindo outro, a vida é a coisa mais desprezível que o raciocínio humano possa conceber. Se a vida imortal é prémio apenas para aquele que a consiga pelo esforço de outros, - não exijo uma fagulha da mesma, preferindo a morte eterna!

6. A Tua Doutrina com os seus ensinamentos, Senhor e Mestre, me são agradáveis e valiosas, pois contém um poderoso auxílio para a minha fraqueza. De acordo com Mathael, só posso recorrer a mim mesmo, pois seria o meu próprio doador e Deus não interviria. Apenas observaria o esforço de um pobre diabo em salvar-se das garras da morte, para galgar a vida eterna por caminhos espinhosos, escarpados e cheios de serpentes!

7. Não, não! Isto não pode ser! Sois tolos com tal doutrina da vida imutável! Imaginando, porém, seja o Doador da Vida como Tu, que no-la poderia restituir já na Terra, farei tudo a fim de alcançá-la. Assim fala Cirénus, Vice-rei da Ásia, África e grande parte da Grécia!"

8. Digo Eu: "Amigo, desta vez te excedeste numa discussão oca. Sabes da origem destes cinco fariseus. Purifiquei-os completamente, incendiando-lhes a verdadeira Luz da Vida, obstruindo o caminho pelo qual os seus hóspedes indesejáveis os poderiam perturbar. Distinguem deste modo os mais ténues fios do Espírito em sua origem, transmitindo a todos o que, em épocas remotas, só era dado a poucos; como podes aborrecer-te por isto?"

9. **Dizem o mesmo que Eu, apenas de modo mais realístico.** Reconhece o valor verdadeiro das suas palavras e tenta não te sentir magoado, se te for possível. Como o assunto se te afigura inoportuno não ages dentro da justiça. Deixa que Mathael prossiga e verás se o que diz é prático ou não, ou contra a Minha Doutrina."

### 31. MATHAEL EXPÕE O CAMINHO QUE CONDUZ À VIDA ETERNA.

1. Diz Cirénius: “Pois bem, veremos! Farei um implacável juiz!  
- Diz-me, Mathael, se os assuntos vitais são realmente o que afirmas, qual a situação dos que nunca ouviram tal coisa e a dos outros, que em épocas vindouras tão pouco terão conhecimento a respeito?”

2. Responde Mathael: “Muito boa, pois todos receberam e receberão uma doutrina prestável para activar a fantasia da alma. Nessa imaginação ela se fundamenta e vive uma vida de sonho, talvez por milénios. Contudo, ainda não se trata da verdadeira vida eterna; tais almas, quando desejam ingressar nela, passam no mundo dos espíritos por provas e lutas piores às que mencionei há pouco.

3. Quem trilhar tal caminho em vida, alcançará o destino desejado por um esforço mais poderoso e com sábio rigor, o que, na melhor das hipóteses, ser-lhe-ia possível fazer apenas no espaço de séculos, caso a alma continuasse num estado de sonolência. E isto, se tudo correr bem; poderá usufruir acções de vidas de fantasias desprezíveis, sem que consiga noção de algo real e verdadeiro além de si própria. Entretanto, as experiências dolorosas ensiná-la-ão, ser ela rodeada por inimigos, contra os quais não tem defesa, pois não os vê em sua cegueira.

4. Porém, um fisicamente cego, sempre vislumbra alguma coisa pela fantasia da sua alma; apenas as formas não têm consistência, bem como a luz, para ele, não existe. Ora vê tudo nitidamente, ora meio embaçado e, às vezes, a sua visão se apaga de modo completo.

5. Pelo mesmo estado uma alma passa em seu total isolamento: ora vê, ora está em trevas. Mas tão pouco luz e trevas lhe são algo real, mas apenas um reflexo temporário daquilo que ela assimila sem consciência e vontade, qual gota de orvalho que espelha o Sol. A gota, embora iluminada, não tem consciência da luz que reflecte.

6. O que ora digo, em nome dos meus quatro companheiros, faz parte da experiência que tivemos através de grandes sofrimentos, e separa a vida aparente da real, independente e verdadeira.

7. Tens a liberdade de escolha entre uma existência sofredora, algemada, e a Vida Libérrima de Deus; tudo depende da tua vontade. É como te digo, nem Deus te poderá apresentar outras condições.

8. Digo mais: a minha alma, que agora penetra numa visão cada vez mais apurada, vê e reconhece por si mesma, o Salvador que a libertou de uma quantidade de inimigos invisíveis da vida mais elevada e independente pela Omnipotência da Sua Vida Divina; Nele se concretiza mais que a Criação visível do Cosmos.

9. Ele, de toda a Eternidade, o ponto central consciente de todo o Ser e Vida, quer consolidá-La com a vida das criaturas; porém, consegui-lo-á apenas por uma renúncia inaudita. Deixará esta Sua Existência para ingressar na Glória Eterna de toda a Vida, para Si e todos os seres. Só então tudo tomará outro rumo, recebendo uma nova ordem interna; contudo perdurará a sentença: cada um tome o fardo da sua miséria externa sobre os seus ombros e Me siga! – Compreendes?”

10. Responde Cirénus, ainda um pouco mal-humorado: “Sim, e não posso deixar de confessar que falaste a verdade, não obstante tais condições de vida não sejam agradáveis de se ouvir.”

### **32. A UNIDADE DA VIDA ETERNA.**

1. Diz Mathael: “Não resta dúvida, soarem tais condições não tão agradáveis como as fábulas de uma fantasia primaveril, nas quais a vida humana flutua como os pássaros ou borboletas, que oscilam de flor em flor e saboreiam o doce orvalho das pétalas. Por este motivo tal existência de prazer é passageira e inconsciente. Considera a duração da vida humana: aos setenta, oitenta e noventa anos, o físico se torna fraco e pesado, bastando uma pequena moléstia para lhe trazer o fim.

2. Pergunto: que será depois? Quem poderia responder-te ao certo, caso não tivesses empregado todo o esforço para que o teu próprio ser te informasse previamente? Se esta santa resposta se faz ouvir em teu íntimo, não necessitas temer a vida de além-túmulo!

3. Eis por que não convém deixar parada, a sua água vital numa frescura agradável, mas sim, aproximá-la do fogo para que ferva e suba em vapores poderosos, transformando-se numa nova vida. Não obstante as minhas palavras te soem desagradáveis, são a

verdade plena, pela qual, unicamente, a criatura chegará à verdade absoluta, portadora da Vida Eterna!”

4. Diz Cirénius, mais conformado: “Tens razão, Mathael; reconheço que estás de posse do Verbo e nada há que contrapor. Apenas seria de se desejar que a tua doutrina sobre a vida fosse sintetizada num sistema, pelo qual se pudesse instruir os filhos a conseguir, neste caminho, com maior facilidade, o que para o homem se torna um complicado problema.”

5. Diz Mathael: “O teu desejo já foi realizado em parte e ainda mais o será no futuro, pois o Grande Salvador determinou as providências necessárias. Nós cinco já conhecemos esse trajecto; no entanto, seria difícil sistematizá-lo. Para homens como tu, talvez nos seja lícito demonstrá-lo, pois uma vez no caminho da verdade não haverá coisa que não se faça. **A vida verdadeiramente livre é uma só, em Deus, no anjo ou no homem.**

6. Todavia existem grandes modalidades, pois uma que há pouco se tenha tornado consciente não é tão poderosa como aquela, que de toda a Eternidade se reconheceu e consolidou em plenitude. Tal vida é o Senhor do Infinito – e todos os corpos cósmicos dependem do Seu Poder, bem como tudo que produzem.

7. Para nós não seria possível alcançar essa meta; no entanto, conseguiremos, na união com tal Vida, fazer por nós o que realiza a Vida Eterna de Deus, por Si. Além disso, existem certas forças vitais, perfeitas, que seguem directamente às Potências Divinas.

8. Acham-se elas muito acima das nossas forças, por livres e independentes que as tenhamos, e se chamam anjos ou mensageiros. São representantes isolados da Onnipotência de Deus; todavia, é-nos possível imitá-los pela união com o Pai.

9. **Não terás de passar por sofrimentos como o nosso, a fim de entrar nessa posse, pois as almas da Terra têm maiores vantagens, por ser ela a sua pátria, que as outras provindas de mundos mais perfeitos.**

10. Foi estabelecido de Eternidades, pela Natureza Intrínseca de Deus, que este pequenino planeta deverá tornar-se o palco da Sua Misericórdia, – e todo o Infinito terá de sujeitar-se a essa nova ordem, caso queira compartilhar da Bem-aventurança Eterna da Sua Vida Unificada! Assim, é preciso ser resignado, custe o que custar!

11. Realmente, se o nosso sofrer não tivesse término – noção que nos veio pouco a pouco – a morte plena seria mais desejável a uma vida cruciante, mesmo com a expectativa de felicidade eterna.

A finalização do nosso suplício deu-se pelo grande Salvador da Humanidade, precisamente antes do tempo apontado. Isso nos alegra sobremaneira, pois reconhecemos que o Grande Espírito de Deus determinou este orbe, não só para palco da Sua Misericórdia, mas para a condenação do orgulho, opulência e oposição a tudo que seja espiritualmente puro, bom e verdadeiro.

### 33. PROFECIA DE MATHAEL.

1. (Mathael): “Amigo, **as coisas piorarão na Terra** de tal forma que o próprio diabo não se animará em visitar as sociedades humanas; entretanto, haverá pessoas que fisicamente cegas e surdas verão e ouvirão mais que nós, actualmente. **Acumularão os vapores contidos na água, utilizando-os para trabalhos pesados**; por este meio farão até rodar carros de aço como se fossem flechas. Munidos da força da água os próprios navios navegarão qual ciclones, enfrentando as tempestades. Somente rochas e bancos de areia continuarão perigosos às embarcações.

2. Porém, **pouco depois, a vida humana passará por grandes vicissitudes**: o solo se tornará estéril, surgirão apenas carestia, guerras e fome; a luz da Fé na Verdade Eterna se apagará, o fogo do Amor se extinguirá, - **e então se dará o último julgamento de fogo sobre a Terra!**

3. Serão felizes, aqueles que não tiverem gasto a sua força vital apenas para o lucro material, pois quando vier essa grande prova do Céu, nada sofrerão, protegidos que são por tal potência. **Só aí a verdadeira paz da vida e a Ordem de Deus darão para sempre as mãos**, não mais havendo divergência e atrito entre aqueles que habitem a Terra, em companhia dos anjos. Se bem que não o assistiremos com o nosso físico frágil e quebrantado, as nossas almas testemunharão tudo que acabo de te falar.

4. Por mim não teria falado; sinto, porém, uma ânsia para tanto no coração da minha alma que, por certo, tem a sua causa Naquele que nos curou! Acaso me compreendes melhor?”

5. Diz Cirénius: “Oh, estamos de comum acordo, pois fiz uma conquista de inestimável valor no vosso convívio. Fica estabelecido: cuidarei das vossas necessidades materiais, recebendo em troca os vossos ensinamentos preciosos. Não deixa de ser uma troca desequilibrada, mas quem seria culpado disto? Estarás satisfeito?”



6. Diz Mathael: “Como não? Estamos contentes de poder ser úteis, pois nunca se deve desvalorizar uma dádiva material quando originada no Bem e na Verdade. O doador e o móvel da sua acção dão à mesma um valor de cunho espiritual. Onde há reciprocidade de favores entre o espírito e a matéria, tudo se torna espiritual, podendo-se aguardar em plenitude a Graça Divina.

7. Por isso não te preocupes se a tua dádiva material não corresponda à nossa, pois o espírito é senhor sobre a matéria. Esta, nada mais é, no fundo, que um espírito julgado e algemado, tendo de obedecer cegamente ao Espírito Livre de Deus, de cuja Omnipotência Infinita surge todo o julgamento, pois somente a Ele é possível revivificá-la como e quando quiser!”

8. Exclama Cirénius: “Estupendo! Por nenhum reino desta Terra permitirei que vos afasteis! Ao Senhor todo o amor e honra por Se ter apiedado de vós, proporcionando-me este convívio; sem Ele estaríamos todos perdidos!”

9. Concluem os cinco: “Amém, Ele merece todo o louvor, amor e honra, não só da Terra, mas de todo Infinito! É Ele quem transforma tudo que criou! O Seu Nome seja santificado!”

#### **34. OS CURADOS DESEJAM QUE SE LHES APONTE JESUS.**

1. Prossegue Mathael, sozinho: “Ele está em nosso meio; existem, no entanto, dois que muito se assemelham, de sorte que é difícil aos sentidos determinar qual seja o Verdadeiro. Penso ser o que, por diversas vezes, falou a Cirénius, mas também é possível ser o outro, pois ambos os semblantes irradiam alto grau de Sabedoria! Este já se fez ouvir e a sua palavra foi imponente, sábia e severa, – portanto, poder-se-ia admitir que um homem intelectual se externasse de tal forma. O segundo ainda nada disse, talvez por não desejar ser reconhecido. Quem, pois, teria coragem de se dirigir a esse?” (Trata-se de Tiago, o maior, que, como se sabe, se parecia muito Comigo e até usava vestimenta igual).

2. À instância de Mathael, os quatro amigos se levantam para resolver quem se deveria dirigir ao calado. Porém, ninguém se anima; por isso, Mathael se vira para Cirénius e indaga-lhe em surdina qual de nós dois seria o Salvador, pois não deseja render honras a quem não as mereça.

3. Diz Cirénius: “Por ora não recebi ordem neste sentido; aliás, pouca diferença fará, porquanto Ele só vê o coração da pessoa. E os vossos já se acham bem equilibrados; quando for da Sua Vontade, apresentar-Se-á. Todavia, não duvido que antes disso, a vossa perspicácia vos desvende quem seja o Verdadeiro e Poderoso.”

4. Conformados, os cinco judeus começam a observar a zona que desconhecem, pois sabem apenas que se acham no Mar Galileu. Informa Cirénius, prestimoso: “Estamos perto de Cesárea Philippi e em terras do velho guerreiro romano, Marcus, que vos serviu pão, sal e vinho. Como não estáveis, naquela hora, bem conscientes, não pudestes percebê-lo.”

5. Diz Mathael: “Tens razão; só agora o mundo exterior se está tornando mais alegre e agradável, o que antes não era possível. A verdade, meu amigo, sempre será verdade! O mundo, porém, é inconstante como os homens, indignos de inteira confiança; hoje ainda tens um amigo, amanhã, como lhe transmitiram uma calúnia qualquer, deixará de sê-lo, tornando-se teu juiz inclemente! Porém, o senhor, saberá organizar tudo em benefício da Humanidade.”

### 35. JESUS, O HERÓI, EM COMBATE CONTRA A MORTE.

1. Diz um outro, dos cinco: “Sim, irmão, nisto se baseia toda a nossa esperança! Ele terá de enfrentar Pessoalmente a luta contra o poder da morte, mas não se pode ter dúvida quanto à vitória certa! Conhece os limites da morte e sabe que a sua única potência nada mais é que uma ânsia pela vida, embora algemada, e este único poder não pode lutar contra, mas sim, para Ele e com Ele, a fim de não se aniquilar completamente!

2. **Sendo Ele Próprio a Vida combatente, permanecerá na supremacia contra todo o poder mortal**, porquanto a morte plena não possui força: perdura como pedra muda na mão poderosa do atirador.

3. Se existe morte no corpo físico do homem é ela, contudo, uma vida, embora em grau muito ínfimo. Tal vida aparente não lutará contra a verdadeira, a fim de aniquilar-se a si própria, mas a ela se prenderá para combater as supostas forças da morte, tal como um físico muito enfermo se agarra com avidez à taça da saúde, para prolongar a sua existência e no final ser absorvida pela própria vida.

4. Uma vez que a Vida se tenha concentrado, como fez por nós o ainda desconhecido Salvador, ter-se-á tornado divina e não haverá poder capaz de vencê-la, pois comporta a Omnipotência!

5. Sabemos o que sejam a Terra, o Sol, a Lua e todas as estrelas. Tais imensos corpos cósmicos de desconhecidas dimensões são, materialmente falando, inertes. A Omnipotência de Deus, no entanto, impulsiona-os em movimentação diversa.

6. Que poderão fazer contra essa constante força da libérrima Vida Divina? Nada! Qual poeira tocada pela tempestade, são eles compelidos em órbitas imensas, sem poder de reacção. Eis por que Ele vencerá - e, realmente, já venceu de há muito! Para dar oportunidade às criaturas de compartilharem na vitória da Vida contra a morte, será travada uma nova e última luta.

7. Assim, vejo gravados sobre todo o Infinito os seguintes dizeres, numa luminosidade eterna: “Ele, a Própria Vida Eterna, venceu para sempre a morte com as armas da morte, pois era preciso que esta se vencesse a si mesma para libertar a Vida, por Ele, o Guerreiro da Eternidade! Por isto, Salve, Tu Grande Uno!”

8. Tais palavras comovem os presentes de sorte que se lançam aos Meus Pés, acompanhando as exclamações ouvidas! Só então, os cinco Me reconhecem e Mathael, banhado em lágrimas diz, profundamente enternecido: “Tu! Tu és o Grande Eterno! Que sensação para nós, mortos, vermos o Único Vivo!” Em seguida se cala, contrito.

### 36. A VERDADEIRA ADORAÇÃO A DEUS.

1. Digo Eu aos prostrados: “Levantai-vos, amigos e irmãos! A vossa veneração é justa, pois é dirigida Àquele que está em Mim, - o Santo Pai de Eternidade! Estando Ele sempre em Mim, como Eu e vós também estamos Nele, deveríeis permanecer constantemente a Meus Pés, o que por certo, não seria agradável, nem para Mim nem para vós. **Basta que para sempre Me creiam e amem como vosso melhor amigo e irmão, agindo de acordo com o Meu Verbo.** O que passa disto não tem valor, porquanto não vim ao mundo para que Me tributassem uma veneração beata e deífica, como se fora Mercúrio ou Apolo, - mas para curar todos os doentes de corpo e alma, mostrando o caminho certo à Vida Eterna! Apenas isto; o resto é inútil, tolo e idiolátrico.

2. A verdade é que a criatura deva adorar a Deus, o seu Criador, sem cessar, pois Deus é Santo e merece ser venerado. Porém, Deus é Espírito e só pode ser adorado em espírito e verdade. Isto quer dizer que se deve sempre crer no Deus Verdadeiro, amá-Lo acima de tudo e cumprir os Seus fáceis Mandamentos. Quem assim agir ora, não só incessantemente, mas também em Espírito e Verdade, pois sem a devida acção toda a prece de lábios é simples mentira, com que Deus é desonrado.

3. Levantai-vos como criaturas livres, Meus irmãos e amigos! Não Me idolatrem nem denunciem ao mundo antes do tempo, pois redundaria em prejuízo, ao invés de benefício.”

4. Todos se erguem e Mathael toma a palavra: “Realmente, só Deus, de máxima Sabedoria e Amor, pode assim falar. Como se modificou o meu modo de pensar e sentir! – Senhor, atende ao meu pedido: jamais permitas que as nossas almas passem por provação como esta, da qual o Teu Amor, Misericórdia e Onnipotência nos salvaram!”

5. Respondo: “Permanecei em Mim através do cumprimento do Meu Verbo, que o Meu Poder e Amor estarão em vós, protegendo-vos contra qualquer tentação.

6. Os Meus discípulos anotaram o bastante para tal fim; lede-o, e compreendei agindo de acordo, – eis quanto necessitais antes da Minha Elevação!” – Os cinco judeus se acomodam.

7. Eu, porém, viro-Me para Cirénio: “Amigo, com estes a nossa tarefa está concluída; veremos em que consiste a culpa dos outros contra as leis de Roma. Prepara-te, – a sua questão não é fácil!”

### **37. PONDERAÇÕES DE JULIUS QUANTO AO INTERROGATÓRIO DOS OUTROS CRIMINOSOS.**

1. Indaga Cirénio: “Que se deve fazer com estes cinco, quase desnudos? Temos algumas peças de roupas de pessoas graduadas; portanto, não lhes poderei oferecer. Dar-lhes indumentária de servos romanos seria reduzi-los, em virtude da sua cultura espiritual. Que fazer?”

2. Digo Eu: “Uma roupa não tem outra finalidade que a de cobrir o corpo, tanto de pompa como de serviçal. Contudo, prefiro a última pois com a outra seriam alvo do riso do mundo, o que não merecem por já serem bons, conquanto dificilmente no mundo,

alguém possa ser bom! Com o tempo ainda terão de suportar o escárnio por causa de Meu Nome; assim, não quero que o suportem por causa do mundo.”

3. Atencioso, Cirénio manda distribuir as melhores roupas de serviçais entre os cinco judeus. Eles se externam com gratidão, pois afirmam que Eu haveria de recompensá-lo. Em seguida retiram-se a fim de se vestirem. Quando de volta, todos nos dirigimos aos presos políticos, ansiosos pela nossa presença.

4. Em lá chegando, lançam-se por terra, pedindo perdão. Trata-se de oito implicados, porquanto os demais haviam sido casualmente presos em sua companhia. Digo Eu a Julius: “Amigo, cabe a ti interrogá-los e chamá-los à responsabilidade.”

5. Aflito, este responde: “Senhor, embora tais assuntos nunca me houvessem causado dores de cabeça, este me deixa um tanto perturbado: a Tua Presença, a de um anjo, de Cirénio, e dos Teus bons discípulos, da sábia Yarah, – e dos cinco! Ainda assim devo interrogar os criminosos? O pior de tudo é que nem sei o motivo do seu aprisionamento. São apenas mensageiros do Templo, incumbidos da disseminação de calúnias contra Roma. Como obrigá-los a confessar, se não existem testemunhas?”

6. Intervém Mathael: “Isso é de menos, pois somos testemunhas reais a seu favor. Vimos que lhes foi imposta tal incumbência sob o risco de beberem a água maldita; isto se deu quando fomos enviados, simultaneamente, para a conversão dos samaritanos. São tão inocentes quanto nós. Podes interrogá-los sem temer a nossa “alta sabedoria”.

### **38. O INTERROGATÓRIO.**

1. Aliviado com as palavras de Mathael, Julius volta-se e diz aos prostrados: “Erguei-vos sem susto. Homens como vós devem ter coragem de enfrentar até a morte. Nós, romanos, não somos tigres nem leopardos, mas uma coisa é certa: não há crime mais condenável que a mentira! Castigamos o falso testemunho com a morte! Por isso, dissei-me a verdade, que eu, como vosso juiz designado por Deus, tratarei de vos salvar. Levantai-vos!”

2. Eles obedecem com dificuldade, pois estão ainda algemados. Eis que digo, em romano, a Julius: “Soltai-os, primeiro; a língua de um aprisionado também é presa.” Assim fazendo, Julius indaga dos doze: “Quem sois e onde nascestes?”

3. Responde um, em nome de todos: “Senhor, não temos documentos. Se quiserdes dar crédito às minhas palavras: somos templários amaldiçoados devido à beatitude tola dos nossos pais e nascemos em Jerusalém. A Lei de Moisés em relação aos filhos deveria passar por uma reforma, isto é, evitar que fossem sujeitos à obediência paterna, uma vez que tivessem alcançado um raciocínio próprio no convívio com pessoas esclarecidas. A infelicidade de muitos, deriva do orgulho tolo dos pais.

4. Em virtude de termos cumprido tal Lei, o qual, por certo, o profeta não recebeu de Deus, – enfrentamos-te como criminosos, juiz que és sobre vida e morte! Belo resultado da cega obediência aos genitores! Se falarmos com sinceridade das nossas acções maldosas, não haverá Deus que nos salve das vossas leis!”

5. Diz Julius: “Amigos, isto não faz parte do interrogatório! Basta que respondais!”

6. Intervém Suetal, o orador do grupo: “Nobre senhor, num julgamento mortal, tudo participa. Não podemos negar a nossa culpa contra Roma e não a poderás ignorar. Como os romanos, com toda severidade, são mais humanos que os senhores do Templo, a cujo assobio até Deus obedece, – pretendemos não só confessar o nosso delito, mas sim, esclarecer-vos o móvel da sua consumação. Desde que trocamos a água maldita pela ordem de rebelião contra Roma, tornamo-nos uns pobres diabos.”

7. Indaga Julius: “Que derivou tamanho castigo?”

8. Diz Suetal: “A denúncia de sermos amigos ocultos de Roma; para escapar à delação declaramos ser vossos inimigos – os nossos velhos pais tiveram de pagar a multa de várias centenas de libras de prata e mil bodes, dos quais, na certa, nenhum foi parar no Jordão, pois foram expedidos, como José, para o Egipto, a fim de serem saboreados.

9. Eis a causa do nosso delito; se tivéssemos tomado a água maldita, de há muito faríamos companhia a Abraão; como fomos perdoados pelo Templo, tal visita será feita agora! Dentro em breve ouviremos a tua sentença – e o fruto prometido pela rigorosa observação do quarto Mandamento será assim intitulado: “Que se prolonguem os teus dias na Terra!” Caso sejamos crucificados, pedimos-te que faças pregar estes dizeres no madeiro!”

10. Diz Julius, intimamente sorrindo: “Pelo que vejo, culpais unicamente o quarto Mandamento de Moisés; percebo, contudo, que não quereis ou podeis entendê-lo. A Lei manda que se honre aos

genitores, mas, em absoluto, que se lhes obedeça como a um soberano. Como homem de vastas experiências, deduzo que um justo amor aos meus pais, ainda vivos, seja a veneração precisa, imposta por Deus.

11. Portanto, se pais ignorantes exigem algo que possa acarretar prejuízo para os filhos, torna-se dever destes, expor-lhes o resultado negativo, com amor e paciência. Não desistindo do seu tolo rigor, o não cumprimento por amor justo, não é pecado diante de Deus e dos homens.

12. Além disto, deu Moisés uma explicação quanto à obediência filial na Constituição Teocrática, onde apenas é aplicável quando não infringe a Lei. Isto justifica o Mandamento de Moisés, – e a culpa consiste na ignorância dos vossos genitores e na vossa incompreensão do mesmo. Ou, então, a culpa também pode basear-se na vossa estultícia, o que será esclarecido em breve. A vossa explicação humorística demonstra pendor para chalaças de mau gosto, e desculpas desta ordem nunca são por nós aceites. Assim, tratai de apresentar outras, de cunho verdadeiro.”

### **39. SUETAL FALA DO TEMPLO E DO SALVADOR DE NAZARÉ.**

1. Esta reprimenda deixa os ouvintes perplexos, não sabendo Suetal como reagir. Depois de algum tempo diz: “Tanto tu quanto eu, estamos com razão! Se desde o berço ensinas à criança que dois e dois são cinco, ela te acreditará, tornando-se difícil tirar-lhe esta noção em adolescente. Quem, até hoje, nos teria explicado a Lei como tu? Não deveríamos interpretá-la como nos foi ensinada? Os nossos velhos pais não a entenderam de outra maneira e mesmo o Templo não o fez ou quis. Portanto, de onde buscar a justa compreensão? Além disso nunca deparamos com os Livros de Moisés, como futuros templários, pois tal só é permitido aos anciãos e escribas.”

2. Diz Julius: “Deveria supor-se que os servos do Templo entendessem a sua religião! Sempre considerei de suma importância conhecer as diversas doutrinas, porquanto traduzem a índole de um povo. Além disso, já não sois adolescentes, mas homens, dos quais se espera que venham a compreender a sua seita como sacerdotes. Que se ensina nas sinagogas?”

3. Responde Suetal: “Ensina-se a ler, escrever e contar, diversos idiomas e um extracto da Escritura Sagrada, no qual se exige, rigorosamente, aceitar o que o Templo impõe e divulga como Emanação Divina. Assim, pergunto de onde deveríamos tirar uma compreensão mais profunda. Contigo tal não se dá, pois és soberano e podes ordenar que te desvendem os segredos templários. O reitor sabe que investigarás tudo a fundo e aquilo que o aguarda, caso descubras algo oculto; por isso te revelará até o Santíssimo, no qual apenas o Sumo-sacerdote pode penetrar – conforme a crença do povo – duas vezes por ano. Se um dos nossos fizer tal exigência, enfrentará a água maldita.

4. Existe uma certa casta de servos que já viu o Santíssimo; é, no entanto, muito bem paga e, além disso, ameaçada com a morte em caso de traição. Portanto, repito: de onde deveríamos buscar a verdade sobre a nossa Doutrina mística? Penso que como juiz humano farás um julgamento justo sobre a nossa questão. Sabes em que consistem os nossos crimes e qual a culpa que nos cabe. Se tiveres outra acusação, externa-te, que nos saberemos defender!”

5. Diz Julius, calmo: “Longe de mim duvidar das vossas palavras, pois estou mais que convicto de que falastes a verdade quanto ao Templo; neste sentido o interrogatório terminou e vos declaro isentos de culpa.

6. Existe outro ponto duvidoso, de cujo esclarecimento depende a nossa futura amizade! Naturalmente já vos falaram acerca de um certo Jesus de Nazaré, filho de um carpinteiro que realiza grandes milagres como Salvador, divulgando, ao mesmo tempo, uma Nova Doutrina. Dizei-me o que sabeis sobre isto!”

7. Responde Suetal: “Realmente, ouvimos falar de longe, sem precisarmos informes mais concludentes, porquanto a nossa tarefa nos levou a outras zonas e só há poucos dias chegamos aqui, onde nos prenderam. Sabemos apenas que a sua fama se estende até Damasco e Babilónia – e gostaríamos de saber como consegue realizar os milagres.

8. Se Deus existe, não é possível assistir por mais tempo às perversidades templárias, pois, deve-nos mandar um Salvador! Afirmo-te: tudo que um homem, em sua mais profunda depravação, possa imaginar, é praticado entre as muralhas do Templo. Vícios incontidos são contaminados à Humanidade de um modo tão cínico, que não podes conceber. Nem quero fazer menção à mais vil



deturpação das Leis Divinas; inventaram-se crueldades horrendas, com as quais Moisés nunca sonhou!

9. Assim sendo, de há muito necessitamos de um Redentor, não para nos libertar dos romanos – pois sois nossos benfeitores, – mas dos dragões do sinédrio. Poderia haver pensamento mais atrevido que o de ter dado Deus, o Omnipotente, ao mais nojento verme todo o poder, de sorte que pudesse este agir contra a Própria Divindade e as Suas criaturas como bem o entendesse? Externamente ostenta a mesma face consoladora, como na época de Salomão; no íntimo nada mais é que um verdadeiro inferno! Nada adianta comentá-lo; preferimos ouvir da tua pessoa definições sobre o Salvador!”

#### **40. PORQUE OS ACUSADOS VIERAM À GALILEIA.**

1. Diz Julius: “O que diz respeito às traficâncias do Templo nada de novo nos informais e a hora do castigo não está longe. Até então não o chamamos à responsabilidade em virtude da cegueira do povo, que o considera um santuário. Quando a maioria tiver melhor noção será fácil para Roma destruí-lo. Para este fim contribuirá a nova e verdadeira Doutrina do Salvador, pois é de fácil compreensão para os de boa vontade. Porém, se a índole das criaturas já estiver pervertida não poderá aceitar estes Ensinamentos Divinos; eis, então chegado o momento para o uso da espada de Roma e o Braço de Deus ali estará! – Agora, outra coisa: quais os resultados da vossa rebelião contra o Império e o que vos trouxe à Galileia?”

2. Responde Suetal: “A nossa acção concretiza-se no disseminar as traficâncias templárias e nesse empreendimento demos precisamente com uma zona mui devota. Dentro em breve íamos ser espionados e só nos restou fugir. Conseguimos isto durante a noite fechada, e após alguns dias de marcha aqui chegamos. Não levou tempo e travamos conhecimento com pessoas que, hipocritamente, se queixavam do jugo romano. Devido à nossa incapacidade de percebê-lo, caímos na armadilha e fomos presos pelos esbirros. Eis tudo.”

3. Diz Julius: “Mantenho a minha decisão anterior, declarando-vos inocentes. Quais são os vossos planos atuais, já que não podeis voltar ao Templo?”

4. Diz Suetal: “Senhor, eis uma questão difícil! Dá-nos tempo para reflectir.”

5. Vira-se Mathael para Suetal: “Dar-te-ei um conselho, cuja aceitação reverterá em teu benefício.”

6. Indaga aquele: “Não és um dos nossos cinco companheiros?” Mathael o afirma e continua o outro: “Como podes então aconselhar-nos, se foste acorrentado como possesso? A bordo te portaste, ora como touro, ora como tigre! Como te é possível falar tão razoavelmente? Quem te curou? Ah, já sei! O juiz que acaba de nos absolver falou a respeito de um Salvador de Nazaré. Sem o perceberes és uma prova, com os teus cinco companheiros, da acção milagrosa daquele homem. Por certo está aqui! Esclarece-nos, antes do teu conselho a respeito do nosso futuro!”

#### **41. MATHAEL CONTA O SEU PASSADO.**

1. Diz o interpelado: “Amigo, fomos colegas no sinédrio, cumprimos o mesmo destino, sendo o vosso a zona do Sul, e a nossa, o Este. Lá caímos nas mãos de hordas diabólicas e o nosso físico foi usado para sua morada. O Grande Salvador, todavia, curou-nos através do Seu Verbo Onnipotente.

2. Acha-se Ele em nosso meio, mas ainda é cedo para O conhecerdes. A hora precisa para tanto, Ele Próprio a determinará; assim sendo, qualquer indagação será inútil.

3. Sois filhos do mundo, mas podeis ingressar na verdadeira Filiação Divina, no que estes senhores de Roma vos auxiliarão. Isto porque o Vice-rei Cirénius também se acha aqui.

4. Lá atrás se encontra um grupo de trinta templários, os quais pertencem à legião estrangeira, como legítimos romanos. Fazei o mesmo, que vos salvareis, podendo viver fisicamente como tais e, pela índole, como judeus verdadeiros. Compreendeis?”

5. Diz Suetal: “Sim, sim! O teu conselho é bom; mas e o politeísmo romano?”

6. Interrompe Mathael: “É mil vezes melhor que a crença templária! Diz-me, qual seria o sacerdote, crente verdadeiro de Deus? Servem todos ao pecado e aos demónios. De há muito perderam a vida da sua alma; portanto, como poderiam demonstrar e transmitir a sua imortalidade?”

7. A verdadeira vida deve ser descoberta pela luta da mesma contra a morte, pois adquire em tal porfia estabilidade cada vez

mais activa. Como, pois, poderia um morto demonstrar-te a vida que jamais reconheceu, dentro de si? No Templo de há muito reina a morte definitiva; aqui, porém, a Vida Eterna! Os romanos conseguirão aperceber-se desta verdade, enquanto o Templo permanecerá nas trevas. Assim, qual é a melhor entre as duas alternativas?"

8. Profundamente admirado com a eloquência de Mathael, Suetal vira-se para Julius, dizendo: "Nobre senhor, perdoa a demora da minha resposta; as palavras de Mathael nos tocaram o fundo da alma, de sorte que não podemos formar ideia precisa."

9. Diz Julius: "Ouvi-o, pois! Sabe mais que eu, e melhor vos poderá aconselhar."

10. Responde Suetal: "Já o fez - e depende de ti aceitar-nos na legião estrangeira."

11. Diz Julius: "Está bem! Contudo, o vosso amigo é capaz de ainda vos transmitir conhecimentos profundos." - Afirma o outro: "Sim, não resta dúvida; porém, a origem do seu saber é inexplicável."

## **42. A ALMA E O ESPÍRITO.**

1. Diz Mathael, que ouvira as últimas palavras: "Liberta a tua alma de todos os laços mundanos, que compreenderás facilmente de que maneira a mesma consegue alcançar a máxima sabedoria. Enquanto permanecer encoberta pelo mofo mortal, isto é, o corpo, não será possível falar-se ou vislumbrar uma fagulha da Sabedoria Divina.

2. Lá, na vossa frente, vês um tronco. Se o usares como assento, nem em mil anos terás dado um passo: apodrecerás junto dele. Tudo que é inerte tem de ser destruído, a fim de passar para outra esfera de vida. Porém, se tomares um navio e te puseres ao leme, em breve alcançarás um país desconhecido, onde obterás novos conhecimentos que enriquecerão o teu tesouro de experiências. Enquanto te preocupares com o físico e por uma vida agradável e confortável, permanecerás sentado no tronco; renunciando ao excesso de cuidado pelo corpo, preocupando-te unicamente com a vida da alma e do espírito, embarcarás no navio da vida, para o teu progresso. Compreendes?"

3. Diz Suetal: "Mas, alma e espírito não são idênticos?"

4. Responde Mathael: “Amigo, se ainda ignoras que em cada alma reside um espírito vital, ainda estás longe de compreender de onde me vem este escasso conhecimento. Será difícil falar-te, pois não ouves nem vês de ouvidos e olhos abertos.

5. **A alma é apenas um invólucro da Vida de Deus, mas não a Vida Mesma;** pois, se assim fosse, como poderia um profeta falar, tanto da obtenção da Vida como da morte eterna? A alma consegue a Bem-aventurança, apenas no caminho da virtude espiritual; portanto, é somente invólucro e nunca, a Vida Mesma.

6. **Existe uma fagulha no centro da alma, denominada Espírito de Deus ou a própria Vida.** Essa fagulha tem de ser alimentada com o Verbo do Pai. Deste modo cresce e torna-se mais poderosa dentro da alma, nela penetrando completamente. A alma, então, transforma-se em espírito reconhecendo-se a fundo.

7. Neste estado também é conhecedora da Sabedoria Verdadeira que é a luz do Espírito em seus olhos. Porém, quando alguém indaga o que é o espírito, – como poderá fazer penetrar a sua luz nessa alma cega?”

8. Diz Suetal: “Amigo, peço-te que silencies até que possamos assimilar a tua sabedoria. Para tanto é preciso um grande preparo que por ora ainda nos falta. Contudo, desejamos tornar-nos teus discípulos.”

#### **43. A RESPEITO DA VIDA E DA MORTE.**

1. Diz Mathael: “Uma boa e sincera vontade é quase meio caminho andado para a obra se realizar; porém, deve a criatura não permanecer apenas na boa intenção, mas pôr mãos à obra, de contrário o incentivo esfria com o tempo, tornando-a incapaz para a realização de qualquer objectivo.

2. Vê, enquanto a água está fervendo, pode-se cozinhar vários frutos, transformando-os em bom alimento; porém, nada feito quando a água estiver morna ou fria.

3. Portanto, é a vontade do homem comparável à água fervendo dentro do pote. O amor a Deus e ao Bem que Dele deriva, é o justo fogo que leva a ferver a água vital (alma). Os frutos, no entanto, são as boas acções ainda não realizadas, pois necessitam ser cozidas enquanto a água se achar em ebulição.

4. Eis porque se deve pôr em prática o que se deseja, de contrário a vontade permanece mentira diante do espírito, – e da mentira jamais surgirá uma verdade.

5. Esta é a vida, – a mentira é a morte; por isto procura em tudo a verdade, fugindo à mentira dentro e fora de ti! Acaso aquilo que imaginas possuir representa algo de real? Digo-te, é nada, e o nada não tem vida!

6. Se tencionas construir sem material e operários, que aparência terá a tua casa? O material constitui as obras e acções de uma vontade viva, e os operários representam a própria vontade activa, construindo com as tuas obras a justa morada. Terás assim uma casa verdadeira, sendo a tua Vida real em Deus, eternamente indestrutível. Jamais se edificará algo com pouco esforço e muito menos a Casa da Vida do Espírito! Deste modo, necessário é ser-se activo com todas as forças disponíveis para a edificação da nossa futura morada.

7. Consta ter Noé iniciado a construção da Arca com muita morosidade; percebendo isto, os seus adversários destruíam à noite o que havia feito de dia. Só depois de muitos anos começou Noé a trabalhar dia e noite com auxílio de guardas; assim, o trabalho se fez rapidamente e a Arca o protegeu contra os seus fugitivos, e como se sabe, contra a morte certa.

8. Digo-te com sinceridade: somos todos qual Noé, e o mundo com as suas mentiras e hipocrisias é o constante dilúvio. Para que não sejamos tragados, necessitamos trabalhar na consolidação da nossa alma, a fim de mantermos e completarmos a sua vida espiritual, provinda de Deus.

9. Quando o dilúvio das tentações mundanas desaparecer na profundidade da sua própria nulidade, o espírito surgirá potente dentro da alma, criando liberdade sem par na esfera pura e neo-criada; uma obra nova sem a ameaça do perigo de salteadores, abençoando, com Deus, todo o Infinito! Assimilaste este quadro?"

#### **44. O SENHOR CUIDA DOS PRISIONEIROS.**

1. Perplexo, Suetal vira-se para Julius, dizendo: "Senhor, é incompreensível aonde este homem foi buscar tão profundo saber, pois, durante a travessia para aqui, portou-se como louco! Como se pode explicar?"

2. Diz Julius: “Não sabes que para Deus todas as coisas são possíveis? Considera as suas palavras e saberás dentro em breve a maneira pela qual se consegue tamanha sabedoria. É preciso empregar a máxima actividade, para nela penetrar, pois não há ciência que a explique.”

3. Diz Suetal: “Está bem; onde, entretanto, é possível achar-se o caminho certo?”

4. Responde Julius: “Ainda é cedo e até à noite tereis oportunidade para conhecer tal caminho. Enquanto isso, meditai e usai a vossa liberdade, pois já vos declarei inocentes; porém, nunca tenteis agir contra nós, que o castigo virá na certa!” Voltando-se para junto de Mim, Julius indaga se a sua atitude estava dentro da Minha Ordem.

5. Digo Eu: “Que diz a voz do amor em teu coração?”

6. Responde ele: “Está plenamente feliz e ao mesmo tempo preocupado para levar estas criaturas ao bom caminho.”

7. Digo Eu: “Neste caso tudo está na melhor ordem e não será difícil achar algo de bom para o seu futuro; todavia, terão de passar por algumas tribulações. A ideia de enquadrá-los com os outros na Legião Estrangeira é boa; devem apenas achar meios para o progresso espiritual, a fim de que, em breve, possam prestar-vos bons serviços, através da sua compreensão apurada. Não convém ficarem na Galileia, pois o Templo saberá da sua apostasia e obrigará Herodes a lhes fazer caça. Porém, verificando-se o facto de não os encontrarem, declarar-se-ão perdidos estes quarenta e sete membros do sinédrio. Assim, tanto eles quanto vós romanos, estareis salvos!”

8. Indaga Cirénio: “Não estariam seguros em Tyro ou Sidon? Lá vivem poucos judeus.”

9. Digo Eu: “Sim, porém, melhor seria a África ou uma cidade no Pontus Euxinus.”

10. Diz Cirénio: “Muito bem, descobrirei um lugar seguro contra a perseguição judaica.” Intervém Julius: “Os cinco me compadecem, pois a sua sabedoria é extraordinária e em seu convívio poder-se-ia alcançar mais rapidamente o verdadeiro destino.”

11. Digo Eu: “**Amigo, os únicos indicados, caminho e destino, sou Eu!** Quem deu aos cinco o que possuem? Eu! Se Me é possível transformar cinco loucos em sábios, quanto mais não farei contigo, que és normal!”

12. Eu sou a Verdade, o Caminho e a Vida! Possuindo-Me, para que fim necessitárias daqueles curados? Prestarão grandes serviços à Humanidade, por Mim e em Meu Nome. Tu não precisas deles, quando vivem em Genezareth Ebahl, Yarah e Raphael! Onde, na Terra, haverá um lugar mais bem provido, espiritualmente falando?

13. Ouviste Suetal indagar como e por quem os ex-criminosos se integraram na máxima sabedoria; para eles, tal facto é um mistério, o que não se dá contigo. Assim, como podes tomá-los por quase tão sábios quanto Eu?"

14. Diz Julius, meio surpreendido: "Fui tolo, Senhor, e peço-Te perdão!"

15. Digo Eu: "Nada Tenho a perdoar-te; basta que tenhas estabelecido a ordem interna que todos os teus pecados te serão perdoados. - Manda trazer pão, vinho e sal para estes doze, que até agora foram alimentados pela Minha Omnipotência."

#### **45. A CURA DE UM ARTRÍTICO, NO PRADO MILAGROSO.**

1. Mal os curados avistam os alimentos, manifesta-se neles fome voraz, que leva Julius a observar: "Não comais com muita avidez, se desejais ficar sãos." Eles prometem alimentar-se com parcimónia, contudo, acabam com a farta ração em breves instantes. Pedem assim algo mais.

2. Diz Julius: "Por ora é só; dentro em pouco almoçamos."

3. Diz Suetal: "Ótimo; confessamos, porém, não poder pagar ao hospedeiro."

4. Diz Julius: "Como súbditos de Roma, não necessitais de vos preocupar com tal despesa: o hospedeiro foi previamente indemnizado por muitos anos, tanto que podemos ser hóspedes por mais de doze meses e ele ainda levará vantagem."

5. Dizem os doze: "Amigos, a vossa linguagem é bem diferente da do Templo, onde se jejua, a fim de se poder orar, até que o estômago comece a protestar. Os graduados, porém, alimentam-se diariamente, em honra de Jehovah! Viva Roma e os seus dignitários!"

6. Diz Julius: "Muito bem, amigos! Sois de boa índole, embora ainda mesclada de amor-próprio, coisa que com o tempo, tenderá a

desaparecer. Por hoje fazei-vos expectadores dos acontecimentos prestes a se desenrolarem!”

7. Os outros indagam entre si quais seriam os factos extraordinários que se dariam, e o loquaz Suetal observa: “Ora, que será? Por certo os romanos farão realizar alguns jogos, aos quais poderemos assistir com os seus novos conterrâneos.”

8. Diz um outro: “Qual nada! Sei positivamente que três dias antes da vossa chegada se deram factos inéditos nas montanhas de Genezareth: e pelo comandante romano foi dito que o mencionado Salvador, havia lá curado pessoas das mais variadas moléstias, apenas pela sua palavra poderosa!

9. Tenho um irmão, ora herdeiro único dos bens de nosso pai, que há anos padecia de reumatismo gotoso, não podendo sentar-se, deitar ou andar. Por este motivo vivia dependurado num cesto forrado de palha. Às vezes gritava dias consecutivos para depois desmaiar de dores, assemelhando-se a um morto. Tudo se fez para a sua melhora, recorreu-se até à água do Lago Siloé, – tudo em vão!

10. Quando se espalhou em nossa zona o boato das curas milagrosas do Salvador, conduzi o meu irmão até Genezareth com o auxílio dos meus empregados. Qual não foi a nossa decepção quando, ao lá chegarmos, nos informaram que ele havia seguido para uma montanha próxima e ninguém sabia quando estaria de volta. Chorando de tristeza, lembrei-me de pedir a Deus que curasse o meu pobre irmão, uma vez que não devia ter a felicidade de encontrar o Salvador. Fiz até a promessa de desistir, como primogénito, dos meus direitos, querendo servir ao meu irmão até ao fim da minha vida.

11. Neste ínterim se aproximaram alguns serventes da estalagem contando que o Salvador havia curado a muitos. Em seguida havia transposto uma montanha jamais escalada, e agora se encontrava num prado por ele abençoado, onde todo aquele que o pisasse ficaria são.

12. Incontinente, fiz transportar o meu irmão para ali – E mal se deitou na relva começou a esticar-se com satisfação: as dores haviam desaparecido e, em poucos instantes, achava-se tão forte quanto eu! De acordo com a minha promessa cedi-lhe os meus direitos e com prazer faço todo o serviço, embora o meu irmão bondoso procure impedir-me.

13. Infelizmente essa alegria não perdurou, porquanto vieste, tornando-nos culpados da prisão em vossa companhia. Com este



relato queria apenas chamar atenção para o Salvador e, pelo que vejo, encontra-se ele neste grupo. Assim presumo ter o comandante se referido ao mesmo. Que dizeis?”

#### **46. A INFLUÊNCIA DO SALVADOR MILAGROSO.**

1. Diz Suetal: “Poderás ter razão e eu anseio por conhecer este já célebre Salvador. Tanto em Samaria quanto em Sichar falam apenas nele! No Templo, porém, procura-se dia e noite um meio adequando para o exterminar. Tendo ele à sua disposição as forças sobrenaturais e a amizade dos dignitários de Roma, terão os fariseus tanto poder quanto um mosquito para um elefante!

2. Consta ter ido ao Templo pela primavera, fazendo um verdadeiro expurgo! O povo ignorante o toma por amigo de Belzebug; outros, por um grande profeta; os gregos e romanos, por um mago. Contudo não convém repetir a purificação do Templo, caso não seja dotado de poderes divinos; não lhe seria possível proteger-se contra as constantes maquinações do sinédrio. Em suma, quem não enfrentar esses falsários com raios, trovões e chuva de enxofre, vindos do Céu, pouco ou mesmo nada conseguirá!

3. Intervém o primeiro orador: “Não concordo, pois se os maiores não o impediram naquela ocasião, dificilmente o farão numa segunda oportunidade. Quando a vontade é amparada pela força divina, os adversários não conseguem nada.”

4. Diz Suetal: “Amigo, não percebes isso a fundo. Durante a purificação do Templo, os sacerdotes puderam guardar várias centenas de libras em ouro e prata. Assim, poderá o Salvador repetir a sua atitude, que ninguém o impedirá. Porém, se atacar as fraudes descabidas daquela casta, veremos quais as consequências.

5. Quanto tempo faz que se aniquilou o profeta João, não obstante a protecção de Herodes? O Templo meteu-se a intrigar com a mãe de Herodias, e o próprio Tetrarca se tornou assassino do seu célebre protegido. As tramas templárias impõem até um certo respeito aos romanos; conquanto muita coisa seja denunciada, de nada adianta quando não é possível impedir as traficâncias.”

#### **47. A PALESTRA ENTRE MATHAEL E SUETAL.**

1. Neste momento interfere Mathael que havia assistido à conversa: “Sois ainda muito ofuscados pelo mundo, mormente tu,

Suetal e os teus setes colegas, pois nem de longe pressentis o que se passa aqui.

2. Não resta dúvida, estar presente entre nós, o Salvador de Nazaré; todavia, não imaginais Quem seja verdadeiramente, e proferis tolices a Seu respeito.

3. O homem justo não deve falar a não ser a verdade; desconhecendo-a, deve calar-se e pesquisar. Somente quando dela inteirado, deverá externar-se, pois aquele que fala sem ter reconhecido a verdade, mente, mesmo externando-a por casualidade.

4. Jamais a boca de um justo deve pronunciar uma mentira, testemunhando encontrar-se a alma na morte e não na vida. Portanto, quem se apraz com a mentira, longe está de conhecer o valor da Vida, identificada com a Verdade. Somente esta, liberta a tua alma, revelando-te o Infinito de Deus em Sua Natureza Intrínseca e Actividade.

5. Se pensas e falas como acabas de fazer, testemunhas evidentemente que a tua alma habita num antro, ao invés do Grande Templo da Luz e de toda Verdade!

6. Em que se baseiam as vossas reflexões? Acaso não fostes avisados, pelo esclarecido comandante Julius, que haveríeis de ouvir e assistir a muitos factos sem indagações fúteis, mas sim, recebê-los com amor e aplicar os ensinamentos, pois que a explicação viria por si só? E as suas palavras foram justas e verdadeiras! Portanto, deixai os comentários supérfluos e sem base e assimilai tudo sinceramente; o vosso proveito será maior que se fordes divulgando mentiras, convictos de ter falado a verdade.

7. Sempre é melhor perguntar, que querer explicar algo sem base; mas é preciso saber a quem e o que se indaga, de contrário cada pergunta tornar-se-á uma tolice, obtendo resposta mentirosa.

8. Devo possuir – através da experiência – a plena convicção de que o interpelado me possa responder dentro da verdade; além disso, é necessário ter eu meditado se aquilo que desejo saber não é uma banalidade, demonstrando eu deste modo ignorância imperdoável ou, até, maldade oculta. Considerai esta regra de boas maneiras, pela qual sereis, ao menos, criaturas modestas.”

9. Reage Suetal, um pouco irritado: “Amigo Mathael, estás nos repreendendo sem que tivesses recebido ordem para tanto! O teu conselho é bom e verdadeiro; porém, falta-lhe certa amabilidade, de sorte que não nos impressiona agradavelmente. Segui-lo-emos por

termos aceite a sua verdade plena; contudo, opinamos não ser esta menos patente quando apresentada em vestes agradáveis.

10. Dois e dois são quatro, e esta verdade mantém-se quando externada de modo gentil! Não seria o mesmo se, ao conduzir um cego, eu lhe magoasse o braço ou o guiasse com carinho pela trilha certa. Considero mais aconselhável a última forma, pois se o agarrasse com violência poderia querer afastar-se das minhas mãos e, quem sabe, não cairia, provocando um ferimento maior! Tenho razão?"

11. Responde Mathael: "Sim, dependendo das circunstâncias; pois se deparares com um cego à beira de um abismo, sabendo que unicamente através de uma atitude brusca, o consegues salvar, - acaso ainda conjecturarás sobre a maneira de fazê-lo?"

12. Indaga Suetal: "Queres com isso insinuar que estávamos espiritualmente perto de um precipício?"

13. Diz Mathael: "Por certo, de contrário não vos teria agarrado tão bruscamente! Vê, tudo que leva a uma mentira, - já é uma mentira, embora insignificante, e para alma é um abismo mortal.

14. Uma mentira subtil torna-se muito mais perigosa que uma declarada e evidente. Esta não te levará a agir; a outra te obrigará a uma atitude, como se fora uma verdade e facilmente te conduzirá à beira da perdição. Todavia, isto só percebe aquele cuja visão interna já se tenha aberto. Assim sendo, não precisas aborrecer-te com a minha decisão inopinada; foste rodeado por uma mentira subtil qual serpente venenosa, o que eu e os meus companheiros observamos de pronto, e deu motivo a esta controvérsia. Compreendes?"

15. Responde Suetal: "Oh, sim; e nada há que contrapor. Naturalmente não percebemos as relações espirituais, e somos obrigados a dar-te crédito, pois te encontras em base sólida. Mas que deveríamos, nós doze, fazer? Calar-nos inteiramente, torna-se insípido e, quanto à verdade, estamos longe de percebê-la."

16. Diz Mathael: "Amigo, se caminhares por uma floresta densa em noite trevosa, ciente dos perigos que apresenta com seus abismos, não seria aconselhável esperar pela luz do dia, em vez de cair num deles seguindo a de um vaga-lume? Não é agradável pernoitar numa floresta densa, mas sempre é melhor que arriscar a vida. Que te parece?"

17. Diz Suetal: "Sabes que não adianta discutir contigo, pois sempre estás com a razão; por isso preferimos seguir o conselho."

## 48. MATHAEL FALA SOBRE LEI E AMOR.

1. Diz Mathael: “Espera, pois ainda existe algo importante! Seguindo o meu conselho por coacção e não por amor, preferível é não fazê-lo, pois o que a criatura não fizer por dedicação, pouco valor terá para a sua existência. O amor é o móvel principal da vida, ou seja, a Própria Vida.

2. Aquilo que se tornou posse do amor é assimilado pela vida. O que não for tocado pelo amor, e apenas feito em virtude da criatura temer os efeitos da sua não-observância, ou para corresponder ao seu orgulho, pois almeja passar por sábia entre os semelhantes, não é assimilado pela vida, e sim, pela morte, através dos elementos negativos.

3. Afirmando-te: a lei mais sábia não gera a vida, se não for considerada por amor; o conselho mais sábio se assemelha à semente que caiu na rocha, ao invés de solo fértil, e seca sem dar fruto.

4. Digo-o por saber que tudo no homem é estéril, – excepto o amor! Por isso, deixai-o agir em plenitude em vosso ser, sentindo-o em toda a fibra; assim, tereis vencido a morte, pois o que era estéril em vós, ter-se-á tornado vida indestrutível pelo vosso amor. O amor consciente é a própria vida e tudo que assimila se baseia na mesma.

5. De nada vos valeria a aceitação do meu conselho, se o considerásseis unicamente pela verdade nele contido e pelas consequências que o não cumprimento vos traria; outra coisa será se amor e verdade agem em uníssono! O amor construirá, pela luz da verdade, uma vida nova e mais perfeita, alcançando a Perfeição Divina.

6. Se bem que o amor, ou seja, o Espírito de Deus no homem, represente desde o início a Sua Semelhança, atingirá a plena identificação com Deus, no caminho que vos acabo de demonstrar. Compreendestes?”

7. Exclama Suetal, radiante: “Meu Deus! És realmente o maior dos profetas, pois até hoje nenhum assim se expressou. Possuis a vida verdadeira no dedo mínimo, de modo mais perfeito que todos nós, em corpo e alma. Irmãos, Mathael traduz o bafejo divino e jamais poderemos agradecer a Deus condignamente por este convívio! Se o teu saber se eleva tanto sobre o nosso, o que não esperar do desconhecido Salvador de Nazaré?”

8. Responde Mathael: “Que reflecte uma gota de orvalho numa folhinha de erva? É a imagem do Sol, que não só ofusca, mas também age. No centro da gota se unifica a luz da imagem solar, pelo que a gota passa por uma quentura vital, dissolvendo-se, finalmente, no elemento de vida que vivifica a plantinha em luta contra a morte. Contudo, a imagem solar não é o próprio Sol, – é apenas portadora de uma parte dessa força e acção, pertencentes ao verdadeiro astro.

9. A mesma diferença existe entre mim e o Salvador. Ele é o Sol Vital Mesmo! Em mim, como na gota de orvalho, age apenas a pequenina imagem do Eterno e Verdadeiro Sol, pelo qual miríades de gotas semelhantes sugam o santo alimento de vida. Compreendes?”

10. Responde Suetal: “Por Jehovah! Que linguagem sublime e santa! Mathael, não és uma gota, mas sim, um grande mar! Nunca alcançaremos tal estado, – é por demais elevado e excelso! Nessa circunstância não nos atrevemos a permanecer, como pecadores, em vosso meio, que se torna cada vez mais santificado!”

11. Os outros também começam a externar-se em linguagem mais humilde, fazendo menção de se afastar, no que Julius os impede. Suetal, porém, diz: “Senhor, quando Moisés, no monte Horeb, se aproximou da sarça em fogo, a voz lhe disse: “Tira os sapatos, pois o lugar que pisas é santo!” De modo idêntico, este local também é santificado, e como pecadores não merecemos pisá-lo.”

#### **49. EXPLICAÇÃO DOS FACTOS OCORRIDOS COM MOISÉS.**

1. Como Julius se vê incapaz de retrucar, Mathael retoma a palavra: “Quem vos falou a respeito do vosso mérito? Qual seria o livro de ciência que provasse o doente não fazer jus ao médico? Esta vossa suposição deriva da ignorância templária, capaz de fazer queimar as mãos daquele que, profanamente, toque no limiar do Santíssimo! Quando os ilustres fariseus o fazem, contra pagamento por parte dos estrangeiros, explicando-lhes o fundo histórico, – nada lhes acontece!

2. **Que tencionava Deus, finalmente, dizer a Moisés, obrigando-o a tirar os sapatos? Ei-lo: Despoja-te das tuas tendências carnis, do velho Adão, através da tua boa vontade, a fim de que te presentes diante de Mim como criatura puramente**

**espiritual; de contrário não entenderás a Minha Voz, tão pouco poderei fazer-te guia do Meu povo!**

3. Que vem a ser a subida do monte? – Vede, Moisés fugia da perseguição de Faraó porque havia assassinado um alto funcionário do Rei, considerado quase como filho.

4. Faraó muito estimava o profeta, e não era de todo impossível a este ser algum dia senhor do Egipto, como o fora José. Tal elevação, Deus mostrou-lhe no deserto pelo subir do monte, cujo cimo, no entanto, não lhe foi permitido alcançar pela sarça em fogo.

5. Mais além consta, de acordo com a interpretação idiomática: “Serás o salvador do Meu povo, não pela maneira que o supões, mas sim, como Eu, o teu Deus, designarei. Não serás rei do Egipto, para que não tornes o Meu povo egoísta e orgulhoso, pois, que até então foi ele por Mim educado na humildade, e deve assim deixar este país, acompanhando-te ao deserto. Lá ele receberá as Leis de Mim e Eu, Pessoalmente, serei o seu Senhor e Guia. Demonstrando-se fiel, dar-lhe-ei o país de Salém, em cujos regatos correm leite e mel.”

6. Deste modo Deus, em absoluto, não quis insinuar a Moisés tirar o seu calçado, e sim, despojar-se do velho Adão, ou seja, a cupidez da criatura sensual. Esta, em relação ao verdadeiro homem, apresenta-se qual sapatos em seus pés e de modo idêntico, é a indumentária mais baixa, externa e última, portanto desnecessária.

**7. O local denominado por Deus como santo, é apenas o estado humílico da alma, sem o qual ela não poderá enfrentar o Semblante do Amor Eterno, em si um fogo verdadeiro.**

**8. A sarça-ardente prova que a jornada de um profeta será espinhosa; o seu grande amor a Deus e ao próximo, entretanto, que se estende sobre todo o arbusto queimará os espinhos e, finalmente, tudo destruirá, produzindo caminho aberto.** Eis o sentido das tuas palavras. Assim sendo como podes julgar ser aqui um local mais ou menos santificado?

9. Despojai-vos também do vosso calçado mundano e humilhai-vos em todas as situações, que sereis tão modestos quanto nós, pois diante de Deus e Daquele que aqui Se acha presente, não há classificação meritosa.”

10. Ouvindo tais palavras, Suetal diz: “Para quem é compenetrado de tão elevada sabedoria, fácil é viver sem receio. Um vidente pode andar de passo lépido, enquanto um cego necessita averiguar se anda certo e, apesar de todo o cuidado, ainda corre o risco de se ferir. Tendo-te como guia, Mathael, até se progredirá

como cego! Assim, ficaremos - e nos alegramos com a expectativa de brevemente, conhecer aquele de quem testemunhaste de forma tão eloquente."

11. Julius, apertando, amavelmente, a mão de Mathael, diz: "Eterna gratidão ao Senhor que vos curou de modo tão milagroso! Aprendi muita coisa contigo e noto que se faz luz na minha alma; nesta marcha, espero em breve seguir os teus passos."

12. Responde Mathael: "Não existe outro meio! Pois só há um Deus, uma Vida, uma Luz, um Amor, e uma Verdade Eterna, e a nossa existência actual é o caminho para lá. Surgimos pelo amor e a luz através da Omnipotência Divina, a fim de nos tornarmos amor e luz independentes; este objectivo tem de ser alcançado!

13. Como? Apenas pelo amor a Deus e uma actividade incessante! Este sentimento é o Amor Divino que conduz a nossa alma a uma actividade cada vez mais elevada da verdadeira e eterna vida, em si a Verdade Plena e a Luz mais intensa. Portanto, quando se faz a aurora numa alma, o seu eterno destino vital acha-se bem próximo e não pode deixar de ser atingido, o que, em síntese, é tudo em tudo que a Vida Perfeita possa alcançar em plena liberdade e independência.

14. Por isso, alegra-te, nobre irmão, que em breve também a tua alma vislumbrará o que a minha assimila, numa luz cada vez mais pura. No verdadeiro dia da tua alma, apenas compreenderás Aquele que, por ora ainda denominas com algum receio "Salvador de Nazaré"! Como homem é semelhante a nós, - mas o Seu Espírito penetra com o Seu Poder a Luz no Espaço Infinito! Ter-me-ás compreendido?"

15. Responde Julius, de olhos marejados de lágrimas de emoção: "Sim, querido e elevado irmão; tenho ensejo de abraçar-te, mas ao Salvador nem mais posso fitar sem chorar de amor, podendo só agora compreender o sentimento nobre daquela menina, que por coisa alguma se deixa afastar do Seu lado."

16. Diz Suetal: "Graças a Jehovah, então já não mais nos será difícil descobri-Lo!"

## **50. DÚVIDA QUANTO À PESSOA DO SALVADOR.**

1. Nisto, Yarah levanta-se com a Minha ordem e caminha em companhia de Raphael e Josué, comentando a sabedoria tão extraordinariamente surgida na pessoa de Mathael, tanto que fez

nascer entre os fariseus uma dúvida: qual dos dois ao lado da menina seria o Salvador? Além disso, calculam ser ele um homem, – e os companheiros de Yarah, são apenas adolescentes. Vira-se um dos judeus para Suetal, dizendo: “Amigo, o teu canto de vitória foi precipitado, pois esta menina, por certo a filha do hospedeiro Ebahl de Genezareth, que por várias vezes avistamos naquele albergue, palestra com os dois jovens. Portanto, quem é o Salvador? Tal resposta não cabe à nossa sabedoria e penso ser melhor calarmos!”

2. Responde o outro: “Concordo, não obstante o Comandante Julius nos ter pregado uma peça merecida, pois sempre falamos demais!” Com isto todos se calam, meditando.

3. Eis que Me aproximo deles e pergunto a Suetal: “Percebi todas as vossas conversas anteriores; como sempre ocultastes a vossa própria opinião quanto ao Salvador, desejava ouvir abertamente por quem o tomais. Falai sem susto, porque vos garanto, nada vos sucederá, se Me externarem o vosso parecer como ao melhor amigo!”

4. Diz Suetal, coçando-se atrás da orelha: “A julgar pela tua vestimenta pareces grego, mas o teu cabelo e barba indicam seres judeu. Conquanto o critério romano sobre os gregos não seja louvável, o teu semblante é bem honesto. Como homem de algum conhecimento compreenderás que, criaturas como nós, não aceitam de modo indiferente acontecimento igual ao que se passou.

5. Tudo aquilo que Mathael nos deu a entender do Salvador não é tão fácil de ser aceite por pessoas como nós, e o nosso critério só pode ser deficiente. Até hoje só ouvimos falar a seu respeito e do seu extraordinário poder e força. A própria cura dos cinco possessos não foi por nós assistida, mas disso obtivemos um relato fiel por parte dos curados e do comandante.

6. Os efeitos excepcionais relatados por Mathael, não deixaram de despertar-nos a ideia de que o Salvador toque o divino. Todavia, é fácil haver engano, levando em conta a nossa carência na base científica e de sabedoria mais profunda.

7. A ciência de hoje já progrediu consideravelmente e à sabedoria, ninguém pode impor limites. De sorte que é bem possível haver um homem em Nazaré que tenha descoberto a tal pedra filosofal. Deste modo, poderá realizar coisas extraordinárias: remover montanhas, fazer gelar os rios, no verão; ressuscitar mortos, aniquilar milhões, – tudo já conseguido por outros.



8. No Egipto, por exemplo, tais factos não constituem milagres; entre nós seria difícil, porquanto a magia é condenada entre os judeus, a não ser quando praticada apenas para gregos e romanos, que pagam por estes privilégios uma boa taxa ao Templo.

9. Os milagres com os doentes são de modo idêntico, inauditos, pois consta estender-se até à ressurreição de mortos. Porém, afirmo que este factor nada testemunha de divino. Contudo, admite-se que o nazareno seja realmente um profeta ungido por Deus e realiza assim, os milagres com o poder do Alto, pois, como judeu, jamais poderia ter tido oportunidade de frequentar a escola secreta dos egípcios ou essénios. Desta explanação poderás deduzir em que se baseiam as nossas dúvidas. Achas que estamos com a razão?"

## 51. RECEIO QUANTO À DIVINDADE DO NAZARENO.

1. Digo Eu: "Em parte, e integralmente se os essénios ressuscitassem os mortos de igual maneira que o nazareno. Entre os seus discípulos se acha um essénio verdadeiro, enviado para conquistar o Salvador àquele instituto ou, ao menos, bisbilhotar o modo pelo qual cura os enfermos e desperta os mortos.

2. Como, em breve, se certificou que tudo fazia abertamente e sem preparo artificial, mas apenas pelo velho dito: "Que tal se faça", abandonou e relatou as fraudes essências, tornando-se um adepto verdadeiro. Falai-lhe, que se encontra sozinho debaixo daquela árvore."

3. Diz um outro, entre os oito fariseus: "Não é preciso, porquanto conheço aquela seita bem a fundo. É deveras fraudulenta; todavia tem base louvável e, penso, que o nazareno jamais cursou tal escola."

4. Dirigindo-Me a Ribar, o segundo orador, digo: "Como te foi possível descobrir aqueles segredos, pois consta que nisso existe perigo de vida?"

5. Responde este: "Com dinheiro e astúcia tudo se consegue neste mundo. Claro é, ser preciso possuir inteligência, a fim de ver atrás dos bastidores. Eis por que tinha vontade de fiscalizar o Salvador - e te garanto, não me enganará! Se for realmente o que se diz, saberemos respeitá-lo como Mathael! Intriga-me apenas o facto de ele aceitar discípulos, pois se a sua atitude é divina não há quem o imite sem a Onnipotência e Sabedoria de Deus."

6. Retruco: “Amigo, não falas mal; entretanto, estás errado, pois a Divindade pode muito bem escolher algumas criaturas, dar-lhes aperfeiçoamento idêntico ao de Enoque, Moisés e outros profetas, para que se tornem doutrinadores, divulgando a Vontade de Deus. Assim, a tua suposição é falsa! Agindo pela astúcia, terás no nazareno adversário invencível! Conheço-o, e sei da sua intangibilidade!”

7. Diz Ribar: “Depende de uma prova, pois não é meu hábito antecipar-me sem experiência que sempre me proporcionou um juízo acertado. Acaso também és um discípulo?”

8. Respondo: “Nem tanto, apenas um dos seus melhores amigos!” Durante este diálogo muitos procuram ocultar um sorriso, sem perder uma palavra.

## 52. DIÁLOGO ENTRE SUETAL E RIBAR.

1. Depois de alguns instantes, continua Ribar: “Tinha vontade de saber de um discípulo o que já aprendeu ao lado do Salvador.”

2. Digo Eu: “Pois não! Já está quase na hora do almoço; todavia, ainda há tempo para uma pequena experiência, na qual precisamente o mais jovem será o examinando, e tu o examinador! Estás de acordo?”

3. Responde ele: “Como não? Sem prova não se pode julgar.” Eis que chamo Raphael, de certo modo também um discípulo, se bem que o seu espírito se oculte em matéria subtil. Imediatamente o anjo se posta diante de Ribar, dizendo: “Quais as provas que pretendes?” – Ribar começa a cogitar em algo impossível para um homem.

4. Digo Eu: “Então, a tua astúcia está a abandonar-te?”

5. Responde aquele: “Oh, deixa estar. Para quê a pressa? Darei ao jovem um problema que lhe causará dores de cabeça!” Em seguida abaixa-se, apanha uma pedra de várias libras e diz, sorrindo, a Raphael: “Caro discípulo do Mestre divino, do qual consta realizar coisas possíveis apenas a Deus! Se já aprendeste algo de poderoso, transforma esta pedra num saboroso pão!”

6. Diz Raphael: “Verifica se ela ainda é pedra!”

7. Responde Ribar: “Naturalmente!” Prossegue Raphael: “Tenta mais uma vez!” – Nisto, o judeu percebe o milagre: a pedra tornara-se pão, pelo que se sente apossado de pavor, sem saber o que dizer. Insiste Raphael: “Prova-o, pois os olhos deixam-se

enganar com mais facilidade que o paladar. Distribui o pão entre os teus amigos para testificarem a veracidade da transformação.”

8. Ribar obedece ao convite, algo receoso; como o milagroso pão seja de óptimo paladar, dá uma mordida na outra parte, entregando a primeira aos colegas. Todos constataam o seu especial sabor.

9. Virando-Me para Ribar, digo: “Então amigo, que Me dizes a esta prova do jovem?”

10. Diz ele a Suetal: “Irmão, fala tu, que és mais inteligente, pois isto excede o meu horizonte de conhecimentos!” Diz Suetal: “Existem muitas criaturas iguais a ti: primeiro, tornam-se salientes pelo pouco que sabem; porém, quando se lhes apresenta algo que não entendem, fazem papel de mulher que foi surpreendida em adultério! Que mais queres dizer, a não ser que Mathael tem razão em toda a sílaba que testemunha o grande Mestre? Se tais coisas são feitas pelos discípulos, que não esperar dele mesmo?”

11. Diz Ribar: “Não resta dúvida; entretanto, ensina-se no Templo que certos magos realizam coisas extraordinárias com auxílio de Belzeub.”

12. Diz o outro: “Não me canses com tal propaganda. Não ouviste, há pouco, Mathael afirmar que a Doutrina do grande Mestre conduz todas as criaturas a Deus, pela verdade, acção e amor? Cego, foi o pão que comeste, real ou não?”

13. Se tivesse sido obra de Belzeub - caso impossível - terias uma pedra, ao invés de pão no estômago; sendo pão verdadeiro, de origem quase celeste, ambos sentimos a reacção benéfica no corpo. Aqui não existe fraude, apenas a Vontade Poderosa de Jehovah! Como queres atribuir a Satanás coisa idêntica?”

14. Responde Ribar, perplexo: “Então ele não venceu no Sinai, quando lutou durante três dias pelo cadáver de Moisés?”

15. Diz Suetal: “Bonita vitória pela matéria de Moisés! Que mais?” Responde Ribar: “E a tentação de Adão e Eva?”

16. Indaga Suetal: “Queres classificá-la de milagre? Se uma criatura te externa todos os seus encantos de modo tentador, acaso será extraordinário que caias em seus braços? Tais “milagres” dão-se diariamente, constituindo prova da mais ínfima naturalidade. Assim, não se pode admitir tal hipótese, a não ser que tudo seja milagroso desde o início da Criação! Acaso sabes de outra obra milagrosa de Satanás?”

17. “É difícil discutir-se contigo”, diz Ribar. “Que me dizes a respeito dos milagres feitos pelos ídolos de Babel e Nínive? Não foram realizados pelo anjo do mal?”

18. Diz Suetal: “Para ignorantes como tu, sim; mas para outros, não; pois sabiam que as vítimas atiradas durante a noite no ventre do incandescente monstro, com facilidade eram destruídas. Também podes realizar tais factos diariamente por meio de fogo intenso, sem recorreres a Satanás! Eu mesmo poderei fazer alguns, com auxílio de outras pessoas e prescindir do dele!”

19. Jamais poderá ele conseguir algo de proveitoso, mas, tão-somente, aniquilar um físico já perdido, buscando após a sua presa condenada; por alma e espírito, nada fará, pois a sua natureza é a matéria mais atrasada. Sim, poder-te-ás tornar, por ele, mais materialista que já és; porém, nunca animar a tua alma! – Fala, agora, de outras provas satânicas!”

20. Diz Ribar, contrito: “Não tenho mais nada a dizer e reconheço este milagre verdadeiro que fez o amável discípulo do Mestre. Quanto ao mais, podias ter falado mais brandamente comigo, que também ter-te-ia compreendido.”

21. “Está certo”, diz Suetal, “sabes, porém, que sempre me irrita quando alguém de cultura me apresenta a fábula de Belzebug, – como se as criaturas já não fossem diabólicas de sobra, – mormente numa ocasião tão excepcional como esta!”

22. Intervenho: “Então, fizestes as pazes?” – Respondem ambos: “Perfeitamente!”

### 53. AS BASES DA DOCTRINA DE JESUS.

1. Digo Eu a Ribar: “Qual o teu critério sobre o que acabas de presenciar?”

2. Responde ele: “Já o externei a Suetal e confesso ter o sábio Mathael razão em tudo. Anseio por conhecer o grande Mestre!”

3. Conclui Suetal: “Também eu, embora aquilo que vi me sirva como exemplo por toda a vida. Ele não pode ser, nem mais, nem menos, que Deus! Isto basta! Apenas desejava ouvir algo mais da sua nova Doutrina!”

4. Digo Eu: “Mathael já externou dela vários princípios; além disso concretiza-se no amor a Deus e ao próximo. **Amar a Deus sobre todas as coisas, quer dizer: reconhecê-Lo em Sua Vontade revelada e adaptar as acções de acordo, e depois aplicar o mesmo**

**tratamento ao semelhante que a si próprio.** Tudo isto, - naturalmente, num amor puro e desinteressado.

5. Deve-se prezar o bem pelo bem e a verdade, assim como se deve amar a Deus por ser Ele apenas Bom e Justo! O teu próximo tem de ser considerado, pois é, igual a ti, semelhante a Deus, portanto, portador do Espírito Divino. Eis a base da Doutrina de fácil cumprimento; aliás, muito mais acessível que as múltiplas leis do Templo, instituídas pelo egoísmo dos seus servidores.

6. Pelo fiel cumprimento desta nova Doutrina, o espírito algemado no homem torna-se sempre mais liberto, desenvolve-se e penetra a criatura, atraindo tudo para a sua vida, a Vida de Deus, portanto eterna, numa bem-aventurança sublime! Toda a criatura renascida desta forma no espírito, jamais verá ou sentirá a morte, pois o seu desprendimento lhe será o maior prazer.

**7. O espírito preso à alma é idêntico a um homem encarcerado que vislumbra, através de um pequeno orifício, as lindas paisagens e as criaturas livres a se alegrarem com ocupações variadas.** Mas, quão feliz será quando o carcereiro lhe abrir a porta, libertando-o das suas algemas e lhe disser: “Amigo, és livre de qualquer castigo! Vai e goza a liberdade plena!”

8. Do mesmo modo, o espírito humano assemelha-se ao germen embrionário de um pássaro, dentro do ovo: quando estiver amadurecido pelo calor, dentro do invólucro que prende a sua vida, ele o rompe, regozijando-se da sua livre existência. **Este processo somente será alcançado pelo cumprimento rigoroso da Doutrina do Salvador.**

9. **Além disto, recebe o homem renascido ainda outras dádivas, de cuja qualidade o materialista não tem ideia. O espírito adquire Poder Divino, sendo a sua vontade realizada, porquanto não existe no Infinito de Deus, outro poder e força que os espirituais.**

10. Unicamente a Vida Verdadeira é o Senhor, Criador, Conservador, Legislador e Guia de todas as criaturas, razão pela qual tudo obedece ao Poder do Seu Espírito Eterno.

11. Acabas de ter uma pequena prova, portanto, podes acreditar que assim seja; a compreensão do “como” e do “porquê” ser-te-á dada quando tiveres alcançado a liberdade da tua vida espiritual. Mathael já te demonstrou a que sorte de conclusões chega um espírito meio renascido, e com isso poderás organizar confiantemente a tua existência. Esta explicação satisfaz-te?”

12. Responde Suetal: “Muito mais que a de Mathael, que nos assusta por não se ver nem entrada nem saída. Tu esclareceste o assunto de forma tal, que não há dúvida sobre a minha acção futura.”

#### **54. UM SEGUNDO MILAGRE A PEDIDO DE RIBAR.**

1. Digo Eu: “Muito bem; agora, diz-Me se não tens vontade de conhecer o Grande Mestre de Nazaré, pois poderia apresentá-Lo.”

2. Diz Suetal: “Falando com sinceridade, acho estar esse homem, que oculta em si a plenitude do Espírito Divino, tão elevado sobre todos que sinto até pavor de vê-lo de longe, quanto mais de perto! Já me incomoda a presença deste jovem discípulo com a sua prova. Por certo não daria outra, pois quem não se convence com uma, não o fará com mil. Assim, prefiro que volte para junto dos outros.”

3. Digo Eu: “Mas porquê? Ele é livre, poderá ir quando quiser se nada mais tiver para fazer. Estás plenamente satisfeito, mas não os teus colegas; até mesmo Ribar, embora concorde contigo, ainda tem dúvidas quanto ao milagre e, como haja tempo, pediremos outro.”

4. Diz Suetal: “Ótimo! Resta saber se tal coisa está de acordo com a vontade do grande Mestre.”

5. Digo Eu: “Não te preocupes; responsabilizar-Me-ei por tudo. Necessário é, apenas, indagar dos outros que prova desejam, pois poderão alegar que fora previamente preparada. Concordas?”

6. Responde Suetal: “Falaste sabiamente, como Salomão, e também sou do teu parecer.”

7. Digo Eu: “Então, vamos! - Ribar, diz-me, em que deve consistir a segunda prova do discípulo?” Diz este: “Amigo, se ele quiser, que faça da pedra em minha mão, um peixe da melhor qualidade!”

8. Digo Eu, com aparente dúvida, a Raphael: “Serás capaz disto?” Responde ele: “Farei uma tentativa, mas o pedinte deve-se firmar bem, de contrário o peixe o lançará por terra. Os de qualidade, nestas águas, são grandes e pesados, de sorte que um homem dificilmente os contém. No entanto, se Ribar se firmar bem, um peixe de oitenta libras tomará o lugar desta pedra de apenas dez de peso.”

9. Exclama Ribar: “Oh, não te incomodes! Sou quase um Sansão e já venci outras provas! Além disso, tomei posição!”

10. Diz Raphael: “Então prepara-te!” Mal havia pronunciado tais palavras, um peixe enorme, que Ribar procura conter, dá um salto tão violento, que o lança de costas. A sua cauda em movimentos agitados assusta os assistentes e estes fogem em todas as direcções. O próprio Ribar, que se havia levantado, não mais sente vontade de pegá-lo. Um dos filhos de Marcus lançou rapidamente uma rede, dominando o peixe para, em seguida, o deitar num depósito com água.

11. Dentro do seu elemento o peixe se aquieta, o que anima todos a observá-lo de perto. Ribar, então, diz: “Declaro-me vencido e acredito em tudo que ouvi do grande Mestre. Mathael tem razão, e este amigo também, a cuja bondade devemos estes milagres. Embora não merecêssemos assisti-los de olhos pecaminosos, agradecemos a Deus por Se ter dignado transmitir tamanho poder a um mortal. O Seu Nome seja louvado!”

## **55. DIFERENÇA ENTRE OS MILAGRES DE RAPHAEL E DOS MAGOS.**

1. Diz Suetal: “Amém! Pois tal coisa nunca foi vista por um mortal. Consta que, na época dos faraós, os magos transformavam varas em serpentes; mas nós não assistimos. Vi um persa atirar um tronco de madeira sobre solo arenoso que, ao se enterrar, transformou-se num rato. Essa experiência havia sido previamente anunciada. Mais tarde, analisando a areia, deparei com o tronco intacto, e além disso vestígios de camundongos, que ali haviam sido escondidos.

2. O povo ignorante devotou ao mago uma veneração quase divina, enchendo-lhe os bolsos de coisas preciosas. Quando tentei elucidar alguns mais inteligentes, chamaram-me de difamador, mas deram-me tempo para fugir. Convenci-me de que tais magos eram apenas uns espertalhões que se aproveitavam dos seus fracos conhecimentos da Natureza, a fim de ludibriar os incautos.

3. Quanto aos dois milagres efectuados pelo discípulo do Mestre, e as curas milagrosas dele mesmo, são tão sublimes, que não adianta a sapiência humana querer explicá-los. Eis porque aceitamos a sua doutrina, mormente por nela se cumprir uma profecia de Isaías.”

4. Digo Eu a Suetal, já que este grupo não Me reconhece: “Também estás convicto disso?”

5. Responde ele: “Tenho a plena certeza, pois Deus é demasiado Sábio e Bom, para transmitir o Seu Espírito a um homem, apenas para curar alguns enfermos e transformar pedras em pão e peixes. Sou levado a crer que seja o Messias Prometido pelos patriarcas e profetas. Qual é a tua opinião, pois que, como grego, deves estar a par das Escrituras?”

6. Digo Eu: “Também concordo; apenas desejava saber o parecer dos outros. Indaga a Ribar, que responderá pelos colegas.”

7. Diz Suetal: “Agora mesmo, pois presumo que já tenha analisado suficientemente o seu peixe!”

## **56. PARECER DE SUETAL E RIBAR A RESPEITO DE JESUS.**

1. Em seguida vira-se Suetal para o amigo, dizendo: “Ribar, trata-se dum assunto importante para nós, judeus. Como conhecedor, que és, das Escrituras, sabes das promessas feitas sobre a Vinda do Messias. Considerando os milagres realizados pelo afamado Salvador de Nazaré, chega-se à conclusão de que Deus Mesmo não poderia fazer coisas mais grandiosas.

2. Há umas três semanas foi-nos mostrada a casa de Jacob, completamente reconstruída, que o nazareno havia feito surgir em poucos instantes. Facto idêntico ocorreu com a de um negociante em Sichar. Conhecemos também casos milagrosos em Genezareth, tendo assistido à cura do irmão do nosso colega e a dos cinco salteadores. Além disso, os dois milagres feitos por um dos seus discípulos. Todas estas provas não nos levam a presumir ser o nazareno o dito Messias?”

3. Responde Ribar: “No íntimo também já pensei nisso. Existe, porém, um ponto a considerar: o Templo adia a Vinda do Messias por mais alguns séculos, porquanto não lhe interessa, no momento, tal facto. Os romanos, por sua vez, haveriam de querê-lo como amigo.

4. Por isso opino que cada um guarde a sua opinião sem externá-la, antes que o caso seja evidenciado. Mudando de assunto, observa o tal discípulo milagroso! Está nos fitando com ares de mofa e neste momento vira-se para dar boas gargalhadas! Que será? Se não fosse tão poderoso, teria vontade de chamá-lo à



responsabilidade! Criaturas como ele são perigosas; talvez fosse capaz de nos transformar em asnos, e qual o papel que faríamos, então?"

5. Vira-se Raphael, rindo, e apresentando um burro perfeito a Ribar: "O mesmo que este!"

6. Assustado, Ribar recua e diz: "Mas, que é isto? De onde veio este animal?"

7. Responde o anjo: "De onde veio o peixe! Agora, pergunto, por que vos incomoda? Acaso vos magoei?"

8. Diz Ribar: "Amigo, impões um grande respeito pelo teu poder; e já que não queres voltar para junto do teu grupo, descrevenos, ao menos, a aparência do grande Mestre de Nazaré!"

9. Afirma Raphael: "Bem que o quisera; mas, com todo o poder conferido por Ele, não me é permitido falar antes do tempo. Há pouco vos aborrecestes com o meu sorriso que, em absoluto, não tinha maldade. Existem momentos em que um espírito puro é levado a sorrir da cegueira humana, isto porque o homem, muitas vezes, não enxerga de olhos abertos!"

10. Diz Ribar, admirado: "Tal se dá connosco?"

11. Responde Raphael: "Espiritualmente, sim! Diz-me, por que temeis travar conhecimento com o Grande Mestre?"

12. Intervém Suetal: "Ouve, jovem discípulo, a razão é a seguinte: se a tua presença já se torna assustadora, quanto mais não seria a do teu Mestre? Somente a sua doutrina ser-nos-á útil; uma vez mais equilibrados, será a nossa maior felicidade conhecê-lo pessoalmente. Este burro espantoso, podes ofertar ao hospedeiro, já que não lhe podemos pagar!"

13. Diz Raphael: "Ora, fazei-o vós mesmos: dai-lhe o burro e o peixe, criados por vossa causa!"

## **57. O SENHOR PROMETE APONTAR O SALVADOR.**

1. Nisto aproxima-se Marcus, para convidar-nos ao almoço. Diz-lhe Suetal: "Amigo, não temos com que pagar a nossa dívida; acontece, porém, que um discípulo do Salvador fez surgir um peixe colossal e um burro, por nossa causa. Como ambos não simbolizam sabedoria, deduzimos daí uma boa lição. Tem, pois, a bondade de aceitá-los!"

2. Diz Marcus: “Pois não, embora nada devais, porquanto já fui indemnizado mesmo pelo que ainda ireis necessitar. Procura assento, que o almoço será servido!”

3. Diz Suetal: “Mas, quem poderia ser tão generoso? Queremos agradecer-lhe.”

4. Responde Marcus: “Não posso dizê-lo; contentai-vos com aquilo que sabeis!” – Obedecendo a um aceno Meu, ele se afasta, entregando o animal aos filhos. Suetal, então, diz-Me: “Que velho bom e honesto! Iguais a ele existem poucos no mundo. Quem presumes tenha pago tão generosamente a nossa despesa?”

5. Digo Eu: “Só poderia ser o Grande Mestre de Nazaré, que nada pede de graça. Por um favor feito, ele indemniza com dez; e por dez, cem vezes mais!”

6. Diz Suetal: “Sim, mas nós não lhe fizemos nem um, nem dez; entretanto, já nos pagou mil!”

7. Digo Eu: “Ele, sendo omnisciente, também sabe o que lhe ireis prestar; daí, o pagamento antecipado.”

8. Responde ele: “Muito nos agrada este trato, e faremos tudo para o servir, se soubermos do que necessita.”

9. Aduzo: “Bem, neste caso seria preciso travar relações com ele e, quem sabe, talvez vos aceite como discípulos.”

10. Diz Suetal para Ribar: “Seria óptimo! Poderíamos, enfim, imitar o jovem, além do ensejo que teria de conhecer o Mestre!” Concorde o outro: “Eu também, e todos nós. Mas, e o primeiro contacto? Será por certo pior que o meu, com o peixe!” Diz Suetal: “Quem sabe? Às vezes, o empregado é mais violento que o patrão, com o fim de se exhibir. Se durante o almoço houver oportunidade, o nosso amigo grego poderia apontá-lo para nós.”

11. Digo Eu: “Pois não! Porém, uma vez que o conheceis, necessário é ficardes calmos e não fazer alarido, pois não o aprecia. Ele penetra apenas o coração, satisfazendo-se com veneração silenciosa, justa e viva.”

12. Obtempera Suetal: “Eis um conceito muito mais sábio; pedimos-te que nos faças esse favor.”

13. Digo Eu: “Está bem; mas, agora almoçemos. Vede, lá debaixo daquela árvore estão duas mesas; terei de me sentar na maior, em consideração aos romanos. Sentai-vos na do lado, que poderemos conversar.”

14. Acrescenta Suetal: “Assim será melhor! Agora estou até sem paciência, a fim de conhecer o grande homem.” Tomo a

dianteira e os doze Me seguem, Raphael ao lado de Suetal. Isto não agrada ao segundo, tanto que pergunta se irá tomar parte na mesma mesa. O anjo o afirma com amabilidade. Embora não satisfeito com esta alternativa, mas porque imponha tão grande respeito, Suetal acaba por se conformar com sua presença.

## 58. O BOM APETITE DE RAPHAEL.

1. Com a Minha permissão Raphael ajuda Marcus a arrumar várias mesas e bancos, sentando-se depois entre Suetal e Ribar. Na Minha mesa, tomam lugar Mathael e os seus companheiros, ao lado de Julius e Cirénius. Ao Meu lado estão Yarah, Josué, Ebahl e os Meus apóstolos. Os trinta fariseus se acham atrás de Mim, de sorte a poderem observar a todos.

2. Serviu-se quantidade de peixes bem preparados, pão e vinho, e como sempre, Raphael é o mais veloz consumidor. Quando, finalmente, toma do último peixe, parte-o em pedaços que engole com avidez, – Suetal não se contém e diz: “Bom e jovem amigo, deves ter um estômago colossal: em nossas travessas estavam, no mínimo, uns vinte peixes, dos quais consumistes oito! Isto não pode fazer bem à saúde! Talvez faça parte da aquisição da sabedoria e do poder do grande Mestre?”

3. Responde Raphael, sorrindo: “Em absoluto! Estando eu com apetite, acaso não deveria comer? Observa o Templo de Jerusalém quanto não consome, diariamente, em Nome de Jehovah? Poder-se-ia afirmar ser Ele insaciável, pois devora, por dia, quantidade de gado, carneiro, ovelhas, cabritos, galinhas, pombos, peixes, além de farto número de pães e uma série de odres de vinho! Fora disto, ainda é ávido por dinheiro, ouro, prata e pedras preciosas! Nunca tal facto te perturbou, por não ignorares que os servos são os únicos consumidores. Que representa isto comparado aos meus oitos peixes, pois que, finalmente, sou mais servo de Deus que os devoradores do Templo?”

4. Diz Suetal: “Sim, tens razão; apenas me admirei do teu apetite, pois nem te preocupaste com nossa fome.”

5. Retruca Raphael: “Ora, já viste os templários considerarem as necessidades dos que lhes fazem oferendas? Tiram-lhas, e mais o dízimo, sem a preocupação de que morram de fome! Por que nunca os chamaste à atenção, e qual o motivo do teu zelo com a minha saúde, provando-te que sou, realmente, um servo de Deus?”

6. Diz Ribar ao outro: “Amigo, não convém discutires com ele, que muito me lembra Mathael, e talvez fosse capaz de relatar a nossa vida passada!”

7. Diz Raphael: “Não deves falar tão baixinho; de contrário não posso entender-te, e Suetal, muito menos.”

8. Diz Ribar: “Ora, falei até alto demais!”

9. Protesta Raphael: “Entretanto, não me querias entender! Se ouço e vejo até os teus pensamentos, como não haveria de ouvir as tuas palavras? O animal que há pouco se achava ao teu lado muito se assemelha contigo. Enquanto não te tornares tão humilde quanto ele, não encontrarás a porta estreita da verdadeira sabedoria.”

10. Diz Ribar: “Mas, amigo, por que me reduces tanto diante de todos?”

11. Responde Raphael: “Não vos disse há pouco que sois tão cegos que não enxergais um palmo adiante do nariz? Ainda assim, esse estado de cegueira perdura.”

## 59. EFEITOS DIVERSOS DAS ADMOESTAÇÕES.

1. Diz um terceiro do grupo, chamado Bael: “Amigo, deixai-me dizer algumas palavras! O jovem discípulo tem razão em vos ridicularizar, pois, também digo que sois cegos! Imaginai apenas em presença de quem nos encontramos, – e agradecei a Deus por nos ter salvado. Que tens a ver com o apetite incomum deste jovem milagroso? Não somos hóspedes gratuitos e não fomos saciados? Que mais queremos? Peço que vos torneis mais inteligentes! Sois verdadeiros tolos! Todos os elementos obedecem ao nosso amigo, o qual merece mais veneração que os profetas, pois através dele é que age o Espírito Divino, – e vós o tratais como semelhante! Quando obrigados a enfrentar o Sumo Pontífice, tremeis de tanta veneração; aqui, acham-se mais de mil pontífices, – e tendes um comportamento incrível! Envergonhai-vos! Calai, ouvi e aprendei; só depois vos dirigis a pessoas menos tolas que vós! Quanto ao jovem, não o perturbeis, de contrário terei de me tornar grosseiro!”

2. Intervém Raphael: “Falaste bem irmão; contudo, tais advertências rudes não estão dentro da ordem, pois contém, não o amor, mas orgulho oculto. Nessa atitude te incendeias no teu aborrecimento até chegares à ira, nada conseguindo de bom, pois em cardos e abrolhos não nascem uvas e figos.

3. Se tencionas conduzir o teu irmão não deves agarrá-lo com violência, qual fera a sua presa, mas como guia a galinha os seus pintinhos; então serás olhado por Deus, porquanto agiste pela Ordem do Céu.

4. Tenta sempre o poder, o alcance e a força do amor! Se tiveres prova de que com meiguice pouco ou nada conseguirás, cobre o amor com a veste da seriedade, conduzindo o teu irmão ao caminho justo. Uma vez firme, desvenda o teu amor, que ele te será um amigo eterno, cheio de gratidão! Eis o que é melhor dentro da Ordem Divina!”

5. Bael arregala os olhos ouvindo esta lição, e Suetal e Ribar apertam a mão do anjo, pois se alegram por julgar terem encontrado no jovem um defensor dos direitos humanitários.

6. Raphael, porém, diz: “Amigos, é sempre bom demonstrar a gratidão, quando esta tem uma base sólida; de contrário, não é melhor que a sua causa!”

7. Chega a vez dos dois arregalarem os olhos, e Suetal indaga: “Mas, amigo, como entendes isso? Parece-nos que não estás satisfeito com o nosso agradecimento.”

8. Responde ele: “Vede, quando a criatura vive dentro da Ordem Divina, tudo está conforme a Vontade do Pai. É preciso que o amor, base de toda a vida, tanto em Deus quanto no homem, se irradie de cada acção. Sois gratos por eu ter admoestado Bael, porquanto a sua advertência a vós não se baseava no amor, e sim no aborrecimento, filho da ira e da vingança. Evidentemente que ele vos ofendeu, o que incendiou os vossos corações e deu origem ao desejo de ser ele castigado. Este desejo tem causa na sede de vingança que reside apenas no inferno! Antecipando-me à vossa tendência, demonstrei-lhe o perigo da sua acção, com que vos alegrastes, externando agradecimentos.

9. A vossa alegria não se manifestou por ter eu levado Bael ao bom caminho, mas por tê-lo repellido, o que abrandou o vosso desejo vingativo. Baseando-se tal gratidão numa tendência maldosa não pode ser boa, por não conter amor! Quando, porém, for fruto da verdadeira alegria celeste – pois um irmão perdido foi guiado ao caminho certo – também será fruto da Ordem do Céu, o Amor!

10. **Se vós, que fostes chamados, quiserdes tornar-vos verdadeiros filhos de Deus, nunca vos deveis deixar levar a uma acção que não se baseie no mais puro sentimento. Esforçar-vos-eis**

**por evitar o mínimo vestígio de um aborrecimento, vingança ou alegria maldosa, pois tudo isto pertence ao inferno!**

11. Vede, se o vosso irmão se acha gravemente enfermo, a ponto de correr perigo de vida, fareis tudo para salvá-lo, alegrando-vos com a sua melhora gradativa. Se tal se pode dar com a convalescença física, – quanto maior alegria não deveis sentir com a reabilitação de um ente psiquicamente enfermo, como filhos de Um só Pai? Compreendeis?”

## **60. SUETAL REVELA-SE FALADOR.**

1. Diz Suetal: “Amigo, deves ser um espírito elevado, pois, como tu, não há quem fale neste mundo. Serás, talvez, o Próprio Salvador?”

2. Responde Raphael: “Oh, não; pois nem mereço desatar as correias das Suas sandálias! Como espírito, sou do Alto; fisicamente, aquilo que vês!”

3. “Pois bem”, diz Suetal, “já que os hóspedes terminaram o almoço, desejaria conhecer o grande Mestre e patentear-lhe a minha profunda veneração!”

4. Afirma Raphael: “Não recebi autorização para tanto; isto se dará no momento oportuno. Por ora os vossos corações ainda comportam umas tantas impurezas, que necessitais reconhecer, condenar e delas vos desfazer, da seguinte maneira: **no momento em que descobrires algo de impuro em vosso íntimo, necessário é estimular a vontade para expulsá-lo.** Só assim sereis capazes de reconhecer o grande Salvador.

5. Agora, prestai atenção! Parece que o amigo que há pouco vos falou tenciona fazer um discurso, pois vi o velho Cirénus fazer-lhe uma pergunta, – e quando os grandes falam, os pequenos devem prestar ouvidos.”

6. Insiste Suetal: “Não nos poderias dizer quem seja tal amigo?”

7. Responde Raphael: “Não, agora não! Urge calar e ouvir!” Conformados, Suetal e os outros aguardam as Minhas Palavras que, entretanto, não podiam ser pronunciadas, pois Cirénus ainda não havia concluído a sua indagação a respeito do matrimónio, adultério, divórcio e relação com moça solteira.

8. Diz Suetal, após alguns instantes de silêncio: “Mas, – quando começará a palestra?”

9. Responde o anjo: “Acaso não vês Cirénius falando? Seria possível a alguém, responder sem que a pergunta fosse concluída? Tem paciência!”

10. Novamente Suetal se conforma. Cirénius, porém, estende o assunto cada vez mais e, em virtude da presença de Yarah, fá-lo em surdina, de sorte que ninguém percebe uma sílaba. Pouco a pouco todos começam a cansar-se, pois entre os romanos é prova de boa educação que milhares se caem quando um dignitário fala.

11. Por fim, Suetal vira-se para Raphael, dizendo: “Amigo, os dois senhores se aprofundam em demasia, por isto poderíamos palestrar um pouco, demonstrando não prestar atenção ao assunto por eles discutido.”

12. Diz Raphael: “És esperto, Suetal! Mas, vê! Aí vem a nova remessa de alimentos, em vista de eu vos ter prejudicado com o meu apetite!”

13. Diz ele: “Ótimo, pois sinto um vazio considerável no estômago.” Em pouco tempo a segunda é consumida e Suetal diz: “Graças a Deus estou tão satisfeito como não o fui desde há muito. Agora já se pode aguardar com mais paciência o pronunciamento do grego que parece ser conselheiro do Vice-rei.

14. Aquela menina é bem atraente e aparenta estar apaixonada pelo grego, pois não desvia os olhos dele. O filho do Vice-rei não lhe desperta interesse, conquanto use roupas muito ricas. Eis que surgem quatro moças, por certo filhas do hospedeiro. Que farão?”

15. Diz Raphael: “Com esta tua mania de tagarelar, nunca serás um Mathael. **Experimenta calar e meditar, pois para despertar o espírito, necessário é uma calma externa, sem a qual nunca se conseguirá este acto de importância vital.**”

## 61. RAPHAEL DISSERTA ACERCA DO MEDITAR NO CORAÇÃO.

1. (Raphael): “Suponhamos o interior de uma casa na maior desordem, pois que os aposentos estão repletos de lixo e entulho. O dono anda sempre ocupado algures – e não se dá ao tempo justo para a limpeza. Obrigado a entrar na casa para dormir, também absorve o ar pestilento da casa, tornando-se doente e fraco, dificultando cada vez mais o saneamento.

2. De igual modo **o teu coração é morada da alma, mormente do espírito!** Se te preocupas constantemente com coisas externas,

**quando poderás limpar a tua casa da vida, para que o teu espírito progrida no clima puro de tua alma? Desta forma é necessária a calma externa para o progresso da alma e do espírito.**

3. Diz Suetal: “Mathael alega ser a vida uma luta jamais vencida na calma agradável, portanto te contradiz. Quem está com a razão?”

4. Responde o anjo: “Ambos! Bem que a vida é uma luta, não apenas externa, mas sim, muito mais, interna! O homem mental tem de ser, finalmente, vencido pelo espírito, de contrário ambos sucumbem. **Por este motivo deves pôr um freio à tua língua física, a fim de que repouse, e a do pensamento da tua alma se ponha a falar, reconhecendo quão imundo é o aspecto da casa da sua alma.**

5. **Não te preocupes com aparições externas e fúteis; pois pouca importância tem em sua razão verdadeira. Mas pela consideração do justo repouso reconhecerás a base verdadeira da vida íntima da alma e espírito, no que todas as criaturas deviam empenhar-se.**

6. Que te adianta saber e sentir que vives, se ignoras que esta sensação perdura? De que te servem os conhecimentos e ciências se não conheces a razão da tua vida?

7. Se desejas descobrir o teu íntimo, tens de dirigir os teus sentidos para ali, assim como fazes com os teus olhos quando tencionas algo enxergar. Como quererás ver a aurora se diriges o teu olhar para o ocaso? Não compreendes que, conquanto sejas rabi, és cego qual embrião, relativamente à tua própria esfera vital?”

8. “Responde Suetal: “Sim, sim! É isto mesmo. Eis porque calaremos quais estátuas.”

## **62. A FILOSOFIA DE RISA.**

1. Todos se calam nessa mesa, enquanto os trinta fariseus e levitas começam a brigar por lhes ter o seu orador imposto também o silêncio. Mormente reage um tal Risa, de pais abastados, pois Hebram lembra-lhe ser preferível meditar sobre as sábias palavras de Mathael do que perder as suas energias com relatos referentes à sua futura herança.

2. Responde Risa atrevidamente: “Os pobres na maior parte são religiosos por saberem não ser possível esperar-se algo do mundo. Os ricos e grandes também se tornam, às vezes, beatos e



sábios, a fim de poderem reconduzir os pobres, reaccionários, à meiguice e paciência.

3. O rico vai à sinagoga e ora à vista do que nada tem, para fazê-lo crer que tal atitude traz a Bênção Divina; o outro, também o faz por este motivo e, além disto, para que o rico lhe dê uma oferta. Que diferença há entre eles? Nenhuma, pois ambos procuram enganar-se. A mim ninguém engana, nem mesmo um homem milagroso, que sabe perfeitamente o porquê, e diante de quem está agindo.

4. Tudo no mundo é mistificação e o mais esperto é sempre considerado. Porém, feliz somente é quem desde pequeno pode fiar-se nas suas posses e, além do mais, é bem astucioso. Eis a minha filosofia salutar. Quanto à vida eterna após a morte, peço-te que me deixes em paz! Os sepulcros bem demonstram a verdade; o que vem da terra, para lá volta e o resto é pura imaginação dos ignorantes!”

5. Como se sabe, Hebram irrita-se com tais observações, tanto que diz: “Quer dizer que consideras Moisés e os outros profetas apenas trapaceiros, imaginários ou reais, da Humanidade, e o actual Salvador de Nazaré não merece outra classificação?”

6. Diz Risa: “Não são maldosos, mas bem-intencionados, pois sempre entenderam enganar os cegos. No que diz respeito ao Salvador, por certo é conhecedor das forças ocultas, através do estudo; portanto, as aplica e nós, como não-iniciados, ficamos boquiabertos.

7. A sua doutrina é boa e se todos a possuíssem e seguissem, tornar-se-iam felizes. Mas, quem poderá transmiti-la a todos os povos e, nesse caso, quais não seriam as dificuldades que tal empreendimento traria? Em tudo a criatura é mais acessível salvo em assuntos religiosos.

8. O homem simples, desprovido de maior inteligência, não se deixará convencer da estultícia do seu atraso. Outro pensará: Para quê algo de novo, de cujo efeito não se tem ideia? Eis por que tais inovações devem ser mantidas ocultas, pois quando posse comum, perdem o seu valor e tornam-se ridículas.

9. Deste modo, julgo que o bom Mestre de Nazaré em pouco tempo será esquecido, mormente se ensinar os seus conhecimentos ocultistas às multidões, como assistimos pelo jovem.

10. Se os discípulos conseguem tais coisas inéditas, o que sobrarão ao Mestre? Se silenciarem, poderão, ao menos, organizar um instituto rendoso desde que se faça amigos entre os potentados;

estes gostam de sustentar tais institutos, pois que os feitos milagrosos são apropriados a conter o povo por promessas grandiosas no Além-túmulo, que significam: ou prémio, ou castigo eternos.

11. Não sou profeta, contudo afirmo que o Templo com as suas traficâncias descabidas não conseguirá manter-se por mais um século, não obstante toda a pretensa cautela. E uma doutrina nova terá de basear-se no velho misticismo, estendê-lo mais e mais para tornar-se bem convincente. Porém, isso de nada adianta, porquanto as criaturas com o tempo serão esclarecidas quanto aos fenómenos da Natureza. Eis a minha opinião que não pretendo impor.”

### **63. HEBRAM DEMONSTRA O ENGANO DE RISA.**

1. Diz Hebram: “Amigo, já ouvi explicações deste teor a muitos outros; acontece, todavia, que aqui trata-se de alguém mais importante que um mago da Pérsia ou do Egipto. Relembra apenas as palavras de Mathael e os feitos e ensinamentos do grande Mestre, e compreenderás que estás enganado.

2. Tenho alguma experiência no campo da magia, contudo, aquilo que presenciamos e ouvimos indica origem muito mais elevada do que imaginamos. Portanto, és injusto, ao classificares estes milagres de simples fraudes, e ofendes até Moisés e os profetas. Foi ele a maior personagem diante de Deus e dos homens. Porém, aqui está em forma humana Aquele que levou Moisés a ocultar-se diante do Seu Semblante. Por isso é extremamente tolo da tua parte falar Dele como Se fora teu semelhante.

3. Conta os hóspedes que se alimentam aqui, três vezes ao dia, dos melhores peixes, sem espinhas, de pão, vinho, frutas, mel, leite, queijo e manteiga. Considera, todavia, ser o hospedeiro antes pobre do que rico. Verifica a sua despensa e vê-la-ás abarrotada! Se indagares de Marcus o porquê, ele responderá: É tudo milagre do grande Salvador de Nazaré!

4. Assim sendo, como podes afirmar que tais factos sejam embustes engendrados pelos potentados, a fim de enganar os ignorantes? Afirmo-te, positivamente: aqui acontece além daquilo que o intelecto dos sábios jamais conceberá, isto é, a acção da Onipotência Divina, da Qual já temos prova de sobejo. Embora o teu pretenso raciocínio não compreenda, o facto é real. Vai e convence-te!”

5. Diz Risa: “Bem, sendo assim, retiro as minhas negativas quanto ao valor divino de Moisés e dos outros profetas. Uma coisa é certa: não existe religião – mesmo de origem divina – que se tenha mantido por alguns séculos. Enquanto Moisés ouvia os Mandamentos de Jehovah, o povo dançava em redor de um bezerro de ouro; porém, essas Leis mudaram de aspecto quando o rei Saul tomou o lugar dos juízes; mais tarde ainda, quando no regime de David e, finalmente no de Salomão e seus descendentes.

6. O cunho divino foi apagado e repostado por estatutos humanos, conservando-se apenas aquilo que salvaguardava a posição dos templários. Os Mandamentos não impressionam a quem quer que seja, e ninguém pensa andar em vestimenta de contrição. O adultério entre os ricos representa bom negócio, pois poderão livrar-se do apedrejamento com somas vultosas; dá-se-lhes para beber uma suposta água maldita, que não os afecta, e podem assim recair no mesmo erro. O adultério dos templários é ocultado, enquanto o do pobre tem o seu castigo mortal.

7. Sabemos da acção poderosa da Omnipotência Divina, quando transmitiu os Seus Mandamentos à Humanidade sob raios e trovões. De quão diversas maneiras foi o povo advertido pelos profetas! Qual o efeito que apresentam hoje? Não necessito elucidar-te a respeito. Se todas as Revelações Divinas trazem apenas os frutos que deparamos entre os fariseus, pergunto a alguém de mente sã: não é admissível que se negue toda e qualquer Providência Divina?

8. O que me dizes do Grande Salvador que é justo e verdadeiro, e possivelmente a sua doutrina terá o maior êxito de todos os tempos; apenas quereria ser testemunha da sua transformação daqui a meio século, e isto, na hipótese de que o seu cumprimento dependa do livre arbítrio do homem! Que me dizes?”

#### **64. A ORDEM DIVINA E A RAZÃO HUMANA.**

1. Diz Hebram: “Julgando do ponto de vista humano tens razão; pela compreensão espiritual estás errado, pois, os Planos de Deus são diversos dos nossos. Se nós tivéssemos colocado as estrelas no Firmamento, com certeza teríamos aplicado maior harmonia. Ele, todavia, sendo o Omnipotente, usou de toda a mutabilidade. Por quê?

2. Vê a flora: que variabilidade de ervas e arbustos! Tudo que vês apresenta antes desordem que simetria; entretanto, o Criador

provou, mormente na forma humana, ser entendido em simetria. Para tal contraste deve existir razão bem profunda.

3. A mente humana, porém, sempre encontrará algo que tenta criticar. Eis que o Próprio Mestre nos ensina: Cada qual no seu ofício, pois como Único Criador sabe melhor quais as necessidades espirituais para os povos diversos em várias épocas.

4. Assim sendo, permite Ele que, com o tempo, uma doutrina feneça como as flores do campo; contudo, a semente que surgir da flor qual verdade pura e viva, continuará vicejante. Se reconhecemos que Deus deixa perecer tudo, embora de aspecto agradável, dedicando toda a atenção ao desenvolvimento da vida interna, – não é de se estranhar a mesma contingência para com as Revelações.

5. A doutrina mais pura não nos poderá alcançar sem a palavra pronunciada; porém, esta é material e terá de desaparecer quando o espírito se tiver desenvolvido. Do mesmo modo a pompa externa de uma religião torna-se com o tempo nociva; em compensação, surge no fundo a força pura e espiritual e a verdade da Revelação Divina; não é isto, amigo Ribar?"

6. Diz este: "Irmão Hebram, tu me tonteias! Por Jehovah, transformaste com as tuas sábias palavras todo o meu modo de pensar, pelo que te agradeço sinceramente. As coisas são tais como me explicaste e, quanto mais medito, mais nítidas se tornam."

## 65. O SENHOR DÁ ENSINAMENTOS PARA PRINCIPIANTES.

1. Eu volto-Me e digo a Hebram: "Então, já fizeste grande progresso na Sabedoria, como os demais; adeptos deste quilate dão prazer e poderão tornar-se, em breve, bons trabalhadores na Vinha do Senhor! Contudo chamo a atenção para o seguinte:

2. Sois semelhantes às florzinhas primaveris que, nessa época, erguem as suas corolas de modo maravilhoso e rápido para fora da terra. A sua existência depende do bom tempo, pois se, após alguns dias quentes ressurgirem as geadas, tais flores prematuras deixam pender as pétalas, murchando completamente.

3. Afirmo-vos: **muitas vezes a criatura assimila uma verdade; depois, quando surgem nuvens densas na alma como prenúncio de trovoadas, o coração turva-se e a visão não mais reconhece aquilo que há pouco percebia tão nítido.**

4. Guardai bem o que ouvistes, e erguei as vossas cabeças ornadas da sabedoria sobre o solo da vossa mente externa, **pois somente depois de terem passado as geadas das provações é que o vosso saber não mais poderá ser perturbado.**

5. **Tudo requer tempo para se consolidar;** assim acontece também com a ciência humana: numa boa oportunidade muita coisa se assimila e aprende, mas é esquecida em virtude de outros acontecimentos. Assim, assimilai o que ouvís, mais com a vossa alma do que com o cérebro, a fim de guardá-lo.

6. Pela contemplação de uma flor sentis certa alegria, e pela beleza da sua forma; que vos adianta esta alegria, forçosamente tão fugaz como a flor? A energia da flor tem de ser depositada no fundo daquele invólucro, onde é cuidada a semente viva; **assim deve também murchar a vossa alegria externa, para que a sua força desça ao fundo da alma onde é cultivada a vida eterna do espírito.** Então surgirá alegria duradoura, com base em sua verdadeira beleza interna, inatingível pelas geadas.

## 66. RAPHAEL ANOTA OS ENSINAMENTOS.

1. Diz Cirénius: “Senhor e Mestre, seria desejável que alguém tivesse anotado estes ensinamentos, palavra por palavra.”

2. Digo Eu: “Raphael poderá fazê-lo; manda vir o material necessário.” Em poucos instantes os criados trazem rolos de papiro e chapas de cobre para gravação. Então Raphael indaga de Cirénius o que prefere: o pergaminho ou as chapas.

3. Responde este: “Em pergaminho seria mais fácil o seu manuseio; em cobre de maior duração para a posteridade. Todavia poderei mandar fazer uma cópia nas chapas.”

4. Diz Raphael: “Queres saber de uma coisa? Já que o trabalho é o mesmo, ou simples ou dobrado, fá-lo-ei a um só tempo, em ambos.”

5. Os doze judeus na mesa ao lado arregalam os olhos para ver como o anjo iria escrever com ambas as mãos. Suetal até se vira para Ribar: “Estou curioso por ver esta dupla escrita! O grande Mestre de Nazaré deve ser um colosso; mas, até que este discípulo termine tal tarefa, o Sol se terá despedido.”

6. Diz Ribar: “Depende da sua ligeireza. Talvez esteja munido de uma vantagem mágica, igual às outras. Por isso não convém

duvidar antecipadamente de um facto com pessoas que já nos provaram tantas coisas.”

7. Diz Suetal: “Tens razão; eu apenas estava conversando.”

8. Responde o outro: “Amigo, é melhor calar e ouvir! Vê, o jovem apronta os papiros e as chapas. Atenção!”

9. Suetal levanta-se e observa os gestos de Raphael. Porém, qual não é a sua estupefacção ao ver que tudo já se acha anotado? Por isto exclama: “Que me dizeis? Aguardamos que a tarefa seja feita..., e tudo já está pronto! Isto é demais!” A esta exclamação os doze também se levantam, convencendo-se do milagre.

10. Percebendo o assombro, Raphael diz: “Eis o efeito dos oito peixes, pelos quais estavas um pouco invejoso! É preciso que se acumulem forças para tal serviço, não achas?”

11. Responde Suetal: “Estás gracejando, mas não importa. Vejo que possuis um elevado grau de Omnipotência Divina, dado pelo grande Mestre de Nazaré. Assim, faz com que o conheçamos em breve. O nosso coração não mais se acalma: queremos vê-lo e falar-lhe!”

12. Diz o anjo: “Acalmai-vos até que eu tenha organizado as escritas; depois veremos onde se acha o Grande Mestre para os cegos e surdos!” Pacientemente os outros esperam que Raphael entregue o seu trabalho a Cirénius, que, admirado observa a sua exactidão.

## 67. A IMPACIÊNCIA E CURIOSIDADE DE SUETAL POR VER O SENHOR.

1. Enquanto Cirénius analisa com prazer os rolos, expressando profundo respeito, digo a Raphael que chame Yarah e Josué à mesa. O anjo, em seguida dirige-se ao grupo dos doze, e Suetal é o primeiro a falar: “Caro jovem, que há entre esta menina e o grego, alvo da sua paixão? Já pensava que fosses apontar o Mestre dos mestres, – e trazes esta menina! Que desilusão! Explica-me, o que fizemos para não merecer a sua presença?”

2. “Meus amigos”, diz Raphael, “se sois tão cegos que não vedes nem o Sol ao meio-dia, nada posso fazer. Quando se é tão tolo não adianta afirmar: É este ou aquele, pois não o acreditaria **em virtude da fé necessitar de um raciocínio despertado, que, em caso de necessidade, se orienta por si mesmo.** Quando o raciocínio ainda se acha encoberto pela matéria grosseira, não adianta apontar um

facto, mas sim, bater com o nariz dez vezes contra a parede, a fim de reflectir sobre o porquê! O mesmo acontece convosco: não haverá um deus que vos eduque, enquanto não aprenderdes pela experiência própria.

3. Como tencionais agir com o grande Mestre? Desejais que ele vos auxilie ou sois levados por mera curiosidade, como os tolos observam boquiabertos um urso a dançar? Na verdade, o grande Salvador não está aí, para Se deixar fitar por pessoas tolas e pretensiosas! Se o vosso coração não O achar neste grupo, muito menos o fará o vosso pretense intellecto, - isto vos garanto!

4. Humilhai-vos primeiro, de contrário, não descobrireis o Santo Mestre, cujo Ser até fisicamente é pleno do Espírito Divino! Ele é Senhor dos Céus e da Terra, e à menção do Seu Nome todos deverão ajoelhar-se, pois o Seu Nome é Santo, Santo!" Após estas palavras severas o anjo levanta-se e toma lugar em nossa mesa, onde Cirénius lhe agradece novamente em Meu Nome pelo grande serviço prestado com as cópias.

## **68. SUETAL E RIBAR EM PALESTRA.**

1. Como o sermão de Raphael não agradasse aos doze, começam a conjecturar um meio de se evadirem secretamente para Jerusalém. "Pois", diz Suetal, "nada de condenável encetamos contra o Templo. Não temos culpa da violência que nos foi aplicada; outrossim, os nossos sentimentos íntimos não podem ser descobertos, de sorte que o sinédrio terá de nos aceitar. Os maiores até nos receberão com respeito, quando souberem das peripécias por que passamos. Talvez sejamos novamente enviados ao estrangeiro, mas desta vez saberemos como agir.

2. Nesta estranha assembleia de prestidigitadores não existe possibilidade de um convívio! A toda hora se fala de amor; mas quando algo se indaga acerca do Salvador, é-se tratado pelo jovem com rudeza. Que experimente repetir a prelecção sobre humildade, meiguice e amor! Responder-lhe-ei de tal forma que se arrependará!

3. Quem quiser levar o outro à humildade terá de ser humilde. Vede este jovem milagroso: que temos a ver com a sua habilidade se não sabemos imitá-lo? É preciso que se torne ríspido? A minha observação referente à menina não foi ofensiva, entretanto o jovem aborreceu-se e ainda nos virou as costas para evitar uma contenda!

Tal proceder é de loucos, por isso não desejo permanecer aqui! Que me dizes, Ribar? Tenho razão?"

4. Diz este: "Penso que devemos ficar. Não fomos admoestados por um homem, mas pelo jovem - por certo, em virtude da tua maneira imodesta de querer ver o Salvador. A minha opinião é a seguinte: o jovem está proibido pelo Mestre de denunciá-lo antes do tempo. Eu, porém, prefiro esperar por tal oportunidade!"

5. Não resta dúvida ser esta assembleia estranha: ora se tem impressão do convívio divinal, ora tudo tem aspecto humano! Não se cogita de jejum, tão pouco de oração. Mas aquilo que se fala é profundo! Achamo-nos entre pessoas quase que escolhidas por Deus para fazerem a junção entre o Céu e a Terra e, finalmente, proporcionar às criaturas um campo mais vasto para o desenvolvimento espiritual, com as forças materiais necessárias para este fim. Eis por que não me posso aborrecer com a rispidez do jovem, pois tal chamada leva mais rápido à compreensão do que cem ensinamentos modestos." Indaga Suetal, pensativo: "Como?" - Diz o outro: "Ouve!"

## 69. RIBAR PRESENTE A PRESENÇA DO SENHOR.

1. (Ribar): "O jovem não nos classificou, sem razão, de surdos, cegos e tolos, e o burro que postou ao nosso lado confirmava isto! Tenho a impressão nítida de que aquele grego simpático é o grande Messias! Observei-o bastante: todos lhe dirigem olhos, ouvidos e coração! O poderoso Cirénus, sempre tão altivo, adora-o verdadeiramente! Além do mais, os seus ensinamentos foram anotados de maneira milagrosa. Se considerares todos estes pontos, verás que o jovem nos julgou acertadamente! Qual é a tua opinião e a dos outros?"

2. Responde Suetal: "Está a começar a fazer-se uma pequena luz em mim; contudo examinarei mais de perto a atitude do grego." Daí em diante Suetal não tira os olhos de Mim e dos que Me rodeiam. Depois de algum tempo diz a Ribar: "Amigo, poderás ter razão, pois todos os semblantes denunciam ser ele a figura principal, e o próprio Vice-rei a nada se atreve sem o seu consentimento. Já o teria percebido caso ele não se tivesse declarado apenas como amigo do grande Mestre, pois não era de se supor, que um homem tão compenetrado do Espírito Divino se ocultasse diante de nós, judeus inofensivos!"



3. Diz Ribar: “Não concordo. Dizendo-se o melhor amigo do Mestre não externou uma mentira, sabendo-se que cada qual se conhece mais a fundo; portanto, ele é o seu próprio e melhor amigo! Ademais, terá os seus motivos em não se querer revelar; mais tarde sabê-lo-emos. Repara, como o sábio Mathael se comove cada vez que olha para o grego!

4. Além de tudo, o grande amor que lhe dedica aquela inteligente menina é mais uma confirmação do que digo. E não haveria mulher que não se sentisse atraída pela expressão celeste do nosso jovem fazedor de milagres! Entretanto a pequena nem lhe dá atenção, tributa-a com todo o fervor ao grego, isenta de sentimentos carnis!

5. Diz Suetal: “Estou começando a perceber factores que confirmam a tua observação. O jovem, por exemplo, por várias vezes foi mandado pelo Mestre a fazer isto ou aquilo; nunca, porém, o vi andar, surgindo ora aqui ora acolá! Neste caso só poderá ser um mensageiro, e nunca um senhor!”

6. Diz Ribar: “Também já percebi algo extraordinário quando no almoço: mastigava os peixes, levava-os apenas à boca - e eles desapareciam! O mesmo se dava com o vinho e o pão! Comecei a observar os seus pés em baixo da mesa: eram normais e de forma tão linda como nunca os vi numa moça, muito menos num rapaz! Um anjo não poderia ter pés mais magníficos! E se aquilo que Mathael falou do Mestre é verdade, o seu discípulo pode ser um anjo!”

## 70. A MANIFESTAÇÃO DIVINA.

1. Diz Suetal: “Sim, é possível; apenas a expressão de “discípulo mais jovem” me intriga, pois um anjo não o pode ser diante das criaturas considerando-se a sua idade incomensurável. Que achas?”

2. Diz o outro: “Talvez o Mestre assim o denominasse para apontá-lo como o mais recente em vestes humanas!”

3. Teima Suetal: “Tal hipótese seria arriscada, em virtude do que diz Moisés.”

4. Insiste o outro: “Como assim? Pois se um anjo foi, durante sete anos, guia de Tobias, por que não poderia este conservar-se por algum tempo sobre a Terra, igualmente Obra de Deus?”

5. Diz Suetal: “Sendo ele um anjo, o seu Mestre deve ser, espiritualmente, Senhor de todos os Céus. Neste caso resta saber o que devemos e podemos fazer?”

6. Responde Ribar: “Ora, a Divindade tem livre acção, e os mortais não Lhe podem impor limites. Entretanto Ela nos procura como Benfeitor Magnânimo, a fim de nos educar pelo amor tão veementemente pregado por Enoque. Assim, só podemos compreendê-la pelo amor, jamais pelo intelecto e o raciocínio assaz presunçoso. Percebo-o cada vez mais nítido: o grego nos procurou amavelmente, perguntando se queríamos travar conhecimento com o Mestre. Esquivamo-nos com razões fúteis, pois o jovem nos provará a nossa tolice.

7. Até então calculávamos de acordo com o intelecto, sem conseguirmos vislumbrar além; e o pouco que agora enxergamos, o devemos ao jovem que nos fez aquela advertência mais forte, pois perdera a paciência connosco. Assim nos foi tirada a venda dos olhos da nossa alma, despertando-nos simpatia pelo grego e julgo ser melhor seguirmos apenas o que o coração manda. A razão só foi dada ao homem como instrumento, tal como a colher serve para remexer as panelas. Uma vez que o alimento esteja cozido, não mais é necessária.”

8. Diz Suetal, admirado: “Vejo a tua grande atracção pelo grego da qual também compartilho. Apenas não concordo com a abolição do raciocínio, pois sem ele nos assemelharíamos aos animais que seguem somente o instinto. Julgo necessário, purificarmos a nossa razão, proporcionando-nos pelos justos sentimentos uma bênção verdadeira.

9. Os sentimentos humanos são idênticos a um pólipó, pronto a estender os braços na satisfação da sua voracidade. Contudo não tem inteligência. Unicamente a razão bem formada e purificada organiza os sentimentos, tornando o homem uma criatura verdadeira.” – Os outros concordam e Suetal conclui: “Acaso terás algo a contrapor?”

## **71. A RAZÃO E O SENTIMENTO.**

1. Responde Ribar: “Amigo, haveria muita coisa a dizer; mas como és herói intelectual sempre saberias contestá-la. A educação humana é tal qual como a explicaste e deve ser predecessora

necessária à mais elevada, ou seja, a espiritual. Jamais será a educação do intelecto o último grau, embora muito refinada.

2. Se a razão nos foi dada como regulador primitivo dos nossos sentimentos, a fim de sublimá-los deve haver correlação entre estes e um fruto amadurecido que necessita para tanto de luz e calor solares, como também da chuva germinativa. Quando sazonado deve ser colhido e guardado na despensa para se tornar mais saboroso. Se o deixares no pé, nada lucrarás, pois apodrecerá.

3. O mesmo acontece com os sentimentos da criatura: uma vez que alcancem certo grau de maturação devem ser livres do cuidado da razão externa e levados à sublimação, a fim de não tornar inútil o seu amadurecimento. Por este motivo afirmo que nos deveríamos despojar da razão externa, entregando-nos aos sentimentos amadurecidos!”

4. Responde Suetal: “Irmão, deves estar recebendo uma revelação divina, pois desconheço em ti tal linguagem! Não tenho mais nada a dizer, pois sinto que estás dentro da verdade, a qual também ajudará o meu progresso!”

5. Os outros companheiros confirmam as suas palavras. Nisto volta Raphael, e toca os dois amigos no ombro e diz: “Assim me agradais bem mais, do que em vossas conjecturas intelectuais, tanto que vos asseguro estardes no caminho certo!”

6. Ribar levanta-se e abraça Raphael com todo o fervor, dizendo comovido: “Criatura adorável, por que não me foi possível amar-te desde o princípio?”

7. Diz Raphael: “Amigo, esta qualidade de amor é melhor que nenhuma; todavia não se adapta à esfera da alma e à sua vida íntima. O teu amor prende-se à minha forma – o que nunca deveria acontecer, – pois deste modo o interior se exterioriza, tornando-se uma estampa do inferno. A Ordem Divina se inverte, o espírito, ou o amor da alma, se descobre, provocando o seu atrofiamento. Facto semelhante se dá quando o feto que é expelido bruscamente, pois é perdido. A minha figura não te deve seduzir, mas sim, as palavras que pronuncio. Estas perdurarão, libertando e tornando feliz a tua alma; a minha forma externa e temporária te sirva como prova da beleza da verdade, em unísono com o amor! Compreendes?”

8. Responde Ribar, soltando o anjo de seu amplexo: “Como não? Porém, diante da tua figura, a razão torna-se um peso!”

9. Vira-se Suetal para Raphael: “Eis um velho defeito do meu amigo: não suporta a presença da beleza, masculina ou feminina,

sem se apaixonar. Para mim isso não importa. Prefiro, é claro, um físico atraente, mas sem jamais me ter perdido. Por este motivo as mulheres nunca foram por mim importunadas!”

10. Diz Raphael: “Não existe mérito nisso, pois baseia-se em tua natureza! Que vantagem leva um cego, por não ser tentado pela beleza? Ao surdo não constitui virtude não ouvir as mentiras do mundo. Criaturas como tu são mais difíceis de despertar, pois algumas existem, cuja sensibilidade se revela logo no início da evolução espiritual, e outras há que nem no fim da mesma.

11. No teu amigo Ribar já existe algo de espiritual, embora não purificado, em seu físico; motivo por que se sente atraído pela beleza ou perfeição, porquanto se baseia no espírito. Assim, tal atracção externa por algo sedutor já é um conhecimento silencioso, contudo de reciprocidade espiritual. Apenas deve, quanto antes, ser entregue a uma boa orientação, pela qual será reconduzida à verdadeira base da vida. Tal tarefa não é tão difícil, porquanto **o espírito que se manifesta pelo amor é o próprio ser inteligente do homem, compreendendo e accionando aquilo que corresponde à sua natureza e equilíbrio.**

## 72. A RAZÃO DA DIVERSIDADE DE TALENTOS.

1. (Raphael): “Em Absoluto constitui pecado a pessoa apegar-se a algo atraente, mas poderá chegar a este ponto – isto é, tornar-se uma falha na ordem da vida – permanecendo neste pendor sem a devida orientação, pois será difícil isolar e reconduzir a alma à boa ordem.

2. Eis por que o Senhor permite até flagelos dolorosos, pelos quais a criatura consegue, com o tempo, abandonar as coisas externas, aproveitando a inclinação artística ordenadamente e, deste modo, vivificá-la.

3. Existe grande diferença entre criaturas semelhantes a ti e a Ribar: o que levarás anos a conquistar, ele poderá conseguir em poucos dias, sim, em poucas horas mesmo, sendo bem conduzido e apresentando boa vontade. Compreendes?”

4. Responde Suetal, amuado: “Sim, contudo não percebo o motivo que leva o Criador a dotar uma pessoa de fácil assimilação, enquanto outra nasce obtusa qual pedaço de pau!”

5. Diz Raphael: “Amigo, com indagações de tal ordem levaremos tempo para chegar a uma conclusão. O teu espírito acha-

se preso à carne, enquanto o de Ribar já traspassou a pele, o que torna fácil falar com ele. Do mesmo modo poderias indagar a razão de ter feito Deus tantas pedras, ao invés de um solo apenas macio e fertilizante; o porquê da água que impede o cultivo de hortas e vinhas, dos cardos e abrolhos incapazes de produzir um só fruto. Digo-te: tudo isto é sumamente necessário, pois uma coisa não poderia existir sem a outra. Esclarecer-te as sábias razões levaria milênios, ao passo que um espírito mais despertado e amadurecido compreendê-lo-á em poucos instantes, caso lhe desperte interesse. Como, porém, tal espírito tem problemas mais elevados a resolver, com gosto relega tais pesquisas ao critério do Senhor de Eternidade.”

6. Teima Suetal: “Logo não me cabe culpa de ser menos inteligente que Ribar, o qual, a meu ver, está longe de ter assimilado a Sabedoria Celeste, não obstante o seu espírito lúcido!”

7. Raphael prossegue: “Criaturas como tu necessitam de intelecto mais aguçado, que facilite à sua alma obtusa um caminho para o espírito. Este caminho é, naturalmente, espinhoso e mais longo – pois apenas é alcançado pela justa aplicação dos sentidos externos, – que aquele indicado aos espíritos de amor, possuidores, em e diante de si, de um elemento de vida sintonizada.

8. Que esforço não necessitarás para conquistar o amor! Ribar, porém, já é todo amor, e basta equilibrá-lo e conduzi-lo para que se aperfeiçoe. Tu precisarás para tal fim do teu intelecto infecundo, compreendes?”

9. Diz Suetal: “Assim sendo, Deus é injusto e partidário!”

10. Responde o anjo: “Sim, partindo do ponto de vista racional; mas por que, ao construíres uma casa empregas no alicerce as pedras mais pesadas e duras? Que mal te fizeram para que ajas assim, pois ainda deitas sobre elas todo o peso da construção? Não te inspiram piedade? Acaso não te compadeces das raízes da árvore por ficarem enterradas no solo mofado da Terra, enquanto os seus galhos se estendem soberbamente no éter e na luz reconfortante?”

11. Não será isto tudo uma série de injustiças, já nas camadas mais ínfimas da Natureza? Como poderia um Deus Sábio, como Criador, permanecer insensível diante de tanta compreensão humana?

12. Do mesmo modo os teus pés poderiam apresentar queixas com referência às mãos, dizendo: Somos da mesma forma carne e sangue como vós, porém condenados a carregar o vosso peso,

enquanto vos é dada a livre movimentação! Outras partes do corpo, igualmente, poderiam levantar a sua voz contra a cabeça; quem não compreenderia o absurdo de tais reclamações?

13. O Senhor dotou as criaturas de faculdades diversas, maiores ou menores; todavia, a ninguém é vedado o acesso ao Templo da Perfeição, todos têm o seu caminho e não se podem lastimar, dizendo: Senhor, por que não me deste os talentos dos quais o meu próximo desfruta tão fartamente? O Pai responderia: Se Eu tivesse dotado todas as criaturas de modo perfeito, jamais necessitariam do auxílio mútuo e, neste caso como despertar e activar o amor ao próximo que vivifica?

14. Que seria o homem sem este sentimento, e como poderia, sem ele, encontrar o amor puro por Deus, sem o qual não é possível pensar-se na vida eterna da alma? A fim de que possa alguém servir a outrem, conquistando deste modo o seu amor, deve ele ser capaz de realizar algo de que o outro careça; assim um torna-se necessário ao outro, despertando nessa reciprocidade o amor e fortalecendo-se cada vez mais pelo bem aplicado. **No poder do amor ao próximo consiste sempre a Revelação íntima do Amor Puro e Divino, em Si a Vida Eterna.**

15. Se ora afirmas que, de certo modo, nada te leva à manifestação de amor, nem a beleza externa nem tão pouco uma acção recta, – desejaría saber qual o terceiro meio de conseguir o homem despertar tal sentimento em seu coração e como fortificá-lo até alcançar o poder da Revelação do Amor Divino?

16. Enquanto não se manifestar em palavra e acção, as condições de uma vida eterna após a morte serão bem precárias! Em suma: se persistirem dúvidas em teu coração quanto à sobrevivência da alma, é porque ainda não se revelou a existência do espírito dentro de ti, e a criatura tende sempre a duvidar daquilo que não possui, mesmo se o deseja. Se um dia achares a vida eterna da tua alma pela Revelação do Amor Divino – como quem acha uma moeda perdida, – também não mais haverá dúvidas sobre a posse real dentro de ti!

17. **Este estado só se alcança pelo amor ao próximo.** Eis porque Ribar se encontra mais perto do verdadeiro destino da vida do que tu, pois tens iluminado o teu cérebro com a luz natural do mundo, enquanto o teu coração perambula sem fogo e luz, qual caça selvagem, nos emaranhados trevosos das florestas pantanosas da Europa!

18. Assim aconselho-te: reflecte sobre as minhas palavras, para não te perderes nas trevas com todo o teu intelecto, pois este acabará por ser o fruto de ouro carcomido pelos vermes, em tua árvore da vida, muito antes do seu amadurecimento. Os vermes, representam as dúvidas que destruirão finalmente o teu cérebro e o teu fruto vital apodrecerá, servindo de alimento aos abutres! Compreendeste?"

### 73. O HOMEM MENTAL PROCURA O AMOR.

1. Diz Suetal: "Como não? No entanto, quase prefiro não te ter compreendido! Como posso obrigar-me ao amor, se por natureza me falta esta capacidade? Conheço apenas a manifestação do intelecto naquilo que vejo; o amor é-me inteiramente estranho! Explica-me o que se passa na criatura como indício de amor? Deve existir uma prova evidente na vida do homem, de contrário de nada lhe valeria esse sentimento. Poderá possuí-lo em plenitude sem saber que tal sentimento seja amor!"

2. Diz Raphael: "Não te lembras da tua infância e o que sentias pelos teus pais que muito te amaram e cumularam de carinhos?"

3. Responde Suetal: "Recordo-me, embora vagamente, de certos factos emocionantes que me enchiam os olhos de lágrimas. Teria sido tal sentimento infantil, amor?"

4. Diz Raphael: "Claro, e quem não o possui, carece de tudo que pertence à vida; tal criatura é apenas um maquinismo do seu intelecto iluminado pela luz material, desconhecendo a vida da sua própria alma! Por isso devem, pessoas como tu, fazer despertar o amor infantil no coração, de contrário é impossível conduzir um intelectual ao Reino interno do espírito.

5. De que te adianta a assimilação do raciocínio, se ignoras a formação e individualização da tua própria vida? Que vantagem teria um jardineiro pela contemplação do crescimento pujante de plantas raras em jardins estranhos, enquanto deixa que o seu próprio, seja invadido pelo matagal? Necessário é organizar os canteiros do seu jardim, limpá-los do mato, estrumá-los e lançar-lhes boas sementes, para que possa ter, em época propícia, alegria justa no desenvolvimento das plantas! – Agora basta, pois o Grande Mestre entrará em acção e devemos dirigir-Lhe o coração e juízo!"

6. Diz Ribar: "Antes disso, diz-nos se não convém externar-lhe o nosso reconhecimento por tudo que a Sua grande Bondade nos proporcionou, tanto física quanto espiritualmente!"

7. Responde Raphael: “Ele vê somente o íntimo da criatura: estando este em boa ordem tudo estará bem. Quando vos achar bastante amadurecidos, chamar-vos-á, determinando a vossa atitude futura.

**8. Agora trata-se de dedicar-Lhe toda a atenção, pois quando realiza alguma coisa não é apenas para determinada zona, país ou até mesmo este planeta, mas para todo o Infinito!** Compreendei-o bem: Cada palavra que a Sua Boca profere, - movimentada pelo Espírito Eterno de Deus - e toda a acção consequente são de infinita repercussão! - Necessito deixar-vos e sujeitar-me à Vontade do Grande Mestre!” O anjo volta para junto de Josué que tinha vários assuntos a discutir, pois as controvérsias havidas deixaram-no um tanto perturbado e Raphael tem o que fazer para ajustar o seu discípulo.

#### **74. O SENHOR ANUNCIA UM ECLIPSE SOLAR.**

1. Eis que digo: “Amigo, a nossa refeição material e espiritual teve a duração de quatro horas. Levantemo-nos, pois, a fim de observar o mar que talvez apresente algo digno da nossa atenção! Dentro de meia hora, assistireis a um eclipse total do Sol; ninguém se deve inquietar, pois é um facto natural!

2. A Lua, numa distância de noventa e oito mil horas, passará diante do Sol, impedindo que a sua luz recaia sobre a Terra. O eclipse durará apenas alguns instantes, o suficiente para que vejais a constelação sideral do inverno, e depois reaparecerá o Sol sobre os bordos da Lua. Digo-vos isto para que não sintais medo, demonstrando-vos a naturalidade de tais fenómenos.

3. Ao mesmo tempo descobriremos três navios de carga, que deverão alcançar a praia antes do dito eclipse; de contrário, a superstição nefasta obrigará os marinheiros a fazer lançar ao mar um grego honesto, em companhia da sua filha de beleza e virtudes raras. Viajam para Jerusalém, com o objectivo de ver o Templo e se inteirarem da religião judaica e levam para tanto enorme riqueza, que cairia nas mãos dos gregos criminosos.

4. Não há tempo a perder, pois os astros seguem ininterruptamente a sua trajectória dentro da lei; se esta marcha fosse impedida, a Terra levaria grande prejuízo por um milénio. Porém, se os três navios forem trazidos à praia numa rapidez



milagrosa, ninguém será prejudicado: muitos pobres desta zona até lucrarão, material e espiritualmente. Mãos à obra!”

5. Todos correm à praia, organizando uma fila enorme com ajuda de Raphael, pois que tentam ficar bem juntos de Mim, que já sou requisitado por Ebahl, Yarah, Raphael e Josué. Finalmente, resolvo embarcar com Cirénius no navio de Marcus, que o faz navegar, ora para cima, ora para baixo, à frente dos que Me acompanham. Eis que a Lua se aproxima rápida do Sol. Chamo, então, Raphael e lhe digo: “Sabes o que te cabe; portanto age!”

6. Diz ele, considerando os hóspedes: “Senhor, de uma só vez ou pouco a pouco?”

7. Respondo: “Dentro de doze instantes, de um só golpe!” Entretanto, os navios acham-se tão longe que mal podem ser vistos, e em linha recta a distância é de quatro horas.

## 75. RAPHAEL SALVA OS GREGOS.

1. Tanto Cirénius quanto Marcus esforçam-se por descobrir os navios, – mas nada observam. Outros, de melhor visão, localizam-nos quais mosquitos, dizendo: “Senhor, favorecidos por bons ventos, esses navios levarão duas horas para aqui chegar.”

2. Digo Eu: “Não vos preocupeis, o meu capitão sabe trabalhar!”

3. Indagam os trinta fariseus: “Onde estaria, a quem fosse possível tal coisa?”

4. Respondo: “Conheceis o jovem mentor do filho adoptivo de Cirénius: é ele!” Insistem eles, amedrontados: “Onde está a sua embarcação?”

5. Diz Raphael: “Não necessito dela”, – e desaparece! Todos se assustam, crentes de ter o jovem saltado para a água, a fim de nadar em direcção aos navios. Havia muitos que ignoravam ser Raphael um anjo. Tomavam-no pelo mentor de Josué, pois se dedicava mais àquele, enquanto o é de Yarah.

6. Mas os indagadores se refazem do susto; os três barcos se aproximam da praia, Raphael está a bordo do que traz pai e filha, atemorizados pela viagem rápida a estas plagas e pela presença do jovem capitão. Os próprios marinheiros param estatelados com os remos na mão. Após alguns instantes de assombro o grego dirige-se com devoção a Raphael: “Quem és, ser supremo? Quem te mandou trazer-nos aqui e qual a razão?”

7. Responde o anjo: “Não indagues, mas sim, observa o Sol que perderá por momentos o seu brilho. Se vos encontrásseis em alto mar, a superstição dos navegantes ter-vos-ia atirado às ondas, a fim de dividirem os vossos tesouros. Prevendo tal facto, o nosso Mestre Divino mandou que eu vos salvasse. Embora salvos, esperam-vos acontecimentos desagradáveis que me levam a permanecer a bordo durante a reacção dos marinheiros.”

8. O grego e a sua filha observam com pavor que do Sol apenas resta estreita faixa; por isso ele se levanta e atira uma maldição contra o “dragão” horrendo que procura devorar o astro. Era isto hábito religioso de alguns pagãos da Ásia Menor, que procuravam, deste modo, forçar o dragão a expelir o Sol. O velho, no entanto, ainda não terminara as imprecações quando o astro é completamente obscurecido pela Lua.

9. No mesmo instante ouve-se uma gritaria selvagem entre a tripulação e os soldados romanos à beira da praia. Os marinheiros, quase loucos de pavor, atiram-se sobre o grego, sua filha e Raphael, tentando lança-los ao mar, pois lhes atribuem a culpa do eclipse. O anjo, com toda a calma, põe um a um dos rebeldes à margem e o mais irritado é lançado às ondas, tendo dificuldade para alcançar a praia a nado.

## 76. A CONSEQUÊNCIA DO ECLIPSE.

1. Neste ínterim o Sol surge por detrás da Lua, dando novo ânimo aos presentes. Apenas Cirénius e Julius permaneceram calmos, a Meu lado, durante o fenómeno, apreciando a constelação do inverno. Os Meus próprios discípulos se inquietaram, e Yarah e Josué saltaram dentro do Meu bote, tremendo de pavor pela gritaria dos rebeldes.

2. Pouco a pouco a iluminação volta ao normal, a tripulação retorna às embarcações e pede desculpas ao jovem e ao grego por tê-los agredido. O grego, então, diz: “A pessoa sempre deve agir de acordo com a sua crença; a vossa tem de ser iluminada para compreenderdes que os deuses, em absoluto, exigem vítimas das nossas mãos, pois dispõem de meios incontáveis para tal fim.”

3. A esta explicação os marinheiros prometem agir mais compreensivelmente no futuro. Em seguida indagam se o grego continuará a viagem. Ele responde: “Não vedes o jovem poderoso em nosso meio? Salvou-me da vossa ira supersticiosa e também a

vida de minha filha. Com isto tornou-se meu senhor, obedecendo-me eu integralmente: sem a sua ordem não me afastarei nem em dez anos!

4. Além disso, algo me diz que achei neste lugar simples, mais que em toda a Jerusalém. Assim, apenas indagarei do hospedeiro sobre a minha permanência, fazendo, neste caso, desembarcar os meus tesouros, e vos incumbindo da tarefa.”

5. Durante esta palestra subi no navio do grego, em companhia de Cirénio, Julius, Yarah, Josué e Marcus, que diz: “Amigo, vê que um hospedeiro honesto sempre está com a casa cheia; todavia, ainda há espaço, caso queiras ficar.”

6. Responde o grego, amável: “Bom homem, necessito apenas de uma área de trinta passos de comprimento e dez de largura que servirá para levantar os meus três acampamentos; alimentos e bebidas trago comigo, possuindo também ouro e prata de sobra, caso se esgotem. Qual o preço que exigis pelo aluguer da área?”

7. Diz o velho Marcus: “Sei que vós, gregos, apreciáis uma boa escrita, o que não se aplica aos romanos e judeus, de boa índole. Ficarás o tempo que quiseres e se exige de ti apenas verdadeira e sincera amizade. Se, além disso, pretendes fazer algo em benefício de um pobre, tens liberdade para tal. Por isso, faz desembarcar as tuas bagagens e fica à vontade, não só na parte desejada, mas na minha quinta de boas proporções. – Estás satisfeito?”

8. Responde o grego: “Fiquei sem palavras e mal me atrevo a fazer uso da tua benevolência, pela incerteza de te poder retribuir.”

9. Diz Marcus: “A tua amizade valer-me-á mais do que todos os tesouros enumerados e dos quais não necessito, pois tenho outros, maiores, isto é, de qualidade espiritual.”

10. Indaga o outro: “Nesse caso estás de posse daquilo que eu e a minha filha procuramos debalde por todos os cantos da Terra?”

11. Responde Marcus: “Aqui, neste local, encontrarás o que nem a Terra, nem os astros, nenhum templo e nenhum oráculo te poderão facultar.” Incontinenti o grego ordena aos quatorze empregados que ponham mãos à obra.

## **77. DEUSES E HOMENS.**

1. Nisto digo Eu ao grego: “Ouve, amigo! Bem que tens servos diligentes e activos; entretanto, levarão um tempo imenso para organizar a tua bagagem. Vê, este jovem é um dos Meus múltiplos

servos e fará, num instante, mais que os teus, em cem anos. Assim, deixa-os descansar que ele fará tudo conforme o teu hábito. Se quiseres, darei a ordem.”

2. Diz o grego: “Ficarei mui grato caso tal fosse possível, pois o meu pessoal está exausto da viagem.”

3. Digo Eu a Raphael: “Mostra o que pode um espírito puro, num instante.” Raphael curva-se diante de Mim, dizendo: “Senhor, ordenaste, e tudo já foi feito!”

4. Viro-Me para o grego: “Bem, amigo, investiga se está tudo a teu gosto.”

5. Ele se levanta, põe as mãos na cabeça e exclama: “Mas que é isto? O moço nem nos deixou e as minhas tendas já se acham levantadas e tudo parece estar arrumado! Não! Isto não é possível! Tenho que ver de perto!” Acompanhado por nós e pela filha, constata que tudo está de acordo com a sua vontade.

6. Atordoado, diz ele, após algum tempo: “Devo-me encontrar, ou entre magos do Egipto, ou entre deuses! Nunca alguém assistiu a tal coisa! E tu, amigo (virando-se para Mim), pareces ser o mestre ou Zeus entre os demais! Não foste gerado pela carne, e sim, pelo espírito, desde toda a Eternidade! Ó deuses, quanto poder deveis possuir, a fim de realizar tais coisas, e quão miserável é o homem, verme cego no pó! Podeis tudo, – e nós, nada! Amigo, que és um deus e sobre tudo mandas, – que posso eu, mortal, fazer ou dar-te, pois, diriges a Terra e os astros!”

7. Digo Eu: “Possuis bastante conhecimento natural e julgas o milagre ocorrido com tirocínio acertado. Porém, não deves julgar o homem abaixo do teu critério referente aos deuses. Digo-te: todos eles, que pretendes conhecer e até veneras, nada são perto de uma criatura compenetrada do Espírito Divino.

8. Vê, a maioria das pessoas aqui presentes são tão poderosas quanto este jovem; no entanto, são carne e osso! Podes apalpar-Me e verificarás que também assim sou, fisicamente; mas este corpo é repleto do Espírito Divino, Onnipotente, a cuja Vontade todos se dobram.

9. Deste modo, agimos apenas pela força do Espírito de Deus, que se acha em nós, pensa e actua como a Sua Sabedoria que tudo vê e sente, julga bom e útil. Estas qualidades Me são afins no mais elevado grau; eis porque sou Mestre. **Todavia, Posso capacitar para tanto todos os de boa vontade.**

10. Jamais esta faculdade poderá ser conferida à pessoa de má índole; pois necessário é ser envolvida completamente na Santa Ordem do Espírito Divino antes que se receba a Omnipotência do Espírito de Deus, o que se dá quando a alma da criatura pura é por Ele compenetrada. A alma, então, apenas deseja o que é da Vontade de Deus e esta Vontade tem de ser realizada, por ser Ele a Eterna Força Primitiva e o Poder de todo o Universo!

11. Tudo que existe, vive e pensa no Espaço é o Pensamento Imutável deste Espírito Eterno, na Ordem por Ele fixada, em sua parte espiritual e subsequente Ideia, que por sua natureza também é capaz de se transpor no espírito livre. Eis uma definição sintética das coisas! És bom pensador e hás-de assimilá-lo em breve; agora, basta! Dar-te-ei para companheiro um tal Mathael, homem de profundo saber; em seu convívio aprenderás muita coisa, e ele ainda te esclarecerá quanto à Minha Pessoa.”

12. Satisfeito, o grego aguarda a apresentação de Mathael, admirando-se profundamente da Minha Sabedoria. Convoco, pois o visionário e digo: “Olha, Meu amigo, eis uma casa um pouco avariada; és exímio carpinteiro e saberás de que necessita.”

13. Diz Mathael: “Senhor, com a Tua Ajuda, ela se tornará boa e sólida.”

## 78. MATHAEL TORNA-SE PROFESSOR DE OURAN.

1. Após este preâmbulo, o grego, chamado Ouran, começa a meditar, a fim de poder entrar num intercâmbio espiritual com Mathael, que demonstrara em poucas palavras ser dotado de grande cultura. Passado algum tempo ele indaga se ele tem vontade de acompanhá-lo nas suas viagens a terras longínquas e qual o preço a pagar.

2. Diz Mathael, apontando-Me: “Eis um Salvador do corpo, da alma e do espírito! Há nem bem doze horas, eu ainda era o ser mais miserável desta Terra: as minhas vísceras estavam de tal modo possuídas de maus espíritos, que toda a minha natureza se tornara diabólica. Numa horda de salteadores portei-me feito monstro, pois o meu físico tinha de obedecer, enquanto a alma permanecia estarecida, ignorando o que se passava com o corpo. Quem teria sido capaz de me ajudar, sendo eu o pavor de todos que de mim se aproximavam? Apenas uma coorte de guerreiros destemidos

conseguiu dominar-me, assim como a outros. Amarrados qual tigres, fomos aqui transportados para o julgamento final.

3. Aí vês o Grande Mestre, vindo dos Céus, para nos curar, diabos personificados, pela palavra e acção. Por esta cura nada nos pediu, mas sim, cumulou-nos de benefícios extraordinários, física e espiritualmente!

4. Agora, pela primeira vez por Ele convocado para O servir, indagas sobre um preço! Amigo, antes de eu não pagar a minha dívida para com Ele, impossível é exigir-te algo; sirvo ao Mestre e não a ti! Continuarei sendo, por eternidades, o Seu maior devedor, e apenas os meus préstimos poderão diminuir o meu grande débito. Por isso, jamais me ficarás devendo alguma coisa, - a não ser a tua amizade fraternal. Recebi-o de graça e dá-lo-ei da mesma forma!"

5. Diz Ouran: "Amigo, és o homem mais nobre que jamais vi! Por isso deves para sempre, ser meu sábio guia e também da minha filha. Não mais perguntarei pelo custo monetário; todavia, aceitarás que junto a nós nada te falte como amigo e irmão?"

6. Responde Mathael: "Resta saber se irás aceitar de mim algo ou tudo e, quem sabe, talvez nada! Aquilo que tenho para dar não tem sabor agradável - como já tive provas - tal como o vinho adocicado com mel, tão do gosto dos gregos; ao contrário, é, muitas vezes, amargo como fel e suco de aloés. Por isso, veremos primeiro como se fará a troca das nossas dádivas!"

7. Intervenho: "Quereis saber de uma coisa? Como ainda haverá uma hora de Sol, e até à noite o tempo será agradável, daremos um passeio ao monte de Marcus, a fim de que nos conheçamos mais de perto. Mandarás vigiar as tuas tendas, pois só terás necessidade delas, depois da meia-noite."

8. Diz Ouran: "Estão guardadas ali grandes preciosidades, mas presumo ser o nosso amigo honesto."

9. Obtempero: "Quando há pouco te encontravas em eminente perigo, a ponto de perderes a vida e os bens - quem te salvou?"

10. Ele reflecte e diz: "Sim grande Mestre, tens razão e reconheço a grande tolice que não mais repetirei. Estou pronto para te seguir!"

## **79. HELENA, A FILHA DO SÁBIO GREGO.**

1. Nisto aproxima-se de Mim, com acanhamento, Helena a filha de Ouran, e pede: "Senhor, inatingível Mestre e Salvador! Não

tomes a mal a atitude do meu velho pai, pois afianço-te ser ele bom, benigno e condescendente, sem nunca ter feito uso dos seus direitos, no que, por certo, não agiu bem. Jamais discuti ou se queixou contra a injustiça recebida. Eis por que os deuses o protegeram e a deusa Fortuna sempre lhe foi dedicada. Por isso, não aceites o zelo por ele externado, como algo que possa ofender a tua soberania! Todavia, se a minha suposição for errada, aceita a minha vida como resgate pelo meu pai, que amo acima de tudo!"

2. Digo Eu aos que Me rodeiam: "Já vistes algum dia tal prova de amor filial? Em verdade, é apenas pagã, mas causa vergonha a todo o Israel que recebeu de Moisés o Mandamento de Deus de honrar e amar pai e mãe!"

3. Respondem todos: "Não, Senhor e Mestre! Nunca se viu tal exemplo!"

4. Digo Eu a Helena: "Não te amedrontes, Minha filha, pois conheço o teu pai há muito tempo e, se assim não fosse, ambos estaríeis sepultados no fundo do mar!"

5. Diz ela: "Mas como tal coisa é possível, se te conhecemos apenas há uma hora?"

6. Respondo: "Oh, Helena, vê o mar e a Terra, por certo, já bem velhos, - no entanto, Eu existia antes de tudo isto!"

7. Exclama ela, assustada: "Serás, por acaso, o próprio Zeus?"

8. Digo Eu: "Minha pombinha, não atemorizes o teu coração com coisas banais. Não sou Zeus, porque ele nunca existiu! Mas sou a Verdade e a Vida, e os que crêem em Mim não verão nem sentirão a morte, por eternidades! Agora, sabes Quem Sou?"

9. Diz ela: "Se fores apenas a verdade fria e a sua vida pura, como sucede neste momento, que começo a sentir um grande amor para Contigo?"

10. Respondo: "Coração! Isto ser-te-á revelado no monte! Vamos, antes que o Sol se ponha!" Dentro em pouco alcançamos a sua pequena elevação e Cirénio observa a paisagem deslumbrante que diz poder fitar durante horas sem se cansar. Apenas é de lastimar que o dia esteja findando.

11. Aproxima-se Simon Judá e diz: "Senhor, hoje poderias dizer ao Sol como Josué: "Pára", a fim de que Teus filhos pudessem gozar esta maravilha e louvar Aquele que a criou!"

12. Diz Cirénio: "Oh, Simon! Velho e fiel pescador e discípulo do grande Mestre! Eis uma boa ideia, pois tal milagre seria muito

mais fácil ao Senhor que a Josué!” – Junta-se Yarah para sustentar tal pedido.

## 80. O SOL ARTIFICIAL.

1. Eu, porém, obsto: “Sois ainda crianças inexperientes, pedindo algo que não pode suceder, pois o Sol não se movimenta diante da Terra! Possui ele uma órbita imensa, mas que não diz respeito a este planeta, tal como um grão de poeira em vossa veste não influi nos vossos movimentos.

2. Dia e noite formam-se pela rotação rápida da Terra em torno do seu eixo. Já vos esclareci ser esta uma bola que, pela movimentação, mostra as suas diversas faces ao Sol. Eis porque em certo lugar é manhã, em outro, meio-dia, num terceiro, noite e num quarto, meia-noite, simultaneamente. Estes quatro estados mudam com muita precisão e frequência, de sorte que, em vinte e quatro horas, em todos os pontos da Terra se dão a manhã, o meio-dia, a noite e a meia-noite. Esta ordem não pode ser alterada, sob risco de uma completa destruição de tudo que existe na Terra.

3. Se Eu fosse, realmente, forçar o Sol a irradiar a sua luz pelo espaço de mais uma hora, teria que parar a rotação da Terra de modo tão brusco que alguns instantes representariam para a sua órbita, a distância daqui a Jerusalém. Isto provocaria um choque tão forte na Terra e em tudo que não fosse sólido, que não só atiraria todos os seres vivos, as casas e edifícios numa tremenda violência em direcção do Oeste, como também lançaria mares sobre montanhas!

**4. Por este motivo natural não posso ceder ao vosso pedido; poderei, todavia, apresentar-vos um Sol artificial, como na época de Josué. Tal Sol desaparecerá em poucas horas, por ser apenas uma “fata-morgana” (miragem). Prestai atenção; quando o verdadeiro Sol desaparecer, o artificial surgirá a Leste, permanecendo no horizonte durante duas horas.**

5. Para este fim não serão empregados meios extraterrenos, mas sim, da própria Natureza, conquanto activados e constatados por forças excepcionais, provindas das esferas celestes, através da Minha Vontade. Tereis compreendido?”

6. Responde Cirénus: “Estou compreendendo perfeitamente, pois ainda possuo a maravilhosa laranja de Ostracina; lembras-Te, Senhor? Entretanto, duvido que os outros o tenham entendido.”



7. Digo Eu: “Não importa; o que não é assimilado agora, sê-lo-á mais tarde, pois disto não depende a salvação das almas. Criaturas conhecedoras da Terra são levadas a pesquisá-la em todos os pontos, o que as faz projectar a alma para o exterior e as torna materialistas e interesseiras. Eis porque é preferível um menor conhecimento sobre a Natureza do globo terrestre e uma maior noção de si próprio.

8. Quem conhece o seu íntimo a fundo em breve alcançará maiores noções, materiais e espirituais, não só da Terra como de todos os corpos cósmicos no Espaço Infinito, sendo o conhecimento espiritual, precisamente, o de máxima importância. A noção, apenas externa, referente ao planeta, não pode aplainar à alma o caminho da Eternidade. – Agora, atenção! O Sol desaparecerá no ocaso, dando lugar ao artificial!”

## **81. OS GREGOS TEMEM AO SENHOR.**

1. Todos dirigem o olhar para o astro natural, que em parte já havia desaparecido atrás das montanhas. Quando desaparece completamente, surge o outro Sol, com luz idêntica até às zonas próximas. Não alcança as estrelas, de sorte que alguns hóspedes vislumbram a Leste, em semiobscuridade, vários astros de primeira categoria, o que desperta grande admiração.

2. Nisto se aproxima Ouran com a sua filha e diz, com voz trémula de veneração: “Se tudo que me rodeia e eu mesmo não somos ilusão, és o Deus dos deuses, dos espíritos, das criaturas e dos animais, – enfim de tudo que existe! Até parecem render-Te obediência os elementos e os astros!

3. Se Tu, embora homem igual a mim, consegues tais coisas apenas pela Palavra e Vontade Poderosas, – pergunto a todos os cientistas o que Te falta para a personificação de um deus perfeito? Eu, Ouran, pequeno soberano das zonas do Pontus, reconheço-Te como Deus. Mesmo se viessem Zeus e Apollo para contestá-lo, provar-lhes-ia a sua tolice. Vem cá, filha, vem e vê o Deus dos deuses, – vê o que jamais foi dado a um mortal fitar!

4. O nosso povo e outros mais construíram um templo sagrado ao deus desconhecido, que nunca é aberto. Denominava-se tal deus o “destino jamais revelado”, diante do qual até o grande Zeus treme como o arbusto na tempestade. E este deus temido está diante de nós, e acaba de impor a Apollo a ordem de fazer parar o carro do

Sol, em virtude do pedido daquele romano respeitoso, que certamente é rei de alguma província feliz.

5. Vê, filha, Apollo não se move até receber ordem secreta do deus desconhecido que apenas se revela aos servos do Templo de Jerusalém, – o que pode muito bem ser uma mentira, pois não reconhecendo Este como o Único e Verdadeiro, estão redondamente equivocados!”

6. Diz a simpática Helena: “Por certo são informados a Seu respeito em quadros alegóricos; entretanto, duvido que tomem este homem milagroso por Aquilo que realmente é. Somente não percebo porque o meu coração cada vez mais se sente repleto de um amor verdadeiro e puro, pois todos nós devemos apenas temer, adorar um deus e ofertar-lhe sacrifícios.

7. Sabes com que severidade o nosso sacerdote, que servia a Apollo, me proibiu de amar a um deus. Tal amor seria sacrilégio e, quando muito elevado, poderia atraí-lo, despertando o ciúme das deusas num desafio ao destino cruel de uma Europa, Dido, Dafne, Eurídice e Prosérpina.

8. Levada por seu conselho consegui um estado de espírito tal que a possível aparição de um deus encantador não me teria menos apavorado que a cabeça horrenda de uma Medusa, Gorgo ou Megera. Nestas condições não mais era admissível falar de um amor para com um deus; entretanto, confesso-te que, não obstante a minha luta íntima, amo cada vez mais a este! Sim, por amor Dele seria capaz de sofrer a pior morte se, por tal sacrifício, me concedesse apenas um olhar amável! Ó Céus! Como é atraente, embora tão sério! Os deuses fizeram mal em nos proibir de amá-los!”

9. Diz Ouran: “Sim, minha filha! Eles sabem o que podem facultar aos mortais! Devemos purificar-nos nesta vida até não mais haver uma mácula em nossa alma, quando formos julgados pelos três juízes implacáveis; Aekus, Minos e Rhanthus. Quando estes nos declararem puros diante de todos os deuses, ser-nos-á permitido no eterno elísio, como felicidade máxima, amar aos deuses, ao menos secretamente. Enquanto em nossa carne mortal, debes cuidar de não te apaixonares pelo mais elevado deus! Isto seria a maior das desgraças! Se sentires tal paixão, será chegado o momento de abandonarmos este lugar.”

10. Responde ela: “De nada me adiantaria, pois já o Tenho no meu coração! Porém, observa aquela menina delicada: parece também amá-Lo, entretanto, nada de mal lhe sucede.”

11. Diz o pai: “Quem sabe não é uma deusa? Terias de temê-la e não a Ele!”

12. Diz Helena, com lágrimas nos olhos: “Sim, poderás ter razão! Mas quão infelizes somos nós criaturas! Não existe coisa mais triste que um coração que não deve amar! Se os meus olhos me aborrecem, posso cegá-los; se as mãos ou os pés me importunam, posso decepá-los! Mas que fazer com o coração quando começa a aborrecer-me? Se sofro do estômago, Esculápio aconselha o suco de aloés; – mas contra a dor no coração não dá remédios.

13. Agora me ocorre algo: este Deus também é Salvador, portanto, ajudar-me-á se Lho pedir, pois fê-lo quando ainda não o conhecíamos. Certamente nos ajudará agora, se Lhe pedirmos, prontos que estamos para qualquer sacrifício!”

14. Diz Ouran: “Eis uma boa ideia que talvez nos traga bons resultados. Como Ele nos recomendou o sábio Mathael para instrutor, só através deste conseguiremos alcançar o grande Deus. Mathael me parece um semideus, igual àquele jovem que suponho ser Mercúrio.”

15. Diz a filha: “Talvez; mas, quem sabe, já não morremos e bebemos Lethe [\*], encontrando-nos no elísio, e os deuses queiram que cheguemos a este conhecimento por nós próprios? Observa bem a maravilha desta zona; poderia ser o elísio mais deslumbrante! Um Sol se vai, – outro vem e até as estrelas não faltam no Céu! Assim sendo, pai, – o meu amor não mais seria pecado”.

16. Diz Ouran: “Filha, a tua observação pode estar certa, embora não a queira assimilar como tal. Mathael nos esclarecerá. Há bem pouco esta paisagem nada tinha de maravilhosa, e quando este segundo Sol se for teremos o mesmo quadro. Mas, recorramos a Mathael, que se acha em palestra com o velho rei, e o deus com um comandante romano. Fala tu, pois as mulheres têm mais jeito para tanto.”

17. Diz ela: “Espera um pouco, pois não sei bem como começar.” Concorde ele: “Tens razão, em tudo que se deseja encetar, deve usar-se de inteligência.”

[\*] Lethe - rio do esquecimento.

## 82. A ORIENTAÇÃO DE MATHAEL.

1. Após este diálogo, ambos se calam e Helena espera criar coragem para se dirigir a Mathael. Quanto mais tempo passa, maior é o receio, e tudo que observa ao seu redor, os últimos acontecimentos e a Minha Presença não permitem que se faça paz em seu íntimo. Percebendo-o, Mathael dirige-se a Ouran: “Amigo, estás triste e a tua filha parece estar adoentada! Que se passa?”

2. Diz aquele, baixinho, a Helena: “Estás vendo? Tem cuidado, fala pouco e devagar, para não te arrependeres de um possível passeio àquele local, vigiado por Cérbero e dominado por Pluton!”

3. Nisto, Mathael bate no ombro do amedrontado Ouran: “Amigo, que há? Já não falas comigo?”

4. Diz ele tremendo: “Ah, que susto! Nada há! Mas a minha filha e eu percebemos que estamos no verdadeiro Olympo, morada dos deuses. Tudo aqui se passa de modo sobrenatural: a santidade deste ambiente apavora-nos, tanto mais quanto a minha filha começa a sentir um amor intenso para com o grande Deus.

5. De acordo com as nossas leis deíficas é tal amor um crime contra a santidade dos deuses, mormente contra o Máximo. A minha pobre filha já não pode fugir a este sentimento que lhe impõe o coração. Eis por que tomei a resolução de pedir ao grande Deus para livrá-la deste conflito. Querias ter a bondade de intervir junto a Ele no sentido de curá-la deste seu mal?”

6. Pela primeira vez após a sua cura Mathael ostenta um sorriso benevolente e diz: “És pagão perfeito: procuras no mundo inteiro a luz da verdade e, quando a encontras, não a reconheces, devido à tua tolice! Lastimo a tua pouca visão e espero melhorares em breve.

7. Aquilo que a tua filha sente pelo nosso grande e santo Mestre é, justamente, o único e verdadeiro comprovante da própria centelha do espírito em sua alma. Quando esta centelha se tornar uma chama poderosa em seu peito, reconhecerá ela a nulidade do vosso politeísmo e a Eterna e Única Divindade Daquele que lançou tal centelha em seu coração puro.

8. **O amor é o único meio pelo qual Deus educa as Suas criaturas para a Filiação Divina e, finalmente, as iguala às que já receberam este baptismo** -, e tu, velho pagão e cego, pedes libertação desta Graça que Deus Mesmo derrama, em Sua Misericórdia, em vossos corações, para despertar a vossa vida

interna? Desiste da tua tolice e torna-te apto para penetrar na vida eterna dentro de ti pela força dada por Deus, a fim de que possas reconhecer-te a ti mesmo e a Ele, volvendo à verdadeira e infinita bem-aventurança!

### **83. ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO ONOMÁSTICA DOS DEUSES.**

1. (Mathael): “Digo-te em Nome do Senhor o que ora aqui Se acha, e que os teus deuses, apenas constituem uma lista de nomes fúteis, e antigamente representavam as qualidades do Único e Verdadeiro Deus, cujo Espírito age em plenitude neste Mestre diante de vós.

2. **“Céus” é aquela denominação que, na época dos patriarcas, figurava diante de uma Lei, provinda do Espírito Divino na alma da criatura, significando: “O Pai assim o quer!” Pelo “Ce”, ou também “Ze”, era representada a ideia da Vontade firme e imutável: e pelo “us”, ou melhor ainda, “uoz” ou “uoza”, a ideia do Pai Criador que tudo rege no Céu.**

3. Assim, a definição “Júpiter”, ou “Je-u-pitar”, aquilo que os patriarcas ensinavam aos filhos como receptáculo correspondente ao Amor e à Sabedoria de Deus; a letra “u” que representa a linha externa de um coração aberto é a verdadeira taça da vida; “pit”, quer dizer beber, pitar é um que bebe, pitara, uma taça sagrada, e “pitza” ou “piutza”, um copo comum.

4. Assim como “Ceus” ou “Jeupitar” para vós, não são nada mais, que um nome vão, porquanto desconheceis o seu sentido, também, e ainda mais tolos e fúteis, são os restantes nomes dos vossos deuses e deusas.

5. Por exemplo, representava “Venuz” ou “Avrodite” entre vós a deusa feminina. Embora também o fosse para os velhos patriarcas, sabiam eles muito bem que raramente uma mulher bonita é inteligente, pois é vaidosa e se preocupa com a sua beleza, não tendo tempo para a conquista de algum conhecimento. Por este motivo os patriarcas denominavam tal mulher de Venuz, ou “Veniz”, quer dizer: Nada sabe, ou nada conhece.

6. O mesmo se dá com o nome Avrodite. Quando se lia “Ovrodite”, tal representava, gerar a pura Sabedoria Divina; e “Slourodit”: criar o saber humano; “Avrodit” porém, projecta a

tolice humana, que se aplicava então a uma bonita mulher, mas enfeitada é geradora de tolice.

7. Pela letra “V” os patriarcas idealizavam o sinal de um receptáculo. Se o “O” precedia o “V”, imitando a figura do Sol, correspondia a Deus em Sua Luz Primária; o “V”, então, tinha a finalidade de receber a Luz da Sabedoria após a letra “O”. Estando um “A”, pelo qual os velhos classificavam a matéria pura, antes do “V”, este receptáculo representava a absorção da tolice absoluta. Rodita quer dizer: gerar, e A V rodit: gerar a tolice. – Diz-me, estás começando a perceber a nulidade quanto à natureza dos deuses?”

8. As feições do pai e da filha se alegram e Helena não mais se amedronta com o seu amor por Mim. Ouran, então, diz a Mathael: “Amigo, o teu saber é enorme! O que acabas de me dizer em poucas palavras, nem em cem anos as escolas do Egipto, Grécia e Pérsia teriam produzido. Conseguiste exterminar em meu íntimo todos os deuses, com excepção do Grande, Desconhecido, o Qual, porém, achei aqui e espero conhecer melhor. Não há ouro que pague o que fizeste; recebe a minha gratidão, – o resto seguirá!” A este agradecimento também se junta Helena.

#### 84. MATHAEL, DEMOLIDOR DE TEMPLOS PAGÃOS.

1. A seguir Mathael aproxima-se de Mim e indaga se agiu bem, ou se a explicação acerca dos deuses não fora talvez prematura.

2. Digo Eu: “Em absoluto; falaste dentro da verdade pura e apagaste do paganismo, em poucas palavras, muito mais que alguns sábios, em muitos anos. **Quem quiser educar alguém compreensivelmente, terá, antes de mais nada, afastar dele a sua velha tolice. Só deste modo tornar-se-á um vazio, fácil de encher com toda a sorte de Sabedoria do Alto.** Isto acontecerá com esses dois.

3. Afirmando-te que ambos em breve alegrarão o Meu Coração de modo mais intenso, que dez mil judeus, convencidos de serem muito justos dentro da Lei de Moisés, enquanto, como criaturas, são mais estranhas ao Meu Coração que aquelas, que nascerão daqui a mil anos. Digo mais: Se algum dia pretenderes casar-te, Helena deve ser a preferida! Contudo, longe de Mim querer Eu impor-te; seguirás a voz do teu coração.

4. Agora vai e sê amável; o velho, aliás culto, e sua filha de uma beleza rara, exigir-te-ão outras explicações referentes a nomes da antiguidade. Sábio que és, ser-te-á fácil responder acertadamente. Ao mesmo tempo a tua palestra causará boa impressão aos romanos, iniciando-se assim o ruir de muitos templos pagãos. Embora com bastante esforço, realizar-se-ão em alguns decênios maiores efeitos entre o paganismo do que daqui a milénios.

5. Sempre será tarefa difícil propagar-se a luz durante a noite, pois uma vez chegado o dia, dispensável se torna, porquanto o dia já a fornece. O velho te fará perguntas importantes a que responderás à altura. Vai, em Meu Nome e desempenha bem o teu papel. Todos nós prestaremos atenção e Eu farei com que os mais distantes também te ouçam!

6. Deixarei que o Sol artificial continue irradiando luz por mais algumas horas, pois isto atrairá o povo, em parte por curiosidade e em parte por medo deste fenómeno. Enquanto isso terás concluído a tua tarefa. Após Eu ter apagado este Sol, faremos um bom jantar aqui no alto, e no decorrer do mesmo, muita coisa será discutida. Portanto, sabes o que fazer; o futuro apontará o resto.”

7. Mathael agradece-Me por tal missão, – intimamente também pela sugestão quanto à bonita Helena, cuja beleza desde o início o havia deslumbrado. Os próprios romanos, inclusive Cirénio, não tiram os olhos da linda grega, pois o seu físico parece formado do éter puríssimo, tendo quase maior atracção que o Sol artificial. Assim, Mathael se vê obrigado a dominar-se, sendo Eu o Único a perceber o que se passa no seu íntimo.

## **85. A DIFERENÇA ENTRE A BELEZA DOS FILHOS DE DEUS E OS FILHOS DO MUNDO.**

1. Mathael, então, de modo grave aproxima-se de Ouran e da sua filha, perguntando-lhes se haviam reflectido acerca das suas palavras. Diz Helena, amavelmente: “Consta ser eu bonita, até já me denominaram de “segunda Vénus”; achas que a tua explicação se aplica à minha pessoa?”

2. Tal pergunta deixa Mathael um tanto embaraçado, pois descobre ter ofendido o coração de Helena; controla-se rapidamente e diz: “Querida irmã, o que te disse aplica-se apenas aos filhos do mundo; os filhos de Deus podem ser de aparência deslumbrante, – enquanto o seu coração permanece humilde. A forma externa é,

somente, o espelho da sua beleza espiritual, enquanto nos filhos do mundo é a caiação enganadora dos sepulcros, de esmerado aspecto exterior, mas interiormente cheios de podridão.

3. Tu, no entanto, procuras a Deus, – por isso também és filha Dele. Os outros procuram o mundo, sendo, portanto, filhos do mundo. Fogem de tudo que é divino, em busca apenas da honra e do prestígio mundanos.

4. Dizem-se felizes quando o mundo se lhes apresenta maravilhoso e belo; falando-se-lhes de coisas espirituais, eles, nada entendem e, a fim de ocultar a sua vergonha, cobrem-se de toda a sorte de trapos, de orgulho e vaidade, perseguindo com ira, ódio e escárnio a sabedoria que Deus esparge nos corações dos Seus filhos.

5. Eis a grande diferença entre a beleza dos filhos de Deus e dos filhos do mundo. A primeira, como já disse, é a estampa da pureza da sua alma, a segunda, a caiação dos sepulcros, representada por Vénus. Isto, no entanto, não se aplica a ti que procuras a Deus, e até mesmo já O encontraste. Compreendes?”

6. Responde ela: “Sim, mas alegar que seja eu filha de Deus, parece-me um tanto arriscado. Todos somos criaturas de um só Criador; entretanto, não se pode falar da infinita sublimidade dos verdadeiros filhos do Pai, uma vez que pela nossa natureza material somos contaminados de fraquezas e imperfeições. Assim, penso que te excedeste um pouco.”

7. Diz Mathael: “Em absoluto, pois aquilo que te digo, recebo-o do grande Uno, e o que Ele me ensinou é e será a Verdade Eterna! – Se, porventura, tens uma pomba, deves cortar-lhe as asas, a fim de não voar e tornar-se mansa, pois ficará tolhida. Pensas ser ela menos ave neste estado? As suas asas não lhe crescerão com o tempo? Por certo; todavia, ela já estará domesticada e permanecerá contigo. Mesmo se vez por outra fizer um pequeno voo, – basta que a chames para que volte e tu a acaricies.

8. Os filhos de Deus, nesta Terra, têm certas fraquezas que os impedem de se elevar ao Pai; Ele permitiu que assim fosse durante a nossa permanência na carne, pelo mesmo motivo que te terá levado a cortar as asas da tua pomba.

9. Devemos, justamente, reconhecer o Pai em nossas fraquezas, tornando-nos meigos e humildes, pedindo-Lhe forças e conforto. Ele não nos deixará de atender em época oportuna. Os filhos de Deus não perdem esse privilégio, ainda que possuidores de pequenas



imperfeições, assim como a pomba continua a mesma, impedida, temporariamente, de alçar voo. Compreendes?”

## 86. DUAS MANEIRAS DE AMAR AO SENHOR.

1. Diz Helena: “Sim, embora um tanto confusa, espero que a minha compreensão se dilate com o tempo. Diz-me, amigo, como é possível que o meu amor para com o Grande Uno aumente sempre, todavia o meu coração está isento de dor; sei que tal sentimento não é vício, mas sim, uma virtude imprescindível na criatura, para com Deus. No que se baseia isto?”

2. Diz Mathael: “Querida, isto é evidente, apesar de que, de acordo com a vossa crença tola e politeísta, tal amor seria condenável. Reconheceste tal erro e a Vontade Divina, na Sua Fonte, e sabes que o teu amor é virtude necessária. Não é assim?”

3. Responde ela: “Oh, claro, mas sem a tua explanação não me teria sido possível compreendê-lo.”

4. Diz Mathael: “Bem, então o crescimento justo do amor te ensinará o resto. Agora aprecia este dia maravilhoso que Deus nos prodigalizou pelo Amor, Sabedoria e Poder Infinitos; pois tão cedo as criaturas não verão semelhante!”

5. Intervém Ouran: “Falaste bem, amigo, tal prolongamento do dia, é bem extraordinário. Houve pessoas que viram, não raro, um, dois e três sóis, antes do verdadeiro, nas regiões do Pontus, provocando uma antecipação do dia. Esta prorrogação, porém, é inédita. O mais singular, são as estrelas no Oeste, não obstante ser este Sol não menos forte que o verdadeiro. Podes explicar-mo?”

6. Diz Mathael: “Amigo, já foi discutido este assunto; todavia farei uma tentativa para te elucidar.”

## 87. A MOVIMENTACÇÃO DOS ASTROS.

1. (Mathael): “Vê, este Sol dista de nós, em linha recta, o tempo que um cavaleiro precisaria para ir daqui até lá, isto é, metade de um dia. O Sol verdadeiro dista tanto da Terra que, se fosse possível, um bom cavaleiro correria mil anos para lá chegar. Quão extensa é a irradiação do Sol natural que preenche o Espaço, comparado aos fracos raios deste sol fictício! Atingem o Oeste apenas debilmente, o que se nota pela mais intensa escuridão naquela zona. O facto de nunca vermos um astro de dia se prende à irradiação incandescente

do éter que envolve a Terra. Se a luz solar não fosse tão intensa, veríamos ao menos as grandes estrelas. Entendes?”

2. Diz Ouran: “Mais ou menos, pois nunca compreendi a mudança incessante das estrelas, durante diversas estações do ano. Além disso existem outras que não permanecem constantes em sua rota; caminham de uma para outra constelação. Assim também a Lua não parece seguir certa ordem; ora surge mais para o Norte, ora mais para Sul. Como entendes melhor de que nós, peço-te que desvendes esses segredos siderais!”

3. Diz Mathael: “O momento não é oportuno para te dar uma explicação minuciosa; todavia, podes ouvir o seguinte: Não são os astros, nem a Lua e o Sol que surgem e desaparecem, e sim, a Terra que se movimenta em mais ou menos vinte e quatro horas em torno do seu eixo, pois é uma grande esfera, conforme foi explicado pelo Senhor. Esta rotação provoca os fenómenos por ti mencionados.

4. Estrelas que vês como fixas, distam tanto da Terra que não percebemos o seu tamanho e movimentação. Isto apenas será perceptível em milénios; alguns séculos não farão diferença. As que mudam constantemente acham-se mais próximas da Terra, são satélites do Sol, razão por que observamos a sua translação. Eis o essencial; quanto aos pormenores dar-tos-ei noutra ocasião. Estás satisfeito?”

5. Diz Ouran. “Sim, apenas já me tornei um tronco velho que dificilmente se deixa vergar. Desde a minha infância vivi dentro das concepções antigas, as quais me provaram, muitas vezes, aquilo que acreditava; agora, tudo é diferente, e é preciso despojar-me do velho pensamento, – e isto será difícil.

6. Deste modo, custando-me compreender a futilidade do antigo e a verdade do novo, peço-te que tenhas paciência comigo. Pouco a pouco ainda serei um discípulo prestável.

7. A minha filha dar-te-á menos trabalho, pois possui fácil assimilação. Da minha parte sei que me transmitiste verdades absolutas; no entanto, elas permanecem esparsas no interior do meu cérebro, como as pedras fundamentais para um futuro palácio. Por enquanto ainda não percebo como uni-las para a construção.”

## **88. OS MÉTODOS EDUCATIVOS NO ANTIGO EGITO.**

1. Animado pela boa observação do velho, Mathael diz: “Caro amigo, ponderaste acertadamente; todavia, contraponho o seguinte:

Nas antigas escolas do Egipto prevalecia um método estranho para a educação dos filhos pertencentes à casta sacerdotal.

2. As crianças recém-nascidas eram levadas a cubículos subterrâneos, onde jamais penetrava a luz do dia. Eram bem cuidadas e só tinham a iluminação de uma lâmpada de nafta, em cuja fabricação os egípcios eram mestres. Nesta reclusão a criatura ficava até aos vinte anos, recebendo ensinamentos quanto ao mundo exterior, sem nunca o ter visto.

3. A sua fantasia os ajudava a formar quadros sem, contudo, poder fazer ideia das dimensões do Sol e dos astros, enfim, de tudo que se prende ao mundo material. Destarte adquiria apenas fragmentos da verdade que, não obstante o esforço intelectual, não podia assimilar.

4. Tais fragmentos não deixavam de ser pedras fundamentais para a construção de um grande palácio, cuja realização não era possível no subterrâneo. Se o adepto, a critério dos instrutores havia alcançado o necessário grau de educação, era informado de que, pela Graça Divina, deveria subir à superfície, onde aprenderia num momento mais que ali em muitas horas. É claro que o aluno se alegrava com tal perspectiva, embora tivesse que morrer antes disto, de modo singular: adormeceria profundamente enquanto era conduzido à superfície.

5. Que alegria não deveria sentir o jovem se, ao despertar, se achasse pela primeira vez banhado pelos raios solares! Ele próprio, de veste alva debruada de listas azuis e vermelhas! Que admiração não lhe causaria as criaturas de ambos os sexos! Enfim, – tudo lhe seria um prazer contínuo!

6. Este quadro, que poderás completar de acordo com a tua fantasia, traduz aquilo que ora se passa contigo com relação às verdades aqui reveladas. O que ouves nos aposentos escuros, nos quais a tua alma por ora se encontra, são apenas fragmentos e não algo completo; quando o teu espírito for despertado pelo amor a Deus e, através deste, o amor ao próximo, – vislumbrarás, pela luz do teu espírito, tudo em conexão, um mar imenso de luz cheio de verdades sublimes, enquanto agora vês apenas algumas gotas.

7. A nossa primeira tarefa será a libertação do espírito dentro da alma, a fim de atraí-la à luz do mesmo; isto alcançado, não mais colheremos as gotinhas, pois lidaremos com o mar imenso de Luz da máxima Sabedoria de Deus. Então, não mais hás-de querer saber das relações siderais, pois tudo te será tão claro como o Sol ao meio-

dia, tendo chegado o momento de frequentarmos outra escola, da qual não tens ideia. Isto agrada-te?”

### **89. AS PONDERAÇÕES DE HELENA QUANTO À SAPIÊNCIA HUMANA.**

1. Diz Ouran: “Muito bem, e se assim não fosse não o saberias. Por certo, também foste educado no inferno da tua carne, nele morrendo em seguida psiquicamente, e ora te achas no palácio da luz do teu espírito, deleitando-te em seus jardins elísios. As gotinhas de antanho tornaram-se um oceano, enquanto eu nada disto posso alegar. Compreendo o sentido das tuas palavras; a relação completa entre elas só se fará quando a minha alma tiver deixado as catacumbas escuras da carne e for conduzida ao palácio iluminado do espírito, em cujo solo amadurecem frutos aromáticos na luz e no calor do Eterno Sol da Vida.

2. Tenho um doce pressentimento de que tal se dará; mas, o quando não se deixa fixar, pois nem temos uma prova, dentro de nós, pela qual soubéssemos, mesmo alguns dias antes, da libertação da alma das suas catacumbas. Que poderá fazer a criatura? Nada, a não ser entregar-se com toda a paciência à Vontade daquele Guia Poderoso que te despertou a alma, sem antes demonstrá-lo à tua razão. Agora teria vontade de ouvir as reflexões da minha filha e como lhe pareceu o teu quadro.”

3. Diz ela: “Oh, muito bem, e se os egípcios mantiveram tais institutos, provaram ser inteligentes, o que patenteiam em suas obras colossais. Apenas é de lastimar que não estendessem tal ensino ao povo, pois não posso imaginar, como plano do grande Criador, que a maior parte da Humanidade permanecesse inculta, conquanto existem, realmente, para um sábio mais de dez mil ignorantes.

4. Neste nosso grupo de quatrocentas pessoas talvez não haja nem uma oitava parte erudita, pois os soldados romanos e a criadagem do Prefeito não podem ser contados como discípulos. Daqui à cidade próxima vê-se uma multidão que fita estatelada o sol artificial, sem que haja um entendido – embora alguns se digam como tais, pois não sabem que a presunção é pior do que reconhecer, com humildade, a própria ignorância. Que dirão deste fenómeno e quem lhes responderá às diversas perguntas?

Ignorantes e tolos saíram dos seus lares, e para lá voltarão pior que dantes. Será isto preciso?

5. Os aqui presentes, conquanto não conhecedores, sabem ao menos ser este sol fictício, criado pela Omnipotência do Grande Mestre. Entendem o mesmo que eu; mas quando Ele apagar a sua luz, ninguém cogitará de saber Quem o fez! Os outros, entretanto, que nada sabem, serão tomados de pavor, julgando que os deuses estão irados e castigarão a Terra! Por isso seria aconselhável informá-los a respeito, não achas?"

## **90. O MOMENTO PROPÍCIO PARA O ENSINO POPULAR.**

1. Diz Mathael: "Querida, isto seria inoportuno, pois no momento de máxima agitação, tal empreendimento representaria para a esfera psíquica o mesmo que despejar água em óleo quente: tudo se incendiaria. Dentro em pouco a maior parte estará apta para explicações mais concisas.

2. Os sacerdotes judaicos serão os mais afectados pelo fenómeno, pois tomam tudo pelo lado material. Do sentido espiritual, nada pressentem, tanto mais quanto não conseguem entender a interpretação alegórica usada por Moisés e outros profetas. Daniel, por exemplo, fala do horror de devastação, de obscurecimento do Sol e outros factores horrendos que apenas tinham sentido espiritual.

3. Eis o motivo pelo qual os sacerdotes são tomados de pavor diante deste acontecimento. Se dentro de uma hora este sol desaparecer como por encanto, o seu medo será maior, pois que a Lua também não será vista, por já ter feito o seu trajecto. Terão a mesma ideia de um bêbedo, julgando que as estrelas cairão por terra e o Dia do Juízo Final terá chegado. Observarás como o povo começará a gritar quando se fizer a escuridão, mas não importa: tornar-se-á mais dócil, humilde e acessível à Verdade Pura. Amanhã todos virão para ver se o mar se transformou em sangue, e nessa ocasião poder-se-á falar-lhes. Este é um dos motivos por que o Senhor originou este fenómeno, pois esta cidade é uma das piores. Tudo que Ele faz, tem sentido variado; só o que os homens fazem sem Ele, não é de utilidade."

## **91. OS PENSAMENTOS DE OURAN NA PRESENÇA DO SENHOR.**

1. Após estas palavras, vira-se Ouran para Mathael: “Confesso-te, amigo, que o medo se apodera de mim só com a ideia do repentino apagar deste sol, pois reconheço a fraqueza total da criatura diante da Onnipotência Daquele que, embora Se encontre em nosso meio, é sumamente Santo para que Dele nos aproximemos. É um pensamento estranho que nos toca o fundo da alma: Ele é tudo em tudo, e nós – nada diante Dele!

2. Todavia, é-nos um consolo ser o Puríssimo Amor e aplicar por isso às pobres criaturas a máxima paciência, condescendência e misericórdia. Mas, é Deus, eternamente Imutável, e todo o Universo depende da Sua Vontade. Bastaria um sopro da Sua Boca para tudo destruir, tal como a leve brisa faz cair a gota de orvalho pendente da folhinha de uma erva.

3. Reflectindo calmamente não se pode fugir do seguinte pensamento: existe algo em Sua Presença Visível que se poderia chamar a máxima sublimidade; de outro lado, tem-se o ensejo de permanecer longe Dele.

4. Desta forma, sinto uma vontade incontida de falar-Lhe, mas não há coragem para tanto, em virtude do Seu Espírito Supremo, embora externamente dê a impressão de um homem simples e despretensioso. A nobreza dos Seus Traços revelam, que todos os elementos Lhe são subordinados e os Seus Olhos emitem irradicações luminosas. Estas ponderações tiram-nos até o ânimo para gracejar, e agradecemos-Lhe que assim seja, pois sem Ele a nossa situação seria bem precária.”

5. Diz Mathael: “Tens razão: eu teria sido enforcado pelos esbirros e tu terias perecido durante o eclipse. Agora silêncio, pois presumo que o sol vai desaparecer!” Todos se calam, olhando em direcção do astro.

## **92. O EFEITO DO DESAPARECIMENTO DO SOL FICTÍCIO.**

1. Em poucos instantes e antes do apagar deste sol, previno a todos, em voz alta: “Preparai-vos, e tu, Marcus, acende lâmpadas e tochas para evitar que as trevas venham magoar a visão!”

2. Marcus e os servos acendem toda a sorte de lâmpadas, enquanto Cirénius e Julius mandam que os soldados façam fogo em gravetos. Eis que digo: “Apaga, luz fictícia do ar, e vós, espíritos, repousai!” No mesmo instante faz-se a escuridão, e vindo da cidade, ouve-se um forte alarido.

3. Embora vejam os diversos fogos no monte, ninguém se anima a dar um passo, pois os judeus tomam estas diversas luzes e fogos, por astros caídos do Céu. Os pagãos opinam que Pluton haja roubado o sol a Apollo, por certo apaixonado por uma beldade qualquer, – e a guerra entre os deuses é evidente. Tal acontecimento era temido por parte dos gentios, porquanto num já havido, os deuses do Orkus haviam atirado montanhas ardentes contra o Olympo, o que levava Zeus a reagir com inúmeros raios, dominando o poder do inferno.

4. Assim, julgam os pagãos que o Sol tenha sido ocultado por Fúrias neste monte, onde os príncipes do inferno tenham postado vigias com tochas acesas, – e ai daquele que dali se aproxime, pois o monte tem grutas profundas em todas as direcções, e Marcus servia-se precisamente de uma delas como adega.

5. Por estas duas razões, tanto os pagãos como os judeus, voltam para casa, tão logo os seus olhos se habituem à escuridão. Uns adormecem em seguida, outros aguardam com pavor os acontecimentos preditos por Daniel, – e os gentios, a contenda entre Apollo e Pluton. Em suma: a confusão na cidade não fica a dever nada à desordem de Babel. Apenas em nosso monte existe a paz e um bom jantar, que Raphael organiza num instante, alegrando os próprios soldados romanos.

### 93. A ORIGEM E MISSÃO ELEVADA DO HOMEM.

1. Após a refeição Ouran dirige-se a Mim, indagando: “Senhor, para cuja Grandiosidade a língua mortal não tem nome, como poderei eu, verme ínfimo do pó, agradecer e louvar-Te pelas dádivas inestimáveis que a Tua Graça Divina me proporcionou? Quem somos nós, para merecer a Tua Consideração e que fazer para Te agradar?”

2. Digo Eu: “Ora, amigo, não faças tamanho alarde! Vê, és uma criatura mortal, em cujo corpo habita uma alma e um espírito imortal de Deus; **Eu também sou homem e tenho uma alma na qual age o Espírito de Deus, em plenitude, à medida necessária para**

este orbe, e Este Espírito é o Pai no Céu, cujo Filho sou Eu, assim como vós.

3. Todos vós fostes cegos e ainda o sois em muitos assuntos. Eu vim ao mundo com a Visão Espiritual, a fim de vos mostrar o Pai, tornando-vos conscientes.

4. **Do Pai, Recebi a Plenitude da Vida e posso transmiti-la a quem a deseje, pois o Pai Me auferiu, antes que houvesse existido o mundo, e todas as criaturas deverão viver através de Mim. Psicicamente, tenho esta incumbência; o Meu Espírito, porém, é Uno com Aquele que Me enviou.**

5. **Sou, portanto, o Caminho, a Verdade e a Vida! Os que em Mim crêm, não verão nem sentirão a morte, mesmo morrendo várias vezes; os que não crêm em Mim, senti-la-ão, embora tenham vida milenar!**

6. **Toda a criatura tem um corpo sujeito à morte, - facto que também ocorrerá com o Meu; a alma, porém, tornar-se-á mais liberta, lúcida e viva, unindo-se Àquele que a incumbiu da salvação de todos os que crêm no Filho do homem, cumprindo os Seus Mandamentos.**

7. Por isso, reflecte bem e cumpre os Mandamentos fáceis que te serão transmitidos, - eis tudo que precisas, pois Eu não vim para angariar honra e mérito humanos. Basta que Me louve Aquele Que está acima de todos, no Céu e na Terra; e se alguém quiser honrar e louvar-Me, que Me ame, realmente, pelas boas obras e observação das Minhas Leis, pois o seu prémio será grande no Além.

8. Sê alegre, não Me superestimes nem te reduzas em demasia, - e caminharás na trilha justa, conhecendo, pouco a pouco, tanto a ti mesmo quanto a Mim.

9. Por ora orienta-te com Mathael, que encaminhará a ti e à tua filha. Se tiverdes um assunto especial, vinde a Mim que vos atenderei; apenas deveis deixar de lado as exclamações exageradas. **Devemos tratar-nos como amigos e irmãos, pois todos temos um espírito eterno dentro de nós, sem o qual não teríamos vida e não é menos divino que o Espírito Primário.** Torna-te, pois, um discípulo verdadeiro de Mathael, - e serás um apóstolo competente no teu país. Compreendeste-Me?"

10. Diz Ouran: "Sim, Senhor, e agora assimilei o que me fora dito acerca do Verdadeiro Deus! Jamais o teria imaginado!" Ele agora cala-se, pois a emoção é forte demais, chorando de amor por Mim.



11. Tomando a sua mão, pergunto: “Que foi, que disse Mathael a respeito de Deus?”

12. Embora soluçando, Ouran responde, olhando-me com carinho: “Oh, que Deus em Si é o Amor Puríssimo! Ó Tu, Santo, deixa-me morrer neste amor para Contigo!”

13. “Não”, digo Eu, “ainda serás um bom trabalhador na Terra! E quando vier o fim dos teus dias não morrerás, pois Eu te despertarei em vida. Por isso, tem confiança, já encontraste o caminho justo. Quem procura, como tu, há-de encontrar; quem pede igual a ti, a este será dado, e quem bate na porta certa como acabas de fazer, a este se abrirá. Agora vai e conta a Mathael o que acabo de te dizer!”

14. Não contendo as suas lágrimas de amor e gratidão volta ele para junto de Mathael, relatando-lhe tudo que Eu dissera. Tanto Mathael quanto Helena ficam tão comovidos que não podem impedir que as lágrimas afluam aos seus olhos, e Mathael conclui: “É inconcebível que Ele, o Ser Supremo, Se nos dirija e fale como o melhor amigo, sim, como verdadeiro irmão. Iguala-se a nós, enquanto cada olhar, cada gesto, cada passo e cada Palavra, aparentemente simples, contêm um Ensino Profundo! Os Seus Actos testemunham a Sua Divindade indiscutível, e tudo que faz já foi previsto desde eternidades para obtenção do melhor proveito.”

#### **94. A OPINIÃO DE HELENA A RESPEITO DOS APÓSTOLOS.**

1. Diz Helena, comovida pelo amor a Mim: “Dizei-me quem são aqueles doze homens respeitáveis que pouco falam, mas sempre O rodeiam? Um parece-se muito com Ele, outro, bem jovem, anota tudo num quadro. Quem são?”

2. Diz Mathael: “Que eu saiba, com excepção de um, são os Seus discípulos mais antigos e já senhores das suas próprias tendências. Aquele, porém, dá impressão de desonesto e jamais haveria de querê-lo por amigo; parece a encarnação de um diabo! O Senhor saberá porque admite a sua presença, pois os maus também são Suas criaturas e dependem do Seu Hálito. Por isso não devemos indagar porque o Seu Amor pratica tais milagres até diante de um demónio. Teria vontade de interpelá-lo, – mas deixemos isto, basta que Ele o conheça. Os outros, por certo, terão opiniões proveitosas, porquanto parecem ser mais conhecedores da Sua Doutrina.”

3. Diz Helena: “Naturalmente externaram desde o início grande capacidade de assimilação em assuntos espirituais, de contrário Ele não os teria aceitado como adeptos. Também eu teria vontade de lhes falar, mas isto certamente não será tão fácil, não achas?”

4. Diz Mathael, dando de ombros: “Deus, o Senhor, despertou o meu espírito que se uniu à minha alma; por tal motivo conheço-me a mim e a Ele, na medida que me foi dada, dentro da verdade. Agora, ler o que se passa no fundo do coração humano como se lê num livro aberto, – isto só é possível a Ele e a quem Ele o quiser revelar.

5. Numa criatura mundana, cuja alma esteja inteiramente adormecida e cerceada pela vontade e acção do cérebro e dos sentidos, fácil é positivar como e o que pensa, sente e deseja. Impossível, no entanto, fazê-lo em pessoas que sentem e agem pela influência do espírito dentro da alma, pois já encerram em si as Verdades Eternas, que somente Deus poderá reconhecer.

6. Por este motivo não nos é dado palestrar com elas como se fossem criaturas comuns. Num caso de necessidade, o Senhor o determinará; assim não sendo, devemos prescindir de tal prazer. – Mas que achas das estrelas fulgurantes, Helena?”

7. Diz ela: “Sempre despertaram o meu mais vivo interesse, desde que me conheço, tanto que guardei na memória uma série de constelações. As do zodíaco foram-me indicadas como as mais importantes e as estudei no decorrer de um ano. Em seguida fiquei conhecendo as outras, sei os seus nomes, posição e quando surgem e desaparecem. Mas, que adianta isto? Quanto mais me dedicava a este estudo, maiores e mais incisivas eram as perguntas que me brotavam na alma e, até hoje, ninguém logrou responder.

8. Quem foi o descobridor do zodíaco e lhe deu os doze nomes? Que relação existe entre o leão e a virgem, o câncer e os gémeos, o escorpião e a balança, o capricórnio e o sagitário? Por que se colocou no Firmamento um touro e um carneiro, um aquário e peixes? É estranho que no zodíaco se encontrem quatro figuras humanas e um instrumento de precisão! Ficar-te-ia mui grata se me pudesses dizer o porquê.”

9. Diz Mathael: “Nada mais fácil; tem um pouco de paciência durante a minha explicação que assimilarás tudo.”

## 95. MATHAEL DEFINE AS TRÊS PRIMEIRAS CONSTELAÇÕES.

1. (Mathael): “Evidentemente, foram os primitivos habitantes do Egipto os inventores do zodíaco. Primeiro, porque alcançavam maior longevidade que nós; segundo: o firmamento naquele país sempre foi mais límpido, o que facilitava a observação das estrelas; terceiro: dormiam eles durante o dia, em virtude do calor intenso, trabalhando a maior parte da noite, que lhes proporcionava oportunidade para a observação astronómica. Assim, gravavam a constelação, dando-lhe nome de algum fenómeno ou hábito entre o povo. O estudo constante do zodíaco, levou os homens à conclusão de que era um grande círculo dividido em doze partes, contendo cada qual uma constelação.

2. Os antigos já calculavam serem as estrelas mais distantes da Terra que o Sol e a Lua, e também incluíram esses últimos no grande zodíaco. Este, por sua vez, movimenta-se, de sorte que o Sol, em cujo redor gira a Terra, alcança em trinta dias outra constelação. O facto de entrar a Lua em poucos dias numa outra, explicavam eles pelo seu percurso diário mais lento em volta da Terra, tanto que nunca retornava ao mesmo ponto que o Sol. Havia alguns sábios que afirmavam o contrário; entretanto, prevalecia a orientação da morosidade lunar. Deste modo surgiu o zodíaco, e irás saber da origem dos nomes.

3. Durante a estação dos dias mais curtos, que no Egipto eram acompanhados sempre de chuvas – facto significativo que levava o povo a iniciar um novo ano – o Sol se achava, por cálculo, na constelação que hoje denominamos aquário. Eis porque se lhe dava a figura de um pastor que, munido de um balde, despejava água num cocho (*vasilha para dar água ao gado*). Os velhos denominavam de aquário (*Uodan*), tanto o homem quanto a constelação e a época. Mais tarde a fantasia fútil das criaturas o transformou num deus, venerando-o como vivificador da natureza ressequida. Deste modo a primeira constelação e a primeira época das chuvas ficou classificada. Vamos agora analisar os “peixes”.

4. Nisto diz Pedro aos outros discípulos: “As explicações de Mathael são muito elucidativas, vamos prestar-lhe atenção.”

5. Digo Eu: “Isso mesmo; ouvi-o, pois Mathael é um dos primeiros cronistas desta época.” Todos se aproximam dele, o que o

encabula um pouco, mas Pedro diz: “Contínua, porque desejamos instruir-nos contigo.”

6. Retruca Mathael, modesto: “Para vós, amigos, o meu saber por certo será insuficiente; sois discípulos antigos do Senhor, enquanto eu me acho em vosso meio há dezasseis horas.”

7. Contesta Pedro: “Isto não te deve confundir; pois já nos provaste, que nos deixaram para trás. Nós, tudo recebemos do Senhor, pois o que a um dá num ano, a outro poderá dar num dia. Por isso, continua com a tua explicação.”

8. Diz Mathael: “Pois bem; após trinta dias termina a época das chuvas e o Nilo se acha abarrotado de peixes que são pescados: uma parte da pescaria é logo aproveitada, o restante é salgado e seco ao vento que, nessa ocasião, é muito forte. Essa manipulação com os peixes é obrigatória devido ao clima, antes que as águas do Nilo sequem e os cardumes morram nos canais, empestando o ar com o mau cheiro.

9. O que hoje lá ainda é uso, constituía ao tempo, verdadeira necessidade dos sábios habitantes e, como sempre pescava-se na mesma época em que o Sol entrava em outra constelação, era ela cognominada de “peixes”, ou Ribar, ou ainda, Ribuze.

10. Pelo facto das pessoas serem facilmente acometidas de febre, devido à alimentação com peixes gordurosos e pela respiração do ar pestilento, classificava-se esta ocasião de “febril”, inventando-se uma deusa incumbida de afastar a moléstia.

11. O terceiro signo é representado pelo carneiro. Os habitantes que se dedicavam ao cuidado das ovelhas viam chegado o tempo de tosquiá-las, o que levava outros trinta dias, e como o Sol penetrava noutra constelação, denominou-se o mesmo de “aries” (Kostron).

12. Havendo nessa época grandes tempestades provindas da luta de um elemento contra o outro, as criaturas em breve acharam o nome de um deus: “marte”. Desmembrando esse nome, chega-se ao amigo “Mar iza”, ou “Maor’iza”, isto é: Esquentar o mar.

13. Durante os signos anteriores o mar esfria, o que era percebido pelos moradores do litoral. Mas, pela força mais intensa do Sol e pela luta do ar quente do Sul com o frio do Norte, pelo despertar dos vulcões, o mar ia-se aquecendo pouco a pouco.

## 96. EXPLICAÇÃO DO QUARTO AO SEXTO SIGNOS.

1. (Mathael): “Passando ao quarto signo, novamente deparamos com um animal, isto é: um touro vigoroso. Após os cuidados com as ovelhas, os povos pastoris dirigiam a atenção para o gado; era preciso seleccioná-lo para conseguir boa criação.

2. O touro, que tudo representava para os egípcios, até os influenciava pela escrita, quer dizer: formava figuras na areia pelo sopro – era apresentado em posição destemida, quase em pé, apoiado nas patas traseiras. Portanto, é muito natural que assim se denominasse o signo que apresentava em seus contornos tal animal. O próprio Tauros romano deriva-se da abreviatura do antigo “Ta-ou-sa”, ou “Ti-a-our-sat”, isto é: É época (sat) do touro ficar sobre as traseiras.

3. Mais tarde classificou-se esta época entre os romanos de Aprilis, que pela tradução em egípcio quer dizer: “A” (touro) “uperi” (abre) “liz” ou “lizu” (a visão), ou: Touro, abre a cancela para o pasto! Assim, tornou-se Ele com o tempo, um deus para esse povo, e com isto temos a origem verdadeira do quarto signo. Vamos agora analisar o quinto e como surgiu a figura dos gémeos, em Castor e Pólux.

4. Será mais facilmente compreendido se considerarmos que os velhos pastores, após o zelo para com o gado, haviam concluído a maior tarefa do ano. Em seguida reuniam-se os chefes das comunidades, quando eram escolhidos um ou dois peritos, que fossem ao mesmo tempo juizes, para apurarem se o esforço despendido havia dado bons resultados. A pergunta soava: “Ka-iestor”, o que quer dizer: Que fez ele? O outro, em seguida, advertia: “Po-luxe-men”, ou seja: Esclarece-me a respeito.

5. Daí surgiram os “gémeos”, que no fundo apenas eram duas frases, uma indagadora e outra de incentivo. Como nessa época o Sol entrava na conhecida constelação, deu-se-lhe o nome de “gémeos”, – no idioma romano Gemini ou Castor-et-Pólux, – naturalmente mais venerados como deuses.

6. Vamos agora ao câncer. Nessa época, o dia alcançava a mais longa duração; quando novamente era diminuída e os velhos comparavam-na à marcha do caranguejo. Durante esses trinta dias o orvalho à beira do rio era muito forte, à noite, de sorte que os caranguejos saíam dos seus esconderijos para um passeio na erva húmida. Observando isto, os egípcios tentavam enxotar estes

hóspedes indesejáveis, tarefa difícil, pois o seu número era incalculável. Primeiro tentaram ajuntar estes crustáceos nos montes, lançando-lhes fogo, o que não surtiu efeito diante da enorme quantidade. O cheiro agradável da queimação levou os velhos à suposição de que talvez fossem comestíveis. Todavia, ninguém se animou a tal.

7. Mais tarde cozinham os caranguejos em grandes potes, cujo caldo, apesar de delicioso, não os estimulava ao consumo. Por isso deram-no aos porcos, que com ele se deleitavam e se tornavam gordos, facto que muito agradou aos seus criadores. Na matança aproveitavam a banha, couro e tripas, enquanto a carne servia de engorda para os próprios suínos.

8. Houve pessoas indolentes e preguiçosas que com o tempo não mais respeitaram as velhas leis do seu guia espiritual antediluviano, Enoque, sendo assim, preciso construir penitenciárias, a fim de enclausurar os malfeitores. A sua ração era constituída de caranguejos cozidos, carne de porco, salgada ou frita, e pão. Observaram, que os criminosos se davam muito bem com tal alimento, de sorte que os outros, num ano de má colheita, experimentaram-no, achando-o mais saboroso que o costumeiro. Em breve, os crustáceos diminuíram consideravelmente, pois que todos lhes faziam caça.

9. Mais tarde os próprios gregos e romanos dele se valiam; apenas os judeus até hoje não o fazem, embora não lhes tenha sido proibido por Moisés. Disto tudo se conclui que os antigos egípcios não poderiam ter encontrado interpretação mais acertada quanto à época, e fácil é de se deduzir que os gregos e romanos, dedicaram-na a uma deusa a que chamavam Juno.

10. Apenas resta saber como se formou a sua personalidade, e as opiniões diversas entre os sábios não deixavam de ter fundamento. Em síntese, baseava-se no mesmo motivo pelo qual surgiram Castor e Pólux. Durante a época dos caranguejos o calor já era demasiado para trabalhos braçais, razão por que se dedicavam aos estudos espirituais em vastos templos sombreados, muitos dos quais haviam sido construídos por primitivos habitantes.

11. Uma das principais questões, no início de tais estudos, prendia-se à possibilidade de se encontrar o Divino Puro, em qualquer relação material. Como fossem todas as indagações dos sábios mui curtas, o mesmo se dava com a seguinte: Je U N (un) o?

Tradução: Contínua inteiro o Divino, quando separado e postas ambas as partes lado a lado?

12. Indagais: Como podem estas poucas letras significar tal frase? – Ouvi, pois: A letra U, era representada no velho Egipto por um semicírculo e, de igual modo, um receptáculo para o Divino que do Alto vem à Terra. É claro que se referiam mormente às dádivas espirituais da Luz, para a alma.

13. O N, reproduzia um semicírculo invertido, traduzindo a matéria inerte e infecunda. Os telhados de algumas casas, principalmente dos templos, demonstravam que nesses lugares o divino se une à matéria, criando vida temporária, revelando-se por momentos, ao homem. Eis porque dali, surgiu a importante pergunta: “Je-U-N-o”, pois o “O” representa a Divindade Completa em Sua Pureza.

14. A resposta dizia que a matéria se mantém para com Deus como a mulher para com o seu esposo e soberano. Deus criou em e pela matéria os Seus múltiplos e variados filhos, pois a fecundava constantemente com o Seu Influxo Divino.

15. Com o tempo, mormente entre os posteriores descendentes mais sensuais, nem um vislumbre restou da antiga sabedoria egípcia. Formou-se, pois, da pergunta “Je-U-N-o” e da sua feminilidade declarada, uma deusa que recebeu a princípio, tolamentemente, o nome de Jeuno, mais tarde apenas Juno, cujo simbólico casamento foi realizado com o também tolo Zeus.

16. Os antigos sábios tomavam a matéria, por motivos naturais, por demais rígida, julgando-a apenas aproveitável pelo justo esforço despendido. As imperfeições que nela surgiam eram por eles atribuídas a Juno, o que muito trabalho acarretou a Zeus. Compreendeis?”

17. Diz Helena: “Continua, caro Mathael, pois poderia ouvir-te dias e dias; embora a tua narrativa não tenha as cores de um Homer, é sabia e verdadeira – e isto vale mais que a pintura colorida dos grandes trovadores populares. Por isso, continua!”

18. Diz Mathael: “Sei que não me fazes elogios pessoais, pois a verdade merece ser apenas compreendida, por ter origem em Deus.

## 97. O SÉTIMO, OITAVO E NONO SIGNOS.

1. Mathael: “Após o caranguejo deparamos com o “leão” no grande zodíaco que, igualmente, tem a sua causa na Natureza.

Passada a caça aos crustáceos, que, às vezes, durava um ou dois dias além dos trinta – porquanto para os antigos egípcios não era o mês de Fevereiro o destinado a sofrer a diferença existente entre os demais meses, e sim, o de Junho – surgia outra calamidade, provocando perturbações e aborrecimentos. Nessa época as fêmeas, geralmente procriavam e, a fim de saciar a sua voracidade, invadiam desertos, montanhas e vales à procura de rebanhos.

2. Sendo a sua pátria a África e o Norte do Egito, fácil lhes era invadir até a zona mediana e o Sul. Assim como os lobos são levados pelo frio a procurar os povoados, o calor de Junho impele os leões aos lugares menos quentes.

3. Era nessa época que os habitantes do Egito recebiam a visita destes animais selvagens, e como o Sol se aproximava de um signo que, semelhante ao do touro, apresentava a figura de um leão, os velhos assim o denominaram, quer dizer, também classificaram tal época de “leão” (Le-o-wa), “Le”: o mal ou o descendente do mesmo, oponente ao “El”: o bom, ou o filho do bom, o: o Sol, divino; “wa” ou “wai”: foge; portanto: Le o wai significa: o mau foge do Sol.

4. Há poucos decênios os romanos intitularam essa época em homenagem ao seu herói Julius César, pois era astuto e sabia lutar tão destemidamente qual leão. Eis o sétimo signo que também foi venerado pelos descendentes egípcios como algo divino.

5. Agora segue-se a virgem, pois as dificuldades maiores do ano haviam passado e o povo se entregava aos prazeres e às festas destinadas a presentear as virgens puras, estimulando-as no prosseguimento da moral. Era uso celebrar os casamentos nesta época, desde que se tratasse de uma moça de índole impecável. Quem não tivesse procedido de tal forma era excluída do matrimônio; podia, em circunstâncias favoráveis, tornar-se concubina de um homem, possuidor de uma ou várias mulheres, só lhe restando, fora disso, a condição deprimente de escrava. Assim, tal época também tinha a sua importância, e como, precisamente, surgia novo signo, cognominou-se o mesmo de “virgem”. Há poucos anos os romanos vaidosos deram-lhe o nome do Imperador Augusto, em sua homenagem. Vimos, portanto, de que modo se encaixou uma virgem no zodíaco.

6. Agora vemos um objecto, uma “balança”, usada pelos mercadores e farmacêuticos. Deu-se o seu aparecimento da seguinte forma: após as comemorações nupciais chegava o tempo da fiscalização da colheita dos cereais – cujo cultivo já vinha sendo feito



pelos antigos habitantes, além da pecuária e dos frutos: figos, tâmaras, azeitonas, romãs, laranjas e outros.

7. Cada comunidade tinha um delegado para todos os negócios e um sacerdote destinado ao ensino popular e a profetizar em ocasiões importantes. Não é preciso dizer que a casta sacerdotal, em breve, aumentou, dedicando-se apenas aos serviços de ordem material, quando exigiam renovações e melhoramentos.

8. Pesquisava, ajuntava e determinava o preparo dos metais, o que naturalmente, requeria muitos serventes e mestres de ofício. Estes não tinham tempo para a lavoura e pecuária, de sorte que precisavam ser sustentados pela comunidade. Como tal problema poderia ser resolvido, se cada membro tinha de pagar um tributo correspondente à sua colheita?

9. Determinou-se, então, o dízimo, pagável em benefício da casta sacerdotal e que era pesado numa “balança”. Existiam-nas de todos os tamanhos, e a colheita ia sendo pesada, nove vezes no depósito do dono e uma vez no do outro. O sumo-sacerdote era ao mesmo tempo o pastor do povo e se chamava “Vara on” (quer dizer: ele é o pastor). Mais tarde os “varaons” se tornaram reis, e o sacerdócio também era sujeito a esse domínio. Por esta explicação histórica concluímos: o tempo que seguia à “virgem” era destinado à entrega do dízimo e, como o Sol entrava num outro ciclo, chamava-se o mesmo de “balança”.

10. Não merece menção o facto de que se dava a essa época vários significados; usando-a como símbolo de justiça divina e terrena, chegando-se até, entre os povos atrasados, a lhe render devoção de modo idêntico ao que fazem os hindus com o arado. Tanto a fantasia dos homens quanto a crescente ganância e propagação dos sacerdotes e instrutores, com o tempo divinizaram tudo que lhes parecia antigo e útil. Vamos agora dirigir a atenção ao aracnídeo “escorpião”.

## **98. EXPLICAÇÃO DOS TRÊS ÚLTIMOS SIGNOS.**

1. (Mathael): “Eis que vinha um período mais tranquilo: os rebanhos se acalmavam; as árvores frutíferas não mais apresentavam a mesma produção como na primavera; os campos descansavam – e os homens entravam em férias. Ter-se-iam deixado ficar de bom grado nessa indolência, se o Senhor de Céus e Terra não os tivesse atijado com um aracnídeo, comum no Egipto.

2. Logo no início desta época os escorpiões apareciam por toda a parte, multiplicando-se, já em meio desse tempo ocioso, como moscas num refeitório. Como se sabe, o ferimento pela cauda não só é mui doloroso, como também acarreta grande perigo, quando não tratado imediatamente com um antídoto.

3. Assim orientados os egípcios tudo fizeram para encontrar um contraveneno satisfatório. Finalmente, a casca de um arbusto do Nilo foi descoberta, cujo cozimento e os seus vapores tinham a propriedade de sanear os quartos deste indesejável visitante. Humedecendo a casca e espalhando-a no soalho e sobre as camas, conseguia-se a sua eliminação. Deu-se-lhe, pois, o nome desse remédio, até então incógnito: “Scóro” (casca) “pi” ou “pie” (bebe) “on” (ele).

4. Foi deste modo que se chamou a atenção dos descendentes sobre tal remédio que dava bom resultado na luta contra a praga. Até hoje recebemos do Egipto, Arábia e Pérsia um pó com o qual se consegue, sem prejuízo para o homem, exterminar escorpiões e insectos; este pó é, com alguns acréscimos, extraído do mencionado arbusto.

5. Tão logo aparecia o primeiro lacrau, o Sol entrava em novo signo, por isto se deu a tal época aquele nome. Até ali apenas se lhe havia dado atenção em virtude do remédio que exterminava este aracnídeo, nocivo aos homens e aos animais. Com o extermínio daquele e o cessar das trovoadas comuns, pelas quais os egípcios tinham grande respeito, pois diziam: A arma de Zeus é mais rápida e segura que a miserável arma, do homem” Assim, terminava o tempo do ócio.

6. Eis que os animais selvagens começavam a descer aos vales, o que levava os homens a fazerem-lhes caça com o arco. Lebres, coelhos, pequenos ursos, texugos, raposas, panteras, quantidade de gaviões e águias, crocodilos e o hipopótamo (em egípcio “Je-pa-opata-moz”: o hipopótamo começa a desenvolver a força) principiavam a movimentar-se, não havendo tempo a perder. Além disto, estipulava-se um prémio importante para o extermínio de grande número de crocodilos.

7. Não vem ao caso, como eram organizadas as diversas caçadas, basta sabermos que eram feitas em tal época e que o Sol passava por novo signo, portanto o cognominaram, sagitário. Merecia pouca veneração, com excepção de Apollo, deus também da caça.

8. Vamos enfrentar o signo mais estranho: o capricórnio que, no entanto, tal como os outros, surgiu de modo natural. Nesse último período a caça invadia os vales, a fim de satisfazer a sua fome. O bode tinha um valor considerável para os egípcios, razão pela qual não o deixavam escapar ileso: mal era avistado nos pastos em abandono, punham-se vigias que avisavam os outros do acontecimento.

9. Não sendo fácil caçá-lo, várias épocas de capricórnio passavam sem que conseguissem realizar tal empresa. Em caso contrário, a sua captura era um verdadeiro triunfo para todo o Egito. Tudo nele era considerado como remédio milagroso que curava qualquer moléstia, e os chifres eram o primeiro e mais valioso ornamento do próprio rei do Egito, valendo mais que o ouro e pedras preciosas. Em eras remotas, taxava-se o valor de um “Varaon” pelo número de chifres de bode que até mesmo os sumo-sacerdotes ostentavam, dourados, como prova da sua sabedoria e poder. Esta consideração ainda hoje vem sendo observada no Egito; é compreensível que denominassem, tanto a época quanto o signo, de capricórnio.

10. Deste modo analisamos todo o zodíaco, nele encontrando um fundo natural que também se nos depara no surgimento dos muitos semideuses. Assim, espero não ser difícil reconhecer o Deus Verdadeiro, numa Luz clara e justa. Jamais uma divindade criada pela fantasia realizou milagres que se lhe atribuíram, e as palavras, aparentemente sábias que alegam terem sido proferidas, foram obra dos próprios sábios.

11. Aqui, assistem-se a obras e sentenças jamais vistas e ouvidas, de sorte que descobrimos como conhecer o Deus Verdadeiro em toda a Sua Pujança. Tu, Helena e tu, Ouran, dissei-me se a minha explicação zodiacal foi convincente ou não.”

## **99. HELENA INDAGA QUAL A ESCOLA DE MATHAEL.**

1. Diz Helena: “Caro Mathael, jamais algo me foi explanado tão claramente; tive a impressão de viver os acontecimentos havidos no Egito. Uma coisa ainda desejava saber: de que maneira, ou em que escola, te foste integrar disto tudo?”

2. Responde Mathael: “Oh, Helena! Ontem fui mil vezes mais cego e ignorante que um servo inculto e, além disso, tão doente que não houve criatura humana que me pudesse curar. Após a cura

realizada pelo Senhor de Céus e Terra, não só consegui reaver as forças físicas, como também o despertar do espírito em minha alma perturbada. Este mesmo espírito esclarece-me a fundo todas as coisas, tanto as do passado, quanto as do presente e futuro.

3. Eis uma pura Graça Divina que devo unicamente ao Senhor e ao Qual todos vós tendes que render honra, gratidão e amor; assim vês que não frequentei escola alguma. O Pai é tudo: a minha escola e a minha sabedoria provêm totalmente Dele! Afirmo-vos positivamente: quem não tiver esta Fonte como causa do seu saber, – nada sabe, pois o seu conhecimento é fútil e sem base. Sede assíduos na Única Escola do Senhor, o Qual caminha entre nós; em Sua Plenitude Divina, não necessitareis, jamais, de outra escola. Compreendeste bem, amável Helena?”

4. Responde ela: “Oh, sim; como pode, entretanto, um mortal como eu ou o meu pai, cursar tal escola?”

5. Irrita-se Mathael: “Oh, Helena, como podes fazer pergunta tão tola? Deves-me perdoar a resposta severa: tanto tu, quanto o teu pai já a frequentais. Como, pois, perguntar por ela? Não compreendes que o Senhor faz estes milagres por vossa causa?”

6. Diz Helena, encabulada: “Peço que não te aborreças comigo, Mathael. Reconheço a minha tolice e espero que tenhas paciência, – uma árvore não cai de um só golpe.”

7. Retruca ele, tocado pela meiguice da jovem: “Querida, nunca terás necessidade de me pedir paciência. Só quero o bem de todos, embora dê impressão de severo. O meu desejo é levar bem rápido o conhecimento à pessoa. Vejo, ser a tua alma mais meiga que uma pomba, e não é preciso despertar-te com palavras rudes.”

8. Diz ela: “Todavia não necessitas ter demasiado cuidado comigo. Se com palavras severas me ajudas mais depressa, peço-te empregá-las sem susto. Agora, ainda uma pergunta: quem cognominou os signos e qual o motivo?”

## 100. ENSINAMENTOS GERAIS ACERCA DO ZODÍACO.

1. Diz Mathael: “Cara Helena! A tua pergunta é curta; a resposta completa requereria um ano inteiro; por isto vamos deixá-la para outra oportunidade. Posso, contudo, esclarecer-te que todos os signos têm a mesma origem que o zodíaco.

2. Pelo antigo idioma egípcio, a “sílaba-Zo” ou “Za” significa (para dia ou “diaia” “trabalho”) e “kos” (uma parte, ou divisão). Na

tradução correcta “Za-diai- kos” representa: divisão do trabalho. No início os velhos dividiam o zodíaco de acordo com os acontecimentos periódicos dos seus labores, o que os seus descendentes conservaram, pois anunciavam previamente aos superiores que tarefas enfrentariam. Assim, a classificação era certa, com excepção de gregos e romanos.

3. Do mesmo modo, os sábios cognominavam muitos signos, se bem que não todos, sendo também os descobridores dos conhecidos planetas, excepto a Lua e o Sol. Este, com referência a nós, não é planeta, porquanto o nosso sistema planetário inclusive a Terra, gira em épocas diversas em volta do Sol. O nosso planeta perfaz essa translação em um ano. Vénus e Mercúrio num espaço mais curto, enquanto Marte, Júpiter e Saturno necessitam de maior tempo que a Terra.

4. A Lua pertence ao nosso planeta e com ela se movimenta, uma vez por ano, em volta do Sol, precisando para seu trajecto em redor da Terra de vinte e sete a vinte e oito dias, numa distância de cem mil horas.

5. Estas coisas, não o podes assimilar de uma só vez; quando o Espírito Divino despertar em tua alma, reconhecerás não só isto, como muita coisa mais, sem ensino externo e difícil. Eis por que é necessária apenas uma coisa: conhecer a si próprio e a Deus, amando-O acima de tudo; o resto virá por si só.

6. Além do mais já conversamos muito; vamos descansar, a fim de dar oportunidade aos outros, mais inteligentes, de fazerem boas observações. Nunca se deve falar em demasia sobre um assunto, para também ouvir a opinião dos outros, pois ninguém na Terra é tão sábio que não possa aproveitar de um menos inteligente, quanto mais de um de profunda sabedoria. Por isso, perdoa se me calo.”

7. Diz Helena: “Tens razão, falaste durante muito tempo; quem sabe agora alguém nos dirá algo acerca do Grande Mestre, que nem deixa transparecer Aquilo que é.”

## **101. OPINIÕES QUANTO À DIVULGAÇÃO DA DOUTRINA.**

1. Simon Judá fez-se ouvir: “Admiro o grande saber de Mathael e o seu vasto conhecimento da antiguidade, pois é este tão necessário quanto as Verdades provindas de Deus. Além disso,

inútil é falar a um povo tolo e cego, que não se dá conta de palavras mais profundas. Que fazer com ele? Milagres? Torná-lo-ia ainda mais supersticioso! Castigá-lo? Oh, já está sendo castigado!

2. Dever-se-ia procurar os mais acessíveis, pregar-se-lhes, de maneira como faz Mathael, contra o paganismo, - e em menos de cem anos não haveria um templo pagão. Julgai vós mesmos, irmãos, se falei certo, pois num caso assim é preciso a pessoa ter raciocínio. Que me dizeis?"

3. Confirmam-no todos, com exceção de Judas: "Estamos de acordo e nada há que contrapor." Porém, aquele adianta-se e diz: "Como não? Bem que existe algo a contestar!" Diz Pedro: "Pois então, fala."

4. Responde Judas: "Basta conquistar os potentados para se poder influenciar os outros, prescindindo de tal ciência."

5. Diz-lhe Mathael, agitado: "Então, tencionas transmitir aos pobres de espírito e de posses materiais, a mensagem de Paz com açoite e espada? Pareces um habitante do Orkus, a julgar por tua opinião que faria jus a um diabo! Explica-me, como foi possível te intrometeres nesta assembleia celeste? Aconselho-te a usares pele de carneiro, se tencionas falar qual diabo às criaturas, para que se não veja a tua verdadeira índole! Trata de te afastares dos meus olhos, senão poderia ser tentado a fazer revelações que não te seriam lisonjeiras, pois o meu espírito agora te conhece a fundo!"

6. Diz Judas, admirado: "Enganas-te a meu respeito; também faço parte dos escolhidos, já executei ordens do Senhor e fui, em companhia dos outros, transportado há poucas semanas pelos ares!"

7. Responde Mathael: "Oh, sei disso; no entanto, não retiro as minhas palavras: fazes parte dos doze, mas o meu espírito diz-me que entre eles um é diabo, - e és tu! Com tal testemunho podes contentar-te por ora - querendo mais, podes dizê-lo! Descubro quantidade de outras provas que te lançarei em rosto, porque és ladrão! Ouviste?"

8. Com esta sentença do sábio Mathael, Judas sente um forte estremecimento; retira-se, modesto, recebendo de Tomé mais algumas advertências: "Então, o inferno te está novamente atijando? Continua assim que ouvirás outras verdades, pois com Mathael não poderás concorrer! O próprio anjo não se atreve a aproximar-se dele, - e tu pretendes contestá-lo em sua sabedoria, que desde Moisés não teve semelhante?"

9. Não te será possível reconhecer a tua imensa tolice? Não podes calar e aprender? Aqui acham-se concentrados Céus e Terra, encontramos-nos unidos no Centro do Coração Divino, palavras e acções são-nos apresentadas e os próprio anjos se admiram, - e tu, o mais ignorante entre nós, não podes conter os teus maus instintos, apresentando contestações desta ordem?"

10. Reage Judas, aborrecido: "Ora, - deixa-me em paz! Se sou ignorante, não hás-de ser tu quem levará prejuízo, e não obstante Mathael me ter corrigido desta forma, aposto o que quiseses: tal Doutrina Divina e pura, não se pode anunciar aos pagãos com palavras meigas, senão com armas mortíferas!

11. Ninguém será inquirido se entendeu os ensinamentos, - e terá que jurar por esta nova crença! Se com o tempo dela desistir - pois nunca a terá compreendido - será declarado perjuro e, no mínimo, queimado vivo!

12. Se eu não dedicar o maior interesse no sentido de conquistar os potentados não terei ensejo - embora diabo - de contar o grande número de pessoas que morrerão sob a espada de tais pagãos. Sempre se fala em divino, no entanto, o diabo também o é! E o tempo transformará o puro divino em diabólico.

13. Vejamos, por exemplo, a doutrina de Moisés. Qual o seu papel no Templo do tão sábio Salomão? Eis por que afirmo: Mathael tem razão e reconheço o seu saber, tão bem quanto tu; - mas também estou certo! Asseguro-te que esta Doutrina de Paz, vinda do Céu, em pouco tempo disseminará a maior discórdia sobre a Terra, lançando os povos em contendas, lutas e guerras! Fisicamente, não vais assistir; mas o teu espírito será testemunha de tudo que acabo de falar; pois Judas, sendo diabo e ladrão, profetizou as palavras que ouviste! Agora, pergunto se tu me compreendeste!"

## **102. O CARÁTER DE JUDAS.**

1. Diz Tomé: "Pensas ter feito uma grande profecia que, sem ti, nunca teríamos descoberto? Apesar de todos os actos de Sabedoria a que assististe no decorrer de meio ano, continuas pateta! Quando não se teriam desafiado luz e treva? Quando teriam caminhado fraternalmente vida e morte? Quando a fome voraz e a satisfação plena teriam estendido as mãos à paz do paraíso? Tolo! Entende-se: se a Luz mais elevada dos Céus, que aqui se encontra, penetrar nas trevas densas da Terra, terá de haver reacção!

2. Observa os campos gélidos do Ararate: não se derretem com poucos graus de calor, conforme afirmam os egípcios, pela cor e densidade do gelo e da neve; todavia, deixa que o Sol do Egipto setentrional os penetre e se transformarão em água! Ai dos vales que sejam inundados por tal enchente!

3. Aquilo que materialmente seria irremediável, não deixará de acontecer em espírito. Todavia, se começarmos a pregar o Evangelho com espada na mão, desafiaremos a do mundo; fazendo-o com armas da paz, que é o amor, também assim nos combaterão.

4. Entende-se que tal Dádiva Celeste venha provocar lutas e contendas, enquanto a matéria, com relação à Ordem Divina, continuará sendo aquilo que foi; mas precisamente pelo motivo de serem demonstrados às criaturas, a tolice e o absurdo do paganismo, por pessoas esclarecidas como Mathael, as reacções desastrosas não terão a mesma intensidade. Se consideras o que acabo de expor, confessarás a tolice da tua profecia.”

5. Diz Judas: “Sim, és o sábio Tomé de sempre, – e tudo que digo, tem de ser tolo! Aborrece-me o facto de eu nunca ter razão! Tento reflectir sobre o assunto antes de externá-lo, – basta abrir a boca e todos me atacam qual leão a uma ovelha! Até dá vontade de estourar de raiva! Mas prometo não dizer palavra, com que, por certo, estareis de acordo!” Diz Tomé: “Ótimo, assim, atingirás a sabedoria!”

6. Nisto, Mathael chama Tomé e lhe diz: “Agradeço-te, em nome desta justa causa, teres admoestado o irmão Judas, tão modestamente. O que ele considera uma ofensa ao seu intelecto, não o prejudica, talvez até lhe seja útil no outro mundo, já que de um saber mais profundo nele não há vestígio e, certamente, não o alcançará nesta vida. Futuramente, deixai-o em paz; a sua alma não é do Alto e o seu espírito demasiado fraco, a fim de amoldar-se e vivificar a psique, como vós!”

7. Eis que Eu me aproximo e digo: “Mathael, existem poucos instrumentos como tu, por isso confiro-te o Meu Louvor! **Prossegue deste modo e te tornarás um valioso predecessor para os pagãos em lugar de um outro apóstolo, que mais tarde designarei entre os Meus inimigos!** E só agora te dou esta plena certeza: tu e os teus quatro irmãos, jamais recaireis naquela terrível moléstia! Disporás dos teus colegas, mostrando-lhes o caminho certo.

8. Permaneceremos aqui mais alguns dias e amanhã, sábado, dar-se-ão vários factos, durante os quais, poder-Me-ás prestar bons



serviços; não temes o mundo nem a morte, por tal razão és para Mim um bom instrumento. Agora leva-Me junto de Helena, que sente uma saudade imensa de Mim e precisa que a reconfortemos.”

9. Diz ele: “Oh, Senhor, que imensa Graça! Tu, meu Criador, deixas-Te conduzir por mim ao lado daquela que igualmente criaste! Todavia ela é pura e de boa vontade; por certo desconhece o pecado e vale a pena fortalecer o seu coração, onde mais tarde, milhares se irão confortar!”

### **103. À PROCURA DE DEUS.**

1. Após estas palavras encaminho-Me com Mathael e Yarah, que não sai do Meu lado, para junto de Helena e do seu pai. Mal Me avista irrompe em lágrimas de alegria e diz: “Já estava duvidando que a Graça de Te ver e falar, Senhor de minha vida, me fosse concedida! Agora tudo está bem, pois Tu, a Quem o meu coração e intelecto aqui conheceram de modo tão milagroso, vieste a mim, Pessoalmente! Rejubila-te, coração, pois Aquele, cujo Espírito toma as tuas pulsações desde o berço à sepultura, acha-Se diante de ti, para te trazer o conforto sagrado que te transformará a morte em doce néctar!”

2. Em seguida cala-se e Eu digo-lhe: “Helena, corações que amam como o teu, não necessitam temer a morte que jamais sentirão, nem doce nem amarga! Eu Mesmo sou a Vida e a Ressurreição, e os que Me amam e em Mim crêem não perceberão a morte!”

3. Se bem que te seja tirado o corpo pesado, não terás disto consciência, pois hás-de transformar-te, num momento, na vida lúcida da tua alma pelo Meu Espírito de Amor em ti, evoluindo até alcançar a Sua Perfeição! Compreendes isto, Helena?”

4. Ela está tão comovida que nada pode dizer. Passa-se um curto tempo e ainda não consegue expressar-se por palavras de gratidão pela alegria da Minha Vinda, pois em cada tentativa desata a chorar. Dirigindo-Me a ela, digo: “Querida filha, não te canses; esta linguagem do teu coração é-Me muito mais agradável que a da tua boca, por mais elevada que seja.

5. Vê, já existem alguns na Terra, – e no futuro haverá muitos – que Me dirão: Senhor, Senhor! E Eu, lhes responderei: Por que Me chamais, estranhos? Não vos conheço, nunca vos conheci, pois sempre fostes filhos do príncipe da mentira, do orgulho, da

maldade, da noite e das trevas! Afastai-vos de Mim, eternos praticantes do mal! – Digo-te que entre eles haverá clamor e ranger de dentes!

6. Procurarão a Deus em distâncias e profundezas jamais alcançáveis, pois julgaram ser mui simples procurar-Me perto deles, isto é: em seus corações. Em verdade, quem não O buscar como tu, nem em eternidades o Encontrará! **Deus é em Si o Amor mais puro e infinitamente poderoso, – eis por que só será encontrado pelo amor!**

7. Desde o início foste assim impulsionada, embora julgasses pecar, em virtude deste sentimento para Comigo; todavia, achaste-Me, pois vim ao teu encontro e do teu pai! Deste modo, todos terão de Me procurar e Me acharão, como tu.

8. Os que o fizerem pelo intelecto orgulhoso, jamais o conseguirão, pois assemelhar-se-ão a um homem que comprou uma casa por lhe haverem assegurado que, em seus alicerces, se achava enterrado um grande tesouro. Uma vez proprietário, começou a escavar ora aqui, ora acolá, ligeiramente, o que tornava impossível localizar o tesouro oculto. Eis que pensou: Já sei que fazer. Começarei a escavação por fora, em redor da casa e, certamente, descobri-lo-ei. Dito e feito: cavou externamente, não encontrando o desejado tesouro, pois este encontrava-se oculto no centro da casa; quanto mais longe se ia afastando, menor possibilidade tinha de êxito.

9. Quem algo procura onde não se acha, jamais há-de encontrá-lo. Quem quiser pegar peixes, terá de lançar redes ao mar, pois eles não nadarão no éter. Quem quiser descobrir ouro não deve lançar redes, mas procurá-lo nas profundezas das montanhas. Ninguém vê com os ouvidos e ouve com os olhos, pois cada sentido tem a sua particularidade e é destinado a determinado fim.

10. Assim, o coração humano, de Origem Divina, tem unicamente a finalidade de procurar a Deus e, quando O achar, Dele receberá uma nova vida indestrutível. Quem O buscar através de um outro sentido, não poderá encontrá-Lo, pois não consegue um homem de olhos vendados ver o Sol com ouvidos e nariz.

11. A índole justa e viva no coração é o amor. Quem despertar esta índole de vida e por ela iniciar a busca de Deus, forçosamente há-de encontrá-Lo, pois a criatura que não for inteiramente cega, logo descobrirá o Sol e o fulgor da sua luz.

12. Quem tenciona ouvir uma palavra sábia não deve tapar os ouvidos e abrir somente os olhos; pois esses, se bem que vejam a luz e as formas iluminadas, não poderão gravar a forma espiritual da palavra, o que apenas se consegue pelos ouvidos. – Compreendeste tudo?”

#### 104. A UNIÃO COM O SENHOR.

1. Diz Helena, finalmente refeita da sua emoção: “Oh, sim, pois as Tuas Palavras têm luz, força e vida, e emanam da Tua Boca Santa de modo tão claro como a fonte puríssima no cume das montanhas, iluminada pela aurora. Mas, que farei para acalmar o meu coração? Senhor, mata-me se peço; mas o meu amor para Contigo ultrapassa todos os limites vitais! Deixa que toque a Tua Mão!”

2. Digo Eu: “Por que não deixaria? Deves sempre fazer o que o teu coração ordena, e nunca poderás errar!”

3. Tomando-Me a Mão esquerda e apertando-a contra o peito, Helena diz, soluçante: “Oh, Senhor, quão felizes devem ser aqueles que sempre Te rodeiam! Se tal me fosse possível!”

4. Digo Eu: “Quem está Comigo pelo sentimento, a este Eu acompanho, assim como também ele a Mim, – eis o essencial! Pois que adianta à pessoa a Minha Presença Física, se o coração está distante, pela atracção do mundo? Em verdade, não haverá maior distância imaginável.

5. Mas quem está perto de Mim pelo amor, como tu, adorável Helena, permanecerá neste aconchego mesmo se externamente houver um Espaço mil vezes maior entre nós que o daqui à última estrela que os teus olhos possam vislumbrar.

6. Afirmo-te: quem Me ama igual a ti e crê convictamente ser Eu Aquele por cuja Vinda esperaram os patriarcas, está tão unido a Mim como Eu – conforme Me vês e sentes neste momento – sou Uno com o Pai no Céu! **O amor une tudo, unindo também Deus e a criatura**, e não há espaço que possa separar o que o Amor Verdadeiro e Puro uniu pela profundidade celeste!

7. Por teu amor continuarás sempre em Minha Companhia, mesmo se neste mundo o Espaço nos separar por algum tempo; um dia, no Meu Reino do Espírito Puro e da Plena Verdade, jamais serás apartada de Mim. Assimilaste isto, querida Helena?”

8. Responde ela: “Como não? O meu coração entende o sentido profundo das Tuas Palavras, iluminando toda a minha alma! Porém, agora surge outra pergunta importante de um recanto íntimo ainda não penetrado pela luz: como agradecer Àquele que me cumulou de uma Graça tão profusa? O amor mais forte não pode ter o valor da gratidão, pois ele é, como toda a vida, uma Graça Tua. Que sacrifício e qual dádiva poderei eu, criatura, oferecer-Te, meu Criador, como reconhecimento por tantas dádivas recebidas? Senhor, eis um ponto obscuro em meu coração, não obstante a luz radiosa, para o qual desejaria um esclarecimento. Poderias tirar-me deste embaraço?”

### 105. A FORMA DE AGRADECER A DEUS.

1. Digo Eu: “Oh, Helena! O que do mundo Me poderias ofertar que não fosse Meu, pois sou o Doador de tudo? Isto seria uma exigência fútil da Minha parte e uma completa contradição à Minha Natureza Divina e Ordem Eterna.

2. Vê, o amor faz tudo. Quem Me ama acima de todas as coisas, oferta-Me o maior sacrifício e a melhor gratidão, pois Me oferece o mundo inteiro. **Além do amor para Comigo existe o amor ao próximo, e os pobres de espírito e de posses materiais são vossos semelhantes. Quem algo lhes fizer em Meu Nome, tê-lo-á feito a Mim.**

3. Aquele que acolher a um pobre em Meu Nome, ter-Me-á acolhido, e lhe será recompensado no Dia do Juízo Final. Quem receber um sábio em virtude do seu saber, terá recompensa idêntica, e o que oferece um copo de água a um sedento, receberá vinho, no Meu Reino.

4. **Se praticas a caridade, - fá-lo com amor e sem alarde pois o Pai no Céu o vê, e a tua dádiva Lhe será agradável e te recompensará cem por um. No entanto, quem tenciona brilhar diante do mundo pelas obras de caridade, já terá recebido o prêmio mundano e nada mais deve aguardar.**

5. Nisto consiste a única maneira agradável de sacrifício e gratidão, aos Meus Olhos, pois as oferendas de promessas e incenso são de odor pestilento, e as orações formais um horror, provindas daqueles, cujos corações estão longe do verdadeiro amor a Deus e ao próximo. Quem poderia colher vantagens com a

vozeria inútil dos templos, onde não se consideram os milhares de pobres e famintos, fora dos mesmos?

6. Fortalecei, primeiro, os sofredores, alimentai os famintos, saciai os sedentos, cobri os desnudos, consolai os tristes, libertai os prisioneiros, pregai o Evangelho aos pobres de espírito, – e tereis feito muito mais que orando dia e noite, enquanto os vossos corações perduram frios e insensíveis aos pobres irmãos.

7. Vê o mundo da Natureza, a Terra e os astros, as flores e as árvores, os pássaros, os peixes e toda a fauna; observa os picos das montanhas, as nuvens e ventos, – todos anunciam a Honra de Deus; no entanto, Ele nada disto considera, ao contrário do homem fútil. O que Ele vê, unicamente, é o coração da criatura que O reconhece e ama como o Pai Verdadeiro, Bom e Santo. Assim, como poderia Ele achar prazer num coração vazio de virtudes ou numa cerimónia vã com orações e incenso, que oculta o mais pronunciado amor-próprio, orgulho, tendência para o domínio e toda a sorte de impudicícia e fraude?

8. Agora sabes: primeiro, Deus não necessita de honrarias de criaturas fúteis, pois o Universo é pleno da Sua Honra. Segundo: de que forma poderia o homem tolo e cego honrar a Deus, se outra honra não possui além daquela que Dele recebeu pela Graça de ser criatura? Ou poderia contribuir para a Honra Divina o facto de os homens Lhe ofertarem um boi, permanecendo de corações empedernidos dez vezes mais depois do sacrifício?

9. Não aceito honra humana, pois o Pai no Céu o faz de sobejo! Se as criaturas cumprem os Meus Mandamentos, demonstrando deste modo o seu amor para Comigo, patenteiam a honra que Me é devida e a Meu Pai, pois somos perfeitamente Unos! Se tal é a Verdade Plena e Eterna, não Me desonra quem cumpre a Vontade de Deus, externada por Moisés e outros profetas, como acabo de vos revelar. Compreendes agora como se deve agradecer e louvar a Deus pelas dádivas recebidas?”

## **106. O DESTINO DA DOCTRINA DIVINA.**

1. Diz Helena, compenetrada pela Verdade dos Meus Ensinamentos: “Ó Senhor, cada uma das Tuas Santas Palavras formou um eco no meu coração, ressoando em minha alma. Eis a Verdade Divina e Pura! Tal Doutrina só Deus Mesmo podia facultar aos homens, pois não haveria ser humano que a criasse.

2. Quão maravilhoso é tomar conhecimento da Vontade de Deus Único e Verdadeiro, para assim agir com todas as forças disponíveis, em confronto com as atitudes impostas pelo orgulho humano, sob a alegação de que sejam a Vontade de Deus.

3. Sempre imaginei que um Deus Verdadeiro só possuía uma Vontade Justa que não pode estar em contradição, como acontece às leis humanas, as quais muitas vezes se revogam entre si. Quem cumpre tal lei acarreta o castigo de uma lei anterior, e não o fazendo, será julgado pela nova determinação. Como, pois, viver dentro da justiça?

4. Admitimos as nossas antigas leis deíficas, onde o sacerdote, astuto, alega: Se fizeres uma oferenda a Pluton, enraivecere-se-á Zeus; fazendo-a a este, aborrecerás o primeiro. Por um sacrifício aos seus sacerdotes, únicos competentes para abrandar a ira dos deuses, agireis bem! - Alegam ser mediadores eficazes entre divindades e homens. Assim, souberam atrair tudo para os seus bolsos, deixando-se adorar pelo povo ignorante, que tremia diante daquele poder. Tal incoerência não será admissível dentro desta nova Doutrina."

5. Digo Eu: "Isto não te deve preocupar. Finalmente, **tudo que vem do Alto, material ou espiritualmente, torna-se impuro, no momento que toca a Terra.** Vê uma gota de chuva! Não haverá diamante mais puro, - mal toca o solo, perde a sua pureza.

6. Sobe a uma montanha e deslumbrar-te-á a brisa fresca, enquanto nos baixios notarás a grande diferença atmosférica. Quão puros caem os flocos de neve das nuvens. Não leva muito tempo para que desapareça a sua alvura. Observa o vento que desce dos montes: turva-se pelo contacto da poeira, e os próprios astros perdem o seu brilho quando próximos do horizonte. Até mesmo o raio solar do meio-dia, é facilmente ofuscado pela névoa terráquea, o que torna difícil localizá-lo.

7. **Facto idêntico atinge todas as Dádivas Celestes, que, no início mui puras, com o tempo se turvam pelos interesses mundanos.** Isto também se dará com a Minha Doutrina puríssima, pois não conseguirá escapar da crítica, em nenhum ponto.

8. **O Templo que agora edifico, será destruído, assim como num futuro próximo o de Jerusalém, onde não restará uma pedra sobre a outra. Reconstruirei Este Meu Templo, mas o de pedra, em Jerusalém, - jamais!** Porém, não te preocupes, pois sei da razão de tudo.

9. Ninguém dá atenção à luz do dia, tão pouco ao calor do verão; quando vier a noite a luz será apreciada, e o calor apenas considerado no inverno. Assim acontece com a Luz Espiritual e o Seu calor. Não dá valor à liberdade quem está livre; apenas, quando no cárcere, saberá avaliar essa grande dádiva.

10. **Querida Helena, eis porque é permitida a turvação de tudo que é puro, para que o homem venha, pelo sofrimento, a estimar o valor da Luz pura.** Quando na noite trevosa Ela surgir, atrairá tudo que tem vida, como no inverno do egoísmo humano todos se achegam a um coração amoroso, e como os pobres, gelados pelo frio, procuram o calor da lareira.

11. Estes ensinamentos só para vós servem, por isso não os disseminarei a terceiros. Tratarei dos acontecimentos externos, e basta que cada um purifique o seu próprio coração, pois, estando este em ordem, a vida da criatura também entra numa fase ordenada. Compreendeste tudo, Helena?"

12. Diz ela: "Oh, sim. Entretanto, não é muito agradável saber-se disto antecipadamente, não obstante tudo possuir uma razão boa e sábia, pois que visa o Bem da criatura. A Tua Vontade seja feita para todo o sempre." Após estas palavras, Helena, num êxtase, segura a Minha Mão contra o peito, o que quase provoca um sofrimento a Yarah, pois Eu não lhe havia dito nada, durante a Minha Palestra com a grega. Tudo se normaliza, quando Eu a fito com carinho.

## 107. O DESPERTAR NO ESPÍRITO.

1. Confortada pelo Meu Olhar, manifesta-se a menina: "Senhor, meu amor eterno! Acaso Te ofendeu o meu aparente ciúme, por causa da bonita Helena? Perdoa-me!"

2. Digo Eu: "Acalma-te, Minha filha, pois se o mau não pode ser ofendido pelo amor, - muito menos Eu! Se o teu amor fosse menos intenso, não terias receio do Meu Sentimento diminuir pelo amor a Helena; assim, deixas-te levar pelo medo, pois, por momentos, evadiu-se a compreensão da tua alma sobre Quem, realmente, Eu Sou! Agora, novamente equilibrada, Helena não mais te altera.

3. Vê o Sol, como ilumina as flores do campo! Não seria tolice, que uma qualquer flor, se aborrece-se por ele irradiar igual medida sobre todas? Observa as grandes estrelas, as quais pudeste visitar

pessoalmente! Vivem elas e inúmeras outras do Meu Amor, e jamais serão vislumbradas pelo homem! Se o Meu Amor é suficiente para alimentar estes incontáveis e enormes pensionistas, por todas as eternidades, - como podes, filhinha, rezear algum prejuízo por causa de Helena? Reconheces a futilidade do teu receio?"

4. Diz Yarah: "Sim, Senhor, meu amor e minha vida! Procurarei tornar-me boa amiga de Helena e imitar as suas virtudes. Ah, se as minhas irmãs mais velhas lhe fossem semelhantes, que alegria não haveria de sentir! Infelizmente, têm inclinações mundanas e não há possibilidade de lhes falar sobre assuntos espirituais, que tanto almejaria. As filhas de Marcus são bem diferentes."

5. Digo Eu: "Ora, deixa-te disso; quando chegares a casa, encontrá-las-ás mais acessíveis. Além disso, tens Raphael ao teu lado que te ajudará nessa tarefa. De mais a mais, este empreendimento não é tão rapidamente realizável com as criaturas mundanas. Requer geralmente muito tempo e paciência para livrar uma alma de toda a impureza. Enquanto não for conseguida a purificação total, nada feito com o que toca ao espírito, pois entreter, apenas, o intelecto com tais noções é construir uma casa na areia.

6. Necessário é que o coração o assimile; estando este cheio das coisas do mundo, os assuntos de ordem espiritual não encontram ponto de apoio. Eis por que deves tratar que os corações das tuas irmãs sejam libertos de tudo o que é matéria, - e terás tarefa fácil. Todavia, louvo a tua preocupação, e afirmo-Te que não perdurará por muito tempo! Entendeste bem?"

7. Diz Yarah: "Oh, sim, à medida que uma menina de catorze anos pode assimilar algo de espiritual, pois aquilo que me acabas de dizer pode ocultar ensinamentos profundos que a minha alma por muito tempo não compreenderá. Julgo ter entendido o que no momento me seja útil e Tu, Senhor, por certo, cuidarás do progresso e entendimento do meu coração. Mas, vê só, Helena dorme profundamente e não lhe poderei falar!"

8. Digo Eu: "Não importa, rodeiam-nos várias pessoas com as quais poderemos palestrar, se tal for necessário. Todavia, surgirá um facto que nos vai prender toda a atenção e não teremos tempo para conversas fúteis."

9. Diz ela, rapidamente: "Que acontecerá?"

10. Respondo: "Não necessitas sabê-lo de antemão."



11. Pergunta Ouran, que se acha com Mathael, repousando na relva: “Senhor, haverá perigo?” Respondo: “Não para nós, mas para os que não se acham Comigo! Dirigi o olhar para Cesareia Philippi e descobrireis o que realmente há.”

## 108. OS ACONTECIMENTOS EM CESAREIA PHILIPPI

1. Os habitantes de Cesareia aguardam com pavor os acontecimentos horrendos que, dentro da sua compreensão, devem devastar o globo: os judeus à espera do julgamento de Daniel; os pagãos, da guerra dos deuses. O povo se rebela, negando obediência aos seus superiores, destruindo tudo que vê. Em suma: dentro de algumas horas reina a maior anarquia na cidade, facto pelo qual os sacerdotes ignorantes são responsáveis.

2. Há entre eles alguns mais instruídos na sabedoria egípcia que pouco se importam com o desaparecimento repentino do sol artificial, sabendo que tais fenómenos já se haviam repetido sem prejuízo para as criaturas. Outros, julgam que tenha surgido um segundo Josué que, por motivos concludentes, ordenasse ao Sol permanência maior.

3. Além disso uma seita judaica dogmatiza que o Sol perdura mais tempo no Céu, de cem em cem anos, em homenagem eterna à derrota total de Jericó, sem que isso afecte o planeta. Alguns magos do Oriente, de passagem por esta cidade, alegam que o Sol após um eclipse prolonga a sua luz, a fim de compensar os danos causados. Estes também não se impressionam com o facto; porém, todos querem aproveitá-lo para atemorizar o povo. Assim, os habitantes vão em busca de meios de resgate para apaziguar o sacerdócio; este, numa ganância sem limites, não se satisfaz, pois o povo guarda para si os objectos de valor.

4. Observando tal embuste, um grego, velho e honesto, entendido nas leis da Natureza, chama à sua casa alguns moradores mais calmos e explica-lhes, em poucas palavras, o impossível dano de tal aparição, dizendo: “Se houvesse algo de real a temer, não teriam os sacerdotes espertos tanto zelo e calma em extorquir oferendas de toda a espécie. Se daqui a algumas horas o Sol reaparecer como de costume, esses perdulários exigirão novos sacrifícios. Divulgai isto ao povo ludibriado, afirmando que o velho e sábio grego lhe transmite este aviso!”

5. Tal naturalista é muito conceituado entre os habitantes, de sorte que a sua afirmação se propaga rapidamente. Em menos de uma hora invertem-se os papéis: os sacerdotes têm que devolver as oferendas e fugir o mais depressa possível, pois o povo se revolta cada vez mais e não há servo ungido seguro da própria vida.

6. Prevendo isto, chamo a atenção de Ouran no momento em que se descobre a revolta, não obstante haver muitos fora da cidade aguardando um desastre qualquer. Mal acabo de falar, vários edifícios começam a arder, e o desespero ressoa até nós. Nisto se achegam a Mim Cirénus e Julius e, perguntam amedrontados o que há na cidade; em poucas palavras ponho-os ao corrente do acontecimento. Assim acalmados, indagam apenas se tal não trará más consequências.

7. Digo-lhes Eu: “Não a vós, mas ao sacerdócio sim; pois o povo, ladino, apazigua os deuses com incêndios em habitações sacerdotais e templos pagãos. Por certo não lastimareis essa raça de víboras! O sol artificial teve boa luz, pondo a descoberto as traficâncias dos “servos de Deus” que ora recebem o seu premio merecido.”

### **109. ALEGRIA DE MARCUS COM O CASTIGO APLICADO AOS SACERDOTES.**

1. Eis que Helena desperta do seu êxtase delicioso e se assusta pelo movimento no monte e o incêndio na cidade. Yarah de pronto explica-lhe o que se passou e a jovem, então, diz: “Há uma hora atrás tive a impressão da minha alma prever tal destino para esta cidade, após o rápido desaparecimento do Sol; eis que o meu pressentimento se justifica. Senhor, por certo Previas o facto que evidencia a razão do surgimento do astro fictício.”

2. Digo Eu: “Sim, querida filha, é possível que assim seja, pois uma luz por Mim colocada no Firmamento tem quantidade de bons motivos, e não só o da iluminação que, realmente, é o menor. Observa a luz solar, por si secundária; considera, porém, as criaturas livres, mas algemadas pela Natureza, e descobrirás efeitos de luz e calor, jamais sonhados pelos sábios naturalistas.

3. A própria Terra poderia apresentar tão inúmeras maravilhas - que nem em vários milénios poderias abarcar - como consequência desta luz. Esse Sol, cuja irradicação produz tais fenómenos, é rodeado por incontáveis e maiores corpos cósmicos,

realizando ali outros efeitos maravilhosos. E vê, tudo pela acção de uma só luz. Por aí concluirás que não fiz surgir o astro artificial apenas para o prolongamento dos seus luminosos raios. Que te parece?”

4. Diz Helena: “Ó Senhor, Tu, Único Santo, que valor poderia ter a opinião humana, que jamais penetrará nas profundezas da Tua Omnipotência? Já consiste em algo infinitamente elevado poder eu amar-Te acima de tudo, num amor bem-aventurado do qual o meu coração jamais será merecedor. Querer pesquisar a Tua Natureza Divina, eu considero a maior ousadia da criatura. Possível é amar-Te acima de todas as coisas; todavia, nenhum espírito Te poderá analisar.”

5. Nisto aproxima-se o velho Marcus e diz: “Senhor, com este incêndio, os peixes que fui obrigado a entregar como dízimo aos fariseus, certamente ficarão cozidos ou fritos. Sabes da minha hospitalidade sincera, pois sempre preferi dar a receber; mas o dízimo aos fariseus aborreceu-me profundamente! E agora, precisamente a maioria das suas casas se acha ardendo! Isto agrada-me mais do que se alguém me presenteara com dez belos edifícios. Nunca fui maldoso, Senhor; desta vez, - perdoa-me, - não me contenho!

6. É uma alegria para um coração bondoso dar aos necessitados; pagar o prémio justo e mais alguma coisa a um trabalhador, é sublime dever de todas as criaturas. Pagar ao governante os impostos legais é obrigação sagrada de todo o cidadão, pois tendo ele grandes gastos para ordem e segurança do país, os súbditos são obrigados, pelo amor ao próximo, a fazer de boa vontade o que for exigido em prol de todos.

7. Possível é que, entre proeminentes figuras, em nossa política, surja um déspota, com intenção de sugar o povo; mas outro haverá, depois desse, de modo geral mais compreensivo, que novamente levante os ânimos. Porém, o sacerdócio é sempre o mesmo: tiraniza qual vampiro a multidão, extorquindo os pobres de modo mais repugnante, compensando-os com traficâncias de toda a espécie. Eis por que um homem de bem deve louvar e honrar a Deus, no caso de lhe sobrevir um julgamento. O meu coração se sente confortado, observando que, justamente, as residências e sinagogas dos judeus são devoradas pelas labaredas, - e isto, num ante sábado. Amanhã não poderão fazer colectas; tal castigo é bem merecido.”

8. Digo Eu: “Como sabes disso tudo?”

9. Responde ele: “Oh, fui a casa para ordenar o preparo dos alimentos aos pobres que talvez amanhã me venham visitar, e dei com três gregos, aos quais fiz servir pão e vinho e me contaram os factos que se passaram na cidade. A minha satisfação foi tão grande que teria ensejo de os indemnizar por cada palavra.”

10. Digo Eu: “Amanhã terás de pagar tal alegria, pois muitos dos fariseus irão à tua casa.”

11. Responde ele: “Com prazer hospedarei esses homens durante oito dias – talvez um ou outro se modifique. A Ti, Senhor, todas as coisas são possíveis!”

### 110. A ALEGRIA MALDOSA.

1. Estas palavras de Marcus despertam aplausos gerais. Helena, neste mesmo instante, observa uma chama extremamente luminosa, clareando toda a zona. Também Cirénus vê a labareda que aumenta mais e mais. À noite, porém, toda luz tem a particularidade enganosa de parecer aproximar-se à medida que se dilata no mesmo local. Prova isto o facto de as criancinhas costumarem estender os braços à Lua que lhes parece tão próxima, e os cães a perseguem pelo mesmo motivo. Igual equívoco se dá com Helena, crente que a crescente chama vem se aproximando e me pede para impedi-la.

2. Digo Eu: “Não sejas tola! Trata-se apenas de uma ilusão de óptica, provocada pelo fogo na grande despensa do palacete do reitor judaico. Achavam-se ali guardados perto de duzentos quilos do melhor azeite de oliva, em barris, várias barricas com nafta destinadas à iluminação do seu palácio, além de grande quantidade de manteiga, leite e mel. Tudo isto se tornou presa das chamas – e nesta ocasião, Marcus, os teus peixes passaram a ser fritos. Que te parece?”

3. Diz este: “Senhor, que tanto podem pesquisar o meu coração, quanto a despensa do reitor, – sabes que não sou nem nunca fui maldoso; como guerreiro fui severo, sem jamais ter prejudicado alguém, ainda que tal conduta resultasse em punição superior. Assim, não me alegro com a desgraça propriamente dita, e que os meus peixes sejam fritos sem proveito, – mas que esta velha praga da Humanidade tenha recebido uma boa lição.

4. A destruição dos seus bens é de somenos importância; o seu real prejuízo consiste na dissolução da crença em seus ensinamentos que será um grande benefício para o povo. Agora estará ele acessível à Verdade Pura e Divina, no que me alegro enormemente. Pode até acontecer que o malgrado sacerdócio também se torne mais maleável, caso não seja obtuso em demasia. Penso que o dia de amanhã será bem interessante. – Diz-me, Senhor, se tenho razão ou se a minha alegria é condenável diante dos Teus Olhos.”

5. Digo Eu: “Em absoluto, pois se Eu não tivesse o mesmo motivo não terias visto a “fata-morgana”, nem este incêndio. De saída sentias alguma satisfação maldosa, pois te aborreceste com o dízimo que os fariseus te açambarcaram. Por isso te falei: amanhã terás de prover vários sacerdotes, sem, todavia, teres prejuízo.

6. Um homem justo e perfeito deve ser íntegro em todos os sentimentos, pensamentos e acções, de contrário não se presta para o Reino do Céu. Observemos, por exemplo, um infractor da lei, inepto para qualquer boa acção; é, em suma, irmão de Satanás. Por muito tempo pratica, incólume, as suas maldades, pois sendo astucioso, não pode ser preso em flagrante. Quantas pessoas não desejam que tal criminoso seja atingido pela justiça! Finalmente, chega esse dia, e o juiz o chamará à responsabilidade, condenando-o ao máximo castigo. Todos se regozijam e não faltam pessoas “bondosas” que lastimem não possuir direito legal para lavrar, elas próprias, a sentença condenatória.

7. Neste caso dever-se-ia indagar, de coração e intelecto calmo e justo, se esta satisfação se aplica a um homem perfeito, pois tanto o sentimento, quanto a razão, deverão responder: Alegro-me que a Humanidade tão castigada por tal criminoso seja liberta do mesmo; melhor, seria se reconhecesse ele a sua atitude condenável, arrependendo-se e transformando-se numa pessoa útil, que procurasse remediar o mal praticado. Qual das duas intenções vos parece mais acertada?”

8. Responde Marcus: “Sem dúvida, a segunda; a primeira é brutal e egoísta.”

## **111. MATHAEL TORNA-SE VICE-REI.**

1. Opina Ouran: “Nunca ouvi dissertações tão elevadas! Sou soberano de mais de cem mil súbditos, e consta serem eles os mais felizes das zonas no Pontus; entretanto tenho de agir dentro da lei

romana, com poucas exceções. Contudo, sempre achei as leis de Roma um tanto severas. Quão pouca é a consideração quanto à natureza e capacidade do carácter individual! Seria tolo afirmar que um sapato sirva para todos os pés, quanto mais uma lei, aplicada indistintamente.

2. Da maneira como Tu, Senhor, pronunciaste as Tuas leis vitais, todo e qualquer poderá segui-las, não obstante a sua índole. Voltando ao meu país farei grandes modificações. Nomeio Mathael, desde já, vice-rei e conselheiro, e por eu não ter filhos; passará a usar, bem como os seus quatro colegas, indumentária do Governo grego, e me ajudará da melhor maneira."

3. Adere Cirénius: "Eu, prefeito romano sobre toda Ásia e parte da África, munido de todas as prerrogativas por parte do Imperador Augusto, meu irmão já falecido e pelo seu filho que o sucedeu, - apoio esta boa escolha. Não poderias ter encontrado pessoa mais meritosa, Ouran! Tenho dito!"

4. Acrescento Eu: "Também concordo, pois de há muito já tem a Minha unção espiritual para tanto; tu, Ouran, poderás ungi-lo em teu país, com óleo de nardo, diante do povo e das autoridades, a fim de que saibam com quem estão lidando. Mathael, protegerá o teu país contra a invasão dos skythos de modo mais potente que um grande exército dos melhores guerreiros. Para tal fim dar-lhe-ei força especial, quando iniciar a sua incumbência; por enquanto basta-lhe a sabedoria."

5. Indaga Ouran: "Senhor, não seria possível converter para a Tua Doutrina essas hordas perigosas? É uma lástima ver criaturas de físico tão atraente e nula compreensão de algo mais elevado. É desanimador deparar-se com uma figura masculina, hercúlea, ou feminina, paradisíaca, que não tem linguagem, apenas sabem grunhir qual suínos, o que, por certo, nem eles entendem. Não seria bom conquistá-los, a fim de se tornarem verdadeiras criaturas?"

6. Digo Eu: "Os colegas de Mathael te ajudarão na realização do teu desejo; entretanto não poderás dominar todos os skythos, cujo país é vastíssimo. Conseguir-lo-ás nas proximidades do Mar Negro, e poderás educá-los ao teu critério."

7. Diz Ouran: "Senhor, eterna gratidão em nome de todos os futuramente despertados em espírito através da Tua Doutrina. Não faltarei com o meu esforço e vontade persistentes."

8. Diz Cirénius: "Acrescento mais: será tua posse o que conquistares. Querendo fazer disto declaração a Roma, ficarás

isento, por dez anos, dos juros de arrendamento, tendo os teus descendentes direito de herança. A partir de trinta anos o teu país não será dado em leilão, como é hábito. Amanhã receberás documentos comprovantes de tais direitos. Apenas um inimigo estrangeiro o poderia açambarcar à força; por parte de Roma, será teu país para sempre.”

9. Digo Eu a Cirénius: “Fá-lo ainda hoje; amanhã é sábado e não devemos aborrecer os fracos de espírito.”

10. Conjectura Cirénius: “Senhor, como poderei escrever agora, à meia-noite? Fá-lo-ei de madrugada, de modo que ninguém se escandalizará.”

11. Digo Eu: “O Meu Raphael já o aprontou; lê o documento e vê se é o que desejas.”

12. Cirénius pega no pergaminho, aproxima-se de uma tocha e certifica-se da sua exactidão. “Se tal fosse a primeira prova”, diz ele, “ainda me admiraria; mas isto para Raphael é tão fácil, como para o homem – alcançar as estrelas com o olhar. Já que está pronto, pode Ouran guardar o documento.”

13. Unindo o gesto à palavra, Cirénius continua: “Toma isto para tua protecção e dos teus descendentes. Trata de conquistar as criaturas para o Reino do Céu, do Amor, da Verdade Eterna, que veio de modo tão milagroso a nós, por Jesus, o Senhor! Estamos Nele, vivemos por Ele, hoje e sempre.”

## **112. HELENA TORNA-SE ESPOSA DE MATHAEL.**

1. Sensibilizado Ouran agradece a Mim e a Cirénius, no que Helena também compartilha, dizendo: “Mas, meu pai não tem filhos homens. Quem continuará o seu governo?”

2. Digo Eu: “Minha querida Helena, já não vos dei um sábio descendente que o teu pai acaba de nomear vice-rei? Não vos agrada ele?”

3. Diz ela, quase chorando de alegria: “Se nos agrada? Senhor, perdoa se Te ofendi, pois tive de perguntar para saber da Tua Santa Vontade.”

4. Digo Eu: “Acalma-te, pois a Mim ninguém poderá ofender, muito menos tu! Como indagas algo que já sabias, pergunto-te o que sei sem a tua resposta. Vê Mathael, nomeado por teu pai, sendo esta decisão firmada por Mim e Cirénius. Conta apenas vinte e oito anos; haverias de querê-lo por esposo?”

5. Envergonhada Helena baixa os olhos, dizendo: “Senhor, por mais oculto que se tenha algo no coração, nada Te escapa. Analisaste o meu sentimento para com Mathael, viste quanto o estimo e agora denuncias-me! Assim sendo, só me resta responder “sim” à Tua Santa Pergunta. Falta saber se ele sente o mesmo.”

6. Digo Eu a Mathael: “Amigo, podes, sem susto, continuar a palestra.” Responde ele: “Senhor, nunca és tão amoroso como ao nos falares tão humanamente. Indagas se poderei amar esta jovem pura, dedicada a Ti de toda alma e de modo tão intenso como Te amo? A única dificuldade consiste em ser ela filha de um rei e eu, pobre cidadão dos arrabaldes de Jerusalém, cidade de cem portais e mais de um milhão de habitantes.”

7. Digo Eu: “Mas, quê? Quem foi David, em origem? Quem foi Saul? Quem os ungiu para reis? Se repito contigo o que fiz com eles, como alegas não seres da mesma estirpe de Helena? Julgas que Eu não tenha Poder de sobejo para fazer-te sentar no trono imperial de Roma?”

8. Conheces o poder e a força deste nosso servo Raphael, e Eu disponho de legiões semelhantes a ele. Quem haveria de querer enfrentá-los? Basta apenas Raphael para transformar num minuto esta Terra em pó; portanto, destronar o Imperador e substituí-lo, seria coisa de nada. Porém, tal não é preciso, pois sei porque deixo o actual em Roma. Deste modo, também possuo poder ilimitado para fazer de ti, o que Me agrada; quem quererá discutir isto?

9. O Poder de Deus ultrapassa o de um rei da Terra, pois tanto a vida de um soberano quanto a de um mendigo estão nas Minhas Mãos, bastando o mais leve sopro do Meu Espírito para dissipar a Criação. Por isso, não te aflijas! O que digo é válido para a Eternidade e as Minhas Determinações são indiscutíveis e imutáveis. Somente Eu, como o Senhor, ajo de acordo com o Meu Amor e Sabedoria e não há quem possa algo conseguir, dizendo: Senhor, por que fazes isto ou aquilo? – Quem alguma pergunta Me fizer, no coração, receberá de Mim a resposta elucidativa; porém, quem desejar discutir Comigo, não receberá resposta, mas um julgamento. Se te faço rei, és um soberano verdadeiro e quem te desafiar será dizimado. Toma, pois, a mão de Helena, ela é e será a tua querida esposa.”

10. Levanta-se Ouran e diz, penetrado de profunda gratidão: “Ó Senhor, Onnipotente de toda a Eternidade, de que maneira poderei eu, pobre pecador, externar o meu reconhecimento?”



Cumulas-me de Graças e benefícios sem par, tirando-me um peso do coração.

11. Quão difícil é para um bom pai encontrar esposo para a sua filha única, do qual se pudesse positivar um matrimônio feliz. Quantas vezes os pais ofertavam sacrifícios no Templo himeneu em holocausto à felicidade das suas filhas, – mas tudo em vão! As ligações eram infelizes e a filha casada, escrava, ao invés de amiga e fiel companheira do marido.

12. Aqui, dão-se os verdadeiros matrimônios celestes, conforme diziam os velhos. Tu Mesmo, Senhor, determinaste esta união; portanto espero que se derrame sobre ela a Tua Bênção, a qual terá, naturalmente, de ser merecida pelo cumprimento da Tua Santa Vontade. – Helena, filha querida, poderias ter imaginado que ambos encontraríamos a felicidade neste lugar tão despovoado, quando encetamos a viagem em busca da Sabedoria Verdadeira e do Deus Desconhecido?

13. Vês como o meu provérbio “Quem quiser achar tudo, deve apenas procurar Deus”, se realizou de modo tão maravilhoso? Suspiraste ao deixar a tua cidade natal e disseste: Pai, presumo que jamais tornaremos a ver o nosso país tão belo! E eu respondi-te: Não te aflijas, filha; não tencionamos invadir o país vizinho, vamos à procura da maior felicidade para nós e os nossos conterrâneos, e ninguém nos poderá condenar por tal razão! – Agora pergunto-te se presentiste algo desta grande felicidade que aqui encontramos?”

### **113. A GRATIDÃO E AS BOAS INTENÇÕES DE HELENA.**

1. Diz Helena: “Oh, quem poderia pressupor tal coisa? Além disso encontrávamo-nos enterrados nas ideias do paganismo, de sorte que se tornara impossível a intuição daquilo que aqui iríamos receber pelo Próprio Deus! Por tudo isto podemos apenas amá-Lo agora e sempre, – e o nosso amor aos súbditos se manifestará no sentido de lhes transmitir o Nome do Deus Único, capacitando-os a se tornarem Seus filhos pelo caminho do verdadeiro amor e humildade. E Mathael, meu querido esposo, auxiliar-nos-á com os seus colegas, de sorte que o nosso benefício será o dos outros.

2. Eis tudo que posso afiançar fielmente diante do Altíssimo, do fundo do meu coração humilde. Senhor, sê misericordioso e benévolo para com esta pobre pecadora, pois só Tu, sabes o que poderei suportar como provações futuras. Não me quero esquivar

desse peso, que suportarei com as forças dadas por Ti. Porém, não queiras sobrecarregar-me!”

3. Digo Eu: “O Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve; mas, um pequeno acréscimo de vez em quando não te causará prejuízo, – ao contrário, um grande benefício para alma e espírito. Em tempo oportuno o teu esposo relatar-te-á quais as provações que ele teve de vencer, a fim de exterminar tudo que vinha do mundo e do seu coração para alcançar o poder actual. Nem eternidades, nem poder algum lhe poderão arrebatá essa posse; no entanto, aquilo que assimilaste pelo ensino externo, ainda se assemelha à semente lançada à terra, necessitada da experiência do fogo para se tornar um verdadeiro e abençoado fruto.

4. Por isso não te amedrontes com as variadas provações que enfrentarás durante a vida, pois Eu Mesmo enviar-tas-ei para fortalecer alma e espírito. Quando tal ocasião chegar, lembra-te: sou Eu que te mando tal estímulo! **Quanto mais Eu amo alguém, tanto mais será experimentado por Mim.** Todos terão de tornar-se perfeitos como Eu, para o que é preciso renúncia, paciência, meiguice e completa dedicação à Minha Vontade! Quem agir inteiramente dentro desta Ordem será espiritualmente tão perfeito quanto Eu, pela união do seu com o Meu Espírito. – Diz-Me, assimilaste tudo isto?”

5. Diz Helena: “Oh, sim, na medida que um mortal possa compreender as Palavras de Deus em sua restrição temporária.”

6. Digo Eu: “Pois bem, vamos agora descansar um pouco! Quem quiser dormir, durma; quem quiser vigiar e orar Comigo, que o faça!” Exclamam muito: “Senhor, desejamos vigiar e orar Contigo!”

7. Finalizo: “Fazei o que vos agrada; todavia é preciso preparar-se bem para o dia de amanhã, que será trabalhoso! (Virando-Me para Cirénus): Virão aqui o teu irmão Cornelius e o Comandante Fausto para averiguarem o que se passou nesta zona. Não supõem que estejas aqui, e muito menos Eu. Todavia precisam ser acomodados com o seu séquito, pois na cidade não haverá hospedarias devido ao incêndio que também atingiu, além de templos e sinagogas, outros edifícios e moradias. Assim, é preciso boa disposição para amanhã. Quem quiser dormir que o faça; **Eu tenho de vigiar e orar!**” – Com estas palavras deixo os outros e caminho só, a fim de unir mais estreitamente o Espírito Eterno, do Pai, com toda a Minha Natureza.

## 114. A NATUREZA DE JESUS.

1. Admirados com as Minhas Palavras, muitos, inclusive Ouran e Helena, conjecturam: “Estranho! Eis que Ele vai orar e preparar-Se para o dia de amanhã. A quem irá dirigir a Sua Oração? Acaso não é o Ser Supremo? Falou como somente Deus poderia falar; do Seu Hábito mais subtil depende a existência do mundo, – e agora nos manda dormir ou preparar-nos para o dia seguinte. Se Ele dirigir as Suas Orações ao Ser Divino, apenas por Ele conhecido, a quem nos compete fazê-lo? Isto ultrapassa o que se possa deduzir do sonho mais tolo.”

2. Levanta-se Mathael, agitado, e diz em voz alta: “Que juízo erróneo está externando cada um de vós? Cegos que sois, inclusive vós, os Seus velhos discípulos! **Não é Ele, na Terra, de carne osso como todos nós, formando, deste modo, a Sua Alma, a fim de capacitá-La à União Perfeita com o Espírito Eterno?**

3. **Somente o Espírito Nele é Deus, – o resto é humano como nós. Pela oração faz com que a Sua Matéria seja penetrada pelo Seu Espírito Divino, do Qual derivam todos os outros espíritos, como a pequena gota de orvalho reflecte, também pequena, a grandiosidade do Sol verdadeiro.** Espiritualmente é Ele o Sol da Verdade, e os espíritos, apenas Seus reflexos vivos. Compreendeis agora o que significa Ele dizer que vai orar?”

4. Yarah e Helena são as primeiras a entendê-lo, enquanto os outros não o conseguem inteiramente, pois **confundem alma e espírito.** Isto leva Mathael a doutriná-los até que se orientem; e eles, por sua vez, elogiam o seu profundo saber. A própria Helena toma a sua mão, e aperta-a contra o peito dizendo: “Querido esposo, enviado por Deus, se o teu conhecimento progredir desta forma, desejo saber a que ponto chegará o meu amor por ti! Se não nos tivesses socorrido, teríamos, finalmente, duvidado do Ser Divino em nosso Mestre, não obstante os Seus Feitos Milagrosos por nós assistidos. Agora já nos ambientamos sabendo a Quem pedir e confiar.”

5. Cirénus: “Embora satisfeito com a tua futura posição, Mathael, ficaria mais contente com o teu convívio constante. Exceptuando Raphael, que ora palestra com Suetal, não há quem seja tão inspirado como tu. Abençoado o povo que irás governar. Todavia, temos de ficar em contacto, – tu me visitarás ou eu te procurarei.”

6. Tomando a mão do velho Cirénius, Mathael diz: “Nobre amigo, agiremos de mãos dadas e o nosso princípio será tornar esse povo o mais sábio e feliz, em Nome do Senhor! A nossa atenção não só se estenderá ao bem espiritual daqueles que Deus nos entregou, como a evitar que se queixem da miséria física, mormente quando encaminhados na Doutrina.

7. Tal regime encontraria oposição no Império Romano, enquanto num pequeno país será mais aceitável, tornando-se este um espelho para os demais. Embora os espelhos, geralmente, não meçam mais que um palmo, pode o homem nele mirar-se dos pés à cabeça; de modo idêntico um pequeno país se pode tornar espelho para um grande. Se o pequeno quisesse imitar o grande, faria sucumbir os seus súbditos na miséria. – Tenho razão, Cirénius?”

8. Diz este: “Desejaria conhecer quem te pudesse contestar; sempre tens razão, pois em ti fala o Espírito de Deus. Porém, observa a cidade: o fogo aumenta mais e mais e talvez destrua tudo. Não poderia Raphael intervir?”

### 115. A NATUREZA DOS ANJOS.

1. Intervém Yarah: “Oh, ele sim. Porém, somente quando receber ordem do Senhor! Foi-me dado para professor e guia, mas quando lhe peço um obséquio, nunca me satisfaz. Se, por acaso, eu desejar uma explicação, nada me diz; inverte os papéis, fazendo-me discorrer sobre o assunto. Gosto dele e estimá-lo-ia muito mais se fosse um tanto maleável; é bom amigo, mas nunca se lhe deve pedir alguma coisa, pois será inútil.”

2. Diz Mathael: “Estou para constatar se não se deixa levar à protecção de, pelo menos, algumas habitações particulares. Chamá-lo-ei para ver se Yarah tem razão em tudo.” Chamando Raphael, Mathael diz-lhe: “Amigo, vê a cidade. Parece-me que alguns casebres também foram atingidos pelo fogo; não poderás impedi-lo?”

3. Responde o anjo: “Perfeitamente, se me fosse permitido. Acontece que a minha vontade pertence ao Senhor, querendo eu, apenas o que Ele quer. Se assim o desejar, não podes saber a rapidez com que apagarei o incêndio. Sem a Vontade do Senhor, posso tão pouco quanto tu, pois todos os milagres, não fui eu, mas a Sua Vontade que os efectuou por mim.

4. **Nós, anjos, somos nada mais que a emanção da Vontade Divina ou a Vontade Personificada do Senhor, nada podendo por nós próprios.** Não existimos como seres Dela independentes, assim como não te será possível imaginar o reflexo solar num espelho, caso o verdadeiro Sol não projecte um raio sobre a superfície do mesmo.

5. A fim de que possas melhor compreender a minha natureza, indico-te um espelho ustório (*que facilita a combustão*), inventado pelo célebre, matemático e físico Arquimedes. Tem ele a propriedade de concentrar uma quantidade de raios solares na sua superfície, alcançando, tanto na luz como no calor, uma força muito superior ao foco que, na dimensão de dois dedos, equivale à altura de um homem mediano, ao quadrado. Embora atinja tal potência, esta não seria realizável sem o Sol. O espelho apenas concentra esses raios em um foco de acção rápida e potente; sem o Sol fica desprovido de força e projecção.

6. **De modo idêntico nós, anjos, somos um espelho ustório na captação e concentração da Vontade Divina, e as nossas acções derivam do foco projectado por esta Vontade, realizando milagres sobre milagres. Compreendes?"**

7. Diz Mathael: "Perfeitamente; apenas ignorava ser Arquimedes inventor de tal espelho, atribuído primeiro a um tal Hamerod, mais tarde ao conhecido Thales, do qual se diz também ter inventado uma máquina de raios."

8. Diz Raphael: "Certo. Porém, Arquimedes foi o torneador e conseguiu descobrir, além do espelho mencionado, cilindros e discos com que dava origem aos raios, a máquina de levantar peso, através de um engenhoso parafuso, também de seu invento, com auxílio do qual afirmava: Dai-me um ponto fixo na Terra, - e eu a deslocarei. - Disto tudo se conclui que eu, por mim, não posso satisfazer o teu pedido. Se o Senhor assim o determinar, tudo será resolvido num instante. Dirige-te, pois, a Ele!"

9. Diz Yarah: "Não devemos perturbá-Lo agora que nos recomendou calma e oração, caso não dormíssemos. O incêndio da cidade não nos toca; o Senhor terá as Suas razões para deixar que tal aconteça, sendo apenas movido pelo Amor e Misericórdia. E se fôssemos querer alterar os factos, por certo tudo pioraria."

## 116. O CONHECIMENTO DE YARAH.

1. Diz Mathael: "Oh, pequena excepcional. Nunca poderia supor tal saber dentro de ti! Somente desejava saber de que maneira fazes as tuas orações."

2. Responde ela: "Transportando todos os meus pensamentos e sentimentos ao recôndito de meu coração, onde reside o amor a Deus. Assim, este Santo amor recebe alimento de modo idêntico como se deitasses gravetos incendiáveis sobre brasas. Os gravetos em breve fariam surgir labaredas que se comunicariam às brasas, incendiando-se. Assim também tudo se torna iluminado e cheio de sentimentos de amor, no coração, e o espírito lá oculto e de Semelhança Divina, diz:

**3. Ó Tu, meu Santo Pai nos Céus! Santificado seja Teu Nome! O Teu Amor de Pai venha a nós, pobres pecadores, encobertos pelas trevas! Unicamente a Tua Santa Vontade se faça nesta Tua Terra e em todos os Teus Céus! Se houvermos pecado contra Tua Eterna e Santa Vontade, perdoa-nos tal tolice e tem paciência e indulgência para conosco, assim como também nós a teremos com aqueles que nos tenham ofendido. Não permitas que sejamos tentados em nossa fraqueza carnal além das nossas forças, pelo mundo e Satanás, mas liberta-nos pela Graça, Amor e Misericórdia dos múltiplos males, pelos quais o nosso amor para Contigo, Santo e Amantíssimo Pai, pudesse ser turvado e enfraquecido. Se a fome espiritual e material nos assola, dá-nos, Querido Pai, o que necessitamos, de acordo com a Tua Sabedoria. A Ti, dedicamos todo o nosso amor, honra e louvor eternos. Amem!**

4. A isto eu chamo de "orar"; mas apenas tem valor diante de Deus quando o amor por Ele, no fundo do coração, se tenha tornado uma chama poderosa pela concentração de todos os pensamentos e sentimentos; faltando este proceder, todas as orações, ainda que retumbantes, constituem um horror para Deus e passam a ser desconsideradas.

5. Deus é Espírito e deve ser adorado no espírito do amor e na luz flamejante da verdade. Compreendes o que vem a ser orar verdadeiramente segundo a minha compreensão?"

6. Responde Mathael: "Menina encantadora! Quem teria suposto em ti tanta sabedoria? Realmente, eu mesmo ainda me poderia tornar teu discípulo e não me envergonho de confessá-lo. Só

agora compreendo a tua atracção invencível para com o Senhor e vice-versa. Parece-me que também foste despertada por Ele de modo rápido?”

7. Diz ela: “Quem ama a Deus, o Senhor, acima de todas as coisas, em breve será despertado; quem procura amá-Lo pelo intelecto, terá empreendido um trabalho improfícuo, e jamais alcançará a meta desejada. Assim, também conseguiste a Luz intensiva da Graça Divina, pois no coração da tua alma devia ter havido um verdadeiro incêndio, embora o teu físico fosse sitiado, durante certo tempo, por espíritos infernais.”

8. Diz Mathael: “Tens razão. Desde a minha infância amei a Deus acima de tudo, razão por que os meus pais me fizeram consagrar ao serviço do Templo, onde o meu corpo foi transformado deveras num verdadeiro engenho diabólico. A minha alma, porém, permaneceu o que fora desde o início. Não falemos mais deste assunto que prefiro não recordar. – E tu, Helena, diz-me se te agrada esta pequena sábia. Não é de admirar o seu profundo conhecimento?”

9. Indaga Helena: “Quem são os seus pais?”

10. Diz Mathael: “Ora, isso já é sabido; Ebahl, o hospedeiro de Genezareth, é o seu progenitor. Já o esqueceste? Antes, diz-me o que julgas do seu profundo saber e se não tens vontade de ser a idêntica a ela? Tenho conhecimento de muita coisa, – porém, esta menina ltrapassa-me. Percebo que o seu peito oculta segredos com os quais nunca sonhamos. Todavia, não parece considerar Raphael. Que achas disto tudo, querida Helena?”

11. Responde esta, tristonha: “Oh, Mathael, jamais alcançarei tal estado! Tem-se a impressão de que o Coração do Omnipotente reside nela, pois desvenda coisa que apenas a Boca do Criador poderia proferir. Logo se compreende não ligar muito ao anjo, pois lhe é semelhante como um olho ao outro. Não resta dúvida possuir ele a Força e Omnipotência do Senhor; a sua sabedoria, provinda do amor Dele, não ultrapassa à dela.

12. Teria ensejo de palestrar com esta menina, mas respeito o seu profundo conhecimento. Bastaria que um de nós externasse uma palavra tola, para receber um correctivo que impediria a repetição. Se fosse pobre poderia cumulá-la com meus tesouros; mas a julgar pela sua vestimenta parece ser filha de pais abastados, e um presente meu não seria aceite, mormente considerando a sua evolução que, de qualquer forma, rejeita a ostentação do mundo.

Quero-a muito; a sua presença, entretanto, deixa-me atemorizada. Pela orientação que nos deu de como orar a Deus, sou-lhe sumamente grata; todavia, não sei como externar o meu reconhecimento.”

13. Diz Yarah, que nesse ínterim se havia dirigido a Raphael: “Graciosa Rainha, queira-me como eu te quero, isso basta. Falaste bem sobre a consideração que dedico às posses mundanas, e mesmo se chegássemos ao ponto de nos alegrarmos reciprocamente com presentes materiais, teria eu maiores do que tu. Mas, que vem a ser toda a pompa do mundo em reacção à menor centelha do amor puro e vivo de Deus? Querida, esta jóia devemos conservar fielmente em nosso coração, para que não nos seja arrebatada. Irradiando-se ela com deslumbramento cada vez maior, tanto na pureza quanto na intensidade, possuiremos mais que todos os Céus possam comportar. Compreendes?”

#### **117. HELENA FALA SOBRE O PODER SACERDOTAL.**

1. Diz Helena: “Inteiramente; apenas não percebo, como conseguiste alcançar tamanho saber.”

2. Responde Yarah: “Isso é questão do Senhor, pois distribui as Suas Dádivas de acordo com a capacidade receptiva da criatura; Qual Semeador, lança os grãos num bom campo e colhe, com facilidade, bons frutos. Julgo ser o teu coração um solo fértil!”

3. Diz Helena: “Deveria sê-lo; vivi muito tempo enterrada no paganismo, que ainda ressoa como uma corda dissonante da lira. Bem que agora reconheço a Verdade, tornando-se minha vida; porém, considera o meu povo, preso ao paganismo ferrenho. Quanto trabalho não teremos para lhe tirar a superstição? Se a Vontade do Senhor não nos ajudar, pouco ou nada conseguiremos.”

4. Diz Yarah: “Mas também foste pagã, bem como o teu pai; entretanto não destes tanto trabalho para a conversão.”

5. Diz Helena: “É-me impossível concorrer com o teu conhecimento em assuntos espirituais; existem factos, mormente em reacção às diversas religiões, muito mais difíceis para serem removidos que os próprios falsos conceitos.

6. Em primeiro lugar, foi o sacerdócio que organizou uma doutrina politeísta de forma tal a lhe render maiores lucros. O templo necessita quantidade de objectos que requerem a colaboração de artistas, operários e outros servos. Todos estes são



por ele mantidos, e perderiam o seu sustento caso fosse fechado. Que reacção não haveria?

7. Ainda se fosse possível arranjar-lhes outro ganha-pão... Como criar, num país relativamente pequeno, novas fontes de rendimento para tanta gente? Por algum tempo talvez ainda fosse viável, – mas durante anos afora?

8. Além disso o sacerdócio goza da maior consideração entre o povo; bastaria os sacerdotes alegarem que os deuses nos amaldiçoaram para nos dificultar até a fuga da nossa pátria. Tudo isto dá que pensar e só a ajuda milagrosa do Senhor nos pode valer.

9. Aqui, no país judaico, será difícil propagar esta Luz vinda dos Céus, pois que a velha doutrina de Moisés tem sido tão deturpada por falsidades e fraudes que levaram o sacerdócio à abastança. Além do mais sabe agradar aos potentados, fazendo-se indispensável por motivos políticos.

10. Conseguem os sacerdotes, deste modo, muitas liberdades e privilégios pelos quais cegam o povo com toda a sorte de ludíbrios – e os potentados têm de concordar, caso não queiram ser inteiramente vencidos. Nestas circunstâncias ainda se devem considerar felizes no papel de senhores, embora não o sejam. Acredita-me, os verdadeiros dirigentes dos povos de há muito são os sacerdotes, e os imperadores, reis e príncipes, apenas seus servos, intimamente aborrecidos, pois de bom grado mandariam às favas esses “fariseus”. Reconheces tais dificuldades?”

11. Responde Yarah: “Claro, mas afirmo: aquilo que se nos afigura irrealizável, para Deus é fácilimo. Por isso, faz apenas o que podes e entrega o resto ao Senhor, pois tudo será resolvido. Além do mais, tens Mathael a teu lado, munido de sabedoria, força e poder divinos, bem como os demais colegas. Se ele começar a doutrinar no teu país como fez contigo, não lhe será difícil conquistar o sacerdócio que passará a receber novas incumbências. Quanto aos artistas e operários, poderão ser aproveitados pelos sacerdotes de melhor compreensão. Se tencionares deitar por terra os conceitos antigos, muito embora falsos, é claro ser problemático o bom êxito de tal empreendimento.

12. A criatura possuidora da justa Sabedoria de Deus tem de achar sempre os meios acertados; de contrário será movida apenas pelo intelecto. O que se aplica a um é viável a mil, apenas exige mais tempo e paciência. A árvore não tomba de um só golpe e um poço não se esvazia com um só balde: a boa vontade, o tempo e os meios

justos podem remover montanhas e secar mares. Para Deus nada é impossível quanto a ajudar material ou espiritualmente. Por isso, confia Nele e tudo irá ser melhor do que imaginas. Tenho razão, Mathael?”

### 118. OURAN CONTESTA O RECEIO DE HELENA.

1. Diz Mathael: “Naturalmente; mas minha querida esposa imagina a tarefa mais difícil do que é. Por certo será trabalho árduo, – nem por isso sendo comparável à limpeza do estábulo do Rei Augeias, com três mil cabeças de gado e que o herói Hércules limpou num só dia. Por mim não receio, pois tudo correrá bem com a ajuda do Senhor.”

2. Insiste Helena: “Também eu o espero; porém, conheço o meu povo, e sei quão difícil é afastar-se de um preconceito. O fanatismo supersticioso requer luta insana, pois foi alimentado por toda a sorte de fantasmagorias pelos sacerdotes.

3. Mesmo sendo possível uma acção milagrosa, resta saber do seu efeito. O povo seria induzido a outra superstição, caso não fosse esclarecido quanto à verdadeira significação; como fazê-lo, quando se desconhece a natureza das fraudes? Os sacerdotes jamais revogarão as suas acções mistificadoras, pois despertariam a ira do povo.

4. Assim, o sacerdócio requer um ensinamento diverso do ministrado ao povo e talvez em dez anos seja possível falar-lhe acerca de assuntos espirituais. Sabes, Mathael, o quanto aprecio o teu grande saber e não duvido da Omnipotência Divina; porém, conheço as dificuldades reinantes que, talvez, nos levarão a emigrar. Embora pura e maravilhosa, esta Doutrina dificilmente poderá ser pregada aos demónios.”

5. Diz Mathael: “Claro que não será fácil; por isso, a alegria será maior após o pleno êxito, que tem de ser conquistado mesmo o mundo caindo em frangalhos! O compromisso que assumi, tenho de cumprir! – Agora mudemos de assunto.”

6. Concorde Ouran: “Isso mesmo, pois enquanto palestráveis adormeci um pouco e vi coisas maravilhosas de permeio com algumas palavras da vossa discussão. Afirmo-vos: Yarah e tu, Mathael, têm razão; o receio de Helena, conquanto justo, é exagerado.

7. Conheço o povo como a mim mesmo; a maior parte vive do comércio tomando conhecimento de outros hábitos e religiões. No interior ainda existem seitas dependentes dos oráculos, enquanto no litoral pouca importância se lhes dá. Ali o sacerdócio de há muito é mal conceituado e a filosofia tomou o lugar do politeísmo.

8. Em Tauris, cuja zona sul se acha sob o meu domínio, há tempos não mais se cogita do paganismo, no que muito contribuiu o poeta romano Ovidius com as suas “Metamorfoses”, com as quais ridicularizou de modo humorístico os dogmas pagãos. No momento crê-se em Platão, Sócrates e Aristóteles que também propagam a doutrina de um só Deus.

9. Nós mesmos não teríamos aqui chegado se não fôssemos informados da quase presença do Verdadeiro Deus no Templo de Jerusalém, descrito por Platão no “Symposion” e de como a pessoa a Ele se podia unir em espírito. Naturalmente teria de me fazer iniciar na doutrina, em Jerusalém, a fim de implantar tais verdades em minha pátria. O facto de aqui termos chegado – isto é, na Fonte, – apenas é um acto extraordinário da Graça Divina, o qual jamais devemos desconsiderar: Nestas condições a nossa tarefa em casa será mais fácil, pois teremos em mente o Seu auxílio, sempre que preciso.

10. Nunca esperávamos encontrar o que ora deparamos, filha, e algo mais que o Symposion de Platão, já nos teria deixado satisfeito. Agora poderemos voltar à pátria, com imensa alegria, para anunciar aos povos o grande tesouro aqui achado. Por isso não compreendo o teu receio, Helena, que mais se aplica ao judaísmo cheio de fraudes, tendência de domínio e má vontade. Que te parece, Mathael?”

11. Diz este: “Concordo contigo, pois no Templo de Jerusalém as coisas andam mal e seria arriscado apresentar esta Doutrina. Lá, onde o Espírito de Jehovah Se achava Presente no Santíssimo, reina a maldade personificada; de divino nem vestígio existe. Os sacerdotes são lobos e hienas em pele de cordeiros. Oportunamente, relatarei o que sei, pois fui templário. Deixemos isto; existe coisa mais aproveitável para se falar. Quero animar Yarah para que nos relate algo sobre as suas experiências.”

## 119. YARAH FALA SOBRE AS ESTRELAS.

1. Diz Yarah: “Pois não; entretanto, talvez não me deis crédito. Tu, Mathael, também possuis noções astronómicas, mas que não podem concorrer com as minhas experiências, o que apenas consiste numa Graça extraordinária do Pai. Far-te-ei uma pergunta; se a puderes responder satisfatoriamente, saberás tanto como eu. Caso contrário, tomarei a liberdade de esclarecer-te. – Pelo que tomas as pequenas estrelas no Firmamento?”

2. Diz Mathael: “Querida Yarah, eis uma pergunta estranha. No que diz respeito ao Sol, à Lua e outros planetas, talvez fosse capaz de satisfazer-te; quanto às estrelas fixas, digo-te que a visão da minha alma ainda não as pôde penetrar. Presumo serem mundos distantes; a sua natureza e consistência, não sei precisar e te peço esclarecimentos.”

3. Diz ela: “Amigo Mathael, o meu relato de nada adiantará se não puderes dar crédito ao facto de eu ter, visitado pessoalmente algumas estrelas.”

4. Diz ele: “Minha filha, então a fé será posta à prova de fogo, porquanto não existe possibilidade física para tal empreendimento. Espiritualmente, num estado de êxtase, poderia ser admissível e eu de bom grado acreditarei no que me contares; mas, fisicamente... Não o posso crer! O teu relato, talvez certo e verdadeiro, perde efeito, porquanto as condições se apresentam inadmissíveis.”

5. Diz Yarah: “Por que deveria ser inacreditável ter eu visitado alguns astros, se para Deus, tudo é possível?”

6. Responde ele: “Certo, mas Ele estabeleceu uma Ordem Imutável, uma Lei que por Ele tem de ser considerada, de contrário a Criação deixaria de existir. O Senhor, em verdade, realiza muitos milagres, mas eles se apresentam, para um observador rigoroso, dentro da Sua Ordem Sagrada. Quando hoje se externou o pedido de prolongamento do dia, não pôde satisfazê-lo, pois seria contra a Sua Ordem, em virtude do perigo de morte para as criaturas da Terra. Aquilo que não seria destruído pelo choque violento, fatalmente encontraria seu fim nas águas que inundariam os continentes.

7. Conforme conheço o globo e as suas regiões atmosféricas, sei que numa altura de dez horas ninguém poderá subsistir, assim como o peixe fora de água não resiste, não obstante o suporte mais

tempo que um homem naquela altura. Agora calcula a distância imensurável daqui à mais próxima estrela fixa!

8. Já a do Sol, por minha livre alma calculada com exactidão, é algo de assombroso; no entanto, uma flecha levaria vinte anos para alcançar aquele astro. De acordo com o meu cálculo psíquico sujeito a engano, a estrela fixa mais próxima dista de nós um milhão de vezes mais que o Sol, e assim o tempo gasto por tal flecha seria o de vinte milhões de anos. Se um homem se dirigisse nessa velocidade àquele astro, seria reduzido a átomos pela pressão do ar. Assim sendo, que lhe sucederia se cortasse o Espaço em poucos instantes?

9. As leis da Natureza foram dadas por Deus, e ela existirá enquanto durarem tais leis. Não pode haver excepções, pois a menor exceção provocaria um distúrbio incalculável em a Natureza das coisas que são unidas entre si como os diversos elos duma corrente: Basta que um se parta para a corrente não alcançar mais a sua finalidade. Eis o motivo por que não é possível acreditar que percorresses fisicamente alguns astros. A tua afirmação toca o inconcebível, que apenas aceitarei após me demonstrares os meios dentro da Ordem Eterna e Imutável de Deus. Não te aborreças por isto. Talvez possuas argumentos verdadeiros, que eu ignoro; neste caso, externa-os, que futuramente não mais duvidarei das tuas palavras.”

10. Responde Yarah: “És, em verdade, mui sábio e inteligente; entretanto estás longe de assimilar tudo. Se Raphael se prestasse, para tal, poderia num instante, apresentar as provas naturais que eu trouxe daquelas estrelas; de contrário, – nada feito. Poderias, todavia, duvidar da sua autenticidade como homem mental; mas a tua alma repleta do Espírito Divino reconheceria com facilidade serem aquelas provas extraterrenas. A sua riqueza e valor são tão extraordinários que reduzem todas as maravilhas terrestres a nada. Formariam uma jóia imperial de valor jamais calculável. – Porém, deixemos isso. Já começa a clarear no Oeste, o sábado está se aproximando e convém que nos prepararemos para este Dia do Senhor.”

11. Diz Mathael: “Tens toda razão; mas, certamente, ainda nos darás explicações quanto à expedição às estrelas?”

12. Responde Yarah: “Como poderia? Os teus argumentos baseiam-se na Ordem Divina, Eterna e Imutável, de sorte que não poderei fornecer outra prova senão essa: para Deus todas as coisas são possíveis, embora o intelecto não as aceite.

13. Acaso calculaste o tempo que Raphael levou para trazer os navios de Ouran do alto mar à praia, por ordem do Senhor? Aquela velocidade prejudicou alguém? De quanto tempo precisou o anjo para organizar as tendas e os inúmeros trastes do pai de Helena?

14. Ainda não observaste a escrita veloz de Raphael? Tudo isto é inconcebível, considerando as leis da Natureza, entretanto, os teus olhos o testemunharam. Podes explicar-me tais fenómenos?

15. De minha parte tenho base para tanto, pois me certifiquei – como nenhum outro mortal – da existência de mundos cósmicos tão imensos que, se vazios, comportariam um Espaço maior que daqui às estrelas fixas de primeira, segunda e terceira categorias. Tais corpos gigantescos – em cujo redor giram outras galáxias, em conjunto com inúmeros sóis centrais e planetários, – movimentam-se à procura de alimento em torno de outros sóis centrais mais extensos, numa velocidade tamanha que se não pode comparar a do pensamento.

16. Considerando a rapidez com a qual fui projectada aos mencionados astros, o voo daqui a qualquer estrela de primeira, segunda, terceira e até quarta categoria, levaria nem sete instantes, – entretanto acompanhamos constantemente esta movimentação, em conjunto com o nosso Sol comum e o Sol central do nosso sistema planetário, que por sua vez segue a velocidade esférica com o mencionado enxame de sóis, o que pode ser calculado dentro das leis naturais. Acaso sentes algo desta velocidade, ou talvez venha perturbar-nos, ou a um outro corpo cósmico?

17. Se tais sóis imensos podem percorrer o Espaço num voo de rapidez incalculável, quanto mais não o faria o meu corpo, sendo isto da Vontade de Deus? Terás agora uma noção mais concludente da possibilidade de ter eu viajado pelo éter?”

18. Responde Mathael: “Oh, Yarah, dentro de ti repousa um céu cheio de sabedoria, e começo a crer na possibilidade da tua afirmação! Basta, pois a minha alma ainda não está bastante ampliada na assimilação de tais grandiosidades, para que, certamente, ainda requererá vários anos.”

## **120. PARECERES SOBRE OS ACONTECIMENTOS.**

1. Em seguida Mathael entrega-se à meditação, enquanto Helena e o seu pai fitam Yarah numa admiração profunda. A menina, por sua vez, observa o incêndio e aguarda com ansiedade a

Minha Volta. Reina completa calma no monte; somente em casa de Marcus há movimento, em virtude dos preparativos para a chegada de Cornelius e Fausto. A manhã já se aproxima.

2. Nessa agradável quietude muitos dormem até tarde, inclusive Cirénius, Julius, Josué e alguns altos funcionários do Vice-rei. Os trinta fariseus e os doze apóstolos, em cuja companhia ainda se acham Suetal, Ribar e Bael, continuam despertos pela atenção que dirigem ao incêndio, palestrando sobre os acontecimentos.

3. Helena, Yarah, Ouran, Mathael e os seus quatro companheiros chamados Rob, Boz, Micha e Zahr, acham-se absortos em profunda meditação. Porém, a menina mortifica-se por julgar ter falado demais. Depois de certo tempo, quando o horizonte já começa a colorir-se, Rob, comumente calado, diz: “Amigos: embora me esforce, não posso aquietar-me: tudo que aqui se passa é tão extraordinário e milagroso que difícil se torna a pessoa ambientar-se em tal situação.

4. Tu, Mathael, foste nomeado vice-rei de um grande país, – nós, para teus cônsules. Basta que o grande Mestre passe os olhos sobre a Terra, – e ela estremece qual criança diante do relho. Além disso o jovem mago executa coisas que fazem os cabelos arrepiar. Esta menina, por sua vez, conta factos que tornariam uma pessoa menos equilibrada, doida! Diz-me, é possível respirar-se em tal meio? E onde teria ficado Ele? Já faz três horas que nos deixou, – e nada de querer voltar!”

5. Diz Boz, também geralmente mudo: “Sinto como tu: cada acção, cada palavra, abate o que até hoje se assistiu, e os próprios milagres de Moisés ficam reduzidos a nada. Não resta dúvida que pelo Mestre de Nazaré, simples filho de um carpinteiro, age o Espírito Divino em Plenitude; mas qual seria o mortal que se sentisse à vontade, perto de tamanha Grandiosidade? É Deus Perfeito em tudo, a Sua Vontade rege o Universo, – entretanto, como homem, é semelhante a nós!

6. Onde estão as frases de sabedoria de um Salomão, que falou na consagração do Templo: Senhor, sei que Céus e Terra não Te podem abranger – és Eterno e Onnipotente mesmo onde termina a Criação; contudo, construímos uma casa, a fim de lá nos reunirmos de corações puros e arrependidos, para Te agradecer por todas as dádivas e bênçãos e Te expor o nosso sofrimento e miséria!

7. Embora assim não conste literalmente é, em resumo, o sentido daquilo que o sábio edificador do Templo falou; teria usado

das mesmas palavras caso houvesse conhecido o nosso Mestre? Como consegue dominar pela Vontade o Infinito, enquanto os Seus Ouvidos e Olhos aqui se acham presentes? São coisas que pessoa alguma poderá compreender! Se fosse externamente forte, qual Sansão ou Golias, ainda seria admissível; no entanto, com um físico mediano, o Seu Espírito maneja o Espaço como um garoto brinca com uma bola!

8. Em suma, tenho a impressão de sonhar e a minha alma até penetra as profundezas do Cosmos. Vejo a Lua, um mundo triste e miserável, destinado a criaturas infelizes e atrasadas. Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno e uma infinidade de outros planetas, grandes e pequenos. Saturno tem aparência estranha: é muito maior que a Terra e flutua no centro de um imenso anel, sobre o qual giram sete luas maiores que a nossa. Vejo as paisagens extensas e maravilhosas do Sol, – todavia deixam de ser tão estranhas quanto à Presença do seu Criador! Talvez vós, vos sintais mais à vontade, por não terdes penetrado o assunto como eu e Rob. Comparada a este conhecimento e a estas experiências, a própria vida se apresenta nula. Tenho razão?”

9. Responde Micha: “Sim, entretanto sinto-me muito feliz!”

10. Dizem Rob e Boz: “Não resta dúvida; mas, Deus é sempre Deus, e jamais poderemos preencher tal abismo entre nós e a Divindade!”

## **121. O CRITÉRIO ACERTADO DE MICHA.**

1. Diz Micha: “Isso não é necessário. Estejamos satisfeitos por termos vislumbrado aquilo que os nossos pais procuraram em vão! Considerai Moisés e os outros profetas, juntai-lhes os sábios do Egito e da Grécia, resumi as suas noções místicas a respeito da Natureza Divina, – e não alcançareis um grãozinho daquilo que ora se apresenta aos nossos olhos!

2. Quando Moisés, o maior dos profetas, desejou ver Deus no Monte Sinai, fez-se ouvir o ribombar de um trovão que abalou a terra, e uma voz, dizendo: “Ninguém pode ver a Deus e continuar com vida! – Nós, no entanto, falamos-Lhe, somos felizes testemunhas da Sua Sabedoria e Onnipotência, – e nada nos acontece! Se Moisés, naquela ocasião, se atemorizou com os raios que estouravam por sobre a sua cabeça, tal atitude é bem compreensível. Quanto a nós, se temos algum sentimento de pavor



na Presença do Senhor e Mestre, merecemos apenas ser ridicularizados.

3. Não era o maior desejo dos nossos genitores o aconchego do Pai que deveria habitar no Céu? Aqui, Ele Se nos apresenta numa simplicidade inaudita - e alegamos com isto um mal-estar! A maneira pela qual Ele, Deus, Mestre, Senhor e Pai dirige o Universo pela Omnipotência, desde o verme até os astros, - isto não é da nossa alçada; basta sabermos que assim seja, reconhecendo a Ordem Imutável das coisas. Tenhamos, pois, paciência! Hoje o nosso saber é escasso: amanhã, teremos noções mais profundas e a nossa evolução será, então, maior que a de todos os profetas que nem supunham, em suas visões mais benditas, o que ora para nós é palpável!"

4. Dizem os outros: "Sim, tens razão e conseguiste acalmar-nos com as tuas palavras sensatas!"

5. Diz Zahr: "É de admirar que Micha, o mais pacato, tenha sabido responder da melhor forma: Estamos na Presença de Deus, nosso Criador e Pai, Dele viemos e para Ele volvemos. Que nos dizes, Mathael?"

## 122. MATHAEL PRESTA ESCLARECIMENTOS.

1. Responde Mathael: "Todos tendes razão, pois este assunto é individual. Tu e Micha, tendes psiquicamente origem num astro; Rob e Boz são filhos da Terra, mas com os mesmos direitos ao Amor e à Graça do Pai! As vossas almas já eram desde o início, mais inclinadas do que as outras ao que vem do espírito; portanto, não é de admirar o que sentem em Presença do Espírito Puro. Pouco a pouco irão se ambientando, e daqui a um ano serão outros, pela aproximação do espírito às suas almas. Compreendes?"

2. Responde Zahr: "Perfeitamente, pois a minha alma também se tornou mui lúcida pelo sofrimento. Apenas não entendo a origem do saber daquela menina, embora acredite em suas palavras. Já que nos encontramos no ponto central da acção divina, - por que não se deveriam realizar factos que em parte alguma seriam admissíveis!"

3. Diz Mathael: "Proferiste mais sabedoria que Salomão, pois expuseste a possibilidade da viagem de Yarah pelo Espaço de modo tal que não mais é possível duvidar; basta lembrarmo-nos onde nos achamos, - e tudo se explica.

4. A observação, feita por um de vós, de ser mais fácil admitir-se a Omnipotência Divina num físico gigantesco é aceitável do

ponto de vista material, e tolíce dentro da compreensão do espírito. O Poder de Deus, não necessita da matéria para agir dentro dessa medida, pois apenas é a expressão da Vontade Divina que tanto cria um mundo como um grão de areia. Que objectivo atingiria um físico gigantesco? A Omnipotência de Deus necessita apenas de um ponto de apoio eternamente imutável dentro de Si, de cujo centro Ela aja no Espaço Infinito, numa força e poder idênticos.

5. Bem que os egípcios representam tudo concernente à Divindade em formas gigantescas, para convencer os ignorantes. Estes deveriam temê-las até à morte, obedecendo cegamente aos sacerdotes. Aqueles “gigantes” teriam melhorado o povo? Em absoluto, pois com o tempo este se habituou à visão dos monstros, pouco ligando à cabeça de uma esfinge descomunal, admirando mais a paciência do artista que esculpia uma figura num bloco de pedra.

6. Por isso alegremo-nos que o Senhor nos tenha visitado Pessoalmente como homem simples e despretensioso, ensinando-nos a conhecer da maneira mais fácil o nosso destino, a nossa índole e a Ele Próprio, em plena Verdade. Necessitamos apenas disto, – o resto não é da nossa alçada.”

7. Diz Zahr: “Agradecemos-te pela boa explicação que nos equilibrou novamente. Neste meio tempo o dia já despontou, mas não impediu que os outros adormecessem. Por mim, confesso não sentir o mínimo sono.” Constatam os companheiros: “É verdade, nunca nos sentimos tão bem dispostos.”

### **123. A MISSÃO E O SOFRIMENTO DOS ANJOS.**

1. Aproxima-se Raphael, que aparteia: “Não estou dormindo, entretanto afirmastes serdes os únicos em vigília.”

2. Diz Zahr: “O facto de não dormires, pois nunca o conseguirás, é evidente a todos que te conhecem como nós. Podias, pois, ter evitado tal observação! Basta a ignorância que possuímos em alto grau – não é preciso aumentá-la. Ainda assim, poderás elucidar-nos dentro da tua sabedoria e experiência, mais remotas que este mundo.”

3. Diz Raphael: “Então, quem sou?”

4. Responde Zahr: “Ora, não fales tão presunçosamente! És um anjo do Senhor, por Ele munido de um corpo etéreo que poderás dissolver num instante. És um ser completamente diverso de nós,

mortais: nunca nasceste e além de Deus, o Senhor, jamais tiveste pai e mãe. Desde eras remotas tens noção da bem-aventurança; dor, sofrimento, tristeza e arrependimento, pois só as conheces de nome e não por experiência própria, portanto, não nos podes falar de coisas que tocam à vida humana, porquanto nunca as sofreste. Somente em assuntos espirituais deves ser entendido e poderás doutrinar-nos.”

5. Responde Raphael: “Não me digas! Mesmo se nunca houvesse tido um corpo físico conheço-o melhor em todas as suas fibras do que poderias aprender em mil anos. **Acaso não somos nós, anjos, incumbidos da manutenção de tudo o que diz respeito à vida do homem, desde o nascimento até à morte? Não somos nós que purificamos as vossas almas pelos sofrimentos físicos, capacitando-as para a aceitação do Espírito Divino? E alegas ignorarmos as vossas dores? Como me podes fazer tal injustiça?**”

6. **Afirmo-te não sermos insensíveis! Não raro suportamos maiores sofrimentos do que vós, ao verificar que criaturas teimosas, rejeitam com escárnio os nossos esforços, virando-nos as costas.**

7. Terias tu tanta paciência com uma pessoa entregue ao teu poder e à qual cumulasses dos maiores benefícios, recebendo em troca só desprezo? Se nada quer ouvir ou saber, tudo fazendo para de ti se livrar, – que és o seu benfeitor e amigo – e até te prejudica pela calúnia e traição? Que farias, se tivesses o poder de Cirénio? Terias paciência de tratar esse malfeitor com indulgência e meiguice até ao fim da sua vida?”

8. Responde Zahr, de olhos arregalados: “Não, amigo, não a teria mesmo sem essa força e poder, muito menos munido de autoridade.”

9. Diz Raphael: “Sou tão poderoso que seria fácilimo destruir, num instante, todo o Cosmos, – entretanto mantenho, de livre e espontânea vontade, paciência constante com as criaturas teimosas.

10. Isto ainda seria fácil de suportar; imagina a permanente atitude revoltada de Satanás e dos seus anjos, que, também são poderosos e tudo empenham para destruir não só a nós, como à Própria Divindade, para se apoderarem da Sua Omnipotência.

11. Jamais tal acontecerá, conquanto o plano maldoso e indestrutível exista e eles não vacilem em praticá-lo, sofrendo as piores dores e penúrias, como resultado da sua própria disciplina. Ainda assim, continuam pertinazes na maldade. Observamos tudo

isso e temos poder, não só de castigá-los acerbamente como também de exterminá-los para sempre, sem que Deus nos chame à responsabilidade!

12. Entretanto, tratámo-los como irmãos desviados, com paciência e indulgência, conduzindo-os com rigor, mas de forma tal que o seu livre arbítrio jamais seja tolhido; **apenas não lhes permitimos a influência, à distância, contra o plano Divino.** Que farias tu, em tais condições?"

13. Responde Zahr: "Agiria com violência para levar tais espíritos renitentes à obediência, mormente se possuísse a tua força e poder."

14. Diz Raphael: "Reconheces, então, que a situação de um anjo não é tão simples como imaginaste; tenho noções quanto à vida da criatura e, portanto, também posso falar a respeito?"

15. Responde Zahr: "Oh, sim; mas, diz-me, és obrigado a estar aqui?"

16. Diz Raphael: "Em absoluto; poder-vos-ia deixar neste momento. Fico, para agradecer ao Senhor; o Seu Agrado é, de certo modo, a minha vontade, contra o que Deus Mesmo jamais poderá agir. Nisto consiste a manutenção da Criação da qual não vês – embora vislumbres inúmeras estrelas – a infinitésima parte, muito menos a sua natureza e integrabilidade. – Eis que surge o Sol e o Senhor está de volta. Urge prestar atenção ao Seu mais leve aceno."

## 124. RAPHAEL DISPERSA AS PREOCUPAÇÕES HUMANAS.

1. Diz Zahr: "Não convém acordar os outros?" Responde o anjo: "Despertarão com a Presença do Senhor." Num salto, levanta-se Yarah, perguntando num ímpeto de paixão: "De onde vem Ele, o amor de todo o amor; pois ainda não O vejo?"

2. Diz Raphael, sorrindo: "Não importa, basta que o teu coração O sinta, para que os teus olhos também fiquem satisfeitos. Com a vinda da aurora estará aqui."

3. Diz Helena, que permanecera acordada: "Yarah, iremos ao Seu encontro! Que felicidade eu sinto!"

4. Responde a menina: "Ótimo! Quanta alegria teremos, vendo o Senhor de longe, dirigindo-Se a nós!". Incontinenti ambas se encaminham à floresta na direcção do Leste, desaparecendo em pouco tempo.

5. Ouran, seguindo-as com os olhos, diz: “Talvez venham a perder-se! A montanha eleva-se ao Sul numa extensão de várias horas. O Mestre poderá vir do outro lado e elas, não O poderão encontrar!”

6. Responde Raphael: “Preocupa-te com outras coisas! Perder-se-ão tão pouco quanto eu. Quando o coração cheio de amor é de tal forma iluminado, impossível se torna a pessoa perder-se. Penetrarão na floresta; todavia acharão o Mestre!”

7. Ouran acalma-se e dirige o olhar para a cidade cheia de fumo do incêndio, observando grande número de pessoas a se retirarem, em várias direcções. À montanha encaminha-se uma verdadeira multidão, e ele exclama: “Bom proveito para todos! Como arranjaríamos pão para tanta gente? Serão capazes de comer o velho Marcus, inclusive a sua cabana!”

8. Diz Raphael: “Deixa-te disso! A Terra e os seus habitantes necessitam a cada instante de muito mais, entretanto o Senhor sacia a todos. Que vem a ser a Terra diante do Sol, milhões de vezes maior e que necessita de alimento incalculável para a manutenção da sua luz e das suas criaturas? No entanto o Senhor cuida delas, como também de ti!

9. Imagina o jamais incalculável Espaço infinito, repleto de sóis e planetas de dimensões muito maiores que o globo terrestre e o seu Sol. Todos são fartamente providos de tudo, pelo Senhor; não existe escassez, mas a maior fartura. Assim sendo, como te podes preocupar com o pão para esta gente?”

10. Diz Ouran: “Tens razão; mas não sou sábio e sim um homem simples, esquecendo-me, às vezes, onde me encontro.” Aproxima-se Hebram e diz: “Este movimento nos trará grande desordem num sábado, pois se o incêndio tivesse lavrado em dia comum, fácil seria socorrer os prejudicados; assim, será tarefa difícil até para o grande Mestre.”

11. Diz Raphael: “Já viste algum dia o Sol, a Lua, as estrelas, o vento, a chuva, todos os elementos naturais comemorarem o sábado? Por que não o fazem? Porque a Vontade Divina, constantemente activa, jamais o considera!

12. Como podes atribuir a Deus uma lei inconveniente, dada às criaturas para a sua melhoria, apenas pelo tempo que achou necessário? Se Deus é indulgente quanto à conservação do sábado, que pretendes com esta sujeição? Acaso tencionas também sujeitar-me a esse dia, pelo ócio com que costumam honrá-lo? Esperai!

Precisamente hoje, haveis de vos haver comigo, pois que hei-de deixar-vos uma boa recordação por meses afora!”

13. Diz Hebram: “Ó amigo celeste, não deves tomar a mal a pergunta! Lembra-te que somos humanos, sujeitos a recair, em ocasiões excepcionais, nos preceitos antigos, não obstante a melhor boa vontade. Tu, como servo poderoso do Senhor, protege-nos dessas recaídas, pois somos criaturas fracas.”

14. Diz Raphael: “Vai para junto dos teus irmãos e acalma-os, pois estão preocupados com a mesma tolice.” – Hebram assim faz. Voltando tudo ao normal, Ebahl desperta e indaga a Ouran por Yarah, sendo informado ter ela, em companhia de Helena, ido à procura do Senhor.

15. Diz o pai da menina: “Ora, não deviam ter feito isso! A floresta deve estar cheia de pessoas fugidas do incêndio, e não seria de admirar que algo lhes sucedesse!”

16. Diz Raphael: “Também achaste o que te preocupe? Estão bem encaminhadas e quando vier o Senhor, elas estarão perto Dele!” Diz Ouran: “Quanto tempo ainda falta para o romper do dia?” Responde Raphael: “Meia hora.”

## **125. A DIFICULDADE NA CONVERSÃO DOS SACERDOTES.**

1. Todos se acalmam, no monte, separado pela cordilheira, por um pequeno vale. À beira-mar há grande vozeria e vários grupos já chegaram à casa de Marcus, onde se queixam em altos brados da desdita imerecida que os atingiu. Na cozinha acham-se o velho guerreiro com dois filhos, ocupados no preparo da comida.

2. Algumas pessoas procuram escalar o monte; quando avistam os romanos, recuam, crentes de serem aqueles guardas, incumbidos de os obrigar a voltar, a fim de ajudarem na extinção do fogo, o que, em absoluto, é do agrado dos arqui-judeus. Além disso, estando-se na Lua nova, tal dia era o mais rigorosamente considerado.

3. Raphael sorri e diz a Mathael: “Observaste como bateram em retirada à vista dos romanos? Todavia, dar-nos-ão o que fazer!”

4. Diz Mathael: “Amigo, com amor, sabedoria e paciência tudo se fará, mormente com a ajuda do Senhor. Tenho pena deles: cegos de coração, desprovidos de inteligência, acham-se enterrados na estultícia! Talvez os curemos.”

5. Diz Raphael: “Sendo o homem apenas tolo, a coisa ainda é fácil; quando a tolice estabelece uma fusão com o orgulho, tendência de domínio e gozo, a melhoria se torna difícil e pior ainda, com o sacerdócio de alta classe.

6. Toma, como exemplo, a posição de um marechal ou de um conselheiro do Imperador. Enquanto em sua posição, exigirá o devido respeito e honra que lhe serão conferidos; com o tempo poderá tornar-se incapaz, motivo por que será aposentado. A partir daí nada mais representa, tão pouco se importa com o seu antigo prestígio! Porém, o sacerdote, mantém o seu brilho até à sepultura e os seus sucessores honram-no com um monumento, em virtude da própria consideração que desfrutam. Assim, o sacerdócio sabe conservar a sua dignidade por todos os tempos e em todas as situações.

7. Procura achegares-te a um deles, enraizado – no qual já de longe observas as mistificações – e nada conseguirás. Julga-se acima do Imperador e um representante de Deus na Terra; resultado: não troca a sua dignidade por outra.

8. Oferecendo-se-lhe em compensação ouro e prata, responderá: Tenho-os de sobra e a minha posição vale mais que todos os tesouros do mundo. Sou funcionário de Deus e não de um príncipe mundano, – o meu ofício é perpétuo. Com tal resposta não tens outra arma em mãos e, finalmente, terás de dançar de acordo com o assobio do sumo pontífice. Por isso digo, nada se poder alcançar com estes judeus. Além do mais, o teu ponto de vista é perfeitamente equilibrado dentro das Leis Divinas, pois para Deus é possível muita coisa que para anjos e criaturas não o parece!”

9. Diz Mathael: “Agradeço-te as palavras; eis que surge o Sol e devemos preparar os corações para a Chegada do Senhor.”

10. Responde o anjo: “Tens razão, pois Ele é o Verdadeiro Sol de todos os sóis! Quando surge no coração, leva-lhe a vida! – Acaso O vês, chegando da floresta, por estares fixando o olhar naquela direcção?”

11. Diz Mathael: “O Sol já subiu acima do horizonte, mas não há nenhum sinal do Senhor e das duas jovens. Parece-me que, desta vez, a tua profecia celeste não foi bem calculada. Como devo interpretá-la?”

12. Aduz o outro: “Apenas dirigindo o teu olhar na direcção de onde Ele vem; vira-te e te convencerás que não errei!”

## 126. A JUSTA PROCURA DE DEUS.

1. Ouran, Ebahl, Mathael e os seus quatro colegas voltam-se rapidamente, - e vêm-Me subir o Monte, em companhia do velho Marcus. Todos vêm ao Meu encontro, agradecendo-Me amavelmente a Minha chegada; como Yarah e Helena não estejam Comigo, atemorizam-se, e Ebahl pergunta-Me, se Eu não as encontrei na floresta. Talvez ainda lá estivessem, e seria aconselhável mandar Raphael em sua busca.

2. Digo Eu: “Por que vos preocupais com os que Me procuram? Julgais que protejo contra os perigos apenas aquele, em cuja proximidade Me acho fisicamente? Quando tu, Ouran, estavas em grande perigo, quem Me avisou, a fim de que Eu te olhasse e salvasse? Acaso não sei onde se encontram ambas? Deixai-as, voltarão!”

3. Elas acharam-Me em seus corações, coisa fácil para todos. Quem o fizer externamente, embora saiba que apenas deve fazê-lo em seu íntimo, tem de receber a lição de que tal atitude não o capacitará para tanto, mas, ao contrário, perder-Me-á cada vez mais. Assimilai-o nesta manhã! Além disso, elas descobriram o Meu rasto e em breve estarão aqui.”

4. Diz Ebahl: “Nesse caso tudo está em ordem. Certamente teriam ficado aqui se não fossem levadas pelo anjo a tal decisão, que nunca desaconselha alguém num propósito, mesmo com resultado contraproducente, pois pretende, pelas más experiências, levar a criatura ao bom caminho. Muito bem feito à minha filha, que deveria conhecer essa mania de Raphael! Ele que se prepare, pois receberá dela um sermão em boas condições!”

5. Neste instante aparece o anjo, que despertara os outros, e Ebahl diz-lhe: “És o causador de um empreendimento mal sucedido de Yarah e Helena, e confesso que o teu modo de lidar com as pessoas não me agrada! Se um teu discípulo tenciona algo fazer que não esteja dentro da ordem, debes persuadi-lo do contrário, através de conselhos e acções, ao invés de reforçá-lo em seu erro, para se isentar de futuros pecados pela própria experiência! Tal sistema educativo pode ser útil para espíritos como tu, mas não se presta para nós.”

6. Diz Raphael: “És um judeu honesto e justo; no que diz respeito aos caminhos ocultos do Senhor, és tão ignorante como um peixe! Julgas que faço algo de própria iniciativa? Sou apenas um



Dedo do Senhor e faço o que o Seu Espírito manda. Saberias disto, se tivesses maior compreensão. Porém, ao ver até onde se estende o teu entendimento, perdoo-te a fraqueza. Yarah e Helena não se perderam, pois que acabam de subir o monte, em companhia de uma filha de Marcus, que nos chamará para o desjejum.”

7. Indaga Ebahl: “Mas, como não as vimos subir?”

8. Responde Raphael: “O Senhor não havia afirmado terem elas descoberto o Seu rasto?” Diz Ebahl: “Bem, calo-me, pois já se acham aqui!”

## **127. O MOTIVO DA DESTRUÇÃO DE CESARÉA PHILIPPI.**

1. Em seguida descemos para o desjejum, ao qual ninguém falta. Diz, então, Ouran à sua filha: “Pudeste observar lá em baixo se as nossas tendas estão de pé e em ordem? E os servos e os animais, – estão sendo bem tratados?”

2. Vira-se Mathael para o sogro: “Em Presença do Senhor toda a preocupação é fútil. Pensa, apenas, Nele que Se preocupa por nós e por todo o Infinito!”

3. Enquanto nos assentamos à mesa, indaga Cirénius: “Senhor, devo mandar à cidade uma divisão de guerreiros para ajudarem na extinção do incêndio? Do contrário, à noite, estará reduzida a um montão de escombros!”

4. Digo-lhe: “Amigo, se tal fosse da Minha Vontade, há muito já teria enviado Raphael e o fogo seria extinto num momento; Porém Eu, quero que essa cidade má, tanto para Deus quanto para o Imperador, seja humilhada, deixando incólume apenas as moradas dos pobres e dos de bom senso. O resto será reduzido a cinzas! Futuramente se estabelecerão ali criaturas mais sensatas, – e os descendentes de Marcus hão-de governar toda essa zona com permissão do Imperador, pertencendo-lhe como herança até aos netos. Esquecendo-se de Deus, sofrerão o mesmo que esses habitantes.

5. Se o incêndio tivesse irrompido num dia comum sobre esse depravado antro, há muito teria sido apagado; num sábado, mormente na Lua nova, não há arqui-judeu que toque em algo mesmo com a ponta do dedo, pelo pavor de se ter profanado diante de Deus. Nesse assunto a sua consciência é mui subtil, enquanto a

omissão de boas obras não os preocupa, tão pouco o adultério físico e mental, e toda a sorte de fraudes.

6. Alegam até que um pecado contra o Mandamento de Deus, em dia comum, não seja considerado, podendo a pessoa purificar-se até ao anoitecer. Num Sábado, porém, preciso é permanecer limpo até à noite, quando começa o domínio do príncipe das trevas, pois seria fácil a vinda de um mensageiro de Satanás que levaria consigo uma alma impura!

7. O pecado prejudica o homem apenas durante noite, isto é, até à meia-noite, prazo conferido a Satanás à captura das almas. Durante o dia não tem poder e pode-se pecar à vontade; apenas se deve observar a purificação antes do pôr-do-sol, de acordo com o ritual de Moisés, – e tais pecados diurnos não podem atemorizar a pessoa, à noite.

8. Para esses cegos, Deus nada representa, mesmo se tiverem pecado inúmeras vezes ao dia. Fazem questão de não cair nas garras de Satanás e como tal facto pode suceder com facilidade num sábado, em que não se abatem bodes, carneiros ou novilhos, sendo até proibido aos homens lavarem-se sete vezes ao dia, – fazem de tudo para se manterem limpos e impedir a Satanás um assalto, após o ocaso.

9. Isto explica porque estes supersticiosos preferem deixar que as suas casas sejam reduzidas a cinzas. **Futuramente um militar romano, ao qual esta estultícia não seja desconhecida, terá tarefa fácil em dispersar esta geração, num sábado invernal, transformando a sua grande cidade num montão de pedras.** – Agora, deixai-nos tomar o desjejum, de contrário seremos importunados por quantidade de visitantes.”

10. Todos saboreiam o bom desjejum, dirigindo um especial elogio a Marcus, inclusive Ouran e Helena. Aquele, apontando-Me, diz: “Eis o sal e o melhor tempero de todo este alimento e bebida; Ele merece, pois, justo louvor.”

11. Não há um entre os hóspedes que não haja entendido as palavras do velho, louvando-Me em seus corações. Mathael, então, diz: “Sim, velho Marcus, quando o Senhor de toda a Vida é o Mestre em tudo, a existência se torna agradabilíssima, pois tanto o espírito, quanto a alma e o corpo, recebem a melhor alimentação. Fizeste bem em estender o teu elogio ao Senhor; por isso o teu nome não se extinguirá no coração daqueles que te conheceram como amigo Dele.” Comovido, Marcus agradece, pela honra que Eu lhe

proporcionara com a Minha Presença, declarando-se sem mérito ante as palavras de Mathael.

## **128. CIRÉNIUS E A DELEGAÇÃO DOS ARQUIFARISEUS.**

1. Após o desjejum Cirénus e Julius indagam o que deviam fazer. Digo-lhes Eu: “Esperai um pouco. Lá na margem aproxima-se, qual formação nebulosa, um grupo de fariseus e adeptos. Sabem que tu, Cirénus, te achas aqui e presumem que estejas inspeccionando as vilas do Mar Galileu, pela confirmação obtida nas tendas de Ouran. Apenas estão de olho aberto para observar de onde irás aparecer: de um navio, ou de uma das tendas, pois tencionam abordar-te com um pedido de indemnização, alegando terem sido os pagãos os responsáveis pelo incêndio.

2. Dentro em pouco serão informados da tua presença aqui, de sorte que podes imaginar o trabalho que enfrentaremos. Uma coisa Eu vos digo a todos: não Me denunciem antes do tempo! Devem, primeiro, ser intimidados para, em seguida, sentirem o maior pavor, isto é: A Minha Própria Pessoa. Constatarás o que esta raça adúltera representa! – Mathael e o anjo nos prestarão bons serviços; ainda assim, libertar-nos-emos desta camarilha só depois de meio-dia. Fiquemos calados, e tu concentra-te, pois sabes o que te aguarda.”

3. Com excepção dos soldados e serviçais, todos silenciam. Após certo tempo Mathael pergunta-Me se poderá falar aos fariseus, sem rodeios. Digo Eu: “Como não? Todavia, terás de te precaver, pois estes heróis das trevas estão armados até aos dentes!” Eis que também os Meus discípulos indagam qual a atitude a tomar.

4. Respondo: “Não tendes nada a fazer ou falar; observai a questão, e caso algum de entre eles vos faça perguntas, apontai-lhe Cirénus, confessando que nada sabeis, pois Eu Mesmo tomarei essa atitude no início.”

5. Após esta orientação aguardamos a chegada dos visitantes importunos. Dentro de meia hora um judeu, vindo da cidade, informa os fariseus na praia, de que Cirénus se encontra no jardim do velho guerreiro. Incontinenti todos dão meia volta e se encaminham em nossa direcção. Mathael, então, diz: “Agora, amigo Cirénus, prepara-te, que a tempestade se está aproximando!” Diz este: “Confesso não me alegrar com este encontro, pois basta dar-lhes o dedo mínimo para que se apoderem de toda a mão.”

6. Nisto, os peticionários, com o reitor da sinagoga à frente, nos abordam, e este, reconhecendo o Prefeito, diz: “Nobre plenipotenciário, senhor Prefeito da Judeia, da Ásia e África! Por certo não ignoras a grande infelicidade que nos atingiu esta noite que somos habitantes de Cesareia Philippi e devotos de Deus e do Imperador. Se fosse possível atribuir-nos a menor das culpas poderíamos amaldiçoar e chorar o nosso desleixo, suportando com resignação o que Deus, o Onnipotente, permitiu que acontecesse. Porém, tal não se dá, e a responsabilidade recai sobre os pagãos maldosos. Eis a razão da nossa presença, pois te pedimos indenização adequada!

7. Terás tanto mais motivo para nos fazer justiça, porquanto somos: primeiro, súbditos de Roma, como os pagãos; segundo, sacerdotes e servos do Único e Verdadeiro Deus, com maior influência sobre o povo na causa imperial que qualquer exército. Uma vez levados a uma acção contra Roma, a nossa verbosidade mais fará que uma legião, num ano! Neste caso, uma mão lava outra!

8. Atende ao nosso pedido: liberta-nos da momentânea mendicância e manda reconstruir, às custas do Estado, as nossas casas e sinagogas. Isto feito, não encontrarás ingratos, pois nos prontificaremos até à devolução deste adiantamento e mais os juros, após vinte anos. Reflecte sobre as nossas reivindicações, que não terás prejuízo, nem o Imperador, sabendo-se quem somos e qual o nosso poder! Tendo-nos como amigos, terá ele facilidade em seu regime; caso contrário, coroa e ceptro se lhe tornariam, em breve, um peso insuportável!”

9. Responde Cirénio, mal contendo a sua íntima revolta: “Antes de me pronunciar, farei examinar minuciosamente a forma pela qual se deu o incêndio. Não creio na vossa inocência completa, pois fui informado esta noite como atemorizastes o povo pelo eclipse total ontem ocorrido, pelo desaparecimento do sol fictício e o julgamento de Deus, predito por um profeta, - no que os sacerdotes gregos também influenciaram. Tanto vós quanto eles abusastes do fenómeno, a fim de obrigar os incautos a sacrifícios incríveis, como protecção contra a ira de Deus, que pretendíeis amenizar por orações. E este povo por vós cegado, tudo fez para fugir do julgamento anunciado.

10. Por sorte achou-se um homem calmo e experimentado, que orientou os outros sobre a naturalidade do facto. Não deixou,

porém, de frisar que os sacerdotes em nada disto acreditaram, pois seriam os primeiros a querer salvar a pele! Dentro em pouco o povo foi tomado de revolta intensa e vos aplicou uma boa lição. Assim, deveis compreender que, em absoluto, posso satisfazer o vosso pedido, mas sim, como Vice-rei, vos obrigar a uma completa indemnização pelo dano causado, que farei averiguar cautelosamente. Falei! Qual a vossa defesa?”

11. Durante o discurso os fariseus empalidecem e fácil é observar-se o ódio que alimentam, tanto que nada conseguem dizer. Cirénus espera uns instantes e, como continuam calados, irrita-se com as fisionomias enraivecidas e diz, num tom todo peculiar a um romano: “Falai depressa, de contrário ver-me-ei obrigado a aceitar a vossa atitude odiosa como plena confissão e assim condenar-vos imediatamente!”

12. Manifesta-se o chefe dos fariseus: “Senhor, a calúnia é forte demais! Não é possível achar-se palavras apropriadas para a nossa defesa. Quem provará termos coagido o povo, obrigando-o a sacrifícios? Dizíamos aquilo que pensávamos e sentíamos! Acaso os sinais não estavam de acordo? A História não nos aponta provas sobejas de ter Deus perdido a paciência, permitindo um julgamento tenebroso para a Humanidade? De igual modo também se sabe que sustava Ele o castigo no caso de uma verdadeira penitência e arrependimento dos Seus filhos.

13. Se aquele homem culto era honesto, - por que não nos procurou convencer das suas ideias? Somente uma pessoa desconhecedora da sublime Doutrina de Deus, do Poder do Verbo pela boca de um profeta e da sua acção numa época de perigo, pode caluniar-nos tão vilmente! E o Prefeito de Roma seria capaz de dar mais crédito às suas palavras do que às nossas? Talvez dirás: Se tal homem vos quisesse instruir, não lhe teríeis prestado atenção e até teria sido apedrejado! Mas, quem pode tal afirmar sem as provas necessárias? Pela nossa atitude fazemos jus à Doutrina, quem nos poderia provar o contrário? Não obstante a afirmação da tua testemunha, declaramos a sua acusação nula até nos provar que: primeiro, agimos contra a nossa convicção; segundo, não teríamos prestado ouvidos àquele sábio que conseguiu instigar o povo contra nós!

14. Compartilhávamos verdadeiramente do pavor geral - e se o povo nos trouxe quantidade de oferendas, crente de que Deus as

tomasse como penitência dos seus pecados, – acaso não deveríamos aceitá-las? Onde se acha escrita tal determinação?

15. Nobre Prefeito, considera estares lidando com verdadeiros servos de Deus e não com sacerdotes novatos, que muito bem entendem virar o manto de acordo com o vento. O Templo não nos estima em virtude disso; a nossa fé, entretanto, é segura e não fraqueja por tão pouco. Temos hoje um radioso Dia do Senhor e não há vestígio de um castigo do Alto, além do incêndio, obra dos pagãos nefastos. Quem poderia afirmar não possuir Deus Poder para repetir o que fez em Sodoma e Gomorra! Não queremos dizer que tenha Ele protegido esta zona de um julgamento em virtude das nossas orações; todavia, poderia ter agraciado um fiel desconhecido, cujas orações se unissem às nossas e alcançassem o Trono de Jehovah. Falei em nome dos meus. Poderás fazer um julgamento justo perante Deus e os homens!”

## **129. MARCUS ACUSA O DIRIGENTE DOS FARISEUS.**

1. Sem esperar tal resposta, Cirénio não sabe o que alegar. Por isso chama por Mathael e lhe diz, em surdina: “Fala tu; o meu latim esgotou-se! Vejo que são ungidos de muitos óleos!”

2. Diz Mathael: “Nobre amigo, será difícil provar-lhes algo que teriam feito em certas circunstâncias. Mesmo se houvessem tido a intenção de uma possível maldade, não existem provas para tanto. Quais não seriam os pensamentos de uma criatura que se visse assolada por todos os lados? Não há quem consiga purificar os seus pensamentos precipitados, quando a tempestade assola o coração; depois de tudo serenado, difícil é a pessoa recordar-se do que pensou durante o vendaval das suas paixões.

3. Se estes homens forem verdadeiros crentes e alegam ter partilhado do mesmo pavor – o que teremos de aceitar enquanto não tivermos provas em contrário – deve-se satisfazer o seu pedido, na hipótese de que o Imperador consinta em tal proceder. Enquanto não se apresentarem outros indícios, podemos somente formar julgamento daquilo que vemos, pois os nossos pensamentos nunca servirão de prova contrária.”

4. Estas palavras são apenas sussurradas aos ouvidos de Cirénio que, coçando-se atrás da orelha, Me diz: “Qual é Tua opinião?”

5. Digo Eu: “O Meu Tempo ainda não chegou, por isso continua a peleja. Todavia podes ainda consultar Marcus, Ebahl e Julius que os conhecem melhor, e ouvirás outra linguagem!” Imediatamente Cirénius manda chamar os três amigos, expondo-lhes o requerido e a conseqüente defesa do chefe dos fariseus.

6. Ouvindo com atenção, Marcus externa-se admirado quanto ao chefe: “Como te sabes apresentar tão honesto e sabiamente! Há quanto espero que venhas a cair nas minhas redes! Lembras-te do trabalho a que te deste, quando há três anos atrás me querias convencer para a tua crença? Chegaste até a desistir da circuncisão incômoda e dolorosa para pessoas de idade, pois bastaria que eu aderisse com todos os meus. Prometeste-me muitas vantagens no comércio, quando aleguei ser honesto e não queria trocar a religião dos meus antepassados por outra, cujos princípios e deveres eu desconhecia. Confessei-te abertamente não ser contra a minha vontade adoptar uma doutrina mais esclarecida, necessitando apenas conhecê-la a fundo.

7. Eis que me respondeste tal não ser preciso, pois toda a religião nada mais é que uma filosofia infantil e deve ser mantida em virtude mesmo das crianças. Que, uma vez dono de uma razão formada, o homem de nada disto precisaria, sendo tolo quem a tomasse a sério. Por certo não me seria difícil reconhecer mais inteligência em um professor, que expunha uma crença que proporcionava os melhores meios para o progresso material.

8. Consenti em tudo, aderindo com a minha família à tua religião. Só depois se me abriram os olhos, pois fui por vós condenado a toda sorte de impostos e constatei mais e mais a péssima troca que fizera. Antes de mais nada, obrigaste-me a pagar-vos o dízimo da primeira colheita de todos os frutos. Várias vezes fazia queixa disto às autoridades romanas, sem nada conseguir, pois sempre me perguntavam qual o motivo por que me deixara enganar, sendo romano. Teria, então, de pagar por minha tolice! Externando-te as minhas dificuldades, não me deste ouvidos, dizendo apenas: “Assim consta na Lei! – E eu que voltasse aborrecido!

9. Quando tencionava tomar conhecimento da vossa doutrina, era informado de que vós mesmos representáveis a Escritura e o Verbo Vivo de Deus! Por isso ninguém devia fazer indagações, mas aceitar o que ensináveis! Eis as tuas palavras e atitudes, oráculo nefasto dos judeus de Cesareia Philippi! E agora queres inocentar-

te? Juro por tudo que me é sagrado: não sairás daqui antes de me indemnizares todo o dano injustamente praticado. Com a minha denuncia o nobre Prefeito te poderá pregar na cruz, - e não se terá feito injustiça! Ouviste?"

10. Diz Cirénius: "Ah, as coisas estão neste pé? Ótimo! Já achamos um caminho! - E tu, tenebroso opressor do povo, que dizes?"

11. Responde o chefe: "Conheces Moisés e todos os profetas?"

12. Diz Cirénius: "O primeiro, sim; os outros, só de nome." Retruca o fariseu: "Muito bem; então vai e estuda primeiro todas as minhas obrigações difíceis, castigando-me depois, se puderes provar que eu não tenha cumprido uma sequer! Queres ler a Escritura? Pois é a única posse que podemos levar, quando existe perigo de ser destruída."

### **130. AS NEGOCIAÇÕES COM OS FARISEUS.**

1. Diz Mathael secretamente a Cirénius: "Eis um assunto difícil a ser resolvido. Marcus falou bem, mas que fazer se não lhes podemos provar uma infracção das suas Leis? Vejamos os argumentos de Ebahl e Julius, que também pouca importância devem ter, pois o chefe é capaz de justificar toda a sua acção condenável."

2. Diz Cirénius: "Nesse caso condeno, como plenipotenciário, todas as passagens da Escritura que rezam contra a razão salutar do homem!"

3. Replica Mathael: "Não será tão fácil, pois ele dirá: A razão humana exige que se forme e sancione uma lei antes que se condene. - Quais serão os teus argumentos? É preciso pegá-los de outra forma! Dentro em pouco estarão aqui Cornelius, Fausto, Kisjonah e Philopoldo de Kis, que poderão ajudar-nos." Após alguns instantes Cirénius propõe a Ebahl apresentar algo de concludente contra os fariseus.

4. Este levanta-se e diz: "Nobre amigo, difícil é a captura de raposas, pois sempre têm duas saídas. Por isso, opino: Já que não podes duvidar da declaração daquela testemunha honesta que conheces tanto quanto eu, e por outro lado, como juiz terreno só te é possível formar um critério acerca daquilo que ouves e vês, - demite estes pedintes importunos, sem a mínima consideração à sua



exigência e sem lhes dar qualquer castigo. Terás assim feito jus à verdade e ao mundo.

5. Poder-te-ia relatar centenas de factos fraudulentos e extorsões inescrupulosas a que assisti pessoalmente; que adiantaria isto? Haveriam de achar um meio de se inocentar. A fim de evitarem o mais leve resfriado, cobrem-se com a tríplice coberta de Moisés, o manto de Aarão e os profetas!

6. Sabemos perfeitamente o que se consegue fazer pela interpretação racional das Escrituras: presta-se para muita coisa errónea, enquanto se lhe desconhece o verdadeiro sentido espiritual, – e disso esta gente se sabe valer. Assim, penso que só poderás fazer o que sugeri.”

7. Diz Cirénus: Sim, tens razão; entretanto julgo haver um ponto criminal por onde poderiam ser condenados.”

8. Intervém Ebahl: “Qual o quê! Tudo, menos isso! Estes sujeitos conhecem todas as letras do Código Romano e são peritos em contornar as leis, melhor que qualquer advogado. Na certa terão praticado as infracções de tal forma que, dificilmente, pudesses levá-los ao tribunal. Talvez isto fosse possível a Kisjonah, Cornelius, Fausto e Philopoldo. Entre nós – apenas o Senhor e o anjo os dominarão.”

9. Cirénus meneia a cabeça: “Contudo fá-los-ei vigiar como suspeitos; talvez isto os abale um pouco!”

10. Diz Ebahl: “Podes experimentá-lo; porém, garanto que os primeiros protestos do chefe te obrigarão a retroceder. Não possuímos base para uma causa criminal, pois não havendo queixoso, não há juiz! À afirmação secreta do Senhor não podemos considerar como queixa; primeiro, por carecer de carácter persuasivo; segundo, o Senhor seria considerado diante do mundo como fraca testemunha, pois não é possível, por ora, nos referirmos ao Foro da Sua Divindade, muito menos à Sua Integridade Profetizadora. Nós sabemos a quantas andamos; a Vara Criminal de Roma O desconhece, de sorte que podes condená-los apenas naquilo que toca à lei. Para este fim seria preciso um queixoso, e em seguida, as testemunhas. Ou será que para vós o pronunciamento de um profeta ou oráculo teria valor, caso não pertencesse à vossa religião?”

11. Diz Cirénus: “Em casos excepcionais, sim: mormente se o profeta provou o seu mérito diante de um júri, porquanto apenas ao juiz compete aceitar a integridade da testemunha.”

12. Diz Ebahl: “Bem, mas se o profeta não pode figurar nem como uma coisa, nem como outra? Como irás obrigá-lo? Talvez o consigas para testemunha; para queixoso, nunca! Aqui existe um; mas como forçá-Lo, – e ao seu anjo – a fim de que apareçam como tais?”

13. Diz Cirénius: “Tens razão! Esperaremos, pois me parece ver um barco a grande distância.”

14. Diz Mathael: “Já o percebi há meia hora; em que pé estão as negociações?” Responde Cirénius: “No mesmo; reconheço que com todo o poder mundano, pouco alcançaremos com estes homens.”

### **131. CIRÉNIUS CONVOCA TESTEMUNHAS EM CESAREIA.**

1. Diz Cirénius: “Neste momento ocorre-me uma ideia: enviarei um mensageiro ao delegado, a fim de que convoque alguns queixosos nesta causa contra os fariseus.”

2. Diz Mathael: “Ótimo, assim pelo menos tens o pretexto de mandar vigiá-los. Mas é preciso agir com presteza.”

3. Imediatamente Cirénius executa o seu plano. Percebendo esta manobra, o chefe dos fariseus lhe indaga: “Senhor, por que motivo mandaste dois mensageiros a cavalo, para a cidade? Acaso tencionas neutralizar os nossos direitos legais, por vós sancionados? Isso será difícil, pois temos Deus e a lei a nosso favor. A não ser que criasses novas leis que, no momento, de nada adiantariam.”

4. Responde Cirénius, aborrecido: “Falai quando inquiridos! Tenho de conferenciar com os meus conselheiros para verificar se a vossa petição merece o apoio do Imperador! Caso afirmativo sereis atendidos, de contrário, não haverá complacência, mas sim, punição, em virtude do atrevimento de quererdes exigir cobertura para os vossos pecados! Considerai bem isto: o Prefeito de Roma não julga pela aparência, senão pela lei formada.

5. Agi, pois, de acordo com a vossa consciência, que de vós se exige muito mais que do povo inculto, mal conhecedor das leis e da sua própria índole. Como esclarecidos em todo o conhecimento, deveis compreender o motivo que me leva a julgar-vos com o maior rigor: ou sois tão puros como o Sol, ou jamais merecestes o vosso ofício! Por isso não vos deve interessar o que farei, seja para a vossa

sentença condenatória ou para absolvição. Convém, portanto, fazer um requerimento como comprovante da vossa exigência.”

6. Diz o chefe: “Nobre senhor, hoje é sábado de Lua nova e somos proibidos de qualquer actividade. Podemos falar; escrever, só depois do ocaso, pois neste santo dia convém a criatura ocupar-se unicamente de Deus. À noitinha faremos o que acabas de nos pedir.”

7. Indaga Cirénus: “Essa especial lei de Lua nova vos foi dada por Moisés?”

8. Diz o outro: “Não por ele, mas por seu sucessor, através do qual também se fazia ouvir, algumas vezes, o Espírito de Deus.”

9. Diz Cirénus: “Duvido, pois as Leis daquele grande profeta traduziam nitidamente o Espírito Divino; quanto à comemoração de um tal dia revela apenas o cúmulo da estultícia humana. Desconheceis a origem da Lua nova e rimo-nos de vós. Os nossos sábios admiram-se da possibilidade de haver vizinhos de gregos, romanos e egípcios alheios a esse conhecimento! Diz-me, qual o vosso parecer sobre esse assunto?”

10. Responde o chefe: “Prefiro ouvir-te primeiro, para depois me externar.”

### **132. A NATUREZA DA TERRA E DA LUA.**

1. Diz Cirénus: “Ouvi, pois: A Lua é um planeta, mais ou menos cinquenta vezes menor que a Terra, acompanhando-a em sua trajectória ao redor do Sol. Enquanto a Terra necessita de trezentos e sessenta e cinco dias para tal tarefa, a Lua gira treze vezes em torno da mesma.

2. Nessa caminhada passa a Lua por diversas fases, pois, sendo desprovida de luz própria, como a Terra, é iluminada pelo Sol. Quando o globo terrestre se acha entre ela e o Sol, a sua fase é a do plenilúnio. Se depois de mais ou menos quatorze dias se acha entre o Sol e a Terra, pouco se vê da sua superfície – e a isto chamamos de Lua nova.

3. No caso de se postar a Lua directamente entre a Terra e o Sol – o que observamos ontem – ela cobre o astro-rei. Isto impede que a luz solar atinja a parte de onde se poderia traçar uma linha recta, o que ocasiona um eclipse; as zonas não atingidas por tal traço nada disto percebem, mormente as que se acham do lado oposto de nosso planeta. Tanto este, quanto o Sol e a Lua, têm forma esférica,

criando a Terra o dia e a noite, pela rotação em vinte e quatro horas, tempo em que todos os países, desde o Pólo Norte ao Sul, são iluminados e aquecidos pelo astro.

4. Eis a verdade bem calculada pelos sábios, da qual, naturalmente, o leigo nada sabe, porquanto lhe falta a base de que vós, instrutores, também careceis. Não se pode transmitir a outrem aquilo que se ignora. E mesmo donos de tais conhecimentos nunca os haveriam de propalar, porque a ignorância alheia vos traz os maiores benefícios! Eis a minha explicação prometida; qual é a vossa?"

5. Responde o chefe: "O que acabas de dizer, já sabemos, por vias secretas e eu nunca me levantei contra tal conhecimento; considera, porém, a Géneses de Moisés – e nada disto lá encontrarás. Como principais professores e divulgadores entre o povo não podemos propagar um conhecimento contrário às suas leis. Se algum de nós tentasse a disseminação de outro ensino que não o mosaico, – garanto-te que seria apedrejado!

6. Existem os que afirmam conterem as palavras de Moisés sentido oculto, o que, absolutamente, haveria eu de contestar. Porém, como ensinar a um povo supersticioso algo de que o próprio professor não tem ideia precisa? Por tal motivo nada se pode fazer senão deixá-lo na sua crença antiga, considerando fielmente as Leis recebidas. Quando longe da multidão, pode-se praticar e crer na verdade plena. Falei e aguardo a tua reprimenda, caso tenha proferido uma mentira."

### **133. A REBELIÃO EM CESAREIA PHILIPPI.**

1. Admirado pela inteligência do chefe fariseu, Cirénus diz a Mathael: "Amigo, com este sabichão não convém discutir, pois, sabe tirar partido da situação actual que defende às maravilhas! Jamais assisti a semelhante polémica! – Talvez os mensageiros já se estejam aproximando e possam ajudar-nos nesta peleja!"

2. Diz Mathael, sorrindo: "Qual nada! Estes tratantes são por demais espertos e sempre encontrarão uma saída; para que se rendam necessário é outro poder que não o humano. Arriscar-me-ia a curar centenas de gregos e romanos da sua tolice, pois a minha exposição lhes seria novidade que procurariam aceitar com gratidão. O mesmo não se dá com estes entendidos em todas as ciências que sabem aproveitar em seu próprio benefício. Penso ser este o motivo

da retirada do Senhor, pois previa não ser possível falar-lhes, fanáticos como são.”

3. Diz Cirénio: “Pois bem, em tal caso teremos negociações que, nestas circunstâncias, serão inéditas na Terra! Se ao menos o delegado já tivesse vindo!”

4. Neste mesmo momento aproxima-se, ofegante, um mensageiro, dirigindo-se ao grupo sem perceber a presença de Cirénio: “Amigos, fugi o mais depressa possível, pois irrompeu uma tremenda revolução! Todos andam à procura dos fariseus trapaceiros, e os pagãos matam todos que se assemelham a judeus. Sou grego pobre e apanhei hoje esta vestimenta judaica por falta de roupa, e aqui vim com risco da própria vida!”

5. Diz Cirénio: “Sou o Prefeito! Explica-te melhor: como e por que irrompeu a revolução?”

6. Responde o grego, um pouco amedrontado pela presença da autoridade: “Nobre senhor! O assunto é o seguinte: em vez dos sacerdotes judaicos explicarem claramente o simples fenómeno do Sol artificial, aproveitaram-no para a divulgação de um possível castigo de Deus, bastando para aplacá-lo que o povo se prontificasse a grandes oferendas. Tal sugestão foi imediatamente aceite pelos ignorantes.

7. Os sacerdotes pagãos, não menos inteligentes, deram o exemplo; essa ideia, entretanto, não lhes rendeu o mesmo lucro. Um grego bem-intencionado começou a elucidar os mais calmos no sentido de não acreditarem naquelas profecias engendradas pelos sacerdotes, pois só se poderia concretizar uma delas: ou a judaica ou a pagã. Desta forma foi possível orientar os pagãos. Os judeus nada disto aceitaram, acusando aqueles como causadores do castigo esperado.

8. Em pouco tempo chegaram a vias de facto, e os pagãos começaram por incendiar as casas dos judeus, exigindo ainda a devolução dos sacrifícios extorquidos. Como não fossem atendidos usaram de meios drásticos, mormente com os sacerdotes judaicos, que bateram em retirada da cidade em chamas.

9. O delegado romano, bastante inteligente, ajudou em larga escala no sentido de provar ao povo a culpabilidade dos sacerdotes judaicos. Isto incentivou a reacção por parte dos pagãos, de sorte que na cidade corre mais sangue que vinho e leite.

10. Pelo que me parece, acham-se debaixo daquele cipreste os mencionados fugitivos. Se não tratarem de fugir, passarão mal! E

esta lança destinada à minha morte, ainda servirá para aniquilar alguns responsáveis. Os dois mensageiros que encontrei na entrada para a cidade não terão tarefa fácil para chegar ao delegado. Agora, senhor, sabes de tudo, e é a pura verdade.”

11. Diz Cirénio: “Agradeço-te a informação e desempenhaste bem o teu papel! Por ora fica aqui e serve-te de pão e vinho. Enquanto isso ordenarei a algumas coortes, para dominarem a revolta, no que prestarás testemunho contra os judeus!” Em seguida Cirénio chama Julius, cientificando-o da sua incumbência.

### **134. O RELATO DO MENSAGEIRO HERMES.**

1. Mal as coortes se põem em marcha, voltam os dois mensageiros confirmando as palavras do grego. Além disso transmitem uma nota do delegado, que viria relatar os factos ocorridos, ao Prefeito, tão logo a tempestade se tivesse abrandado um pouco. Cirénio despede-os em seguida, e interpela o grego a respeito de quem o enviara.

2. Diz ele, com mais coragem: “A necessidade, senhor! Sou cidadão de Cesareia e perdi todas as posses durante o incêndio. Este manto que mal me cobre, tirei-o de um judeu massacrado; de contrário estaria tão desprovido de vestes quanto a minha mulher e as minhas três filhas, maiores, que se ocultam atrás da cabana de Marcus.

3. Externei o convite à fuga apenas por reconhecer aqui os judeus fugidos, podendo, deste modo, usar de vingança. A sua evasão efectiva, somente se poderia efectuar por via marítima, pois na cidade os guardas não os tratarão com carinho! Entendo algo de estratégia, senhor, e julgo ser aconselhável postar alguns vigias à beira-mar para impedir que se possam evadir.”

4. Diz Cirénio: “Não te apoquentes, pois já se tomou tal medida!” E virando-se para Mathael diz: “Que dizes a estas notícias? Aguardarei a vinda do delegado e anseio por ouvir a defesa destes patifes.”

5. Diz Mathael: “Não lucrarás muito com isso, desconhecendo os milhares de subterfúgios de que se valem. Todavia, a tua posição melhorou. Antes de mais nada é preciso cuidar da família do grego. Helena, por certo deves ter alguns vestidos caseiros de que poderás abrir mão!”

6. Ela, prontamente, manda buscar quatro túnicas e saias bordadas à moda grega, dizendo à serva: “Pede ao mensageiro que te conduza aonde se acham a sua mulher e filhas, veste-as e trá-las até cá!”

7. Com os olhos rasos de lágrimas o grego acompanha a serva de Helena e, aproximando-se das mulheres que se haviam enrolado em lençóis e diz: “Não choreis mais, queridas, pois encontramos no Prefeito Cirénus um verdadeiro benfeitor, e esta roupa, certamente, vos é ofertada por minha filha!” Com imensa alegria elas vestem-se e ele as conduz para junto de Helena, a quem externam a sua gratidão. Assentam-se ao seu lado, saciam sede e fome. Ouran e sua filha ouvem horrorizados os relatos sobre a opressão farisaica. Cirénus, então, diz ao grego: “Amigo, tratei-te um pouco bruscamente e me arrependo desta minha atitude, por isso serás recompensado.”

8. Em seguida manda trazer uma vestimenta romana de honra, composta de uma fina camisa pregueada que dá até aos joelhos, uma toga de seda azul, da Índia, com bordados a ouro, botas e um turbante egípcio, com enfeite de plumas e um alfinete com esmeralda. Além disto, entrega-lhe mais sete camisas brancas e cem libras de prata. Louco de alegria o mensageiro nem sabe como agradecer.

9. Sorrindo de satisfação Cirénus diz-lhe: “Hermes, entra nesta casa do meu amigo Marcus, lava-te e veste-te como romano, pois estará na hora de citarmos os fariseus para depoimento e, desta vez, não escaparão! E tu, amigo Hermes, ajudar-me-ás.”

10. Diz aquele: “Na maior boa vontade! Estes homens, porém, são por demais astutos mesmo para com as Fúrias, quanto mais num depoimento comum. A fim de levá-los à confissão é preciso seguir-se estritamente as declarações das testemunhas, pois estes fariseus conseguem até perturbar os que lhes dão atenção, julgando-os inocentes e com direitos justificados. Assim, opino que sejam atirados para alimento dos peixes, – e como magistrado terás feito jus à justiça. Se se apresentarem numa zona animais selvagens que prejudiquem e assustem a Humanidade, dever-se-á entrar em negociações com tais feras? Digo eu! A sua maldade é por demais conhecida, por isso devem ser exterminados! Permite-me uma pergunta, senhor!” Diz Cirénus: “Pois não, fala.”

### 135. O PROSSEGUIMENTO DAS NEGOCIAÇÕES DE CIRÉNIUS.

1. Diz Hermes: “Senhor, a dez passos desta mesa, vejo uma menina em palestra com um homem de aparência extremamente simpática e tudo que diz desperta nela uma sensação de êxtase! Quem é ele? O Seu físico é de uma dignidade e nobreza que atraem todos os olhares, e quanto mais o fito, mais sinto a sua atracção. Não posso recriminar a minha mulher e filhas se mal conseguem desviar os olhos dele. Aposto ser um homem bom, nobre e sábio. Quem é ele?”

2. Responde Cirénius: “Amigo, posso afiançar-te que para nós Ele é Deus! Por ora é o médico de Nazaré, - mas, que médico! Nunca houve igual! Mais tarde saberás o resto; cuidaremos, primeiro, dos nossos assuntos e não me trates mais de senhor, mas sim, de amigo e irmão.”

3. Diz Hermes: “Muito bem, agradeço-te por esta atitude humanitária. Diz-me apenas: quem é o jovem tão lindo em companhia do médico? Serão ele e a menina, seus filhos?”

4. Diz Cirénius: “Sim, julgaste bem; agora, mãos à obra.” Em seguida manda chamar o chefe dos fariseus e pergunta-lhe se conhece o grego.

5. Responde este: “Quem não conhece o afamado cantor e citarista? Por várias vezes nos deleitamos com a sua voz; pena não ser possível convertê-lo para a nossa religião, pois sobrepujaria o grande David! É honesto e de bons sentimentos; apenas não simpatiza connosco, o que lhe levamos em conta por não se poder exigir que assimile e aceite as nossas leis, aparentemente desumanas.”

6. Diz Cirénius: “Acontece ser ele, justamente, o vosso declarado acusador, tendo afirmado, pela segunda vez, o que se positivara por uma testemunha oculta! Sois classificados como reles criminosos, - e tendes a incrível ousadia de me pedir indemnização por algo que vos tornou os incendiários mais astutos! Que me dizeis?”

7. Responde o fariseu, calmo: “No que diz respeito a Hermes, não guardamos rancor, pois sabemos que uma pessoa desprovida do verdadeiro conhecimento de causa só pode formar juízo errado. Se ele também deseja tornar-se nosso inimigo, que o seja; nunca seguiremos o seu exemplo. No fundo, tudo que depôs contra nós é



verdade. Na Europa existem duas zonas perigosas no mar, chamadas Szilla e Charibdes; quem consegue passar pela primeira, é tragado pela outra! E nesta noite encontrávamo-nos numa real encruzilhada e perguntamos: Qual a atitude que devemos assumir para merecer o apoio integral dos romanos?”

8. Indaga Cirénus: “Por que não destes a explicação verdadeira do fenómeno ontem havido, a fim de acalmar os ânimos dos vossos fiéis? Por que mentistes, dando motivo à maior confusão que provocou o levante? Porque extorquistes, de modo tirânico, sacrifícios do povo, enquanto sabíeis que a “fata-morgana” nada tinha a ver com a profecia de Daniel?”

9. Diz o chefe: “Não pareces ter compreendido as minhas palavras! - Quando, ontem, o Sol iluminou por tempo inesperado esta zona, muitos dos nossos irmãos na fé me procuraram na sinagoga, dizendo que todos os judeus andavam alarmados. Procurei dar-lhes uma explicação razoável. Em seguida, os meus colegas tentaram esclarecer o povo, sem êxito, pois afirmava ter visto caírem estrelas do Espaço, recordando aos superiores as palavras de Daniel. Após certo tempo aquele Sol desapareceu repentinamente, fazendo-se escuridão completa. Agora já não mais havia possibilidade de acalmá-los: o fim do mundo para eles havia chegado e uma palavra em contrário nos traria a morte certa.

10. Eis a Szilla! Forçados pelas circunstâncias, tivemos de pregar Daniel e exigir, de acordo com o momento, os meios de penitência, a fim de conservar no povo a esperança na Indulgência Divina. Compreendemos perfeitamente que hoje haveríamos de enfrentar a Charibdis - e quando se é obrigado a escolher entre dois males, fatalmente a decisão cairá no menor. Por aí vêes que não havia outra medida a tomar. Como nos tencionas julgar como romano justo?”

11. Diz Cirénus: “Bem, talvez fosse assim como dizes; resta saber o destino que foi dado às oferendas, pois o fim do mundo que lhes deu motivo ainda não se apresentou. Teriam sido devolvidas?”

12. Diz o chefe: “Nobre senhor, eis uma pergunta inteiramente desnecessária; todavia, a devolução teria de ser efectuada com grande precaução, em virtude da ignorância do povo. Convém, fazeres tal indagação ao fogo, que destruiu todas as oferendas e víveres!

13. Não era preciso ele, o fogo, deixar-se levar pela divulgação forçada, referente à profecia de Daniel, e destruir as nossas casas e

escolas. Disto, apenas, têm culpa os teus conterrâneos que muito nos odeiam. Assim sendo, não vimos aqui para pedir por nós, e sim, também pelo povo. Como podes querer castigar-nos, ao invés de socorrer? Considera a nossa situação e, por certo, nos isentarás de qualquer culpa!”

### **136. A OPINIÃO DO CHEFE FARISAICO ACERCA DO SALVADOR.**

1. Diz Cirénus: “Longe de mim tal atitude; apenas faço questão de melhorardes. Fácil é vos encobrires com palavras bem medidas, e para isso o momento é tanto mais propício porquanto as circunstâncias vos são favoráveis, não podendo alguém positivar a vossa atitude caso o fogo não tivesse destruído as oferendas. Interessa-me saber se teríeis usado das mesmas – de plena consciência – perante o profeta Elias ou de um anjo de Deus, que penetra a fundo no vosso coração.

2. Dou-vos a minha palavra de honra: neste meio existem pessoas que podem ler os pensamentos mais subtis como se fossem escritos. Caso vos arguíssem, – teríeis tido a mesma atitude, sabendo que, embora não me falte inteligência e perspicácia, careço de Omnipotência? Analisei rigorosamente tais pessoas e achei que não as podíamos enfrentar com gracejos! Sereis por elas examinados. Caso a situação seja tal qual foi exposta, receberéis até mais do que pedistes; assim não sendo, o irmão e o tio do actual Imperador saberão o que fazer!”

3. Diz o chefe: “De que modo nos poderás positivar que os teus amigos sábios não sejam contra nós, fazendo mau uso do seu conhecimento? Como fariseus somos odiados na Galileia, por seguirmos estritamente os ditames de Moisés e dos profetas, enquanto quase todo o país confessa a filosofia greco-egípcia. Sendo as mencionadas pessoas, galileias, não nos terão em bom conceito, de sorte que de antemão não aceitamos tal exame! Além disso consta não poder surgir profeta de tal país, por ser o povo, sacrílego, muito afastado da sabedoria moisaica. Se forem da Judeia estaremos prontos para ouvi-los.”

4. Diz Cirénus: “Considero tais criaturas de tal modo que cada palavra delas, para mim, é vinda dos Céus, porquanto não restrinjo a verdade do Alto, acho que também pode ser encontrada na Terra! Uma pêra é pêra, tanto aqui quanto lá.

5. Outra pergunta: manifestastes certa reserva contra possíveis sábios da Galileia, e presumo haver outro motivo para tanto que não apenas a filosofia grega. Dizem ter surgido em Nazaré um homem que realiza verdadeiros milagres, positivando uma Nova Doutrina, aparentemente vinda do Céu. Não ouviste nada a respeito Dele?" Diz Mathael, em surdina: "Deste um passo acertado, pois mudarão de cor e palavras."

6. Responde o chefe: "Então as imposturas daquele charlatão malquisto, ao qual o serviço de carpintaria se tornou por demais pesado, e preferiu a sua manutenção no ócio, - já chegaram aos teus ouvidos? Deduzindo das tuas palavras que fazes questão de nos condenar, nós que somos sacerdotes creditados; todavia, um tal galileu revolucionário munido de feitiçaria oriental recebe livre passagem. Pode fazer o que quiser e as suas palavras serão mais consideradas que as nossas, por cuja veracidade, tanto o intelecto quanto a razão se batem! Conheço muito bem tal homem e já te informei de tudo!"

7. Diz Cirénus, visivelmente agitado: "Ótimo! Externastes uma opinião sobre Alguém como pior não o poderíeis em vosso prejuízo. Todavia falastes a verdade, demonstrando a vossa índole. Estou agora bem informado, tanto sobre Ele quanto a vosso respeito, e provo que não aceito quem quer que seja antes de analisá-lo a fundo!

8. Vedes aqui o actual Vice-rei do Pontus. Ainda ontem era criminoso e quase condenado à morte; analisei a sua questão, certificando-me da sua inocência e fiz dele, que é sábio, o que acabo de relatar-te. Sou mais severo que outro juiz qualquer, mas ajo com justiça. Se durante o julgamento se aplicou uma pena injusta ao réu, sei transformá-la em benefício e alegria, como no caso que agora narrei.

9. Muito maior rigor, tive de aplicar no exame do nazareno, constatando ao fim, ser um homem tão perfeito como nenhum outro que pisou ou pisará a Terra. Por isso é pleno do Espírito Divino, age de acordo, isto é, dentro do Poder e da Onnipotência de Deus. Desta forma travei conhecimento com ele e considero-o com o máximo respeito e amor, embora seja judeu, na acepção da palavra.

10. Os romanos também apreciam o judaísmo quando traduz o que manifestaram Moisés e outros profetas: transbordando o espírito da força, do amor, da verdade e da sabedoria. Conforme por vós é aplicado, - para usar as mesmas palavras de Daniel - é um

horror de devastação! Eis o meu testemunho sobre a Pessoa daquele, que por vós é tão odiado; o nazareno. Que me dizeis?"

### **137. OS PRÓPRIOS SACERDOTES JULGAM O SEU CHEFE.**

1. Os fariseus arregalam os olhos e um deles diz, em voz baixa: "Como é possível o nosso chefe ser tão estúpido, ao ponto de não perceber que o Prefeito simpatiza com o galileu? Redu-lo como se estivesse convencido dos seus crimes, embora nunca o tenha visto! Este chefe não serve! Se continuar assim, seremos pregados à cruz! O Prefeito é por demais severo!"

2. Dizem os outros: "Vai e pede a palavra; talvez ainda nos seja possível salvar a pele e dar-te a ti o lugar do chefe!" Responde ele: "Farei uma tentativa, - mesmo sem tencionar esse posto." Em seguida adianta-se e pede a Cirénius licença para falar.

3. Diz este: "Aguardo outro critério do vosso chefe quanto ao nazareno." Replica o fariseu, cuja perspicácia é notável: "Nobre senhor, a sua inteligência desapareceu! Emaranhou-se de tal forma que não sabe qual saída tomar. Tu, por certo, já percebeste de longe a sua ignorância! Se eu ou um outro tivesse podido depor, este processo de há muito estaria terminado; não mais lhe prestes a atenção e deixa-me falar." Diz Cirénius: "Pois bem, fala!"

4. Prossegue o outro: "Nobre senhor, no que diz respeito à culpabilidade do incêndio, talvez seja aceitável o que argumentou, conquanto eu confesse não sermos tão inocentes como alega, pois foi ele quem exigiu as oferendas. Ignoro, ter sido necessário tirar tudo aos fiéis, com excepção da camisa, a fim de estabelecer a ordem! Eis outra dúvida: a devolução dos sacrifícios extorquidos! Certamente teriam emprestado dinheiro e objectos a juros, porém a restituição, por ele alegada como certa, é uma utopia! As suas palavras tolas, deixaram-nos revoltados e sem poder reagir, em virtude de estarmos num sábado, dia em que somente o chefe tem direito a tal.

5. Falo com sinceridade: no tocante ao mencionado nazareno não nos podemos externar, nem a favor, nem contra, pois ouvimos apenas alguns comentários. Certas coisas soaram louváveis; outras, certamente divulgadas por seus inimigos, mui fantásticas. Consta por exemplo, que ele ressuscitou pessoas realmente mortas. Não o assistimos; entretanto, considerando o que representa tal fenómeno, deve ser compreensível a criatura manifestar dúvidas.

6. Também consta ter o profeta Elias coberto de carne e vivificado esqueletos, mas isso apenas é boato, pois não se encontram na parte apócrifa da Escritura. Os essênios, por sua vez, realizam o mesmo milagre, aliás por alto preço! Porém, todos já se inteiraram deste “segredo”. Como dás testemunho tão favorável do nazareno, considerando a tua cultura e experiência, não posso – inclusive outros colegas – deixar de fazer jus a ele.”

7. Diz Cirénio: “O teu depoimento agrada-me mais que o do teu superior, o qual finalmente, provou ser um grande mentiroso. Todavia, poder-se-á reabilitar por uma confissão plena, pois não vim aqui para exercer a função judicial, mas ajudar aos pecadores a encetarem o caminho do Bem.

8. Agora, fala tu, chefe, a plena verdade, porquanto os teus companheiros ainda não o fizeram; desejaram apenas salvar a pele à tua custa e tal atitude não posso louvar. Sei o que sei e de nada te adiantará queres iludir-me!”

### **138. O DISCURSO SEVERO DE CIRÉNIUS.**

1. Indeciso, o chefe reluta em falar a verdade plena; depois de alguns instantes, diz: “Nobre soberano! Muitos cães acabam por matar o coelho! Convenço-me mais e mais de que as testemunhas contra mim aumentam. Para que fim iria procurar argumentos contra a tua própria convicção? Não posso dizer “sim” contrário ao que estou convicto, e o “não” de nada me adianta. Por isso podes aceitar as provas contra mim; pois não farei mais nada para me defender. Julgando-me culpado tens poderes de sobra para me condenares!”

2. Diz Cirénio: “Em vossos livros consta: Ai de quem atentar contra um ungido de Deus! Saberei observar tal mandamento, enquanto for possível. Saul, o vosso primeiro rei, foi finalmente um criminoso e David, que na mesma época recebera a unção, com facilidade poderia ter aniquilado o outro, desejoso da sua morte. O Espírito de Deus, entretanto, manifestava-Se no coração de David, dizendo: Ai de ti, se atentares contra o Meu ungido!

3. Não obstante pagão, ouço a Mesma Voz que me adverte: É-te permitido argüires cada um e, caso se tenham desviado para atalhos, reconduzi-los ao caminho justo; ai de ti porém, se os julgares! Se o próprio arcanjo Miguel não se atreveu a condenar Satanás em virtude da luta improfícua que durou três dias,

preferindo entregá-lo ao julgamento do Senhor, como poderia eu arrogar-me tal direito na Sua Presença? Assim sendo, deves usar de sinceridade para comigo!”

4. Responde o chefe farisaico: “Já que de tudo sabes não vejo razão para exigires plena confissão da minha parte. Observando a tua simpatia pelo nazareno, nada tenho a acrescentar. Além disso a minha opinião a seu respeito baseia-se noutra experiência que não a tua. Acaso poderia alguém obrigar-me a depor em benefício de uma pessoa da qual só me houvessem contado coisas que a desabonam? Como és o primeiro a julgar o nazareno de modo diferente, aceito o teu parecer, embora não tenha tido a mesma prova. Estás satisfeito?”

5. Diz Cirénio: “Estaria, se o coração fosse o inspirador das tuas palavras; todavia, sei que em nada credes, tal como os essênios, e obrigais o povo a acreditar em tudo que vos possa trazer algum proveito. Quando aparece um homem possuidor de uma luz verdadeira e divina, demonstrando às criaturas perdidas nas trevas o justo caminho da vida – que infalivelmente descobrirá as vossas conhecidas traficâncias – revoltais-vos contra ele procurando exterminá-lo, pois cabe-vos a desonra de terdes apedrejado os profetas – com excepção de Elias e Samuel – convencendo o povo de que Se comprazia Deus com os vossos actos horripilantes.

6. Somente depois de decorrido um século lhes prestastes louvor, enfeitando os seus sepulcros, em virtude de se terem realizado as suas profecias, situação que soubestes aproveitar no domínio sobre as massas. Se esta é a verdade, como poderei dar crédito às tuas palavras? Acaso acreditaste numa vírgula sequer daquilo que pregaste aos crentes?” (Nota: Estas palavras de Cirénio são-lhe inspiradas por Minha Influência; apenas são externadas a seu modo.)

### **139. O CARÁTER DO CHEFE FARISEU.**

1. Após certo tempo de reflexão, diz o chefe: “Como irás provar-me o que penso de modo diferente, e não creia de acordo com o que professo? Se os meus antepassados atentaram contra os profetas – o que não posso negar – que culpa me cabe, se sempre louvei os santos videntes de Deus? Se milhares de colegas não acreditam no que dizem, porventura será isso uma prova de fazer eu o mesmo?”

2. Responde Cirénius: “A prova concludente consiste em seres demasiado culto para aceitar um absurdo como de origem divina. Como bom calculista, não tomarás um mosquito por elefante!”

3. Diz o fariseu: “Qual o absurdo a que estás a referir-te?”

4. Responde Cirénius: “Acaso acreditas de facto no efeito milagroso do estrume templário que enaltecias pessoalmente, ano após ano? Crês na influência curadora da Lua nova? E que Jehovah habite na nova Arca, conforme fez na de Moisés, por vós de há muito reprovada? Crês na semelhança da chama de nafta com a coluna extraordinariamente santa, acima da Arca que iluminava Moisés? Achas ser mais útil ao homem fazer sacrifícios no Templo ao invés de amar os seus pais e obedecer-lhes em tudo que seja bom, conforme o Mandamento?”

5. Confessa abertamente se crês nisto, como em outras tantas tolices que divulgam os vossos princípios. Se o fizeres de modo concreto – o que acho impossível – és em verdade mais ignorante que um animal e te prestas para tudo, excepto para o teu ofício. Não o crendo e divulgando tal absurdo, és um traidor do povo e mereces ser preso por conspiração política! Assim finalizo a tua Szilla e Charibdes e dou-te uma medalha imperial se fores capaz de me apresentar outro argumento!”

6. O chefe vê-se tão embaraçado que não consegue dizer mais nada. Eis que se manifesta Hermes, o cantor: “Nobre Cirénius, agora não há mais saída para este tirano. Se não fosse tão mau, poderia apiedar-me dele; porém, asseguro-te ser ele perverso dos pés à cabeça! A vossa jurisprudência condena à morte na cruz pessoas cuja índole não pode ser comparada à deste patife, e alegro-me por ter ele caído nas tuas mãos!”

7. Diz Mathael, sorrindo: “Cuida que não venha a romper-se a tua armadilha e finalmente, zombar da nossa esperteza! Até então falou moderadamente, deixa que reaja – e verás as suas armas! Só agora conheço as suas verdadeiras tendências, embora tenha com ele privado no Templo, pois é o mesmo que há trinta anos assassinou o Sumo Pontífice Zacarias, entre o Altar e o Santíssimo!”

8. Diz Hermes: “Oh, Conheço outras das suas patifarias; mas, como não podem ser provadas, nada se poderá fazer.”

9. Diz Cirénius, admirado com a afirmação de Mathael: “Que me dizes, este teria posto fim à vida do sábio e bom Zacarias? Esta orientação vem a propósito!” Em seguida o prefeito dá ordem a Julius para formar uma forte guarda que impeça a fuga dos fariseus.

Estranhando tal movimento, o chefe diz: “A quem se destina esta guarda?”

10. Responde Cirénio: “Não é da tua conta, pois monstros humanos da tua categoria não merecem resposta! Aguardo apenas o relatório do delegado e a chegada de Cornelius, Julius e Kisjonah, para depois te responder.”

11. Diz o chefe: “Bem, nesse caso também justificarei a minha presença!” E tirando um pergaminho do manto, pergunta: “Conheces tal selo e assinatura?” Surpreso, diz Cirénio: “São do Imperador! Que finalidade tem?”

12. Retruca o outro: “Sendo preciso, serás inteirado do conteúdo! Eis porque te aconselho susteres toda e qualquer pesquisa, de contrário este pergaminho te trará grandes aborrecimentos. Considero-te, por ora, como cavalheiro; não te excedas, pois poderia dele fazer uso, o que não seria do teu agrado!”

13. Não te teria mostrado esta arma terrível se tu não me tivesses obrigado; urge provar-te não seres o único senhor deste território! Acho, pois, melhor recolheres os soldados porque seria forçado a juntar os meus, não obstante ser hoje sábado! Lastimo que a minha linguagem te incomode, assim como não me agradou a tua. Resumo: tu me conheces e vice-versa! Faz o que achas bom e justo, que farei o mesmo! Compreendes?”

14. Em seguida o chefe vira as costas a Cirénio como se fora soberano e dirige-se com os seus colegas à praia, numa atitude de quem está munido de poderes imperiais. O velho Cirénio, no entanto, acha-se num grande embaraço, sem saber como agir.

15. Diz Mathael: “Vês, meu caro, a protecção física e moral de que este judeu é dotado? Por esta razão é sumamente difícil e, a bem dizer, infrutífero fazer-se um julgamento, porquanto ele – só Deus sabe como – soube conseguir os privilégios mais elevados e secretos!”

16. Diz Cirénio: “Como se admite, Mathael, que esta hidra humana obtivesse um documento da mão do Imperador sem a minha autorização? Neste caso, só resta apresentar uma atitude de condescendência e estou curioso por ouvir a opinião do Senhor!” Responde Mathael: “Por certo também não se externará, pois sabia com quem te irias haver. Não parece ter prestado atenção à contenda.” Diz Cirénio: “Mas é preciso pedirmos-Lhe conselho!” Acrescenta Mathael: “Não resta dúvida!”



## 140. O DOCUMENTO FALSIFICADO.

1. Porém, na praia, diz o chefe dos fariseus aos colegas: “Desempenhastes bem o vosso papel, pois a aparente reacção contra mim foi por vós manifestada no momento em que dei o sinal de silêncio! Agora, não sabem o que fazer. Se ao menos os três anunciados não viessem; talvez até tragam o nazareno! Neste caso estaríamos perdidos! Por isso opino: ao desembarcarmos iremos directamente para Jerusalém, já que Cirénius retirou a guarda. Vamos praia acima, até conseguirmos uma embarcação grega, onde estaremos seguros.”

2. Diz o primeiro fariseu: “Mas como iremos escapar dos guardas do povo que se devem ter ocultado por detrás dos arbustos?”

3. Diz o chefe: “É verdade! Mas, que tal, se exigíssemos atrevidamente uma escolta de Cirénius? Não nos poderá negar a mesma, à vista do pergaminho imperial. Vai e faz isto!” Enquanto urdem esta trama, Cirénius é por Mim informado, sabendo o que fazer no momento oportuno.

4. Quando o fariseu apresenta a sua exigência, o Prefeito diz: “Amigo, o tal documento me abalou um tanto, pois ignorava que fosse falsificado. Agora, esclarecido que sou, em absoluto atenderei ao pedido do teu chefe. Transmite-lhe que me faça entrega imediata do pergaminho, de contrário, ser-lhe-á tirado à força e, tentando destruí-lo, será crucificado ainda hoje!”

5. O fariseu curva-se e afasta-se tremendo de pavor. Quando perto do superior diz, gaguejando: “Estamos perdidos! O maldito documento - falsificado - corrou as nossas traficâncias! Entrega-o imediatamente ao Prefeito, senão serás supliciado, pois sabe de tudo!” As asas negras reconhecem a seriedade do momento e o chefe entrega o pergaminho ao orador, lastimando: “Toma, com isto perdemos o último baluarte!”

6. Voltando para junto de Cirénius, diz o fariseu: “Nobre soberano, eis o documento! Somos todos reais criminosos e apelamos para o teu coração magnânimo!” Cirénius o analisa e diz: “Que falsificação perfeita! Confessa: em que ocasião conseguiu esta carta-branca?”

7. Diz o outro: “Não te posso informar, sei que ele o trouxe de Jerusalém.” Diz Cirénius: “Tens plena certeza disto?” Responde o fariseu: “Certo, pois no-lo mostrou, esclarecendo-nos do seu

conteúdo.” Prossegue Cirénio: “Qual o seu comportamento como homem?” Diz o outro: “Desempenhou o seu cargo com severidade e dentro do espírito judaico. É sabido que o confisco de rendas não é efectuado de modo complacente; porém, ignoro se tenha sido brutal. Possível é ter certas culpas no cartório que nunca relatou. Ontem apenas se tornou por demais exigente na colecta das oferendas, facto para o qual o próprio povo deu maior motivo!”

8. Indaga Cirénio: “Teria ele já feito uso deste documento?” Responde o judeu: “Até hoje nada a respeito vimos.” Diz o Prefeito: “Bem, diz ao teu superior que lhe desejo falar para ver o que posso fazer.” Recebendo tal recado, diz ele: “Nada nos resta senão obedecer, pois é melhor perder algo do que tudo.”

### 141. A CONFISSÃO.

1. Decidido, o chefe dos fariseus encaminha-se para junto de Cirénio e diz: “Eis um vencido que, por certo tempo, ousou fazer uso dos direitos dados às criaturas; embora matemático, errei nos meus cálculos, convencendo-me de que os maiores não admitem semelhantes. Eis porque agora desejo ser um dos menores, tornando-me talvez agradável aos superiores.”

2. Diz Cirénio: “Farás bem assim. Diz-me, o que te levou àquela atitude, pois te ofereci a mão amiga e não a aceitaste. Qual era o teu fito?”

3. Responde o fariseu: “Basta considerares a minha posição elevada, portadora de honra e poder. Tal conceito orgulhoso em breve leva a criatura ao erro, que a cega e ensurdece à medida que aumenta o seu cabedal de pecados. Neste crescendo chega-se ao ponto culminante – e tudo paralisa! Eis a minha situação: conto setenta e oito anos, e não espero mais nada, a não ser dedicar-me às coisas divinas, caso queiras conservar-me a vida.”

4. Diz Cirénio: “Junto à cabana encontrarás uma mesa com pão e vinho; sacia-te para ajustarmos a nossa causa antes da chegada dos nossos amigos.”

5. Satisfeito e grato, o velho aceita o convite, enquanto Eu Me dirijo a Cirénio: “Agiste bem e o testemunho dado do nazareno foi louvável; todavia seria precipitado informar estas pessoas a Meu respeito. Se prosseguires nesta atitude, talvez seja possível conquistá-las.

6. Colocarei Raphael à tua disposição; fará o que quiseres, porém, cuidado com os milagres. Pela reconstrução da cidade ainda em brasas, não faças nada, não obstante ser coisa de instantes para o anjo! Quero que essa zona permaneça em situação humilde, sendo mais tarde dada a Marcus e à sua família; oportunidade para a sua reedificação. De resto, poderá fazer o que pedires, - observando certa precaução."

7. Diz Cirénus: "Senhor, que farás durante este tempo?"

8. Digo Eu: "Ficarei perto de ti como se fora um estranho. Quando, ao meio-dia, vires a aproximação de um navio, debes dirigir-te à praia para receber os visitantes em Meu Nome. Advertes-os, no sentido de não Me denunciarem, o que impediria o bom andamento da questão em curso. Hermes deve procurar os Meus discípulos, a fim de receber o devido ensinamento. Da Minha parte orientarei Ouran sobre o seu futuro Governo. Agora sabes o que fazer."

9. Diz Cirénus: "Como saberei se estes cinquenta arquifariseus estarão aptos para Te conhecer?"

10. Digo Eu: "Sabê-lo-ás no momento preciso após o almoço, que hoje será tomado uma hora mais tarde. Portanto, não te preocupes e faz tudo dentro da Minha Ordem." Esta orientação é de muito agrado para Cirénus e Eu, coloco Raphael ao seu serviço; o anjo diz: "Aqui estou, a fim de servir a Deus, a ti e a todas as criaturas de boa vontade. Cuidado com as tuas ordens, que prontamente serão executadas."

11. Retruca Cirénus: "Amigo celeste! Se me movesse unicamente a razão, surgiriam apenas tolices. O bom êxito na questão farisaica compete apenas ao Senhor que me deu o bom entendimento e inspirou as minhas palavras. Sob tais auspícios podemos arriscar o prosseguimento; que me dizes?"

12. Diz o anjo: "Dentro de tal compreensão não é possível pecar. Vamos reiniciar a tarefa pelo Poder Divino, em conjunto." Enquanto isso, Stahar, o chefe, chega-se a Cirénus e agradece o conforto recebido.

## **142. STAHAR REVELA OS SEUS PRINCÍPIOS DE FÉ.**

1. Cirénus, não aceitando a gratidão manifestada pelo chefe, diz: "Unicamente ao Senhor compete todo o louvor e

reconhecimento. Agora, esclarecer-me-ás o que seja um “anjo” e como desempenha ele o seu auxílio junto a Deus e das criaturas.”

2. Diz Stahar: “Nobre soberano, eis uma pergunta difícil, mormente porque ainda não ficou evidenciado a existência de anjos. A Escritura faz menção deles, sem definir a sua natureza. De acordo com o Talmude deve-se interpretá-los como forças emanadas do Ser Divino em forma de jactos de fogo, que se movem numa velocidade incrível – do Centro de Deus em todas as direcções – como os raios solares. Julgo tal definição aceitável; se corresponde à verdade, dificilmente um mortal o poderá positivar.

3. Consta também terem sido vistos os anjos como adolescentes de beleza extraordinária, servindo aos homens. É possível; mas nenhum de nós viu coisa semelhante e bem pode ser uma interpretação lírica, pela qual se tenham personificado as forças espirituais, atribuindo-lhes esta forma. Nunca se fez menção à existência de um anjo feminino, certamente por não ser possível imaginar-se uma jovem munida de poder incomum.

4. Vês, pois, as mais variadas opiniões e em tudo parece haver algo de real; a pura verdade não se pode conceber. Por isso é melhor deixar-se o povo em sua crença, enquanto não se possua coisa melhor para suplantá-la. Eis tudo que sei, pois não iria ensinar-te o que se diz ao povo.”

5. Diz Cirénus: “Quer dizer: não crês inteiramente na aparição real de um anjo?”

6. Responde Stahar: “De modo algum, pois nunca tive o prazer de ver coisa idêntica em sonho, muito menos na realidade. Do mesmo modo os meus colegas se externaram por diversas vezes. Não quero pôr em dúvida tal hipótese, mas uma coisa é certa: um espírito angelical não se poderá apresentar sem intermédio da Natureza, assim como o raio de luz não se torna visível enquanto não encontrar um ponto de refacção. O raio solar traspassa o éter antes de atingir a Terra; no éter, como elemento reduzido, não se pode tornar uma erva; porém, no solo é-lhe possível a transformação em tudo que a matéria lhe oferece.

7. Deste modo, sou contra a possível aparição de um espírito, seja anjo ou demónio, Deus ou o seu pólo oposto, em virtude de haver na Natureza das coisas uma ordem imperativa. Nunca se vislumbra nelas o surgir de algo, sem que lhe preceda uma base aceitável, isto é, para se conseguir um efeito, necessário é um

intermediário prestável. Um espírito elevado poderá manifestar-se apenas em carne e osso; o que passa daí é pura fantasia ou mentira.

8. É de lastimar que nós, de há muito reconhecendo a verdade, sejamos obrigados ao papel de divulgadores e conservadores da mentira e superstição. Somos forçados a feições beatas, enquanto temos desejo de estourar de raiva sobre tal tolice! Existem, porém, Moisés e os profetas, criaturas com tendências dominadoras que, de início, tinham de ludibriar o povo com toda a sorte de fantasmagorias, para que fossem coroados soberanos com direitos de tirania.

9. Uma vez cega a plebe pelos milagres, basta que lhe dê uma verdadeira luz, - e ela te despedaçará qual tigre. Assim é melhor deixar-se tal povo na crença antiga, refrescando e vivificando-a por falsos milagres, porquanto não é possível esclarecê-la.

10. Tempos houve em que assaltei e até cheguei a matar a pessoa que se esforçava por cegar ainda mais a Humanidade tola; só aos poucos me convenci de que tal empreendimento era improfícuo, e injusto invectivar contra todos que reforçassem a cegueira alheia.

11. Demonstrei-te com sinceridade a minha índole e podes compreender ter sido necessário o meu proceder para com o povo. Os taumaturgos não me impressionam, apenas não devem agir contra pessoas esclarecidas como eu; ao contrário, se nos auxiliarem, todos passaremos bem.

12. Nunca se deve deixar perceber que nada de mais somos, e sim, conservar os outros na opinião de sermos donos de segredos impenetráveis, que apenas podem ser entendidos por um sacerdote pleno do Espírito Divino. É bastante que alguns reconheçam serem todas as doutrinas concernentes ao Ser Divino velhos mitos, baseados na fantasia humana."

### **143. RAPHAEL E STAHAR.**

1. Diz Cirénius: "Em absoluto não concordo contigo, pois creio convictamente existir um Deus que criou, tanto o mundo dos espíritos quanto o dos sentidos, através da Sua Própria Onnipotência. Apenas terá levado períodos muito mais longos do que os mencionados por Moisés. Entre nós, entretanto, há quem entenda melhor o profeta que tu.

2. Também creio na vida eterna e feliz de todas as criaturas que cumprem de boa vontade os Mandamentos de Deus; creio

plenamente na individualidade formal dos espíritos e anjos, na real Revelação Divina pela boca dos profetas e até mesmo na Personalidade do Homem-Deus. Nisto tudo eu acredito, não apenas porque me fosse relatado, mas de convicção íntima, e me surpreende a tua completa descrença! Que dirias se te afirmasse ser este jovem lindo, um anjo, e que te pode dar provas patentes de tal?"

3. Responde Stahar: "Nobre senhor, apenas isto: alegras-te em ridicularizar-me diante dos outros! Este moço certamente é teu filho e lhe terás feito ensinar artes e ciências desde a infância; não seria, pois, de estranhar que possuísse certas habilidades por nós jamais sonhadas. Fosse eu um tolo de fé fácil e me poderias confundir! Todavia, sabendo o que sei, nada conseguirás; podes apenas submeter-me a uma prova."

4. Diz Cirénus: "Se esta é tua opinião, faz uma experiência em Nome do Senhor e veremos se te falei a verdade."

5. Diz Stahar: "Bem, neste caso suspenderei a tríplice cobertura de Moisés da face do teu anjo e verás o resultado. Vem cá, jovem anjo!"

6. Raphael aproxima-se, indagando: "Descrente, que desejas que te faça?" Responde Stahar: "Vê, neste mar existe uma grande quantidade de peixes; serias capaz de apanhar um dos melhores, já frito e arrumado numa travessa?" Nem bem o fariseu formula este pedido, Raphael o convida a saborear o peixe desejado, que apresenta numa baixela. Completamente atónito Stahar não sabe que dizer a esta prova extraordinária.

7. O anjo, então, convida Cirénus a experimentar o peixe, que é partido em pedaços. Este serve-se e confirma o bom paladar. Stahar o acompanha, justifica as palavras do romano e, finalmente outros hóspedes seguem-lhes o exemplo. Em seguida Stahar dirige-se, humilde, a Raphael, perguntando: "És realmente um anjo do Senhor ou, talvez, um mago da Europa, África ou Ásia? O teu acto é incompreensível e inédito; porém, existem prestidigitadores que facilmente iludem os leigos. Por isto, diz-me quem és!"

8. Retruca Raphael: "De que te adiantaria a minha resposta, se quem duvida precisa de provas? Argui-me e verás se o que faço pode ser feito por um mago."

9. Diz Stahar: "Sim, como não? Se ao menos soubesse o que te pedir, pois o meu desejo ora realizado é tão incomum que dissipa todas as dúvidas. Pela tua aparência atraente pareces antes um anjo

que um mago; todavia tens um corpo real, o que torna incerta a presença de um espírito. Deixa que te toque!”

10. O anjo o permite e o fariseu constata a sua estrutura compacta. Em seguida dá de ombros e diz: “Este corpo tão perfeito, nada tem de espiritual e, confesso com sinceridade, até ser possível que alguém se apaixona-se por ti, sendo isto outro ponto puramente material! A não ser que fosses assistido – como o jovem Tobias – por um anjo invisível, isto é: caso fosses qual Samuel um menino mui beato, desde o teu nascimento!

11. Assim não sendo, no entanto, poderias também ter ligação oculta com Satanás, o que, por sua vez, não creio, em virtude da tua aparência maravilhosa e mesmo, para dizer a verdade, por nunca ter eu acreditado no anjo do mal. Já tinha dificuldade numa fé completa em Deus, quanto mais na pessoa daquele personagem.

12. Eis porque sou naturalista ajuizado e não aceito qualquer aparição como espiritual enquanto me for possível explicá-lo dentro da matéria. A tua acção recente não permite explicação natural; também nunca me outorguei o direito de compreender tudo que se apresentasse no vasto campo da Natureza. A tua arte milagrosa bem pode ter base natural, conhecida por ti e alguns outros. Por certo não ma revelarás; isto não importa, porquanto muita coisa acontece na Natureza que em si é milagre, mas que não compreendo. Deveríamos então, interpretá-lo como miraculoso?

#### **144. A EXPERIÊNCIA DE STAHAR COM MAGOS DA ÍNDIA.**

1. (Stahar): “Vê, jovem perito na magia, há uns três anos chegaram à cidade alguns orientais – como os chamavam, da Índia – onde consta haver montanhas tão elevadas que os seus picos quase tocam a Lua. Pode ser, pois aqueles homens exageravam tudo, para causar impressão.

2. Mas isso não vem ao caso; a questão é que eles – de aparência estranha – pediram permissão para realizar os seus milagres diante do povo, a preço módico. Com a ajuda de um intérprete lhes mandei dizer que os permitiria não antes de me certificar particularmente em que consistiam os seus actos e se era admissível efectuá-los diante dos ignorantes, apesar de ser eu amigo de tudo que toca o excepcional.

3. Os magos deram-se por satisfeitos, porquanto lhes assegurei um bom honorário pelo espectáculo a realizar diante de mim e mais alguns colegas interessados. Voltaram ao albergue e, após uma hora, traziam uma quantidade de apetrechos nunca vistos: varas, pedras, metais estranhos, redomas de todos os feitios. Perguntei ao chefe para que fim servia aquilo tudo e ele respondeu: “Realmente para nada, necessitava apenas de algo da minha pátria a fim de poder agir.” Em seguida perguntou-me o que desejava ver ou saber.

4. Respondi-lhe: “Bem, se apenas preciso pedir, as tuas magias não irão longe.” Em seguida perguntei-lhe o que estava eu pensando no momento, enquanto me concentrava em Roma e no seu Imperador. Pousando ambas as mãos sobre o peito, externou-me o que eu pensava. Podes facilmente imaginar que tal coisa não me causou menos espanto que a tua acção.

5. Entregando-lhe um cântaro com água, disse: “Transforma esta água em vinho!” Ele passou as mãos sobre o jarro e disse: “Senhor, prova-o!” Assim fazendo verifiquei o milagre que me estonteou ainda mais. Depois apanhou uma vasilha de barro, vazia, e despejou o resto do vinho, como afirmava, para a viagem de volta à pátria. Analisei, mais tarde, a ânfora e vi que nem estava húmida: apenas exalava um forte cheiro do líquido, observando o mago que preferia levá-lo em estado concentrado, pois facilmente poderia entornar-se na viagem.

6. Indaguei se era capaz de transformar o cheiro em vinho e ele, por sua vez, perguntou-me e aos meus colegas, se ainda tínhamos vontade de beber. Afirmamos que sim; ele pegou na vasilha, menor que o meu cântaro, enchendo-a até transbordar. Tal facto fez com que os nossos cabelos ficassem em pé e sem saber eu o que dizer. Pusemo-nos a tomar o bom vinho, e – novo milagre! – O cântaro permanecia cheio!

7. Percebendo o nosso entusiasmo o mago disse: “Ora, senhores, vinho sem pão não tem graça! Que tal se transformasse estas pedras em pão?” Respondi-lhe: “Fá-lo!” Repetindo o gesto sobre as pedras, ordenou-me: “Toma uma faca e corta o pão.” Assim fiz e verifiquei que era de óptimo sabor! Em seguida opinei: “Amigo, se és capaz de tais coisas, desejaria saber para que fim necessitas ainda de pagamento pela tua arte?” Respondeu o mago: “Apenas para ter o sustento material em lugares onde não seja possível agirmos.”



8. Satisfeito com tal resposta entreguei-lhe duas libras de prata que aceitou com gratidão. Não me foi possível permitir-lhe realizar um espectáculo comum, em virtude do grau extraordinariamente elevado, o que poderia levar o povo a render-lhe homenagem divina, mormente os pagãos.

9. Afirmou ele ainda ser capaz de outros milagres mais transcendentais. Eu já nada queria ver, pois o sucedido me esquentara a cabeça e só desejava que partissem. No final indaguei se era capaz de me explicar um dos seus feitos. Ele não se negou directamente, mas exigiu tanto dinheiro que fiquei tonto e despedi-o de bom grado.

10. Meu jovem, aquele homem foi tão pouco um anjo de Jehovah quanto eu; entretanto, fez o que acabo de relatar. Por que razão deverias tu sê-lo, pela mesma hipótese? Preciso que me dê provas espirituais da tua origem celeste, do contrário não te aceitarei como anjo, não obstante maiores milagres que o comprovado. Penso não ser possível uma pessoa sensata apresentar-me argumentos convincentes.”

#### **145. STAHAR RELATA O ASSASSINATO DE ZACARIAS.**

1. Diz Raphael: “Trata-se apenas de saber se falaste a verdade; da minha parte só te posso afirmar que tu, a fim de me arguir num sentido espiritual, mentiste descabidamente, não contendo uma sílaba de verdade em tudo aquilo que narraste.

2. Alegas ter o mago, adivinhado o teu pensamento, – eu agora descobri que nos pregaste uma boa peça, de sorte que a mentira do suposto mago se tornou para mim, verdade!

3. Afirmas ter ele transformado a água em vinho; também te posso provar esta acção. Manda encher este cântaro de água! Pois bem, nem sequer o toquei, todavia a água tornou-se o melhor vinho! Prova-o, se te agrada!”

4. Stahar assim faz e constata a verdade. Prossegue o anjo: “O tal mago fez desaparecer o vinho num outro vasilhame; vê, não toco o cântaro, mesmo assim não contém uma gota mais! Ele teria feito apenas do cheiro novamente vinho; observa este aqui: nem mais cheiro tem, no entanto, quero que se torne outra vez cheio do melhor vinho! – Eis aqui a prova!

5. Não tens o necessário pão e não gostas de tomar o vinho puro! O teu mago precisou de várias pedras para transformá-las em

alimento; eu emprego somente a minha vontade – e já tens uma quantidade de pão na tua frente! Prova, se não é melhor que o teu, inventado! A seguir, pagaste ao teu mago como honorários, duas libras de prata, falsa; eu crio do éter duzentas libras de prata verdadeira, como pagamento da tua mentira. Estás satisfeito?”

6. Os olhos de Stahar quase saltam das órbitas e ele diz, após certo tempo: “Isto não se pode dar com forças naturais! Oculta-se aqui a Onnipotente Vontade de Deus e tu és, ou um anjo personificado, ou um dos maiores profetas, como Samuel ou Elias! Sim, agora creio que tenhas vindo, como mensageiro do Céu, para junto de nós, pobres criaturas pecadoras, a fim de nos reconduzir ao caminho do Bem!

7. A minha história de magos foi, realmente, inventada – todavia dentro dos moldes pelos quais me fora relatada. Conteia para te experimentar, constatando que vislumbra o íntimo da criatura e alcanças o inconcebível, apenas pela vontade. Assim creio que sejas um anjo de Deus, o que me alegra, pois, tive a prova daquilo que os patriarcas viram de vez em quando!”

8. Diz o anjo: “Esta não é a primeira prova que recebes: há trinta anos passaste por uma idêntica, no Templo, tendo sido, em seguida o Sumo-sacerdote morto por tuas próprias mãos, entre o Altar e o Santíssimo! Por que não deste crédito àquele milagre visível e por que te tornaste até implacável para com ele?”

9. Diz Stahar: “Querido e poderoso mensageiro do Senhor, não me lumbres uma época em que vi a Luz do mundo apenas por uma maldição, e um acto do qual me arrependi mil vezes! A índole e o conhecimento que possuía naquele tempo, não permitiam outra atitude.

10. Tornara-me, secretamente, erudito na filosofia grega e sabia porque me fizera homem. Preferia Platão, Sócrates e Aristóteles aos profetas obscuros e místicos, que, até hoje, jamais entenderei, porquanto não são interpretáveis; mormente os Cânticos de Salomão se assemelham antes à obra de um louco do que de um sábio. Por isso sentia ojeriza por tudo que estivesse no menor desacordo com a pura razão de Euclides, por cujas obras, de certo modo, se tornara professor de aritmética.

11. Amigo poderoso e celeste, se alguém me diz: dois e dois são quatro e que o dia contém luz, a noite, trevas, – terá falado a pura verdade e abraçá-lo-ei como amigo. Vindo uma pessoa, afirmar com teimosia, que dois e dois são cinco, e que o dia é treva e a noite

luz, não vacilo em abater esse idiota, pois, o assassino espiritual é pior que todo ladrão, assaltante e criminoso! Tal era a situação no Templo! Começou-se a afirmar o mais absurdo – e impunham-se castigos àquele que se atrevesse a contestar um axioma de sabedoria obtusa.

12. O mencionado Sumo-sacerdote era um verdadeiro adepto de Salomão e considerava rigorosamente o mais místico saber; até começou a dirigir ovações a uma luz radiosa, prestes a vir ao mundo. Ela deveria iluminar as trevas da noite de forma tão poderosa, que até os mais profundos abismos sob a Terra resplandeceriam mais fortemente que o Sol a pino. O dia do mundo, porém, tornar-se-ia noite trevosa, sendo a escuridão tão intensa que aniquilaria homens e animais. Todavia, a luz da noite já teria chegado e iluminava as trevas nocturnas, de sorte que até mesmo os cegos de nascença se tornavam videntes como os do dia mais radioso!

13. Tal afirmativa representa o começo que, desde o Alfa ao Ómega, apenas é invencionice, porquanto nestes trinta anos não vi outra luz nocturna a não ser a da Lua cheia – excluindo o prolongamento da iluminação de ontem, que muito bem podia ter sido evitada, considerando-se a desgraça que provocou. Ninguém podia indagar a Zacarias o sentido das suas palavras, – entretanto exigia fé integral.

14. Tê-lo-ia eu suportado em Nome de Jehovah, pois um acréscimo de tolice não prejudica, por ainda se poder pensar dentro da verdade. Eis que ele começou por afirmar o seguinte: Os sete (7) se tornam um (1), os seiscentos e sessenta e seis (666) serão cento e onze (111), e setecentos e setenta e sete (777) e um meio (1/2) e um terço (1/3) e um quarto (1/4). Quem souber calcular, que o faça de modo diferente, pois o antigo será julgado e condenado!

15. Tal absurdo atirou-me e a vários alunos de Euclides na maior preocupação, pavor e ira; conspiramos contra o Sacerdote, pondo um fim à estultícia insultuosa através de algumas pedradas bem dirigidas! Todavia, não lucrámos muito com isto, porquanto os sucessores do assassinado eram cem vezes piores. A nossa permanência no Templo com isto tornou-se insustentável; resolvi fazer papel de hipócrita, o que resultou em minha transferência para cá com todos os direitos de sumo-sacerdote. Aqui não me privei de coisa alguma, fazendo-me passar por severo, enquanto no íntimo

nada me preocupava. Agora sabes o motivo que nos levou a matar Zacarias. Que me dizes?”

#### 146. RAPHAEL EXPLICA AS PROFECIAS MESSIÂNICAS.

1. Diz Raphael: “Ora, o sentido das suas palavras era apenas espiritual, referindo-se à Vinda ao mundo do Messias, naquela época, do Qual todos os profetas, até mesmo Adão e Enoque, testemunharam como, também, contou entusiasticamente Kenan.

2. Chegou o tempo em que todas as profecias se cumpriram. Zacarias predisse como último profeta, em sentido espiritual, a Chegada real do Prometido, - e vós o assassinastes por isso, selando novamente um pacto fiel com o inferno, que, fora iniciado por Caim, na luta contra o devoto Abel, em detrimento da Humanidade cega, tola e má.

3. Não se deve reputar em demasia a cegueira humana quando comete toda a sorte de atrocidades; portanto, também não deves ser julgado pela morte de Zacarias, e isto por te haveres arrependido sinceramente, o que será levado em conta. A questão é saber o que tu e os teus cinquenta colegas fariam na Presença do Messias que há trinta anos vive e doutrina entre os judeus! Render-Lhe-íeis a devida honra, reconhecendo-O em vossos corações?”

4. Responde Stahar: “Poderoso amigo, eis outra pergunta cuja resposta levaria alguém a quebrar a cabeça. Quem vem a ser tal Messias, tão misticamente prometido? Onde está? Que deseja e ensina? Antes desta informação não é possível responder-se definitivamente.”

5. Diz Raphael: “Ele é Aquilo que David cantou: Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, para que entre o Rei da Glória! Quem é este Rei da Glória? É Jehovah Zebaoth! (*Salmo 24:9-10*). Eis o testemunho que dá do Messias, ora Pessoalmente na Terra como Santo, Santo, Santo! Com isto tens a explicação que pediste e sabes o que pensar do Messias; portanto exijo-te resposta decisiva.”

6. Diz Stahar: “Assim sendo - o que em absoluto quero pôr em dúvida em minha esfera subjectiva - pergunto: Que faremos com Moisés, o qual categoricamente afirmou: Ninguém pode ver Jehovah e permanecer com vida! Além disso lemos em seu Livro proibição formal, por parte de Jehovah, onde ninguém deveria imaginá-Lo em figura, por mais elevada que fosse. Tu, porém,

alegas que o Messias, de acordo com David, caminha como homem entre nós. Como agir, portanto? É preciso que se renegue, ou Moisés, ou o Messias, pois é inadmissível que o profeta e David tenham razão.”

7. Diz Raphael: “Nenhum deles será renegado, porquanto revelam às criaturas a Justiça, o Bem e a Verdade. Jehovah não proibiu a Moisés a divulgação da Sua Futura Vinda como Homem entre os homens; apenas proibiu que se fizesse Dele uma figura esculpida como fizeram ao bezerro de ouro. Assim Jehovah, também, falou a Moisés que pessoa alguma O poderia ver como Deus ou Espírito e continuar vivo; entretanto acrescentou: Cobrir-te-ei com a Minha Mão, até que Eu haja passado; e havendo tirado a Minha Mão, ver-Me-ás pelas costas, pois a Minha Face não poderás ver. - Qual o sentido disso? **Vê, as costas de Jehovah, vistas por Moisés, representam o Físico Humano de Deus, com o Qual Se apresentaria, no futuro, aos homens, sendo Ele Próprio o Homem Perfeito!** Como, pois, renegar Moisés, quando se aceita o testemunho de David?

8. Há trinta anos pusestes de lado a velha Arca da União, porque dela havia desaparecido a coluna de fogo e a nuvem de fumo, substituindo-a por uma nova, inteiramente material. Isto é um testemunho - embora não o entendais - para esta época, significando que Jehovah agora não mais paira apenas como Espírito Elevado sobre a matéria, como o fizera sobre as águas da noite, mas sim, que Ele Próprio abandonou tal posição, pela qual dificilmente Se dava a conhecer aos Seus filhos, como Criador e Pai, através do profeta iluminado.

9. Não percebes ser isto uma nova Arca da nova União, da qual a recente e morta no Templo é bem um símbolo sugestivo? **O Espírito de Jehovah que outrora pairava sobre a velha Arca, foi por Ele Próprio depositado há trinta anos no Homem-Deus, que agora Se acha no mundo, ensinando as criaturas a reconhecê-Lo!** Se esta é a realidade, acaso ainda poderás afirmar ser preciso renegar Moisés ou David, para aceitá-la?

10. Além disso consta: “Em tal época os Céus estarão abertos e os anjos descerão para junto das criaturas de boa vontade, testemunhando-lhes o Verbo Eterno que Se tornou carne, isto é: Deus Mesmo! - Tal se dá neste momento diante dos teus olhos e ouvidos. Como podes prosseguir nas indagações? Acaso ainda me julgas humano?”

11. Diz Stahar, pensativo: “Sinto algo de extraordinário e de cada palavra tua resplandece a verdade. Estou convertido; trata-se agora de persuadir os meus colegas e acharmos o Grande Messias, a fim de ouvi-Lo!”

12. Diz Raphael: “Fala com os teus irmãos, para que também eles possam crer e se tornem felizes; depois sabereis onde vos é dado ver e ouvir o mais Santo dos santos!” Prontamente Stahar se encaminha para junto dos outros, ainda descrentes.

#### **147. STAHAR CONVERTE OS SEUS COLEGAS.**

1. Como o grupo dos judeus se ache disperso à beira-mar e no pátio, Stahar convoca todos para a praia e diz-lhes: “Amigos, percebestes como aquele jovem falou e agiu?”

2. Dizem os colegas: “Alguma coisa, pois parecia-nos tratar-se de um ardil engendrado pelo Prefeito, a fim de nos fazer cair nas suas teias! Por isso nos afastamos. Já perdemos tudo e, além do mais, a cidade continua ardendo! Que faremos? Os romanos sabem da consideração que o povo nos dedica, – e o Vice-rei Cirénio, que tem à sua disposição as riquezas de três continentes, tudo pode! Fornece-nos quantidade de ouro e prata e também nos tornaremos milagrosos, talvez não do mesmo quilate desse jovem, – contudo faremos milagres!”

3. Diz Stahar: “Sois doidos assim falando, pois nem sabeis diferenciar entre um milagre verdadeiro de um falso! Eu mesmo usei de todos os argumentos plausíveis e tive de me render quando o jovem começou a descobrir os meus pensamentos mais ocultos. Só então reconheci o meu grande erro, o que me levou a transmitir-vos o que vi e ouvi.

4. O jovem é incontestavelmente um anjo de Deus e testemunha de que o Messias Prometido já Se acha no mundo, fazendo ver os cegos, ouvir os surdos, sendo até possível que O possamos ver e falar aqui. Acredito em tudo e vós fareis o mesmo! Não sou um que, facilmente, aceita e crê em algo antes de se ter convencido da sua veracidade; porém, uma vez chegado a esse ponto, a minha convicção torna-se uma rocha que ninguém poderá abalar! Se tal facto se deu comigo, podeis dar-me crédito sem vacilar, pois não sois capazes de apresentar maiores dúvidas nesse caso como eu o fiz!”

5. Dizem os outros: “Está tudo bem; trata-se, no entanto, de saber o que devemos crer!”

6. Responde Stahar: “Acaso sois surdos? Não vos disse ser tal jovem em verdade um anjo de Deus, que o Messias já chegou e que em breve poderemos vê-Lo e ouvi-Lo? Apenas isto vos compete aceitar.”

7. Dizem os colegas: “Muito bem, neste caso não podemos ter dúvidas; convém, entretanto, considerar serem os melhores nadadores os primeiros a afogar-se, os mais destemidos alpinistas a se precipitar no abismo – e os tais firmes na fé, finalmente, mais rápidos caem em cepticismo!”

8. Sabemos que nunca foste de crença fácil, – mas, um pouco de precaução não prejudica. A própria Escritura nos conta factos em que alguns profetas miraculosos se tornaram criaturas fracas no fim da vida. A consequência demonstrou a origem daqueles inspirados, o que no caso presente deve ser considerado.”

9. Replica Stahar: “Assumo plena responsabilidade. Sei, perfeitamente, não ser possível enfrentar o Templo com tal convicção e por isso, convém que nos protejamos nesse sentido. Externamente, continuamos a ser os mesmos, pagando o devido tributo. Em nosso íntimo, todavia, deve-se dar grande modificação, pois, com o tempo, o povo também será melhor orientado. Se concordais, podemos dirigir-nos para junto do Prefeito e do anjo, onde receberemos maiores esclarecimentos.”

10. Como todos consintam, o grupo dirige-se a Cirénio, e Stahar diz-lhe: “Aqui estamos ao teu dispor; faremos o que for da tua vontade. Queira o mensageiro poderoso de Deus reforçar estes meus irmãos na sua fé e em tudo aquilo que eu próprio tive dificuldade de crer.”

11. Diz Cirénio: “Vês, não serem os romanos tão implacáveis juizes como julgavas; apenas queremos um direito integral e a verdade plena. Quem satisfizer tal exigência, tornar-se-á nosso amigo, recebendo a cidadania romana – e não pode haver outra justiça para ele que não essa. O primeiro benefício que vos concedo é um certificado de cidadão romano. Incluindo o chefe, sois cinquenta ao todo e cada um terá a sua certidão individual. Veremos, depois, que mais se poderá fazer por vós.”

12. Em seguida Cirénio manda trazer os rolos de pergaminho. Stahar, então, indaga: “Nobre amigo, certamente será preciso citarmos os nossos nomes?”

13. Apontando para Raphael, diz Cirénius: “Eis o meu secretário ultra-rápido! Já sabe o que lhe compete fazer e também vos conhece perfeitamente. Preencherá os documentos perante os vossos olhos.” Neste sentido Cirénius dirige-se ao anjo. Célere, este se aproxima da mesa onde espalha os pergaminhos, pega uma pena molhada em tinta, escrevendo velozmente sobre os papiros e diz a Cirénius: “Aqui tens, amigo, os documentos em romano, grego e hebraico; distribuí-os aos interessados!”

14. Cirénius assim faz e os fariseus se sentem tomados de pavor, reconhecendo trémulos, estarem na proximidade de Deus. Comovidos agradecem a Cirénius, sem, contudo, se encorajarem a fazer perguntas.

#### **148. HEBRAM DISCURSA ACERCA DA “NOVA LUZ”.**

1. Este facto é observado pelos outros fariseus, entre eles Hebram e Risa, alegres pelo sucesso de Cirénius na conversão daqueles teimosos. Aproximando-se de Stahar, Hebram toma da palavra: “Aqui somos trinta enviados pelo Templo na conquista de pagãos. Mau negócio este, porquanto os gentios possuem cultura muito mais adiantada que a nossa; competia-nos, fazer ignorantes aos inteligentes e pô-los sob o domínio da água maldita! O nosso coração compreensível fez-nos reconhecer a impossibilidade de tal empreendimento, o que resultou em nos tornarmos romanos, e o nosso testemunho contra o Templo servirá de prova para muitos. Além disso recebemos aqui comprovante enorme e santificado. Projecta Ele uma claridade mais intensa que mil sóis, é uma Luz de Eternidade, que já antes da Criação dos mundos iluminou os anjos como chamas vivas da Chama Eterna em Deus, o Amor.

2. Essa Luz Primária de toda a Luz; e Esse Eterno Amor foi por nós encontrado aqui. Vós, também A achastes em parte, e ainda mais vos integrareis Nela! Sentimos uma alegria imensa por tal facto, embora vos custe desistir da antiga existência de conforto.

3. O fogo destrói tudo, igualando a vossa situação à nossa. Sempre foi da Vontade de Deus que: se as criaturas realmente desejam achá-Lo e se achegar a Ele, alimentando a vontade firme que o Pai os proveja em tudo, - devem, pelo grande amor e a confiança inabalável no Todo-Poderoso, afastar-se inteiramente do mundo e perder tudo que nele lhes seja caro; só então Deus, o Senhor e Pai, Se prontifica em aceitá-las como abandonadas a



desprezadas, cuidando-as de tal forma que por toda Eternidade se saciarão. Uma vez sustentadas por Deus, verificarão quão pessimamente o mundo as saciara outrora.

4. De que adiantam ao homem todos os bens terrenos, os quais não poderá levar quando daqui partir? Os tesouros de Deus, espiritualmente por Ele criados em benefício da alma e do espírito, levamos para o Além, onde se tornarão alimento, morada, vestimenta e vida perfeita e eterna, cheia de luz e de máxima ventura!

5. Eis por que não deveis lastimar as perdas ontem sofridas, pois o Senhor já vos supriu antes de O terdes conhecido. Deveis ofertar-Lhe tal sacrifício por amor Dele, que vos recompensará mil vezes em Espírito o que perdestes materialmente.”

6. Diz Stahar: “Agradeço-te em nome de todos os meus colegas e irmãos por este consolo oportuno! Vê lá em cima da mesa o montão de prata pura que o anjo produziu do éter. O seu valor já seria suficiente para a nossa indemnização; mas tanto eu como os meus amigos, pouca importância Lhe damos, pois nunca mais seremos aquilo que fomos, em virtude dos planos do sábio Prefeito. Este, por certo, não nos deixará morrer de fome, – o resto não nos interessa. Esta pepita de prata de duzentas libras, entregaremos ao hospedeiro Marcus, como pagamento da despesa já havida e futura.

7. Desejamos apenas apurar uma coisa: se o Prometido Messias Se acha nestas paragens! Vê-Lo e talvez ouvir uma Palavra Sua seria a maior felicidade imaginável! Falando entre nós: temos uma pequena suposição a respeito de alguém que dizem fazer coisas incríveis, mas admissíveis após termos visto os actos do anjo.

8. Parece-nos ser tal homem – de certo modo Deus Mesmo em forma humana – o falado nazareno Jesus, do qual se divulgam feitos miraculosos, feitos que nos confundem desde quando se pedia informações a seu respeito. O próprio Prefeito me fez uma pergunta embaraçosa que me esquentou a cabeça! Assim, presumo ser tal Jesus, infalivelmente, o pelo anjo confirmado Messias; talvez até aqui Se encontre sem, entretanto, fazer-Se conhecer, até que nos tornemos mais meritosos da Sua Presença! Digo-vos abertamente: se tal facto for real daremos as costas ao Templo e ao seu fútil Santíssimo, aderindo ao Messias com todas as fibras da nossa alma. Qual a vossa opinião?”

9. Dizem os outros: “A mesma; seguiremos o teu exemplo, pois conhecemos a natureza do sinédrio, cujas paredes não mais

contém salvação, pela predominância ali do orgulho, domínio, ira, vingança, mentira, intemperança e toda a sorte de depravação moral.

10. Durante o teu discurso reflectimos acerca do assunto e decidimos renegar o Templo, porquanto não aceitamos tão facilmente algo de novo. Integrando-nos da plena verdade, não podemos deixar de aceitá-la, – pois veio dos Céus – mormente numa época em que as circunstâncias e o regime romano nos são tão favoráveis. Ansiamos por ver o Messias de Nazaré! Não será aquele de roupa avermelhada e manto azul, cujos cabelos são os mais lindos que se viram?”

11. Diz Stahar: “Sim, talvez tenhais razão, pois também já observei que tanto o anjo quanto Cirénio, em todas as atitudes a tomar, requerem a sua aquiescência! Outros também lhe rendem homenagem discreta, que não me passou despercebida. Se não for um príncipe de Roma, aposto ser o Próprio Messias!”

12. Dizem os outros: “Com tais cabelos louros não pode ser romano. Que nos poderia suceder se o indagássemos directamente?” Diz Stahar: “Vamo-nos dirigir primeiro ao anjo ou ao Prefeito, pois agora possuímos tal privilégio como súbditos romanos.”

#### **149. A RESPONSABILIDADE DO HOMEM.**

1. Em seguida todos se dirigem calmamente para junto de Cirénio e indagam como agir. Diz ele: “Convém esperardes mais um pouco e Dele vos aproximardes em vosso coração, o que O atrairá, podendo Ele Próprio dizer-vos o que vos compete fazer. De antemão vos asseguro que estais na pista certa, pois pudestes deduzir que o Homem-Deus aqui Se encontra, pela nossa própria permanência. Um assunto de somenos importância não nos haveria de prender neste local.

2. Ele, portanto, está aqui; mas, se Dele vos achegardes intimamente com a firme resolução de vos despirdes de todos os antigos hábitos e pecados, Ele vos procurará em breve, a fim de vos fixar as atitudes futuras. É Aquele que supúnheis ser o Messias, – e ao observá-Lo, pensai: Eis Jehovah em Pessoa, Homem entre os homens! É o Criador de tudo que existe!

3. Afirmo-vos, Ele é a Causa Eterna de todo o Ser e Vida! Na inconcebível Omnipotência da Sua Vontade repousa o Infinito; todo

o poder dos anjos é apenas um suave hálito da Sua Boca e Dele surge toda a Luz! Em suma, reflecti ser realmente o Mesmo que deu no Sinai, a Moisés, as Leis para o povo de Israel; esse povo O esqueceu e recaiu em todos os vícios! Eis por que veio, a fim de reerguê-lo, libertando-o de todos os males da alma.

4. Por tal motivo, **demonstra pela veste avermelhada o quanto ainda ama o Seu povo! Pelo vasto manto azul, que também veio para junto dos pagãos, a fim de torná-los Seus filhos.** O Seu manto abrange o mundo inteiro, do qual nós também fazemos parte. Reflecti sobre as minhas palavras e em breve tereis a prova de que a verdade foi dita.”

5. Stahar e os seus colegas agradecem tal orientação inesperada por parte de Cirénus e retiram-se, respeitosos. Chegando novamente à beira-mar, o chefe dirige-se aos outros: “Estranho, durante a explanação de Cirénus quanto ao Messias senti-me extremamente confortado! Apoderou-se de mim um sentimento de amparo como se daqui por diante nada nos pudesse faltar no mundo. Ao mesmo tempo abate-me um receio esquisito e um pavor do Senhor Onnipotente, pois não é possível duvidar da Sua Integridade. Uma palestra com Ele nos proporcionará uma sensação toda especial, – e a nossa língua tão ágil, por certo, quedará muda!”

6. Diz um outro, mais corajoso: “Falaste bem; sou, aliás, da seguinte opinião: Não temos culpa das circunstâncias que nos formaram tal qual somos. Filhos de pobres camponeses, teríamos sido como os nossos genitores; porém, Deus quis que fôssemos descendentes de judeus ricos e conceituados, que nos fizeram educar e consagrar ao Templo. Certamente a Vontade do Alto assim o quis. Cabe-nos culpa se infringimos as Leis; entretanto, fomos levados a tais acções devido a tendências herdadas de nossos pais.

7. Se o Messias, portanto, aqui viesse, falar-Lhe-ia sem susto; pois não posso ser menos que sou, nem Ele mais do que é desde toda a Eternidade. Diz-me sinceramente: É a árvore culpada se a tempestade a atira de um lado para outro? Ou poderia o mar acusar os ventos poderosos, se revolvessem o seu espelho plácido, obrigando uma vaga a enterrar outra como um animal selvagem?

8. Não possuímos Onnipotência e dependemos de toda a sorte de forças que agem ocultamente. De que te adianta a firme vontade de não cair, se uma ponte, que deves atravessar apodreceu sem saberes, ruindo no momento em que a pisas? Que vem a ser a vida,

quais seriam os alicerces capazes de suportar para sempre um edifício? Quem conhece as bases do pensamento e do desejo? A vida se forma através de um acto animal, isento, muitas vezes, de um pensamento qualquer! O irracional, tão pouco quanto o homem, possui um vislumbre de consciência do organismo que é gerado pelo acto carnal; a parte da sua matéria é tão artisticamente constituída que um sábio levaria mil anos para estudar as suas partículas isoladas e as suas ligações básicas, apenas superfluamente. Com isto teria apenas o maquinismo diante de si; onde, porém, o princípio vital, como age dentro desse engenho e como usa as suas inúmeras partículas?

9. Sabemos da nossa existência, do nosso pensar e querer, além disto registamos as mais variadas tendências e ímpetos; como eles surgem, quem os desperta e para onde seguem, uma vez satisfeitos? Tais reflexões são lógicas e desculpam, no mínimo, três quartas partes da nossa existência diante de qualquer entidade elevada; assim, não temo nem o espírito, nem Deus! Nunca pratiquei maldade alguma; apenas no terreno sexual sempre constatei a insatisfação do desejo, despertado por uma jovem sensual, - e disto a minha natureza é a única responsável, pois não depus em mim essa tendência carnal. Quem despertou dentro do homem o sentimento do amor insatisfeito? Quem me despertou fome e sede? Tudo isto são forças poderosas, às quais não podemos impor uma lei positiva.

10. É-nos apenas possível renunciar até certo ponto! Assim sendo, quais seriam a razão e o conhecimento capazes de me condenar, em virtude da minha posição e atitudes? Um ser humano igual a mim não teria esta competência, - muito menos um elevadíssimo e divino! Por que, então, o pavor fútil de Deus?"

11. Diz Stahar: "Consta, todavia, que o homem deva temê-Lo, por ser Omnipotente e o homem fraco, incapaz, portanto, de se antepor ao Poder Divino."

12. Diz o orador: "Muito certo. Porém, isso é aplicável apenas ao homem moral, - não à criatura íntegra em todas as funções equilibradas! Esse mesmo terror de Deus é, melhor dizendo, um sentimento de amor dado ao homem moral como meio de conduta, considerando o seu livre arbítrio, qual amor filial. Seria Deus capaz de criar uma lei pela qual te proibisse a respiração, o pulsar, o crescimento de cabelos e unhas, o olfacto, o sabor, a sensação de dor e alegria? Onde estaria a medida pela qual se afirmasse seguramente

ter o homem alcançado um ponto de vista positivo em todas as direcções de pensamentos, desejos e atitudes – em sua absoluta liberdade moral?

13. Quem conhece a ligação entre a vida da Natureza com a do espírito, e de que modo consegue movimentar-se independentemente? Vê-se que o homem é, de certo modo, livre – pois pode usar os seus sentidos nas mais variadas acções, – fá-lo, contudo, dentro de uma necessidade provinda da restrição na Natureza. A questão é saber onde se baseia o ponto de vista moral, considerando-se a necessária vida da matéria e a independência do ser espiritual. Enquanto não for localizado, impossível falar-se em pecado e virtude.”

### 150. FLORAN FALA ACERCA DE DEUS.

1. Diz Stahar: “Amigo, sei que és um grande sábio do mundo e é difícil argumentar-se contigo. Contudo, não é possível que te passassem despercebidos os actos extraordinários do anjo. Tê-los-ia praticado em benefício da nossa vida natural ou espiritual?”

2. Responde o orador: “Foram observados por nós e não pelos habitantes de Jerusalém! Neste caso também não acreditarão quando informados, o que nos impede de condená-los. Esclarece-me onde se inicia o ponto moral, excluindo a capacidade visual da criatura!”

3. Diz Stahar: “Amigo, vejo ser difícil concordarmos, sendo preciso que te esclareças por um espírito iluminado. Eis que vem o anjo; deves falar-lhe e estarei curioso por ouvir a vossa controvérsia.”

4. Diz o outro, com a mesma calma: “Meu caro, ele não me interessa mais que tu e falar-lhe-ei da mesma forma; é um espírito feliz e se regozija da máxima perfeição, enquanto rastejamos qual vermes no pó da nulidade, sobre o solo duro e sujo da Terra! Existe apenas uma verdade que tanto toca um anjo quanto o mais reles andarilho.”

5. Mal termina estas palavras, chega o anjo, que diz: “Floran, então não me temes?”

6. Responde o orador: “Se sabes o meu nome, também saberás os motivos que me impedem de temer a Deus, tão pouco a ti, mesmo se praticasses uma quantidade de milagres assombrosos. Posso de igual modo imaginar coisas extraordinárias, sem contudo

poder realizá-las; neste caso os teus feitos não mais me impressionariam. Satisfaço-me como espectador! Deveria, por acaso, entristecer-me por não poder brilhar como o Sol, ou não ter a capacidade de voar qual pássaro? Estou satisfeito com o que sei, sou e posso, – além disso, de nada preciso! A minha individualidade, é uma dádiva de Deus pela qual Lhe agradeço; nada mais necessito, e não invejo quem tem maiores bens do que eu.

7. Dever-te-ia temer por seres infinitamente mais poderoso que eu? Em absoluto! Se fosses mais ignorante não terias poder; se brutal, poder-te-ia enfrentar pelo raciocínio, tão bem quanto a uma tempestade. Como o teu poder é equilibrado pela sabedoria sinto-me seguro: não me aplicarás malefício, pela razão de também eu não poder fazê-lo. Caso me quisesses pregar uma partida, não me zangaria, tão pouco teria motivo para louvar o teu saber. Deus, todavia, é infinitamente mais Sábio e Poderoso do que tu, por isso ainda menos O temo que a ti.”

8. Diz o anjo: “Não sabes que Ele te poderá aniquilar para sempre ou impor-te uma pena máxima e eterna se não considerares a Sua Lei? Não terias que temê-Lo em tais circunstâncias?”

9. Responde Floran: “Embora não queira contestar a tua sabedoria devo confessar que a tua pergunta não contém valor celestial. Duvidar de que Deus, o Ser Supremo, possa aniquilar-me, seria tolice maior do que a tua lembrança sobre a minha nulidade subjectiva e objectiva. Que diferença fará tornando-me eu, novamente um “nada”? O nada – nada é, nada necessita e por coisa alguma tem de se preocupar. Por isso, vamos à eterna destruição da minha nulidade, e eu te asseguro de antemão que, como tal, jamais te acusarei em juízo. Se fosse um prazer para Deus, o Ser de máxima Sabedoria, martirizar-me e punir-me eternamente – a Sua Sabedoria seria nula, pois tal desejo nem se encontraria num tirano.

10. A História não nos fala de um déspota sábio; e que poderíeis, tu e Deus, responder-me, provando eu que sois sumamente tolos? Porém, tal ninguém poderá afirmar da Divindade, se lançou um olhar à construção sábia de todos os seres! Eis por que Deus é elevadamente Sábio e Bom. Munido destas qualidades perfeitas, é impossível ter Ele criado um ente, sequer, para o suplício eterno. Coisa bem diferente é quando se trata da purificação de uma criatura, por toda a sorte de experiências amargas e dolorosas, aqui ou no Além, pois, o homem é uma Obra de Deus e se deve aperfeiçoar dentro da Sua Ordem Sábia, até

mesmo na esfera moral, a fim de tornar-se aquilo a que foi destinado pelo Criador.

11. Tais fases curtas de melhoria são permitidas e não criadas pela Omnipotência Divina, como castigo ao homem de um erro cometido, reconduzindo-o à plena consciência da Ordem e facilitando-lhe, com isto, o desenvolvimento próprio. Jamais poderias considerar as medidas de precaução puramente divinas como castigo tirânico, pois traduzem apenas o Amor e a Máxima Benevolência. Assim, não poderás acusar Deus de modo tão injusto, ou apresentá-Lo como déspota. Por mim posso somente amá-Lo acima de todas as coisas e adorá-Lo como o Ser mais Santo e Sábio; temê-Lo, – jamais!”

12. Sorrindo, o anjo bate nos ombros de Floran e diz: “Como te saíste bem! Não creias que deseje discutir contigo, tens razão assim como eu. Apenas te quis dar oportunidade – através das minhas perguntas dúbias – de externares os teus conceitos diante de todos, de modo mais honesto que até então, e te digo: estás apto para falar ao Senhor! Vem, eu mesmo te levarei para junto Dele!”

13. Diz Floran: “Então realizou-se em verdade a velha profecia?” Responde o anjo: “Sim! É a plena verdade da qual sou uma testemunha celeste. Segue-me, pois, apenas tu!”

## **151. A HUMILDADE E O ORGULHO.**

1. Diz Floran: “Mas por que não me devem acompanhar Stahar e os demais irmãos? Acaso são menos humanos do que eu? Vai tu, sozinho! Se eles não merecem ser apresentados ao Senhor do Universo, – eu muito menos, por não ser tão bom quanto eles!”

2. Grava bem isto, ó anjo – se é que podes gravar algo – sou inimigo declarado de qualquer privilégio. Quero alegrar-me com as prerrogativas dos meus irmãos e permanecer como o mais simples entre todos. Em verdade amo as criaturas; e este sentimento nos leva a outorgar todas as preferências a outrem, o que aumenta a felicidade. Pergunta-lhes se alguma vez agi de modo diferente. Deveria agora, em sua presença, deixar-me cumular de privilégios? Não e não! Legiões de espíritos poderosos como tu e dez Jehovahs Omnipotentes serão incapazes de modificar o meu modo de agir, enquanto tiver liberdade de pensamento e acção. Vê, meu amigo influente, também isto é uma ordem, a qual nenhuma tentação,

mesmo provinda dos Céus, tão pouco o pavor do inferno poderão abalar.

3. Vai tu sozinho para junto do Senhor! Jamais te seguirei de livre vontade! Estranho que, como espírito omnisciente, não deparasses com esta minha convicção ao me dares preferência! Persisto no que disse! Poderás levar-me fisicamente, pleno que és de força e poder; mas a índole do meu coração jamais modificarás, a não ser que mo tires, dando-me outro em substituição. Com isto não terás transformado o meu estado actual, mas destruído, depositando um outro nesta máquina frágil!”

4. Diz o anjo com expressão amável: “Mas, caro amigo e irmão, quem te disse que eu te tenha dado preferência, de acordo com a Vontade do Senhor, sou incumbido de levar-te para junto Dele, como o mais apto entre vós? Acaso tens ciência de que todos os frutos – por mais nobres que sejam – amadurecessem a um só tempo? Quem teria a ideia de cumular de privilégios uma pêra, em virtude de ser a primeira a tornar-se madura? Se bem que seja saboreada antes das outras, não merece por isso preferência especial. Neste caso Moisés mereceria mais que o Próprio Senhor, porquanto foi convocado mil anos antes Dele! Tal não te dá privilégio, – pelo contrário! Quem, no seguinte caso, deveria ser privilegiado: aquele que construiu uma estrada, ou o capitão e o seu regimento que por ela passem?

5. Amigo, com todo o teu intelecto, esta percepção fugiu-te! Conheço bem a índole teimosa do teu coração, por isso lhe impus uma prova externa e verifiquei: no fundo, ele alimentar orgulho oculto que considera a justa humildade dentro de si como privilégio do seu “ego”, a fim de ser o único e inimitável! Finalmente se torna duvidoso: quem, entre os dois é mais orgulhoso: aquele que entre todos deseja ser o último e mais simples ou o primeiro e mais elevado?

6. Conheces a história grega do Rei Alexandre da Macedónia e de um tal Diógenes? Este, anos afora, viveu num tonel por ele próprio colocado na praia para sua morada. Um belo dia o grande herói e Rei, ciente da situação em que se encontrava este homem esdrúxulo e único, foi visitá-lo; e postando-se diante do tonel, perguntou-lhe: Que desejas que te faça? – E Diógenes respondeu, súplice: Que te afastes desse lado, de onde os raios benéficos do Sol me aquecem! – Essa fleuma bem agradou ao grande herói;



entretanto, disse: “Se não fosse Alexandre, preferiria ser um Diógenes!

7. Qual o sentido das palavras do Rei? Ei-lo: Todo o mundo me homenageia; mas, quanto isto não me custou? Este desfruta de uma consideração quase superior à minha, que o tornará também imortal, – e isto custou-lhe apenas um velho tonel! Não achas que entre o orgulho de Alexandre e o de Diógenes não haja grande diferença? Pelo contrário, o deste ainda superava o do Rei!

8. É justo querer a criatura ser a última por amor verdadeiro e humildade; porém, ambas as virtudes enfaixam a obediência, mormente para com o Supremo Senhor de Céus e Terra. Por isso, se fores de bons sentimentos, faz o que é da Vontade Dele e serás justo, pois o Senhor sabe melhor o “porquê”!

9. Diz, finalmente, Floran: “Sim, agora sigo-te porque me convenceste amavelmente da minha injustiça evidente.” – E assim dizendo acompanha o anjo que o traz para junto de Mim.

## **152. FLORAN PERANTE O SENHOR.**

1. Quando ambos se acham perto de Mim, o anjo diz, curvando-se até ao solo: “Senhor, eis um fruto amadurecido! A sua carne é semelhante á de todas as criaturas; porém, o seu espírito é poderoso e cheio de força incorrupta. Assim, cabe a Ti todo o louvor e honra, de Eternidades em Eternidades!”

2. Digo Eu: “Bem, Meu Raphael, tais frutos são-Me agradáveis e valiosos. Este descende da escola de Moisés e Aarão, tendo cursado também a de Platão, Sócrates, Pitágoras e Aristóteles; por isso não é um ramo delgado que o vento enverga, mas um cedro do Líbano capaz de enfrentar tempestades. É sereno e calmo; e quando vêm os tufões ele não se curva! Deixarei esta árvore até à construção da Nova Jerusalém, onde fornecará tecto e cumieira na Minha Casa! Diz-Me, Floran: Alegrias-te Comigo?”

3. Responde ele: “Senhor de toda a Vida, quem não teria prazer em Ti! Porém, eu sou um pecador e a Tua Santidade diz-me: Afasta-te de Mim! Eis o ponto que não me satisfaz. Desejaria encontrar-me sem pecados na Tua Presença; tal, porém, é impossível e me envergonho perante a Tua Santidade! O meu coração sente um grande arrependimento, que impede a minha alegria. Contudo sou homem inteligente, sei desculpar os meus erros, consciente de que uma criatura, constituída de múltiplos elementos, apenas alcança a

perfeição quando tais elementos se houverem purificado através da fermentação pecaminosa, qual vinho novo que se torna puro e saboroso por esse processo.

4. Tu és o Senhor, e o homem o fruto da Tua luta eterna, de certo modo somente uma luta do positivo contra o negativo, a fim de surgir, posteriormente, numa vida nova pela emanção de ambos, qual fénix que nasce da cinza do seu fogo destruidor, - vida esta que, embora unificada, permanece externamente uma luta eterna!

5. Por isso, Senhor, não me perdoes os pecados, necessários que foram para despertar em mim a luta objectiva de modificação pessoal; perdoa-me, sim, a vergonha das minhas constantes recaídas - e eu me alegrarei Contigo, ó Senhor!"

6. Digo Eu aos apóstolos: "Vede aqui um homem cuja alma não tem dolo! De há muito o amava!"

7. Diz Simon Judá: "Senhor, parece um segundo Mathael!"

8. Respondo: "Julgas existir apenas o saber que esse possui? Floran é o seu pólo oposto, entretanto, tão sábio quanto ele. Mathael é entendido em assuntos da Natureza e línguas mortas; Floran, conhecedor de todas as religiões e ciências antigas. Por isso é mais difícil falar-se com este; já que o conquistamos para a Nossa Causa, será em breve um instrumento útil contra a heterodoxia existente entre as criaturas da Terra; lutará com grande habilidade e bom êxito sem necessidade de milagres. Tal será melhor para os Meus filhos, a fim de não serem ainda mais algemados na alma, pelo julgamento! **Para os filhos do Alto os milagres constituem uma Graça; o mesmo não se dá com os filhos da Terra.**

9. Conscientes no coração de Quem Sou, as vossas almas continuam livres ao Me verem produzir as Obras de Deus. Os filhos do mundo serão por elas obrigados a crer, não mais possuindo pensamentos ou sentidos independentes. Quando trabalhados cientificamente por Floran, alcançarão certa luz intelectual que iluminará os degraus do templo do coração; uma vez lá penetrando, serão conquistados por toda a Eternidade! Todos vós em conjunto não sois tão inteligentes quanto Floran."

10. Destas Minhas Palavras o elogiado não se apercebe, porquanto Eu Me havia dirigido aos corações dos apóstolos. Por isso indaga o que deveria fazer. Eu lhe digo: "Vai e avisa os teus irmãos que em breve os procurarei!" Ele não diz nada, curva-se e vai depressa para perto dos outros.

### 153. FLORAN CONFABULA COM OS COLEGAS.

1. Quando alcança o grupo, Stahar indaga: “Então, estamos na pista certa?”

2. Responde Floran: “Inteiramente, não resta a mínima dúvida! Ele é homem como nós, porém, a Sua Natureza manifesta algo que apenas se pode sentir, mas nunca descrever. Quando fala, parece que toda a palavra tem valor eterno. Percebe-se que a repetição do “Assim seja!” faria surgir um mundo cheio de maravilhas!

3. Não pode ocultar a Sua Divindade, e se Dele me tivesse aproximado sem preparo prévio, de pronto dir-Lhe-ia: Não és uma criatura comum, em Teu Peito deve habitar a Plenitude do Espírito Divino! – O preparo, tão sabiamente dirigido, foi propício para que pudéssemos compreender com quem estamos a lidar. Ele prometeu-me não demorar, e tereis oportunidade de vos convencer das minhas palavras.

4. Agora também sei quem delatou a Cirénius a nossa atitude pouco louvável na cidade! O acaso – se é que existe – libertou-nos do velho jugo da ignorância, o que muito nos deve alegrar. O Templo ainda engendrará futuras estultices perniciosas, para cuja execução teríamos de prestar a nossa cooperação. Que venham! Serão informados da nossa cidadania romana, de tal forma que os fará estremecer!

5. Temos a nosso favor, primeiro, o Messias e um anjo do Céu, mais poderoso, segundo parece, que aquele que guiou o jovem Tobias; segundo, o Prefeito da Ásia e África, tio do actual Imperador de Roma. Se o inferno inteiro de Jerusalém nos desafiasse, tornar-nos-íamos vencedores, quais leões, que abatem a raposa mais astuciosa. Que me dizeis?”

6. Diz Stahar: “Nada, a não ser que estamos muito felizes! Também não mais temo quem quer que seja! É fácil e agradável lutar por Deus, pois o Seu Poder é uma muralha intransponível. Apenas desejava um esclarecimento: qual será o nosso futuro destino? Que te parece, Floran?”

7. Diz Ele: “Julgo que em tais circunstâncias não vale a pena perder um pensamento sequer com este problema. Estamos com Deus, portanto nada nos falta, temporária e eternamente! Tal pergunta foi fútil, irmão! De hoje em diante nada mais me preocupa no mundo, pois Aquele que aqui encontramos é, para mim, tudo em tudo! A Sua Vontade será o meu futuro; somente Ele sabe bem o que

somos e o que devemos fazer, a fim de nos tornarmos o que Ele deseja. Por isso toda a preocupação da nossa parte é tolice; somente quando nos disser: Faz isto ou aquilo! Então, devemos cuidar de pôr estritamente em execução o que a Sua Santa Vontade nos mandou que fizéssemos. Eis, Stahar, a minha opinião.

8. Agora, sosseguemos, pois vejo que o Senhor Se dirige para cá, em companhia de Cirénius. Urge que nos concentremos no coração, de contrário não suportaremos a Sua Presença. O anjo e uma menina, – por certo um ente celeste – também O seguem!”

9. Diz Stahar: “Ora, a menina não pode ser anjo; nunca houve e jamais haverá anjos femininos. A Escritura nunca os mencionou. Poderá ser filha de um rico judeu e, se a observares bem, verás ser ela muito inteligente; para tanto o seu olhar firme e expressivo é prova flagrante. O menino ao lado de Cirénius é certamente romano e, talvez, seu filho mais novo.”

10. Diz Floran: “Podes ter razão; porém, não concordo com a tua assertiva referente aos anjos. Evidentemente, não haverá diferença de sexo; todavia, deve haver a da índole, que corresponde ao tratamento de marido e mulher, na Terra. Analisa o anjo e confirmarás ser mais semelhante a uma moça que a um adolescente. Basta cobri-lo de vestes femininas, – e terás uma jovem linda à tua frente. Agora, chega de conversa! Já estão perto!”

#### **154. A CONFISSÃO DE FLORAN.**

1. De passos lentos alcançamos os cinquenta fariseus, que se curvam respeitosos. Mando, então, que fiquem erectos quais homens e eles obedecem. A seguir, indago: “Credes que sou Aquele, Predito por todos os profetas?”

2. Respondem-Me: “Senhor, nenhum de nós o duvida; mas, Tu O sendo, – como nos podes ainda perguntar, se conheces os nossos pensamentos mais ocultos, antes de os termos?”

3. Digo Eu: “Nenhum de vós deve, por tal razão, aborrecer-se Comigo; não se trata aqui daquilo que sei de toda Eternidade, senão da vossa externação. Não vos será possível compreender-Me antes que o vosso íntimo se tenha externado.

4. Sois capazes de ver-Me e ouvir-Me com os vossos sentidos; porém, o vosso coração não Me poderá ouvir e entender em Espírito e Verdade! Eis por que vos faço perguntas; a resposta que Me dão tem efeito para toda a vida e é completamente diversa daquela que

dais ao vosso semelhante! Por tal motivo, repito: credes indubitavelmente ser Eu Aquele, do Qual Moisés e todos os profetas predisseram? Falai sem receio o que pensais no coração.”

5. Diz Floran: “Senhor, compreendes melhor a nossa natureza do que nós. Tudo se passou de modo tão brusco! O sol artificial e o seu desaparecimento abrupto; as consequências ainda cobrem esta zona de fumo! O nosso prejuízo, - o destino das nossas famílias! Fugimos para cá e fomos presos e julgados! A seguir os milagres do anjo, - e agora, Tu Mesmo! E tudo isto no decorrer de dezoito horas. Tanto para mim quanto para os meus colegas parece um sonho! Jamais poderemos contestar os factos; todavia, são tão extraordinários que se tornam de difícil assimilação.

6. Não se pode abater uma árvore de um só golpe e a nossa compreensão não se fará de um momento para o outro; entretanto, esforçar-nos-emos por merecer tudo isto que, de certo modo, se deu por nossa causa! Não haverá criatura na Terra que possa assistir a coisas mais sublimes!

7. Assim, cremos convictamente Seres o Messias Prometido, não obstante a Tua Origem Simples. Os teus genitores terrenos são pobres: o teu pai, carpinteiro, e a origem da Tua Mãe nos é desconhecida; de sorte que é tanto mais extraordinário viesse o Salvador da Humanidade ao mundo em tal situação de pobreza, enquanto Lhe assistiam em Espírito todas as vantagens de um nascimento real.

8. Se tivesses nascido filho de uma imperatriz e realizasses tais milagres, não haveria povo que não Te adorasse! Vir, porém, como a Própria Divindade em forma humana e de modo tão desprezioso, - é algo que aborrecerá a muitos. Mormente aos hierosolimitanos orgulhosos e aos templários! Conhecemo-los bem: consideram apenas a si mesmos - o resto é desprezível!

9. Se fosses hoje a Jerusalém, Senhor, eles matar-Te-iam em três dias, caso não Te protegesses. Entre si, cada templário dedica ódio mortal ao colega; mas como a união lhes é útil na obtenção dos seus propósitos egoístas, suportam-se mutuamente sob a máscara da amizade.

10. Não há quem confie no outro, entretanto quando simulam um negócio, é-lhes exigida uma caução elevada para tal ajuda. Porém, se após realizá-lo, o intermediário vê possibilidade de outras tantas vantagens, desiste da caução e embolsa o lucro maior.

11. Haveria muita coisa para relatar, entre as criaturas, mas como és conhecedor de tudo, Senhor, cada palavra nesse sentido seria tolice. Afirmo, pois: cremos em Ti, porquanto era preciso que viesses, a fim de acabar para sempre com tais abusos.”

## 155. RECURSOS DE DEUS PARA SALVAR AS CRIATURAS.

1. Digo Eu: “Caro Floran, expuseste-Me a tua índole de modo mais completo do que exigira; todavia, tal não importa. Por certo, porei um término aos horrores em Jerusalém e noutras cidades; necessário é que haja maior número de pessoas da tua compreensão. Por ora muitas existem que, na sua grande cegueira, se acham presas ao Templo e aguardam todas a salvação e socorro nos seus átrios. Se tais ignorantes se vissem subitamente, desprovidos desta protecção, em absoluto o tomariam por uma bênção do Alto, mas sim, por um castigo horrendo, caindo num desespero furioso, que lhes traria consequências piores que as actuais. Até então fostes para o povo os representantes do Templo, os distribuidores da salvação, da qual os seus átrios se acham repletos.

2. Sabeis o que vos quero dizer com isto? Deveis demonstrar aos crentes, pouco a pouco e quando houver aceitação, de modo mais enfático, o que vem a ser o sinédrio e os seus servos! Ao mesmo tempo cabe-vos chamar a atenção sobre aquilo que vistes e ouvistes, o que fará desmoronar dentro da melhor ordem o seu sistema depravado e, finalmente, cair num completo descrédito, deixando de ser o que foi. **Em seu lugar surgirão os novos templos do Espírito de Deus, sobre os quais será construída a Nova Jerusalém, no Céu.** Naturalmente, tereis de iniciar esta boa tarefa de modo imperceptível; isto vos será tanto mais fácil porque sois cidadãos romanos, vendo-se impossibilitado o Templo de vos atacar, por proteger-vos a espada de Roma. Com isto já tendes uma missão que vos confio. Cumpri-a e vos garanto o prémio! Estais de acordo?”

3. Diz Stahar: “Senhor, assumiremos a nossa antiga posição em Cesareia Philippi, ou iremos para outras zonas?”

4. Respondo: “Continuareis aqui em Cesareia, sob a direcção do nosso hospedeiro Marcus, o qual receberá, de Mim e de Cirénio, poder sobre toda esta zona, aliás já de certo modo lhe foi conferido. Este distrito conta vários milhares de pessoas; quando tiverem

recebido a orientação devida, ela por si só se propagará. No entanto, será incumbência vossa a realização desta tarefa.”

5. Conjectura Stahar: “Senhor, estou de pleno acordo; acontece, que a cidade é um verdadeiro montão de escombros: não temos onde morar e a sinagoga foi uma das primeiras construções devoradas pelas chamas. Onde, ficaremos?”

6. Digo Eu: “Não vos preocupeis; se o quero, criarei num momento um mundo completo; quanto mais fácil não será a criação de uma cidadezinha! Aliás, Cirénus usará de meios – amparado pela Minha Graça – para a vossa estada, e os mencionados hóspedes estarão em breve aqui, o que facilitará as determinações adequadas.”

7. Stahar curva-se respeitoso e diz, a meia voz, em direcção de Floran: “Agrada-me ver o Onnipotente falar de modo tão humano; entretanto poderia destruir com um pensamento, tanto o sinédrio quanto a orgulhosa Jerusalém! Para que esta morosa destruição?”

8. Responde Floran: “Vê, amigo, tal se dá pelo motivo de ainda pertencermos ambos àquela raça de animais que está longe de entender a Ordem Divina. – Quando, na primavera, deparas com os frutos verdes e rijos, prontamente se manifesta o desejo de uma Onnipotência. Tens vontade de exclamar: Que assim seja, para que todos os frutos estejam maduros! O Criador Onnipotente, organizou tudo de modo diferente, como nos é demonstrado pela experiência de todos os anos. Deveríamos, neste caso, também indagar: “Ele bem conhece as necessidades dos homens; por que hesita no amadurecimento dos frutos?”

9. De modo idêntico a criatura passa ignorante quando criança, tornando-se pouco a pouco adulta, enquanto o pardal é semelhante aos pais no decorrer de duas semanas. A maior parte dos animais recebe, com o nascimento, educação suficiente para subsistir, – e o homem precisa de quase vinte anos para se iniciar no mundo. Ele, o senhor da Natureza, necessita de um período mais longo a fim de tornar-se aquilo a que foi destinado! Não poderíamos também indagar: Senhor, por que não cuidaste melhor do homem, Teu filho querido? Por que tem de esperar tanto tempo para alcançar tal destino?

10. Tudo isto se baseia na Ordem Divina, portanto temos de aceitá-la no assunto em apreço! A destruição repentina do Templo atiraria os ignorantes no maior desespero, – consequência pior, do que a actual mistificação dos seus servos!

11. Compreendo o sentido das Palavras do Senhor e admiro-me de que não o tenhas percebido, bem como Lhe indagado acerca do nosso futuro paradeiro. Não basta Ele determinar que devemos fazer isto ou aquilo? É sabido que, quem me dá trabalho, proverá o meu sustento. Se as próprias criaturas egoísticas agem desta forma, quanto mais não fará o Senhor de Céus e da Terra, sem que precisemos pedir-Lhe! – A tua atitude ainda se prende ao mundo, pois com a tua pergunta demonstraste incredulidade que terás de abandonar o mais depressa possível!”

## **156. ENSINAMENTO PARA TRABALHADORES NA VINHA DO SENHOR.**

1. Digo Eu a Floran: “Amigo! Recebestes estas palavras do teu espírito, que é do Alto! Se bem que Stahar também possua um, achase ele ainda adormecido, de sorte que a sua carne se pronuncia mais preponderante. **Cada criatura preocupa-se, antes de mais nada, com aquilo que lhe é mais afim.** Se nela se manifesta o espírito despertado, toda a sua preocupação se dirige para ele. Entretanto, quem vive de acordo com seu - “eu”, pensando e desejando dentro das suas tendências, considera mais próxima a sua carne, deixando a preocupação pelo espírito na retaguarda. Eis o estado das criaturas deste mundo.

2. Quando o nosso amigo Stahar conseguir despertar o espírito, tratará apenas daquilo que dele lhe vem. **A verdadeira preocupação pelo espírito consiste em que o vosso coração se compenetre do amor a Deus e do próximo.** Fácil é amar-se e lidar com pessoas boas e honestas; procurar os pecadores e levá-los ao bom caminho, – é obra que exige muita renúncia.

3. Se caminhares em companhia de uma prostituta ou adúltera, os homens te apontarão e aplicarão aquilo que não te trará honra mundana; porém, quando tiveres conseguido levá-la ao caminho da regeneração, receberás de Deus grande recompensa, cuja menor partícula tem mais valor que um mundo cheio de glórias fúteis.

4. **Quem reconduzir um perdido ao Meu Aprisco receberá paga maior que aquele que apascentar cem ovelhas num pasto cercado.** Manter um homem honesto dentro da honra e da virtude é trabalho fácil; elevar ao lugar de prestígio o desprezado por todos, e transformar o pecador empedernido em virtuoso, representa muito



mais! Apenas isto é por Mim considerado, – a outra tarefa só serve para preguiçosos!

5. Sou o Altíssimo e só procuro e aceito o desprezado e perdido aos olhos do mundo, pois os sãos não necessitam de médico. Se portanto quiserdes tornar-vos Meus discípulos e servos perfeitos, deveis ser em tudo o que Eu Sou.

6. Se virdes um cego num caminho inseguro não ireis ampará-lo, dizendo: Amigo, essa estrada é muito perigosa; deixa que te guie para que não caias no abismo? E se ele em vós confiar, acaso vos envergonhareis de guiá-lo? Por certo que não!

7. Um pecador é geralmente muito mais cego espiritualmente que o de cegueira física; portanto, quem se poderia envergonhar de ajudar um cego de espírito? Para o futuro não deve haver pecador, por mais empedernido que seja, que não se torne digno da vossa protecção!

8. Meditai sobre este ensinamento e andareis pelos caminhos claros da vida, o que vos facultará visão mais profunda das coisas! – Eis, porém, que se aproximam os navios com os nossos hóspedes, portadores de maiores conhecimentos!”

## 157. O NAVIO COM OS HÓSPEDES.

1. Marcus e os seus filhos também observam a chegada e, como bons práticos, correm à praia para ver se a sua ajuda é necessária. Cirénus e todos os gregos e romanos os acompanham. Os navios, porém, ainda se acham a uma hora de distância, o que torna impossível avistar-se os passageiros. Cirénus indaga a respeito dos amigos, e Eu digo-lhe: “Encontram-se a bordo! Tiveram de enfrentar vento contrário e a maré alta, o que os obrigou a atracar num porto do lado oposto. Eis o motivo do seu atraso. Como necessitariam de mais uma hora para aqui chegarem iremos socorrê-los.”

2. Diz Cirénus: “Senhor, não poderíamos mandar Raphael para ajuda idêntica à dada a Ouran?”

3. Respondo: “Isso não é preciso, pois não os ameaça nenhum perigo. Marcus e os seus darão conta da tarefa com estas embarcações de tamanho médio e em meia hora estarão aqui.” Insiste Cirénus: “Mas, Senhor, não irás fazer milagres no dia de hoje?”

4. Digo Eu: “Acaso não chegaste a ler no Livro de Moisés: No sétimo dia o Espírito Criador de Deus descansou, fazendo com que este se tornasse um sábado? – Portanto faço bem em manter certo repouso, pois trabalhei intensamente durante seis dias. Possuo, além disso, quantidade de servos que poderão agir em Meu Nome e Poder.”

5. Diz Cirénius: “Senhor, isto tem outra significação que não entendo.”

6. Digo Eu: “Bem, então indaga de qualquer um que serás elucidado. Não Me entrego a este curto repouso por Minha Causa, mas por vós, a fim de vos dar oportunidade de acção, – deste modo ajo também em vosso íntimo. Não o compreendes?”

7. Diz Cirénius: “Como não? E também imagino o porquê.”

8. Prossigo: “A vossa tarefa não é difícil, porquanto vo-la predisse hoje cedo. Pessoalmente não Farei nada antes do almoço; mais tarde, teremos ocasião para qualquer coisa. Se vos falo, no entanto, também não deixo de fazer algo. – Agora urge avisar Marcus que mande os filhos ao encontro da esquadra, enquanto ele próprio trata da refeição, pois os hóspedes estarão cansados e famintos, bem como todos os tripulantes.”

9. Em seguida faço um sinal a Marcus que entende a Minha Ordem e prontamente a executa. Nas tendas de Ouran também há grande movimento; pois Mathael, sua esposa e o Rei Ouran perceberam a chegada das embarcações. Haviam-se fixado nas tendas com a família de Hermes, pois precisavam mudar de roupas e ajudar Mathael a trajar-se com vestes reais, a fim de receber as visitas como novo dignitário.

10. Humilde, Ouran indaga de Mim: “Senhor, será que os ilustres hóspedes se acham a bordo?”

11. Respondo: “Que pergunta cortês! Em nossa presença não existem pessoas de posição alta ou baixa, mas apenas irmãos, de A até Z. **Se deixo que Me chamem de irmão e amigo, por que deveria haver entre vós, homens de diferentes classes?** Digo-te: Unicamente o Senhor é Onnipotente, – vós, porém, sois irmãos e servos de um só Senhor!

12. Julgas que os reis mereçam maior consideração da Minha parte que os seus serviçais? Absolutamente! Apenas o coração tem decisão a tomar: o rei deverá saber intimamente porque foi ungido, e o servo, o motivo da sua posição, de contrário estarão, aos Meus Olhos, no mesmo patamar evolutivo. Por isso, grava bem: Para Mim

não existem hóspedes ilustres, mas filhos e irmãos!” Satisfeito com esta admoestação, Ouran cala-se.

### 158. O PERIGO DO ORGULHO.

1. Quando junto de Mathael, Ouran diz: “Hoje não convém falar com o Senhor! Perguntei-Lhe com modéstia se os ilustres hóspedes estavam para chegar – e recebi em virtude desse adjectivo uma lição tão rude que jamais esquecerei! Ontem foi o Amor e a Simplicidade em Pessoa; hoje está completamente mudado e todo aquele que se Lhe aproximar será assim recebido! Não consigo entendê-Lo!”

2. Diz Mathael: “Eu entendo-O perfeitamente! Como poderias ter tido a ideia de indagar ao Senhor Omnipotente, tal absurdo? Que somos nós – e Quem é Ele? Perante nós é cheio de Amor e Humildade, – e nos atrevemos a falar-Lhe de pessoas importantes? Isto, meu caro sogro, foi demasiado forte! Ele não te poderia responder de modo diverso; e se me tivesses feito a mesma pergunta, não sei se não te responderia de maneira mais brusca! O Senhor sendo o mais Meigo entre todos, apenas chama a atenção de um erro para que o reconheçamos. Vai e penitencia-te, – que ouvirás outras palavras Suas!”

3. Diz Ouran: “Tens razão novamente; Se errei, tenho de corrigir-me!” Assim dizendo ele se aproxima de Mim e pede: “Senhor, perdoa-me a grande falta cometida – não por vontade – mas inspirada na minha velha tolice, o que, por certo, sabes!”

4. Digo Eu: **“Meu amigo, quem reconhece o seu erro e se corrige já terá sido perdoado para sempre, – e quando em seguida se volta para Mim, será remido duplamente! Quem, entretanto, reconhece a falta, mas a mantém em sua natureza, – não terá perdão, ainda que Me procure cem vezes!**

5. Afirmando-te: Quem de Mim se aproximar e disser: Senhor, Senhor, estará longe de ser Meu amigo! Sê-lo-á apenas aquele que fizer a Minha Vontade. E esta quer que não vos superestimeis, em virtude da posição social. Se bem que devais executar o vosso ofício fiel e justamente, – nunca deveis esquecer por um momento que os vossos inferiores são vossos semelhantes. O justo amor ao próximo isto vos ensina, através do sentimento que Me dedicam como filhos.

6. Quando seja preciso, deixai valer a consideração e a honra do vosso cargo, permanecendo, todavia, cheios de humildade e

amor, e o vosso julgamento sobre os irmãos desviados será sempre justo e dentro da Minha Ordem. Disse-te aquilo apenas para te demonstrar a Minha Ordem e Vontade, pois **aquele que não desistir do menor átomo de orgulho não receberá a Revelação do Meu Reino, onde somente penetrará depois de se haver despojado de todo orgulho!** – Vai, pois, e transmite isto a todos em que descobrires uma réstia de tal tendência!”

7. Novamente Ouran se curva, como é seu hábito, e volta para junto do seu grupo. Mathael, então, indaga como fora recebido e o grego diz: “O Senhor mostrou-Se misericordioso e fez-me ver a Verdade, a Ordem e a Justiça dentro da real humildade. Sinto-me agora mais feliz que antes.”

8. Acrescenta Mathael: “Realmente. Ele é Pai e Irmão na humildade verdadeira! A nossa incumbência é elevada perante milhares de irmãos, – todavia mui difícil em face da Onnipotência Divina! É preciso extremo cuidado para não nos deixarmos arrastar pela sublimidade da nossa tarefa; isto nos tornaria vaidosos e altivos, julgando-nos superiores aos outros, enquanto somos apenas destinados por Deus a servir ao próximo da melhor maneira.

9. Quem de nós se elevar será humilhado, conforme se tem visto com todos os reis da Judeia. Assim será até ao fim do mundo! É mui difícil andar em vestimenta dourada e recoberto de jóias e permanecer mais humilde no coração que qualquer súbdito! Somente a Graça e Misericórdia do Senhor poderão manter um soberano em sua pompa terrena, no equilíbrio da Ordem Celeste!”

10. Apoia Ouran: “Tens plena razão. Eis, porém, que se aproximam os navios da praia; vamos cumprimentar os recém-vindos!” Com isto todos se dirigem ao porto.

## **159. ALEGRIA COM A CHEGADA DOS AMIGOS.**

1. Ao desembarcarem, os viajantes logo Me descobrem e correm de braços abertos ao Meu encontro, chorando de alegria. Em seguida Cornelius cumprimenta o seu irmão Cirénus e diz: “Eis que nada me resta a não ser regozijar-me em vossa companhia!” Fausto, Kisjonah e Philopoldo não conseguem dizer nada de tanta emoção, e os próprios servos se admiram da Minha Presença. Cirénus, então, indaga de Cornelius, quando recebera a notícia do incêndio da cidade.

2. Responde Ele: “Não fui propriamente informado, mas o suspeitei. Ontem tivemos um dia espectacular: o eclipse total, que nos proporcionou por alguns instantes a noite densa; depois, quando se esperava pela escuridão natural, o Sol resolveu permanecer umas horas mais no horizonte, o que causou espanto indescritível entre judeus, gregos e romanos.

3. Se o actual chefe fariseu de Cafarnaum – ora grande amigo do velho Jairo – não fosse homem calmo e inteligente, bem como o seu vizinho de Nazaré, também estas duas cidades facilmente se teriam tornado presas do fogo. Assim, conseguiram acalmar a população, que aceitou as explicações dadas por eles. Os mais exaltados mandei prender e orientei-os, e hoje cedo dei-lhes a liberdade.

4. Após ter restabelecido a ordem em Cafarnaum e Fausto haver feito o mesmo em Nazaré, procurou-me, todo afobado: descobrira um clarão avermelhado no horizonte, supondo ter havido um imprevisto em Cafarnaum. Em lá chegando verificou que tudo estava em paz e deu-me notícia da sua observação. Eu e muitos servos o acompanhamos até um monte próximo onde se deparava distintamente um clarão enorme sem, contudo, ser possível localizá-lo. Só de manhã, quando o Sol permitia visão mais nítida, vi que o fumo se estendia sobre a zona de Cesareia Philippi e resolvi vir por mar até cá, em companhia de Fausto.

5. Já próximo do desembarque chegaram justamente Kisjonah e Philopoldo, confirmando a minha suspeita. A esta notícia, positivada pela revelação de Philopoldo, rápido embarcamos e durante a viagem comprovei o facto, e aflito procurei ver o que aqui se passava.

6. Agora, todavia, após este encontro imprevisto e abençoado pelo Senhor de toda a Glória, os Seus discípulos e contigo, – toda a aflição se dissipou! Jesus, meu melhor Amigo, Santo Mestre desde Eternidade! Agora não Te adianta a Omnipotência contra o meu grande amor para Contigo! Deves permitir que Te abrace muitas vezes! Em espírito já o fazia diariamente, – agora chegou a vez de fazê-lo em realidade!”

7. Com estas palavras Cornelius abraça-Me, efusivo, e cobre-Me a Face de beijos e lágrimas de alegria. Após ter satisfeito o ímpeto do seu nobre coração, solta-Me do seu peito e diz, comovido: “Senhor, Mestre, Deus e Criador do Infinito! Ordena o que Te possa fazer de bem, pois conheces o meu íntimo!”

8. Digo Eu: “Também tu sabes do Meu; faz, pois, em Meu Nome o que o teu sentimento diz, e terás feito tudo para benefício de ambos! Como Me impuseste, pelo sentimento afectivo, certo domínio até hoje por pessoa alguma exercido, – far-te-ei, em futuro próximo, também uma imposição após a Minha Elevação, pela qual nem tu, nem qualquer membro da tua família vereis e sentireis a morte física!

9. A demonstração amorosa da tua parte alegrou-me até ao âmago, pois Me conferiste algo que, desde a Eternidades até hoje não encontrei similar, – com excepção das criancinhas que mais rapidamente reconhecem o Pai que os adultos. Portanto, Deixa que Eu também te abrace!”

10. Diz Cornelius, chorando de alegria: “Senhor, Mestre e Deus, jamais merecerei tal Graça abençoada!”

11. Digo-lhe: “Pois bem, então dar-te-ei este mérito. Vem cá!” Ele aproxima-se, – e Eu abraço-o. Então começa a chorar e a soluçar copiosamente e muitos pensam que esteja a sentir-se mal. Dominando-se, diz: “Ficai calmos, pois nada me falta; pelo contrário, recebi demais e a alegria me soltou o pranto!”

12. Nisto aproxima-se Kisjonah e Me indaga, tristonho: “Senhor, por acaso lembras-Te de mim, e não me queres mal?”

13. Digo Eu: “Meu irmão, como podes formular tal pergunta? Amas-Me acima de tudo e Eu a ti da mesma forma, – que mais desejas? Não te recordas de Eu te haver dito, confidencialmente, que seríamos amigos e irmãos para sempre? O que afirmo vale para a Eternidade; se continuares conforme és, tal afirmativa terá a mesma duração para ti, e assim será! – Estás satisfeito?”

14. Diz Kisjonah: “Ó Senhor, estou plenamente satisfeito e venturoso por ouvir novamente uma Palavra Santa da Tua Boca Abençoada!”

15. Digo-lhe Eu: “Ainda hás-de ouvir de Mim muitas palavras! Observa, porém, os cinquenta fariseus e encontrarás alguns que tomaram parte no roubo em tuas terras.” Kisjonah, Cornelius e Fausto analisam-nos melhor, e o primeiro, de boa memória, logo descobre cinco que participaram do grande transporte nas montanhas, pelo que diz: “Que fazem aqui? Acaso são prisioneiros por terem talvez sido apanhados de novo em algum roubo?”

16. Digo Eu: “Nada disso! Vieram aqui em virtude do Sol artificial, e do incêndio que irrompeu, cabe-lhes a maior culpa. Porém, agora são nossos adeptos e cidadãos romanos. Já estou aqui

há uma semana, e isto, em virtude da boa pescaria, pois aqui se encontram os mais nobres peixes da Natureza e do espírito. Durante este tempo já conseguimos quantidade vultosa e importante!

17. Eis o grupo dos cinquenta como pesca de hoje, – e não há um falso sequer em seu meio; lá, outro grupo de trinta, todos sadios, – resultado de ontem! Naquela mesa se acham doze, perfeitamente sãos; perto das tendas mais cinco de qualidade especial, – todos também de ontem! – Diz-Me, não trabalhamos honestamente?”

18. Diz Kisjonah: “Realmente, se todos estes representam uma conquista, o Reino de Deus por Ti anunciado, tomou um avanço importante, em se tratando de sacerdotes dos quais os mais velhos dificilmente se modificam! Uma vez que se hajam regenerado serão mais persistentes. Além destes vejo o velho hospedeiro de Geneareth com uma das filhas; fazem parte dos que foram pescados?”

19. Respondo: “Por certo; mas isso já se havia dado na grande pescaria feita naquela cidade, e a menina é um dos peixinhos mais nobres! Ainda terás oportunidade de conhecê-la mais de perto o que te proporcionará grande satisfação. Em relação à mais pura sabedoria da alma e à pureza do coração haverá poucas iguais a ela. Eis o Meu Testemunho; desejas outro, mais convincente?”

20. Diz Kisjonah: “Ó Senhor, o Teu sobrepuja todos, e eu anseio por falar com esta menina!” Interrompe Fausto: “Mas, e aquelas tendas reais, o velho em vestes de rei, o jovem que ora palestra com aquela senhora, – também fazem parte da conquista para o Céu de todo Amor e Luz?”

21. Respondo: “Exactamente; é o Rei do Pontus. O seu reino é vasto e o povo é por ele sabiamente conduzido por leis benignas, mas severamente observadas. Não demorou e ele percebeu ser preciso conhecer a verdade e o Deus Único para alcançar a completa ventura dos súbditos. Assim, pôs-se a caminho do Sul, pois obtivera informação de que tal intuito apenas poderia ser realizado em Jerusalém. Nessa trajectória deu a esta enseada que esperava atravessar para aquela cidade. Porém, o eclipse ameaçou-o de grande perigo, do qual o Meu anjo o salvou. Ele e a sua filha conseguiram deste modo aqui chegar com uma pequena criadagem.

22. O jovem Rei foi anteriormente templário talentoso e enviado como missionário a correr mundo. Na fronteira entre a Judeia e Samaria ele e os seus quatro colegas caíram nas mãos de assaltantes e foram obrigados a seguir a mesma carreira. Submersos

na mais profunda tristeza e desespero, as suas almas se ocultaram na protecção do espírito, enquanto o físico se tornou posse activa dos piores demónios. Somente uma poderosa coorte conseguiu dominá-los. Assim escoltados e devidamente agrilhoados foram trazidos anteontem à noite. Pelas leis severas de Roma os esperava em Sidon o julgamento final.

23. Todavia, Eu percebendo a aflicção das suas almas, purifiquei a sua carne daquela influência diabólica – e agora podeis falar-lhe, a fim de conhecer a sua verdadeira índole. Mormente Mathael – vice-rei e esposo da filha de Ouran – merece toda consideração da parte dos seus semelhantes.

24. Ele é – à medida das possibilidades até então proporcionadas – completamente renascido em espírito, e ser-Me-á um instrumento hábil na conversão dos gentios do Norte. Num intercâmbio de ideias, conhecereis o seu espírito.”

25. Indaga Cornelius: “Senhor, quem é aquele jovem – não o Josué que conhecemos de Nazaré – e sim o outro, que ora palestra com a menina?”

26. Digo Eu: “É precisamente o anjo de quem vos falei, haver salvado o velho Rei e a sua filha. Há três semanas se acha entre os mortais e foi por Mim expressamente destacado como mentor de Yarah; entretanto, também está ao serviço de todos os Meus.”

27. Diz Philopoldo: “Como se chama o hospedeiro?”

28. Respondo: “Marcus, veterano de Roma, uma alma extremamente fiel e amante da Verdade. Tem ao todo seis filhos: dois homens e quatro moças simpáticas, uma esposa exemplar que apenas conhece a vontade do marido. Este foi o motivo que Me levou a hospedar-Me com esta família, antigamente mui pobre. Vereis agora como estas oito pessoas aprontarão um almoço para centenas, o que vos alegrará sobremaneira. Vede, o velho está a aproximar-se e nos anunciará o que acabo de dizer.”

## **160. AS PROFECIAS CONCERNENTES À ENCARNAÇÃO DO SENHOR.**

1. Realmente, mal Me calo, Marcus aborda-nos, a fim de saber se deve mandar servir o almoço, pois, já é a nona hora do dia (*três horas da tarde*). Digo-lhe Eu: “Pois não, os amigos já se acham aqui e tudo está em ordem.”



2. Neste momento Cornelius chama-o: “Então, velho companheiro de armas, não me reconheces? Não te recordas do tempo que passamos na Ilíria e Panónia? Era eu, naquela época, mais adolescente que guerreiro; desde então se passaram quarenta e cinco anos e hoje conto quase sessenta.”

3. Diz Marcus: “Nobre senhor, como não me haveria de lembrar? Foi preciso muito rigor para manter aqueles contendores dentro de uma ordem razoável. Às margens do Danúbio, perto de Vindóbona (*Viena/na Áustria*) as coisas não andavam boas, no início; alguns anos mais tarde a situação melhorou consideravelmente.

4. Os costumes e hábitos dos germanos eram bem rudes, e só com o tempo se conseguiu melhoria através de uma educação mais liberal. O vinho que cultivavam era fraco e ácido, entretanto nos acostumamos a bebê-lo.

5. Certa vez, durante a caça aos javalis em que havíamos abatido perto de quarenta, encontramos um sacerdote germânico, vidente, sentado à sombra de um carvalho. Falava um pouco o romano e nos disse, enquanto nos entretínhamos com um javali morto: Gravai bem, jovens destemidos! Na Ásia, no país além das águas, aguarda-vos algo de grandioso. Lá vereis o que jamais foi dado ao mortal vislumbrar. Aqui rege a morte que tudo abate como abatestes o poderoso javali com lança e espada. Porém, na Ásia, floresce a Vida – e quem lá estiver, jamais verá a morte!

6. Em seguida calou-se; insistimos para que nos explicasse o sentido das suas palavras. Ele, no entanto, nada mais disse. Assim, continuamos a nossa caçada. Vê, o velho germano profetizou e nós assistimos à concretização de tudo!”

7. Aduz Cornelius: “É verdade, agora me recordo desse personagem; falaremos depois a seu respeito.”

8. Enquanto Marcus arruma as travessas com ajuda dos servos de Cirénio e Julius, Cornelius diz-Me: “Senhor, que achas da predição do germano, feita há tanto tempo na Europa a mim e a Marcus, o qual conta dez anos mais que eu?”

9. Digo-lhe: **“Todos os povos, espalhados neste orbe, receberam uma que, igualmente foi dada ao primeiro habitante, trata de Mim e da Minha actual Descida para junto dos homens.** Os sacerdotes souberam abrir caminho, através de lendas e inspirações directas, até alcançarem uma percepção espiritual; às vezes, profetizavam em quadros tão bizarros que, finalmente, eles

mesmos não sabiam interpretar. Somente em estado de êxtase conseguiram esclarecer as suas visões passadas.

10. Tal facto deu-se com aquele germano: a exalção (*ou exaltação*) do carvalho, o medo das vossas armas proporcionaram-lhe tal estado, – e começou a profetizar. Voltando a si, nada sabia daquilo que havia dito e a vossa insistência não frutificou.

11. Eis o motivo de tais predições. Se quiserdes aceitá-lo, a feiticeira de Endor se achava em estado de vidência elevada quando Saul a forçou a conjurar o espírito de Samuel, embora estivesse ela geralmente em contacto com espíritos maus, proferindo, deste modo, apenas mentiras, astúcias e torpezas.

12. **Não existe criatura tão ignorante e má que não consiga pronunciar, em tempo oportuno, uma profecia certa;** entretanto, não pode ser considerada testemunha por que falou, apenas, é verídica uma só vez. De modo idêntico os oráculos de Dodona e Delfos proferiram muita coisa acertada; todavia, as verdadeiras eram seguidas por mil falsas.

13. Também não se pode negar que certos videntes e profetas fizessem até milagres; em compensação outros inventavam, pela sugestão de maus espíritos que activavam o seu intellecto mundano, quantidade de fantasmagorias; ludibriaram povos inteiros durante milénios e viveram folgadoamente até que foram impedidos nisso por videntes mais iluminados.

14. Essa tarefa, porém, não era fácil, pois um povo inculto não se deixa orientar por pouco, e os seus sacerdotes mistificadores ainda menos, porque com isso os seus privilégios mundanos correm perigo.

15. Todos vós tendes agora oportunidade de vos convencer da dificuldade que se Me depara, não obstante Eu usar de linguagem até hoje não usada por profeta algum, e os Meus Actos serem inéditos. Os Céus estão abertos, os anjos descem à Terra, servem-Me e dão testemunho de Mim, – entretanto existem até alguns discípulos que Me rodeiam e ouvem constantemente, cuja fé se assemelha a uma ventoinha e a um ramo frágil que o vento consegue dobrar em todas as direcções. Que não esperar das criaturas mundanas?

## 161. A EDUCACÇÃO DOS POVOS.

1. (O Senhor): “Através do Meu Verbo Omnipotente poderia num momento, transformá-las todas; porém, **onde ficaria a capacidade vital e a liberdade do espírito, apenas conseguidas pelo próprio esforço?** Portanto, vedes não ser fácil enfrentar os conceitos erróneos dos povos de modo eficaz, sem prejuízo do livre arbítrio e da sua determinação independente.

2. De igual modo também é impossível evitar que tais erros se criem; preciso é que se apresentem à parte espiritual da criatura (alma) a verdade e a mentira, o bem e o mal para a livre pesquisa, conhecimento e escolha, de contrário jamais chegará a meditar e a reflectir.

3. **Deve-se encontrar numa luta constante para não adormecer; a sua vida tem de buscar novas oportunidades para se exercitar, assim se mantendo e fortalecendo até conseguir a perfeição.**

4. Se Eu não permitisse a insuflação de enganos entre as criaturas e sim, apenas a verdade com os seus efeitos determinados e inteiramente necessários, elas se assemelhariam aos libertinos e dissolutos que só cuidam de satisfazer gula e intemperança.

5. Se provêssemos todas as pessoas das suas necessidades físicas, asseguro-te que em breve não mais haveria sacerdote, rei, soldado, cidadão, camponês, trabalhador e operário; para quem deveriam pôr-se em acção quando nada lhes faltasse? **A miséria é necessária, bem como a dor e o sofrimento moral, a fim de que o homem não sucumba no ócio.**

6. **Tudo isto leva-o à actividade constante, portanto seria nocivo evitar a infiltração de erros, bem como exterminar a sua divulgação.** As consequências dolorosas desses enganos são, finalmente, os meios adequados para o seu extermínio e a propagação da verdade.

7. **O homem necessita sentir profundamente, através de privações e misérias surgidas da mentira e da mistificação – a necessidade gritante da verdade;** começará, assim, a procurá-la com rigor, como fez o velho Ouran do Pontus. Só então a encontrará, aliás, dificilmente, podendo fazer dela uso eficaz. Se fosse descoberta tão fácil como o Sol no zénite, em breve não mais teria valor – e a Humanidade, para se distrair, seguiria a mentira qual andarilho à procura da sombra, que, quanto mais densa, tanto

melhor. O habitante deste planeta é como deve ser, a fim de se tornar homem, pelo que necessita de circunstâncias externas.

8. **A verdade plena e pura não pode ser dada por Mim de modo completo**, será apenas oculta em parábolas e quadros, a fim de que a criatura venha a desvendá-la. Falo somente convosco sem restrições; numa transmissão a outrem não deveis desvendá-la inteiramente – e terão oportunidade para a livre interpretação e atitude. A fim de que vós próprios não vos torneis mornos, ouvi:

9. **Muita coisa teria para vos dizer, mas por ora não a suportaríeis; quando o Espírito da Verdade vier sobre vós e os vossos filhos, conduzir-vos-á à plena verdade. Deste modo estareis, para esta Terra, na plena Luz e por ela recebereis a chave para as inúmeras verdades dos Céus, por cujas revelações futuras e mais profundas a vossa actividade aumentará ao Infinito!** – Eis que agora Marcus nos chama à mesa, – e isto não deixa de ser uma verdade que seguiremos.”

## **162. O ALMOÇO EM CONJUNTO, EM CASA DE MARCUS.**

1. Mal termino as Minhas Palavras, Cornelius abraça-Me e diz, comovido: “Somente Deus pode expressar-Se desta forma!”

2. Digo Eu: “Sim, dás-Me testemunho justo que te trará os melhores frutos! Não foram a tua carne e o teu sangue os inspiradores, e sim, o teu espírito que, tal como o Meu, é de Deus, motivo por que és Meu verdadeiro amigo e irmão. Agora, sigamos à chamada da carne, porquanto ainda temos corpo físico!” Todos nos encaminhamos para as mesas onde nos aguardam os melhores peixes, bem preparados.

3. À Minha direita se acha Cirénius, a seu lado Cornelius e à nossa frente Fausto, Kisjonah, Julius e Philopoldo. À Minha esquerda está Yarah, Raphael, Josué e Ebahl. A ala esquerda está ocupada pelos discípulos e a direita pela família real de Ouran com Mathael, Rob, Boz, Micha e Zahr.

4. Na outra mesa, paralela à Minha, assentam-se os cinquenta fariseus, Stahar e Floran no centro, de sorte que podem ver o Meu Semblante. Atrás se acham os trinta jovens levitas e templários; seus oradores Hebram e Risa com os rostos virados às Minhas Costas.

5. Por detrás dos Meus discípulos há outra mesa, menor, com o grupo dos doze, cuja direcção está com Suetal e Bael. Perto de

Ouran se acomodaram Hermes, o mensageiro de Cesareia Philippi, a sua esposa já bem vestida, as três filhas e uma enteada. Assim, todos que a Mim pertencem, se acham bem acomodados. A criadagem está sendo servida em mesa mais afastada, enquanto as várias centenas de soldados se provêm no acampamento, como de praxe romana.

6. Satisfeitos pela fartura de alimentos, todos Me louvam, pois as mesas estão repletas de peixe, pão, figos, pêras, maçãs, ameixas e mesmo, uvas; o vinho é servido com abundância e não há quem não sinta bom apetite; Marcus e os seus filhos se desdobram para que nada falte.

7. A bebida solta, pouco a pouco, as línguas, rompendo os recalques. Até os que Me estão mais próximos externam opiniões entusiásticas, e a própria Yarah não se contém em elogiar as uvas saborosas, se bem que extemporâneas.

8. Entre os discípulos excepcionalmente loquazes, Judas é o único silencioso; entretém-se com um bom peixe e o conteúdo de um grande cálice, de sorte que não tem tempo para palestrar. Por diversas vezes Tomé o toca; ele, porém, felizmente nada percebe, pois na certa, ter-se-ia externado de modo inconveniente.

9. Yarah só aguarda uma oportunidade para lançar uma indirecta a este discípulo que lhe é extremamente antipático; mas desta vez Judas não se deixa abalar em sua intemperança. Quando, finalmente, termina o grande peixe, faz menção de se servir de mais um. Raphael, no entanto, mais ligeiro, antecede-o. É natural que isto desperte a hilaridade de todos e a Minha Yarah não consegue conter uma gargalhada. Eis que indago da menina o que se passa.

10. E ela diz: “Ó Senhor, meu amor eterno, como Podes perguntar algo a uma criatura, cujo íntimo Te é mais conhecido que a forma externa deste cálice? Não percebeste como Judas escolheu o maior peixe – de cinco quilos – e o mais volumoso cálice? Além disto também fez desaparecer no estômago boa quantidade de pão. Não satisfeito, quis servir-se uma segunda vez, no que Raphael o impediu. Eis o motivo do meu riso.

11. Bem sei que não se deve rir, a não ser por amor e amabilidade; porém, este caso foi tão engraçado que mal me contive. Penso não ser errado a pessoa se alegrar com a intenção egoística frustrada de um glutão.”

12. Digo Eu: “Não é propriamente pecado; todavia, será melhor evitá-lo. Vê, quando se observa tal egoísta com certo rigor,

ele se contém e desiste da sua gula; ridicularizando-o, enraivecer-se-á, fazendo tudo para duplicar a sua intenção. Judas Iscariotes é avarento e ladrão, pois quem sempre procura enganar o próximo, também furta.

13. Vendo que as suas atitudes egocêntricas despertam o riso alheio, julga que lhes agrada a sua trapaça xistosa aplicando-a mais intensamente. Se, como já disse, se vê observado com seriedade por todos os lados, protela o seu intento, pois não se pode alimentar esperanças da sua completa regeneração. Todavia, convém impedi-lo sempre que possível; assim perderá mais e mais a sua coragem vergonhosa, deixando de praticar a maldade, - não por asco, mas por raiva. Eis por que é melhor a pessoa não se rir da frustrada trapaça do próximo.”

### 163. CONTRASTE ENTRE VONTADE E ACÇÃO.

1. Diz Yarah: “Senhor, estaria tudo muito bem se a pessoa tivesse a cada hora um ensinamento tão divino à mão! Acontece sermos criaturas mui cegas - mormente nos instantes mais precisos. - Quando mais necessitamos, a verdadeira sabedoria nos deixa no “mato sem cachorro”. Noutras ocasiões, estamos cheios de ideias e pensamentos elevados.

2. Nada dentro de mim me parece tão equilibrada como a vontade; entretanto, não convém louvá-la em demasia, pois que na maioria das vezes lhe falta a força para a execução. De vez em quando sou levada a uma boa acção e não a realizo, ou faço justamente o contrário. Não sei disto a causa, mas é um facto.

3. Jesus, meu amor, com a Tua Imensa Graça me foi dado lançar um olhar nas Tuas Criações Imensuráveis e sei, por isso, mais que todos os sábios desta Terra. Conheço o que jaz na profundidade dos Teus Céus, - por que não chego a conhecer-me a mim mesma?”

4. Digo Eu: **“Porque tu és uma criação muito mais extraordinária que todos os astros e mundos, em conjunto! No coração do homem repousa um Céu de maior deslumbramento que esse que ora avistas.”**

5. **Vê, toda matéria é um julgamento e um imperativo éneo! Podes pesquisar a sua consistência interna e externa; alguns farmacêuticos possuem até a ciência de desintegrar a matéria em seus elementos básicos. Tal saber chama-se a “química” que será mais e mais aperfeiçoada.**

6. **Deste modo poderás analisar tanto uma pedra como um mundo completo, em todos os aspectos.** Mathael é perito nessa ciência, e André, que foi adepto dos essênios, aprendeu-a no Egito. Ambos serão capazes de te explicar com muita precisão e habilidade a consistência de um planeta. **Todavia, contém a matéria algo que jamais poderá ser analisado por um químico, porquanto os seus elementos – que em si encerram causas espirituais – só poderão ser penetrados por um espírito puro.**

7. **Se os elementos já são portadores de segredos infinitos, – muito mais tal se dá com a alma e espírito humanos!** Esta ciência não se aprende pela química, por isso Eu, vim Pessoalmente ensinar às criaturas o que jamais teriam descoberto por si próprias.

8. Portanto, vês que foram as dificuldades como a tua que Me trouxeram do Céu, dando-te a noção ser possível não agires de acordo com a tua vontade, e sim, levada por motivos externos, desconhecidos, pois a exigência da carne determina não raro a tua atitude, contrária ao teu espírito. **A vontade não faz parte da alma que criou carne e sangue, deles absorvendo o alimento para a sua formação, – é parte integrante do amor, e do Meu Espírito dentro de vós, razão pela qual não sois apenas criaturas, mas Meus verdadeiros filhos, e governareis Comigo todo o Infinito. Para tanto necessitais, primeiro, de um completo renascimento espiritual, do contrário nada será conseguido. Compreendeste?"**

#### **164. O RENASCIMENTO.**

1. Diz Yarah: “Não inteiramente, pois não consigo perceber com clareza o que venha a ser o renascimento do espírito. Como deve ser interpretado?”

2. Digo Eu: “Isso ainda não podeis assimilar, pois falando de coisas terrenas não Me compreendeis inteiramente, – como poderíeis fazê-lo se trato de assuntos puramente celestes? Afirmo-vos, se começasse a discorrer sobre as coisas divinas, aborrecer-vos-íeis, dizendo: Este homem é doido, pois fala contrariando a razão e a Natureza! Como, pois, aceitar o seu testemunho?”

3. Eis por que compreenderéis o renascimento pelo Espírito e no espírito, apenas, quando Eu, como Filho dos homens e do homem, for elevado da Terra, qual Elias! Só então espargirei dos Céus o Meu Espírito pleno de verdade e força sobre todos os Meus, – e isto vos possibilitará o renascimento espiritual, trazendo-vos a

verdadeira compreensão. **Até lá ninguém poderá renascer completamente, no espírito, incluindo Adão, Moisés e os profetas.**

4. **Através da Minha Ascensão todos os nascidos nesta Terra, que demonstrarem boa vontade embora nem sempre ajam de acordo, – poderão alcançar esse estado.** Pois muitos existem, possuidores da melhor boa vontade para realizar algo de bom; faltam-lhes, porém, totalmente os meios, as forças externas e habilidades tão necessárias como os olhos para a visão. **Neste caso a boa vontade vale tanto, para Mim, como o acto realizado.**

5. Se porventura vês alguém cair num rio tens vontade de ajudar o infeliz, – embora sabendo que não és nadador; num ímpeto de socorro serias tragada pela água, junto com ele, por isso procuras alguém que possa salvá-lo. Assim, Minha filha, a boa vontade vale tanto quanto a própria acção – e isto em milhares de casos, onde aceito a intenção como se fora a obra.

6. Dar-te-ei outro exemplo. Sentes vontade de ajudar um pobre, embora não possuas os meios necessários; então, vais pedir aos ricos, implorando-lhes caridade para o teu tutelado. Porém, o egoísmo dos bem situados não permite que abram mão de algum dinheiro, e és obrigada a deixar o pobre seguir caminho. Triste e chorosa, apenas podes pedir a Deus que o favoreça. Eis outro caso em que a tua boa vontade é idêntica à acção.

7. Pessoas desta índole houve muitas, e ainda as haverá; todas elas tomarão parte do renascimento espiritual em suas almas! Assim, proporcionei-vos a todos a razão por que ainda não podeis compreender o que venha a ser o renascimento do espírito; somente quando tiverdes alcançado este grau, sabereis o porquê de não o assimilar anteriormente. Percebes o motivo que te impede a compreensão?”

8. Diz Yarah: “Sim, Senhor, meu único amor! Esclareces o assunto de forma tão clara como o Sol no zénite ilumina a Terra.” Em seguida ela promete não mais rir no futuro da acção tola do próximo.

## **165. CORNÉLIUS E YARAH.**

1. Entrementes, tanto Cornelius quanto Fausto e Philopoldo não se conformam com a inteligência da menina e o primeiro pede-me licença para se dirigir a Yarah. Naturalmente Eu a concedo, com



a recomendação de fazer perguntas inteligentes; todos à mesa, aguardam com alegria a predita controvérsia.

2. Quando, porém, quer iniciar a palestra, Cornelius procura um assunto propício, por saber que em nossa assembleia só se espera ouvir coisas profundas. Quanto mais reflecte maior dificuldade começa a sentir, pois não descobre um tema de real valor. Finalmente, vira-se para Mim e diz: “Julgava tal empreendimento bem mais fácil; quanto mais medito maior se torna difícil.”

3. Digo Eu: “Bem, se nada de extraordinário te ocorre, indague uma coisa qualquer.”

4. Responde ele: “Pois não, entretanto não é possível tocar em algo banal.”

5. Yarah, percebendo-lhe o embaraço, diz: “Caro amigo, permite que te faça a pergunta, pois as tenho às dúzias.” Diz ele: “Seria óptimo! Que acontecerá, porém, se não me for possível responder à altura?”

6. Responde ela: “Nada de mais! Eu mesma terei as respostas; tu farás o juízo! Para mim nada me impede de fazê-lo, e o Senhor, como meu eterno amor, não me impõe restrições, porquanto entre a Sua Sabedoria Infinita e a nossa, limitada, não há possibilidade de comparação.

7. Coisa alguma altera as nossas reacções para com Ele, se falarmos mais ou menos inteligentemente; nada somos ao Seu lado, e se algo existe dentro de nós de real valor, – é Ele Mesmo em nossos corações pela Sua Graça.

8. A esta mesa estão alguns que me impõem o máximo respeito e não convém desafiá-los. Sei de muita coisa que, até então, além do Senhor e Raphael não há mais quem a saiba, porquanto lhe faltam as experiências. Porém, de que me adianta o conhecimento sideral, quando sou estranha na Terra?”

9. Diz Cornelius: “A quem, em nossa companhia, dedicas tanto respeito?”

10. Responde Yarah: “A Mathael, o Vice-rei do Pontus. Creio que a cem perguntas suas, não poderia responder uma sequer.”

11. Intervém este: “Ó filhinha, tornaste-te de repente tão modesta! Em absoluto ser-me-ia possível confundir-te, pois conheço a tua penetrante perspicácia. Se o próprio Raphael já se precave, quanto mais nós! E o nobre Cornelius faz bem em acautelar-se contigo: és uma rara excepção do teu sexo. Não sou inculto, no

entanto, não haveria de querer arriscar um desafio intelectual com o teu saber. Deixar-me ensinar por ti – seria grande satisfação!”

12. Diz Yarah: “Eis o que acontece quando uma menina possui alguns conhecimentos: ninguém se atreve a falar-lhe! Quase seria preferível ter menos cultura – e não me tornaria desagradável para os amigos inteligentes. Que farei? Não posso saber menos que sei, por não ser possível enfraquecer a Luz do meu coração. Esta Luz aumenta o meu amor para com o Pai mais Santo de todos os pais! Se pudesse abrandar este meu único amor, prontamente me tornaria louca! O conhecimento que me vem deste sentir não é meu, e sim do Senhor dentro do meu coração, o que, em absoluto, poderá impor uma barreira entre mim e o meu semelhante. Por isso, Cornelius e Mathael, podereis falar-me.”

13. Diz o primeiro: “Como não? Todavia é difícil palestrar contigo por conteres tamanho saber em tua alma. És muito querida e amorosa; perguntar-te algo e pedir-te que externes um problema – seria arriscar muito! Além disto possuo certo grau de presunção e nada mais me é tão vergonhoso que ver a descoberto essa fraqueza. Fui educado assim e será difícil livrar-me desta tendência. Peço-te agora um pouco de paciência para que possa perguntar-te algo de valor.”

## **166. O PROBLEMA.**

1. Yarah cala-se, aguardando que Cornelius lhe dirija a palavra. Ele, por sua vez, revista a memória sem achar algo de apreciável. Por fim, alguma coisa lhe ocorre e ele começa: “Bem, diz-me o que vem a ser o Sol, pois irradia luz e calor tão intensos sobre a Terra, e também o que vem a ser os seus elementos. Recompensarei regamente os teus possíveis esclarecimentos.”

2. Diz ela, meio irónica: “Nobre senhor, deste modo se procura tirar de um lago os peixes deteriorados que o infestam! Compreendes, senhor capitão Cornelius? Se possuíres tesouros supérfluos terás oportunidade de socorrer os pobres desta cidade. Porém, eu não necessito de recompensas da Terra, pois tenho o amor divino, que representa o único e mais elevado prémio!

3. Responderei à tua pergunta, porquanto não devo resposta a quem quer que seja. Um pagamento material seria um dos maiores pecados, primeiro por tirá-lo dos pobres, segundo por impedir que fizesses algo verdadeiramente bom, em virtude de ser eu mesma

possuidora de tesouros imensos, que não serias capaz de pagar com todo o Império. Eu, no entanto, necessito deles tão pouco como da tua oferta.

4. Não julgues que esteja externando tendência orgulhosa, mas sim, a verdade pura e inofensiva; se alimentasse uma partícula de orgulho não estaria ao lado do Senhor e Mestre! A tentativa não te saiu bem, caro Cornelius!

5. Criaturas como eu, que possuem uma graça, embora imerecida, devemos ser julgadas e tratadas por pessoas mundanas de modo diferente. Pensavas que eu, garota de quatorze anos, fosse tão vaidosa como as outras, devendo sentir satisfação enorme em me trajar com vestes de princesa; tal vaidade dista tanto de mim como a menor estrela, da Terra! Assim, desiste da tua oferenda, de contrário não te responderei.”

6. Diz Cornelius: “Pois bem, faz como o desejas; aguardo o teu ensinamento.”

7. A menina concentra-se e diz: “Desejas desvendar os segredos do Sol, a causa da sua luz e calor intensos, bem como dos seus elementos. Bem, poder-te-ia responder de modo completo; de que te adiantaria? Poderias crer como o cego, a quem se afirma uma flor ser vermelha. Teria ele meios de certificar-se disso? Nesta vida, dificilmente, e no Além, a alma liberta pouco ligará a tal afirmação. Lá será capaz de abarcar de um só golpe muito mais do que aquilo que aprendeu em vida, durante cinquenta anos.”

8. Confirma Cornelius: “Realmente, tens razão. Jamais poderei comprovar as tuas afirmações sobre o Sol. Porém, sabendo-te incapaz de proferir uma mentira, porquanto o teu saber se origina no Senhor, – aceitarei tudo que me disseres como plena verdade.” Diz ela: “Veremos se não irás dar de ombros! Ouve-me, pois!

## 167. O SOL NATURAL.

1. (Yarah): “O Sol é tanto quanto a nossa Terra completamente habitado, apenas diverge em tamanho, pois é mais de um milhão de vezes maior. A luz que emana daquele planeta imenso, deriva da atmosfera que o envolve. A sua superfície mui lisa acha-se num constante atrito com o éter, produzindo quantidade incalculável de fortes coriscos (*relâmpagos*) e assimilando, ao mesmo tempo, em seu espelho esférico, a luz de eões de sóis, que projecta em todas as direcções. Através desta

**iluminação solar a Terra e os demais planetas recebem luz e calor.** Esta, porém, não se faz pela luz; é produzido lá onde caem os seus raios.

2. A luz tem a sua origem distante, o calor, no entanto, é gerado aqui, em virtude da grande actividade a que são levados certos elementos do ar, da água e do solo (*elementos atómicos*). Precisamente essa actividade dá causa à tepidez, que atinge o máximo calor pela acentuada acção desses elementos. À medida que a luz é levada ao Infinito, a calidez aumenta.

3. Certamente, perguntar-me-ás: Quem poderia habitar o Sol, nessas condições? Se lá a luz é tão forte, o calor não será menos! – Tal, porém, não se dá. **No centro do mundo solar, propriamente dito, não penetra nem a milionésima parte do potencial luminoso do Sol, de sorte que nos seus continentes, a luz e o calor não divergem muito dos da Terra, permitindo às criaturas de Deus, lá se manterem muito bem. Apenas não existe noite porquanto no Sol tudo se encontra em luz própria e indestrutível.**

4. Se bem que os seus habitantes desconheçam a noite, – podem perfeitamente localizar as estrelas e os astros que giram em torno da Terra. Esse fenómeno é causado pela atmosfera rarefeita que o envolve numa espessura de mil e duzentas horas, a qual somente em determinada época é turvada por nuvens densas. Extinta essa turvação, fácil é observar tudo aquilo que gira em torno do Sol.

5. Ele efectua a rotação no decorrer de vinte e nove dias, podendo os seus habitantes, para mim os mais sábios e belos, deste modo observar o Céu estrelado, mormente os da esfera central. **Os seres dos outros anéis correspondem aos demais planetas.**

6. Quanto à organização interna desse imenso mundo solar, tenho a intuição de que é constituído por vários sóis – uns dentro dos outros – e separados numa distância de duas, três a quatro mil horas. Essa distância está sujeita a variações, porquanto os sóis internos muitas vezes se dilatam para, depois, voltarem ao estado normal. Os espaços entre uns e outros são cheios de água ou oxigénio. – Ignoro a causa disto tudo. Se desejares maiores esclarecimentos deves dirigir-te ao Senhor e Mestre, que se encontra ao meu lado.”

7. Responde Cornelius: “Agradeço-te, menina adorável, pela explicação dada e que aceito desde o Alfa ao Ómega, pois não encontro nela algo de irrazoável. Mas, qual não será a distância do

Sol para a Terra, porquanto, apesar de tão imenso, parece tão pequenino?”

8. Diz Yarah: “Por ora, não existe cálculo neste sentido; os egípcios o possuíam e os seus descendentes na Europa inventarão um novo. Contudo posso afirmar-te: a flecha que fosse daqui projectada com a máxima força levaria vinte anos para lá chegar.

9. Podes fazer o cálculo: mede o tempo que uma flecha leva para alcançar mil passos e verificarás necessitar ela de dois instantes. Uma hora possui mil e oitocentos instantes duplicados; um dia contém vinte e quatro horas e um ano, trezentos e sessenta e cinco dias. Ciente disto e sabendo contar, terás a distância do Sol até nós. Não te posso informar mais nada além disto, pois faltam-me medida e número suficientes. Calcula quarenta vezes um milhão de horas e terás, aproximadamente, o cálculo desejado.”

10. Cornelius arregala os olhos e diz: “Quem teria imaginado tal capacidade nesta menina? Ultrapassa o próprio Euclides! Senhor, diz-me Tu, se devo aceitar as suas afirmações. Tenho a impressão de serem acertadas.”

## 168. AS DUAS FONTES DO CONHECIMENTO.

1. Digo Eu: “Não são propriamente um Evangelho, mas não deixam de ser verdades que, com o tempo, trarão o seu benefício para a cura da superstição, pois neste terreno não existe esfera mais propícia que o Céu estelar. Por enquanto não é chegado o momento de proporcionar ao homem uma orientação completa; trata-se, antes de mais nada, de transformar as larvas humanas em reais criaturas.

2. Isto só pode ser conseguido pelo conhecimento que vão tendo de si mesmas e consequentemente de Deus, amando-O acima de tudo e com toda a força das suas almas. Uma vez firmadas neste princípio e capazes de receber o Espírito Divino, estarão aptas à aceitação das verdades ocultas e compreendê-las. Se fosse o cérebro humano abarrotado de tais revelações, não seria capaz de as assimilar, podendo o homem até enlouquecer.

3. Por isso é preciso considerar o seguinte princípio: é imperioso aos homens tornarem-se verdadeiras criaturas antes de lhes ser ministrada qualquer ciência, pois que se lhes tornaria prejudicial. Todas as ciências entretêm o intelecto localizado no cérebro. O coração, como base vital, continua desajeitado, rude e selvagem qual fera, e pode até praticar maldades com auxílio da

ciência. **Num coração ateu o saber é um fanal para toda a sorte de atrocidades.**

4. Por isso, Meus amigos e irmãos, tratai primeiro da verdadeira luz vital para os corações dos ignorantes, fazei com que o intelecto psíquico seja iluminado, – e toda a sabedoria se tornará uma bênção divina!

5. **Não deixa de ser apreciável vasto conhecimento, pois permite aconselhar a muitos; porém, é melhor um coração amoroso e sincero.** O amor anima e vivifica, enquanto a ciência apenas corresponde temporariamente às expectativas, para depois se entregar ao ócio.

6. Nesta época, a ciência poderia ser de alguma utilidade à criatura, entretanto, prejudicá-la-ia no despertar do espírito. Se o conhecimento surge pela luz espiritual como acréscimo justo, já se torna pleno do sentimento vital, que, como a luz solar, não somente ilumina, mas vivifica e produz.

7. Crede-Me: **os inúmeros milagres que giram no Espaço Infinito encontram-se ocultos no espírito de cada um.** Tratai, pois, que ele seja completamente despertado e sereis capazes de ver e sentir em vós mesmos, com a máxima clareza, o que jamais alguém viu e sentiu.

8. Aqueles que em Mim, o Filho do homem, reconhecem e amam a Deus, já desfrutarão em vida inúmeras felicidades, de cujas maravilhas até então o sentido humano não se apercebeu. Pelo caminho da ciência jamais alguém o conseguirá! Compreendes isto, Cornelius?”

## 169. O FUTURO DA REVELAÇÃO DIVINA.

1. Diz Cornelius: “Senhor, as Tuas Palavras contêm uma plenitude de verdades, até então inéditas dentro da vida humana; pois se já houvessem sido externadas, certamente alguns as teriam aceitado e praticado, não passando o efeito despercebido.

2. Assim, merecem Sócrates, Plotino e Phrygius toda a nossa admiração como espíritos elevados, bem como vários intelectuais de Roma que descobriram a pista do Deus Único e Verdadeiro, através de um esforço heróico na luta contra as leis politeístas.

3. Platão já afirmou que o Deus Único, embora desconhecido, deveria ser o amor. Quanto mais sobre Ele meditava mais calor sentia no seu coração; percebendo que tal agradável fenómeno

aumentava e o médico lhe dizia que era doença, o sábio se rira, afirmando: “Se isto é moléstia desejo que se agrave, pois é-me incomparavelmente mais agradável que a saúde tão louvada por ti.” E Platão continuava a amar cada vez mais o Grande Deus Desconhecido, contando que, em momentos de êxtase, chegou a vê-Lo como se a Ele se houvesse integrado, sentindo uma felicidade indescritível.

4. Factos idênticos foram também relatados por outros sábios; os seus ensinamentos por certo teriam trazido grandes benefícios às criaturas, se na divulgação os tais servos de Deus não se lhes houvessem anteposto com toda a sorte de atrocidades.

5. Sempre foi assim e, certamente, perdurará tal estado de coisas, impedindo que a verdade pura jamais encontre aceitação geral; os seus sacerdotes, levados por interesses egoístas, interceptam-na, ocultando-a num labirinto e desviando o caminho recto num sem número de atalhos, que circundados de muralhas tenebrosas, jamais permitem ao pesquisador encontrar o centro da verdade.

6. Senhor, a Tua Própria Doutrina não terá futuro diverso, desde que um sacerdote nela se venha a sobressair! Não resta dúvida de que os doutrinadores são indispensáveis, mas entre dez certamente se encontra um perverso que contaminará os colegas, - e adeus, verdade!

7. Moisés, o sábio do Cairo (*Egipto*), adoptado desde criança pela filha do Faraó, e iniciado em todas as ciências, gravou a Verdade Divina em quadros de pedra que mandou transmitir ao povo, com a recomendação de seguir os Mandamentos, sob risco de castigos severos. Ainda não se passaram mil anos - e qual o efeito de todo esse esforço? Além do seu nome - nada mais há a registar! Onde está a Arca da União, tão milagrosa e vivificadora? Onde estão as pedras usadas pelo profeta que deveriam durar por eternidades? Os seus sucessores as destruíram em virtude dos seus próprios interesses!

8. Por isso afirmo, sem ser profeta: a Tua Doutrina terá o mesmo destino se a entregares nas mãos dos homens. Daqui a mil anos estará terrivelmente deturpada e as criaturas terão de procurar a verdade em plena luz do dia, sem encontrá-la, qual Diógenes.

9. Persistirá ocultamente nos corações de alguns; a maioria, porém, apenas lhe conhecerá o nome e as cerimónias, factores que se nos deparam com os próprios filhos de Abraão. Quem, hoje em dia,

entende algo do espírito contido nas Leis moisaicas? Reafirmo: os homens sempre foram e continuarão os mesmos, com poucas exceções.

10. Sempre se entusiasma pelas novidades; uma vez que a elas se habituem, as coisas mais elevadas tornam-se corriqueiras, sem valor e de pouco interesse! Talvez que para serem animados preciso seja que se lhes ministre a doutrina com matizes variadas que não prejudiquem a boa causa; de contrário a Humanidade criará, por enfado, novamente um bezerro de ouro, e dançará alegremente em torno de seu ídolo.

11. Assim, até se devem desculpar certos sacerdotes por venderem ao povo lantejoulas ao invés da verdadeira jóia, pois quando a avalanche das trevas se torna por demais poderosa, não mais é possível à criatura lutar contra ela, ficando até o sacerdote bem-intencionado e possuidor de pequena luz verdadeira, obrigado a agir desse modo, caso não queira sucumbir. Senhor, não seria possível curar a Humanidade desse mal? Não vejo razão por que deva perecer constantemente!”

## **170. A DIGNIDADE DO LIVRE ARBÍTRIO.**

1. Digo Eu: “Meu caríssimo amigo! Eis o factor de maior necessidade para o planeta cujos habitantes são destinados a se tornarem verdadeiros filhos de Deus, por si próprios! A menor restrição espiritual por Mim imposta à livre vontade destruiria esta Minha Intenção!

2. Eis por que é permitido o livre desenvolvimento nesta Terra, a integração em todos os vícios imagináveis, até aos mais profundos infernos, bem como a aceitação das máximas virtudes que ultrapassem os Céus, – de contrário, nada feito com a formação dos filhos de Deus neste orbe destinado a tal fim.

3. Nisto se baseia o motivo oculto pelo qual até a mais sublime Doutrina de Deus pode ser atirada ao lodo! Ninguém poderá afirmar que ela contenha algo de anormal, injusto ou inadmissível; entretanto, apresentar-se-ão com o tempo tais asperezas e dificuldades, que impossibilitam a sua plena execução.

4. Num zelo exagerado até se abaterão centenas de milhares, de modo mais horrendo que o fazem às bestas selvagens, defendendo a opinião de se haver realizado serviço agradável a Deus.



5. **Eu Mesmo terei de Me deixar prender pelas criaturas, e até matar, - se o quiserem - a fim de lhes facultar a máxima liberdade de acção.** Só através desta independência os habitantes da Terra terão a capacidade de se elevarem a filhos verdadeiros, semelhantes ao Pai, isto é, a semideuses.

6. Assim como Eu Próprio sou Deus apenas pela Minha Força de Vontade irrestrita, de Eternidades em Eternidades, - também vos deveis tornar filhos do Meu Amor! A fim de consegui-lo preciso é a educação espiritual que, absolutamente, é do teu agrado. Reflecte e verificarás não ser possível de modo diverso. **Para que consiga alcançar a máxima perfeição, forçoso é que a criatura passe pelo mais ínfimo grau do pecado!**"

7. Diz Cornelius, após ter reflectido um pouco: "Senhor, está-se fazendo pequena luz no meu peito; entretanto, ainda existem algumas nuvens que impedem a penetração da luz completa. Certos momentos há, em que compreendo as coisas tão profundamente que não resta a menor dúvida. Todavia não posso afirmar que esteja plenamente equilibrado na esfera da verdade. Ó Senhor, poderias depositar claridade mais intensa em meu coração?"

8. Digo Eu: "Como não? Acontece, porém, que isto não seria obra tua, e sim Minha, portanto algo de heterogéneo dentro de ti. Não necessarias procurar, pedir e bater em portas alheias.

9. **Quero, - e tenho de querê-lo - que cada criatura evolua no caminho por Mim traçado, conquistando pelo próprio esforço e sacrifício aquilo de que necessita aqui e no Além;** de outro modo, jamais se tornaria independente. A independência plena é um dos factores mais indispensáveis para a máxima bem-aventurança.

10. Vê a situação de um servo imperial: possui quase tudo que o seu senhor e come e bebe as mesmas iguarias. Acompanha-o em seus passeios, usufruindo as mesmas vantagens. Todavia, a felicidade de ambos é diversa. Muitas vezes o criado conjectura: Tenho um patrão que nada de injusto me exige, sou bem tratado e considerado. No entanto, se eu me excedesse, poderia alegar: Tratei-te como filho e exigi-te um serviço leve e justo; tu, porém, querias ultrapassar-me e começaste a fazer de senhor; por isso não mais necessito de ti. Deixa a minha casa! - Então teria de abandonar o meu emprego e tornar-me mendigo, enquanto ele continuaria senhor das suas posses.

11. Tal pensamento, Meu amigo, turva muitas vezes a felicidade do criado. O patrão é realmente feliz, pois ainda que ame

o fiel empregado não precisa temer que este o abandone, porquanto com facilidade arranjará outros. Continua sendo dono independente das suas terras e tesouros. A sua felicidade não pode ser turvada, enquanto a do servo, ocasional, corre perigo a cada momento.

12. O mesmo se dá aqui. Enquanto for preciso que Eu, o Senhor de toda Vida e Luz, vos transmita constantemente o conhecimento e a compreensão, sois apenas meus servos, pois poderei manter-vos na Luz e Vida o tempo que Me aprouver. De onde haveríeis de querer buscá-las? Não desperta em ti forte temor apenas o pensamento desta possibilidade? Enquanto ainda houver na alma qualquer receio, medo ou pavor, - impossível é à criatura falar em bem-aventurança!

### 171. INCLINAÇÃO E DESTINO DO HOMEM.

1. (O Senhor): “Justamente por este motivo Eu, vim Pessoalmente a esta Terra, destinada a gerar os Meus verdadeiros filhos, e para vos libertar dos elos da necessidade criadora e vos demonstrar o caminho da real liberdade da vida, através da Palavra e da Acção, aplainando-o pelo Meu exemplo. Unicamente por esta estrada será possível entrar na Glória imensurável do Meu Deus, e vosso Pai!

2. **Como Homem sou vosso semelhante; dentro de Mim, no entanto, habita a Plenitude Original da Glória Divina do Pai, que em Si é o Amor Puro.** Não vos digo isto como Homem, pois o Verbo que vos dirijo é o Verbo do Pai dentro de Mim e que Eu bem Conheço, enquanto isso não se dá convosco. Se O conhecessem, a Minha Missão seria inútil. Justamente, por nunca O terdes reconhecido, Eu vim Pessoalmente para vo-Lo mostrar e apresentar.

3. **É da Vontade do Pai que todos que crêem em Mim, o Filho do homem por Ele enviado, possuam a Vida Eterna e a Glória de Deus, a fim de se tornarem verdadeiros filhos do Altíssimo e permanecerem como tais para sempre.**

4. **Para que isso seja possível Céu e inferno devem habitar debaixo de um só tecto. Sem luta não haverá vitória!** Existindo oportunidade de alcançar o máximo, mister se torna fazer uso da maior actividade; para atingir um extremo, é preciso desprender-se do pólo oposto.

5. Porém, como imaginar qualquer extremo sublime sem o pólo contrário? Acaso algum de vós seria capaz de imaginar montanhas sem os vales que as separam? Não são os cumes calculados pela profundidade dos baixios? Portanto, devem existir vales mui profundos – e quem neles habita terá de lutar com muitas dificuldades para alcançar os picos, onde descortinará um panorama deslumbrante. Se não houvesse vales também não haveria montanhas e pessoa alguma poderia galgar as alturas.

6. Esta comparação não deixa de ser material, entretanto, contém uma similar e correspondente da imensa realidade espiritual e para quem possa e queira reflectir esta se apresentará sempre poderosa.

7. Na esfera espiritual, sois convocados e escolhidos para alcançar o mais sublime, – portanto também deve haver o mais ínfimo. Recebestes a vontade libérrima e a força de vencer a baixeza dentro de vós, através da Omnipotência Divina contida no espírito. Vê, Meu caro Cornelius, assim andam as coisas e condições de vida sobre a Terra, porque não podem ser diferentes. Espero que não apresentes outra indagação a respeito!

**8. Poder-te-ia levar, em espírito, a outros planetas onde encontrarias tudo tão perfeito como as obras realizadas pelos animais; que lhes adianta tal monótona perfeição? Satisfaz unicamente as suas necessidades restritas e fastidiosas. Passando disto não vês uma variedade sequer.**

9. Seria possível educar filhos de Deus nessas condições de vida? **Em vós, criaturas, repousam possibilidades infinitas, apenas não desenvolvidas.** Por isso a criança recém-nascida é tão desabrigada e muito mais atrasada que qualquer animal nessas condições. Precisamente por ser tão fraca, completamente inconsciente como um receptáculo vazio, – pode galgar a máxima consciência divina e tornar-se apta à perfeição.

10. Guardai bem o que vos acabo de falar e agi assim que alcançareis, infalivelmente, aquilo para que fostes convocados e escolhidos para todo o sempre! Diz-Me, amigo Cornelius, que pensas a respeito da Terra, e das suas criaturas em luz e trevas?”

## 172. CORNÉLIUS RECORDA O NASCIMENTO DO SALVADOR.

1. Depois de meditar um pouco o romano diz: “Senhor, realmente é assim mesmo! Porém, persisto na afirmação de que jamais seria merecedor da Tua Presença em minha casa. És Aquele de Quem David, o grande Rei dos judeus, cujos salmos li quando menino, predisse: “Levantai, ó portas, as vossas cabeças para que possa entrar o Rei da Glória! Quem é o Rei da Glória? O Senhor Zebaoth!

2. Como já disse, sabia disto desde a minha infância e, coisa extraordinária: fui testemunha do Teu Nascimento em Belém, onde mostrei aos teus pais terrenos um meio de fuga à perseguição cruel do velho Herodes.

3. Contava eu naquela época vinte e cinco anos. Hoje tenho mais de cinquenta, tendo nestes trinta anos passado por muitas vicissitudes; entretanto, as palavras de David e o Teu Nascimento com todas as aparições milagrosas, perduram vivos na minha alma como se fosse hoje.

4. Mentalmente, repeti sempre o salmo em Belém e quando curaste o meu servo, tendo ainda a grande Graça do Teu Encontro posterior! Agora também testemunho que Tu, unicamente, És o Grande Eterno Rei da Glória! E se não fosses o Rei Zebaoth, - como poderias expressar-Te como há pouco?

5. Se ao menos pudesse gravar na memória as Tuas Palavras Santificadas! Essa capacidade sempre foi o meu desejo, mas guardo-lhes apenas o sentido. Os Teus Ensinamentos ultrapassam todas as concepções humanas e, embora as entenda, perduram somente como um sonho nítido; terei dificuldade de repeti-los em casa.”

6. Digo Eu: “Ora, nada mais fácil que isso, pois temos o anjo Raphael. Faz-lhe entrega de alguns papiros que prontamente anotará todo o Meu Discurso, aliás de grande importância.”

7. Com enorme satisfação Cornelius manda trazer os papiros, a tinta e uma caneta dourada. Levemente o anjo toca os papéis com a pena - e no mesmo instante as vinte páginas estão completas. Em seguida os entrega a Cornelius que muito se admira da sua agilidade, pois nunca assistira à escrita veloz de Raphael, efectuada até em grego e latim. Até mesmo Kisjonah, Fausto e Philopoldo ficam estupefactos, e o último indaga ao anjo da possibilidade.

8. Responde Raphael: “Amigo, isto nos é muito fácil com ajuda do Senhor – todavia não te posso explicar o “porquê”. Trata-se de uma capacidade comum a todos os anjos puros a qual não se prende apenas à escrita, mas a qualquer acção poderosa. Se desejasse destruir uma montanha ou até uma extensa cordilheira, secar um lago ou criar um continente onde ora existe o mar, exterminar um planeta ou um Sol, milhões de vezes maior; se me quisesses enviar ao astro mais distante, exigindo uma prova evidente da minha viagem aérea, – tudo isso faria num só momento, e ser-te-ia impossível perceber a minha ausência. O “como” só é compreensível para um espírito puro.

9. Quando fores completamente renascido pelo espírito, compreendê-lo-ás e farás o mesmo; antes disso não te será dado reconhecer tais faculdades, mesmo se te fossem inteiramente reveladas. Pergunta-te de que modo o teu pensamento pode encontrar-se de modo tão veloz ora em Roma, ora em Jerusalém, e novamente onde agora te encontras! Se o puderes explicar, também compreenderás o que se dá comigo.”

10. Diz Philopoldo: “Sim, criatura celeste, o pensamento humano move-se tão rápido que é impossível registrar-se a celeridade, mas ele não é nada, e representa apenas um quadro efémero. Caso alguém o queira pôr em execução, terá de despender muito esforço e tempo; porém, contigo, de modo milagroso ele já se torna uma obra. Eis a grande diferença entre os meus e os teus pensamentos.”

### 173. A NATUREZA E O DESTINO DOS ANJOS.

1. Diz o anjo: “Não tens razão! Deixa que o teu espírito alcance o renascimento e o teu pensamento se apresentará como obra perfeita e milagrosa em tudo que se baseia na Ordem Divina!

2. Não venhas a pensar seja eu o autor, pois tudo é feito pelo Espírito Divino, que, de certo modo, perfaz e preenche a minha natureza intrínseca; **nós, anjos, no fundo nada mais somos que emanções desse Espírito! Somos a Sua Vontade personificada e Onnipotente; a nossa boca externa o Seu Verbo e a nossa beleza é um pequeno reflexo da Sua Glória e Majestade jamais concebidas!**

3. Embora Deus, o Senhor, seja Infinito em Sua Sabedoria e Onnipotência, no Amor Paterno Ele acha-Se entre vós como Homem limitado. E justamente este Amor que vos demonstra como

Criatura, também nos proporciona a possibilidade de nos mostrarmos como vós, **pois fora disto somos apenas luz e fogo, projectados em Pensamentos criadores pelo Espaço Infinito, plenos do Verbo, Poder e Vontade Eternos!**

4. O Espírito porém, ou seja, a Verdadeira Chama de Amor do Coração de Deus, pelo qual vos tornais Seus verdadeiros filhos, é-vos dado, como criaturas deste orbe, apenas agora e vos privilegia enormemente, tanto que teremos de palmilhar a mesma trilha para nos igualar a vós.

5. **Enquanto permanecermos anjos somos apenas os braços e dedos do Senhor e nos movimentamos somente quando Ele nos inspira, assim como levais mãos e pés à acção.** Tudo que vês em nós a Ele pertence; tudo que demonstramos e somos é o Próprio Senhor.

6. **Todos vós fostes convocados e destinados a vos tornardes aquilo que Ele é, em completa independência, pois que ainda vos dirá: Deveis em tudo ser tão perfeitos como é Perfeito o vosso Pai no Céu!**

7. Se Ele assim diz às Suas criaturas, deveis compreender plenamente que sois destinados para algo Grandioso; esta é a diferença infinita que existe entre nós! **Por ora ainda sois qual embrião no corpo materno, incapazes de construir um edifício com a força diminuta que tendes; quando fordes renascidos no verdadeiro corpo materno do espírito, sereis aptos de agir como o Senhor!**

8. Acrescentarei mais isto, que o Senhor vos dirá, se permanecerdes na fé viva e em todo amor: Faço coisas grandiosas diante de vós; entretanto, ainda fareis outras, mais elevadas, diante do mundo! Acaso Ele também nos fala assim? Por certo que não, pois somos justamente a Sua Vontade e Acção, perante as quais Ele prediz como se o fizesse a Si Próprio. **Com o tempo, a Graça, o Amor e a Misericórdia de Deus determinarão um caminho para nós, espíritos angelicais, pelo qual nos tornaremos a vós, plenamente idênticos.**

9. **O caminho que Ele Próprio agora percorre, sê-lo-á também por todos os espíritos primários (arcanjos), – isto, porém, não de hoje para amanhã, mas pouco a pouco, no decorrer da Eternidade, durante a qual descemos e subimos num âmbito infinito sem jamais atingir o limite desse círculo. Embora requeira isto tempo imenso, um dia se realizará, porquanto assim foi determinado na Ordem fiel**

e verdadeira do Senhor, e o que lá se acha estabelecido tem de acontecer, – o “quando” não vem ao caso! Uma vez em evidência também dará a impressão de já existir desde todo o sempre.

10. Tu, amigo Philopoldo, há cem anos atrás não havias nascido, não tendo, portanto, a actual existência; não tens a impressão de que sempre tenhas vivido? O cálculo frio do teu intelecto demonstra-te não ser isso possível; o teu sentimento e a viva impressão provam precisamente o contrário.

11. De modo idêntico, a razão pura te diz que morrerás um dia, – e tudo aquilo que ora és, desaparecerá de sobre esta Terra. Indaga-o à tua impressão e ao sentimento, e ambos nada sabem nem querem saber de um estado de morte e decomposição.

12. Quem estaria dentro da justiça e da verdade: a razão ou o sentimento? Digo-te: tanto a primeira quanto a segunda, consciente da vida! **A razão como biblioteca ordenada da alma, abandoná-la-á com a morte física.** Tendo, tal como os membros e órgãos do corpo, a sensação e o cálculo materiais, deve possuir também a noção do perecível. **Todavia, outra coisa acontece com a alma e a sua consciência própria; esta última, provinda de Deus, nunca teve início, portanto jamais terá fim!**

13. Por este motivo, não pode a alma – mesmo em seu mais pronunciado estado material, – imaginar-se perecível e sem existência. Possuidora deste conhecimento, ela torna-se mais e mais lúcida, e uma vez completamente unida ao seu espírito, provindo de Deus, a noção da vida manifesta-se tão clara e poderosa ao ponto de fazê-la perder o sentimento da morte, como cálculo frio do intelecto, sem importância e força.

14. A razão disto baseia-se no Espírito do Senhor que penetra não só todas as forças vitais da alma, como também as partes psíquicas do corpo, tirando-lhes totalmente a noção do perecível. Esse processo dá-se pelo espírito; através dele, todos os humores físico-etéreos são, finalmente, imortalizados junto às substâncias vitais da alma.

15. Tu, amigo Philopoldo, que também és do Alto, compreenderás com facilidade ser possível a um espírito esperar por tudo e nada lhe representar tempo imenso, pois algum dia chegará a sua vez abençoada, dentro da Ordem Divina. **Resta saber qual será o período mais longo: o passado ou o futuro?**

16. Por enquanto ainda sou o que sou, e este corpo fictício está longe de ser uma alma substancial repleta de carne e sangue, gerada

e surgida por via natural; contudo, já é uma aproximação importante da qual a realização de tal Graça não dista muito, - e então serei o que és!

17. Por isso não me exaltes por me veres fazer milagres; ainda não possuo um, “eu” individual - porquanto sou apenas a Vontade do Senhor. Unicamente Ele Próprio merece todo o louvor pelos factos milagrosos, pois realizaria coisas mui sublimes mesmo sem esta minha aparente presença.

18. É Aquele que fez o discurso imponente a Cirénius, o qual tive a incumbência de anotar. Conhece-Lo de Kis e terás oportunidade de conhecê-Lo mais profundamente. Agora basta, pois Ele pronunciará uma vez mais Palavras cheias de Vida.”

#### **174. A MANEIRA PELA QUAL PHILOPOLDO INTERPRETA A CRIAÇÃO.**

1. Philopoldo vira-se para Kisjonah, sentado ao seu lado, e diz: “Compreendeste, finalmente, a natureza dos anjos? Sempre defendi a tese de não possuírem personalidade, já que são apenas ideias repletas da Vontade do Criador e somente visíveis quando Ele o julga necessário. Como Deus, forçosamente, projecta uma quantidade infinita de grandes e pequenas ideias, é claro estarem plenas do Poder e Força da Omnipotência Divinas quando se devem tornar evidentes, de contrário jamais se poderiam manifestar.

2. Todas as criaturas que se acham numa forma visível, temporária ou não - como, por exemplo, num planeta com todo o conteúdo de seres e consistência própria - são ideias projectadas por Deus dentro de uma vida independente. A fim de produzi-la, necessário se torna que emanem de Deus, constantes, ideias livres e informes, munidas da Sua Vontade. Estas, porém, apenas devem ter a incumbência de agir e criar. Indispensáveis, no entanto, são-lhes força e inteligência, a fim de poderem influenciar - como Deus Mesmo - do próprio centro ao objectivo visado. Prestam-se, assim, à criação de formas úteis dentro de uma ordem planeada, - sem possuírem, contudo, forma própria, conforme o sábio Platão afirmou da origem da alma humana.

3. Porém, este anjo que entre nós se encontra, não deixa de ter alguma forma; mas está prestes a tornar-se independente da Ideia Básica de Deus como um grande espírito livre, que age por conta



própria, parte dentro das suas capacidades isoladas, parte pelo que lhe é insuflado constantemente pela Força Divina.

4. Parece-me, que nisto consiste a ideia grandiosa da verdadeira Filiação Divina. Porque, enquanto uma ideia é idêntica a Deus não existe possibilidade de acção própria e individual; apenas quando for equivalente às criaturas terrenas poderá tornar-se aquilo para que fomos convocados. Que achas, a minha interpretação é certa?”

5. Responde Kisjonah: “Sim, pois nada encontro de inaceitável. Sou tudo, menos sábio; entretanto, o meu raciocínio natural diz-me que falaste mui sabiamente e alegra-me contar-te entre os meus amigos. Quando em casa, continuaremos a falar; agora, anseio pela Palavra do Senhor! O anjo tinha-o anunciado, mas, pelo que vejo, o Senhor adormeceu durante a nossa conversa.

6. O mesmo faz aquela menina, que muito deu que pensar a Cornelius, o próprio Prefeito e mais alguns outros, enquanto nas demais mesas os ânimos se alteraram. Terá esta sonolência sido provocada pela controvérsia intelectual entre ti e Raphael?

7. Sabes, caro Philopoldo, muito aprecio quando discorres sobre assuntos transcendentais; aqui, porém, na Presença do Omnisciente te excedeste um pouco, pois se o anjo fala é o mesmo que ouvir os Seus Próprios Ensinamentos. Externaste apenas a tua opinião acerca daquilo que Raphael te havia dito. E isto, penso, provocou o sono dos outros. Não achas?”

8. Responde Philopoldo: “Sim, talvez tenhas razão e me arrependo seriamente de ter-me deixado levar pelo intelecto. Não posso, no entanto, desfazer o que fiz, embora convicto de não ter praticado uma injustiça!”

## **175. A ESFERA DO INTELECTO.**

1. Nisto ergo-Me animado e digo amavelmente a Philopoldo: “Em absoluto! As tuas reflexões quanto à diferença entre um anjo e um homem verdadeiro desta Terra são plenamente aceitáveis. Desenvolveste o assunto de modo conciso. O Meu tosquenejar foi somente a consequência do cansaço físico, pois trabalhamos durante duas noites seguidas.

2. Já que és um sábio platónico, explica-nos a razão verdadeira da Minha Encarnação neste orbe! Sabes o que Sou e Fui desde

Eternidade, em Espírito; também sabes, tanto quanto os presentes, possuir Eu um corpo de carne e osso.

3. Qual foi o motivo que Me levou a usar esta vestimenta temporária? Porquê a Causa de todo o Ser e Vida se ter coberto com o invólucro da evidente mortalidade? Tal era preciso ou apenas é um capricho do Eterno Espírito Divino, que vive e age dentro de Mim? Se te saíres bem nesta explanação, receberás já em vida, um prémio de “Sabedoria Celeste”!

4. Diz Philopoldo: “Senhor, confesso pressenti-lo; na noite da minha alma se faz pequena luz, como uma aurora, evidentemente pela Tua influência e Graça, ó Senhor! Sim, percebo a grandiosa sublimidade do porvir, – todavia, faltam-me palavras!

5. Com milhões de frases inteligentes não será possível discorrer sobre tal assunto, que requer o auxílio da linguagem peculiar do espírito. Fosse esta comum a todos, não se falaria a surdos! Porém, de onde se poderá buscar tal linguagem e a precisa compreensão? Vê, Senhor, eis a meu ver factor imprescindível a um desenvolvimento elevado no campo da sabedoria!

6. Sinto dentro de mim a verdade imensa e santa e, ao mesmo tempo, a incapacidade de externa-la condignamente. Por certo aceitarás esta justificativa, desistindo de que eu venha a desenvolver de modo tão esclarecido uma tese espiritual!”

7. Digo Eu: “Ora, não é preciso tanto quanto pensas! Dificilmente poderás encontrar no cérebro, onde a alma costuma fazer a colheita do seu conhecimento, as palavras adequadas; porém, fá-lo-ás melhor no coração, como receptáculo do Espírito provindo do Coração de Deus.

8. Tenta pesquisá-lo e verás que elevadíssima sabedoria pode ser desenvolvida de modo mais compreensível com palavras simples e singelas! Por exemplo, que utilidade tem o Cântico de Salomão, se o compreendes tão pouco da primeira como da milionésima leitura?

9. Tinha ele de escrever deste modo, porquanto ainda não havia chegado o tempo de revelar os segredos mais ocultos do Céu ao homem inepto, cuja alma presa à Lei de Moisés, não possuía livre ascendência sobre o seu coração. O próprio Salomão entendia tanto do Cântico quanto tu; de contrário não se teria tornado pecador, idólatra e adúltero.

10. Aquilo que escreveu inspirado pelo Espírito Divino – que bafejava, em certos momentos a sua alma – é o puro Verbo de Deus,

não dado ao entendimento cerebral, mas ao espírito capacitado para tanto no coração. Esta faculdade de entendimento é depositada na época actual, isto é, desde a Minha Encarnação, no coração de alguns, a fim de que Me reconheçam, entendam e compreendam, por sua e pela causa de muitos que dela carecem.

11. Esta aptidão espiritual também já foi depositada no teu peito como um feto no colo materno; basta que a pesquises e descobrirás o Espírito de Deus dentro de ti; Este, então, facultar-te-á a oratória necessária para que acares diante desta assembleia o problema que te apresentei.”

12. Antepõe Philopoldo: “Senhor, é bem possível que venha a descobrir a chave em meu coração; todavia, para Ti isto seria coisa fácilima, fazendo nós auditório atento e grato. Para mim não deixa de ser difícil, arriscando-me, finalmente, a ser ridicularizado!”

13. Digo Eu: “Em absoluto; primeiro por se basear em Minha Ordem que deves desenvolver um assunto dentro da plena liberdade caso vos seja útil; segundo, por não apresentar tanta dificuldade o que ora está em discussão.

14. Poder-vos-ia transmiti-lo e Me entenderiam muito mal; no entanto, a vossa alma o conservaria – como tudo – em seu palácio cerebral, sem proveito para o espírito. O que lá for guardado pela alma, morre e se desvanece com o tempo; assim, que utilidade teria para o espírito aquilo que deixou de existir?

15. **Tudo que desenvolveres pelo sentimento de um coração justo, perdurará no espírito e por ser ele eterno torna-se posse eterna da alma;** porém, o que for assimilado pelo cérebro logo se dissipa, nada ficando na alma do conhecimento intelectual, quando ela deixar o corpo. Por isso deves assimilar tudo e desenvolver no coração, pois o que é criado pelo intelecto só se presta para a vida passageira deste mundo e para o físico perecível.

16. A alma e o espírito de nada disto necessitam: nem veste, nem casa, tão pouco campos e vinhas. Todas as preocupações provindas do conhecimento cerebral são dirigidas para o provimento físico; infelizmente alcançaram grau tão elevado que difícil será enumerá-las e, muito menos, supri-las.

17. É impossível ao intelecto, a assimilação de algo que seja puramente espiritual, por ter sido dado ao homem para o suprimento da matéria. Possuindo somente a centelha divina no coração a possibilidade de assimilar qualquer noção espiritual, necessário é que entre em prática desde cedo. Uma vez alcançada

certa firmeza, a justa ordem dentro da alma ter-se-á estabelecido. Assim sendo, tenta desenvolver o tema que te expus e a tua alma terá com isso recebido um grande privilégio!”

## 176. O MOTIVO DA ENCARNAÇÃO DO SENHOR.

1. Diz Philopoldo: “Em Teu Santo Nome, farei uma tentativa para externar o que sinto dentro de mim. Penso, já que o homem mais inculto deva ter um móvel para qualquer acção, – muito mais concludente supor-se haver tido Deus motivo sumamente importante para submeter-Se, como Único Espírito Omnipotente, a tomar carne, pelo que Se tornou Semelhante às Suas criaturas.

2. Do mesmo modo que o amor nos leva a uma acção qualquer, foi também ele o factor que obrigou Deus a agir de modo tão sublime, conforme Tu, ó Senhor, nos tens ensinado a reconhecer a Tua Vontade e aceitá-la livremente.

3. Percebo nitidamente em meu coração: Desde eternidades vens transformando as Tuas Ideias em Pensamentos concretos. Essas formas, no princípio, eram hirtas, inflexíveis, como tudo que ainda hoje se nos apresenta inerte. De período em período são transformadas em outras, mais maleáveis e de consciência e acção mais ou menos livre. Porém, isto é apenas uma escola preparatória para a vida independente da criatura posteriormente surgida, à qual, ó Senhor, proporcionaste a forma básica do Teu Próprio Ser.

4. O homem, pois, havia surgido, reconhecia a sua liberdade divina, alegrava-se da sua existência e da sua forma, podendo discernir e analisar as coisas que o rodeavam. Em breve começou a pesquisar a causa da sua origem; vendo isto, o Teu coração, Senhor, rejubilou-Se e lhe deste oportunidade de sentir-Te sempre mais intensamente.

5. Através da Revelação oculta e íntima, o homem, em tudo a Tua Semelhança, foi levado pelo Teu Espírito Eterno a reconhecer ser ele e tudo que o rodeia a obra de um Ser Omnipotente, mui Sábio e bom. Desta forma, a criatura inspirada e iluminada, não só se sentia plena da máxima veneração e respeito, como transbordou de um amor intenso, para um desejo ardente de vê-Lo e falar-Lhe, a fim de constatar que a noção destes sentimentos não era apenas fantasia. Este imenso desejo aumentava e crescia mais e mais no coração incorrupto do primeiro casal.

6. Se bem que se amassem intensamente não conheciam a sua própria natureza, nem podiam concentrar o seu amor em Ti, ó Senhor. Todavia, este sentimento lhes testemunhava mais convictamente dever existir um Criador Onnipotente e Santo que havia designado o homem como soberano sobre a Terra e as coisas, porquanto lhe obedeciam os próprios animais.

7. Quando o desejo de Te conhecer Pessoalmente havia atingido o ponto culminante, o Teu Divino Coração apiedou-Se e abriu-se a visão interna do homem: criaste para aquele momento uma forma humana, etérea, e Te apresentaste diante da criatura sequiosa de Ti. Só então o homem viu a verdade santa e a realização plena do seu pressentimento, o que muito o alegrou, mas também despertou um temor justo de Ti que lhe deste a vida, bem como a todas as coisas.

8. Naquela época ele era bom e puro como o Sol; nada lhe turvava os sentidos – e o que hoje se denomina paixão, longe estava do seu entendimento. Entretanto, ó Senhor, bem Sabias que a forma humana havia sido animada apenas pelo Hálito da Tua Vontade e, por isso, capaz de iniciar a sua própria educação interna, a fim de alcançar a emancipação.

9. Orientaste-lhe, demonstrando-lhe dois caminhos: um que leva à independência divina; outro, a uma existência extremamente tolhida e condenada. Um mandamento estabeleceu, precisamente, o guia trágico e o próprio caminho dúbio. A fim de que tal mandamento surtisse efeito, preciso era que associasses ao homem um elemento tentador que o instigasse a não respeitar a lei, ou a cumpri-la pelo próprio livre arbítrio.

10. Assim foi por certo tempo; no entanto, Tu Mesmo observaste que o homem, através do cumprimento severo daquela única lei, finalmente não podia alcançar o elevado grau de independência que lhe fora por Ti imposto.

11. Para atingi-lo teria o homem de ser afastado de Ti de modo mais profundo e distante; teria de errar e cair no pecado, para então poder iniciar – em tal isolamento completo de Ti e sujeito a toda sorte de tentações e dificuldades – a sua redenção pela procura justa do Teu Amor, de coração arrependido e oprimido.

12. Após o homem caído ter assomado da sua perdição, de modo tão difícil, foste ao seu encontro, apresentaste-Te numa Forma bem mais sólida e aplicaste, igualmente, uma Revelação mais concisa. Até lhe fizeste a grande promessa que ora realizas em toda

a plenitude: também Te tornarias Homem entre os homens, para que este Te pudesse encarar livremente, por toda a Eternidade. Tal facto proporcionar-Te-ia a grande e maravilhosa satisfação de poderes enfrentar os Teus filhos, não como Deus e Criador Invisível, mas sim, como Pai Amoroso que pode ser amado, conduzindo-os Pessoalmente aos Teus Céus Maravilhosos.

13. Se assim não fosse, que felicidade poderia sentir um Deus Infinito de ver Seus filhos amados, quando eles somente O vislumbrariam num Mar Imenso de Luz? Assim, proporcionaste a máxima ventura, não só aos homens, mas a Ti Próprio, como Pai Verdadeiro, Único e Amoroso! - Ou poderias alegrar-Te com os filhos mais puros e bondosos na plena certeza de que jamais Te veriam e ouviriam? Por Tua e por nossa causa tudo isto Fizeste, isto é, para que os puros fossem venturosos pelo Teu Convívio, o que também Te traz a máxima bem-aventurança! E se agora todos os anjos descessem do Céu e apresentassem outro motivo para a Tua Encarnação plena e formal, desistiria da minha humanidade, rejeitando o raciocínio!

14. Se Tu, ó Senhor, não possuísses o Amor dentro de Ti, jamais terias realizado uma das Tuas Ideias Maravilhosas; porém, como Tu Mesmo encontravas a maior alegria em Teu Coração, nas Tuas Ideias grandiosas e sublimes, amando-as antes da Tua Sabedoria e Omnipotência Infinitas as fixarem numa existência formal, - o Teu Amor, que Se tornou mais potente e activo, forçou-Te a vivificá-las em liberdade e dar-lhes vida subsequente. Esta vida nada mais é que o Teu Amor Elevado, Poderoso e Divino!

15. Todas as criaturas respiram Nele e através Dele, pois todo o ser e todas as formas O representam! Tudo que ouvimos, vemos, percebemos, sentimos e saboreamos - é somente o Teu Amor, sem o qual nunca um Sol teria iluminado um planeta e aquecido as suas plagas.

16. Se tudo isto é obra Sua, em conjunto com as Tuas Ideias Maravilhosas, deveria Ele não fazer nada em benefício próprio, a fim de alcançar pelas criaturas, em plenitude, o que em eras remotas Se impôs a Si Mesmo, isto é, proporcionar às Ideias, forma e vida libérrimas!

17. Creio ter falado a plena verdade, de onde se deduz claramente que Tu, Deus de Eternidade, tinhas de tornar-Te Homem, pela Própria Imposição! - Com isto julgo ter satisfeito, de

modo completo a Tua Pergunta, à medida da sabedoria humana. Peço-Te, pois, Senhor, externares o Teu Parecer!”

### 177. A LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

1. Todos os presentes se admiram da elevada compreensão e sabedoria de Philopoldo. Kisjonah observa-o dos pés à cabeça, não se conformando que este homem simples consiga causar tal estupefacção geral, e o próprio Mathael diz: “Também sou possuidor de vastos conhecimentos, – nunca, porém, o meu espírito penetrou em tais profundezas. É preciso que a sua alma e espírito já tenham frequentado escolas em outros mundos, superiores!” Yarah, igualmente, não consegue dominar o seu desapontamento.

2. Eu, todavia, viro-Me para Philopoldo e digo-lhe: “Vês, Meu caro, como te saíste bem, pois conseguiste pela maravilhosa resposta desenvolver a pergunta que fiz ao teu coração!

3. Afirmando-te que revelaste a plena verdade, em Meu Nome, a todos os discípulos, amigos e irmãos, de modo fiel, verdadeiro e compreensível, tendo Eu somente de acrescentar: Assim é e assim andam as coisas desde Eternidades!

4. Nisto reside mais sabedoria que em todo o Cântico de Salomão, que o entendeu tão pouco como qualquer um, pois se o tivesse assimilado não teria caído nos vícios, e perecido! Por isso deveis, todos, procurar a sabedoria e a justa Revelação dada por Mim em vosso íntimo, e vos será fácil compreendê-la e guardá-la em vida e por toda a Eternidade!”

5. Diz, a seguir, Pedro: “Mas Senhor, nós já Te acompanhamos há nove meses, por que não podemos expressar-nos como este amigo de Caná, em Kis?”

6. Digo Eu: “Os romanos usam o seguinte provérbio (aliás mui acertado): *“Ex trunco, non statim fit Mercurius!”* (De um tronco, não se faz de pronto um Mercúrio). O mesmo se dá, mais ou menos, convosco, e Eu Próprio teria vontade de vos inquirir: Quanto tempo Terei de suportar-vos, até que assimileis e compreendais algo pelo entendimento do coração?

7. Já não vos disse tantas vezes que deveríeis projectar nele os vossos pensamentos, e não no cérebro, para atingirdes a plenitude da verdade que vos libertará verdadeiramente? Por que não o fazeis, preferindo permanecer na matéria que nada tem, portanto nada

pode dar? Fazei o que vos ensino, que falareis como Philopoldo, dentro da verdadeira sabedoria!”

8. Diz Pedro: “Senhor, já tentamos faze-lo por várias vezes, sem nenhum progresso. De vez em quando sinto – não propriamente pensamentos, mas reais palavras no coração, porquanto parece-me que as mesmas foram lá pronunciadas, após elaboradas no cérebro.”

9. Digo Eu: “Eis o início; exercitai-vos, que em breve estareis aptos para pensamentos mais profundos e livres no coração!”

10. Diz Pedro: “O nosso reconhecimento, eterno e bom, Mestre; assim sendo progrediremos em breve!”

11. Digo Eu: “Sim, sim; na perfeição, porém, apenas após o Meu Retorno!” Como ninguém Me entendesse, perguntam pelo sentido das Minhas Palavras. Eu, no entanto, digo: “Acaso julgais que o Filho do homem caminhará até ao fim do mundo em carne e osso, para ensinar as criaturas e operar milagres?”

12. Sim, permanecerei até ao final entre os de boa vontade, consolando, fortalecendo, vivificando, doutrinando, agindo milagrosamente, e virei e Me revelarei a todos que Me amem verdadeiramente e cumpram os Meus Mandamentos, – isto, porém, não neste físico perecível, mas num transfigurado e imortal! Quem tiver o devido entendimento, compreendê-lo-á.”

13. Dizem os discípulos: “Senhor, com todos os nossos sentidos não nos é possível entendê-lo!”

14. Digo Eu: “Por tal razão também não vos responsabilizo! Todo o aprendiz necessita de certo tempo para se tornar apto em sua profissão; uma vez que o seja, recebe diploma, sendo daí em diante responsável pelos futuros erros. Por isso, não errais por não entenderdes certas coisas; mais tarde, porém, será diferente! Agora, urge que nos concentremos, pois algo se dará que nos vai exigir toda a calma!”

## **178. O NIMBO.**

1. Como houvesse Eu falado em alta voz, de sorte a ser ouvido pelos outros hóspedes, Stahar, reitor de Cesareia Philippi, levanta-se circunspecto e dirige-se a Mim, dizendo: “Senhor, tudo que foi comentado nesta mesa venerável, foi ouvido por mim; coisas milagrosas, elevadas, profundas, verdadeiras e absolutamente incontestáveis! Em tudo resplandecia a Tua Divindade Suprema



como o Sol no zénite, e não haverá anjo celeste capaz de o contestar. Entretanto, senti falta de algo: aquela Glória Divina que se apresenta ainda hoje no Templo, mormente no Santíssimo, mal se pisa o primeiro degrau!

2. Aquele silêncio misterioso e beatífico, o perfume de incenso – aqui completamente ausentes – têm efeito comovedor de grande benefício para a criatura! Que abismo intransponível existe lá entre Deus e o homem! Quão reduzido este se sente ante à Majestade Divina e Eterna, como reconhece em seu aniquilamento o Grande Poderoso! Tal, porém, é de muita utilidade para humilhação do homem presunçoso!

3. Em suma: em minha opinião, o homem não se devia sentir tão à vontade em Presença do seu Deus e Criador! Noto, pois, a completa carência desta auréola santificada! Encontramo-nos numa assembleia de amigos e irmãos, e se alguém fala, expressa coisas mui sábias, mas sem o mencionado nimbo. Quando conclui o seu discurso, termina-o simplesmente, e nós o acompanhamos no que diz respeito à especial veneração que o homem deveria manter diante de Deus!

4. Em Tua Presença sentimo-nos bem à vontade, e até mesmo o sábado, que proporcionava uma paz profunda ao coração, já não nos causa impressão diversa de um dia comum. E agora está prestes a acontecer algo que, por certo, em nada nos abalará, e isto, – num sábado de Lua nova! Não seria possível a Tua Omnipotência impedir que as duas horas restantes fossem completamente vilipendiadas, pois que assim exterminariam toda a consideração divina?”

5. Digo Eu: “Uma árvore velha dificilmente se deixa vergar; um cão sempre retorna àquilo que rejeitou, bem como os porcos procuram o charco cheio de excrementos!

6. De que vale a auréola fútil e inteiramente ateísta do Templo? Quando teria Eu criado o homem em virtude da consideração externa, ou para o amor venturoso?

7. Tiranos e opressores violentos costumam enlear-se com a dita auréola, mas deitam areia nos olhos daqueles que ainda possuem visão, estrangulando os pobres e fracos, a fim de aumentar a consideração horrenda que lhes é tributada, – e tu ainda classificas isso de bom e útil para a alma? Ó tolo e cego!

8. Que proveito tiraríeis se Eu Me achasse entre vós como fogo devorador? Aumentaria o vosso amor e confiança para Comigo? Ou

ser-te-ia possível amar aquele que te ameaçasse constantemente estrangular como Poderoso, de olhos irados, se cometesses o menor deslize? Acaso tu e o sínédrio tenebroso sabeis melhor que Eu, porque Deus criou os homens e qual a relação entre ambos?

9. Que vem a ser o nimbo ou considerações externas? Vê, é a pior e mais venenosa exalação do inferno mais profundo, com a qual Satanás envolve os seus servos fiéis e a ele semelhantes, a fim de que desfrutem diante de todo o mundo de uma consideração horrenda para a conquista de inúmeras almas para o reino infernal! Porém consta: tudo que no mundo venha a desfrutar certo prestígio ostensivo, – é um horror para Deus!

10. Acaso já viste duas criaturas que se amem verdadeiramente tratem-se de modo altivo, sem dispensarem um ao outro um olhar amoroso e, muito menos, uma palavra carinhosa? Tens conhecimento de que uma noiva apaixonada recebesse o seu escolhido com a maior displicência e o noivo tentasse ultrapassá-la? Julgas que deste modo se tornariam um casal? Sim, tal seria possível pela força da lei e para este mundo! Porém para o Céu, jamais! **Onde não existe amor, não existe Céu!**

11. Eis a maldição do inferno, sem luz, sem orientação, sem verdade e por isso também sem vida independente, – uma eterna condenação que amordaça e subjuga os que se amaldiçoaram a si próprios!

12. Julgas que o nosso ambiente seja menos divino e digno de Deus por deparares nada do inferno e da sua depravação! A que ponto chega a Humanidade tola! Acredita prestar algo de justo e digno de Deus através do inferno! Não seria possível ultrapassar tal ignorância, tolice e maldade! Se o reino de Satanás te parece tão venerável e digno de Deus, – volta para lá e serve ao deus da tua imaginação “elevada”, comprazendo-te com o tal nimbo!”

13. A estas palavras Stahar cai de joelhos e diz: “Senhor, perdoa-me que sou um velho tolo, ignorante e agradeço-Te por esta admoestação! Estou plenamente curado! Fui deste modo educado e as impressões do berço dificilmente são extraídas da alma. Agora, porém, surgiu-me o Sol – e percebo toda a corrupção do Templo! Venha o que vier, continuarei feito rocha no mar desta Doutrina nova e pura da Tua Boca Santificada.”

14. Digo Eu: “Levanta-te, irmão, e transmite aos colegas o que acabas de ouvir, pois também eles se acham presos ao mesmo erro!

Explica-lhes o que vem a ser o nimbo, e Quem Eu Sou, sem o tal nimbo e o que realmente Quero!”

15. Stahar curva-se respeitoso, dirige-se para junto dos outros e começa a doutriná-los, – e naquela mesa, anteriormente tão calma, os ânimos alteram-se, tendo Stahar dificuldade de acalmar os irmãos excitados pelo vinho. Floran, o principal orador, assiste-o da melhor maneira e em pouco todos se aquietam.

16. Philopoldo, porém, diz a Cirénus: “Nobre senhor, é realmente estranho que muitas pessoas não vejam um palmo adiante do seu nariz!”

17. Responde este: “O hábito é uma base poderosa para a tolice. Na Europa existe um povo que é castigado, pelo menor deslize, com açoite e relho. O meu irmão, César Augusto, tentou abolir esta medida drástica, designando educadores que defenderiam os direitos humanos e, se preciso, até levando alguns habitantes para Roma; todavia, essas criaturas encheram-se de nostalgia, apesar de haverem sido sempre surradas, no mínimo uma vez por mês!

18. Se um inferno físico já se torna hábito, de sorte a fazer falta no estrangeiro, quanto mais o espiritual que tantos benefícios causa às criaturas! Por isso, não me surpreendi com as afirmações de Stahar, – que se sentiu por anos afora mui satisfeito dentro da consideração e do ritual templários – e tinha a intenção de dirigir-lhe mais algumas palavras. Agora, no entanto, está tudo bem!”

## **179. PRECAUÇÕES CONTRA A TEMPESTADE.**

1. Entrementes, Hermes sobe ao monte para ver o estado da cidade em cinzas e percebe ainda labaredas esparsas; além disso presente, naquela direcção, a iminência de um temporal tremendo. Retornando para junto de Marcus anuncia o que acaba de observar e diz: “Caro irmão, não levará meia hora e estaremos dentro de uma terrível tempestade! Terás abrigo para todos? Não seria agradável que alguém enfrentasse raios e saraiva!”

2. Responde Marcus: “Enquanto Aquele que aqui Se encontra nada determine, por certo não haverá perigo! Ele é o nosso melhor refúgio; se desejar qualquer medida preventiva nós a executaremos prontamente. Por isso não te aflijas, amigo; tudo se fará da melhor maneira possível!”

3. Nisto convoco ambos e digo a Marcus: “O temporal nos trará grande atropelo! Por tal razão seria aconselhável o preparo de alguns abrigos, conforme sugeriu o amigo Hermes. Careces, porém, de material; de onde nos proveremos nesta pressa?”

4. Afirma ele: “Senhor, já lhe disse: Tu és nosso melhor abrigo e não necessitamos de outro, terreno!”

5. As suas palavras são repetidas por muitos, cheios de confiança, e Eu acrescento: “Muito bem! Que será se vier forte chuva de granizo, acompanhada de raios e tromba de água?”

6. Afirmam todos: “Senhor, podes juntar a isso um terremoto que nivele as montanhas, fazer ainda cair as estrelas, que na Tua Presença riremos de tudo! Que poderia suceder, protegidos que somos por Tua Mão Omnipotente?”

7. Digo Eu: **“As vossas palavras também devem ser pronunciadas durante a tormenta e no perigo - mas no íntimo, não apenas pela boca - e a Minha Protecção vos será útil pela vossa fé e confiança demonstradas; porém, se começardes a fraquejar diante das situações perigosas, Ela não vos trará grande benefício!”**

8. Positivam todos: “Ó Senhor, quem poderia esmorecer em tais sentimentos por Ti? No entanto, acima de tudo, fazemos questão do Teu Amor e Vontade Omnipotente, pois se sustasses a Tua Omnipotência, estaríamos mal com a toda nossa fé e confiança. Tu és sumamente bom e justo, e não deixarás sem efeito a manifestação destas virtudes!”

9. Digo Eu: “Em absoluto, - deveis precisamente nesta noite conhecer e sentir o Poder e a Glória de Deus! Além disso, forçoso é que uma tempestade desabe sobre a cidade ardente, de contrário o incêndio perduraria por mais tempo. Será um temporal inédito com a duração de três horas, porém, será portador de maior benefício do que prejuízo.

10. Vamos à praia, onde a nossa presença será de maior utilidade que aqui. Além do mais, podereis lá observar melhor os elementos em fúria, - e a Glória de Deus se manifestará mais poderosamente que debaixo de um tecto!”

11. Todos se encaminham para o mar sereno. Entretanto já se fazem notar nuvens pesadas que, unindo-se às provindas do Oeste e Sul, dão demonstração clara do temporal fantástico que se anuncia. Sobre o mar esvoaça quantidade de gaivotas. Ouran, temeroso pelo

destino das suas tendas preciosas, pede-Me que também proteja este seu tesouro, pois o temporal bem o poderia prejudicar.

12. Digo Eu: “Não vos afirmei que, justamente aqui, a Glória Divina ir-Se-ia manifestar com a máxima evidência? Ainda te podes preocupar com as tuas miseráveis tendas, como se delas dependesse a salvação do mundo? Vê, são grandes e espaçosas; se a tempestade se desencadear sobre nós, manda que ali se refugiem as mulheres e os homens demasiadamente apavorados, pois não será brincadeira o que vem aí! As tuas tendas apenas ficarão molhadas!”

13. Diz Ouran: “Agradeço-Te a promessa que aceito como realização. As minhas tendas que não deixam passar uma gota de água estarão ao dispor de todos. Eu mesmo ficarei Contigo, Senhor, ao ar livre.”

14. Indago: “Não temes a chuva de pedra?”

15. Responde ele: “Já externei a minha opinião com os outros e repito o ditado romano: *“Si totus illabatur orbis, impavidum ferient ruinae!”* (Mesmo se o globo todo caísse em frangalhos, os destroços carregariam o intrépido).

16. Digo Eu: “Muito bem; eis que as nuvens de ambos os lados se estendem às mãos húmidas e não demora a chuva cair! Também no mar surgem as ondas da ressaca e está em tempo dos medrosos se recolherem!”

17. Os peixes saltam fora da água, agarrando insectos que esvoaçam baixinho, no que têm a concorrência do número crescente de gaivotas e andorinhas do mar. Em alguns pontos o mar começa a agitar-se, e no alto as nuvens se condensam mais e mais. A Leste troveja constantemente - e a borrasca inicia a sua luta tremenda.

## 180. A TEMPESTADE.

1. Quando o fragor da tormenta, que rápida se vinha aproximando, se torna mais ameaçador, e uma escuridão quase total se estende sobre o mar e toda a zona, os mais medrosos dirigem-se às tendas de Ouran, pois perdem a vontade de permanecer ao Meu lado. Também os discípulos manifestam alguns temores - e dos cinquenta nenhum fica ao ar livre quando vêm pedras de gelo de meio quilo caírem por terra.

2. Ebahl adverte Yarah para se recolher numa das tendas; ela, porém, é irreduzível e diz: “Como pode alguém apavorar-se de tal

forma na Presença Plena do Senhor? Poderia este temporal ter mais força que o Seu Amor e Omnipotência?”

3. Diz Ebahl: “Em absoluto; mas, saraivando de tal forma, bem pode a pessoa estar sujeita a ficar com a cabeça esmagada! Creio que nem eu nem tu seremos atingidos, mesmo se caíssem pedras em maior profusão; entretanto, o velho temor toca as pessoas como eu. Não obstante, agora não mais o sentirei, porquanto não poderei demonstrar fraqueza junto da minha Yarah.”

4. Eis que o granizo se torna mais forte: pedras caem como punhos fechados e com estrondo sobre a terra, o mar levanta ondas enormes, um raio segue o outro e a chuva torrencial derrama-se inundando a cidade.

5. Diante deste espectáculo terrível, Hebram, Risa e os seus trinta companheiros escondem-se debaixo das mesas; Suetal, Ribar, Bael, os doze ex-criminosos e os Meus discípulos, excepto Judas Iscariotes, continuam firmes. Os soldados procuram abrigo na casa, nas cabanas de Marcus e no interior das grutas.

6. Os mais próximos de Mim são: Cirénus, Cornelius, Julius, Fausto, Philopoldo, Kisjonah, Ebahl com Yarah, Raphael e Josué, o velho Marcus com dois dos seus filhos, Mathael e Ouran, Rob, Boz, Micha e Zahr. Helena, esposa de Mathael, refugia-se com a mulher e as filhas de Hermes dentro das tendas; o mensageiro, no entanto, fica ao Meu lado.

7. Embora nos encontremos desprotegidos, à beira-mar, a ninguém atinge a violência da saraiva e da chuva: o lugar onde estamos permanece inteiramente seco. Os raios caem tanto na nossa frente como à retaguarda, mas apenas nos conseguem molestar os ouvidos por seu forte estrondo. Eis que a borrasca também começa a agir no mar com tamanho fragor, que as ondas se elevam qual montes aos olhos estarrecidos dos espectadores.

8. Diz, então, Marcus: “Senhor! Já sou velho e tenho assistido a temporais tremendos na Calábria e Sicília; nunca vi um semelhante a este! Esta saraiva destruirá os campos por vários anos e a inundaçãõ levará a boa terra para o mar. Pobres lavradores! E a coisa ainda não acabou, ao contrário, aumenta cada vez mais! Os que se refugiaram debaixo das mesas afogar-se-ãõ, porquanto estas já estãõ em frangalhos! Senhor, durante quanto tempo a tempestade durará?”

9. Digo Eu: “Nem bem começou e já lhe queres ver o fim? Verás a sua força quando o temporal mudar de direcçãõ. Mas não te

preocupes! Se não fosse necessário teria de acalmar com um aceno Meu; é imprescindível para a conservação da terra como os olhos para a tua visão, – deixemos que se expanda!

10. Além do mais, os tais amigos da consideração divina deverão sentir aquilo cuja falta lastimavam em Minha Presença. Vê só, como espreitam furtivamente pelos orifícios das tendas, e não compreendem como podemos suportar com tanto prazer a tempestade devastadora. Todavia, não se atrevem a sair; quão diminuta é a sua fé!”

11. Diz Marcus: “É verdade; mas de que viverão os pobres coitados? Vês que a constante saraiva e a ressaca carregam com todo o humo. Milhares de homens e animais são mortos – e os que salvam a sua vida serão expostos à fome! Isto é demasiado duro, uma provação penosa pelo açoite mais feroz do mundo!”

## **181. O CASTIGO QUE CAIU SOBRE CESAREIA PHILIPPI.**

1. Digo Eu: “Sabes, caro Marcus, cada qual fala como entende, e isto, dizes agora. Afirmando-te: ao Senhor custa-Lhe usar da vassoura; mas quando o faz, é para uma limpeza geral! Conheces esta zona? Pois bem, sabes ser ela uma das mais férteis e posse exclusiva de gregos ricos; os pobres judeus têm de trabalhar penosamente, em troca de um miserável pagamento, em benefício destes usurários, – e levar-lhes todos os frutos para os celeiros. Tais produtos são vendidos pelos gregos para todas as partes do mundo, no que auferem grandes lucros, enquanto os judeus têm de mendigar e pescar no inverno, caso queiram subsistir. A pescaria poderá ser por eles repetida, que o mar continuará rico em peixes!

2. Teria um judeu, algum dia, recebido um pedaço de pão de um grego? Nunca! Sempre foi preciso atravessar o mar e pedi-lo aos conterrâneos. Kisjonah e Ebahl vos poderão atestar quantos milhares de pobres desta zona se abasteceram com eles de pão, no inverno!

3. De há muito venho observando tais abusos criminosos. Agora a medida se encheu; Eu castigarei estes usurários inclementes e infiéis de tal forma que jamais se esquecerão!

4. Examina a tua horta e a pequena lavoura: não foram prejudicadas pela chuva e a saraiva; observa o restante da zona e constatarás destruição que jamais imaginaste! Por este castigo os

exploradores gregos serão afugentados daqui, pois não será possível colherem nas pedras trigo, grão, cevada, milho, lentilhas e feijões; por isso deixarão o solo deserto, emigrando para a Europa.

5. Foi este o motivo que Me levou a permitir que quase toda a cidade fosse transformada em montão de cinzas e escombros, pois quando o homem perde a morada e a lavoura, em breve abandona o local árido e deserto.

6. Quanto aos naturais daqui, acharão à beira da praia o solo fértil para o plantio, – e a cidade será reconstruída para os judeus, verdadeiros, – isto, num estilo mais sadio e justo do que até então! Cesareia Philippi ainda não conta setenta anos de edificada, pois anteriormente era apenas um lugarejo sem importância; não mais será denominada cidade e permanecerá como aldeia de pescadores. A ostentação dos gregos deve desaparecer, – enquanto a Glória do Céu será aqui revelada, conforme está acontecendo. Então velho Marcus, estás de acordo com a Minha Organização Doméstica?”

7. Responde ele: “Assim sendo, Senhor, revigora dez vezes mais o Teu Açoite! É verdade, não mais era possível falar-se aos gregos abastados sobre o amor ao próximo pois neles, de há muito, não havia vestígio! Tudo era preciso ser-lhes pago em prata e ouro, mas no caso de desejarem comprar algo nosso, tínhamos de aceitar como pagamento o que lhes conviesse. Oh, como me alegro com a tempestade que bem podia ser mais forte!”

8. Digo Eu: “Deixa estar, tudo acontece na justa medida!”

9. Indaga Cirénus: “Esta zona ficará deserta?”

10. Respondo-lhe: “Não, propriamente; mas é preciso que os gregos a deixem. Com esta tempestade serão expulsas, no mínimo, mil famílias das mais abastadas, pois já o previra há muito tempo! Todavia continuarão súbditos de Roma!”

11. Pergunta Cirénus: “Acaso não é favorável a uma zona ou cidade ter habitantes ricos?”

12. Digo Eu: “Quando forem como os Meus amigos Kisjonah e Ebahl, serão verdadeiros regentes paternais para todos os pobres, e cada país se poderá dizer abençoado se possuir muitos de tal índole.

13. Estes gregos ricos, são verdadeiras sanguessugas do país, julgando que os pobres judeus se deveriam considerar felizes por ser-lhes permitido partilhar da comida de porcos como pagamento de trabalhos pesados! Para Mim não são mais homens, mas diabos perfeitos, cheios de maldade, pelos quais não sinto pena nem compaixão, e o seu físico é miserável e orgulhoso! Quando a



trovoada tiver passado, dentro de uma hora, poderão deitar a sua fortuna de prata e ouro sobre as pedras, semeando por cima o trigo, - e veremos se nasce uma erva sequer!

14. Deste modo abati quantidade de moscas perversas de um só golpe: os sacerdotes mistificadores tiveram de fugir e agora os gregos usurários farão o mesmo! Os seus palácios estão reduzidos a cinzas e os grandes campos, hortas e pastos, completamente inundados. Quando, depois de tudo serenado, inspeccionarem os seus terrenos e se convencerem de que um futuro reparo seria inútil, começarão a aprontar-se para a viagem; em seguida ainda terei meios suficientes para tornar esta zona novamente fértil.”

15. A tempestade começa a serenar e, embora não mais saraive, a chuva cai com tanta impetuosidade que a água se eleva a uns dois metros, para depois se precipitar no mar, o qual também parece aumentar de volume, facto que não representa pouco. Casas, choupanas, árvores e mil outras coisas são para lá arrastadas. Quantidade de galinhas, aves de toda espécie abatidas pela saraiva, suínos, burros, gado, carneiros, cabras e lebres, corças e veados são tragados pelo mar, com que inúmeras espécies de peixes se satisfarão, tornando-se produtivos. Serão assim um bom substituto na alimentação dos pobres judeus, os quais, de qualquer maneira, pouco teriam de perder. Os raros abastados entre eles já se haviam tornado egoístas e insensíveis; assim, as suas almas não sofrem prejuízo por se dedicarem à pesca e mendicância como os demais.

16. Como a chuva se torne mais impetuosa, todos aqueles que se haviam refugiado debaixo das mesas, dirigem-se para Mim, completamente encharcados. Admiram-se de Me verem - como a todos em Minha Companhia - de roupas secas, bem como do local, onde não se vê uma gota de água sobre a erva.

17. Após se ter aproximado, Hebram diz: “Senhor, como é possível que com tal dilúvio este lugar e todos vós permaneçais secos, enquanto damos a impressão de termos caído no mar e sentimos frio como no inverno? Aqui nada disto se passa! Como pôde suceder isto?”

18. Digo Eu: “Como o constataste! Não te posso responder de modo diferente, pois já devias saber com tudo que viste e assististe, - Quem e o Que estão aqui! Se o assimilas com a tua alma, como Me podes fazer tal pergunta?”

19. Começastes bem a manhã; a noite, porém, parece tornar-se noite também para as vossas almas! Ó Humanidade sumamente

cega! Acontece seres iluminada por momentos; a luz, no entanto, não perdura por não ter sido criada no próprio solo! Em poucos minutos as trevas substituem a aurora espiritual!”

20. Indaga Hebram: “Senhor, que tencionavas com isto dizer a mim e aos meus vinte e nove colegas?”

21. Digo Eu: “Nada, além de que sois todos peixes cegos num lago turvo! Dizei-Me o que vos impeliu a vos abrigardes debaixo de mesas e bancos?”

22. Respondem os encharcados: “Senhor, o medo instintivo, que nos ficou da infância, pela visão de tempestades fortes! Neste cego temor esquecemos onde e com Quem estamos; agora, reconhecemos a nossa tolice; como somos tão ignorantes e pecadores diante do Teu Semblante Santificado! Não podemos fazer nada, além de pedir-Te perdão com os nossos corações contritos.”

23. Digo Eu: “Já vos perdoei de há muito e nunca abri um livro de débito para alguém em virtude da sua tolice. Cada tolo é culpado do seu próprio prejuízo. Quando, noutra ocasião, não Me tiverdes em vosso meio, lembrai-vos do Meu Nome, numa fé justa e viva e isto vos protegerá melhor do que qualquer tábuia frágil!”

24. Com esta admoestação os trinta satisfazem-se e pedem para permanecer neste lugar protegido. Digo Eu: “Mas, isso é claro! Ficai e enxugai-vos, pois a chuva ainda continuará por meia hora!” Contentes os fariseus aceitam o convite, conseguindo secar-se rapidamente.

## **182. O NAVIO EM PERIGO.**

1. Eis que chamo o anjo e lhe digo em voz alta para que todos Me ouçam: “Um grande navio se debate em alto mar, tendo a bordo vinte passageiros de ambos os sexos, além de oito marinheiros. No início do temporal a embarcação estava ancorada na outra margem, perto de Genezareth; quando a borrasca mudou de direcção e o vento soprou com maior violência, o navio, que ultimava os preparativos da partida, foi arremessado intempestivamente para alto mar. Tanto os passageiros quanto a tripulação fizeram o que puderam, mas esgotaram as suas forças na luta contra tamanha tempestade. Agora correm perigo de serem tragados pelas vagas descomunais; por isso, vai e salva-os, – mas não de modo milagroso. Toma de um bote e, como bom práctico, socorre o navio e reboca-o até aqui, porquanto o seu destino é Cesareia Philippi!”

2. Imediatamente Raphael pega num barco cheio de água, esvazia-o e vai, qual flecha, ao encontro da borrasca, alcançando em poucos instantes a embarcação ameaçada. Quando os passageiros o avistam, caem de joelhos e agradecem a Deus, dizendo: “Oh, este salvador não é um homem comum, é um anjo enviado por Jehovah, a fim de socorrer-nos!” Raphael, então, indaga: “Para onde quereis ir com este temporal?”

3. Dizem eles: “Tencionávamos navegar para Cesareia, após a borrasca. Porém, a nossa embarcação foi impelida e não sabemos onde estamos, porquanto a forte chuva nos dificulta a visão. Estaremos longe da cidade?”

4. Responde Raphael: “Não muito; no entanto, perder-vos-eis ao atravessar a baía, por isso trouxe-vos o meu auxílio. O navio está metendo água?”

5. Dizem os marinheiros: “Sim, embora não em demasia!” Dentro de alguns instantes a última gota desaparece e a tripulação diz ao amável práctico: “Isto é realmente estranho! Enganamo-nos, pois não há uma gota de água a bordo. Certamente, fomos levados a este erro pelo grande pavor. Tudo que o Senhor ordena é milagre: com todo este dilúvio o navio está seco e o teu próprio bote nem está húmido!”

6. Dizem os passageiros à tripulação: “Não faleis tanto! Nisto tudo está a Visível Graça de Deus, pelo que tributar-Lhe-emos um sacrifício digno! E o jovem práctico veio do Céu, porque, vede: chove torrencialmente, as vagas nos circundam qual montanhas; porém, o nosso navio e o bote, deslizam como sobre um espelho e tudo se mantém enxuto! Assim também os raios explodem ao nosso redor sem nos atingir! Eis uma Graça imerecida!”

7. Aduzem os marinheiros: “Sim, tendes razão! Com a Bênção do Alto estamos salvos! Já se percebe a margem próxima, e um grande número de pessoas está na praia, não obstante a chuva, acenando-nos com um amável “Sede bem-vindos!” Ó Deus e Senhor! Quão glorioso e benigno És também na tempestade, para com aqueles que Te honraram e louvaram fielmente, ofertando-Te com alegria o tributo prescrito. Honra eterna ao Teu Santo Nome!” Após estas palavras eles navegam devagar em direcção à margem, e Eu ordeno em silencio ao temporal que se acalme inteiramente.

8. Logo tudo serena como se não tivesse havido manifestação furiosa dos elementos; o navio é atracado e os passageiros desembarcam, sem conseguirem compreender o que se passa: a

superfície do mar é lisa qual espelho e alguns pequenos cirros enfeitam a abóbada celeste. O Sol já desaparecera atrás das montanhas, despedindo-se por um maravilhoso crepúsculo.

9. A praia está plenamente seca; os viajantes são bem recebidos por Marcus, que lhes pergunta se desejam tomar alguma coisa, porquanto a viagem tormentosa os deveria ter extenuado. Em suma, tudo isto age de modo tão especial sobre os viajantes, que não percebem, de estupefacção, o que se passa em seu redor.

### **183. OS COMERCIANTES JUDEUS DA PÉRSIA.**

1. Após certo tempo de perplexidade, diz um dos recém-vindos: “Onde está o práctico? Precisamos indagar-lhe da remuneração merecida, pois não foi brincadeira como se expôs ao perigo para nos salvar.”

2. Nisto a tripulação aproxima-se, a fim de saber se deve aguardar a partida ou voltar à outra margem, que dista em linha recta cinco a seis horas. São, pois, informados de que deveriam esperar até os passageiros haverem resolvido os seus negócios em Cesareia Philippi.

3. Ouvindo isto, Marcus intervém, dizendo: “Amigos, podeis poupar o caminho à cidade, da qual só restam poucas cabanas judaicas e um montão de ruínas. Nas últimas horas tornou-se presa merecida do fogo que ninguém conseguiu dominar. Podeis resolver os vossos assuntos aqui em minha casa, onde se acham autoridades terrenas e espirituais.”

4. A notícia do incêndio deixa-os bastante desapontados, pois dizem: “Neste caso não temos nada a liquidar. Estávamos em relações comerciais com os gregos ali estabelecidos, e estes nos devem todo o fornecimento de mercadorias. Como, agora, reaver o nosso dinheiro?”

5. Somos especializados na confecção de seda e pêlo de camelo, fornecemos tecidos de lã fina em todas as cores, sedas estampadas para indumentárias do Templo, cuja última remessa vai a um montante de dez mil libras de prata; somos judeus, sujeitos a Jerusalém, e vivemos na Pérsia, onde possuímos grandes fábricas, nada constando que nos desabone.

6. Consideramos as Leis de Moisés mais rigorosamente que os de Jerusalém e sempre fizemos ricas oferendas no Templo; mantemos uma sinagoga que, em grandiosidade e luxo, não deve

muito ao Templo. Somos bons e caridosos para com os pobres de fé judaica e todo o mundo nos sabe cumpridores das Leis moisaicas. Por que Jehovah nos teria castigado tão cruelmente? Estávamos dispostos a depositar cinquenta por cento no sinédrio e até a fazer caridade aos fiéis daqui, com o restante da importância, se nos fosse possível entrar na posse daquilo que nos cabe!”

7. Diz Marcus: “Meus caros amigos, tal promessa vos será difícil de cumprir. Enfim, dirigi-vos ao Prefeito Cirénius que aqui está com mais três dignitários romanos.”

8. Dizem os viajantes: “Onde se encontra, para que lhe possamos expor a nossa miséria? Talvez também se dê um milagre neste caso, já que o nosso salvamento pelo jovem prático o foi, evidentemente, e nos deixou o desejo de indemnizá-lo à altura. Onde estará ele?”

9. Diz Marcus: “No pequeno monte à beira-mar, onde também se acham os dignitários. Podeis para lá vos dirigir sem susto. **Além desses Se encontra ali certa Pessoa usando um manto azul e sem costura que envolve uma veste avermelhada. Os Seus Cabelos louros e ondulados caem-Lhe por sobre os ombros.** Se puderdes conquistar a Sua Amizade considerai-vos mui felizes. Nada Lhe é impossível, no entanto, será difícil mencionar-Lhe o assunto que vos toca.”

10. Indagam os outros: “Quem é? Talvez seja parente do Imperador de Roma ou soberano de algum grande reino?” Diz Marcus: “Nem uma coisa, nem outra; ide, e facilmente descobrireis Quem se acha envolto pelo manto azul!”

#### **184. OS VIAJANTES TRAVAM CONHECIMENTO COM O SENHOR.**

1. Com isto, Marcus deixa os judeus persas e vai providenciar a ceia. Entrementes, os outros conjecturam se deveriam, todos, dirigir-se ao monte, mas resolvem afinal enviar dois dos mais sábios. Quando nos alcançam, curvam-se respeitosos e se encaminham para Raphael, ao qual pedem determinar o preço do auxílio dado.

2. Ele, porém, afirma: “Sou apenas um servo do Senhor que me provê de forças; por tal razão não aceito recompensa, pois esta cabe unicamente a Ele!” Indagam os outros: “Quem é o teu feliz

senhor?” Apontando-Me, diz Raphael: “Ei-Lo; perguntai-Lhe e vos dirá o que Lhe devem!”

3. Ambos se curvam diante do anjo e, em seguida, encaminham-se para Mim, lançando-se ao solo, de acordo com o hábito persa, com as faces à terra, e assim deitados, dizem: “Senhor, cuja face luminosa não nos atrevemos a fitar! Enviaste-nos o teu prático ousado e destemido na maior aflição. Sendo ricos, nunca ficamos devendo um favor, este, então, muito menos! Qual é o nosso débito para contigo, que nos salvaste da morte?”

4. Digo Eu: “Em primeiro lugar, levantai-vos como de uso em nosso meio; não somos dignitários vaidosos e orgulhosos do escravizado reino persa. Só então poderemos trocar umas palavras referentes à taxa de salvamento.”

5. Ambos assim fazem e aguardam a Minha Determinação. Prossigo, pois: “Sei da vossa procedência e a razão da viagem; sei que sois tão ricos em ouro, prata e pedras preciosas como poucos judeus em Jerusalém; que pagaríeis tanto quanto é o crédito que tendes nesta cidade arrasada com os comerciantes gregos – importância esta que jamais cairá nas vossas mãos.

6. Assim, o preço que vos poderia exigir – como persas e irmãos em fé – equivaleria ao prejuízo havido com esses comerciantes que ora procuram abrigo em choupanas de palha. Que resultaria daí? Iríeis lá receber para aqui depositar, e em seguida voltaríeis à pátria conforme viestes.

7. Todavia, não vos peço nada pelo salvamento, e ainda vos asseguro: tanto a estada aqui, a travessia e a volta para Genezareth não vos custará uma dracma. (O navio era posse de Ebahl, bem como lhe era sujeita a tripulação). Estais satisfeitos?”

8. Respondem os dois: “Senhor, que ainda estás na flor da idade, mas pleno de sabedoria salomónica, – era nossa intenção dividir essa importância igualmente, entre o Templo e os pobres judeus desta zona, caso os comerciantes nos pagassem a vultosa soma.

9. Já que sofreram golpe tão forte, o nosso prejuízo nada representa, e nos prontificamos a socorrê-los com o dobro, sem resgate e juros, ofertando-te, além disso, as mencionadas dez mil libras pela ajuda prestada. Somos muito ricos e não seria possível transportar para aqui a nossa fortuna em cem mil camelos, mesmo se cada um carregasse quatro mil moedas. Além disso possuímos vastos terrenos e numeroso gado. Portanto, exige o que quiseres e

teremos prazer em satisfazer-te, pois em Jerusalém ainda temos grandes somas a receber. Dar-te-emos o dinheiro ou uma ordem de pagamento.

10. Sabemos ser a abastança uma dádiva que Deus, pois Ele bem poderá proporcionar ao homem um dia e tirá-la no outro. Somos apenas os administradores e Ele o Senhor, Deus de Abraão, Isaque e Jacob. Por aí poderás deduzir com quem estás lidando; ordena, que cumprimos as tuas ordens.”

11. Digo Eu: “Persisto naquilo que determinei! Conheço-vos e à vossa situação financeira; portanto, fazeis o suficiente cumprindo o que exigi, e se quiserdes fazer mais aos pobres, ninguém vos impedirá. Aqui, porém, pode-se conseguir algo de valor infinitamente mais elevado que todos os vossos tesouros. Mais tarde trataremos disso.”

12. Dizem os dois: “Pareces um sábio estranho, para quem os bens espirituais valem mais que todo o ouro terreno, não sendo também amigo declarado de caridade excessiva! Em tudo isto, tens plena razão, pois os tesouros do espírito duram eternamente, enquanto os da Terra se findam com a morte. Assim, sábio senhor, dá-nos os tesouros da sabedoria, que nos serão mais agradáveis que toda a nossa fortuna. – Agora iremos informar os irmãos de tudo que ouvimos!”

13. Digo Eu: “Sim, ide e trazei-os, pois sois apenas vinte – sem a tripulação – e podeis acomodar-vos aqui.”

14. Aduzem eles: “Sim, terás espaço; resta saber, entretanto, se também terás a bondade de nos transmitir alguns sábios ensinamentos. Em nossa pátria a sabedoria se torna cada vez mais rara, pois em seu lugar se estende mais e mais a magia dos sacerdotes pagãos, que, certamente, acabará com o saber dos judeus lá estabelecidos, – mormente se os servos dominadores e egoístas da casta sacerdotal receberem poder do rei, que assediam de toda forma.

15. Até então pudemos fazer-lhes frente em virtude da nossa riqueza; no entanto, eles também sabem como açambarcar tesouros, prestando ajuda financeira ao rei, sempre que necessário. Assim, acontecerá talvez que darão fim à tolerância do soberano bem-intencionado. – Mais tarde entraremos em pormenores; urge agora que falemos aos outros.” – Retiram-se após, e transmitem ao seu grupo tudo que havíamos falado.

## 185. A BÊNÇÃO E A MALDIÇÃO DA RIQUEZA.

1. Cirénio, então, diz-Me: “Senhor e Mestre, realmente, jamais encontrei criaturas tão generosas e benévolas; tenho de protegê-las contra a usurpação dos sacerdotes, – custe o que custar! O rei da Pérsia, sendo também vassalo de Roma está sob o meu comando, e esses velhacos hão-de haver-se comigo! E Tu Senhor, devias cumulá-los de uma Graça especial, bem merecida.”

2. Digo Eu: “Por certo, de contrário não os teria salvado pelo Meu anjo, da morte certa. **Quando determino algo de milagroso sempre há motivo concludente!** Grandes fortunas em mãos de tais pessoas é uma verdadeira bênção do Céu para o país; se, além disso, ainda possuem saber mais profundo, podem até fazer milagres para o bem da Humanidade.

3. Riqueza em mãos de usurários é maldição do inferno para todo um reino, pois trata ele apenas de tudo açambarcar à custa alheia! Não se compadece com a miséria, aflição e lágrimas de pobres viúvas e órfãos! Diante do olhar glacial do avaro, milhares podem enfrentar a morte por inanição, pois jamais a procurará evitar!

4. Por isso vos asseguro: mais fácil é a prostituta, a adúltera, o ladrão e o assaltante entrarem no Reino do Céu, do que a alma de um usurário; é ele incorrigível, e ótimo material aproveitado por Satanás na construção de um núcleo infernal! É mais ainda: verdadeiro engenho satânico erigido para a destruição da Humanidade, que permanecerá, eternamente, posse plena do inferno!

5. Dá-lhe coroa, ceptro, espada e exército poderoso, – e terá um diabo como regente tirânico, sem piedade da última gota de sangue dos seus súbditos! Antes fará estrangular todo e qualquer devedor de apenas uma dracma! **Por isso, seja amaldiçoado por Mim todo o avaro e usurário!**

6. **Aqueles que se tenham tornado ricos pelo próprio esforço e através da Influência da Graça Celeste, representam um fruto bom e nobre da terra.** Colhem constantemente para os fracos e pobres, constroem moradas para os desabrigados e tecem roupas para os irmãos desnudos. Eis por que o seu mérito será grande no Além, pois já trazem em vida o Céu mais elevado e maravilhoso dentro de si!



7. Quando a alma um dia deixar o corpo, projectar-se-á do seu coração ao Céu e ela permanecerá no centro, qual Sol na aurora espelha claridade e brilha no ponto central da própria luz projectada, que tudo cria e vivifica.

8. Outras pessoas, cuja caridade não alcance este nível, serão felizes apenas como os planetas que se alegram dos raios acolhedores do Sol, mantendo, entretanto, uma face nocturna.

9. Meu caro Cirénus, **ser rico nesta Terra e gastar apenas o imprescindível para o seu sustento, isto é: ser desprendido para consigo mesmo, a fim de poder aplicar a maior generosidade ao próximo, - eis a mais elevada Semelhança com Deus, em vida!** Quanto mais pronunciada for essa verdadeira e única Igualdade, tanto mais intensas serão as bênçãos e graças emanadas do Alto!

10. Tal criatura é qual Sol: quanto mais luz irradia por sobre a terra, tanto maior é o seu brilho; e quando, no inverno, mais económica se torna com a sua projecção luminosa, - mesmo aparente - também menos brilho apresentará, embora, aparentemente! **Quem muito dá com amor e alegria, muito receberá em troca!**

11. É o mesmo que depositares uma forte luz no centro de um quarto: ela será reflectida em todas as paredes, voltando ao ponto central que envolve de uma glória potente, tornando-se a luz primária mais forte, fulgurante e activa. Ao passo que, se colocares uma lamparina no centro de um recinto, o reflexo das paredes ligeiramente aclaradas é mui fraco, nada se podendo perceber da glória da luz original.

12. Por isto, aconselho-vos - que sois providos de bens materiais - sede generosos como o Sol é liberal com a sua luz, - e a ele vos assemelhareis, colhendo bons frutos! Impossível seria se, depositando uma boa semente em solo fértil, ele não te retribuísse colheita centuplicada. **As boas obras de um coração bondoso representam a melhor sementeira - e a Humanidade, o solo mais fecundo;** nunca deixeis que ele permaneça sem cultivo - semeai fartamente e obtereis uma safra abundante na Terra, e no Além, mil vezes mais, do que sou Testemunha fiel!

## 186. A BASE DA ÍNDOLE HUMANA.

1. (O Senhor): “Certamente haverá quem diga e julgue da seguinte maneira: Sim, não deixa de ser louvável pregar-se a virtude

da generosidade e classificar a avareza como vício desprezível; entretanto, quem é responsável por uma criatura sentir forte tendência para a generosidade excessiva, enquanto outra defende, como base vital, a avareza declarada? É a manifestação externa do sentimento mais íntimo, de onde surge uma sensação de felicidade, que cada qual guarda para si. A primeira se entristece quando não possui aquilo que poderia constituir a alegria do próximo, – a outra, por não ganhar o que deseja – ou que, talvez, ainda venha a perder! Isto tudo deveria basear-se na Natureza humana e, no fundo, não pode haver vício ou virtude verdadeira. **Para o avarento a generosidade é um vício, e para o generoso a avareza é um defeito.** Acaso, poderia ter a água algum mérito pela sua natureza maleável e branda e a pedra ser responsável pela sua dureza? Ambas têm de ser o que são.

2. Em parte, é justo: a natureza do liberal leva-o à caridade, enquanto a do avarento faz o contrário. Realmente, a situação é esta: **Toda criatura nasce com tendência para o egoísmo e a avareza, e a sua alma contém, muitas vezes, o elemento mais animalizado, mormente naquelas provindas da Terra e não do Alto.** Todavia, mesmo as que procederem dos astros, não são completamente livres de tais elementos.

3. Se uma criança é educada de acordo com os seus elementos animais e egoístas, pouco a pouco transforma-os numa base indispensável à vida, isto é: torna-se-lhe o seu amor! Com esta inclinação animal a criatura é apenas humana pela forma, a capacidade de falar, pela construção ordenada do cérebro, do conhecimento equilibrado, que, entretanto, é instigado sucessivamente pelos elementos animais a uma acção desprezível. Apenas reconhece de bom e venturoso o que lhe advém daquela esfera.

4. Aquele que afirma, de modo geral, não existir virtude nem tão pouco vício, e que seria injusto condenar a avareza perante a generosidade, receba este Meu Ensinamento, considerando-o a fundo!

5. Se um jardineiro planta duas árvores frutíferas e lhes dedica o cuidado necessário, – ser-lhe-á indiferente que uma dê frutos, e a outra, da mesma espécie e plantada no mesmo solo, alimentada pela mesma chuva, orvalho, éter e luz, não produza nem mesmo a folhagem suficiente para uma sombra acolhedora? Ele dirá: Esta árvore é doentia e de má índole, pois absorve todos os humores em

benefício exclusivo; vejamos se não é possível ajudá-la! – Experimentará todos os meios conhecidos de longa prática e, caso não surtam efeito, extrairá o vegetal inútil, replantando um novo.

6. Por tal motivo um homem avarento e egoísta é uma criatura completamente corrupta, e não produzirá frutos de caridade, porquanto, absorve toda a manifestação de amor, apenas, em seu próprio benefício. Em compensação, um homem liberal já se acha na justa ordem da sua vida, por produzi-los com fartura.

7. Todavia, uma árvore não é responsável pela sua produção farta ou negativa, pois não se forma independentemente; é criada pelos elementos que surgem em seu organismo através do reino da Natureza, pela força e inteligência mui simples e restritas que neles habitam. **O homem, no entanto, é capaz de formar-se a si próprio e transformar-se** numa árvore portadora de abundantes frutos de amor, **pela inteligência ilimitada da sua alma.**

8. **Fazendo-o, para o que dispõe de todos os meios, torna-se homem justo na Ordem Eterna e Verdadeira de Deus; agindo inversamente, permanecerá um animal sem vida de amor, portanto também impossibilitado de transmiti-la ao semelhante por obras de caridade.**

9. Por tal motivo, estes judeus da Pérsia são criaturas perfeitamente equilibradas, sendo fácil guiá-las à sabedoria mais elevada. Quando uma lâmpada está repleta de óleo e transborda, e também possui um pavio sólido e colocado correctamente, – basta acendê-lo para que a lâmpada tudo ilumine ao seu redor. E estes persas, – alguns, aliás, acompanhados das suas esposas, são como lâmpadas cheias de óleo, pouco precisando para se tornarem plenos de luz.”

10. Diz Cirénio: “Senhor, eis um ensinamento muitíssimo elevado e que deveria ser anotado para uso posterior.”

11. Digo Eu: “Fazes bem em te preocupares com isso, motivo por que já tratei que o mais importante se ache escrito em teus papiros. Tais anotações têm o mesmo efeito que uma seta indicadora para o viajante nas estradas e atalhos deste mundo. Todavia, aquilo que for útil a cada um e lhe dê sabedoria, força e vida, acha-se escrito em seu coração de modo indelével. Tal escrita da eterna justiça da vida e as suas relações internas e externas é lida automaticamente em todas as acções contrárias à Ordem Divina, animando a alma a voltar para lá.

12. Quem seguir essa voz íntima sempre estará no caminho certo; não o fazendo, isto é, seguindo à paixão desenfreada da carne, terá de agradecer a si mesmo quando for devorado pela própria condenação. – Agora vejo que os persas se encaminham para cá; vamos recebê-los com prazer!”

### 187. O CRITÉRIO DOS PERSAS.

1. Enquanto palestro com Cirénius, os persas conjecturam acerca do mistério sobre a Minha Pessoa. Uns são de opinião ser Eu profeta, outros, um sábio que tivesse cursado todas as escolas do Egípto, Grécia e Jerusalém; alguns há que presumem ser Eu um príncipe de Roma, conhecedor de todos os assuntos governamentais e de vasto saber. Destarte seria preciso muito cuidado Comigo, pois de contrário o próprio Cirénius, Prefeito de toda a Ásia, não adoptaria atitude humilde. Finalmente, um deles objecta: “Seja como for, é um homem excepcional e nos poderá ensinar muita coisa de que, no momento, mais carecemos!” Todos concordam e encaminham-se para o monte, embora já comece a anoitecer.

2. Ao mesmo tempo aproxima-se o velho Marcus e pede orientação quanto à ceia, sobre as mesas quebradas pela saraiva e qual a providências a tomar contra a forte humidade.

3. Aponto-lhe os persas e digo: “Eis um manjar farto e sumamente saboroso; devem ser consumidos pelo Meu Amor ainda antes da ceia! Até lá acharás tempo para organizar tudo; as mesas, apenas algumas sofreram avarias e poderão ser consertadas. Manda fazer luz para que não caminhem no escuro.” Satisfeito, Marcus volta aos afazeres.

4. Os persas aproximam-se de Mim, curvam-se até ao solo, de acordo com o seu uso, levantando-se em seguida. Um dos dois que já Me havia falado, toma da palavra: “Senhor, grande amigo dos homens de boa vontade, – aqui estamos! Conheces o motivo que nos trouxe a esta zona. Entretanto, consideramo-lo como milagrosa determinação do Alto, dizendo como Job: Senhor, Céu e Terra, ar e água, tudo é Teu! Tu dás e tomas, quando e como Te agrada: ao mendigo podes facultar coroa e ceptro, e fazer curvar a cabeça dos reis no pó da completa nulidade! – Eis porque nada nos faz sofrer, pois o homem compenetrado fielmente da Vontade Poderosa de Deus, jamais se entristece, a não ser que tenha pecado diante da Face do Omnisciente. Assim, também não lastimamos o nosso

considerável prejuízo, pois se a Vontade do Supremo não estivesse soberana em tão espectacular acontecimento, estaríamos agora de posse do nosso dinheiro, conforme antes se dava, ano após ano. Com alegria ofertamos essa bagatela e faríamos maiores sacrifícios se o Onnipotente o exigisse, pois unicamente Ele, é o Senhor, e nós Seus servos obedientes.

5. Assim, nós O amamos e tememos, e se algum dia nos fez passar vergonha diante dos homens, teve o Seu justo motivo para tanto! Com muita facilidade e levianamente o homem peca diante de Deus, prejudicando a sua alma; eis que então Ele vem com o bom açoite e ajuda a criatura a volver ao bom caminho!

6. Disto, senhor e amigo, deduzirás não haveremos esquecido! És possivelmente um pagão sábio e entendido no poder da Natureza; nós, no entanto, aceitamos apenas um Poder, que está com Deus. Além disto não admitimos outra doutrina. Portanto, se pretendes transmitir-nos sabedoria acertada, não esqueças que somos professantes conscientes da Doutrina de Moisés! Passando daí nada aceitamos, ainda que mui sábio! Preferimos ser considerados tolos diante do mundo intelectual, que pecadores perante Deus!”

7. Digo-lhes: “Muito bem, achais-vos no caminho justo! Todavia existem passagens em Moisés e noutros profetas que, por certo, não compreendeis. Quero, pois, esclarecer-vos, para que venhais a saber, todos vós, o que ora se passa!

8. Quando Elias se achava oculto numa caverna, o espírito lhe anunciou que ele deveria ali permanecer até que Jehovah houvesse passado. E Elias postou-se na entrada, à espreita. Eis que se fez sentir um vento forte, soprando com tanta violência que fez estremecer a montanha, e o profeta julgou que Deus houvesse passado. O espírito, porém, disse: Jehovah não Se acha na tempestade!

9. E Elias continuou a espreitar. De repente um fogo poderoso por ali passou, com estrondo ensurdecador e as paredes ficaram transparentes pelo calor intenso. E o profeta acreditou que, então Deus houvesse passado. Mas o espírito de novo lhe disse: Tão pouco neste fogo Ele Se achava! E Elias deduziu: Portanto o Amor de Jehovah não Se acha manifesto na tempestade, nem no poder do fogo!

10. Enquanto assim meditava, um sussurro delicado e suave passou à frente da caverna, e o espírito lhe disse: Elias, justamente

agora, seguiu Jehovah no sussurro delicado, e que te sirva de prova! Podes deixar a caverna onde tinhas de esperar pela tua libertação! – E o profeta de lá saiu alegre, estando livre o caminho para a pátria. (*I Reis 19:9-15*). – Julgando-vos tão firmes na Escritura, explicai-Me este quadro singular!”

## **188. O SENHOR EXPLICA UM TEXTO DA ESCRITURA.**

1. A esta Minha Pergunta e a precedente explanação todos arregalam os olhos, sem saberem o que dizer, pois quanto mais reflectem mais confusos ficam. Um daqueles dois observa após algum tempo: “Elevado e sábio amigo! Pareces ser entendido na Escritura, embora romano ou grego, e a tua explicação sobre o profeta Elias foi bem clara; todavia, até hoje ninguém a entendeu. Seria realmente estranho ser esclarecido por um pagão, mas pedimos-te que o faças, pois já de certa feita, um sábio gentio do Oriente me aclarou algumas dúvidas em Isaías. E aqui se parece repetir tal facto.”

2. Digo Eu: “Atender-vos-ei! Antes de mais nada, devo esclarecer-vos não ser Eu pagão, mas judeu de nascimento; entretanto, também sou tudo com todos, a fim de conquistá-los para o Reino da Luz e da Verdade Eterna. Quem tem ouvidos, que ouça, e quem tem olhos, que veja!

3. **Elias representa a alma pura do homem; a caverna na qual se ocultava é o mundo, e, mais propriamente a sua carne e sangue. O espírito que fala a Elias, ou melhor, à alma humana, é o Espírito de Deus com o qual ela se deve unir. Porém, isto ainda não é possível, porquanto Jehovah ainda não passou diante da caverna da carne, ou seja, a “caverna” do mundo.**

4. **A tempestade representa a época de Adão a Noé, - o fogo, o transcurso de Noé até ao momento actual.**

5. **A era do sussurro delicado que está precisamente diante de nós, dará plena libertação espiritual e verdadeira a toda alma de boa vontade, e - guardai bem - igualmente estais na iminência de receberdes a liberdade conferida a Elias!**

6. O navio que vos trouxe foi idêntico à dita caverna: encontrava-se, no início, sob o poder da tempestade que vos fez passar grandes aflições e pavor e, quando fostes impelidos pela mesma ao cimo do mar revolto, um fogo de mil raios projectou-se sobre o vosso pequeno mundo de tábuas soltas. Porém, Jehovah não

Se achava no fogo, embora vos trouxesse salvamento e conservação com o Seu Braço! (O anjo). Agora encontrais-vos precisamente na situação em que o sussurro delicado vos bafeja; quem estará diante e próximo de vós neste sussurro delicado?”

7. Os persas se admiram profundamente e um deles diz: “Estranho! Eis um quadro perfeitamente idêntico ao de Elias! O nosso salvamento foi deveras milagroso, e neste monte sinto o tal sussurro peculiar e misterioso mencionado pelo espírito ao profeta, onde Jehovah estaria Presente! - Que me dizeis a isto, meus irmãos?”

8. Respondem em uníssono: “Sentimos o mesmo que tu, sem todavia chegarmos à real compreensão. Deixemos, pois, que este homem sábio fale por nós!”

9. Diz o outro: “Sim, será melhor; no entanto, não podemos exigir isto ou aquilo numa assembleia formada pelos maioraes de Roma. Compete-nos pedir licença para tanto.”

10. Digo Eu: “Amigo, isto não é preciso. Tal uso persa é inútil em nosso meio! Diante de Deus, Meu amigo, uma humildade que rebaixa a alma é tão tola como qualquer outra praticada entre a raça pagã, - quanto mais uma exagerada diante do seu próximo. Tal expressão de humildade rastejante entre duas criaturas prejudica a ambas: a uma porque geralmente simula, fazendo com que a outra se torne orgulhosa, e a esta, pelo facto de cair realmente no erro.

11. Apenas a humildade surgida do amor puro é justa e verdadeira, pois respeita e ama o próximo como irmão sem elevar-se, tão pouco o torna um ídolo, diante do qual se deva ajoelhar e adorar.

12. Tudo o que quiseses ou desejares, pede-o como homem ao homem, como irmão ao irmão; jamais alguém deve rastejar-se no pó perante o próximo. **O que Deus não exige da criatura, muito menos esta deve exigir do seu semelhante!** Eis a justa sabedoria na Ordem Plena de Deus; guardai-a e segui-a, que vos tornareis agradáveis a Deus e aos homens.

13. Agora mudemos de assunto. A fim de que possais reconhecer mais profundamente o sussurro delicado diante da caverna do profeta, dar-vos-ei outro problema, já que sois judeus verdadeiros.

## 189. A INDAGAÇÃO DO SENHOR QUANTO AO MESSIAS.

1. (O Senhor): “Qual a vossa opinião a respeito do Messias Prometido, o Qual, de acordo com as predições de todos os profetas, deveria vir nesta época para salvação dos judeus? Ligais alguma importância a tal facto, como criaturas inteligentes, ou, como tantas, o julgais inócuo para o raciocínio humano, em virtude do seu teor místico?”

2. Diz um deles: “Prezado amigo, eis um assunto delicado! Ambas as interpretações são arriscadas, porquanto, não considerá-lo seria audacioso por parte de um judeu verdadeiro, – e tomá-lo a sério, o mesmo que abrir as portas à mais profunda mistificação. Prefiro entregar tal decisão a sábios mais eruditos, embora o meu simples raciocínio me diga ser a ausência de fé preferível à superstição.

3. O primeiro estado assemelha-se a uma criança recém-nascida ou a um campo, no qual nunca se tenha lançado uma semente. Por uma boa educação pode a criança tornar-se um homem sábio, e um campo sem cultivo pode ser aproveitado para produzir vários frutos. Porém, uma vez invadido pela erva daninha, e um adolescente instruído em toda a sorte de tolices, nada feito ou na melhor hipótese, conseguir-se-á algum efeito com muita dificuldade. Todo o lavrador sabe o quanto custa limpar um campo invadido pelo mato. Eis, amigo a minha opinião.

4. No que diz respeito ao Messias Prometido não temos ideia formada; todavia, se algum sábio entendido na Escritura nos quisesse esclarecer, ser-lhe-íamos muito gratos. Tu mesmo, se souberes algo de conciso, transmite-o!”

5. “Julgaste bem!” Digo Eu: “a ausência de fé é sempre melhor que a superstição tenebrosa; entretanto, também possui disparidades perniciosas que, se endurecidas, são tão difíceis de curar como difícil se torna a limpeza de um campo. Um terreno cheio de matagal ainda demonstra ter solo fértil, de contrário nem isso produziria, como se dá com um completamente estéril.

6. Sabes, quando o intelecto mundano é matematicamente determinado e firma a sua base na criatura, bem árduo se torna aplicar a fé – por mais elevada e sábia que seja – em algo puramente espiritual. Tal homem intelectual exige, finalmente, prova matemática para tudo, e das coisas que não pode ver e medir não



quer tomar conhecimento. Julga tu mesmo, se poderias aceitar algo de puramente espiritual?”

7. Responde o judeu persa: “Tens plena razão, nobre amigo; entretanto, pode-se também afirmar existirem poucos homens dessa índole, e algumas andorinhas ainda não fazem o verão. Além disto são os intelectuais mais acessíveis à verdade do que todos os adeptos da superstição, mormente quando lhes fornece esta como sustento material. Neste caso nada há que fazer, porquanto perseguem todos que se lhes antepõem, com fogo e espada! Isto pode ver-se na casta sacerdotal, que usa de todos os meios para proteger o livre curso das suas fraudes escabrosas.

8. Em absoluto quero garantir acreditarem os sacerdotes naquilo que obrigam os outros a aceitar, pois o seu móvel é o conforto, ouro, prata e pedras preciosas. A Humanidade frequentemente cega aceita-os, e isto, num fanatismo revoltante e cruel.

9. Diante destas aberrações no campo da superstição, é preferível um intelectual enraizado. Ao menos é amigo de uma verdade real, enquanto o outro rejeita toda e qualquer manifestação sobre o assunto. Um amigo da verdade é acessível de um modo razoável, enquanto o supersticioso não aceita sugestões lógicas.

10. É facto sabido que pessoas de raciocínio calculista dificilmente são levadas à fé absoluta; porém, se tal coisa for alcançada, mesmo aceitando algo como hipótese, tudo farão para prová-la de modo matemático. Acaso um supersticioso faria isso? Para ele, detrito e ouro são idênticos; e eu persisto em afirmar que fé alguma seja melhor que aquilo que se crê em nossa pátria.

11. Contudo, informaram-nos, não divergirem muito os nossos sacerdotes dos de Jerusalém. A tal maravilhosa Arca da Aliança é uma simples fraude, pois bem sabemos quando e onde foi construída, isto é, - nos confins da Pérsia, para que não fosse denunciada. Isto, porém, não adiantou muito: tiveram de pagar pelo silêncio, aos artistas marceneiros, dez vezes mais que o próprio valor da Arca, o que não os impediu de comentarem a novidade com os nativos e mesmo connosco, judeus. Por tal razão, prezado amigo, consideramos fielmente a Doutrina de Moisés, embora também lhe reconheçamos certas coisas inteiramente ilógicas. Como ninguém consiga interpretá-las, também não se dão ao trabalho de meditar. No que diz respeito à lei e à moral, é insuperavelmente

sábua. Denominamos esta parte da Doutrina como divina; o resto não nos toca, mormente a parte profética, incompreensível.

12. A Tua explanação sobre o texto de Elias é acertada e sublime; mas o que a respeito dizem os outros profetas é sumamente místico. Requer explicações concisas e fé equilibrada. Esta, infelizmente, não mais existe em nossa pátria. Preferimos pouca ou nenhuma fé em coisas extravagantes, - enquanto a fé no Deus Verdadeiro que falou por Moisés a Seus filhos, é mantida com fidelidade.

13. Além do mais, devemos muito a Platão, cujos axiomas apreciamos. Moisés é prático e delineia o caminho com traços marcantes. Platão é apenas espírito e alma, e demonstra a ambos a sua própria índole. Todos em conjunto: Moisés, Platão, Sócrates e alguns profetas, bem interpretados, denominamos como o próprio Messias que virá do Alto, de onde emana toda a luz à Terra, às criaturas de boa vontade. Demonstrei com isto, prezado e sábio amigo a nossa verdadeira índole; cabe a ti, orientar-nos sobre algo melhor, caso te seja possível. Qual seria, por exemplo, o teu parecer quanto aos profetas e ao Messias Prometido?"

## **190. DIFICULDADES NA CONVERSÃO DOS PERSAS.**

1. Digo Eu: "Não chegou à vossa pátria a notícia de ter nascido de uma virgem, há trinta anos, em Belém, a velha cidade de David, um Rei dos judeus, numa estrebaria?"

2. Três sábios do Oriente depararam com uma grande estrela e indagaram aos seus próprios espíritos a significação. E eles ordenaram-lhes para que lhe seguissem o rastro, pois conduzi-los-ia ao recém-nascido Rei dos Judeus, o qual iria construir um Reino na Terra que jamais teria fim.

3. Eis que os sábios levaram ouro, incenso e mirra, montaram os seus animais e, acompanhados de grande e sumptuoso séquito seguiram a trajectória do astro até alcançarem o lugar desse Nascimento. Na pesquisa pelo recém-nascido chegaram até Herodes, o qual, não os podendo informar, sugeriu a volta a Belém, onde a estrela quedava fixa. Recomendou-lhe ainda uma busca mais intensa, pedindo ao mesmo tempo orientá-lo do possível êxito, para que pudesse render ao Mencionado as devidas homenagens.

4. Quando, mais tarde, O encontraram e Lhe ofertaram os seus presentes, um espírito celeste os preveniu que não comunicassem a

descoberta a Herodes, motivo por que voltaram à pátria por outro caminho. Dizei-Me o que sabeis a respeito.”

5. Diz um dos persas: “Estás-nos lembrando um facto que foi divulgado em toda a Pérsia e até na Índia, pois os três sábios – como os há nas fronteiras hindus – fizeram tanto alarde que o próprio rei se tornou ciente do ocorrido, sem contudo lhe ligar grande importância. Sabia da tendência dos magos em fazerem um elefante de um mosquito. Tais factos não nos impressionam muito, porquanto nos meios mais cultos já se está bem informado sobre eles. Pode a pessoa assistir a magias bem apresentadas quando se sentir disposta, achando até graça numa situação cómica, – em síntese, nada de valioso representam.

6. De nossa parte, apenas consideramos verdades matematicamente comprováveis; é bem possível que o fanatismo contenha algumas, tão ocultas no misticismo que é difícil ao raciocínio humano descobri-las. Tu, nobre amigo, debes compreender que é mais razoável dirigir a atenção exclusivamente à verdade pura do que homenagear um culto místico.”

7. Diz Cirénus, virando-se para Mim: “Senhor, parece-me impraticável a conquista destas pessoas honestas, porquanto são contra tudo que se classifica de fé. Além disso são inimigas de qualquer milagre, recurso de que lançam mão em casos extremos como prova irrefutável da Tua Divindade.

8. Não os podes convencer através de uma atitude milagrosa para não lhes despertar a completa rejeição. De igual modo as explicações dos profetas concernentes a Ti não terão efeito, por não lhes darem crédito. Assim, não vejo outra saída.”

9. Digo Eu, em surdina: “Deixa isto por Minha conta; por que não deveria poder conquistá-los se tive pleno êxito com Mathael e Floran? O mais teimoso de todos foi Stahar que também já se equilibrou na Ordem, – muito mais fácil, pois, é levar estas criaturas honestas ao caminho justo.”

10. Replica Cirénus: “Não duvido, pois todas as coisas Te são possíveis, mas para a minha compreensão humana, não vejo possibilidade.”

11. Digo-lhe: “É preciso que se lhes dê ocasião de se externarem completamente; só depois de terem demonstrado o que lhes vai no íntimo, poder-se-á depositar um fruto novo no jardim purificado do seu coração.”

12. Enquanto trocamos estas palavras, os persas também cochicham e o principal orador, chamado Schabbi, diz aos colegas: “Tenho a impressão de estar pisando em brasas! Os romanos, espertos, certamente tiveram conhecimento da predita vinda do Messias e pesquisam todos os cantos da Terra, a fim de prendê-Lo, pois que pretende fundar um Reino indestrutível, sem considerar os potentados. Por isso, – muita cautela para não cairmos na armadilha romana!

13. O homem que se dirigiu a Cirénius deve ser um perito de Roma. Bastaria que manifestássemos fé no Messias, – e estaríamos perdidos! Tal examinador é instruído em todas as Escrituras e nos quer armar uma cilada; isto não lhe será possível porque também somos espertos. Manteremos a nossa firme opinião para salvar a pele!” Todos concordam com Schabbi e prometem-lhe não denunciar com uma sílaba sequer o que pensam do Messias.

14. Eis que deles Me aproximo e digo: “Schabbi, por que alimentas pensamentos maldosos em teu coração, contra Mim e os inocentes romanos? – Julgas não ter Eu percebido o que combinaste em segredo com os teus colegas? Nenhuma sílaba Me escapou, pois Aquele que viu e soube do grande perigo que enfrentáveis, – de contrário não poderia ter enviado auxílio – vê também o fundo dos vossos corações. Se Ele tem boas e sinceras pretensões para convosco, porque não confiais Nele?”

15. Responde Schabbi: “És inteligente e sábio; poderíamos, porém, lucrar algo com isso? Entre nós ninguém é ignorante e conhecemos as tuas intenções: os maiores romanos ao teu lado, o destacamento militar não longe daqui, por certo destinado a nos prender. Podes desistir de uma busca, porquanto não irás encontrar nada!”

16. Vira-se Cirénius novamente para Mim: “Que homens estranhos! Agora até recorrem à simulação. Que fazer com eles? Têm conceito formado contra nós, de sorte que se torna difícil contestá-los.”

17. Digo-lhe: “Não é bem isso; acham-se mais perto do destino que antes. Desde o início usaram tal precaução em virtude da vossa presença. De algum tempo para cá divulga-se o seguinte: o Messias apareceu em verdade na Judeia, operando grandes milagres; cientes disto, os romanos O perseguem, não só Lhe fazendo caça como a todos que manifestam um vislumbre de fé neste facto. Eis a causa da simulação que em breve dominaremos.”

## 191. SCHABBI ADVERTE.

1. Não obstante integrado da situação com os persas, Cirénio não compreende quem teria divulgado esta infâmia entre eles. Digo-lhe: “Acaso o Templo não Me considera, há nove meses, como agitador? Vai até lá e informa-te. Dali surgem todos os boatos falsos e maus sobre a Minha Pessoa, as Minhas atitudes e também sobre vós, romanos, sabendo-se que não sois contra Mim. O próprio João Baptista ainda estaria vivo se o Templo não o tivesse intrigado com a bonita Herodias.

2. Tudo é engendrado pelo sinédrio e os seus braços abrangem a Terra distante; todavia, ser-lhe-ão cortados em breve. Assim andam as coisas: será difícil tratar com estas pessoas, porém, não inútil. Devem receber a verdadeira luz, de contrário, Eu, a Minha Doutrina e vós sofreríamos uma decepção.

3. Certamente, começas a compreender o motivo por que salvei estes persas da morte certa: a fim de lhes conservar a vida física, não seria preciso mandar um anjo para a sua salvação. Como exercem grande influência no seu vasto país e o seu grande povo, tinha de salvá-los, porquanto sem eles, não teria os meios adequados de livrar os habitantes dos falsos conceitos.”

4. Diz Cirénio: “Todo o louvor se deve, Senhor, unicamente a Ti! Compreendo perfeitamente que podemos e devemos aguardar pleno êxito.”

5. Neste ínterim, os persas conjecturam de modo diverso, e Schabbi diz aos outros: “Vede só, como os dois falam em segredo sobre a maneira possível de prender-nos. Urge que tenhamos cautela, porquanto a sua tática agora será mais ostensiva. O tal examinador quis-me assustar com a afirmação de conhecer os nossos pensamentos; quando viu que tudo isso de nada adiantou, virou-se para o Prefeito para combinar outro estratagem.”

6. Diz um deles: “Como pôde saber o teu nome, se nenhum de nós lho disse?”

7. Concorda Schabbi: “É realmente um tanto estranho, mas isso não nos deve confundir; os meios usados por pessoas tão espertas para conseguirem informações desejadas, são inúmeros. Somente Deus é Onnipotente, - o homem apenas quando chamado pelo Espírito Divino a revelar o que jamais alguém sonhou. Tal privilégio é raro neste mundo egoísta e inteiramente impossível encontrar-se entre pagãos ignorantes.

8. Porém, aqueles que tenham contacto com os sábios do mundo, são atilados por se tornarem conhecedores de segredos. Empregam bondade, rigor, generosidade, paciência e até a iniciação em seus mistérios, a fim de conquistarem plena confiança e, assim, apossarem-se dos pensamentos alheios.

9. Amigos, encontramos-nos frente a juízes inclementes. O tema em jogo, tão odiado pelos pagãos, é o Messias, cuja Vinda já se deu conforme fomos informados de modo irrefutável. Eis a razão por que O perseguem, e a simples crença em Seu Aparecimento é crime mortal entre os gentios. Sabeis, portanto, o que fazer!”

## **192. A PALESTRA ENTRE OS DOIS PERSAS.**

1. Diz o outro: “Foste sempre a precaução em pessoa; desta vez, não pareces aplicá-la com justiça. Quanto mais observamos o examinador, tanto mais se desvanece o pensamento de ser ele mal-intencionado. Durante a nossa palestra com ele captei palavras suas dirigidas a Cirénius, que apenas revelavam certo cuidado em nos afastar do erro. Percebera que o nosso temor pelo Messias se baseava em informações capciosas, oriundas do Templo.

2. Durante a nossa viagem tivemos oportunidade de observar os romanos, sem jamais lhes descobrirmos um acto cruel. Assim, penso ser o teu receio um pouco exagerado, mormente no que diz respeito ao examinador. Percebo algo mui diferente e me admiro que tal coisa não fosse observada por ti.”

3. Indaga Schabbi: “Que seria? Tenho visão ampla e estranho a tua afirmação.”

4. Diz o outro, chamado Jurah: “Ora, não notaste que as explanações feitas sobre o profeta Elias se referiam, evidentemente, a ele mesmo?” Diz Schabbi: “Em que sentido?” Responde Jurah: “Nada mais do que ser ele próprio o Messias Prometido, diante do Qual até os potentados têm de curvar-se! Além disso, também ouvi como o Prefeito o cognominava “senhor”, algo inédito partindo de um dignitário romano. Tudo isto não pode ser desconsiderado, pois, que seria se tal homem fosse realmente o Prometido?”

5. Diz Schabbi: “Só poderia estar satisfeito com a minha precaução, que pretende proteger a Santidade da nossa Doutrina contra a usurpação dos gentios. Em todo o caso convém um exame rigoroso, pois as tuas observações bem podem ser disfarce!”

## 193. A CONFIANÇA PREMATURA.

1. Acerco-Me novamente deles e digo a Schabbi: “Então, o que combinastes? Acaso ainda Me consideram uma raposa ladina, com o único fito de vos fazer entregar às autoridades romanas, em virtude do temido Messias? Assemelho-Me realmente a um delator traiçoeiro?”

2. Responde Schabbi: “Bom amigo! A fisionomia é muitas vezes o espelho da alma, – mas nem sempre. Conheci pessoalmente um homem, cuja aparência era idêntica à de um anjo, meigo e simples; no entanto, tudo não passava de máscara perfeita, pois era um diabo escrito! Favorito da corte e entendido em artes e ciências, – possuía uma alma muito mais tenebrosa que o Estígio pagão! Ai dos que travassem relações com ele, pois estariam perdidos! As mulheres tornavam-se vítimas dele através da sua conversa perversa. Ele, no entanto, sempre se fazia passar por inocente, pois as circunstâncias o favoreciam de estranho modo! Servo fiel do rei, mas um diabo perfeito para com todos os inferiores!

3. Naquela cidade vivia um grego rico que se convertera à nossa religião; a sua esposa, jovem e bonita, era-lhe mui fiel e dedicada. Não demorou muito, e o perverso homem foi informado da existência daquela beldade, e todo empenho fez para conhecê-la. O acaso quis que o grego se visse obrigado a fazer queixa de um persa, em virtude da negação do pagamento de uma dívida, pois o devedor tinha como juízes os seus próprios conterrâneos. Assim, o grego via-se logrado naquilo que a que tinha direito. Eis que um dia a sua esposa – sabendo que o favorito por diversas vezes lhe havia demonstrado admiração, disse-lhe: “Que tal se pedíssemos ao cortesão interferência junto ao Rei?” Respondeu-lhe o marido: “Sei que te olha com cobiça e talvez conseguisses algo em meu favor! Fala-se, entretanto, nada bem a seu respeito e seria até melhor tê-lo como inimigo ao invés de amigo, pois quem até hoje privou com ele, sempre foi alvo de uma desgraça. Assim, penso que a perda da importância seja o menor dos males e faremos bem se a ofertarmos ao Senhor!”

4. A jovem e bonita esposa com ele concordou. Não tardou, porém, que o cortesão fosse em pessoa comprar uma jóia na casa do grego, que era ourives. Portou-se de modo cortês e gentil, procurando despertar-lhe confiança; a mulher, no entanto,

perturbou-se pela maneira insinuante daquele homem de atitude tão generosa, que pagara o preço marcado sem regatear.

5. O grego, animado por isto, disse: “Ah, este homem deve ser muito invejado na corte por sua aparência atraente e simples; não acho possível ser maldoso.” Dias depois, o cortesão voltou para comprar um grande diamante encrustado em ouro e que deveria enfeitar o seu turbante, oferta do Rei. O preço estipulado era de cem libras de ouro, que ele queria pagar imediatamente, pois andava sempre acompanhado de grande séquito. O grego, porém, disse-lhe: “Bom amigo, ajuda-me a reaver a importância que fulano me deve, – e esta jóia estará paga! Tens grande influência junto do Rei e te serei grato!”

6. Respondeu o outro: “Amanhã mesmo ser-te-á feita justiça; não obstante, aceita o pagamento da jóia! Como te presto um favor sem interesse próprio, exijo-te um pequeno obséquo: dentro de sete dias celebrarei no aniversário real, uma grande festa no jardim paradisíaco. Convido-te e à tua esposa, pedindo que vos apresenteis condignamente. Conduzir-vos-ei à mesa do soberano, onde podereis externar o vosso pedido.”

7. O grego sentiu-se lisonjeado, pois de há muito desejava tornar-se ourives da corte. A esposa, porém, observou: “Não podemos voltar atrás; no entanto, não pressinto nada de bom para nós. É bem possível que sofras algum revés ao meu lado. Melhor seria arrumarmos os nossos trastes e fugir antes que venha o tal dia tenebroso!”

8. O marido, porém, disse-lhe: “Querida, sempre é bom ser precavido. Contudo, alimentar desconfiança contra uma pessoa que nunca deu motivo para tanto e da qual apenas se sabe o que as má-línguas inventaram – facto que acontece até a um cavaleiro – é tão tolo quanto leviano.” Com isto a esposa calou-se, e o devedor, já no dia seguinte, veio pagar a sua dívida ao grego.

9. A data marcada para a festa aproximou-se como um destino inclemente, e ambos se dirigiram ao palácio. Tudo estava rigorosamente engalanado: ouro e pedras preciosas brilhavam como estrelas na abóbada celeste, música e cantos perdiam-se entre as alamedas do vasto jardim. Mal entraram, foram descobertos pelo favorito que os conduziu ao pavilhão real, onde receberam boa acolhida do Rei. No centro havia quantidade de bancos estofados de seda; sobre as mesas, grandes baixelas douradas com as melhores



iguarias e, em cálices de cristal, fulguravam vinhos saborosos e outras bebidas aromáticas.

10. O grego tinha de assentar-se à mesa ao lado do Rei enquanto a sua bonita esposa ficava na companhia real. Comeu-se e bebeu-se à vontade. De súbito, o grego começou a sentir-se mal, pois lhe haviam dado uma bebida envenenada, sendo preciso levá-lo a casa. Ela, porém, foi conduzida aos aposentos do soberano, onde teve de suportar a volúpia de instintos animais desenfreados. O grego não chegou a morrer, apenas ficou paralítico! Mas de que maneira a pobre mulher voltou ao lar após sete dias – bem se pode ter ideia!

11. Tal foi o fruto de uma confiança prematura numa pessoa cuja aparência despertava esse sentimento, enquanto o seu coração era habitado por um bando de demónios. O casal que passou por esta prova, não faz muito tempo, acha-se sentado aí ao lado, em virtude da sua extrema fraqueza e poderá atestar as minhas palavras. Amigo, quando se tem provas tais, sabe-se porque se aplica a precaução!”

#### **194. A DIFERENÇA ENTRE O SENHOR E OS MAGOS.**

1. Digo-lhe: “Apresenta-Me esse casal!” Schabbi assim faz. Então lhes pergunto se desejam tornar-se novamente sadios e fortes.

2. Responde o grego: “Oh, senhor, se tal fosse possível! Acho-me completamente aleijado pelo estranho veneno, de sorte que mal posso mexer-me; e vê a minha esposa, cujo físico ficou todo vilipendiado! Ó Jehovah, por que era preciso que passássemos por tal provação?”

3. Digo-lhes: “Quero que sejais tão sadios e alegres como na época em que vos casastes!” Mal acabo de falar, ambos se sentem como que abrasados por forte chama, e tão jovens e sãos como se nunca tivessem padecido: o seu físico era talvez mais pujante que quando noivos. Naturalmente começam a admirar-se, pois nunca se dera tal facto na Pérsia.

4. O próprio Schabbi arregala os olhos e julga estar sonhando; Jurah, porém, toca-o e diz-lhe em surdina: “Ouve, penso que nos encontramos no endereço certo, e não estamos longe Daquele que pretendes negar! Julga por ti próprio.”

5. Diz Schabbi: “Terás talvez atingido o alvo, pois esta cura rápida apenas pela palavra ultrapassa o que a sabedoria humana

pode conceber. Agora também compreendo o nosso próprio salvamento. Um homem, cuja vontade contém tal poder de subjugar a matéria bruta, certamente é mais elevado do que todas as pessoas comuns. Nele deve habitar a Plenitude da Onnipotência Divina, sendo a sua alma a expressão viva da Vontade de Deus, – ou a Divindade Mesma. Talvez tenha sido exagerado em minha cautela, entretanto, não cometi pecado; quis apenas proteger o divino da deturpação pagã.

6. Segundo me parece, não são os gentios tão rudes como nós classificamos na Pérsia, sendo impossível imaginar-se que o altivo Prefeito Cirénio não soubesse quem realmente é o taumaturgo. Assim sendo, e ainda chamando-o de “senhor”, deve ter o seu justo motivo, pois contra o poder de tal Vontade até as armas romanas de nada adiantariam.

7. Não se tratou de magia e curas conforme as fazem os nossos magos e sacerdotes, os quais levam pessoas sadias a fazerem papéis de surdas, mudas e aleijadas, – contra pagamento – e deste modo peregrinam para implorar o milagre do ídolo de um imundo templo. Lá, a um sinal combinado, tornam-se sãs. Deste modo se ludibria quantidade de ignorantes, pois se realmente viessem enfermos que pedissem e fizessem sacrifícios, nada alcançariam. Apenas são informados de que pouca era a sua fé, e a oferenda não agradara a Deus. Sabes que os nossos magos até fazem ressuscitar filhos de pais ricos – mas nós sabemos de que maneira; além disso, nunca são parentes consanguíneos. Este aqui certamente será capaz de ressuscitar os letárgicos!”

8. Aproximando-Me, digo: “Isso mesmo, ajo sem oferendas, óleos e ervas! Observai a praia, onde se encontram três afogados, um homem e duas moças, que dois filhos do nosso hospedeiro acabam de retirar do mar! Trata-se de um pobre judeu com as duas filhas, a esposa salvou-se num tronco dentro da água; ele e as filhas, ao tentarem socorrê-la, foram arrastados pelas ondas e pereceram. Eis que agora foram trazidos à praia pela corrente e retirados, mortos.

9. É da Minha Vontade que a infeliz mulher também chegue até aqui, pois ainda se encontra agarrada ao tronco, gritando por socorro. Para tal fim empregarei novamente o meu práctico; só então devereis ver a Glória de Deus e crer Naquele que vos salvou a todos!” Chamo, pois, Raphael, faço-lhe um simples aceno que

entende e executa de pronto: em menos de um minuto transporta a mulher desesperada para junto de Mim.

10. Eu, então, toco-a de leve e digo: “Acalma-te, filha, crê e confia, pois para Deus todas as coisas são possíveis!”

11. Ela se aquieta e responde: “Sei disso muito bem; mas não ignoro, igualmente, que, como pecadora, não mereço a Graça de Deus! Quão puro deve ser o coração da criatura para merecer a menor Graça Divina! Essa porta, porém, de há muito se cerrou para mim. Agora, Deus certamente não me considerará em minha aflição, porquanto Dele não me lembrei quando feliz; assim, já é uma Graça o facto de Ele me ter castigado!”

12. Digo Eu: “Que acharias se Eu te devolvesse o teu marido e as tuas filhas?” Diz ela: “Somente no Dia do Juízo Final poderá Deus nos restituir, pois que jazem no fundo do mar! Poderias devolver-me os mortos caso fossem retirados da água!”

13. Digo Eu a Raphael: “Traz os três cadáveres!” E o anjo executa a Minha Ordem. Reconhecendo os seus, a mulher começa a chorar amargamente. Digo-lhe: “Acalma-te, mulher; debes perceber que estão apenas dormindo!”

14. Diz ela: “Sim, o sono eterno do qual ninguém desperta.”

15. Insisto: “Enganas-te; não existe sono eterno como julgas, porquanto não crês inteiramente na vida do Além. Despertarei estes três, a fim de que tu e os outros se tornem mais fortes na fé e na confiança no Nome Vivo de Deus.” Em seguida digo em voz alta aos mortos: “Levantai-vos do sono mortal!” No mesmo instante os defuntos começam a mexer-se, para logo se levantarem admirados, de olhos arregalados, pois ignoravam o seu paradeiro.

16. Digo então à mulher: “Explica-lhes onde estão e o que aconteceu! Quando vos tiverdes reconhecido e refeito, falaremos.” Ela, porém, cai à Minha frente sem conseguir dizer palavra. Depois de certo tempo levanta-se para Me louvar com ênfase, pois convence-se pouco a pouco que o marido e as filhas estão perfeitamente sãos e alegres.

17. Oriento-a para que se dê a conhecer perante eles. Então encaminha-se para lá, e Eu afasto-Me, por motivos apenas conhecido por Mim, como sempre faço quando ressuscito ou curo alguém. Naturalmente a alegria é imensa quando a reconhecem como esposa e mãe. Além disso proíbo-a de Me denunciar como Salvador dos recém-conscientes, pois seria prejudicial a uma vida

nova; só depois que recebesse um aviso, poderia fazê-lo. Ela respeita esta ordem, embora o marido insista que lhe aponte o Benfeitor.

### 195. O EFEITO DOS ACTOS DO SENHOR.

1. Tal ocorrência causa profunda impressão nos persas: estão completamente fora de si, e Schabbi ora Me fita, ora aos ressuscitados, apalpa-lhes o pulso, indagando se realmente haviam estado mortos e se de nada se lembravam.

2. O homem, então, diz: “Dirige-te a esta pedra e te dirá o mesmo que eu! **Sei apenas que uma onda fortíssima me arrastou para o mar, perdendo eu os sentidos. A minha alma se recorda que, logo após termos sucumbido, encontrávamo-nos tristes, num grande prado, sem saber do motivo do nosso desalento. De repente envolveu-nos uma nuvem luminosa que nos causou um bem-estar indefinível! A ninguém mais vimos além de nós, e nesse enlevo caímos num sono suave, do qual só despertamos aqui.** Agora sabes de tudo e podes julgar de modo directo. Que estive realmente morto é tão exacto como agora estou vivo! Experimenta ficar duas horas no fundo do mar e garanto-te morte infalível!”

3. Confirma Schabbi: “É isso mesmo: estavas morto, e o homem milagroso te despertou apenas pela palavra. Isto nunca foi visto! Mas o que será agora?” Surge Jurah, chama o amigo e diz-lhe: “Então, Schabbi, que me dizes?”

4. Responde aquele: “Que poderei dizer? Jehovah está agindo, nada mais! Ultrapassa o horizonte das experiências humanas, e não há ciência que haja galgado tais alturas. Tudo isto me deixa confuso.”

5. Digo-lhe Eu: “Então, amigo, qual a tua opinião a respeito da história do Messias, que há trinta anos foi divulgada no vosso país pelos três magos? Ainda a consideras um conto astrológico?”

6. Pois vê: Aquele Homem nascido em Belém de uma virgem, num estábulo, e ao Qual os três sábios – que chamais de reis dos astros – ofereceram ouro, incenso e mirra – sou Eu Pessoalmente! Naquela época era uma criança recém-nascida, hoje – um homem! Que te parece a coincidência dos factos?

7. Para provar a Minha Identidade existem aqui duas testemunhas: o comandante Cornelius, irmão mais moço do Imperador Augusto e o Prefeito Cirénus, que organizou a Minha

fuga para o Egipto e é um irmão mais velho do Imperador. Ciente disto, diz-Me o que pensas do Messias. Há algo verídico nisto?"

8. Diz Schabbi: "Ah, agora sim! Mas naquela época parecia mesmo um mito. Basta conhecer-se os reis astrólogos para se saber como interpretam toda a aparição celeste em seu favor. Primeiro, são entendidos em todos os idiomas; conhecem os profetas judeus e hindus; os livros "*Sen scrit e sen ta veista*" dos persas e birmanenses e conhecem também os nossos. Possuem igualmente noção dos ensinamentos pagãos e dos seus livros. Ademais, não existe astro que não conheçam e cognominem.

9. Caso surja um cometa é prontamente aproveitado para interpretações proféticas. Quando não são aplicáveis ao próprio país, vão ao estrangeiro para ver onde é possível fazer-se alarde do facto. Nisto se baseia o nosso receio, quanto à história do Messias que eles divulgam pomposamente, pois adoptamos o ditado: Quem muito mente não leva crédito, mesmo se um dia fale a verdade! – Quem poderia imaginar que os magos conseguissem descobrir algo de verdadeiro? Agora tudo está esclarecido e tu, por certo, não nos condenarás pela incredulidade manifestada."

## **196. O BENEFÍCIO DA ACTIVIDADE E O PREJUÍZO DO ÓCIO.**

1. Digo Eu: "Claro que não; no entanto, é facto sabido que os comerciantes costumam passar levianamente por cima de assuntos espirituais, o que se deu convosco. Tenho razão?"

2. Responde Schabbi: "Prezado amigo, pleno da Omnipotência, infelizmente é verdade que os negócios e os tesouros da terra, a sua aquisição e administração dão muito trabalho. Porém, pelo bom emprego da riqueza conquistam-se óptimas experiências e o despertar do espírito na criatura, dando-lhe oportunidade para várias ocupações. Deste modo é afastada do ócio, causador de vícios e pecados.

3. Basta observares o sacerdócio de quase todos os países. Enquanto tais homens foram obrigados a trabalhar para o seu sustento, permaneceram amigos da verdade e descobriram coisas que até hoje merecem aplausos. Harmonizaram a maneira de pensar e erigiram escolas para formação justa do intelecto humano e do conhecimento de si próprios. Naquele tempo os sacerdotes

encontravam o caminho para Deus e conduziam o semelhante de boa vontade à mesma compreensão.

4. Quando, mais tarde, os homens descobriram o grande benefício dos esforços inauditos dos representantes do Templo, tomaram a si o trabalho pesado e inventaram o pagamento do dízimo, determinando que os Ministros da Igreja deviam apenas cuidar do bem espiritual da Humanidade. Tanto bastou para que o sacerdócio começasse a tornar-se preguiçoso, indolente e enterrasse os seus conhecimentos em catacumbas tenebrosas, oferecendo aos incautos toda a sorte de contos e fábulas. Deste modo o ócio dos sacerdotes foi o verdadeiro motivo da deturpação dos ensinamentos mais sublimes e divinos do grande sacerdote Moisés.

5. Basta ler-se o que ele e os profetas escreveram e compará-lo com as traficâncias dos seus seguidores em Jerusalém, para logo se descobrir que não lhe davam crédito, sem crer muito menos em Deus. Do contrário não se teriam tornado impostores e traidores do povo, que dominam material e espiritualmente. Eis a meu ver a consequência inevitável do ócio, enquanto a fortuna em mãos de pessoas sábias e benévolas, que a revertem em benefício dos necessitados é mais um templo de Deus que o salomónico em Jerusalém!

6. Naturalmente nós, como comerciantes, não dispomos de tempo para nos entregarmos à leitura dos escritos poéticos dos ociosos privilegiados; porém, ensinamos ao povo a fugir da indolência, educando-o para criaturas úteis. Assim, creio corrigirmos o pequeno erro de não nos dedicarmos ao estudo espiritual, pois julgo ser melhor fazer o bem que escrever a respeito dos ensinamentos mais sublimes, – sem nunca praticá-los.

7. De que nos adianta toda a meditação, simplesmente, embora sincera? Nenhum mortal conseguirá com ela desvendar a Verdadeira Sabedoria de Deus, nem sequer rasgar o véu mais ténue! Porém, se tal for preciso, a Graça Divina escolherá um verdadeiro Messias, conforme pareceis sê-Lo. Esse nos ensinará a Verdade Plena que aceitaremos de bom grado, como mercadoria celeste. Diz-me, nobre amigo, se o nosso princípio de vida é bom, útil e justo e se és capaz de nos cumular de outro melhor!

## 197. A NATUREZA DA REVELAÇÃO VERDADEIRA.

1. Digo-lhes: “Em absoluto! **O Bem e a Verdade são idênticos, se descobertos pela pesquisa activa ou se Deus os transmite à pessoa; a conquista de uma verdade, também é Revelação do Alto, directa, e o meio para tal foi a pesquisa incessante.**

2. Por este empreendimento a alma liberta-se dos elos grosseiros da matéria, desperta, por momentos, o espírito divino dentro de si, ou então penetra mais profundamente no âmago do coração onde flui constantemente a Luz e a Misericórdia de Deus. Estas criam vida e crescimento espirituais para a alma, assim como a luz e o calor do Sol penetram nos sulcos da terra, lá despertando a vida e a formação das plantas, mantendo-as e incrementando-as até que surja fruto livre, independente e maduro, cuja existência não mais depende do vegetal, mas de si mesmo.

3. Quando a alma, nesses momentos de real manifestação, atinge o mencionado centro, terá, ipso facto, alcançado a Revelação do Espírito de Deus no coração, onde não encontrará senão a Verdade Eterna de Deus. Esta é uma Revelação indirecta e diverge da directa pelo facto de despertar Deus – em povos muito ignorantes – criaturas que nada fazem para tanto, conduzindo as suas almas para o centro da vida, a fim de criar a luz despertadora para os semelhantes.

4. É a seguinte, a diferença entre a Revelação indirecta e a directa: a primeira esclarece a criatura apenas naquilo que deseja ser orientada e se assemelha à boa luz de candeeiro com a qual se consegue, fracamente, iluminar qualquer recinto escuro; a segunda – directa – é qual Sol ao meio-dia, cuja luz poderosa esplendece em todo o mundo nos mais variados recônditos.

5. Esta última Revelação comparável ao Sol, não é destinada apenas a quem a pediu, mas a todos, mormente ao povo em cujo meio surgir tal profeta. Porém, existindo profetas verdadeiros, provindos de Deus, fácil é de se compreender que também os há falsos, pelo seguinte motivo: o verdadeiro deve desfrutar de certa consideração por parte do próximo, pois as suas predições e até as suas atitudes comprovadas de origem divina, impõem certo respeito a pessoas comuns, – caso agrade o que lhes é dito e esteja de acordo com os seus interesses materiais.

6. As pessoas mais compreensivas elevam tal profeta a um gigante inatingível, que não mais se pode esquivar das

manifestações beatíficas, não obstante a sua índole humilde. Tal facto não passa despercebido a criaturas mundanas, cuja mente, às vezes, é bastante engenhosa, por serem vítimas da astúcia da serpente. Eis por que também almejam consideração especial e vantagens fáceis. Começam então a procurar meios – com o auxílio de Satanás – para inventar coisas e proferir discursos aparentemente profundos, de sorte que os leigos nem mais sabem diferenciar o que seja verdadeiro e genuíno, ou falso e nocivo.

7. **Como, pois, distinguir o falso do verdadeiro profeta?** Facilmente: pelas suas obras! De cardos e abrolhos não se colhem uvas e figos! **O verdadeiro jamais será egoísta e acessível ao orgulho.** Aceitará com reconhecimento o que lhe for ofertado por corações bondosos e leais; nunca irá exigir-lhes uma taxa onerosa, pois sabe que isto é um horror para Deus que bem pode suprir os Seus servos.

8. **O falso profeta far-se-á pagar por cada passo dado e por toda acção ao serviço da Divindade,** – conforme diz – em benefício simulado da Humanidade. Trovejará os julgamentos de Deus, condenando em Seu Nome com fogo e espada, enquanto o verdadeiro, abstendo-se de julgar, advertirá sem interesse próprio os pecadores à penitência, sem distinção entre grandes e pequenos, conceituados e simples. Para ele só existe Deus e o Seu Verbo, – tudo o resto para ele não representa nada.

9. O discurso do verdadeiro profeta não conterá contradição, ao passo que o outro disso estará repleto. O primeiro nunca se sentirá ofendido: suportará como cordeiro tudo que o mundo lhe impuser, reagindo apenas com fervor contra a mentira e o orgulho, combatendo-os sempre.

10. O falso profeta é inimigo de qualquer verdade e de todo o progresso intelectual e humano. Além dele ninguém mais deverá saber ou desfrutar de alguma experiência, a fim de que todos sejam obrigados a pedir-lhe conselho. Pensa apenas em si; Deus e a Sua Ordem são para ele coisas importunas e ridículas que não lhe despertam vislumbre de fé, motivo porque consegue fazer um deus de madeira e pedra, a seu gosto. É compreensível que tal deus com facilidade consiga operar “milagres” diante do mundo ignorante, pelas mãos de falsos profetas!”

11. Conclui Schabbi: “Oh, nobre amigo, bem sabemos como esses mistificadores conseguem enganar os incautos: são verdadeiras feras! Não existe maior ultraje à Doutrina, no terreno



espiritual, que tal astuto falsificador obrigar os seus semelhantes a acreditarem em algo que ele próprio considera ridículo, e mal compreendo como pode a Humanidade aceitar tais falsidades como ouro real.

12. Tudo que acabas de dizer, conheço-o a fundo. Ignorava de que maneira se faz uma Revelação directa e me alegro saber que aquilo que o homem de boa vontade descobriu pelo próprio esforço é, finalmente, também uma Revelação do Alto. Claro que não é admissível que toda a pessoa possa tornar-se profeta para o seu povo; se, porém, tiver descoberto algo de útil em esfera particular – ainda que apenas para vantagens físicas, mas que com o tempo se torna benefício para a colectividade, tal profeta anónimo poderá um dia ser um benfeitor comum.

13. Consideremos, por exemplo, a invenção do arado, por certo antediluviana. Não resta dúvida ter sido obra de pessoa activa e inteligente através da Revelação indirecta. Ignora-se-lhe a identidade, no entanto, proporcionou ao mundo um benefício incalculável. Assim, existe um sem número de invenções úteis de instrumentos variados. Os seus autores, certamente, foram homens activos, porém modestos e desprezados, de contrário os seus nomes teriam sido anotados como os daqueles que regeram os povos sem geralmente, lhe terem feito grandes doações.

14. Sou de opinião que os maiores benfeitores da Humanidade são os que a ensinam a pensar dentro da Ordem da Verdade, enriquecendo-a com invenções úteis. Os benefícios dos profetas comuns, puramente espirituais, até ao momento são imprecisos. Criticavam os vícios enraizados do povo e castigavam os criminosos inveterados. Transmitiam geralmente o Verbo de Deus, Sua Acção, Vontade e Intenções, em palavras místicas; como não os entendessem, as criaturas continuavam a viver de acordo com os seus apetites, menosprezando Deus e os Seus profetas dedicados.

15. Deste modo surgiu o paganismo caótico, acompanhado de tenebrosas variações no campo da superstição. O arado, porém, continuou arado, o serrote, e o machado, – e tanto o pagão quanto o judeu deles se servem. Finalmente resta saber que espécie de profetas são eles, e se existirá real valor para a Humanidade!

16. Os homens muito estudam e entendem; nada adianta querer compreender Daniel, Isaías ou Jeremias, que só é possível a Deus, a um anjo ou profeta expressamente escolhido para tal. De

que serve, pois, uma sabedoria tão elevada, se incompreensível ao simples mortal?"

### 198. A IGNORÂNCIA HUMANA.

1. Digo-lhe: "Amigo, ergue o teu olhar para as estrelas! Acaso as conheces e sabes o que são? Talvez não deveriam existir só porque até hoje ninguém as visitou? Sabes o que são a Terra e a Lua e, porque não as podes classificar, dispensá-las-ias?"

2. Saberás definir o vento, o raio, o trovão, a chuva, a geada, a neve e o gelo? Diz-Me se tudo isso não deveria existir, apenas porque tu e ninguém mais sabe explicá-los!

3. Conheces as mil espécies de animais, a sua forma e constituição, o mundo das plantas e a sua natureza? Acaso sabes o que venham a ser luz e calor? Diz-Me se não deveriam também ter existência por não se lhes conhecer a causa!

4. Compreenderás a tua própria vida e de que forma consegues ver, ouvir, sentir, saborear e cheirar? Deveria o homem de nada disto ter noção, por ignorar a sua procedência? Já havendo no mundo da matéria tanta coisa que a Humanidade jamais compreenderá a fundo - vai e medita um pouco, para depois Me dares resposta!"

5. Diz Schabbi: "Senhor e Mestre de Poder Divino! Compreendo o que me querias sugerir. Foi tua intenção demonstrar-me que a pesquisa nas esferas da sabedoria elevada é idêntica à da criação material. Nós, criaturas, nada compreendemos além da forma externa e daquilo que percebemos pelos sentidos. Quão pouco entende o homem, para julgar-se importante pelo saber, que no fundo nada é.

6. As criaturas são tão tolas, que nem sabem da sua ignorância! A erva nasce e o homem se alegra por isso; todavia, quem seria capaz de criá-la e mantê-la?

7. Adão, Enoque, Noé, Isaque, Jacob, Moisés e Elias foram os seres mais sábios que pisaram a Terra, pois possuíam a Luz Divina dentro de si. A maneira pela qual se fez a erva, crescendo e dando sementes que reproduzem numa quantidade infinita, - nenhum deles conseguiu desvendar! Portanto, se ignoramos como surge o mais simples musgo e como consegue o verme movimentar-se no pó, - para que então falarmos dos elementos e dos astros?

8. Assim, grande e soberano Mestre, querias apontar a minha completa ignorância, dizendo: Deus, o Onnipotente, demonstra muita coisa aos sentidos internos e psíquicos da criatura, a fim de forçá-la a pensar. Deve ela apenas procurar a explicação por conta própria, pois se Deus também lha fornecesse, tornar-se-ia preguiçosa e indolente.

9. A sua natureza inerte, não se interessa pelo próprio conhecimento interno, facto que já foi provado inúmeras vezes. Do mesmo modo o homem se apresentaria na esfera puramente espiritual, caso entendesse a fundo o que foi transmitido aos profetas, por Deus. Entregar-se-ia à preguiça, sem dar-se ao trabalho de meditar, pois que tudo lhe seria compreensível. Deus muito bem sabe como manter as criaturas, para que venham a pensar, querer e agir.

10. Percebo agora que o caso do Messias não me teria impressionado, se todos os textos a Ele concernentes estivessem bem claros. Os três magos – caso me tivessem procurado com as suas explanações místicas – teriam sido recebidos com um sorriso de piedade!

11. Como tudo isto permaneceu até então dentro de mim numa penumbra de fé, a minha alegria é tanto maior. Aquilo que me era tão difícil de crer, ora se estende maravilhosamente diante dos meus olhos, vendo Aquele tão ansiosamente esperado por todos os judeus! – Senhor e Mestre, ter-Te-ia compreendido?”

### **199. SCHABBI RECONHECE O SENHOR.**

1. “Sim, sim”, respondo-Lhe e prossigo: “Caro amigo, mostraste inteligente segundo o critério humano e sabes definir muitas coisas acertadamente; qual a tua opinião acerca do Messias, por Mim representado? Qual será a finalidade do Seu actual Aparecimento?”

2. Responde ele: “Nobre amigo, eis uma pergunta difícil não pelo que anteriormente receava do poderio romano, – mas apenas pelo que diz respeito à Personalidade mística do Prometido, do Qual Isaías diz coisas estranhas e intraduzíveis. Ora é Ele filho de um rei, ora um herói forte e poderoso, ora um Filho de Deus, ora de uma virgem! Diz ele literalmente (*Isaías 25:6-9*):

3. “O Senhor Zebaoth preparará farta refeição no monte para todos os povos; levará vinho puro, banha, tutano gordo e vinho não

fermentado. E neste monte tirará a venda que cega os povos e a cobertura que cobre os gentios. Devorará a morte, e o Senhor Jehovah enxugará as lágrimas de todos os rostos e tirará o opróbrio do Seu povo em todos os países, porque Ele assim o disse. E em tal época se dirá: Vê, eis o nosso Deus, a Quem aguardávamos, Ele nos ajudará. Eis o Senhor, a Quem esperávamos, a fim de que nos alegrássemos na Sua Salvação!”

4. Tais, Senhor e Mestre, são as palavras significativas do profeta; mas, que fazer com elas? Onde está o monte no qual o Senhor nos preparará farta refeição de vinho puro e não fermentado, banha e tutano? O apreciador destes manjares tem de dispor de bom estômago!

5. Nisto tudo só pode estar oculto um sentido espiritual, mas Quem é, qual o monte e tal refeição gordurosa? Ora, isto é querer fazer passar a Humanidade por tola! Na dita montanha o Senhor – na minha compreensão o Messias – tirará as vendas dos povos e as cobertas dos gentios. Isto é admissível; mas, o monte, onde está ou o que é?

6. Que Lhe seja possível devorar a morte e afastar o opróbrio do Seu povo em todos os países, portanto, também em nossa pátria, – isto me é claro, por ter assistido como despertaste os mortos.

7. E o povo exclama, de acordo com o profeta: “Eis o nosso Deus, o nosso Senhor! – Será Ele Deus de Abraão, Isaque e Jacob?” Neste caso serás o Mesmo que no monte Sinai deu as Leis a Moisés e que trovejou: “Eu somente sou teu Deus e teu Senhor, não debes crer nem considerar outro Deus além de Mim!” – Se Isaías concordava com as Leis de Moisés, não podia mencionar outra Divindade, – logo, debes ser Tu o Mesmo Deus que lhe falou no Monte Sinai! Que me dirás se eu, concluindo as profecias, me ajoelhar diante de Ti e adorar-Te como Deus de Abraão, Isaque e Jacob?”

## **200. A VERDADEIRA ADORAÇÃO DE DEUS.**

1. Digo-lhe: “Se cresses integralmente e possúesses a convicção íntima, Eu nada poderia contrapor, caso Me adorasses como vosso Deus, de modo justo; mas como, – ao menos psiquicamente – ainda não possúis uma condição espiritual, far-Me-ias uma idolatria idêntica à dirigida a qualquer pessoa ou imagem.

2. Quem deseja adorar a Deus de modo verdadeiro e útil, deve primeiro reconhecê-Lo no seu coração, aprofundar-se espiritualmente na Verdade e no Amor, para então dar-Lhe honra e adorá-Lo em plenitude. De contrário, usará idolatria horrenda com a Própria Divindade!

3. Como pode alguém adorar o Deus Único e Verdadeiro com dignidade e eficiência, se apenas O conhece por ouvir falar? Que diferença haverá neste caso, entre a adoração de Deus ou de um ídolo? A verdadeira adoração, do Deus Único, consiste no amor para com Ele e para com o próximo. No entanto, quem poderia amá-Lo sem jamais O ter conhecido?

4. Poderia um jovem apaixonar-se por uma jovem que nunca visse? E mesmo imaginando-a e se esforçando por amá-la, é um tolo e empregará o amor-próprio no último grau, - o que representa um horror para Deus!

5. Por isso, toda adoração de um ídolo é a maior tolice e cegueira dos homens que, finalmente, também se julgam merecedores de culto alheio, deixando-se homenagear e adular, - com que Satanás triunfa em seus corações! Porém, ai dos idólatras presunçosos! O seu destino será mui triste, pois tal orgulho é verme que nunca morre e fogo que jamais se apaga!

6. Afirmando-te constituir prazer para Satanás a possibilidade de afastar os ignorantes da Ordem Divina, através do orgulho enraizado neles; quando um dia chegarem ao Além como discípulos seus, ele os desprezará, enfileirando-os no grupo dos servos mais ínfimos e desprestigiados, onde terão de permanecer eternamente, segundo a má vontade do chefe. Satanás, como príncipe das trevas, faz com que as criaturas aqui sejam exaltadas a deuses para humilhá-las no Além como monstros abjectos.

7. No entanto, Deus exige aqui um coração compreensivo e humilde, a fim de exaltá-lo e fazê-lo feliz. Contudo, tal poder será tirado de Lúcifer, e as criaturas poderão agir em completa independência, pelo que as boas resplandecerão, enquanto as más se hão-de aprofundar mais e mais no inferno. Assim, a sua maldade não será creditada a Satanás, mas em sua própria conta e a perseguição por parte dos demónios será pior.

8. Por isso constitui primordial dever do homem procurar a Deus em espírito e verdade, de coração humilde, e só quando O tiver achado poderá adorá-Lo, também em espírito e verdade. A oração mais importante consiste em que uma criatura humilde

permaneça humilde e ame o próximo pela acção, mais do que a si mesma; a Deus, porém, como Pai Verdadeiro de todas as criaturas e anjos – acima de todas as coisas!

**9. Ninguém, entretanto, poderá amá-Lo em sua carne pecaminosa, odiando o seu irmão; pois como poderia ele amar Deus a quem não vê, não amando o próximo, que lhe é visível?** Não basta afirmar-se: Amo o meu semelhante e trato-o com amabilidade, pois o verdadeiro e único amor meritoso diante de Deus deve consistir em obras espirituais ou materiais. Tal amor é a chama milagrosa para a Luz Divina no próprio coração.

10. Digo-te, bem como aos teus colegas: se não tivésseis encontrado a chave dourada e aceite em vosso coração, nunca teríeis chegado aqui! Começais a pressentir o que isto representa, embora enfrentando o temporal da Natureza, – e o futuro vos conduzirá à Luz Verdadeira! Quando Me tiverem reconhecido plenamente, sabereis se Me devem adorar ou não!”

## **201. VENERAÇÃO DOS PERSAS À SANTIDADE DO SENHOR**

1. A estas palavras os meus interlocutores se quedam pensativos; em seguida, Jurah diz aos colegas, enquanto Me dirijo aos três ressuscitados para lhes dar socorro físico: “Amigo, a fala deste homem é bem mais extraordinária que as suas acções, porquanto milagre é milagre, embora nunca o tivéssemos realizado, de forma que o leigo não pode entender, por mais que se esforce! A cura do ourives foi surpreendente, no entanto, talvez não de todo impossível de modo natural; não que possamos imitá-lo, todavia, somos cientes da maneira por que os hindus curam a picada da serpente venenosa, sem ervas e óleos. O mesmo aconteceu aqui.

2. Os três afogados foram novamente chamados à vida; no entanto, dever-se-ia provar se realmente estavam mortos ou se o simularam. Em suma, as suas acções não provam nada. Muito mais o fazem a meu ver as suas palavras poderosas, pois de modo tão sábio e verdadeiro, jamais um mortal se expressou! Schabbi, medita apenas sobre o que disse quanto à verdadeira adoração, e perceberás

existir nela sabedoria profunda, revelando algo tão excepcional que nem ousou pronunciar!”

3. Indaga Schabbi, admirado: “Mas, que seria?”

4. Responde o outro: “Medita primeiro e estou convencido de que concordarás com a minha percepção!” O amigo assim faz, sem saber a que conclusão chegar. Finalmente vira-se para Jurah e diz: “Poderia dizer-te algo extremamente absurdo: Imagina, se este for o Messias, pois não é somente um homem comum, mas, de acordo com a sua alma, Deus Mesmo, Único e Verdadeiro de Eternidade! Se assim for, que faremos? De que modo enfrentá-Lo?”

5. Diz Jurah: “Eis também a minha preocupação e pressinto que aqui surgirá qualquer coisa de deslumbrante. Apenas não compreendo os ilustres romanos que dão a impressão de que as suas vidas dependem unicamente Dele.”

6. Diz Schabbi: “Não te recordas das palavras de Isaías: Afastará a cobertura dos pagãos? – Isto quer dizer que Ele já Se lhes revelou, portanto, rendem-Lhe o máximo respeito! Certamente já se convenceram de que Ele, o Onnipotente, podê-los-ia dizimar com um Hálito; deste modo, os romanos são vencidos e nós judeus, livres!

7. Além disso o profeta promete que o Senhor enxugará as lágrimas de todos e susterá o opróbrio de Seu povo, em todos os países. Portanto não seremos os primeiros, mas chegou a nossa vez. Desfrutamos de uma situação tão vantajosa que não vertemos lágrimas de miséria no estrangeiro; no entanto, vivem em nossa pátria milhares de irmãos passando privações. Uma vez que Ele nos salvou foi para que nos tornássemos Seus instrumentos, ajudando a quem de nós necessite. Qual é tua opinião?”

8. Afirma Jurah: “A meu ver acertaste o alvo, deve ser assim mesmo. Porém, repito a pergunta: de que maneira Dele nos aproximaremos, tão cheios de pecados? Onde nos poderemos purificar? Quem aceitaria um justo sacrifício para nos isentar das culpas?”

## 202. A ORAÇÃO.

1. Aproximando-Me deles digo: “Eu mesmo; assim como pude dizer aos mortos: Ressuscitai e vivei, também eficazmente vos Digo: Sede puros; pois perdoados são todos os vossos pecados! Com isto vos purifiquei diante de Mim! Podeis crer-Me?”

2. Respondem ambos: “Senhor, cremo-lo! Já que agiste dentro da Tua Sabedoria Eterna, em favor dos judeus e pagãos, sê misericordioso e benigno para connosco e permanece em espírito com todos aqueles que despertaste para a Vida Eterna! Como Te reconhecemos, os nossos corações vibram de amor intenso, permite que Te adoremos com fervor e de almas contritas!”

3. Digo-lhes: “É inútil, Meus caros amigos e irmãos! Vós mesmos lestes que o Meu Espírito falou pela boca do profeta: Este povo honra-Me com os lábios enquanto o seu coração se acha longe de Mim! – E vos repito: Toda e qualquer oração mecânica é-Me um horror!

4. Sede razoáveis e tende um coração compreensivo, fazei o bem a todos que necessitam! Sim, fazei-o até aos vossos inimigos e abençoai a quem vos amaldiçoa! Assim, tornar-vos-eis semelhantes a Mim que deixo irradiar o Meu Sol sobre bons e maus, pois os Meus piores inimigos são diariamente cumulados de benefícios pela Minha Mão Poderosa. Apenas os delinquentes empedernidos sentirão o Meu açoite. Digo-vos: sois todos filhos do Meu Coração e irmãos da Minha Alma. Por isso, se orardes, não o façais com os lábios, como os pagãos e fariseus, através de palavras ocas, e sim como vos ensinei, em espírito e verdade, por obras e acções de amor aplicadas ao próximo, – e tudo o que então disserdes em Meu Nome será uma oração verdadeira que atenderei constantemente. Porém os suspiros labiais, nunca! Compreendestes?”

5. Diz Schabbi: “Ó Senhor, como És diferente daquilo que imaginávamos! Como não Te amar acima de tudo, conhecendo-Te? És o Amor e a maior Meiguice personificada e quão luminosa é a Tua Doutrina Santa e Compreensível! Sim, agora cremos plenamente, seres em verdade o Messias Prometido!”



6. Digo-lhes: “Muito bem, Meus amigos! Conheci-vos, e o caminho indicado por Elias trouxe-vos até cá: na tempestade poderosa estava a Minha Vontade, no fogo, o Meu Poder; na brisa suave, porém, Eu Mesmo, de sorte que teríeis de passar pela tempestade, o fogo e a água, até chegardes junto de Mim. Tendes, portanto, encontrado Aquele que muito procuráveis; se isto já é difícil, muito mais será alguém perder-Me após ter-Me achado! **Quem se tiver apegado a Mim de coração, será também por Mim conquistado, e mesmo se algum dia Me abandonar, Eu jamais o deixarei. O Meu Amor não é temporário, é eterno, e quem o aceitar no seu coração nunca poderá desprender-se de Mim!** O Meu Amor há-de mantê-lo em Suas rédeas, de forma que em tempo algum se poderá perder. O mesmo acontecerá convosco! Enfrentareis momentos e situações em que se tornará difícil professar o Meu Nome e a Minha Doutrina, – pois dar-se-ão em breve factos indispensáveis que vos farão vacilantes, – porém, Virei em tempo, para fortalecer e iluminar plenamente o recôndito do vosso coração. Após isto não mais sereis tentados por defenderdes a Minha Causa e Nome; permanecereis no Meu Amor e Poder.

7. Agora, outra coisa: Partireis em breve para a Pérsia, onde deveis divulgar fielmente, sem aditamento, o que aqui encontrastes e sucedeu, para salvação de todas as criaturas na Terra! Transmitti-o ao soberano, a fim de que se oriente. Deve desistir do paganismo tenebroso e jamais prestar ouvidos às palavras sedutoras dos magos, que se dizem sacerdotes de Deus, enquanto são servos do inferno. Outrossim, urge que expulse ele os nefastos missionários de Jerusalém, os quais atravessam mares e terras para converter os gentios em judeus. Tais convertidos serão adeptos do inferno, mil vezes piores que quando pagãos. Além destas conversões aqueles maldosos divulgam boatos, alegando crueldades por parte dos romanos, e isto vos levou a precaução exagerada para Comigo.

8. A fim de fazer frente a tais maledicências convoquei-vos entre milhares e vos incumbi desta pequena tarefa, para cuja execução possuís força e meios em abundância. A vossa recompensa no Além, no Meu Reino Eterno, não será diminuta. Sabeis agora o

que vos cabe fazer em Meu Nome e dos romanos, tão difamados; agi de boa vontade, com diligência e persistência, que também não vos esquecerei. – Eis que agora vem Marcus chamar-nos para a ceia, que hoje se atrasou por algumas horas, em virtude da tempestade. A saraiva danificou alguns bancos que requereram reparo. Agora tudo se acha na melhor ordem e a refeição está bem preparada; assim, passemos a ela.”

### 203. O FUTURO DE YARAH.

1. Eis que Marcus positiva as Minhas Palavras, perguntando se pode mandar servir a refeição. Digo-lhe: “Como não? Pois hoje, até Eu, estou com apetite para saborear um bom peixe com pão e vinho. Enquanto isso, os teus filhos poderão dar uma busca à beira-mar, onde verão boiando mais alguns cadáveres. Trata-se de uns pobres judeus com mulheres e filhos. Não quero que, durante a Minha Permanência aqui, alguém venha a morrer. Como as águas estejam calmas e a noite serena, os teus filhos poderão resolver a tarefa com a ajuda dos marinheiros de Kisjonah, Ebahl e Cornelius. São nove corpos que se acham dispersos nas margens, numa distância de hora e meia e devem ser trazidos até cá, deitados de bruços num terreno inclinado e assim ficarão até de manhã cedo, quando os ressuscitarei!”

2. Diz Marcus: “Por que somente amanhã?”

3. Digo-lhe: “Amigo Marcus, isto não te diz respeito! Sei a razão pela qual a erva, que tingirá os campos de verde no próximo ano, não nasceu no actual, pois entendo a Ordem de maneira mais acertada que tu, caro Marcus. Vai, e faz o que te recomendei.”

4. O velho manda servir o jantar e aos filhos transmite a incumbência. Estes, partem de imediato num grande bote, pedindo auxílio aos demais marinheiros. Sentamo-nos às mesas dentro na ordem estabelecida. Os três ressuscitados e a mãe são levados à casa de Marcus onde recebem alimento e bom leito, com que se fortalecem para o dia seguinte. Só então os moradores das tendas de Ouran aparecem à procura dos seus lugares.

5. Neste momento, Yarah toca-Me e diz: “Senhor, meu amor intenso, vê como os lutadores heróicos do Teu Reino saem do seu esconderijo, levados pela fome. Com excepção de Mathael existem poucos de coragem, e diverti-me bastante quando os cinquenta fariseus bateram em retirada ao cair a forte saraiva.

6. Sabiam como eu, seres o Protector mais potente contra qualquer desgraça, todavia procuraram a protecção material. Agora parecem envergonhar-se e receiam vir para junto de Ti! Quanto a Mathael, teve de acompanhar a jovem esposa que se amedrontara, de contrário teria ficado aqui. Assim, será o único que, a meu ver, poderá ser perdoado.”

7. Digo-lhe: “Tens razão, filhinha; mas deixemo-los que ainda sentem diversas fraquezas; com o tempo, e obtendo maiores experiências tornar-se-ão mais destemidos. Lembra-te, o quanto já viste em Minha Companhia e te aumentou a coragem. Eles, poucas provas tiveram e, assim, o medo foi maior que a confiança. Futuramente serão menos temerosos. Compreendes?”

8. Diz Yarah: “Como não? Sei, porém, que em Genezareth todos tiveram as mesmas provas que eu; ainda assim ninguém, no início, se encorajou, além de mim, a Te seguir sobre as águas, nem mesmo os teus apóstolos. No que se baseava aquela falta de confiança?”

9. Digo-lhe: “No facto de que não tiveram as mesmas experiências, isto é, não foram transportados, como tu, àqueles astros, em companhia do anjo, experiências até então irrealizadas. Além disso tinhas o maior e mais poderoso amor para Comigo, onde reside também a máxima fé. Por isso não te admires tanto por ser a tua confiança mais forte que a dos outros, pois se deriva do teu grande amor.

10. Mas, como já te disse em Genezareth, terás de passar dentro de alguns anos por varias tentações, contra as quais terás de lutar não obstante a tua máxima confiança em Mim. Com a força e o poder do Meu Nome, todavia, hás-de dominá-las todas e só daí em diante caminharás em Minha Luz.

11. **Aquilo que alguém deseja possuir livremente, tê-lo-á de conquistar pelo próprio esforço.** Tu, querida filhinha, ainda não enfrentaste uma luta sequer, pois a época e a oportunidade para tal ainda não chegaram; tudo isso se dará com todos, quando a Minha Missão sobre esta Terra estiver terminada.

12. Sou apenas um Semeador e deposito o bom grão de trigo no solo vivo dos corações. Lá ele germinará produzindo ricos frutos, e só então tereis de cuidar, em benefício próprio, do fruto no solo vital, com muito esforço e renúncia. Feliz daquele que trouxer a colheita pura e abundante do que semeei em seu coração, aos Meus Celeiros, ali erigidos pelo Meu Espírito. Jamais sentirá fome e sede!

13. Querida Yarah, o que ora possuis, é apenas a semente lançada em teu âmago. Em alguns anos ter-se-á transformado num campo superabundante, mas sujeito a toda a sorte de lutas. Eis que urge protegê-lo com firmeza e confiança, pronunciando o Meu Nome e, por um grande amor para Comigo renunciar ao mundo, impedindo, assim, a destruição daquilo que Eu Mesmo cultivei. Uma vez que os elementos se desencadeiem sobre tal campo fértil, quase impossível se tornará sustê-los.

14. Certamente, te recordas da horta que te preparei há poucas semanas, em Genezareth? As plantas estão a desenvolver-se bem, no entanto, é preciso que sejam tratadas e a horta limpa do possível mato; na época estival não se pode dispensar o regador. Vê, quintal idêntico Organizei no teu coração, lá depositando várias plantas úteis; o tratamento e cuidado estão agora ao teu critério. Dedicar-lhe toda a atenção e zelo que farás em breve uma boa colheita. Compreendes este quadro?"

15. Diz ela: "Sim, Senhor, meu único amor; entendo-o perfeitamente, todavia me entristece o facto de ter de enfrentar tantas provações antes de chegar à colheita. Porém, creio e espero que não deixarás sucumbir a Tua serva, quando Te chamar na aflição; pois ouviste e atendeste a minha súplica quando ainda não Te vira nem conhecera como agora."

16. Digo-lhe: "Jamais passarão vergonha ou prejuízo, aqueles que Me reconhecem e pedem socorro em seus corações, confiando

no Poder do Meu Nome, disto podes ter plena certeza! No momento, porém, trata-se de tomarmos assento à mesa e saborearmos o que Marcus nos oferece.”

## **204. A INTERPRETAÇÃO DO QUARTO MANDAMENTO.**

1. Rápido nos sentamos e jantamos sem que se inicie uma palestra; só depois de tomado o vinho, a assembleia se torna animada. Em Minha Companhia acham-se: Cirénius, Cornelius, Fausto e Julius, os Meus discípulos, Ebahl, Yarah, Kisjonah, Philopoldo, Ouran e Helena, Mathael e os seus companheiros, o anjo Raphael e o menino Josué, - havendo ao nosso lado uma mesa especial para os persas. Os restantes se acham acomodados como de costume.

2. Todos se admiram da noite agradável que sucede àquele temporal, e muito mais de se achar o solo inteiramente seco, já que pouco antes tudo estava inundado. Ouran vira-se para Mim e indaga das condições de pernoite para tanta gente; com prazer acolherá o que as suas tendas comportem, no entanto, não será possível atender a várias centenas de pessoas.

3. Digo Eu: “Amigo, Adão e os seus primeiros descendentes não possuíam tendas, choupanas nem moradias comodamente arrumadas; o solo e uma árvore frondosa eram-lhes tudo; dormiam muitas noites ao relento e eram fortes e sadios. Nem lhes ocorria a ideia de confeccionar uma coberta, apenas se valiam de um ramo de figueira. Deste modo alcançaram a idade de várias centenas de anos. Hoje em dia os homens inventaram toda a sorte de conforto, criando milhares de paraísos mundanos por um, perdido, - e vê, cem anos de idade já se tornaram um milagre!

4. Disto apenas é culpada a tendência das criaturas para o ócio, e estranham até a Natureza do planeta que, em tudo, tem a finalidade de alimentá-las, conservando-as fortes e com saúde. Por isso, Meu Ouran, não te preocupes com a pousada; o solo bom e sadio abrigá-los-á a todos. Aquele que for vencido pelo sono

descansará num travesseiro de pedra; se a pedra incomodar a sua cabeça, também já não mais terá sono e dispensará o repouso, podendo-se levantar e trabalhar.

5. **Leitos macios enfraquecem as pessoas e tiram a força dos seus membros; um sono prolongado debilita a alma e os músculos.**

A natureza humana é qual recém-nascido que apenas é bem nutrido com leite materno: os que por longo tempo forem assim alimentados – mormente se a mãe for tão sadia e incorrupta como Eva – tornam-se fortes como gigantes e a própria luta com um leão não os cansará.

6. **De igual modo a natureza terrena é um verdadeiro seio materno para as criaturas, quando dele não se afastam por toda a sorte de conforto.** Se assim fizerem, isolando-se da sua influência fortalecedora, sentirão o mesmo que um homem se obrigado a beber o leite materno: o asco o fará vomitar! **Aquilo que o alimentava e fortalecia tão beneficemente quando criança, fá-lo doente e enfraquece o seu estômago quando homem.** Não é possível que venha sempre haurir para os seus músculos a força e a saúde do seio maternal; mas do seio da Mãe Terra ele nunca se deve apartar, caso queira ser sadio, forte e alcançar idade avançada.

7. Disse Moisés: **Honra pai e mãe que passarás bem na terra! – Com isto ele não só queria apontar os pais legítimos, mas o próprio planeta e a sua força criadora.** Não lhe deve o homem voltar as costas, mas honrá-lo deveras, que receberá a bênção física, prometida por Moisés. Manter a honra dos genitores é bom e útil quando as condições o permitem; mas se aquilo que Moisés prometeu é a Palavra Divina, deve – qual luz solar – ter efeito geral e ininterrupto.

8. Se a promessa moisaica apenas se baseasse numa longa vida para aqueles que honrassem os seus pais, os que na infância se tornaram órfãos teriam motivo de se lastimar, pois muitas vezes são criados por estranhos! Como deveriam cumprir tal Mandamento?

9. Muitos são encontrados expostos em ruas, concebidos por mães desnaturadas que deles se desfazem tão logo hajam nascido. Tais expostos são apanhados e cuidados por pessoas caridosas, às

quais devem todo o amor e honra. Moisés, porém, só fala dos verdadeiros pais e não dos adotivos.

10. Impossível ao exposto honrar os seus genitores; primeiro, por não os ter conhecido. Segundo, mesmo que os conhecesse não teria tal obrigação diante de Deus e dos homens, porquanto o geraram em sua volúpia e, mal nasceu, entregaram-no à morte. Por isso essa criatura – de acordo com o que diz o profeta – não podendo amar e honrar os seus genitores, não deveria ter direito à promessa? Seria tal hipótese bem ridícula, como expressão da Sabedoria Divina.

11. Além disso, existem pessoas que educam os filhos para tudo que é mau: desde o berço lhes implantam orgulho satânico e exemplificam uma atitude fria e insensível para com todos. Estes pais animalizados ensinam as crianças pequenas a serem temerárias, mentirosas e traiçoeiras. Teria Moisés feito a sua boa promessa para os que honram os genitores maldosos com toda a sorte de perversidades, porque esses mesmos lhes exigem tal atitude?

12. Qual seria a obrigação dos filhos de ladrões, assaltantes de caravanas e assassinos perante os seus pais? A única maneira de honrá-los seria agir de modo todo especial naquilo que os mesmos fazem, isto é, roubar, assaltar e matar os viajantes! – Poderia a promessa de Moisés estender-se eficazmente sobre eles?

13. O raciocínio simples e claro te dirá que tal interpretação e o próprio Mandamento seriam um ultraje de primeira ordem a toda a Sabedoria Divina. Como pode Deus, o Ser Supremo, dar um Mandamento que obrigue um espírito angelical, encarnado, a dedicar amor e honra aos pais, surgidos do inferno mais tenebroso? Por aí vêes que o Mandamento de Moisés, considerado deste ponto de vista, seria o maior e mais completo absurdo.

14. Por um lado é claro e mais que evidente: tudo o que Moisés falou e determinou é o Verbo puro de Deus e jamais pode conter absurdos; por outro lado, interpretado e cumprido sem compreensão, conforme foi feito até agora, deve ser no julgamento de um intelecto esclarecido tolice sem nome!

15. Qual o motivo de ter sido a Lei de Moisés – conforme foi aplicada – uma tolice, embora tivesse origem divina? Apenas na tremenda incompreensão daquilo que Moisés apontou, os genitores comuns da grande Natureza Divina, isto é: este planeta destinado a produzir o Género Humano, o pai; o seio da terra, no qual inúmeros filhos de toda a espécie são constantemente gerados, a verdadeira mãe! A esses genitores remotos, deve o homem honrar e amar, sem jamais lhes virar as costas de modo pouco entusiástico; pois fazendo isso terá longa vida num físico sadio e um bem-estar justo.

16. Destes velhos genitores pode a pessoa zelosa aprender o máximo de bom, grandioso e verdadeiro, daí construindo aquela grande escada, por onde o patriarca Jacob viu os anjos descerem e subirem. **Quem pesquisa com dedicação e redobrado rigor a Natureza, descobrirá grandes bênçãos em benefício próprio e dos seus irmãos.** Por isso, Meu caro Ouran, não tenhas receio de passar uma noite no seio da tua velha genitora, – que nada te sucederá!”

## 205. A INOVAÇÃO FARISAICA DO QUARTO MANDAMENTO.

1. Ouran está muito alegre e afirma jamais ter ouvido algo tão prático e que sempre haveria de considerar. Ainda maior admiração é manifestada pelos judeus persas. Jurah, então, diz: “Isto é verdadeira luz do Alto, pois, jamais foi interpretado deste modo e eu tinha vontade de ouvir os restantes Mandamentos. Apenas desejava fazer uma pergunta.”

2. Diz Schabbi: “Não sei como podes ainda alimentar dúvidas!”

3. Responde Jurah: “Não sabes que, com relação aos deveres filiais de há muito existe uma nova lei, pela qual os filhos agem melhor depositando uma oferta no Templo, do que honrando pai e mãe? Não revoga a lei antiga; cria apenas um melhor meio para alcançar a promessa de Moisés. Por isso, já que a ocasião é tão



propícia, desejava ouvir do Próprio Legislador a Sua opinião a respeito.

4. Por um lado, parece-me justa a sua aplicação quando os pais são maus e corruptos. Porém, se uma criança voluntariosa tem pais bons e dignos, mercedores diante de Deus e dos homens de todo o respeito, amor e honra, esta lei do egoísmo templário é contra a justiça. Baseia-se somente no interesse humano e nada tem de divino. Todavia, existe outra, que diz: Deveis sempre ouvir e obedecer aos que se acham nos assentos de Moisés e Aarão.

5. Esta lei, no entanto, também representa um animal de carga, no qual os fariseus levaram muita mercadoria falsa e ruim, como verdadeira para o interior do Templo, e o povo é obrigado a pagar por ela o preço elevado da sua liberdade moral. Isto é condenável, e parece-me que uma lei dada apenas para privilégio de certas pessoas, é qual brecha por onde Satanás sempre consegue penetrar no Santíssimo. Tais privilegiados beatos se enaltecem, ornaram-se no início, com uma auréola santa de profetas num orgulho beatífico; mais tarde transformam essa tendência em verdadeira tirania, - entretanto, ocupam os lugares de Moisés e Aarão. Por mim, acho que o proceder de Satanás seria igual! E por esses representantes muitas leis perversas substituíram as divinas, tendo nós que respeitá-las porquanto são divulgadas. E ninguém se atreve a romper esse jugo! Finalmente o raciocínio claro indaga se Deus o ignora, ou se na verdade existe um que seja capaz de tolerar tal horror no Seu Santuário! Um Esclarecimento Dele Mesmo nos demonstraria a situação verdadeira, tendo eu próprio vontade de Lhe dirigir tal pergunta. Achas que devo aventurar-me?"

## **206. O SENHOR ELUCIDA A LEI FARISAICA.**

1. Respondo-lhe Eu, em lugar de Schabbi: "Meu amigo Jurah, a tua pergunta é justa e de grande importância. Não precisas repeti-la, pois já sei onde queres chegar.

2. É verdade existir uma Lei, dada na época dos Juizes, onde um vidente determina obediência àqueles que ocupam os lugares de Moisés e Aarão, e a fazer-se o que ordenam através do Espírito do

**Senhor, mas somente quando sejam boas as suas acções. Caso contrário, devem ser de lá expulsos pelos descendentes mais dignos de Levi.**

3. Os que ocupavam os lugares dos profetas sabiam encobrir as suas obras, quais lobos vorazes em pele de cordeiro e atiraram leis entre o povo, como dadas pela Vontade Divina, diante das quais o mundo fica estarecido.

4. Relembrai quantas vezes adverti severamente esses falsos descendentes de Moisés e Aarão pela boca dos profetas abençoados, e quantas vezes os castiguei com açoite inclemente! Que adiantou? Melhoraram por algum tempo; em seguida tornaram-se piores do que anteriormente, ao ponto de não permitirem mais um acréscimo: encheram a medida das perversidades - e bastam algumas gotas para que transborde, inundando-os como no Dilúvio de Noé! Isto, asseguro-Te Eu!

5. Como muitas, também a Lei da oferta no Templo substituiu a de Moisés, referente às obrigações filiais. No início dava boa impressão e reportava-se apenas àquelas crianças cujos pais - como frequentemente acontece - representavam a escória da Humanidade. Tinham eles, singularmente, não raro filhos bons e obedientes, que bem lhes reconheciam a maldade. As suas exigências causavam arrepios; a Lei moisaica mandava, porém, honrá-los pela obediência.

6. Este é o motivo de tais filhos infelizes perguntarem no sinédrio o que deviam fazer, alegando o seguinte: Realmente, Moisés ordenou obedecer aos pais, honrá-los e amá-los para que tal proceder proporcionasse aos filhos longa vida; ao mesmo tempo proibiu matar, furtar, mentir, praticar obscenidades com as virgens e, muito menos, cobiçar a mulher do próximo. Tudo isto lhes era imposto pelos pais perversos! Que fazer, para não caírem no pecado?

7. Eis que falava o sumo-sacerdote, compenetrado do Espírito Divino: Renunciai a tais genitores, fazei uma oferta ao invés de cumprirdes uma obediência nociva e orai a Deus, que isso vos será melhor e, pela Graça do Alto, também um benefício para os vossos pais! - Assim aconteceu que abandonavam os genitores, ofereciam ao Templo uma oferta e procuravam serviço com pessoas bondosas, a fim de levarem vida agradável a Deus.

8. Até aí essa Lei tinha plena origem divina. Com o tempo, os lobos em pele de cordeiro, detentores dos assentos de Moisés e

Aarão, generalizaram-na de modo que também os filhos degenerados, porém de pais bons e honestos, isentavam-se da obediência através de oferendas, para depois poderem pecar livremente.

9. Assim, a Lei dupla de Deus foi repelida duas vezes, para dar lugar a determinações humanas, que, contrárias à Sua Ordem, lhe eram um verdadeiro horror! Qualquer pessoa com um pouco de raciocínio deve reconhecer que não podiam ser divinas, mas sim, baseadas no inferno satânico. Todavia, estas discordâncias terminarão em breve, não mais havendo matéria a discutir.

10. Fundamenta-se na ordem plena o conceito de que o fraco seja guiado por um mais forte. Portanto, os pais sempre superam os filhos nesse sentido e é justo que assim façam; se o fraco, porém, percebe que o forte quer atirá-lo num tremendo abismo, fará bem em se desembaraçar-se dele e procurar um lugar seguro. Além do mais cumpre apenas a Lei de Moisés o que age conforme demonstrei ao velho Rei Ouran. Compreendestes isto?"

## 207. O QUE É A IMPUDICÍCIA?

1. Diz Jurah: "Quanta luz, amor e sabedoria a um só tempo! Senhor e Mestre de Eternidades, desejaria explicações desse teor sobre tudo o que Moisés disse, - e a criatura se habilitaria a viver integralmente dentro da Tua Ordem Eterna! E Satanás, não mais acharia oportunidade para penetrar no Teu Santíssimo!"

2. Digo-lhe: **"Meu amigo, ainda não chegou a hora para o julgamento do príncipe tenebroso do mundo; no entanto, não tarda muito. E, mesmo depois de julgado, haverá seres que aplicarão as Minhas Leis Puras de modo mais criminoso que o próprio Satanás, pois na Terra a Luz lutará sempre contra as trevas!"**

3. Diz Jurah: "Porquê, Senhor? Se todas as criaturas reconhecessem a Verdade como eu, ele e os seus vassalos teriam um feriado eterno, pois é indubitável que os nossos descendentes serão educados na mesma compreensão, isso - até ao fim dos séculos. O esclarecimento do Decálogo torna cada Mandamento um axioma matemático; quem poderia ter dúvidas acerca de tais verdades?"

4. Reconhecendo isto, a pessoa também terá de agir de acordo, de contrário teria de confessar-se tola ou submeter-se a tal crítica do seu próximo. Se as verdades mais santas forem ocultadas,

permitindo ao homem acção livre, haverá sempre mistificadores bastantes, pelos quais Satanás e o seu séquito consigam infiltrar-se na sociedade.

5. Assim, Senhor e Mestre, dá-nos a Verdade pura e clara, a fim de que a penetração do mal seja impedida! Mencionando, por exemplo, o Mandamento que proíbe a impudicícia, desejaria orientação a respeito. Consiste a impudicícia no facto de um homem não se lavar, nem antes nem depois do acto carnal? Ou refere-se ao desejo voluptuoso, ao acto praticado com uma virgem, prostituta, concubina ou viúva?

6. Fará parte deste pecado o vício da masturbação, o do sodomita, ou talvez quando um homem procura conquistar uma mulher sensual e casada? É preciso que se refreie esse instinto mais forte, a fim de ser pudico? Nesse caso o leito matrimonial nada mais é que uma oficina impudica que deseja passar por moral, pois quem garante que um homem não venha a praticar o acto mais vezes do que o necessário para gerar um filho?

7. Conheci pessoas verdadeiramente excepcionais no que diz respeito à bondade, caridade, paciência, meiguice e indulgência, mas que no ponto em questão eram fracas. Embora muito se esforçassem para vencer essa inclinação, não o conseguiram mesmo após a impotência completa, pois uma jovem atraente sempre lhes despertava o mesmo desejo.

8. Outras houve que não se perturbavam diante da beleza feminina. Verdadeiros exemplos de castidade, mas eram de igual modo, insensíveis a tudo. Nada os tocava! Sofrimento e miséria dos pobres eram para eles banalidades e lágrimas dos enfermos apenas um ardil para despertar compaixão. A mulher apresentava-se-lhes como algo desprezível e dispensável, com a finalidade idêntica à de um campo de sementeira de qualquer espécie. O matrimónio, - uma das instituições mais ridículas da sociedade! Na sua opinião dever-se-ia aprisionar todas as mulheres bonitas e sadias para que fossem fecundadas por homens fortes, assim gerando criaturas bonitas e sãs. As feias e fracas deveriam ser exterminadas ou, então, empregadas como animais em serviços pesados, fazendo-as trabalhar até que sucumbissem. São estas as minhas experiências pessoais!

9. Agora pergunto se o homem fraco em tal questão não tem mérito aos olhos glaciais dos heróis da castidade! Eu assim penso. Ignoro, Senhor, qual o Teu parecer. A fim de alcançarmos a justa

ordem nesse ponto e não cairmos num pavor constante de termos praticado um acto pecaminoso diante de Deus, por certo terás um meio eficaz, pelo qual se possa afastar o desejo e a necessidade, como se cura um resfriado. Não existe coisa mais deprimente para um homem honesto do que se ver atraído constantemente para o pecado; a natureza obriga a carne de modo impetuoso para a realização, e depois, – ter-se-á cometido um pecado mortal! Isto é demais humilhante para quem sempre procurou usar cabeça e o coração dentro da justiça; por isso, peço-Te pequena elucidação.”

## 208. O PECADO CONTRA A CASTIDADE.

1. Digo-lhe: “A vida do homem não é um gracejo, mas um rigor abençoado; o acto da sua origem não pode ser uma coisa banal, senão algo mui sério. Compenetra-te da causa, que tudo se te tornará claro. **As sensações não devem ser a sua finalidade, e sim, apenas o motivo para dar vida a um descendente.**

2. Compreendendo isto, também deduzirás serem as sensações unicamente factores secundários, pelos quais a obra da encarnação na natureza da carne é possibilitada. **Se fores levado pelo motivo principal, – então vai e age, que não terás pecado.** Todavia é forçoso considerar vários pontos.

3. Esse acto não deve ser realizado fora da esfera do verdadeiro amor ao próximo, cujo princípio diz: Fazei a outrem aquilo que desejais que vos façam!

4. Suponhamos que tenhas uma filha na flor da idade que representa tudo para o teu coração de pai; nada, por certo, te preocupa tanto quanto a felicidade justa e benéfica para tal filha adorada. Sendo moça feita poderia tornar-se mãe. Que pensarias se aparecesse um homem sadio, tentado pelo desejo de gerar um filho com uma virgem, e a quisesse forçar para tal ato? Serias levado a uma vingança tremenda contra o vilipendiador, não descansando até que lhe tivesses aplicado um castigo severo!

5. Admitamos que tu mesmo te achasses num país estrangeiro, onde num arrabalde encontrasses uma mulher, conseguindo convencê-la, por dinheiro e palavras sedutoras, a ceder ao teu desejo; se concretizasses o acto, terias cometido pecado contra a castidade e cometido adultério, se ela fosse casada. Tivesses, porém, reflectido sobre as perseguições e aborrecimentos que ela teria de enfrentar caso o marido lhe dissesse: Mulher confessa quem te

fecundou, porquanto não te toco desde tal época! – Então terias destruído a paz do lar, o que representa grave pecado contra o amor ao próximo, pois poderias ter guardado o teu desejo, muito embora não voluptuoso, para época mais propícia.

6. Por aí vêes que um homem – em atitudes que não contrariam propriamente a verdadeira castidade – deve dirigir a sua atenção a uma série de circunstâncias, caso não queira agir contra qualquer Lei.

7. De modo idêntico, e talvez pior, pode o homem praticar a impudicícia com a sua esposa, como também com uma prostituta. Nesta nada se pode perverter, porquanto já tudo está pervertido; a mulher casada, no entanto, pode-se tornar excessivamente sensual e cair numa exigência exagerada, pelo que se tornaria pior que a outra.

8. Quem pratica o acto carnal com uma solteira peca contra a castidade, por ser apenas o seu móvel a satisfação da volúpia e não a geração de um ente, pois a razão lhe deve dizer que não se semeia trigo nas estradas.

9. Além do pecado contra a castidade, aquele que pratica o acto com uma prostituta, alia o ultraje à sua dignidade e ao da mulher, pois aplica à sua natureza grande prejuízo, fazendo ainda que a infeliz se positive mais na obsessão oculta e impede-lhe a cura, que é outro crime contra o amor ao próximo.

10. Quem pratica o acto com uma mulher que se tenha prostituído peca duas e quatro vezes e, se for casado, terá cometido adultério. Julgo, pois, que por seres racional, este ensinamento seja bastante para saberes o que se presta para um homem justo.”

11. Diz Jurah: “Sim, Senhor e Mestre, agora tudo me é claro, e também sei para onde levam as aberrações da impudicícia. Em tudo só existe uma Verdade válida perante Deus, baseada na Ordem Eterna, – sendo tudo o restante prejudicial!”

12. Digo-lhe: “Sim, assim é e sempre será. – Eis que agora vêm os marinheiros com os cadáveres recolhidos e o Meu servo (Raphael) tem de deitá-los de modo que amanhã possam ser ressuscitados.” Imediatamente o anjo executa a sua tarefa e os remadores vão cear.

## 209. CONTENDA DOS FARISEUS ACERCA DA DIVINDADE DO SENHOR.

1. Com tudo que se tinha dado poder-se-ia considerar por terminada a tarefa daquele dia; mas **no Céu nunca se pára de fazer o Bem, como no inferno não se descansa em criar o mal**, e assim — este sábadó guardava algo de especial que tinha de ser resolvido antes da meia-noite.

2. Entre os cinquenta fariseus - cujos dirigentes eram Stahar e Floran - havia irrompido uma discussão. Esses recém-convertidos haviam alimentado uma série de dúvidas durante o temporal em que se ocultaram nas tendas de Ouran, e a Minha Ordem referente à posição que os cadáveres deviam tomar confirmava as suas opiniões duvidosas a Meu respeito. Divergiam num ponto: os mais bem-intencionados admitiam que Eu fosse um profeta excepcional, semelhante a Elias, - para os outros, muito embora de vasto conhecimento na Escritura, Eu devia ser apenas um aluno das catacumbas do Egipto, tendo aprendido a verdadeira magia no Templo de Karnac. Por isso, julgavam, era tão bem aceite pelos romanos, que consideravam os magos verdadeiros mais que os seus deuses e até os tomavam pelos dedos de Zeus, agindo milagrosamente e simpatizando com os maiorais. Os romanos eram muito inteligentes e sabiam ser impossível confiar nos judeus, até que se tivessem tornado romanos de corpo e alma. Isto seria alcançado, influenciando tal mago no sentido dos judeus o aceitarem como se fosse ele Moisés e os profetas, personificados. Tal se estava dando agora com o melhor êxito do mundo, pois quem não se convencesse por palavras e milagres seria forçado pelas coortes romanas. Não se deixava passar uma oportunidade em criticar o Templo de Jerusalém, ressaltando o que tinha de ruim e desconsiderando a caridade que ali se praticava constantemente, o que todos bem sabiam.

3. Stahar e Floran, como tivessem compreensão mais acertada de Mim, pois enalteciam-Me como profeta qual Elias, esforçavam-se por desviar os seus colegas de tais pensamentos, sem grande êxito. A parte contrária continuava afirmando: “Vede como os afogados foram deitados de bruços, como fazem os médicos. Por quê? Um deus seria bastante Omnipotente para poder vivificá-los. Já com os três primeiros foi preciso levá-los ao quarto, a fim de que o sereno

não os prejudicasse e apresentassem um aspecto mais sadio. Isto não deixa dúvidas?”

4. Floran então os inquire a respeito de Raphael que havia operado milagre incrível, – e nada sabem responder. Um deles, finalmente, externa-se: “Amigo, possuímos poucos conhecimentos; no entanto, é de se supor haver na Natureza forças ocultas, com as quais nunca sonhamos. Se aquele jovem nos mostrasse a origem, os meios e benefícios, também poderíamos fazer tais milagres. Que faça uma tentativa para criar um novo mundo com tudo que nele existe – e garanto que não terá sucesso. Manobrar aquilo que já possui vida não é difícil; criar do nada, apenas uma erva, sem qualquer semente, ou uma criatura – isto só cabe à Omnipotência Divina.”

5. Antepõe Floran: “Amigo, não me arriscaria a afirmar que estes dois não fossem capazes de criar um mundo, do nada!”

6. Acrescenta Stahar: “Nem eu; além disso revelam sabedoria tão elevada que deita por terra toda a minha experiência; e quando se apresenta tal manifestação, o Espírito de Deus, ao Qual nada é impossível, está agindo. Recordemos as acções de Elias e Moisés e saberemos que aqui se deram os milagres através do Mesmo Potencial.

7. Em suma: sabendo-se que apenas o Espírito Divino pode operar coisas impossíveis a todas as criaturas, logo o Mesmo Poder que criou a Terra do nada está em acção e também de modo milagroso agindo pelos profetas.

8. Além disto percebo o seguinte: Onde teria existido um povo, pertencente aos círculos dos filhos de Israel que em sabedoria e força houvesse estado mais atrasado que nós, descendentes legítimos de Abraão, Isaque e Jacob? Sei algo a respeito da escola do ocultismo egípcio, onde mal se pode chegar ao peristilo; no Santíssimo, porém, jamais!

9. A estes dois o Santíssimo parece ser tão familiar como a despensa para uma dona de casa. Nesta, a fisionomia alegre demonstra que está bem provida. E eles revelam a mesma calma feliz e de completa despreocupação. Quem for munido de tal saber e força pode enfrentar o mundo serenamente; quem não for atingido pelo mais impetuoso temporal, assim como não nos preocupamos com o primeiro inverno que Adão assistiu, – é um Santo, um Senhor e Soberano! Não mais necessita da escola de Karnac, porquanto o Espírito de Deus lhe erigiu outra melhor, no coração. Eis a minha



convicção e fé; esta só pode ser boa, pois também começo a sentir uma serenidade plena, que antes não percebia.

10. Como ex-reitor não vos posso decretar tais sentimentos, por inadmissível; apenas afirmo como andam as coisas e que estais nas trevas com a dita escola de ocultismo!”

11. Diz o outro, a quem as palavras de Stahar reduziram a empáfia: “Falaste acertadamente, amigo. A nossa única dúvida consiste na posição dada aos corpos inertes: essa, sempre empregada por navegantes e médicos, elimina a água dos pulmões e, caso o coração não esteja parado, faz retornar a vida ao corpo. Consta que a alma de afogados permanece no corpo durante três dias, de sorte que a experiência ensinou ser possível a revivificação após a permanência na água por quarenta e oito horas. Portanto, se neste profeta, idêntico a Elias, habita o Verdadeiro Espírito Divino, – para que este pormenor material?

12. Quando aquele vivificou um montão de esqueletos – conforme consta – e os cobriu de carne, não necessitou de preparo algum, bastaram a sua palavra e vontade. E essa foi a única acção milagrosa de Elias; porquê esta preocupação com os nove afogados, como se a força do Espírito Divino tivesse enfraquecido?

13. Amigo, se acresces uma mancha a um pano sujo ninguém a perceberá, enquanto num limpo um pontinho será bem visível. O mesmo se dá com os profetas: decepciona a menor incongruência que não se coadune com a compreensão elevada de Deus. Se não fosse tal precaução, tê-lo-ia considerado o Próprio Jehovah, pois tudo nele era divino; agora perdeu para mim o seu antigo prestígio.”

14. Replica Stahar: “Neste caso admiro-me que a tua fé em Jehovah não se tenha abalado com o crescimento moroso de plantas, animais e homens! Para que necessitaria o Seu Espírito de preparativos tão incómodos? Basta Ele querer e os frutos cairão do Céu! Para que um campo de trigo? Seria melhor que Deus permitisse chuva deste cereal, ou talvez, de pães saborosos. Para que fim a fecundação no reino animal? Por que precisa a criança nascer fraca e desprotegida? Deveria chegar ao mundo forte, sábia e provida de tudo.

15. Não achas ser este processo preferível ao outro, demorado, pelo qual não raro uma criança faminta se vê obrigada a fitar durante semanas uma árvore, até que um fruto venha a amadurecer? Que prazer teriam os genitores se os filhos nascessem

tão sábios como Samuel? Nascem provocando sofrimentos e requerem no mínimo doze anos para se habilitarem ao ensino superior, e mesmo adultos têm de aplicar todo o zelo para se firmarem numa arte ou ciência. Achas que isto esteja de acordo com a máxima Sabedoria Divina? Se Ela com tudo isto não sofre abalo, como podes criticar este profeta, só porque ordenou recebessem os afogados um tratamento usual?"

16. Diz o antagonista, chamado Murel: "Amigo Stahar, reconheço o absurdo da minha observação; todavia contém algo de justo no que diz respeito à morosidade de Deus, nem sempre aceitável. Existem momentos em que deveria ser mais aplicada; num raio destruidor, por exemplo, e nos dias curtos do inverno; a Lua cheia também poderia conservar a sua luz por mais algum tempo. Se o raio não fosse tão veloz, poderia alguém dele se desviar, e o tufão também soprar com mais calma, evitando grandes prejuízos. Encontra-se na Criação, geralmente, uma presteza da Onnipotência Divina onde é prejudicial à vida; quando, a meu ver, uma demora teria utilidade, quase não há movimentação.

17. Todos sabem que assim é, mas qual o motivo, e por que não posso aprovar que assim seja, tornando-me impaciente e aborrecido? Porque, muitas vezes, costuma chover, se pela experiência dos camponeses os raios solares seriam um benefício, e por que o Sol vem torrar os campos durante semanas sem que a chuva o reveze? Quem me responderá a todas estas perguntas?"

18. Diz Stahar: "O Grande Mestre que ali está! Indaga-O e te garanto elucidação. As tuas perguntas são para mim demasiado complicadas e tão transcendentais que as poderia classificar de tolas; não que na verdade o sejam, mas a minha ignorância assim as classifica."

19. Diz Murel: "Oh! És tu mais inteligente do que eu, e fazes-me tal proposta? Como poderia inquirir o mais sábio?"

20. Diz Stahar: "Se reconheces isto, não deves indagar pelo motivo de tais fenómenos, que a Sabedoria Divina determinou desde eternidades. Nós de nada sabemos, pois o nosso intelecto é, em confronto com a Sabedoria Suprema, nem um átomo; entretanto, o homem exige esclarecimentos que justifiquem a determinação Divina! Nem alcançamos a divisa do Alfa e já queremos saber da natureza do Ómega! Quanta ignorância!

21. Talvez isto fosse admissível na escola do ocultismo, mas entre os filhos de Israel tais indagações não deveriam surgir. Se os

ignorantes desconhecem a sua natureza, nós ao menos deveríamos ter concluído que o nosso saber nada representa perto de uma centelha de Sabedoria Divina!

22. Bem que o espírito pesquisador do homem encontra nas criações de Deus muita coisa inaceitável para o seu bem-estar; basta, porém, lembrar a sua infância, em que os seus pais esclarecidos o privavam daquilo que o prejudicava. Se o Amor e a Misericórdia de Deus nos privam de conhecimentos prejudiciais à nossa alma, resta-nos apenas louvá-Lo por isso. Desde que estejamos aptos para assimilar uma noção profunda, Ele no-la facultará!”

## 210. PALESTRA ENTRE O SENHOR E CIRÉNIUS.

1. Eis que Cirénus havendo acompanhado a discussão, vira-se para Mim e diz: “Senhor e Mestre, o nosso reitor Stahar está a revelar-se, pois nunca suspeitei nele tamanha inteligência. Com facilidade conseguiu que a oposição se calasse, inclusive Murel, que conheço como orador de classe e também possuidor do maior cabedal de experiências. Procurava-me sempre como delegado do sínédrio, e sabia expor a sua petição de modo tão convincente que se tornava difícil não satisfazê-la.

2. Por certo inspiraste Stahar, Senhor, de contrário teria perdido a partida. As alegações de Murel eram bem fundadas, no entanto, Stahar conseguiu rebatê-lo. Além do mais confesso existirem entre os judeus – mesmo nesta época tão corrupta – homens de uma inteligência inconfundível, o que me impede de considerá-los nossos inimigos. Para Stahar designarei nova ocupação em que o seu conhecimento tenha oportunidade de manifestar-se, pois já é todo a Teu favor.”

3. Digo-lhe: “É sim, e Eu já sabia há muito que alcançaria este grau; Murel, porém, é mais importante. O seu espírito possui grande firmeza e a sua alma é conhecedora de muitas experiências úteis, o que lhe facilita diferenciar entre a verdade e a mentira, o Bem e o mal. É preciso que seja mais esclarecido e se lhe mostre a Ordem Única do Espírito Divino, pois ser-lhe-á fácil transmiti-la a outrem com grande verbosidade.”

4. Diz Cirénus: “O que estranho entre os Teus discípulos é a sua atitude silenciosa; ouvem, com muita atenção, sem nunca darem um aparte. Por que são tão passivos?”

5. Respondo-lhe: “Por saberem o que fazer, – com excepção de um! **Quem ouve e cala, colhe constantemente;** quem fala, dispersa e nunca terá um tesouro de conhecimentos. **Quando os Meus primeiros discípulos tiverem fartura, falarão também, pelo que a salvação por eles será transmitida aos povos da Terra. Existem em seu meio homens de um saber profundo, embora sejam pobres pescadores.** – Voltemos a Murel, que nos aguarda com alguns problemas, para depois passar a uma verdadeira e gigantesca força espiritual, através da própria evolução.”

6. Concorda Cirénus: “Isto me alegra sobremaneira, pois sinto-me feliz quando um cego se torna vidente e um mudo vem a falar.”

## 211. AS EXPERIÊNCIAS DE MUREL.

1. Enquanto Cirénus faz esta observação, aproxima-se Murel, cumprimenta-Me e diz: “Senhor e Mestre, há pouco Stahar e Floran falaram por nós; como concordasse em certos pontos, silencieei e quanto a algumas dúvidas, o primeiro já me esclareceu. Todavia existem ainda outras dúvidas, e como agora penso de modo diferente a teu respeito, desejaria que me informasses.

2. Fui fariseu como os demais apenas na medida que os estatutos templários se coadunavam com os meus conhecimentos mais adiantados, e sei que antipatizas com estes profetas tenebrosos. Entretanto, há entre eles, alguns cuja boa índole ainda não se evaporou completamente, tendo-me na conta de um deles. Assim, atrevo-me a abordar-te como simples homem experimentado, indagando de ti o que seja útil para todos. – Antes de tudo tenho uma pergunta preliminar: Sou pecador e tu, um santo de Deus; dignar-te-ás responder-me?”

3. Digo-lhe: “Quem reconhece o seu pecado e o despreza pela acção, ama a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo, – deixa de ser pecador perante Mim. Amar a Deus sobre todas as coisas significa cumprir os seus Mandamentos e não querer viver fora da Sua Ordem; se isto se dá contigo, fala, que te responderei!”

4. Diz Murel: “Então, amigo, adeus! Pois que me adianta reconhecer e desprezar os meus erros? Chegado o momento da tentação a pessoa cai mil vezes no mesmo pecado! Os Mandamentos são considerados com boa vontade! Quando chega a hora de agir, – nada feito.

5. Sempre amei o meu próximo quando não era ladrão e vagabundo; pois de contrário já não o amava, nem era seu amigo. Sabes, portanto, qual a minha índole. Fala-me, se me queres honrar com uma resposta, pois também me satisfarei com a tua negativa.

6. Orgulho e teimosia me são estranhos, bem como o medo, por não ser amigo da vida. Prezo-a tanto quanto à última tábuca da Arca de Noé. Finalmente: porque sou obrigado a viver? Teria algum dia pedido a Deus que me facultasse a existência? Fui gerado contra a minha vontade e vivo sem querer, tendo de suportar uma série de leis e desgraças, com a promessa obscura de uma vida eterna após esta, miserável. A fim de poder dela participar devo aqui ser desmoralizado por fortes tentações e apresentar-me puro como o Sol ao meio-dia, condição inaplicável, a não ser que tivesse uma natureza tão divina quanto a tua!

7. Mas, para quê tudo isso? Terminemos com esta vida, que, tão miserável, pode ser dispensada. Recuso-a, mesmo temporária e assim também uma eterna, talvez melhor! O nada em si é a verdadeira felicidade, pois saberia como e porque deveria agir para alcançá-la com plena confiança!

8. Em todas as escolas, no entanto, depara-se com a fé cega ligada à esperança, sem base, ao invés de uma clara perspectiva. Assim, as criaturas vieram a criar leis com as quais se martirizam, numa confiança, surgida da sua fé.

9. Viajei por todo o Egipto à procura de uma convicção para a vida no Além. Que encontrei após todos os sofrimentos da iniciação? Nada, a não ser uma capacidade mais lúcida de sonhar – artificialmente provocada – e o ensino da interpretação de tais sonhos, a qual, de carácter profético, servia para todos os acontecimentos.

10. Fosse eu igual a muitos outros de índole fraca, e tal mistificação me teria impressionado; logo descobri a origem das coisas, dei-me como ludibriado, reconhecendo nos mestres da escola de ocultismo, impostores que em nada acreditavam do seu próprio ensino. Estas pessoas ainda são as mais inteligentes; as outras que sustentavam alguma fé são ignorantes, pois não reconhecem a verdade simples e baseada em inúmeros factos repetidos.

11. Paguei na escola de Karnac a taxa de iniciação, voltando à pátria convencido de ter feito tal despesa inutilmente. Durante a viagem encontrei um homem que se juntou à minha caravana; vinha da Pérsia e tivera contacto com os velhos crentes (birmanenses) dos

quais me relatou coisas extraordinárias. Após três dias de convívio resolvemos voltar para a Birmânia, o que nos requereu cinco semanas acidentadas. Descobri então um povo que vivia numa penitência rigorosa, mas bastante hospitaleiro. Como não entendesse o seu idioma o meu guia fez de intérprete, e assim facilitou-me o contacto com os célebres crentes antigos, que descendiam directamente de Noé. Em breve aprendi o suficiente para uma conversação, no intuito de pesquisar algo de positivo sobre a vida no Além.

12. A sua resposta foi: De tal assunto apenas sabia o sumo-sacerdote imortal, que falava constantemente com Deus e a quem também era lícito vislumbrar o outro mundo e os seus habitantes. Ninguém poderia dele se achegar nem se aproximar da sua residência a não ser uma vez por ano e isto somente à distância de meia hora da rocha dourada, na qual ele se apresentava por alguns minutos numa manhã de sábado, ao nascer do Sol. Todos eles tinham de crer e esperar, cumprindo penosas leis; porém, se caíssem no pecado teriam de penitenciar-se de modo tal que até apavoraria ao próprio Satanás!

13. Apresentaram-se tais penitentes e as suas aparências me fizeram estarrecer! Aquilo que se faz no Egipto apenas para despertar medo e pavor, lá se aplica em verdade. E por que o fazem esses tolos? Somente pela esperança de uma vida melhor após a morte. Firmam-se nessa imaginação de tal modo que aceitam a mistificação mais tenebrosa como verdade real! Os sacerdotes, infelizmente, tudo fazem nesse sentido, pois tal fraude proporciona-lhes vida folgada. A mim não conseguiram enganar: quero certeza absoluta – ou a morte certa.

14. Após um ano de martírio deixei os birmanenses e voltei com uma caravana para Jerusalém, fiz-me fariseu e fui mandado para aqui, onde há onze anos presto serviços. Não fiz nada para tornar as criaturas mais tolas do que são, tão pouco contribuí para aumentar a sua inteligência.

15. Se as leis humanas – dificilmente cumpridas – decidem se o homem é justo ou criminoso, sou evidentemente pecador diante do teu carácter puro e não posso falar contigo. Se, para nós ambos, as leis não representam nada, mas sim apenas a própria criatura, poderíamos entrar em contacto, não obstante a tua santidade que não me diz respeito. Não deves por isso aguardar agradecimento nem veneração, – mesmo se fosses o Próprio Jehovah! Nesse caso,

seria eu a tua obra e não vejo motivo porque te deveria temer ou amar e honrar!

16. Se te pudesse pedir uma nova existência, a questão seria diversa, mas para isso, teria se ser amigo da vida; tornei-me seu inimigo por ver penarem pobres e honestas criaturas debaixo do jugo miserável de leis tolas. Só são felizes, aqueles que souberam enganar o seu semelhante, pois se sobrepunham às leis.

17. Ludibriavam os outros com toda a sorte de promessas, a fim de levarem vida mais confortável. Conheço estas fraudes de perto, e sei o que esperar de uma existência futura. Eis porque não tenho medo – nem diante de Deus e, muito menos, de um soberano poderoso.

18. Não temo a Deus por ser Ele mui Sábio e não Lhe ser possível sentir prazer em martirizar um verme no pó. Assim também não deve aguardar amor e veneração da minha parte, porquanto me impõe uma vida absurda.

19. Por aí vêes que nem a fé, nem a esperança me conseguem convencer. Dá-me a verdade que poderia sentir com a vida física. Não te teria falado de modo tão leal se não tivesse percebido seres também amante da verdade e mui sincero de coração. No entanto, se o teu fito for outro que não este, – deixa-me seguir com aquilo que já sei.”

## **212. ONDE SE DEVE PROCURAR A VERDADE.**

1. Digo Eu: “Amigo, se tiveres perdido alguma coisa e a procurares num lugar errado, lastimando-te por não a encontrares e admirando-te do teu insucesso, não obstante todo o zelo e mil sacrifícios – mesmo sendo um homem inteligente e sóbrio, nesse ponto terás falhado!

2. Logo no início dos teus estudos espirituais achaste as palavras de Moisés e todos os profetas, sem nexos, sem inspiração e sem verdade; consideravas, como a tudo, que apresentassem obra inútil aos homens, sem te dares ao trabalho de penetrar no sentido da Escritura, preferindo gastar o tempo e dinheiro em busca da verdade onde jamais seria encontrada.

3. Assim te vias, infalivelmente, ludibriado em toda a parte, deparando apenas com a mentira, a bajulação e a mistificação grosseiras. Por isso as tuas experiências eram amargas e até hoje

improíficas, e só te levaram a odiar a vida, tornando-te isento de todo o amor, respeito e veneração a Deus.

4. Se tivesses procurado a verdade no lugar certo, de há muito a terias encontrado, conforme se deu com outros pesquisadores. Crê-me, ela não exige fé da maneira que tu a interpretas, tão pouco uma esperança vã e sem base, mas cria dentro do teu âmago uma certeza absoluta sobre a vida após a morte. No teu espírito habita a convicção plena e palpável, uma vez que desperte pelo amor a Deus e ao próximo.

5. De modo algum encontravas tal coisa na escola pagã de Karnac, no Egipto, e muito menos entre os tolos anciãos da Índia. Tudo isto está bem perto da criatura e facilmente será encontrado; portanto é onde deve ser procurado, – de contrário todo esforço e trabalho são inúteis. De cardos e abrolhos não se colhem uvas, e nas poças e brejos o trigo não progride.

6. Afirmaste também não seres obrigado a amar, temer ou ser grato a Deus, por jamais Lhe teres pedido esta existência. Se o teu espírito já fosse desperto, ter-Te-ia demonstrado claramente quais os teus deveres para com Ele, o Pai de todas as criaturas! A tua carne e sangue disto sabem tanto quanto a tua túnica te percebe a fome.

7. Nesta mesa encontrarás um tal Philopoldo de Caná, de Samaria, que há poucas semanas pensava como tu e empregava frases idênticas. Fala com ele, que receberás alguns ensinamentos; em seguida, dar-Te-ei a Luz justa e então veremos se Deus merece o teu amor verdadeiro e fiel! Aí, à Minha frente, está ele, de quem te falei. Vai e segue o Meu Conselho; ser-te-á de maior benefício que a escola de Karnac.”

8. Rodeando a mesa, Murel dirige-se a Philopoldo, dizendo: “O Mestre mandou que te pedisse orientação certa num assunto que me aflige; peço-te, que me atendas!”

9. Diz Philopoldo: “Amigo, ouvi a tua conversa com Ele e lembrei-me que eu também pronunciei as mesmas ideias, que se baseavam totalmente em minha índole. Também procurei onde nunca havia perdido algo, desconsiderando a busca no local exacto. Somente quando chegou o nosso Senhor e Mestre Divino, a minha visão se abriu para a verdade. Reconheci quem sou e porque existo, e qual o objectivo a atingir na vida. Tudo é luz dentro de mim e não alimento a menor dúvida em minha existência esclarecida. Em breve, por certo, também alcançarás a iluminação interna!”



## 213. A DECADÊNCIA DA SABEDORIA EGÍPCIA E DA ÍNDU.

1. Eis que Murel pede esclarecimento mais completo, e Philopoldo diz: “Amigo e irmão! Dispões de vastas experiências e viajaste pela Índia, nos países além do Ganges até às montanhas virgens; no Egípto chegaste até as cataratas do Nilo. Conheceste o velho Templo no interior da rocha chamado “*Já-bu-sim-bil*” e até te foi dado ouvir, numa aurora, o som das colunas de *Mem’n’on*. Dedicaste-te aos estudos da escrita persa, medo e assírica.

2. Os mestres em Karnac deviam-te esclarecer sobre todas as coisas, pois lhes havias pago soma vultosa; contudo, não o fizeram por não terem base para tanto. Os actuais sábios e eruditos do Egípto não chegam aos pés daqueles que, na época dos velhos faraós, fundaram tais escolas e templos. Enfrentam mais dificuldades na busca do conhecimento antigo que os levitas e fariseus em Jerusalém, os quais enveredaram por um ascetismo vergonhoso. Tal seita nada mais é do que a prova de um orgulho desmedido e, em virtude disso mesmo, uma tolice ilimitada.

3. Houve época em que as criaturas eram donas da sabedoria justa, como a teve Noé; quando das famílias, pouco a pouco, se formaram povos de necessidades maiores, as forças físicas eram usadas em excesso, de sorte a impossibilitarem a dedicação exclusiva à ciência absoluta. Por isso os povos escolhiam os mais sábios, entregando-lhes a tarefa elevada de zelarem apenas pelo culto do conhecimento divino, a fim de que fosse conservado entre os seus descendentes. Ao mesmo tempo o povo outorgou a esses conservadores da sabedoria o direito de criar leis, por cuja sanção todos deviam responder, sendo os infractores severamente punidos.

4. No início de tal instituição tudo correu bem, com pleno êxito. Pouco a pouco a casta sacerdotal foi aumentando e exigindo cada vez mais para o seu sustento. Logo se criaram novas leis e determinações sob o título místico “Leis provindas de Deus!” Começaram a chover punições, penitências e outros meios enganosos para extorsão de resgate. Os ricos se isentavam deste modo, enquanto os pobres deviam suportar o castigo. É fácil imaginar-se o vulto que assumiu essa previdência social.

5. Vê, meu amigo, justamente nesse lugar, foste procurar a verdade e a máxima sabedoria! É compreensível que não a tenhas encontrado, o que te tornou um verdadeiro inimigo da vida. Apenas

não percebo como podias, sendo entendido na Escritura, deixar de procurar nesta fonte, e se não haveria possibilidade de se alcançar um princípio sólido de vida pelas regras da escola dos profetas.

6. Em parte, eu mesmo passei por tais experiências, pois o meu conhecimento se alicerçava na filosofia grega, embora considerasse os escritos divinos dos judeus, - faltava-me, porém, a base, razão pela qual não obtive resultados positivos.

## 214. AS VIDAS PASSADAS.

1. (Philopoldo): “Quando há pouco tempo tive a felicidade incalculável de conhecer o Mestre Divino, todas as dúvidas foram por Ele dissipadas, e o Sol da Vida se esplendeceu na minha alma. Somente nesta Luz sagrada reconheci a minha natureza e o Ser Supremo, vendo também o que devo a Deus, nosso Único Pai, o Amor Eterno.

2. Cheguei à conclusão de haver firmado um contrato especial com o Espírito Divino antes da minha encarnação, a fim de poder alcançar a filiação divina nesta Terra que, em todo o Infinito, unicamente, tem a finalidade de abrigar os filhos de Deus dentro da Ordem Eterna do Seu Amor.

3. Observa as inúmeras estrelas: são mundos imensos e mais deslumbrantes do que o nosso; em cada um existem criaturas de forma idêntica à terrena, de um saber profundo e não completamente isentas de amor. Nascem perfeitas, como os animais terráqueos, e não necessitam aprender, desde o início, o que desejam saber. **O idioma é quase o mesmo em todos aqueles mundos**, e o seu conhecimento tem limites prescritos, sendo a noção do Supremo Espírito de Deus mais um pressentimento.

4. Em suma, encontras lá criaturas idênticas aos gentios de melhor índole, de quem apenas diferem num sentido: eles nada de novo descobrem, mas o que existe é perfeito, enquanto os pagãos podem descobrir e inventar coisas diversas, o que lhes abre o caminho ao aperfeiçoamento ilimitado.

5. Naquelas imensas esferas há sábios que, às vezes, entram em contacto com espíritos elevados (*anjos*), e se orientam no conhecimento mais profundo de Deus. Então acontece que alguns mais esclarecidos são tomados do desejo de ingressar na filiação divina.

6. Os sábios de todos os mundos vêm a saber, pelos espíritos puros, existir no Espaço Infinito um planeta que abriga os filhos de Deus, e que uma alma que deixa o seu corpo (*pela morte física*) em uma estrela pode encarnar novamente naquele planeta, porém num corpo grosseiro. Então, a partir do momento em que alguém externa tal desejo, é-lhe minuciosamente explicado o que terá de sofrer.

7. Desprovida de toda a recordação do estado primitivo, a alma encarna neste mundo num corpo imperfeito, quase inconsciente e idêntico ao irracional, não se dando conta da actual existência. Só pouco a pouco, mais ou menos após um ano, começa a desenvolver-se uma consciência nova através das percepções e quadros externos. Estas recordações tornam-se, pois, os únicos guias e meios na trajectória a encetar. Não são espíritos elevados, enviados por Deus que conduzem a criança a um entendimento mais profundo, mas os próprios pais, que se devem esforçar nesse sentido dentro das suas experiências. Em seguida a criatura é obrigada a aprender várias coisas, determinar as suas vontades, indagar e pedir, suportar medo, fome, sede, dores e privações, deixar-se humilhar até ao último hálito e, finalmente, contrair moléstia grave que extermine a sua vida.

8. Havendo o homem cumprido as exigências acima expostas, e se tiver amado a Deus acima de todas as coisas e ao próximo mais do que a si próprio, – mesmo que seja perseguido como adversário atroz – então terá vivificado a centelha divina no coração da sua alma, despertando-a para o crescimento. Daí por diante Deus toma posse da alma, penetra-a, fá-la idêntica ao espírito e, deste modo, transforma a criatura de antanho num filho de Deus, que nesse estado se pode vangloriar de possuir todas as perfeições existentes na Divindade.

9. Vê, amigo Murel, deste modo são expostas as condições de vida terrena a um ser de outros mundos; caso o deseje com seriedade, desprende-se num momento do seu corpo fluídico, e rápido, inconscientemente, é transportado para a encarnação neste orbe. Assim sendo, poderás deduzir por conta própria se não firmamos um contrato voluntário com Deus, o Senhor, antes de aqui chegarmos.

10. Deus cumpre a Sua Palavra dentro da Ordem Imutável; resta saber se nós também a cumprimos de acordo com as Leis dadas a Moisés e aos patriarcas e, além disso, gravadas no coração de todas as criaturas. Certamente que daqui em diante a vamos

manter; mas nisto não há mérito, pois age em nós unicamente a Misericórdia de Deus. – Diz-me se te agrada a minha pequena explicação.”

## 215. AVENTURAS DE PHILOPOLDO NO ALÉM.

1. Responde Murel: “Amigo, acabas de revelar-me coisas que jamais alguém sonhou. Não deve ser uma fantasia engenhosa da tua parte, pois assemelham-se a fábulas pagãs. Todavia, não posso julgar por não possuir conhecimento necessário de astronomia. Quem teria imaginado serem os astros, esses pontos diminutos, mundos imensos, maiores que o nosso, cujo limite pessoa alguma até hoje viu? Peço-te que me presentes tal hipótese, pois despertaste ânsia de me aprofundar neste assunto! Moisés nem sequer faz alusão a respeito e ninguém compreende o sentido da Génesis.”

2. Diz Philopoldo: “Amigo, quem entende a Escritura descobre muita coisa; isto naturalmente exige algo, além de uma boa memória na retenção dos textos. A pessoa que haja amado a Deus acima de tudo, terá recebido pelo Espírito Divino o justo esclarecimento de que a Génesis não representa a Criação dos mundos, propriamente dita, mas a educação e formação espiritual. Poder-te-ia prová-la; porém, o tempo não o permite.

3. Pela Graça do Senhor, tenho outra prova dada por Ele, que ora se encontra em nosso meio, tal qual os profetas O anunciaram. Naquela época também se achava presente um anjo em corpo etéreo, que tirou a venda dos olhos da minha alma, por ordem do Senhor, e isto facultou-me a plena consciência de toda a minha vida passada.

4. Incontinenti, reconheci aquele grande astro onde vivera antes de aqui encarnar; vi até mesmo os meus familiares ainda vivos, e o anjo me apresentou alguns utensílios que constatei serem outrora de minha propriedade. Assim iluminado percebi também o meu grande débito para com Deus, o Senhor e Pai!

5. Soube então do valor inestimável da própria existência e de todos, e não acho palavras que expressem o meu amor e veneração a Ele. Antes deste milagre era inimigo da vida como tu; certo está, porém, que em breve pensarás como eu. Tudo que acabo de relatar foi testemunhado por quase todos os que se acham nesta mesa. A Maior Testemunha é o Senhor em Pessoa, que te mandou falar

comigo para que soubesses se realmente não Lhe deves amor e gratidão.”

## 216. A ORDEM CÓSMICA.

1. Diz Murel: “Agradeço-te com sinceridade, meu amigo Philopoldo! Acabas de fazer-me revelações que o próprio Salomão jamais sonhou. O caso em si é tão extraordinário que leva qualquer pensador a duvidar, porquanto a nossa razão não comporta nem um vislumbre de tais conhecimentos. Todavia já não mais posso ter dúvidas, pois se não fossem baseadas nas tuas experiências próprias não poderias relatar-mas. Não há quem as pudesse ter inventado: são revelações do Alto que aceito como se fossem dadas a mim. Conta-me algo mais sobre as estrelas, pois custa-me a crer que sejam esses pontinhos luminosos verdadeiros mundos.”

2. Diz Philopoldo: “Caro amigo, isto será difícil, porquanto não tens ideia do que seja a nossa Terra, a fim de compará-la com as outras. Eis porque te darei uma pequena explicação a respeito.” Assim, o grego começa a discorrer sobre o nosso planeta como verdadeiro professor de geografia, provando as suas afirmações através das experiências que Murel havia feito nas suas viagens. Demonstrou-lhe as razões da noite e do dia, a natureza da Lua, a sua distância de nós e a sua finalidade, bem como os outros planetas que perfazem o nosso sistema solar.

3. Em seguida passa às estrelas fixas, dizendo: “Penso que não podes alimentar a menor dúvida acerca das minhas palavras, e só tenho a acrescentar que todos os pontos luminosos, grandes e pequenos, na abóbada celeste, são imensos mundos solares, havendo-os de tamanho tão colossal, que deixa para trás o nosso próprio Sol.

4. Devido à sua posição distante apresenta-se ele pequeno. Se te for possível calcular quatrocentas mil vezes a distância que o separa da Terra, terás mais ou menos o que esses astros distam da mais próxima estrela fixa. Então compreenderás porque se apresentam tão diminutas, já que o nosso Sol, que comportaria um milhão de outros planetas, apenas exhibe o tamanho da palma da nossa mão. Outras estrelas fixas, embora visíveis, ficam tão longe que não podemos apurar a sua distância. Terás compreendido isto?”

## 217. MUREL FAZ UM DISCURSO DE GRATIDÃO.

1. Diz Murel: “Estou plenamente orientado sobre aquilo que me parecia tão incompreensível; reconheço que pessoa alguma teria chegado a tais conclusões sem o auxílio excepcional de Deus. Apenas o Seu Espírito pode tudo abranger e transmitir esses conhecimentos aos homens de boa vontade. Estes, guiando-se exclusivamente pelo intelecto, só expressariam tolices; Deus, o Senhor, porém, provê os Seus filhos sedentos de saber.

2. Por isso, todo o louvor e gratidão sejam a Ele dirigidos, ao Único e Verdadeiro Benfeitor da Humanidade! Quão sublime e elevado é o pensamento que ora ilumina o meu coração! Todos nós somos irmãos e o Pai Santíssimo e Bondoso nos conduz a um destino santificado, através da Sua Ordem!

3. Amigo Philopoldo, tornaste-me o teu maior devedor; como recompensar-te? Se não foras tu, poderia viver a idade de Matusalém, tendo todos os templos e catacumbas da sapiência humana ao meu dispor, – e saberia tanto quanto no início da tua explanação! Em menos de uma hora vejo-me qual Moisés, no Monte Sinai, plenamente iluminado da Sabedoria Divina que também cobriu o semblante daquele profeta.

4. Agora, sinto um bem-estar indefinível nesta Luz santificada, e como deveria louvar e honrar Aquele que te inspirou de tal forma! Seria possível o idioma humano expressar as palavras que o dignificassem? Não, jamais! A nossa boca deve calar quando o Verbo Vivo começa a projectar-Se em todas as chamas de um novo amor a Deus!

5. Quão infinitamente elevado e sublime Te apresentas diante de nós, Mestre Querido e Santo! Quem Te assimilará, quem Te compreenderá? Como Tu, Divino Mestre, sabes daquilo que apenas o Criador conhece, afirmo: Embora oculto na Carne, o meu coração Te reconhece, Santo Pai! És o Mesmo que deu no Sinai ao povo escolhido as Leis de Vida através de Moisés, e também falou pela boca dos profetas iluminados. És o em Ti Mesmo o Prometido e cumpres o Verbo Divino do Teu Eterno Amor Paternal em Teus filhos fracos e pequeninos. Permite que em breve nos tornemos adultos e fortes, para que Te possamos render louvor de bocas e corações purificados, como os Céus jamais Te renderam!

6. Ó Terra, se bem que insignificante junto aos mundos gigantescos que giram em órbitas imensas no Espaço Infinito, – quão

abençoada ora és por abrigares Aquele que todos eles não compreendem!

7. Meus irmãos: por que hesitais em levantar-vos e honrá-Lo acima de tudo, quando sabeis, como eu, Quem Se acha diante de nós? Caso não o saibais, afirmo-vos: Eis o Senhor, o Pai da Eternidade! Céus e Terra são plenos da Sua Glória Grandiosa e Eterna! Louvai-O comigo e auxiliai, os que já sois fortes pela Sua Graça e Misericórdia, àqueles que ainda não sejam tão felizes!”

8. Eis que o interrompo: “Basta, basta, Meu caríssimo amigo Murel! De há muito te conheço e sei da tua índole, que te ajudará na compreensão futura! Agora vem e bebe o vinho puro da taça que usei; em seguida te aguardam coisas bem diversas às do conhecimento de Philopoldo. Vem junto de Mim!”

9. Diz Murel: “Ó chamada sublime, voz maravilhosa, Palavra Divina, que reconheço pela primeira vez em minha ignorância! Quem poderia opor-se a Ti, quando Te sente no coração? Quão elevada, sublime, santa, suave e tão agradável soa da Boca Paterna, a Palavra que se dirige ao Teu filho, há tanto tempo exilado do Teu Coração! São infinitas as bênçãos que me acariciam pelo Hálito Daquela que trovejou o “Que assim seja” nos Espaços Infinitos, dando origem àquilo que o Seu Amor criou!

10. Que tudo aquilo que me proporcionou forças para uma acção pecaminosa se atemorize! Tu, meu coração recém-nascido, rejubila-te! O teu Criador, Deus e Pai te está chamando! Segue a Sua Voz, que soprou vida nas tuas fibras; Voz Paternal, cujo som sublime repercute no ouvido do teu filho, no coração deste ente ressuscitado!”

## **218. A PREDIÇÃO DE ISAÍAS SE REALIZA.**

1. Após ter pronunciado palavras tão sublimes, Murel dirige-se a Mim chorando de alegria, e quando passa perto de Stahar e Floran diz-lhes: “Vinde também vós e abri os vossos olhos anuviados! Penetrastes no peristilo do Templo antes de mim, atraindo-me para lá com regozijo; acontece termos alcançado não somente o peristilo, mas o Verdadeiro Santíssimo!”

2. Digo Eu: “Seja o que for; toma do cálice e bebe! Muito falaste, tornando-se seca a tua garganta. Humedece, pois, o peito com o vinho da verdade e do amor, a fim de que te tornes um instrumento útil no combate às trevas e seus efeitos! Vê, a noite aqui

já se transformou num dia radioso, mas ao nosso redor a obscuridade persiste. Será preciso um sem número de fortes luzes para eliminá-la, e tu serás um archote ao Meu serviço!”

3. Com imensa alegria, Murel apanha a taça cheia e bebe todo o seu conteúdo. Admirado pela qualidade excepcional do vinho, exclama: “Eis o néctar mais delicioso que já provei! Certamente não terá sido extraído desta Terra e fermentado num odre, pois foi criado no Céu para o Senhor de toda a Glória! Pai Amoroso e Santíssimo, – quão sublimes devem ser os Teus Céus! Que merecemos nós para nos cumulares de Graças tão imensas?”

4. Digo Eu: “A razão disto baseia-se no elo que liga o Pai aos Seus filhos, idêntico à união entre o noivo e a noiva! No Meu Espírito Eterno sou o vosso Pai de todo o sempre; nesta Carne, no entanto, sou qual Noivo e todos vós, Minha noiva, à medida que aceitais a Palavra e Doutrina, acreditando vivamente nos corações, ser Eu o Prometido que deverá libertar todas as criaturas do antigo pecado – criação do inferno – e demonstrar-lhes o Caminho para a Vida Eterna e verdadeira Filiação Divina.

**5. Em verdade vos digo: Quem crê em Mim e cumpre o Meu Verbo pela acção, está dentro de Mim qual noiva celeste e Eu com ela, um Verdadeiro Noivo da Vida Eterna! Nesta União ninguém verá, sentirá ou provará a morte!**

6. Quem crê em Mim e Me ama, cumprindo deste modo o fácil Mandamento do puro amor, reconhecer-Me-á como Pai na Luz plena do seu coração! Procurá-lo-ei Pessoalmente e Me revelarei, ensinando e guiando-o, e a sua vontade receberá a força de subjugar os elementos, em ocasiões de verdadeira necessidade!

**7. No mundo propriamente dito os Meus não poderão celebrar triunfos, pois nem todas as criaturas desta Terra são filhos Meus, mas do príncipe da mentira, das trevas e da cegueira.** Não consideram a Minha Luz e não poderão amar aos que procurem levar-lhes os Meus Ensinamentos. Os Meus filhos, porém, não se devem scandalizar com isso, pois aguarda-os a vitória no Meu Reino!

**8. Afirmo-vos que tereis sempre de suportar, pelo Meu Nome, toda a perseguição e desprezo por parte do mundo; no Além, todavia, dar-se-á o reverso da medalha e o vosso poder de vontade ainda cobrirá aqui os maus de vergonha, podendo-vos então regozijar intimamente do Meu Nome! Sabeis Quem sou e o**



que somente Eu vos posso facultar; o mundo, o oponente maldoso da Luz e do Meu Amor, ignora-o, e nunca o saberá mesmo!

9. O vosso conhecimento é a confirmação das palavras de Isaías que mencionaste acima: Moab (*Jerusalém e sua constituição nefasta*) será trilhada como se trilha a palha no monturo. O Senhor estenderá as Mãos sobre o Seu povo como as estende o nadador para nadar, e fará curvar a fortaleza elevada dos vossos muros (*amor-próprio e orgulho*), rebaixando-a e abatendo-a no pó (*a máxima humilhação*). Isaías 25:10-12.

10. Vê, aquilo que o profeta predisse neste local e neste mesmo monte à beira-mar, quando a caminho da Galileia, - cumpre-se plenamente diante dos vossos olhos. Conta os diferentes povos aqui reunidos, aos quais será tirada a grossa venda dos olhos e cada um receberá o vinho puríssimo, sem fermento; quem o beber e assimilar com a sua alma o espírito nele contido, terá aceitado a Vida Eterna. Assim, todos aqui presentes que sorvem o Meu Verbo como o Vinho Puro dos Céus, e aqueles a quem fordes ofertá-lo e também o tomarão em largos haustos - jamais sentirão a morte, que foi por Mim vencida!

11. Esta Sabedoria é um farto manjar que preparei para os povos terrenos, - sois realmente alimentados e saciados com o tutano da mais profunda Sabedoria e Verdade Eterna! Ide, pois, já que nunca mais carecereis da fartura celeste aos quatro cantos da Terra, procurai os vossos irmãos abandonados, as viúvas e órfãos, enxugai-lhes as lágrimas e dai-lhes fartamente de beber deste Vinho puríssimo, que vos dei em abundância.

12. A época propícia para cumprirdes a vossa missão, ser-vos-á demonstrada pelo Meu Espírito! **Se agirdes verdadeira e fielmente em Meu Nome, o Meu Espírito, o Meu Eu, permanecerá convosco para todo o sempre. Daqui por diante não necessitais pensar no que dizer, pois no momento ser-vos-á dada revelação do que haveis de dizer.**

13. O Espírito deste Vinho que vos acabo de oferecer, jamais se evaporará das vossas almas, pois é a Verdade Eterna, que impedirá a infiltração da mentira. Esta é a morte, a destruição e um julgamento constante, enquanto aquele é a própria vida, que sou Eu Mesmo dentro de vós, pois: Eu sou a Verdade, a Luz, o Caminho e a Vida Mesma! Quem, por conseguinte, Me conservar no coração, tudo terá; pois, além de Mim, não existem outra verdade e outra vida! - Diz-Me, Murel, se tudo isto te é claro.”

## 219. A PROMESSA DO SENHOR.

1. Responde Murel: “Ó Senhor, como não deveria entendê-lo? Tanto o vinho que sorvi quanto a Tua Doutrina estão isentos de fermento e confesso que entendi Isaías pela primeira vez na minha vida. Moab está completamente trilhada, o que causa imensa alegria à minha alma anteriormente tão pobre, sedenta da verdade; aqui foi regiamente compensada de todos os sacrifícios que sofreu na busca da verdade única! Senhor, Tu és verdadeiramente o nosso Deus! Todo o louvor Te seja rendido! E tu, caro Philopoldo, recebe a minha gratidão por me teres aberto os olhos àquilo que procurei pelo mundo fora!

2. Eis que tenho um grande pedido a fazer em nome de todos, Senhor: já que Te deixaste encontrar não mais nos abandones, a fim de que os nossos descendentes não necessitem mil anos para poderem dizer: Reencontramos-Te, Senhor!”

3. Digo Eu: “**No Meu Verbo, que representa o Meu Espírito e Amor, permanecerei com as criaturas de boa vontade, até ao fim dos séculos. Não mais, porém, neste físico material, pois que será transformado, em breve, de acordo com a Determinação do Eterno.**

4. **Por este Corpo assumi todo o julgamento e morte; eis porque a esta, deve ser entregue durante três dias, a fim de que as vossas almas possam desfrutar da Vida Eterna. É ele o representante das vossas almas, e para que consigam existir, o Meu Corpo tem de deixar a vida; vida ofertada em holocausto eterno para a vossa salvação.**

5. **No terceiro dia o Meu Corpo retomará à vida sublimada, e a Plenitude do Meu Espírito Eterno penetrar-vos-á, conduzindo-vos à verdade integral.** Somente nesta verdade sereis transformados, como foi o Meu Corpo em vossos corações e almas, podendo vós mesmos adquirir a Vida Eterna na Plenitude do Meu Espírito livre e independentemente, tornando-vos para sempre filhos de Deus.

6. Por ora estais sendo apenas adestrados para tal. Ouvi, pois a Minha Voz e o Meu Verbo. **Jamais alguém chegará ao Reino dos Céus se não for atraído pelo Meu Espírito.** Quem é Este Espírito? O Pai Eterno, que vos levará junto de Mim!

7. **Este Espírito não tem nome; a Sua Natureza é o Amor. Se tiverdes o Amor, também tereis o Espírito, - possuindo Este, ter-Me-eis a Mim, pois Eu, o Pai e o Espírito somos Unos!**

8. Por isto, aplicai o Amor a Deus e ao próximo, aos pobres e necessitados de corpo e alma, e assim despertareis com esse amor, o amor a Deus principalmente, não considerando o mundo e a sua crítica fácil; quem se envergonhar e fugir dos pobres, a fim de merecer crédito no mundo, não será tão pouco por Mim considerado e aceite. Quem, no entanto, considerar o Meu Espírito igualmente manifesto no pobre, será por Mim aceite como Meu filho. Guardai bem isto! – Agora descansemos por três horas, aqui mesmo!

## **220. A NATUREZA DO SENHOR E A SUA HUMANIDADE.**

1. Os Meus discípulos são os primeiros a adormecer e os próprios romanos estão sonolentos; cada um faz da mão um travesseiro, encosta-se à mesa e adormece como num leito macio. Somente Murel e Philopoldo se retiram, a fim de falarem sobre os acontecimentos.

2. Mathael os acompanha e diz: “Impossível dormir depois de tudo aquilo a que assisti. Imaginai que há três dias atrás ainda era possuído por uma legião de demónios e, embora inconscientemente, um dos mais temidos assaltantes. Não havia caravana que passasse pela estrada na qual me houvesse escondido, pois quem caía nas minhas mãos, não deixava de sentir o seu prejuízo. E agora sou genro do Rei Ouran e vice-rei do vasto país no Pontus até ao reino dos skythos. Não é isto um milagre? Sim, aqui se passam coisas que em nenhuma parte da Terra poderão ser imaginadas.

3. A única dúvida a resolver é a seguinte: As criaturas irão compreender e conservar a Doutrina pura, tanto as que vivem distantes daqui como aquelas que ainda viverão? Na melhor das hipóteses será tomada pela expressão de um grande profeta, – admitir, porém, que Deus Mesmo, Encarnado, tenha ensinado os homens, será uma tese difícil de aceitar, muito mais por ser Ele Filho natural de uma tal Maria, posteriormente esposa de José.

4. Todos nós estamos convencidos de que, além da forma externa, Nele nada há de humano; tanto Corpo, como Alma e Espírito são Deus. Até se pode afirmar: também no Seu Físico Se acha a Plenitude da Divindade, pois basta apenas querer para fazer algo surgir!

5. A maior prova e a mais evidente, reside nas Suas Palavras e no anjo ao Seu serviço, pois este executa em momentos, as coisas mais incompreensíveis, que ultrapassam em muito a explanação de Philopoldo acerca do mundo estelar. Em síntese: para nós que somos Suas testemunhas, o extraordinário torna-se a coisa mais simples.

6. Mas isto não será o mesmo com todos, pois já notei que muitas pessoas aqui presentes não conseguem assimilar e compreender a Natureza Divina do Senhor. Observei, outrossim, que a palavra esclarecedora tem uma acção mais surpreendente quanto ao conhecimento da Glória Divina do Senhor que o maior dos milagres. Hoje em dia estamos tão habituados a assisti-los que nem mais nos causam admiração.

7. Mormente nestes últimos sessenta anos em que os romanos se tornaram nossos senhores, os magos e taumaturgos aumentaram de forma considerável. O leigo, carecendo de conhecimento de causa, não diferencia entre o verdadeiro e o falso.

## **221. O DESTINO DA DOCTRINA DE JESUS.**

1. (Mathael): Para nós são as acções extraordinárias também um factor poderoso, por sabermos discernir de pronto entre o genuíno e o fictício. Os milagres aqui realizados exigem mais que os apetrechos da magia; requerem Onnipotência e Sabedoria Divinas jamais penetradas, a prioridade do Espírito Divino, cuja vontade mantém todos os espíritos e mundos, como o bom cocheiro sustém a sua carruagem de acordo com o ímpeto dos animais.

2. Aqui, pois, é visível a Acção Plena da Divindade, enquanto nos magos não se evidencia. Contudo podemos supor que os nossos patriarcas agissem através da Força Divina que estava com eles. No momento presenciemos coisas assombrosas; dentro de alguns séculos, haverá maior número de mistificações.

3. Tudo isso se baseia nos Desígnios de Deus; uma coisa é certa: o Senhor não permanecerá para sempre em Corpo entre nós, tão pouco nos assistirá com o auxílio e conselhos; além disso, não obstará a vontade livre das criaturas a partir desta época eternamente marcante para a nossa Terra que, futuramente, será o ponto central de todo o Cosmos.

4. Um planeta por Ele Próprio pisado prosseguirá sempre numa espécie de transfiguração. Se as criaturas continuarem de

posse do livre arbítrio, nascendo completamente ineptas e dependendo dos seus futuros conhecimentos do primeiro ensino externo, – só é possível esperar que a ignorância de novo se alastre e elas transformem esta Doutrina pura e celeste num paganismo desenfreado.

5. Fisicamente, não assistiremos a este acontecimento, mas sim como habitantes de um mundo espiritual até então desconhecido. Constataremos as mistificações, mentiras, orgulho, amor-próprio, pavor, bajulação, simulação, perseguição, crítica, vingança e crueldades variadas.

6. O Senhor Mesmo afirma ser preciso que tais coisas aconteçam, em virtude da emancipação e verdadeira formação da vida de cada indivíduo, sem o que ninguém poderá tornar-se um verdadeiro filho de Deus e penetrar na Glória Eterna do Pai. Se Ele já nos faz esse prognóstico, só nos resta aguardar os factos. Um meio preventivo contra esse estado de coisas é e será uma linguagem clara, pois uma prova matemática não está sujeita à destruição do tempo e serve para todas as raças.”

## **222. A PREOCUPAÇÃO QUANTO À DOCTRINA.**

1. Diz Murel: “Meu amigo, eis uma particularidade desta Doutrina: a sua clareza é mais do que evidente e creio não ser possível deturpá-la.”

2. Responde Mathael: “Seria de desejar; entretanto será diferente, pois não é tão matematicamente firmada, conforme crês, em virtude da sua natureza espiritual. Recorda-te quanto te custou conseguir apenas um vislumbre da sua verdade e alcançar, finalmente, a plena luz.

3. Achavas-te preparado e enriquecido por uma quantidade de ciências e factos, o teu intelecto bem esclarecido – no entanto, não compreendias Moisés e Isaías. Imagina alguém sem grande cultura e experiência, abordado por um adepto da Nova Doutrina, a fim de lhe transmitir o Evangelho verdadeiro. Que atitude adoptará? Por isso julgo que deveríamos pedir ao Senhor que nos demonstre como deve ser divulgada eficazmente, para que possa despertar nos ouvintes uma nova vida!”

4. Intervém Philopoldo: “Nobre amigo de vestes reais! Falaste bem e certo; todavia o Senhor Mesmo acaba de prometer não ser preciso pensarmos no que falar em Seu Nome, pois no momento

oportuno será depositado em nosso coração o que dizer. Assim, não sei porque deveríamos molestá-Lo. Assim, opino como futuro divulgador desta Doutrina, ser indispensável certo poder milagroso, a fim de agir contra a força bruta das criaturas. Sendo ainda muito animalizadas, devem primeiro ser levadas a reflectir através de um milagre, antes que se lhes fale sobre Deus e o destino do homem.

5. Às pessoas de algum conhecimento bastará uma palavra sábia; as outras foram reduzidas a semi-rationais pela influência dos seus governantes e da casta sacerdotal. Por não compreenderem uma explicação, só um milagre as convencerá, e uma vez conquistadas por esse meio poderão iniciar o ensino adequado.

6. Afirmo, que até mesmo com pessoas inteligentes um milagre surte mais efeito do que um discurso vibrante, isto porque o homem intelectual vive de certos conceitos falsos e impossíveis de afastar da sua alma.

7. Lembremo-nos que só as Obras do Senhor nos tiraram das nossas concepções errôneas. Por isso deveríamos pedir-Lhe o poder de efectuar milagres em caso de necessidade.”

### **223. A INUTILIDADE DA PREOCUPAÇÃO.**

1. Aduz Murel: “Caros amigos, não vos querendo contradizer ou afirmar que os vossos desejos não estejam dentro da Ordem Divina, afirmo apenas que nos estamos preocupando com um fio de cabelo, quando o Senhor certamente já tudo proveu.

2. O nosso Sol espiritual por certo será obscurecido com o tempo, assim como as densas nuvens encobrem o nosso astro de tal forma que impossibilita localizá-lo, obrigando-nos, além disso, a acender uma vela. Todavia originam as nuvens uma benéfica chuva, e no dia seguinte os campos vicejam de bênçãos celestes.

3. Creio, pois, que o Amor e a Sabedoria do Pai permitirão que o nevoeiro venha, vez por outra, cobrir a face santa do Sol do nosso espírito, no zénite do conhecimento e saber humano, a fim de aumentar a nossa sede espiritual. Somente na ausência da luz sabemos aquilatar o seu real valor.

4. As criaturas começam então a indagar com receio: Onde está a Luz da Vida? – Suspiram e choram e as lágrimas como chuva espiritual caem nos sulcos do coração oprimido, vivificando as raízes quase ressequidas da palavra divina dentro da alma. Assim reanimados percebemos, com a visão fortalecida, o Sol da vida em

nosso coração iluminado, regozijando-nos sobremaneira da nova luz de que nos privamos durante discussões e revoltas.

5. Afirmo-vos: o Senhor sabe o que ainda virá sobre o nosso planeta natural e espiritual, e o porquê. Por isso considero baldadas as nossas conjecturas. Com toda a certeza receberemos Dele o Verbo e o Poder, quando os julgar necessários; jamais poder-Lhe-emos prescrever as Suas Acções. Se ignorássemos Quem é, poderíamos tratá-Lo como semelhante; já que o sabemos, provaríamos apenas grande estultícia! Reflecti e dissei-me se tenho razão.”

6. Responde Mathael: “Não resta a menor dúvida. Apenas quis acentuar os meios necessários para proporcionar Luz vital à Humanidade. Confesso com sinceridade que ambos, principalmente Murel, julgaram melhor do que eu. Agora mudemos de assunto.

## 224. O SENHOR E OS SEUS APÓSTOLOS.

1. (Mathael): “Que impressão causará isto tudo em Jerusalém? Conhecemos a ignorância do sinédrio, a sua volúpia de domínio e a inimizade oculta aos romanos. Qual será a reacção do Templo e de Herodes, quando o Senhor Se dirigir algum dia para lá, conforme já mencionou?

2. Creio que há-de provocar uma irritação tremenda, e talvez seja preciso fazer chover fogo do Céu ou fugir dessa cidade pervertida, – mas isso mesmo sem grande efeito. Satanás será sempre Satanás até à existência do último grão de areia. Não concordais?”

3. Responde Philopoldo: “Isto está acima do meu horizonte de conhecimento. Não achas que tudo é possível ao Espírito Onnipotente e Sábio de Deus? Vê a orgulhosa Cesareia Philippi! Onde está a presunção que a induziu a calçar as suas ruas com ouro e pedras preciosas? Só resta hoje um miserável montão de cinzas. Não admities que o Senhor aplique a mesma medida em Jerusalém?

4. Asseguro-te: em cem anos não se poderá fixar o seu antigo local. Deixemos isto ao critério Dele, – para usar os mesmos termos de Murel. Devemos tratar apenas de permanecer, nós próprios, na Luz do Senhor. Não é isto?”

5. Confirma o outro: “Exactamente; falei-vos deste modo por saber algo que Ele Mesmo me disse e que por certo ignorais. Em determinada época Ele seguirá para Jerusalém, a fim de doutrinar e operar milagres. Com isso o Templo será grandemente prejudicado,

irritar-se-á e procurará detê-Lo e matá-Lo. E ouvi: o Senhor Se deixará prender e matar! São estas as Suas Próprias Palavras!

6. Permanecerá, então, fisicamente morto por três dias para depois ressuscitar, destruindo as trevas e os seus efeitos. A partir daí os Seus apóstolos receberão o verdadeiro Poder, pois provê-los-á da força do Seu Espírito, Sabedoria e Amor. Os primeiros doze discípulos, testemunhas de tudo, certamente serão enviados aos quatro cantos da Terra, para a divulgação do Santo Evangelho.

7. Mas que será de nós que não assistimos aos Seus Feitos desde o início? Cada um de vós sabe sobre o vosso futuro; eu tenho de partir dentro em breve para as zonas frias do Pontus, a fim de guiar e reger os povos atrasados, sem poder presenciar os futuros actos do Senhor. Quem me dará notícias e me informará se o meu regime vigora de acordo com a Vontade Divina?"

## 225. A CONSCIÊNCIA HUMANA E A INFLUÊNCIA DOS ANJOS.

1. Neste momento, Raphael aproxima-se do grupo e diz a Mathael: "Julgas que os inúmeros anjos, mormente eu, estejamos à disposição do Senhor apenas neste monte? É preciso que saibas, estarmos nós constantemente ao Seu Serviço e transmitimos a Sua Vontade de uma Eternidade à outra. Podes estar certo de que te acharemos nas zonas do Pontus, para informar-te de tudo que necessitas saber, dentro da Ordem do Senhor. Seja o que for, - saberás num momento de tudo, caso a tua boa vontade persista.

2. Porém, se te revestires do orgulho de soberano, afastando-te com isso do Senhor e, conseqüentemente, também de nós, nada mais te será dado saber do Reino de Deus e da Sua Graça Imensurável! **Preocupa-te apenas com a permanência na Graça e no Pleno Amor Divino, - que tudo te será dado por acréscimo.** Mesmo que te seja permitido assistir aos futuros actos do Senhor, de nada isso te valerá, deixando-te seduzir pelo mundo.

3. Continuando na Graça e no Amor do Pai, amando-O sobre tudo e ao próximo como a ti mesmo, - à medida que fores impedindo que o mundo te ofusque, serás cientificado do que Ele fizer, mesmo se te encontrares no país mais longínquo. Isto, de acordo com a necessária salvação da tua alma, pois nem tudo que Ele quer e ordena no Espaço Infinito te auxiliará no progresso espiritual.



4. Deus sempre está determinando algo nos inúmeros mundos, de forma adequada. De modo idêntico há-de ordenar muita coisa para a manutenção deste planeta que não te diz respeito. Quanto às Suas Ordens sobre a salvação dos homens, em nada serás privado. Estás satisfeito?”

5. Responde Mathael: “Amigo celeste! Claro que estou, e somente precisarei ser advertido por ti, se, por certas circunstâncias, me afastar do Senhor e da Sua Ordem. Tal chamada em tempo oportuno vale mais que um tesouro mundano.”

6. Diz Raphael: “Também isto se dará sempre que o peças. **Toda a criatura possui um órgão espiritual no coração, cujo acesso nos é constantemente permitido.** Regista tal órgão as noções do bem e do mal, verdade e mentira, justiça e parcialidade.

7. Se aplicas sempre o bem, a verdade e a justiça, a parte positiva e boa é por nós tocada, o que desperta em ti o sentimento feliz de teres agido e falado de modo virtuoso. Se ages de forma contrária, agita-se o pólo oposto daquele órgão, serás tomado de terror e confessarás o completo afastamento da Ordem Divina. **Tal órgão chama-se na linguagem moral: a Consciência.**

8. Poderás confiar plenamente nessa voz que jamais te trairá. A não ser que se permita tornar-se tão insensível que não mais registre a influência dos anjos – pelo que a parte espiritual da criatura estaria quase perdida. Isto jamais poderá acontecer contigo por teres feito um progresso enorme pela Graça e o Amor do Pai, que te transformou e reorganizou, bem como aos teus companheiros. A tua alma é a mesma de antanho e o Amor Divino, ou seja, o Seu Espírito, nela já começou a agir poderosamente; a tua carne pecaminosa, no entanto, foi por Ele transformada, a fim de não te oprimir a alma.

9. Se em teu coração se positivasse a vontade de abandonar o Senhor, a tua carne se tornaria indómita como a de Esaú, que preferiu a caça de animais selvagens ao invés da vigilância sobre o rebanho pacífico do seu genitor. Além do mais tal embrutecimento seria impossível, porquanto a tua alma já está fortemente penetrada pelo Espírito do Amor Divino.

10. Dentro em breve o teu amor para com Ele se transformará, pela acção da caridade, em manifestação intensiva, unindo-se inteiramente à tua alma; terás então realizado o verdadeiro renascimento em espírito, contraindo matrimónio espiritual com o Amor Primário em Deus.

11. Deste modo o Amor Divino tomará forma e poderás ver e falar a Deus, constantemente. Ele será o teu Guia e Doutrinador tal como hoje: visível e audível. Então não mais haverá possibilidade de te afastares do Senhor, no coração e no conhecimento, pois a tua vontade e discernimento unir-se-ão ao Pai, como filho verdadeiro e justo. Compreendes?” - Diz Mathael: “Perfeitamente, e esta compreensão através das tuas palavras, acalmaram-me bastante.”

## 226. O METEORO.

1. Enquanto Mathael procura prosseguir a palestra iniciada, um luminoso e grande meteoro atravessa velozmente o Espaço provocando um chiado singular que a altura de apenas quatrocentas braças permite ouvir. Seguia-lhe, aparentemente uma longa cauda. Os três muito se espantam e indagam do anjo o que havia sido aquilo.

2. Este, em vez de responder, segue o meteoro, trá-lo em poucos instantes qual bola informe de uma braça de circunferência, deposita-o em frente dos três e diz: “Aproximai-vos e observai-o sem susto, pois nem um fio de cabelo ser-vos-á queimado!”

3. Cheios de precaução, eles encaminham-se para o bólido que exala forte odor de enxofre e de perto se assemelha bem à pedrapomes. Dos seus grandes poros ainda chispam fagulhas azuladas, algumas de luz forte, outras mais apagadas, que produzem ruído singular. Só então Mathael se dirige ao anjo e diz: “Que vem a ser isto e de onde veio? Parece uma forma compacta de peso considerável. Explica-nos, por favor, a sua origem.”

4. E o anjo responde: **“Este bólido há meia hora atrás pertencia ao Sol e foi expelido de uma grande cratera de fogo, onde os elementos se convulsionavam.** Junto a muitos outros foi arremessado para o Espaço Infinito, com uma impetuosidade incrível. Casualmente aproximou-se da Terra, pois com a velocidade de um raio voou pelo éter, alcançando a esfera telúrica nas imediações da Europa, que apenas tocou de leve. Achegando-se mais, encontrou forte resistência na atmosfera densa do globo, o que diminuiu a sua velocidade. Para chegar a esta região percorreu em quatro átimos o percurso equivalente a vinte horas de marcha comum. No momento em que o alcancei, achava-se próximo da Ásia e poderia cair nas águas do Pacífico. O Senhor, porém, quis que recebêsseis orientação neste sentido, dispersando-vos a crença de

que um espírito mau esteja sobrevoando a Terra para prejudicar as criaturas. Tendes, portanto, oportunidade de verificar tratar-se de um fenómeno natural entre os corpos cósmicos.”

5. Indaga Murel: “Por que era tão luminoso durante o voo e aqui se torna mais e mais opaco?”

6. Responde o anjo: “A sua forte irradiação é provocada pela imensa rapidez com que corta o Espaço, pois dá-se um atrito nas pequenas partículas do ar, que não lhe podem fugir. Quando a atmosfera telúrica é por demais oprimida, incendeia-se e assim torna-se a sua passagem luminosa: o vácuo que produz em tal velocidade apresenta-se como cauda incandescente, mas na realidade essa “cauda” não existe.

7. Apalpai a sua massa em brasa e tereis a prova da minha explanação. Proporcionar-vos-ei ainda outra: apanho uma pedra comum, lanço-a com a velocidade de um raio pelo Espaço e os espíritos ao meu serviço terão de trazê-la de volta, ficando essa pedra de várias libras tão luminosa quanto o meteoro há pouco.”

8. Dito e feito: Raphael atira o bloco de pedra com força extraordinária para o ar e os espíritos a impelem, por alguns instantes, num movimento giratório, na altura de algumas braças. A pedra, além de produzir estrondo formidável, brilha tão fortemente que toda a zona se aclara como à luz do Sol, e os três amigos, apenas, vislumbram um círculo luminoso, porquanto o movimento é por demais veloz, para ser percebido.

9. Em breves instantes a pedra, numa forte incandescência, é posta pelos espíritos diante dos três judeus, e Raphael diz: “Eis a prova fácil e rapidamente efectuada; constatais alguma diferença entre o meteoro artificial e o natural?”

10. Responde Mathael: “De modo algum, apenas o volume é diverso. Surge agora uma dúvida: que esta prova te seja possível, já que, sendo um dos maiores arcanjos, podes também fazer joguete com o Sol, atirando-o numa distância tamanha, que um raio requereria milhões de anos para alcançá-lo, – não me admiro! Como, porém, pode o próprio Sol, como simples corpo cósmico, desenvolver tal força?”

## 227. A NATUREZA DA MATÉRIA.

1. Diz Raphael: “Ora, acaso julgas não haver espíritos serviais no Sol? Afirmo a vós três: Nem no Sol nem na Terra algo é feito sem

o seu auxílio, pois **tudo que vês é, no fundo, espírito**. Até a **matéria mais densa é espírito e alma, - se bem que num estado de prisão**. Se ofenderes esses espíritos inertes em profundo julgamento, através do ar, terra ou água, far-te-ão em breve sentir o seu poder e força.

2. O ar é, por certo, algo muito ameno e delicado; quando, porém, posto fora do seu equilíbrio por um golpe ou pressão excessiva, extrai do solo as árvores mais imponentes, faz estremecer a terra e se incendeia por milhares de raios destruidores, tornando-se um elemento terrível. Quem seria o autor dessa ira atmosférica? Os espíritos ali contidos e as almas condenadas.

3. Toma duas pedras e experimenta batê-las com força uma na outra, - e os elementos aprisionados se manifestarão de pronto, dizimando a massa por mais dura que seja em seus átomos, onde poderás observar as reacções inflamáveis.

4. Expõe certa quantidade de água a uma pressão fortíssima e transformá-la-ás numa pedra de gelo que, embora sólida e inerte, fará estourar o vasilhame resistente; se te fosse possível submeter o gelo a uma pressão ainda maior, dissolver-se-ia, rápido, em vapor quente, destruindo tudo que tentasse contê-lo, com terrível estrondo.

5. **Enquanto elementos da Natureza e almas desencarnadas e de retardada evolução, contidos na matéria não forem desafiados, permanecem inertes e se deixam manipular; uma vez despertados com violência, - aí de quem se encontra nas imediações!** Com facilidade são descobertos na matéria, pois sendo forçados a uma actividade extraordinária, verificareis uma irradiação à altura da sua força e impetuosidade: quanto maior luz emanam, tanto maior a sua acção.

6. Prova isto a forte luz do Sol, mormente na superfície onde os espíritos etéreos são grandemente activos. Daí também podeis facilmente deduzir a impetuosidade com que aqueles elementos são expelidos num bólido, por ocasião de uma grande erupção. Asseguro-vos: no seio do grande astro, dão-se não raro, erupções tão colossais que com facilidade arremessariam no Espaço o vosso orbe qual joguete, como aqui o vento brinca com um fio de palha. Daí podereis deduzir a velocidade desenvolvida por esse bólido, para chegar aqui."

7. Concorda Murel: "Nesse caso é ele, finalmente, de um valor incalculável e deveria ser levado a um museu."

8. Antepõe Raphael: “Então teria de transportar para lá a Terra toda, que teve a sua origem no Sol.”

9. Diz Murel: “Mas, e a História da Criação de Moisés?” Assegura-lhe o anjo: “Nesse sentido deves procurar os amigos Mathael e Philopoldo; ambos têm vastos conhecimentos no assunto.”

## 228. A INTERPRETAÇÃO DA GÊNESIS.

1. O persa repete a sua pergunta a Mathael, que lhe diz: **“O que Moisés diz da Criação, nada tem a ver com o surgimento do mundo, mas unicamente com a formação do homem, desde o berço até à perfeição; do mesmo modo se refere à fundação da Igreja de Deus sobre a Terra até ao fim dos tempos.”**

2. O Céu e a Terra representam o homem terreno, desde o seu nascimento. O Céu, são as suas capacidades internas, ocultas e espirituais, e a Terra vazia e deserta, representa o homem da natureza, recém-surgido, quase inconsciente da sua própria vida. Tal é o primeiro estado evolutivo da criatura.

3. Com o tempo a criança chega à consciência própria e começa a sonhar e pensar. Eis o conhecido “Que se faça luz”, isto é o segundo estado, a noção da sua existência. E assim se passam os sucessivos dias da Criação até ao estado de calma, de perfeição do homem. – Diz-me, estás compreendendo algo?”

4. Responde Murel admirado do seu saber sobre as Escrituras: “Nobre amigo, jamais te teria suposto senhor de conhecimento tão profundo. Como chegaste a esse ponto?”

5. Sorri Mathael: “Meu amigo, esta pergunta não é aplicável neste meio, diante do Senhor e de um anjo celeste, o qual, certamente foi testemunha da Criação natural. Desde jovem fui entendido nas Escrituras, razão por que me mandaram visitar os samaritanos, como missionário; antes de conseguir o meu intuito, porém, Jehovah interveio: caí nas mãos de terríveis assaltantes e vi-me obrigado a imitá-los, a fim de subsistir.

6. Quando me vi abandonado de tal modo, por Deus, sem achar dentro de mim motivo justificável revoltei-me profundamente. Comecei a descrer de tudo e reputei as Escrituras como obra humana. Em breve um acontecimento me fez pensar de forma diversa.

7. Durante uma noite em que vigiava a sós à entrada da caverna dos ladrões, um homem de expressão severa me abordou. De imediato o trespassei com a minha espada. Ele, no entanto, disse: “Não te canses com a tua arma miserável, pois um espírito imortal é invulnerável. Sou o espírito de Abraão e te pergunto porque abandonaste e persegues a Deus!”

8. Cheio de ódio, reagi: “Qual o motivo de Deus me perseguir se fui enviado em Seu Nome para converter os samaritanos? A minha intenção foi honesta e justa diante de Deus e dos homens, pois se fundamentava na minha consciência. Foi-me dada por Ele desde o início da minha vida como único juiz, que sempre considerei fielmente. Não me incumbi desta missão por conta própria, mas porque o Sumo-pontífice, como representante de Moisés e Aarão, assim determinou. Se a minha acção foi injusta, a Sabedoria Divina não me deveria punir, mas sim, ao único responsável. Já que me castigou, inocente, declaro-me Seu pior inimigo, e do Seu apostolado que parecees disseminar!”

9. Retrucou o espírito, ainda mais sério: “Acaso conheces o Poder e a Ira de Deus? De que maneira pretendes opor-te à Onnipotência Divina, verme do pó? Não te poderia aniquilar como se nunca tivesses existido?”

10. Respondi: “Como não? Pois a esta minha vida, só posso amaldiçoar! Uma vez não existindo mais, a raiva e o ódio terminarão!”

11. Opôs ele: “Não podes obrigar Deus a exterminar-te! Ele poderia martirizar-te por eternidades com dores físicas e psíquicas, que determinariam quanto tempo reagirias.”

12. Gritei, então, tomado de revolta tremenda: “Se Deus sentir prazer especial em martirizar uma criatura apenas para lhe demonstrar a Sua Onnipotência, – que o faça! Afirmo-te uma coisa: mesmo se fosse mil vezes mais poderoso, Deus não poderia modificar a minha índole com toda a sorte de sofrimentos!”

13. Com bondade, meiguice e justiça faria de mim um cordeiro; com a Sua Ira, um diabo perfeito! Até então apenas me facultou uma vida detestável, pela qual jamais ser-Lhe-ei grato! O dia que resolver tornar-Se misericordioso e apagar o mal que me fez voluntariamente, – ser-Lhe-ei reconhecido. Do modo como andam as coisas sou inimigo declarado de Jehovah! Em Seu Nome fui para Samaria, a fim de anunciar a Sua Honra e Louvor; em compensação permitiu que os demónios me subjugassem.

14. Bem pode ser que a minha missão não fosse do Seu Agrado, mas se pôde dar orientação ao falso profeta Balaão através do seu burro, por que deixou que caíssemos nas garras dos diabos? Dá-me resposta ou a minha boca soltará uma maldição jamais ouvida!” - Eis que o espírito desapareceu, - e eu cai por terra, sem sentidos.

## **229. O PORQUÊ DAS PROVAÇÕES. A ÍNTIMA RELAÇÃO COM O SENHOR.**

1. (Mathael): “A partir daí perdi a noção de mim próprio; conservei, apenas, uma leve recordação de ter sido o meu corpo vítima de elementos maus, tornando-me o pavor da zona! Não havia lança ou espada que me atravessasse, e as algemas mais fortes eram quebradas por minhas mãos qual palha. Podia lutar com uma ou contra mil pessoas - o resultado era o mesmo todas eram aniquiladas! A minha alma, - nada disso sabia.

2. Os Desígnios de Deus, no entanto, determinaram que eu fosse preso com outros quatro e trazidos anteontem para aqui, onde o Senhor nos libertou do tremendo suplício. A minha alma tornou-se novamente moradora única desta carne e o Senhor iluminou todos os labirintos do meu coração, facultando-me a compreensão integral dos profetas.

3. Se fosse agora abordado pelo espírito de Abraão, recebê-lo-ia com outras palavras que não as de mais ou menos cinco anos atrás, pois não te posso precisar a época exacta. Sabes, portanto, como cheguei à compreensão da Escritura.

4. Não desejo que alguém necessite passar pelas minhas experiências, pois existe um meio mais fácil para alcançar tal fim. Este é apenas a Graça do Senhor, que em poucos minutos te poderá facultar o que consegui num caminho espinhoso. Aqui está o anjo que te confirmará a veracidade do meu relato. Que me dizes?”

5. Concorda Murel: “Oh, amigo Mathael, deves ter passado horrores, no entanto tinhas uma coragem inaudita. Eras um demónio; porém, o teu coração incorrupto e desejoso da verdade, justiça e amor. Como o Senhor não deixa sucumbir um coração honesto, cumulou-te de felicidade! Mas por que teria Ele permitido que fosses tão duramente castigado? A vossa convocação como missionário não podia ter sido o único motivo?”

6. Confirma Mathael: “Realmente até hoje, não sei nada; para falar com sinceridade, nunca me preocupei por isso. Talvez Raphael pudesse orientar-nos, caso esteja de bom humor!”

7. Responde o anjo: “Isto nunca depende de mim, mas da Vontade Divina, pois a minha existência é apenas a manifestação dessa Pura Vontade. Dirige-te no coração a Ele, que satisfará o teu desejo!”

8. Diz Mathael: “Estaria bem se o Senhor não estivesse dormindo.”

9. Contesta Raphael: “Que falta de compreensão a tua! Ele dorme; a Sua Alma e o Seu Espírito Santo e Eterno, jamais! Que seria da criação se fosse por Ele esquecida apenas por um minuto? Num átimo deixaria de existir: não mais haveria Sol, Lua, Terra e estrelas, tão pouco anjos e criaturas.

10. Tudo que existe é constantemente mantido pela Vontade Omnipotente e Imutável de Deus, sem a qual não se admite manifestação de vida. Como, pois, concebes a ideia de poder Ele estar adormecido e assim não saber das necessidades do Cosmos?

11. O Senhor sabe perfeitamente o que pensas e desejas, portanto também o sei. **Tudo de que nós, anjos, temos ciência e conhecimento nos vem Dele.** Sei de todas as tuas provações penosas; quem as poderia transmitir senão Ele? Ninguém, nem tu, nem outro espírito qualquer, pois que não percebo coisa alguma sem a Vontade do Senhor. Assim, também te podes inteirar de tudo, caso o teu coração esteja aparelhado para tanto. Indaga ao Senhor, no teu coração, e veremos se não te responderá!”

### 230. O MOTIVO DAS PROVAÇÕES DE MATHAEL.

1. Eis que Mathael assim faz e Eu respondo-lhe no íntimo aquilo que ele logo após transmite aos outros, dizendo: “O Senhor protegia os samaritanos, porquanto se haviam separado da perniciosa doutrina de Jerusalém, voltando à verdadeira, de Moisés e Aarão. Tu, Mathael, eras orador experimentado, imponente e de índole indomável. Sabendo disto e prevendo que irias aplicar prejuízo tremendo aos crentes de Samaria, o Senhor deixou que tu e os teus colegas caíssem nas garras de salteadores temidos, ciente de que não te livrarias daquela influência antes de ser o teu temperamento domado. Enquanto partilhavas de plena consciência dos crimes daquela horda, não estavas inclinado a modificar-te; pelo



contrário, engendraste um plano audaz no sentido de converter os cinquenta ladrões e respectivas famílias à doutrina falsificada de Jerusalém, onde até achavam asilo e permissão para a prática condenável.

2. Quando conseguiste convencê-los de, sob o teu comando, invadirem no dia seguinte Samaria, a fim de lá introduzir com o máximo rigor a tal doutrina, determinando que cada oponente fosse aniquilado pela tua espada, - o Senhor fez com que o espírito do velho Abraão te advertisse.

3. Como esta aparição também não te demovesse da intenção escabrosa, Jehovah permitiu que a tua alma fosse obrigada a ocultar-se na carne, enquanto o teu corpo caía nas garras de vários demónios. A partir dali tu e os teus amigos tornastes-vos o pavor da zona.

4. O primeiro grupo de ladrões fugiu e se regenerou, pois viu a desgraça que vos atingiria, desistindo, outrossim, do plano de conversão ao Templo. Deste modo o Senhor interceptou os teus cálculos condenáveis e deixou que fosses presa do julgamento infernal, até que a alma revelasse inclinação mais acessível. Ele bem sabia da tua origem e a razão daquela teimosia, por isso permitiu que a tua natureza enfrentasse a pior das provações, porquanto não se submeteria de maneira diversa.

5. Em distâncias longínquas existe um planeta pertencente ao vosso sistema solar que até então não foi descoberto pelos astrónomos. Lá - **em Urano - vivem pessoas tão teimosas que não desistem de um plano até que o tenham executado.** Muitas almas daquele planeta que deixam o seu corpo físico (*pela morte*) são trazidas aqui, a fim de alcançarem a Filiação Divina, **conservando muita coisa da sua índole.** Como ex-habitante de Urano, és hoje um estranho neste nosso mundo, manifestando tamanha obstinação.

6. A fim de que fosse moldada e se transformasse a tua natureza psíquica na aceitação da Verdade justa e livre de Deus, para ingressares no Amor Divino e daí te tornares um filho do Pai - tal caminho era o único e eficaz.

7. Tinhas de passar pela mesma e infernal maturação por que passam os espíritos e almas desta Terra, isto é, tinhas de ingressar pela porta estreita para depois ascender às regiões elevadas da Vida como sumo vital enobrecido. Eis porque te encontras diante de Deus, o Senhor de toda Vida.

## 231. A VOZ INTERNA. O MOTIVO DA ENCARNAÇÃO DO SENHOR.

1. Quando cessa de captar a resposta no coração, Mathael admira-se do fenómeno jamais sentido. Raphael, então, diz-lhe: “Viste como o Senhor está acordado, embora fisicamente adormecido, e permitiu que percebesses as Suas Palavras? Este é o meio pelo qual registamos tão potentemente o Seu Verbo e Vontade dentro de nós, e nos tornamos aquilo que Ele pensa e quer, isto é: somos a Sua Acção realizada! – Compreendes bem este processo?”

2. Responde Mathael: “Muito embora se esteja convicto de ter uma noção clara de todas as coisas, há-de aparecer algo imprevisto. Daí deduzo que na Sabedoria Divina reside uma plenitude e profundidade tais que um espírito não consegue delas se apossar.

3. Também não estaria satisfeito se possuidor da Omnisciência Divina, pois se no Infinito nada mais houvesse a descobrir, em breve a minha vida se tornaria enfadonha. Assim, há uma quantidade de coisas ocultas que jamais poderemos assimilar. Confesso que a Bem-aventurança Divina não deveria ser invejada, caso as criaturas fossem do mesmo modo esclarecidas, porém a Sua Eterna e Infinita Sabedoria tornar-se-ia um enfado horrível se fosse desfrutada a Sós.

4. Eis a razão por que preencheu o Espaço Infinito com inúmeras obras, que correspondem ao Seu Poder e Omnisciência, e também criou seres inteligentes e dotados de vasto saber. Compenetrados de tal Profundidade e Omnipotência em Deus, eles admiram o Criador, pesquisando os Seus Milagres.

5. Como Criador e Pai de anjos e criaturas, deve ser para Ele a maior felicidade aumentá-la naqueles que O reconhecem e amam cada vez mais. Para este fim Ele veio Pessoalmente, como Homem, à Terra, revelando-Se como se fora simples criatura. Não o fez somente para os anjos e nós, mas também por Sua Própria Causa; pois deveria com o tempo extenuar-Se de tédio, quando verificasse que, como Inteligência informe e eterna, embora perfeita, jamais poderia ser visto ou abordado pelas Suas criaturas.

6. Não seria sumamente desconsolador para um pai terreno se tivesse vinte filhos atraentes, mas cegos e surdos, portanto incapazes de entrar em contacto com ele? Não faria tudo para fazê-los ver e ouvir? Todavia somos normais e sentimos prazer – às vezes em excesso – nessa relação mútua, de sorte que até chegamos a esquecer o Criador. Ele, porém, deveria desistir dessa felicidade? Em absoluto

isto poderia acontecer ao Pai Eterno! O Seu maior desejo consiste em sentir-nos aptos a vê-Lo, amá-Lo e nos comunicarmos com Ele, sem prejuízo para a nossa vida.

7. Por isso penso não estar errado em minha afirmação, de se ter Deus revestido de carne não só por nossa causa, mas para a Sua maior felicidade. Isto estava determinado desde eternidades, e somos testemunhas do Plano Eterno! Tenho razão, Raphael?"

### 232. A SUPOSIÇÃO DO TÉDIO DIVINO.

1. Diz o anjo: "O parecer que externaste foi-te inspirado pelo Próprio Senhor, portanto falaste certo."

2. Aparteia Murel: "É incrível o que se chega a ouvir aqui; todavia, se fôssemos tão sábios e omniscientes como Deus, não poderíamos contestar a ideia do nosso tédio, em confronto com o Seu - se assim me posso expressar - por nunca ser sentido e ouvido pelos filhos e anjos. Embora queira reagir contra este pensamento, não me é possível, conquanto a expressão "Tédio Divino" me soe estranha. Até me vem um exemplo aceitável para tal noção nova que vos desejo transmitir."

3. Diz Mathael: "Ótimo, pois as tuas experiências variadas só podem aumentar o nosso cabedal de conhecimentos."

4. Defende-se Murel: "Fá-lo-ei, não por esse motivo, mas para vos demonstrar como interpretei o assunto. Imagino um homem dotado de todo o saber, encontrando-se sozinho neste orbe. Naturalmente tem o desejo de se comunicar com outrem e assim, procura em todos os recantos encontrar um ser vivo e pensante. A sua enorme sabedoria torna-se-lhe um peso, pois tudo o que faz deixa de ser observado ou criticado por alguém. Que se passaria com o tal homem, no decorrer do tempo? O tédio não o aniquilaria?"

5. Que prazer, porém, caso encontrasse mesmo uma criatura mui simples? Com que amor não haveria de tratá-la? Aí se demonstra o valor do próximo e a felicidade em lhe fazer o Bem. Por isso é o amor um elemento de vida puramente celestial e a impossibilidade de relação entre as criaturas seria uma desdita!

6. Que adiantaria ao cantor o som comovente da sua voz, de que serviria o eco de uma harpa melodiosa caso ninguém o ouvisse? Um pássaro que numa floresta saltasse sozinho de árvore em árvore, buscando com voz tristonha o seu semelhante, caso não o

encontrasse atemorizar-se-ia, emudecendo e abandonando a floresta deserta.

7. Se os próprios animais possuem tanto amor que lhes desperta a saudade pela espécie, quanto mais tal não se dá com a criatura dotada de sentimento e inteligência! Sim, pois de que lhe serviriam as faculdades e talentos diversos, não os podendo pôr à disposição do próximo?

8. Destarte, baseando-se nas próprias percepções deduzo, que Deus, o Senhor, deveria sentir um tédio tremendo – muito embora rodeado de mundos maravilhosos – caso não houvesse um ser capaz de reconhecê-Lo e amá-Lo, comprazendo-se com as Suas Obras Maravilhosas. Para que isso fosse possível, preciso seria que Ele, o Pai, Se encaminhasse para os Seus filhos, revelando-Se de modo que os capacitasse para tanto.

9. Caso essa condição não fosse cumprida, Deus teria em vão projectado a Sua Criação: continuaria eternamente a Sós, e as Suas criaturas – se bem que extraordinárias – tanto Dele saberiam quanto a erva sabe do ceifador.

10. Deus, no entanto, revelou-Se de modo decisivo na verdadeira liberdade, preparando-os para a Sua Chegada. Com ela se cumpriu toda a promessa: as criaturas podem vê-Lo em Carne, lidar com Ele como simples homem, pois lhes ensina como Pai Eterno a sua grande e sublime finalidade.

11. Deste modo tudo se acha na melhor ordem, dependendo mais de nós a execução consciente das leis vitais, que finalizam o duplo destino: o filho reconhece e fita o Santo e Terno Pai num êxtase sublime, alegrando-se sobremaneira; o Pai, por Sua vez, regozija-Se por não mais estar Só, e sim, no centro iluminado de Seus Filhos, bem-aventurança indizível para ambos! Estou certo em meu parecer?”

### **233. A INDAGAÇÃO DE RAPHAEL QUANTO À MISSÃO INDIVIDUAL.**

1. Diz o anjo: “Falaste dentro da verdade; todavia, não se originou tal conhecimento no teu intelecto, mas no Verbo do Senhor. Deveis guardá-lo, pois a completa assimilação só se dá em almas como as vossas. Às outras basta reconhecer e amar a Deus acima de todas as coisas. **Caso encontreis almas verdadeiramente elevadas**

**podereis transmitir-lhes o que discutimos** durante duas horas. Agora amigos, tratemos de outro assunto.

2. Como cooperadores no Reino de Deus sereis futuramente abordados pelos vossos adeptos, da seguinte maneira: A vossa Doutrina é muito elevada e comovente; no entanto, não se realiza o que prometestes, isto é, que iríamos ouvir a Voz do Pai dentro de nós e O poderíamos ver e falar; até então nada disto se realizou. Observamos tudo que ensinais, e se a vossa Doutrina for verdadeira não pode falhar neste ponto. Dizei-nos sinceramente o motivo deste fracasso. – Qual seria a resposta a dar?”

3. Os três se entreolham admirados e Murel diz: “Amigo, se fizermos promessas baseadas no Verbo do Senhor e os nossos adeptos cumprirem os ensinamentos, Ele não nos poderá faltar; de contrário, seria preferível não divulgar a Sua Doutrina.

4. Ouso até dizer que tal factor sempre foi o móvel mais pronunciado na queda das religiões. As promessas, muitas vezes, não se cumpriam de modo eficaz, razão pela qual os divulgadores aplicavam meios artificiais a fim de não sentirem a reacção do povo. Deste modo as criaturas se inclinavam a factos externos, disso resultando a impossibilidade de reconduzi-las a algo espiritual.

5. Isto em absoluto poderá ser repetido pelo Mestre; não nos deve abandonar nos momentos em que as Suas Promessas realizadas sejam a prova evidente da Sua Divindade. Por mim, preferiria ser simples varredor de ruas, do que um Jeremias atormentado! Se ao menos fosse possível alcançar um benefício por tal martírio!”

6. Interrompe Raphael com bondade: “Meu caro amigo, no teu excesso de zelo, estás a desviar-te da minha indagação. O Senhor sempre cumprirá o que prometeu, depende apenas de conhecerdes as condições que se prendem à promessa. Pode, às vezes, depender de uma insignificância que impeça a sua realização; por isso deveis estar bem orientados como doutrinadores verdadeiros, a fim de saberdes o que é preciso ao adepto para se tornar mestre.

## **234. O REINO DE DEUS NO CORAÇÃO HUMANO.**

1. (Raphael): “Como vejo que não estais à altura de me responder, fá-lo-ei por vós; deveis gravar as minhas palavras no fundo dos vossos corações, pois tudo depende de conhecerdes as condições imprescindíveis ao pleno êxito na filiação divina.

2. Sabeis que **cada criatura tem de se educar e formar por conta própria**, independentemente da Omnipotência da Vontade Divina para se tornar um filho de Deus.

3. **O mais poderoso meio é o amor a Deus e ao próximo, seja qual for o sexo ou a idade dos adeptos. O amor é assistido pela humildade, meiguice e paciência, pois sem essas virtudes jamais será o amor puro e verdadeiro.** Como pode a criatura saber se realmente se encontra dentro do amor puro?

4. **Basta que analise se é levada a dar e auxiliar espontaneamente, ao ponto de se esquecer de si própria, quando depara com algum necessitado.** Caso note esta tendência numa manifestação plena e viva, a filiação se terá completado, e as promessas começarão a realizar-se milagrosamente em palavras e acções, justificando-as como doutrinador/a verdadeira.

5. Aqueles que não evidenciam tais factos são os únicos culpados da própria deficiência, pois ainda não abriram o coração à pobre Humanidade. O amor a Deus e o livre cumprimento da Sua Vontade manifesta são os elementos adequados para a realização do Céu na criatura. Tornam-se a morada do Espírito do Amor em cada coração cuja porta é o amor ao próximo.

6. Esta entrada deve estar bem aberta para que ali penetre a Plenitude Divina; **humildade, meiguice e paciência, são as três janelas franqueadas à Luz Celeste** que ilumina a Santa Habitação de Deus, aquecendo o coração do homem.

7. **Tudo depende do amor ao próximo, livre e sincero; e a máxima renúncia é a Revelação da promessa.** – Eis a resposta à minha pergunta; meditai e agi dentro dela que sereis justificados perante vós, o próximo e Deus Mesmo. Aquilo que Ele faz, também o deve fazer as criaturas para serem idênticas a Ele e se tornarem Seus filhos. – Compreendestes?”

### **235. A VERDADEIRA VIDA ESPIRITUAL.**

1. Os três amigos silenciam, pensativos. Finalmente, Mathael diz: “Pela primeira vez entendi o salmo de David: Levantai, ó portas, as vossas cabeças para que possa entrar o Rei da Glória. Mas, a realização? O que não é preciso para se pôr em prática tal ensinamento?”

2. Muitas vezes é-se levado a dar esmola a um pobre sem arrependimento; no entanto, é o intelecto o móvel dessa acção. Meu

Deus, quão afastado se acha o homem do verdadeiro destino, através da sua crítica fria e desprovida de amor! **Quem dá ao pobre com dedicação sentindo uma alegria humilde nessa atitude, por amor a Jehovah, alimentando o desejo de prosseguir fazendo feliz o próximo com atitudes conselheiras, consoladoras e reais, - achasse com a alma e o espírito diante do Senhor.** Onde, porém, estamos nós de corações endurecidos?

3. Ó amigo celeste! Demonstraste a nossa situação precária. Senhor, desperta os nossos corações e incendeia-os no verdadeiro amor ao próximo, de contrário a Tua Doutrina tão sublime será apenas um trocadilho moral e sem efeito!

4. Analisando o meu trajecto de vida, vejo que foi de ponta a ponta errado, razão pela qual não atingia o alvo! Só agora começo a reconhecer o verdadeiro caminho e sei do que depende a promessa. Sinto o que falta a mim e aos outros, os quais, embora aceitem a Doutrina, não podem registar nenhum êxito; além disso, não desconsidero o que me falta para realizar em mim a ordem plena.

5. Bem, temos um grande privilégio no campo da fé, porquanto o Senhor caminha Pessoalmente entre nós e nos ensina pela palavra e acção; o Céu se acha aberto e os anjos nos apontam a Sabedoria Celeste e a Ordem Eterna provinda de Deus; todavia é-nos entregue a formação do sentimento! O Senhor, por certo, ajudar-nos-á também nesse sentido.

6. Saber e sentir são assuntos bem diversos! Para alcançar o saber basta o estudo e para a noção das coisas, a experiência; **para o verdadeiro sentir é preciso mais que estudar e experimentar.**

7. Um vasto conhecimento por si só não leva o coração a sentir e querer, e as experiências nos ajudam tanto para o bem quanto para o mal; apenas um sentimento completo tudo vivifica, ordena e transmite calma e felicidade. Por isso dever-se-ia desde cedo cuidar de uma verdadeira educação do sentimento.

8. **No preparo do intelecto o coração se torna endurecido e orgulhoso pelas exigências da razão. Um coração orgulhoso, dificilmente aceita a educação do sentimento; somente as provações, a miséria e o sofrimento o abrandam, para que venha a ter compreensão do estado aflitivo do próximo.**

9. Agradecemos-te e ao Senhor por este ensinamento importantíssimo, pelo qual sei o que fazer futuramente por mim e pelos que receberão por meu intermédio a Luz puríssima de Deus."

## 236. OS PRINCIPAIS EMPECILHOS NA REALIZAÇÃO DAS PROMESSAS.

1. Diz Raphael: “Não me cabem gratidão e honra, mas sim e unicamente ao Senhor! Contudo sereis beneficiados por terdes compreendido o ensinamento; ele vos capacitará a entender todos aqueles que vos abordarem deste modo: Amigo, acreditei e fiz tudo o que me ensinaste, mas até hoje não obtive nenhum êxito! Que farei? Abandonei a minha crença antiga, onde encontrava conselho e auxílio nas minhas tribulações, enquanto esta me deixa tão só quanto um órfão. Onde se acha o teu Deus extraordinário, do qual alegas provir toda a felicidade?

2. Então responder-lhe-eis: **Não podes responsabilizar a Doutrina, mas unicamente a ti. Aceitaste-a com o teu raciocínio e experimentaste aplicá-la, certo do sucesso; todavia, agiste tendo em mira apenas o resultado, e não o próprio Bem. Foi o raciocínio o teu móvel, ao invés do coração, que continuava frio e duro como antes.**

3. **Desperta o teu sentimento, faz tudo movido pela verdadeira causa da vida! Ama a Deus por Ele Mesmo e ao teu próximo como a ti mesmo! Faz o bem pelo Bem provindo do teu amor e não indagues - em virtude da tua fé e acção - pelo cumprimento da promessa. Esta será sempre a consequência da tua crença, sentimento e acção, dentro da tua alma.** Conforme creste e agiste até então, assemelhaste-te a alguém que em sonho lavrou a terra e lançou a semente, querendo colher quando acordado.

4. **O conhecimento, a crença e acção intelectuais são apenas um sonho fútil, sem base.** É preciso que a criatura assimile tudo com o coração, onde reside a vida única e onde germinam os frutos almejados.

5. Quem não soube compreender e ordenar a sua vida desta forma, tornando-se egoísta pelo que crê e sabe, - jamais chegará a desfrutar da promessa, que, em síntese, é a consequência da actividade afectiva!

6. Se bem orientardes os vossos discípulos, eles não mais vos importunarão, e procurarão activar o seu coração. Assim fazendo, em breve demonstrarão não ser a promessa da Doutrina Divina algo de fútil; porém, se prosseguirem consultando o raciocínio e com ele agirem de acordo, serão os únicos responsáveis de, em vida, não



terem o êxito esperado, e muito menos no Além. Diz-me se compreendestes isto a fundo.”

7. Manifesta-se, finalmente, Philopoldo: “Ó amigo celeste, quem não o entenderia? Quem, como tu, pensa e age mais pelo coração, com facilidade entende todas as suas condições de vida; quem se orienta apenas pelo intelecto, pouco se impressiona com elas. O nosso assunto foi, portanto, bem esclarecido, por isso podemos passar a outro.”

### 237. A LIVRE VONTADE DE UM ANJO.

1. Diz Murel: “Ótimo; que tal, se o nosso amigo celeste nos relatasse algo sobre a estrela da Alva, já que nos tornando doutrinadores do Senhor nunca saberemos em demasia? Se não formos capazes de orientar, os discípulos hão-de fugir e nos desprezar; caso contrário, aceitarão também o Evangelho. Que dirias tu, Philopoldo, ao que te perguntasse a respeito de tal estrela?”

2. Responde este: “Amigo, orientá-lo-ia de forma que tivesse em si a percepção exacta de tudo, caso houvesse organizado a sua vida dentro da Doutrina Celeste; de outro modo a minha explicação de nada adiantaria porquanto não se convenceria. Uma fé cega a ninguém beneficia, pois facilmente pode ser contestada.

3. É preciso que o homem vislumbre dentro de si a natureza de todas as coisas, de modo consciente. Alcançado este estado – o que não é inteiramente impossível – já não mais precisa do nosso ensino.

4. A meu ver fazemos o bastante indicando aos outros o caminho justo e claro da vida, pois tudo o resto far-se-á por si só. Segundo Raphael é preciso apenas deitar a semente no campo para que germine e progrida. Quanto a nós próprios esse mensageiro celeste poderá abrir a visão para observarmos a estrela da Alva, assim como curou os olhos do velho Tobias com o fel de um peixe, pois parece-me o mesmo anjo.”

5. Diz Mathael: “Bem podes ter razão. O nosso amigo celeste talvez seja um verdadeiro oculista que nos pode esclarecer sobre aquele planeta, se assim desejar, apesar de não ter vontade própria como nós.”

6. Observa Raphael: “Falaste bem; todavia a minha vontade não é tão tolhida como pensas. Também sou um receptáculo e não somente a pura irradiação da Vontade Divina. Sinto muito bem o que quero e aquilo que é a Vontade do Senhor.

7. Apenas a registo de modo mais fácil, pronunciando tudo mais rápido do que vós. Submeto a minha vontade à do Senhor e assim sou qual emanção da Sua Omnipotência; contudo tenho vontade própria e poderia agir como vós. Tal não pode acontecer porque possuo sabedoria num grau tão elevado que reconheço - na qualidade de luz individual - a Justiça eterna e intangível da Vontade Divina como a dádiva maior de todos os seres e mundos.

8. Portanto, se quiserdes a Revelação sobre a estrela da Alva que os pagãos denominam "Vénus", posso satisfazer-vos caso o Senhor não Se oponha. Tudo que eu vos digo, vem do meu conhecimento e saber, que só podem ser divinos." - Aduzem os três: "Faz-nos esse favor!"

### **238. O PLANETA VÉNUS.**

1. Com isto Raphael pousa as mãos na testa e no peito de cada um, e no mesmo instante as suas almas são projectadas no planeta Vénus, onde analisam o solo e as criaturas. Deparam precisamente com uma assembleia destinada à adoração do Maior dos espíritos. Eis que um diz: "Criaturas deste maravilhoso planeta, criado pelo Grande Espírito na medida do Seu Olho, encontramos-nos aqui reunidos, a fim de Lhe ofertar o nosso louvor e veneração! Sendo Ele Omnipotente e Sábio, podemos honrá-Lo unicamente usando em tudo a sabedoria. A verdadeira sabedoria consiste na máxima ordem, cujo grau mais elevado é o equilíbrio. Observando-nos como ponto culminante da Criação: que harmonia existe na construção do nosso físico! Quem poderia contestar a nossa semelhança fisiológica? Se não houvesse diversidade de carácter e temperamento não nos seria possível registrar a diversidade individual.

2. Daí deduzimos - como de outras coisas mais - sentir a Sabedoria do Grande Espírito o maior prazer na simetria, razão por que devemos antes de tudo considerá-la. Ninguém deve construir a sua morada um palmo mais alta do que a do seu vizinho, tão pouco exceder-se na forma, proporção e delineamento. A inobservância destas regras desagradaria ao Grande Espírito, que deixaria de abençoar tal casa irregular.

3. Assim também observamos que Ele prefere a forma arredondada, pois quanto mais perfeita a criatura, tanto mais extraordinária é a forma rechonchuda. Consideremos, pois, tal

forma em tudo que fizermos; quem usar da pontuda ou quinada sem necessidade ou permissão prévia, atrai sobre si o desagrado e a ira do Grande Espírito.

4. Além disso vemos que a cor branca – de vez em quando algo rosada – é-Lhe a mais agradável, por no-La ter proporcionado como Suas criaturas excepcionais. Eis porque é nossa obrigação considerar tal cor em nossas vestimentas.

5. Cabe-nos usar a linha recta somente quando preciso, pois Ele também considera essa regra, a fim de nos tornarmos semelhantes a Ele que, em tudo, emprega a linha curva.

6. Todavia, sabemos que isto só é possível alcançar pela noção exacta do cálculo e da medida; logo, é dever rigoroso praticar esta ciência, pois que sem ela o homem se apresentaria, muitas vezes, num dia de modo repulsivo e desprezível. O Grande Espírito sabe tudo e vê a cada instante; caso descubra displicência contra a Sua Ordem, afasta o Seu Olhar, portanto a sua Bênção, sem a qual nada progride!

7. Estando nos pontos principais em plena ordem, entende-se estarem equilibrados os nossos pensamentos e desejos, pois a harmonia externa tem como consequência da alma, factor significativo para Ele.

8. Quão facilmente se infiltrariam orgulho, desprezo, pobreza, miséria e carência de meios, entre as criaturas caso não respeitassem estas directrizes. Pela rigorosa observância da simetria em tudo, tais perigos são afastados de nós e vivemos felizes, porquanto ninguém tem motivo de se julgar melhor que o próximo.

9. Onde o Próprio Grande Espírito ordena uma irregularidade, esta não traz prejuízo, mas benefício. Haja em vista não podermos alcançar todos a mesma idade. Não deixa de ser um erro dentro da ordem que Ele, no entanto, compensa dando à velhice, mais rica em conhecimentos e experiências, permissão de transmiti-la à juventude.

10. Existem ainda outras faltas na harmonia: servem para nos ensinar existirem ao lado da máxima ordem, certas falhas não abençoadas, mas permitidas – e nos facultam a noção do mal. Ninguém deve andar de vestes rotas, mas cerzi-las quando não poder confeccionar outra.

11. Por diversas razões já foi observado que alguns se utilizam um bordão para uma caminhada longa. Tal hábito é desconcertante e deveria ser abolido. Quem necessitar de apoio que tome um

bordão em cada mão, para não desconsiderar a simetria e não sensibilizar o Olho do Grande Espírito.

12. Igualmente se viu que alguns organizavam os seus jardins fora da ordem comum. Isto, em absoluto, é do Seu Agrado porque também poderia despertar a inveja – verdadeiro horror para Ele. Mantende tal ordem em vossas casas, pois se o vizinho ali entrar, sentir-se-á como na sua própria; todos somos uma só família diante Dele e não nos devemos tratar como estranhos. Se aqui chegasse alguém do fim do mundo – porém, não Lhe agrade, também, não o devemos apreciar. O Grande Espírito não aprecia tal afecto e vos cumulará de bênçãos.

13. À beira de um grande rio houve quem se atrevesse a construir edifícios esquisitos para ornamentar a zona; como tal porém, não Lhe agrade também não o devemos apreciar.

14. Os animais caseiros merecem ser bem tratados, pois igualmente são obra Sua e destinados a nos serem úteis; por este motivo honremo-los. De modo idêntico pode pessoa alguma destruir a plantinha, por menor que seja, pois Lhe demonstraria ingratidão. As ruas devem ser conservadas limpas e sem relva, a fim de que não venha a ser pisada. Observai tudo isto, e jamais passareis miséria.

15. Aceitai as minhas palavras como provindas do mais Sábio, e Onnipotente Espírito, agi dentro delas que sereis felizes aqui e no Além, naquele mundo do qual as almas que deixaram os seus corpos físicos dizem ser sobremaneira maravilhoso e onde também avistaremos o Grande Espírito e os Seus servos.

16. Finalmente, tenho a dizer-vos algo que um espírito iluminado (*anjo*) já por duas vezes me revelou. Certamente já observaram à noite a grande e luminosa estrela acompanhada por outra menor e sabeis que ela se chama “Kapra” (*assim denominam os habitantes de Vénus o nosso planeta - Terra*). Todos nós desconhecemos a sua natureza. Aquele espírito, porém, demonstrou-ma em sonho e vi que é idêntica à nossa. A pequena estrela que a rodeia também é um planeta, porém deserto e, de um lado, completamente destituído de seres.

17. Em Kapra o espírito mostrou-me um homem, dizendo: Eis o Senhor! Nele habita a Plenitude do Espírito Eterno, que de agora em diante Se apresentará às criaturas como seu igual. Aqueles habitantes são, na maior parte, Seus filhos, que receberão poder divino quando cumprirem a Sua Vontade. Os que assim não agirem

continuarão ignorantes, fracos e rejeitados como filhos; não-de permanecer como animais até aceitarem a Vontade do Grande Espírito que Nele habita.”

18. Por tal motivo deveríamos sempre ter um excepcional respeito ao grande Kapra. Além disso, devemos amar o Grande Espírito que ora ali Se encontra, como aqui amamos os nossos entes queridos, pois tal nos facultará a possibilidade de O ver e falar-Lhe no futuro. Isto aumentaria muito a nossa felicidade, sendo-nos até possível alcançar a evolução daquelas criaturas.

19. Cientificados disto tudo por um mentor honesto e sincero, manifestai intimamente respeito àquele astro, a fim de que a sua luz nos irradie as bênçãos e graças!”

### 239. OS PRIVILÉGIOS DE VÊNUS.

1. Quando o guia e doutrinador de Vénus terminou a sua dissertação, os três amigos são despertados pelo anjo. Também já começa a clarear e a aurora não tarda. Mathael conta o seu sonho, causando admiração entre Murel e Philopoldo que viram o mesmo.

2. Raphael então diz: “Qual a vossa impressão acerca da estrela da Alva?”

3. Responde Mathael: “Já não duvido que lá estivéssemos e confesso que muito me agradou; os habitantes, em absoluto, são néscios e se mantêm numa constante pureza moral. Para mim, no entanto, não serviria pois tal monotonia e estagnação devem ser insuportáveis. Penso que uma lesma e um venusiano sentem a mesma necessidade. Amigo Raphael, ela brilha de modo maravilhoso, contudo não a aprecio, bem como aos seus habitantes.

4. Certo é que com tal instituição jamais poderá irromper uma guerra, porquanto lá não existe pecado. Apesar disso prefiro um pecador aqui; tal pureza de hábitos não pode ter valor porque não existe ao seu lado a perfeição espiritual que estagnaria diante da acção harmoniosa e simétrica daquelas criaturas.

5. Um homem evoluído em Vénus assemelhar-se-ia a uma árvore capaz de pensar e querer, no entanto, obrigada a permanecer no solo com as suas raízes. Diz-nos, amigo celeste, não têm espírito, amor, vontade e desejo? Devem saber, pensar e calcular, pois o seu mestre lhes recomenda a matemática; assim sendo, pode existir um progresso espiritual?”

6. Responde Raphael: “Por certo, – mas eles não cogitam do progresso externo, e sim, do interno; sabem que o primeiro será um empecilho ao outro. **Deve-se fazer as coisas exteriores dentro de moldes preestabelecidos e de acordo com as exigências físicas. Além daí, nem mais um passo, pois todo e qualquer progresso externo e material é um retrocesso às faculdades espirituais.**”

7. Nas criaturas que cultivam o externo em demasia, domina no íntimo a barbárie inescrupulosa. Dotado de um privilégio espiritual, jamais um povo desafiou o seu vizinho. Manifestando porém a sua grandeza interna por obras facilmente realizáveis, de pronto desperta a inveja – e a guerra é iminente. Isto nunca será possível com os habitantes de Vénus, e por isso deveriam ser menos privilegiados que vós?

8. Lá ninguém possui vantagens exteriores no físico, na vestimenta e na habitação; eis porque tudo é taxado pelo valor intrínseco. De acordo com a sua educação idêntica, todos têm a mesma forma, ainda mais acentuada pela igual roupagem.

9. Pessoas não carcomidas por paixões diversas, assemelham-se como irmãos. **Quanto mais a forma externa diverge, tanto maior prova dá a respeito da inquietação interna;** pois o interior se dirige às tendências exteriores que jamais se poderão assemelhar em virtude da ganância, inveja, desprezo, orgulho, altivez e domínio.

10. Se vestes um manto verde, o teu vizinho um vermelho e o outro, um azul – em breve discutirão a vantagem de cada cor. Ao passo que se tiverdes todos um manto igual em cor e feitio, nenhum de vós pensará em perder tempo na apreciação. Observastes em Vénus a completa semelhança de homens, mulheres e crianças, em tudo, porém, lindas e perfeitas. Não deixa de ter o seu proveito.

11. Aqui, não raro, a diversidade de forma, de acordo com o grau de beleza imaginária, constitui a base da discórdia, do amor, do ódio, do desprezo ou da dedicação excessiva e atracção. Lá nada disto existe. As criaturas se amam em proporção ao seu grau de sabedoria; quanto mais alguém souber contar da bondade, força e saber do Grande Espírito e quanto mais dócil e meigo se tornar, tanto maior consideração e respeito lhe serão tributados pela comunidade. Dizei-me, tal não é uma sábia instituição por parte do Senhor?”

12. Responde Mathael: “Perfeitamente, e desejaria que também houvesse a mesma ordem aqui. – Agora, eis que Ele se levanta,

seguido de todos. Urge prestar atenção para o que vier! – Talvez os nove afogados...?”

\*\*\*

**Fim do Terceiro Volume**

## ÍNDICE

1. O Oráculo de Delfos 2
2. A Aparição de Espíritos Puros 3
3. Destino e Evolução do Homem 4
4. As Determinações do Senhor Quanto aos Salteadores 6
5. Julius Admoesta os Fariseus 6
6. Discussão Entre os Fariseus e Julius 8
7. A Crença Obrigatória no Templo 9
8. Condições a Serem Observadas Pelos Adeptos do Senhor 10
9. O Benefício da Renúncia 11
10. O Prejuízo Provindo das Necessidades 12
11. A Causa do Dilúvio 14
12. Ensinamentos Missionários 15
13. Noé e a Arca 16
14. Como Considerar e Usar os Bens Materiais 17
15. O Caminho Certo Para a Evolução Humana 20
16. A Elevação de Jesus 20
17. A Onnipotência Divina e a Liberdade da Alma 22
18. Anotação dos Discursos do Senhor 24
19. O Cântico de Salomão 25
20. O Desjejum dos Hóspedes 27
21. A Cura dos Cinco Possessos 29
22. Dissertação Desesperada dos Ex-Possessos 31
23. O Estranho Estado Psíquico dos Curados 32
24. Almas de Visão Diversa 34
25. Filosofia Naturalista de Mathael 35
26. A Luta na Natureza 37
27. Mathael Fala Acerca da Alma de Cirénius 38
28. Mathael Fala Sobre Deus 40
29. Cirénius e Mathael Discutem 41
30. Jesus Adverte Cirénius 42
31. Mathael Expõe o Caminho que Conduz à Vida Eterna 44
32. A Unidade da Vida Eterna 45
33. Profecia de Mathael 47
34. Os Curados Desejam Que Se Lhes Aponte Jesus 48
35. Jesus, o Herói, em Combate Contra a Morte 49
36. A Verdadeira Adoração a Deus 50
37. Ponderações de Julius Quanto ao Interrogatório dos Outros Criminosos 51



38. O Interrogatório 52
39. Suetal Fala do Templo e do Salvador de Nazaré 54
40. Por que os Acusados Vieram à Galileia 56
41. Mathael Conta o Seu Passado 57
42. A Alma e o Espírito 58
43. A Respeito de Vida e Morte 59
44. O Senhor Cuida dos Prisioneiros 60
45. A Cura de um Artrítico, no Prado Milagroso 62
46. A Influência do Salvador Milagroso 64
47. Palestra Entre Mathael e Suetal 64
48. Mathael Fala Sobre Lei e Amor 67
49. Explicação dos Factos Ocorridos com Moisés 68
50. Dúvida Quanto à Pessoa do Salvador 70
51. Receio Quanto à Divindade do Nazareno 72
52. Diálogo Entre Suetal e Ribar 73
53. As Bases da Doutrina de Jesus 75
54. Um Segundo Milagre a Pedido de Ribar 77
55. Diferença Entre os Milagres de Raphael e dos Magos 78
56. Parecer de Suetal e Ribar a Respeito de Jesus 79
57. O Senhor Promete Apontar o Salvador 80
58. O Bom Apetite de Raphael 82
59. Efeitos Diversos das Admoestações 83
60. Suetal Revela-se Falador 85
61. Raphael Disserta Acerca do Meditar no Coração 86
62. A Filosofia de Risa 87
63. Hebram Demonstra o Engano de Risa 89
64. A Ordem Divina e a Razão Humana 90
65. O Senhor Dá Ensinamentos Para Principiantes 91
66. Raphael Anota os Ensinamentos 92
67. A Impaciência e Curiosidade de Suetal por Ver o Senhor 93
68. Suetal e Ribar em Palestra 94
69. Ribar Pressente a Presença do Senhor 95
70. A Manifestação Divina 96
71. A Razão e o Sentimento 97
72. A Razão da Diversidade de Talentos 99
73. O Homem Mental Procura o Amor 102
74. O Senhor Anuncia Um Eclipse Solar 103
75. Raphael Salva os Gregos 104
76. A Consequência do Eclipse 105
77. Deuses e Homens 106

78. Mathael Torna-se Professor de Ouran 108
79. Helena, a Filha do Sábio Grego 109
80. O Sol Artificial 111
81. Os Gregos Temem ao Senhor 112
82. A Orientação de Mathael 115
83. Origem e Significação Onomástica dos Deuses 116
84. Mathael, Demolidor de Templos Pagãos 117
85. A Diferença Entre a Beleza dos Filhos de Deus e os Filhos do Mundo 118
86. Duas Maneiras de Amar ao Senhor 120
87. A Movimentação dos Astros 120
88. Os Métodos Educativos no Antigo Egito 121
89. As Ponderações de Helena Quanto à Sapiência Humana 123
90. O Momento Propício Para o Ensino Popular 124
91. Os Pensamentos de Ouran na Presença do Senhor 125
92. O Efeito do Desaparecimento do Sol Fictício 125
93. A Origem e Missão Elevada do Homem 126
94. A Opinião de Helena a Respeito dos Apóstolos 128
95. Mathael Define as Três Primeiras Constelações 130
96. Explicação do Quarto ao Sexto Signos 132
97. O Sétimo, Oitavo e Nono Signos 134
98. Explicação dos Três Últimos Signos 136
99. Helena Indaga Qual a Escola de Mathael 138
100. Ensinamentos Gerais Acerca do Zodíaco 139
101. Opiniões Quanto à Divulgação da Doutrina 140
102. O Carácter de Judas 142
103. À Procura de Deus 144
104. A União Com o Senhor 146
105. A Forma de Agradecer a Deus 147
106. O Destino da Doutrina Divina 148
107. O Despertar no Espírito 150
108. Os Acontecimentos em Cesareia Philippi 152
109. Alegria de Marcus Com o Castigo Aplicado aos Sacerdotes 153
110. A Alegria Maldosa 155
111. Mathael Torna-se Vice-Rei 156
112. Helena Torna-se Esposa de Mathael 158
113. A Gratidão e as Boas Intenções de Helena 160
114. A Natureza de Jesus 162
115. A Natureza dos Anjos 163
116. O Conhecimento de Yarah 165

117. Helena Fala Sobre o Poder Sacerdotal 167
118. Ouran Contesta o Receio de Helena 169
119. Yarah Fala Sobre as Estrelas 171
120. Pareceres Sobre os Acontecimentos 173
121. O Critério Acertado de Micha 175
122. Mathael Presta Esclarecimentos 176
123. A Missão e Sofrimento dos Anjos 177
124. Raphael Dispersa as Preocupações Humanas 179
125. A Dificuldade na Conversão dos Sacerdotes 181
126. A Justa Procura de Deus 183
127. O Motivo da Destruição de Cesareia Philippi 184
128. Cirénius e a Delegação dos Arquifariseus 186
129. Marcus Acusa o Dirigente dos Fariseus 189
130. As Negociações Com os Fariseus 191
131. Cirénius Convoca Testemunhas em Cesareia 193
132. A Natureza da Terra e da Lua 194
133. A Rebelião em Cesareia Philippi 195
134. O Relato do Mensageiro Hermes 197
135. O Prosseguimento das Negociações de Cirénius 199
136. A Opinião do Chefe Farisaico Acerca do Salvador 201
137. Os Próprios Sacerdotes Julgam o Seu Chefe 203
138. O Discurso Severo de Cirénius 204
139. O Carácter do Chefe Fariseu 205
140. O Documento Falsificado 208
141. A Confissão 209
142. Stahar Revela os Seus Princípios de Fé 210
143. Raphael e Stahar 212
144. A Experiência de Stahar com Magos da Índia 214
145. Stahar Relata o Assassinato de Zacarias 216
146. Raphael Explica as Profecias Messiânicas 219
147. Stahar Converte Seus Colegas 221
148. Hebram Discursa Acerca da “Nova Luz” 223
149. A Responsabilidade do Homem 225
150. Floran Fala Acerca de Deus 228
151. A Humildade e o Orgulho 230
152. Floran Perante o Senhor 232
153. Floran Confabula Com os Colegas 234
154. A Confissão de Floran 235
155. Recursos de Deus Para Salvar as Criaturas 237
156. Ensino Para os Trabalhadores na Vinha do Senhor 239

157. O Navio Com os Hóspedes 240
158. O Perigo do Orgulho 242
159. Alegria Com a Chegada dos Amigos 243
160. As Profecias Concernentes à Encarnação do Senhor 247
161. A Educação dos Povos 250
162. O Almoço em Conjunto, em Casa de Marcus 251
163. Contraste Entre Vontade e Acção 253
164. O Renascimento 254
165. Cornelius e Yarah 255
166. O Problema 257
167. O Sol Natural 258
168. As Duas Fontes de Conhecimento 260
169. O Futuro da Revelação Divina 261
170. A Dignidade do Livre Arbítrio 263
171. Inclinação e Destino do Homem 265
172. Cornelius Recorda o Nascimento do Salvador 267
173. A Natureza e o Destino dos Anjos 268
174. A Maneira Pela Qual Philopoldo Interpreta a Criação 271
175. A Esfera do Intelecto 272
176. O Motivo da Encarnação do Senhor 275
177. A Linguagem do Coração 278
178. O Nimbo 279
179. Precauções Contra a Tempestade 282
180. A Tempestade 284
181. O Castigo que Caiu Sobre Cesareia Philippi 286
182. O Navio em Perigo 289
183. Os Comerciantes Judeus da Pérsia 291
184. Os Viajantes Travam Conhecimento Com o Senhor 292
185. A Bênção e Maldição da Riqueza 295
186. A Base da Índole Humana 296
187. O Critério dos Persas 299
188. O Senhor Explica um Texto da Escritura 301
189. A Indagação do Senhor Quanto ao Messias 303
190. Dificuldades na Conversão dos Persas 305
191. Schabbi Adverte 308
192. A Palestra Entre os Dois Persas 309
193. A Confiança Prematura 310
194. A Diferença Entre o Senhor e os Magos 312
195. O Efeito dos Actos do Senhor 315
196. O Benefício da Actividade e o Prejuízo do Ócio 316

197. A Natureza da Revelação Verdadeira 318
198. A Ignorância Humana 321
199. Schabbi Reconhece o Senhor 322
200. A Verdadeira Adoração de Deus 323
201. Veneração dos Persas à Santidade do Senhor 325
202. A Oração 327
203. O Futuro de Yarah 329
204. A Interpretação do Quarto Mandamento 332
205. Inovação Farisaica do Quarto Mandamento 335
206. O Senhor Elucida a Lei Farisaica 336
207. O Que É Impudicícia? 338
208. O Pecado Contra a Castidade 340
209. Contenda dos Fariseus Acerca da Divindade do Senhor 342
210. Palestra Entre o Senhor e Cirénius 346
211. As Experiências de Murel 347
212. Onde se Deve Procurar a Verdade 350
213. A Decadência da Sabedoria Egípcia e da Índia 352
214. As Vidas Passadas 353
215. Aventuras de Philopoldo no Além 355
216. A Ordem Cósmica 356
217. Murel Faz Um Discurso de Gratidão 357
218. A Predição de Isaías se Realiza 358
219. A Promessa do Senhor 361
220. A Natureza do Senhor e a Humanidade 362
221. O Destino da Doutrina de Jesus 363
222. A Preocupação Quanto à Doutrina 364
223. A Inutilidade da Preocupação 365
224. O Senhor e os Seus Apóstolos 366
225. A Consciência Humana e a Influência dos Anjos 367
226. O Meteoro 369
227. A Natureza da Matéria 370
228. A Interpretação da Génesis 372
229. O Porquê das Provações. A Íntima Relação Com o Senhor 374
230. O Motivo das Provações de Mathael 375
231. A Voz Interna. O Motivo da Encarnação do Senhor 377
232. A Suposição do Tédio Divino 378
233. A Indagação de Raphael Quanto à Missão Individual 379
234. O Reino de Deus no Coração Humano 380
235. A Verdadeira Vida Espiritual 381
236. Os Principais Empecilhos na Realização das Promessas 383

- 237. A Livre Vontade de um Anjo 384
- 238. O Planeta Vénus 385
- 239. Os Privilégios de Vénus 388



Porto – Portugal

[www.refugiobetania.org](http://www.refugiobetania.org)  
[refugiobetania@gmail.com](mailto:refugiobetania@gmail.com)